

O CONHECIMENTO MATA



OS

SELS DE

ATLAS

OLIVIE BLAKE

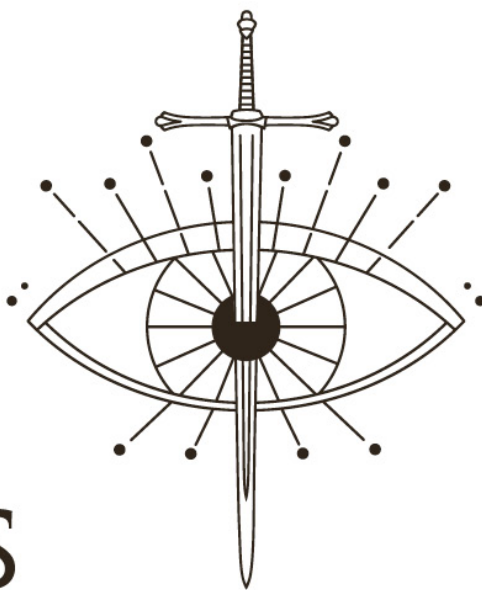
O CONHECIMENTO MATA



OS
SELS DE
ATLAS

OLIVIE BLAKE

 Planeta



OS
SEIS DE
ATLAS
OLIVIE BLAKE

Tradução
Ana Pinto Mendes

 Planeta

Para o meu menino físico e a minha menina de olhos brilhantes
e para Lorde Oliver, por todos os socos que me deu.

· INÍCIO ·

Talvez fosse um tema gasto, com todas as referências que o mundo já fez à Biblioteca Real Ptolemaica de Alexandria. A História deu provas de que a biblioteca é um tema infinitamente fascinante, quer por a obsessão com o seu alegado conteúdo encontrar limites apenas na imaginação, quer por a humanidade ansiar ardentemente por coisas como a entidade coletiva. Todos os homens, falando genericamente, podem amar um objeto proibido e, na maioria dos casos, é precisamente isso que define o conhecimento; o conhecimento perdido mais ainda. Tema gasto ou não, há algo por que ansiar quando falamos da Biblioteca de Alexandria, e fomos sempre uma espécie altamente suscetível ao apelo do distante desconhecido.

Diz-se que a biblioteca, antes de ser destruída, guardava mais de quatrocentos mil rolos de papiro sobre história, matemática, ciência, engenharia e também magia. Muitas pessoas pressupõem incorretamente que o tempo se desenrola num estável declínio, um arco comedido de crescimento e progresso, contudo, quando a história é escrita pelos vencedores, a narrativa pode muitas vezes deturpar essa forma. Na realidade, o tempo tal como o vivemos é apenas um ciclo de marés altas e baixas, mais circular do que direto. As tendências e os estigmas sociais mudam, e a direção em que o conhecimento se movimenta nem sempre segue a direito. Com a magia, acontece o mesmo.

A verdade fundamental e pouco conhecida é que a Biblioteca de Alexandria ardeu para se salvar a si mesma. Morreu para se erguer de novo, as suas cinzas metaforicamente não tanto como as da Fénix, mas estrategicamente mais como as de Sherlock. Quando Júlio César ascendeu

ao poder, tornou-se evidente aos olhos dos antigos Curadores de Alexandria que um império só se poderia sentar firmemente num banco de três pernas: subjugação, desespero e ignorância. Além disso, sabiam que o mundo seria para sempre tomado por semelhantes demandas de despotismo, tendo por conseguinte decidido que um arquivo tão valioso teria de ser cuidadosamente escondido para poder sobreviver.

Na verdade, era um velho truque: morte e desaparecimento para depois recomeçar do zero. Este renascimento dependia inteiramente da capacidade de a biblioteca conservar o seu próprio segredo. Os medeiros – os mais eruditos entre a população de feiticeiros – podiam fazer uso do conhecimento da biblioteca desde que aceitassem igualmente a obrigação de o preservar. Na sociedade que cresceu dos escombros da biblioteca, os privilégios dos seus membros eram tão incomensuráveis quanto as suas responsabilidades. Todo o conhecimento sobre o mundo existia na ponta dos seus dedos e tudo o que tinham de fazer em troca era alimentá-lo, fazê-lo crescer.

À medida que o mundo se foi estendendo – estendendo-se para lá das bibliotecas da Babilónia, Cartago e Constantinopla até às coleções das bibliotecas islâmicas e asiáticas que haviam sucumbido ao imperialismo e ao império –, o mesmo acontecia aos arquivos de Alexandria; e à medida que a influência medeira se expandia, o mesmo acontecia à chamada Sociedade. A cada dez anos, era escolhido um novo grupo de potenciais iniciados, que passariam um ano a treinar, a aprender o funcionamento dos arquivos e aquilo que, por fim, se tornaria no seu ofício de toda uma vida. Durante um ano, cada um dos selecionados para a Sociedade vivia, comia, dormia e respirava os arquivos e o seu teor. No final de cada ano, cinco dos seis potenciais candidatos eram empossados. Continuariam, com todo o rigor, um percurso de estudos independente durante mais um ano, na biblioteca, antes de lhes ser dada a oportunidade de permanecer e continuar o seu trabalho como investigadores – ou, mais provavelmente, de aceitarem uma nova proposta de trabalho. Tipicamente, o percurso dos Alexandrinos incluía prosseguirem uma carreira como líderes políticos, patronos, diretores executivos e laureados. O que esperava um Alexandrino

depois da iniciação era mais riqueza, poder, prestígio e conhecimento do que alguma vez alguém sonhara – por isso, ser escolhido para prestar as provas de iniciação era a primeira de uma vida inteira de possibilidades infinitas.

Foi precisamente isto que Dalton Ellery transmitiu ao mais recente grupo de candidatos, nenhum dos quais fora informado do motivo por que ali estava, nem daquilo por que iria competir. Muito provavelmente, não faziam ainda ideia de que, pelo simples facto de estar naquela sala, Dalton Ellery era na verdade um medico com capacidades únicas, daqueles que nunca voltariam a encontrar durante gerações, que escolhera este caminho em detrimento de muitos outros que poderia ter percorrido. Tal como eles, descartara em tempos a pessoa que poderia ter sido e a vida que poderia ter vivido – provavelmente uma vida bastante comum, em comparação. Teria tido algum tipo de profissão, quem sabe até lucrativa, integrando-se de alguma forma útil na economia mortal, mas não teria testemunhado nada do que entretanto vira por ter aceite a proposta da Sociedade. Sozinho, talvez tivesse alcançado alguma magia excepcional, mas teria ficado aquém do extraordinário. Inevitavelmente, teria sucumbido à mundanidade, ao esforço constante, ao tédio, como acabava por acontecer a todos os humanos – mas agora, devido a esta escolha, tal não acontecia. As ninharias de uma existência insignificante seriam apenas uma das muitas coisas que nunca mais correria o risco de viver desde o momento em que ocupara o seu lugar nesta sala, dez anos antes.

Dalton perscrutou os rostos deles e imaginou, uma vez mais, a vida que poderia ter vivido; as vidas que *todos* poderiam ter vivido se não lhes tivessem sido propostas tais... riquezas. Glória eterna. Sabedoria sem paralelo. Aqui, desvendariam os segredos que o mundo guardara para si durante séculos, milénios. Coisas que os olhos comuns jamais vislumbrariam e que nenhuma mente inferior poderia alguma vez compreender.

Aqui, na biblioteca, as suas vidas seriam transformadas. Aqui, as pessoas que antes foram seriam destruídas, como a própria biblioteca, apenas para serem reconstruídas e ocultadas nas sombras, para nunca mais serem vistas,

exceto pelos Curadores, os Alexandrinos e os fantasmas de vidas não perfilhadas e caminhos não traçados.

A grandeza não é fácil, Dalton não o disse, nem acrescentou que a grandeza nunca foi oferecida a ninguém que não a conseguisse suportar. Limitou-se a falar-lhes da biblioteca, dos seus caminhos de iniciação e do que estava ao alcance deles – bastava que tivessem a coragem de estender a mão e agarrar.

Estavam extasiados, e era assim mesmo que deviam estar. Dalton era muito habilidoso a inculcar vida nas coisas, ideias e objetos. Era uma capacidade subtil. Tão subtil que não parecia de toda magia, o que fazia dele um académico excepcional. Com efeito, fazia dele o rosto perfeito para o novo grupo de Alexandrinos.

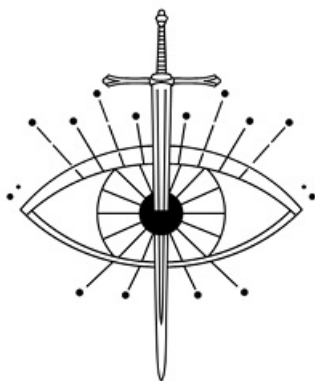
Ainda antes de começar a falar, sabia que todos eles aceitariam a proposta. Era, na verdade, apenas uma formalidade. Ninguém rejeitava a Sociedade de Alexandria. Mesmo aqueles que fingiam desinteresse não conseguiriam resistir. Lutariam, isso ele sabia, com unhas e dentes para sobreviver ao próximo ano das suas vidas e, se fossem tão firmes e talentosos como a Sociedade presumia, a maioria deles conseguiria.

A maioria.

A MORAL DA HISTÓRIA É:

Cuidado com o homem que te enfrenta desarmado.
Se, aos seus olhos, tu não fores o alvo,
podes ter a certeza de que és a arma.

I



ARMAS



· LIBBY ·

CINCO HORAS ANTES

O dia em que Libby Rhodes conheceu Nicolás Ferrer de Varona foi, por coincidência, também o dia em que descobriu que «incandescente de fúria», uma expressão para a qual anteriormente não encontrara uso, se tornara agora na única forma concebível de descrever a sensação de estar perto dele. Fora o dia em que Libby incendiara acidentalmente o forro de uns cortinados com vários séculos no gabinete da professora Breckenridge, decana dos estudantes, unindo num só incidente a sua admissão na Universidade de Ciências Mágicas de Nova Iorque, a NYUMA, e o seu eterno ódio por Nico. Todos os dias que passaram desde então tinham sido um fútil exercício de contenção.

Incandescências à parte, este seria um dia muito diferente, já que ia ser, por fim, o último. Salvo alguns encontros acidentais, que, disso Libby tinha a certeza, ambos iriam ignorar a todo o custo – Manhattan era, afinal de contas, um espaço enorme, com tanta gente que se evitava mutuamente com sofreguidão –, iam por fim seguir caminhos separados e ela nunca mais teria de voltar a trabalhar com Nico de Varona. Naquela manhã, desatara praticamente a entoar cânticos de celebração, algo que o namorado, Ezra, presumiu dever-se aos acontecimentos mais imediatos do momento: ter terminado o curso com as melhores notas da turma (empatada com Nico, mas não valia a pena salientar isso) ou ser ela a proferir o discurso de despedida da universidade. Nenhum destes feitos era de menosprezar, evidentemente, mas a perspetiva mais entusiasmante era a novidade de um novo período da sua vida que se aproximava.

Seria a última vez que Libby Rhodes poria os olhos em Nico de Varona e não podia sentir-se mais feliz diante da perspectiva de uma vida mais simples, superior e menos infestada de Nico.

– Rhodes – cumprimentou-a Nico ao sentar-se a seu lado no palco de cerimónia. Ele deslizava e enrolava o apelido dela como um berlinde na língua antes de inspirar, atrevido como sempre. Para alguns, as suas sardas tocadas pelo sol e o nariz encantadoramente imperfeito (partido *na perfeição*) eram o suficiente para compensar a sua altura insignificante e um sem-fim de falhas de personalidade. Para Libby, Nico de Varona era apenas um bom pedaço de genética e mais confiança do que qualquer homem humano merecia. – Hum. Que estranho. Não te cheira a fumo, Rhodes?

Muito engraçado. *Hilariante.*

– Cuidado, Varona. Sabes que este auditório está construído sobre uma falha tectónica, não sabes?

– Mas é claro. Tenho mesmo de saber, considerando que vou trabalhar aqui no ano que vem, não é? – refletiu ele. – Mas que pena não teres conseguido aquela bolsa, já agora.

Uma vez que a observação se destinava claramente a aborrecê-la, Libby tomou a decisão exemplar de passar os olhos pelas pessoas presentes em vez de responder. O auditório estava mais repleto do que alguma vez tinha visto, a multidão de estudantes e as suas famílias estendia-se até aos lugares no balcão e borbulhava para o exterior, em direção ao vestíbulo.

Mesmo de longe, Libby conseguiu vislumbrar o único casaco bom do pai, que ele comprara havia pelo menos duas décadas para um casamento e que usara em cada ocasião vaga ou moderadamente formal desde então. Ele e a sua mãe estavam numa das filas centrais, apenas alguns lugares ao lado do centro, e Libby sentiu um momento de ternura irreprimível ao vê-los. Dissera-lhes que não precisavam de vir, evidentemente. Seria um incómodo e etc. e tal. Mas ali estava o pai, usando o seu casaco. A mãe pusera batom e, no lugar ao seu lado...

Não havia nada. Libby registava esse facto, o lugar vazio, no preciso momento em que uma adolescente de sapatilhas de cano alto serpenteava ao longo da fila, desviando-se da avó de alguém e da sua bengala e

brindando todo o grupo com um esgar antissistema. Era uma justaposição tão perturbadora, com um tão agudo sentido de oportunidade: o familiar laivo de *ennui*¹ da juventude (a ambivalência num vestido caicai) e a cadeira vazia ao lado dos seus pais. Os olhos de Libby marejaram-se com algo que, preocupou-se ela por momentos, poderia ser um ataque repentino de cegueira, ou de lágrimas.

Felizmente, não era nem uma coisa nem outra. Para começar, se Katherine ainda estivesse viva, já não teria dezasseis anos. Sem dar por ela, Libby tinha agora mais anos do que a sua irmã mais velha e, embora continuasse a ser impossível compreender tais contas, tinha-se tornado numa velha ferida. Já não era fatal. Era como arranhar uma crosta.

Antes que Libby tivesse oportunidade de se deixar levar por uma onda demasiado masoquista, um outro foco de movimento emergiu no corredor. Uma conhecida poupa de caracóis negros revoltos balanceava-se em jeito de pedido de desculpa, instalando-se então no lugar vazio. Ezra, vestido com a única camisola que Libby não desbotara acidentalmente na lavagem da roupa daquela semana, preencheu o buraco onde Katherine deveria ter estado, inclinando-se para entregar um programa ao pai de Libby e para estender um lenço de papel à mãe. Passado um momento de conversa de circunstância, ele levantou os olhos e perscrutou o palco, encontrando Libby com um brilho de reconhecimento. Moldou uma palavra com os lábios: *Olá*.

A antiga dor da ausência de Katherine suavizou-se e transformou-se em alívio. Ela teria detestado tudo aquilo, e o vestido de Libby, e provavelmente também o seu penteado.

Olá, Libby moveu os lábios em resposta, sendo recompensada com o sorriso torcido de Ezra, que conhecia tão bem. Ele era delgado, quase magro apesar do seu hábito de estar sempre a debicar comida e enganadoramente mais alto do que parecia à primeira vista. Os seus movimentos eram quase felinos e ela gostava disso, da sua elegância. Da sua tranquilidade. Apaziguava-a.

Menos tranquilizador era o facto de Nico ter seguido a sua linha de visão, com uma brevíssima risada no canto da boca.

– Ah, estou a ver que o Fowler também veio.

Libby, que por um feliz segundo se esquecera de que Nico ali estava, eriçou-se com a referência a Ezra.

– E porque não haveria de estar?

– Oh, por nada. Só pensei que entretanto já tivesses elevado o teu nível, Rhodes.

Não reajas, não reajas, não reajas...

– Se queres saber, o Ezra acabou de ser promovido – disse ela friamente.

– De mediocridade para competência?

– Não, de...

Libby interrompeu-se, cerrando um punho e contando para dentro até três.

– Ele agora é gestor de projetos.

– Oh, céus – disse Nico secamente –, isso é mesmo *impressionante*.

Ela fulminou-o com o olhar, e ele sorriu.

– Tens a gravata torta – informou ela, conferindo à sua voz um tom de impassividade enquanto a mão dele, num reflexo, se erguia para a endireitar. – O Gideon não ta arranjou antes de entrares?

– Sim, mas... – Nico interrompeu-se, percebendo a armadilha, enquanto Libby se congratulava silenciosamente com o seu êxito. – Tens muita piada, Rhodes.

– Qual é a piada?

– O Gideon é a minha ama-seca, hilariante. Uma abordagem nova e diferente.

– Porquê? Achas que, de repente, fazer troça do Ezra é revolucionário?

– Não tenho culpa de a inadequação do Fowler ser um tema sempre fresco – respondeu Nico, e se eles não estivessem sentados mesmo em frente de todos os seus colegas e de um grande número de professores e pessoal da universidade, Libby não se teria dado ao trabalho de parar e inspirar para se acalmar e, pelo contrário, teria dado largas ao que quer que as suas capacidades a impelisses a fazer.

Infelizmente, incendiar a roupa interior de Nico de Varona seria considerado um comportamento inaceitável.

É o último dia, recordou-se Libby. O último dia com Nico.

Ele podia dizer o que lhe apetecesse, não teria significado nenhum.

– Como vai o teu discurso? – perguntou Nico, e ela revirou os olhos.

– Como se eu o fosse discutir contigo.

– E porque não? Sei muito bem que tens medo de falar em público.

– Eu não tenho... – Mais uma inspiração. Duas inspirações, pelo sim, pelo não. – Eu não tenho medo de falar em público – conseguiu ela dizer, mais firmemente desta vez – e, mesmo que tivesse, que poderias tu fazer para me ajudar?

– Oh, achaste que eu estava a oferecer ajuda? – perguntou Nico. – Mil desculpas, não era nada disso.

– Continuas desiludido por não teres sido escolhido para o fazer?

– Por favor – escarneceu Nico baixinho –, tu e eu sabemos muito bem que ninguém desperdiçou tempo algum a votar numa coisa tão idiota como quem iria fazer o discurso inicial. Metade das pessoas aqui já está bêbeda – sublinhou ele; embora Libby soubesse que ele tinha mais razão do que alguma vez admitiria, também sabia que era um assunto sensível. Ele podia fingir toda a indiferença que quisesse, mas ela sabia que ele nunca gostava de perder para ela, quer considerasse que o assunto era importante ou não.

Sabia-o porque, no seu lugar, teria sentido exatamente o mesmo.

– Ah, sim? – provocou-o ela, divertida. – Se ninguém se importa, então como foi que eu ganhei?

– Porque foste a única a *votar*, Rhodes, é como se nem sequer ouvisses nada do que eu digo...

– Rhodes – advertiu a diretora Breckenridge, passando ligeira pelos seus lugares no palco de cerimónia enquanto os desfiles prosseguiam à sua volta.

– Varona. Será pedir muito que se comportem civilizadamente durante a próxima hora?

– Professora – responderam ambos, confirmando que ouviram o pedido, forçando sorrisos idênticos, enquanto Nico voltava a remexer impulsivamente na gravata.

– Claro que sim – tranquilizou Libby a diretora, sabendo que nem mesmo Nico seria idiota a ponto de discordar. – Está tudo bem.

Breckenridge arqueou uma sobrancelha.

– A manhã está a correr bem, então?

– Às mil maravilhas – respondeu Nico, dirigindo-lhe um dos seus sorrisos encantadores. Era na verdade a pior das suas características, o facto de ele conseguir ser tão afável com qualquer pessoa que não fosse Libby. Nico de Varona era o preferido de todos os professores; entre os seus colegas, todos queriam ser o Nico ou namorar com ele, ou pelo menos ser seu amigo.

De forma altamente remota e *extremamente* generosa, Libby conseguia perceber que isso era compreensível. Nico era uma pessoa bastante simpática, injustamente, e por mais inteligente ou talentosa que Libby fosse, tanto estudantes como professores gostavam mais de Nico do que dela. Qualquer que fosse o seu dom, era como o toque de Midas. Nico tinha a capacidade de, sem esforço algum, transformar o que não tinha sentido em ouro, era mais um reflexo do que uma competência, e Libby, uma académica talentosa, nunca o conseguira aprender. A marca do charme fácil de Nico não ostentava métricas para que pudesse ser estudada, não havia marcadores identificáveis da subtilidade.

Tinha igualmente uma descomunal capacidade para enganar as pessoas e levá-las a pensar que percebia do que estava a falar, algo que, decididamente, não era verdade. Por vezes, talvez. Mas sem dúvida alguma que nem sempre.

Pior do que o catálogo de inaptidões de Nico era aquilo que ele *tinha*, ou seja, o emprego que Libby realmente desejava – não que ela alguma vez o fosse admitir. Certo, ter sido contratada pela melhor empresa de investimento de capital no setor da magia de Manhattan não era coisa pouca. Libby iria providenciar financiamento para tecnologias medeicas inovadoras, poderia escolher entre uma carteira de ideias empolgantes com um incrível potencial de crescimento e de capital social. Chegara o momento de agir; o mundo estava sobrepovoado, tinha os recursos esgotados e sobreutilizados, as fontes de energia alternativas eram mais urgentes do que nunca. Basicamente, ela teria a possibilidade de mudar a própria estrutura dos desenvolvimentos medeicos – poderia escolher esta

ou aquela *start-up* ou alterar a progressão de toda a economia global – e, além disso, seria bem paga por o fazer. Mas ela *quisera* a bolsa de investigação na NYUMA e essa, é claro, caíra diretamente no colo de Nico.

Quando a diretora Breckenridge se sentou no seu lugar e Nico fingiu ser uma pessoa sensata, Libby pensou como seria o seu ditoso futuro se tudo não se reduzisse sempre à competição entre os dois. Durante quatro anos, Nico fora uma componente inescapável da sua vida, como uma espécie de incómodo órgão vestigial. Os medeiros físicos, com a sua mestria dos elementos, eram raros; eram, na verdade, tão raros, que só houvera dois. Durante quatro longos e tortuosos anos, os dois haviam sido incessantemente colocados na mesma turma, sendo a medida do seu valor superada apenas pela força da sua antipatia mútua.

Para Nico, habituado a levar a sua avante, Libby era uma mera contrariedade. Ela achara-o presunçoso e arrogante desde o momento em que se conheceram e não hesitara em dizer-lho, e não havia coisa que Nico de Varona odiasse mais do que uma pessoa que não o adorasse à primeira vista. Fora provavelmente o seu primeiríssimo trauma. Conhecendo-o, a ideia de poder existir uma mulher que não venerasse o chão que ele pisava devia ter-lhe tirado o sono. Para Libby, pelo contrário, a situação era muito mais complexa. Além de tudo aquilo em que as suas personalidades colidiam, Nico era muito pior do que um simples e mediano filho da mãe. Era também um lembrete odioso e elitista de tudo o que Libby não conseguiu ter.

Nico vinha de uma família de influentes medeiros e recebeu treino particular desde criança no seu faustoso palácio (presumia ela) em Havana. Libby, nascida em Pittsburgh numa linhagem suburbana sem medeiros nem sequer feiticeiros dignos de nota, planeava ir para Columbia até que a NYUMA, através da diretora Breckenridge, interveio. Ela nada sabia sobre os princípios medeiros básicos, começando um passo atrás em todos os aspetos da teoria da magia, e trabalhara duas vezes mais do que todos os outros – tudo para, depois, esse esforço ser desprezado a favor de *Sim, Libby, muito bem; e agora, Nico, que tal se tentasses tu?*

Nico de Varona nunca conheceria essa sensação, pensou Libby novamente, como já fizera antes vezes sem conta. Nico era bem-parecido, inteligente, encantador, rico. Libby era poderosa, sim, tão poderosa como ele e tornar-se-ia provavelmente ainda mais ao longo do tempo, considerando o seu superior sentido de disciplina. Mas tendo passado quatro anos com Nico de Varona como termo de comparação no que toca aos méritos de magia, Libby sentiu sempre que foi avaliada de forma injusta. Se não fosse ele, talvez lhe tivesse sido possível completar os estudos com uma perna às costas, talvez até os achasse entediantes. Não teria tido rival, nem sequer um par ao seu nível. Afinal de contas, sem Nico, quem chegaria aos calcanhares daquilo que ela era capaz de fazer?

Ninguém. Ela nunca conhecera ninguém que tivesse, nem de perto, a mestria dela e de Nico nas artes da magia física. Os pequenos tremores causados pela mais leve chama do temperamento de Nico levariam a um medeico menos capaz quatro horas e um esforço hercúleo para criar do zero, do mesmo modo que uma simples centelha da chama de Libby fora suficiente para lhe garantir uma bolsa integral na NYUMA e um emprego lucrativo a tempo inteiro depois disso. Este tipo de poder teria sido venerado, até mesmo exaltado, se qualquer um deles fosse uma singularidade – algo que, pela primeira vez, passariam a ser. Sem ter Nico a seu lado como modelo de comparação, Libby estaria finalmente livre para ser excelente, sem necessidade de praticamente se matar para se destacar.

Era, na verdade, uma ideia estranha; uma ideia estranhamente solitária. Mas, ainda assim, uma ideia muito emocionante.

Ela sentiu um pequeno batuque sob os pés e olhou para o lado, reparando que Nico parecia perdido em pensamentos.

– Ei – disse ela, dando-lhe um toque no braço. – Para com isso.

Ele olhou para ela com um ar aborrecido.

– Nem sempre sou eu, Rhodes. Não me vês propriamente a culpar-te pelos incêndios florestais.

Ela revirou os olhos.

– Conheço a diferença entre um terremoto e uma birra à Varona.

– Cuidadinho – avisou ele, olhando para o lugar onde Ezra estava sentado ao lado dos pais dela. – Não vais querer que o Fowler nos veja a discutir outra vez, pois não? Poderia ficar com a ideia errada.

A sério, esta conversa outra vez.

– Tens noção de que a tua obsessão com o meu namorado é infantil, não tens, Varona? És superior a isso.

– Não me tinha apercebido de que, para ti, eu podia ser superior a alguma coisa – retorquiu Nico indolentemente. Do outro lado do palco, Breckenridge disparou-lhes um olhar de aviso.

– Vê lá se ultrapassas isso – murmurou Libby. Nico e Ezra desprezaram-se mutuamente ao longo dos dois anos em que tinham andado na NYUMA ao mesmo tempo até Ezra se licenciar, algo que acabou por se tornar num assunto diferente do antagonismo de Nico contra ela. Nico nunca soubera o que era uma dificuldade na vida, pelo que a complexidade da resiliência de Ezra não tinha consequência alguma para ele. Libby e Ezra sabiam o que era a perda; a mãe de Ezra morrera quando ele era pequeno, deixando-o sem pais e sem um lar. Entretanto, era provável que Nico nunca tivesse sequer queimado uma torrada.

– Para o caso de te teres esquecido, tu e o Ezra nunca mais terão de se ver outra vez. Nós – corrigiu Libby tardiamente – nunca mais teremos de nos ver outra vez.

– Não faças disso uma tragédia, Rhodes.

Ela fuzilou-o com os olhos e ele voltou a cabeça para ela, dirigindo-lhe um meio sorriso.

– Onde há fumo... – murmurou ele, e ela sentiu outra onda de desprezo.

– Varona, porque não podes simplesmente...

– ... todo o prazer que vos apresento a vossa aluna oradora de final de curso, Elizabeth Rhodes! – ouviu-se a voz do apresentador, e Libby ergueu os olhos, dando conta de que todo o público olhava agora para ela, expectante. Ezra franzira ligeiramente o sobrolho na sua direção, o que sugeria que a observara a discutir com Nico, uma vez mais.

Ela forçou um sorriso, pondo-se de pé, e deu um pontapé no tornozelo de Nico antes de avançar.

– Tenta não tocar no cabelo – fora a bênção de despedida de Nico, sussurrada entredentes e, é claro, com o objetivo de que ela ficasse obcecada com a franja que, ao longo dos dois minutos do discurso que preparara, ameaçava constantemente escorregar-lhe para os olhos. Uma das pequenas artes de magia de Nico, só para a irritar. O discurso em si correu bem (provavelmente), muito embora, quando chegou ao fim, ela tivesse outra vez uma enorme vontade de dar outro pontapé a Nico. Ao invés, deixou-se cair na cadeira e recordou a si mesma como a vida iria ser maravilhosa daí a cerca de vinte minutos, quando se iria ver livre dele para todo o sempre.

– Parabéns aos dois – disse secamente a diretora Breckenridge, apertando-lhes as mãos quando saíam do palco. – Chegámos ao fim da cerimónia sem incidentes, estou impressionada.

– Sim, somos impressionantes – concordou Nico num tom que, para Libby, daria direito a uma bofetada, mas que provocou em Breckenridge apenas um ligeiro risinho de divertimento, abanando a cabeça com gosto e partindo na direção oposta, enquanto Libby e Nico desciam as escadas.

Quando alcançaram a multidão de licenciados e seus convidados, Libby parou para conjurar algo terrível; uma maldição final e devastadora. Dizer algo que assombrasse Nico enquanto ela se afastava e saía da sua vida para sempre.

Mas então, pelo contrário, estendeu-lhe a mão, decidindo-se por uma atitude adulta. Civilizada.

Et cetera.

– Vê se tens, sabes, uma vida boa – disse ela, e Nico lançou-lhe um olhar cético para a palma da mão.

– É *essa* a deixa com que partes, Rhodes? – perguntou ele, fazendo beicinho com os lábios. – Vá lá, consegues melhor do que isso. Sei que deves ter ensaiado no duche.

Credo, ele era exasperante.

– Esquece – disse ela, recolhendo a mão e rodando sobre os calcanhares na direção do corredor para a saída. – Até nunca mais, Varona.

– Assim está melhor – gritou-lhe ele nas costas, combinando com um aplauso condescendente. – Bra-*va*, Elizabeth...

Ela virou-se bruscamente, cerrando o punho.

– E qual era a *tua* deixa, afinal?

– Bem, porque me haveria de dar ao trabalho de ta dizer agora? – perguntou ele, com um sorriso escarninho que era mais um esgar pretensioso e de autossatisfação. – Se calhar vou-te deixar a pensar nisso. Sabes – acrescentou, avançando um passo na direção dela –, para quando precisares de alguma coisa com que ocupar a mente durante a tua vida monótona com o Fowler.

– És mesmo uma bela peça, sabes? – explodiu ela. – Arreliar mulheres não tem graça nenhuma, Varona. Daqui a dez anos, vais continuar sozinho e a única pessoa que vais ter ao teu lado é o Gideon a escolher as tuas gravatas, e podes crer que não vou perder um segundo a pensar em ti.

– Ao passo que, daqui a dez anos, *tu* vais estar presa a três bebês Fowlers – replicou Nico – a tentar perceber que raio aconteceu à tua carreira, enquanto o teu marido manifestamente banal te pergunta onde está o jantar.

Lá estava aquela sensação outra vez:

Incandescente.

– Se alguma vez voltar a pôr-te os olhos em cima, Varona – fumegou Libby calmamente –, será sempre *demasiado cedo*...

– Peço perdão – ouviu-se a voz de um homem a seu lado e tanto Nico como Libby voltaram-se para ele.

– Sim? – questionaram em uníssono e ele, quem quer que fosse, sorriu.

Tinha a pele escura, a cabeça rapada e ligeiramente cintilante e parecia andar pelos quarenta anos. Destacava-se entre a multidão de estudantes que se ia diluindo, revelando-se extremamente britânico, dos maneirismos ao modo de vestir (*tweed*; demasiado *tweed*, com um toque de tartã axadrezado), e era bastante alto.

Além disso, bastante inoportuno.

– Nicolás Ferrer de Varona e Elizabeth Rhodes? – perguntou o homem. – Pergunto-me se lhes poderei fazer uma proposta.

– Já temos empregos – informou Libby em tom irritado, não querendo esperar pela resposta inevitavelmente aristocrata de Nico – e, mais importante do que isso, estamos a meio de uma conversa.

– Sim, já percebi que sim – respondeu o homem, com ar divertido. – Ainda assim, estou um tanto ou quanto apertado de tempo e receio bem que, no que toca à minha proposta, preciso mesmo dos melhores.

– E qual de nós seria, exatamente? – perguntou Nico, sustentando o olhar furioso de Libby por um inusitado momento de presunção, para depois se voltar aduladoramente para o homem que ali se mantinha à espera, com o guarda-chuva pendurado no braço esquerdo. – A menos, é claro, que o melhor seja...

– Ambos – confirmou o homem, enquanto Nico e Libby trocavam um olhar flamejante que significava algo como *é claro que sim* – ou quem sabe apenas um. – Ele encolheu os ombros e Libby, apesar do seu desinteresse, franziu ligeiramente o sobrolho. – Qual dos dois será bem-sucedido, isso depende apenas de vocês, não de mim.

– Bem-sucedido? – perguntou ela, antes de se aperceber de que tinha começado a falar. – O que quer dizer com isso?

– Só há lugar para cinco – disse o homem. – São escolhidos seis. Os melhores do mundo – acrescentou.

– Do *mundo*? – repetiu Libby em eco, em tom de dúvida. – Isso parece-me um tanto ou quanto hiperbólico.

O homem inclinou a cabeça.

– Tenho todo o gosto em confirmar-lhe os nossos parâmetros. Existem hoje no mundo quase dez mil milhões de pessoas, certo? – desafiou ele, ao que Libby e Nico, ambos algo desconcertados, assentiram cautelosamente com a cabeça. – Nove mil milhões e meio, para ser mais exato, dos quais apenas uma pequena parte são mágicos. Cinco milhões, mais coisa, menos coisa, que podem ser classificados como feiticeiros. Entre estes, apenas seis por cento estão identificados como feiticeiros de calibre medeico, elegíveis para formação universitária em instituições espalhadas pelo globo. Apenas dez por cento estarão habilitados a ingressar nas melhores universidades, como esta – disse, acenando em volta para as insígnias da NYUMA. – Entre

estes, apenas uma pequena fração, um por cento, ou menos, é considerada pela minha comissão de seleção; a grande maioria é rejeitada sem que olhemos duas vezes. Restam-nos trezentas pessoas. Destes trezentos licenciados, outros dez por cento *poderão* possuir as qualificações exigidas; especializações, desempenho acadêmico, traços de personalidade, etc.

Trinta pessoas. Nico dirigiu a Libby um olhar cheio de si, como quem sabe que ela está a fazer as contas, e ela devolveu-lhe um olhar desdenhoso, como quem sabe que ele não as está a fazer.

– Agora chegámos à parte divertida, é claro, a *verdadeira* seletividade – prosseguiu o homem, com a atitude fácil de quem tem todo o tempo do mundo, como sugeria o seu *tweed* de alfaiate. – Que estudantes possuem a magia mais rara? As mentes mais inquisidoras? A grande maioria dos vossos colegas mais talentosos irá servir a economia da magia como contabilistas, investidores, advogados mágicos – informou ele. – Possivelmente alguns poucos e raros criarão algo verdadeiramente especial. Mas apenas trinta pessoas, no total, são suficientemente boas para serem consideradas extraordinárias; e, entre estas, apenas seis são suficientemente raras para serem convidadas a passar a soleira da porta.

O homem sorriu levemente.

– No final do ano, evidentemente, apenas cinco sairão por essa mesma porta. Mas isso é algo a pensar no futuro.

Libby, ainda algo surpresa com os parâmetros de seleção, deixou que Nico falasse primeiro.

– Pensa que existem quatro pessoas melhores do que eu ou a Rhodes?

– Penso que existem seis pessoas com um talento igualmente notável – retificou o homem em tom de repetição, como se fosse algo já obviamente estabelecido –, entre os quais vocês poderão qualificar-se ou não.

– Quer então pôr-nos a competir um contra o outro – observou Libby amargamente, zurzindo um olhar na direção de Nico –, outra vez.

– E outros quatro – assentiu o homem, estendendo-lhes a ambos um cartão. – Atlas Blakely – informou-os, no momento em que Libby olhava para baixo, perscrutando o cartão. ATLAS BLAKELY, CURADOR. – Como disse, gostaria de vos fazer uma proposta.

– Curador de quê? – perguntou Nico, e o homem, Atlas, presenteou-o com um sorriso bem-humorado.

– É melhor que eu explique tudo a todos ao mesmo tempo – disse. – Perdoem-me, mas é uma explicação bastante longa e a proposta expira em poucas horas.

Libby, que quase nunca era impulsiva, manteve-se cautelosa.

– Nem sequer nos vai dizer que proposta é essa? – questionou-o, considerando que a sua tática de recrutamento era desnecessariamente furtiva. – E por que diabos haveríamos de aceitá-la?

– Bem, essa parte não me cabe a mim, pois não? – provocou Atlas, encolhendo os ombros. – Em todo o caso, como disse, estou mesmo muito apertado de tempo – informou-os, prendendo o cabo do guarda-chuva no braço enquanto a multidão que restava, agora reduzida a apenas alguns retardatários, começava a esvaziar os corredores. – Os fusos horários são complicados. Com qual dos dois posso contar? – perguntou, alternando penetrantemente o olhar entre os dois, e Libby franziu o sobrolho.

– Pareceu-me que disse que isso dependia de nós?

– Oh, claro que sim, acabará por assim ser – disse Atlas com um aceno de cabeça. – Limitei-me a presumir, considerando a ânsia com que pareciam querer seguir caminhos opostos, que apenas um dos dois aceitaria o meu convite.

O olhar de Libby colidiu com o de Nico, ambos eriçados.

– E então, Rhodes? – disse Nico no seu tom vagamente trocista. – Queres dizer-lhe que eu sou o melhor ou digo eu?

– Libs – surgiu a voz de Ezra enquanto abria caminho até ela vindo de trás. Ela captou um vislumbre do seu cabelo negro despenteado e tentou forçar uma expressão de à-vontade, como se não tivesse estado a fazer exatamente aquilo que fazia sempre em relação a Nico (ou seja, a perder inevitavelmente o tino).

– Pronta para ir? A tua mãe está à espera lá fo...

– Oh, *olá*, Fowler – disse Nico, enfrentando Ezra com um sorriso de desdém. – Gestor de projetos, hein?

Libby estremeceu por dentro. Evidentemente, ele dissera-o como um insulto. Era um trabalho de prestígio para qualquer medeico, mas Nico de Varona não era um medeico qualquer. Ele seguiria em frente e tornar-se-ia algo grande, algo... *notável*.

Ele era um dos seis melhores do mundo.

Do *mundo*.

E ela também.

Mas para quê?

Libby pestanejou, despertando-se a si mesma dos seus pensamentos quando percebeu que Nico ainda estava a falar.

– ... a meio de uma conversa, Fowler. Poderás talvez dar-nos um momento?

Ezra deixou deslizar um olhar cansado na direção de Libby, franzindo o sobrolho.

– Estás...?

– Está tudo bem – tranquilizou-o ela. – Podes só... esperar um segundo? É só um segundo – repetiu, afastando-o com um pequeno toque e voltando-se novamente para Atlas, percebendo então, tardiamente, que Ezra não dera indicação alguma de que reparara na presença de mais ninguém.

– Então, Nicolás? – perguntava Atlas a Nico, de rosto expectante.

– Oh, chame-me Nico, por favor. – Nico enfiou o cartão de Atlas no bolso, brindando Libby com um olhar de pomposa satisfação enquanto oferecia a mão direita para o aperto de mão. – Quando devo contar com um novo encontro, Sr. Blakely?

Oh, não.

Oh, *não*.

– Pode chamar-me Atlas, Nico. Pode usar o cartão para se transportar esta tarde – respondeu Atlas, voltando-se em seguida para Libby. – Quanto a si, menina Rhodes, tenho de lhe confessar a minha desilusão – disse ele, enquanto a mente dela se debatia a ritmo acelerado –, mas, em todo o caso, foi um praz...

– Lá estarei – atirou Libby precipitadamente e, para sua fúria, a boca de Nico torceu-se com expectativa, simultaneamente divertido e nada surpreendido com a sua decisão. – É só uma proposta, certo? – questionou ela, meio para Nico, meio para Atlas, e um laivo de qualquer coisa que guardara para si. – Posso optar por aceitar ou recusar depois de explicar o que é, certo?

– Sem dúvida – confirmou Atlas, inclinando a cabeça. – Vejo-vos a ambos esta tarde então.

– Só uma coisa – disse Libby, interrompendo-o depois de olhar rapidamente para Ezra, que os observava de longe de sobrolho franzido. O seu cabelo parecia especialmente desalinhado, como se nele tivesse passado os dedos inquietos. – O meu namorado não o vê, pois não? – Ao aceno de confirmação de Atlas, ela perguntou, hesitante. – Nesse caso, que pensa ele exatamente que estamos neste momento a fazer?

– Oh, acredito que ele estará a preencher as lacunas com alguma coisa que, na sua mente, lhe pareça razoável – disse Atlas, e Libby sentiu-se levemente a empalidecer, não propriamente entusiasmada com o que tal poderia ser. – Até logo à tarde, então – acrescentou Atlas, desaparecendo depois da sua frente, deixando Nico a tremer com um riso silencioso sob o efeito da sua partida.

– Porque estás para aí a relinchar? – murmurou Libby, olhando-o furiosamente. Depois de um momento para se recompor, Nico conseguiu um encolher de ombros, fazendo sinal sobre o ombro dela na direção de Ezra.

– Suponho que vais descobrir não tarda nada. Vemo-nos mais tarde, Rhodes – disse e despediu-se com uma vénia aparatosa, deixando Libby a questionar-se se não lhe teria, na verdade, cheirado a fumo.

¹ *Ennui*: aborrecimento ou tédio em inglês. (*N. da T.*)

• REINA •

QUATRO HORAS ANTES

No dia em que Reina Mori nasceu, ocorreu um violento incêndio ali próximo. Num ambiente urbano, ainda para mais tão pouco acostumado às chamas, nesse dia vivia-se mais intensamente a sensação de mortalidade. O fogo era um problema tão primitivo, tão arcaico; para Tóquio, epicentro de progressos tecnológicos, tanto mágicos como mortais, padecer de algo tão retrógrado como umas tão pouco sofisticadas chamas descontroladas era perturbadoramente bíblico. Por vezes, quando Reina adormecia, o seu odor insinuava-se pelo nariz e ela despertava a tossir, bolsando ligeiramente pela beira da cama, até a memória do fumo se dissipar dos pulmões.

Os médicos perceberam de imediato que ela possuía poderes do mais alto calibre medeico, superando até as pequenas minúcias da feitiçaria normal, algo já suficientemente raro por si só. Não se podia dizer que havia vida natural digna de nota no arranha-céus onde estava instalado o hospital, mas o que *existia* – as plantas decorativas indolentemente encostadas aos cantos, punhados de flores cortadas dispostas em vasos para criar empatia – encolhera-se e mirrara até à sua forma infantil, como crianças pequenas nervosas, ansiosas e ternurentas, e tementes diante da morte.

A avó de Reina apelidou o seu nascimento de milagre, dizendo que, quando Reina inspirou pela primeira vez, o resto do mundo suspirou de volta com alívio, agarrando-se à abundância de vida que ela lhe oferecia.

Reina, por sua vez, considerava que a sua primeira inspiração fora o início de uma série de tarefas a cumprir que lhe ocupariam a vida inteira.

A verdade é que ser rotulada como naturalista não deveria ter sido uma fonte de esgotamento tão grande como na realidade foi. Havia outros naturalistas medeiros, muitos dos quais nascidos em zonas rurais do país, optando tipicamente por se juntar a grandes empresas agrícolas; aí seriam muito bem remunerados pelos seus serviços de aumento da produção de rebentos de soja ou de purificação da água. O facto de Reina ser considerada um deles, ou de sequer ser chamada naturalista, era uma classificação um tanto ou quanto desajustada. Outros medeiros pediam coisas à natureza e, se comunicassem com a suavidade, a dignidade ou o poder suficientes, a natureza dava. No caso de Reina, a natureza era como um irmão irritante, ou possivelmente um viciado incurável que, por acaso, era da família, sempre a aparecer com exigências irrazoáveis – e Reina, que já não tinha a família em grande conta, não apreciava essa sensação, optando amiúde por a ignorar.

De que servia ser a filha ilegítima de alguém senão para aprender a escrever a sua própria história, para apagar a sua própria relevância? Ela nasceu com a capacidade de bloquear coisas do lado de fora.

Não houvera na verdade outro motivo para ir estudar para Osaca que não a oportunidade de sair de Tóquio. A Universidade de Ciências Mágicas de Tóquio era bastante boa, se não mesmo um pouco melhor, mas Reina nunca manifestara grande entusiasmo pela ideia de viver no mesmo sítio para todo o sempre. Procurara, vezes sem conta, experiências como a dela – algo que fosse menos *vê bem como és uma salvadora* e mais *vê lá o fardo que é tomar conta de tantas coisas* – e encontrara respostas, sobretudo, na mitologia. Aqui, feiticeiros, ou deuses percecionados como feiticeiros, carregavam experiências com que Reina se identificava intensamente e que, nalguns casos, desejava: o Exílio nas ilhas. Seis meses no Submundo. A compulsiva transformação dos seus inimigos nalguma coisa sem o dom da fala. Os seus professores encorajavam-na a praticar o seu naturalismo, a especializar-se em botânica e herbologia, e a centrar os seus estudos nas minúcias das plantas, mas Reina queria os clássicos. Queria literatura e,

mais importante ainda, a liberdade que lhe oferecia de pensar nalguma coisa cujo olhar não se fixasse nela com a carência inexpressiva da clorofila. Quando Tóquio lhe enfiou uma bolsa nas mãos, implorando-lhe que estudasse com os seus naturalistas de topo, ela optou, ao invés, por aceitar a promessa de Osaca de um percurso curricular mais livre.

Uma pequena fuga, mas, ainda assim, uma fuga.

Licenciou-se pelo Instituto de Magia de Osaca e arranhou emprego como empregada de mesa num café e sala de chá perto do epicentro mágico da cidade. Qual era a melhor parte de ser empregada de mesa no local onde a magia fazia por si a maior parte do trabalho de sapa? Muito tempo para ler. E escrever. Reina, que tivera um sem-fim de empresas agrícolas prontas a recrutá-la no momento em que se licenciasse (várias delas trabalhavam para empresas rivais da China e dos Estados Unidos, além do Japão), fizera todos os possíveis por evitar trabalhar entre a vastidão dos campos de cultivo, onde a terra e os seus habitantes lhe esgotariam todas as forças apenas para seu próprio interesse. O café não tinha plantas, por isso, embora ocasionalmente o mobiliário de madeira se deformasse nas suas mãos, chegando mesmo a proferir ansiosamente o seu nome nos anéis desnudados, era bastante fácil ignorá-lo.

O mesmo não se podia dizer quando vinha gente à sua procura. Hoje, foi a vez de um homem alto de tez escura, vestido com uma gabardina *Burberry*.

A seu favor, há que dizer que não parecia o habitual vilão capitalista. Na verdade, parecia-se um pouco com Sherlock Holmes. Entrou, sentou-se a uma mesa e colocou três pequenas jovens plantas sobre o tampo, aguardando, até que Reina se levantou com um suspiro.

Não havia mais ninguém no café; ela presumiu que fora ele quem tratara de que assim fosse.

– Fá-las crescer – sugeriu ele, a propósito de nada.

Disse-o num sóbrio dialeto de Tóquio, e não no típico de Osaca, algo que deixou duas coisas bem claras: primeira, ele sabia precisamente quem ela era, ou pelo menos de onde vinha. Segunda, não era obviamente a sua língua materna.

Reina dirigiu ao homem um olhar de enjoo.

– Eu não as faço crescer – disse ela em inglês. – Elas simplesmente crescem.

Ele pareceu imperturbado, de uma forma algo presumida, como se tivesse adivinhado que seria aquela a sua resposta, respondendo num inglês cheio de um sotaque intensa e afetadamente britânico.

– E acha que isso não tem nada que ver consigo?

Ela sabia a resposta de que ele estava à espera. Hoje, como em qualquer outro dia, ela não lha daria.

– Quer alguma coisa de mim – observou Reina, acrescentando sem expressão. – Todos querem.

– Sim, quero – assentiu o homem. – Quero um café, por favor.

– Ótimo. – Acenou com a mão por cima do ombro. – Sai em dois minutos. Mais alguma coisa?

– Sim – respondeu ele. – Funciona melhor quando está zangada? Quando está triste?

Muito bem, não quer café.

– Não sei de que está a falar.

– Há outros naturalistas. – Fixou nela um olhar longo e perscrutador. – Porque haveria eu de a escolher a si?

– Pois não deve – retorquiu ela. – Sou empregada de mesa, não sou naturalista.

Uma das plantas abriu-se e enterrou-se na madeira da mesa.

– Há quem tenha dons e há quem tenha talentos – disse o homem. – Que acha que isto é?

– Nem um, nem outro. – A segunda planta abriu-se. – Uma maldição, quem sabe.

– Hum. – O homem baixou os olhos para as plantas, erguendo-os depois para Reina. – Que está a ler?

Esquecera-se de que ainda tinha o livro enfiado debaixo do braço.

– A tradução de um manuscrito de Cícero, o feiticeiro grego.

Ele contorceu ligeiramente os lábios.

– Esse manuscrito está perdido há muito, não é?

– Houve pessoas que o leram – disse Reina. – E escreveram o seu conteúdo.

– Nesse caso, é tão fiável como o Novo Testamento – disse o homem.

Reina encolheu os ombros.

– É o que há.

– E se eu lhe dissesse que podia aceder ao livro genuíno?

A terceira planta disparou, colidindo com o teto, para depois fazer ricochete e descer, enterrando-se numa das fibras do soalho.

Durante alguns segundos, nenhum dos dois se mexeu.

– Não existe – afirmou Reina, pigarreando. – Acabou de o dizer.

– Não, eu na verdade disse que estava perdido há muito – contrapôs o homem, observando as minúsculas fissuras que se alastravam endiabradamente pela superfície da planta a seus pés. – Nem toda a gente pode aceder-lhe.

Reina sentiu a boca contrair-se. Era um estranho suborno, mas já lhe haviam oferecido outras coisas antes. Tudo tinha um preço.

– O que teria eu de fazer? – perguntou, irritada. – Prometer-lhe em troca oito anos de colheitas? Uma percentagem dos seus lucros anuais? Não, muito obrigada.

Virou-lhe as costas e algo se quebrou sob os seus pés. Pequenas raízes verdes brotavam do chão e rastejavam para fora como gavinhas, como tentáculos, tentando alcançar-lhe os tornozelos e batendo-lhe na sola dos sapatos.

– E que tal – propôs o homem em tom neutro – em troca de três respostas?

Reina virou-se subitamente, e o homem não hesitou. Era evidente que tinha alguma experiência prévia em manipular pessoas.

– O que faz que aconteça? – perguntou. Era a sua primeira pergunta, e seguramente não aquela que Reina teria feito, caso a escolha tivesse sido sua.

– Não sei. – Ele arqueou uma sobrancelha, à espera, e ela suspirou. – Muito bem, isto... usa-me. Usa a minha energia, os meus pensamentos, as minhas emoções. Se houver mais energia para dar, então leva ainda mais.

Passo a maior parte do tempo a mantê-lo sob controlo, mas se der rédea solta à minha mente...

– Que lhe acontece nesses momentos? Não, espere, deixe-me explicar melhor – retificou-se, cumprindo aparentemente a promessa de obter três respostas. – Tira-lhe tudo até ficar esgotada?

Ela deixou cair o maxilar.

– Por vezes, dá alguma coisa de volta. Mas, por norma, sim.

– Estou a perceber. Última pergunta – disse ele. – O que acontece se tentar usá-lo?

– Já lhe disse – respondeu ela –, eu não o uso.

Ele recostou-se na cadeira, apontando para as duas plantas que ainda restavam em cima da mesa, uma com raízes a crescer sem convicção, a outra totalmente aberta e exposta.

A insinuação era evidente: *Experimenta e veremos.*

Ela ponderou as consequências, fazendo cálculos.

– Quem é o senhor? – perguntou Reina, desligando a atenção da planta.

– Atlas Blakely, Curador – respondeu o homem.

– E é curador exatamente de quê?

– Terei todo o gosto em contar-lhe – respondeu ele –, mas a verdade é que é um tanto ou quanto exclusivo. Tecnicamente, ainda não a posso convidar, uma vez que está empatada em sexto lugar na nossa lista.

Ela franziu o sobrolho.

– E isso significa o quê?

– Significa que só podem ser convidados seis – disse Atlas sem rodeios. –

Os seus professores do Instituto de Osaca parecem estar convencidos de que irá recusar a minha proposta, o que significa que a sua posição é um pouco... – Ele interrompeu-se. – Bom, vou falar com franqueza. Não é unânime, menina Mori. Eu tenho exatamente vinte minutos para convencer o resto do conselho de que deve ser a nossa sexta escolha.

– Quem diz que eu quero ser escolhida?

Ele encolheu os ombros.

– Talvez não queira – admitiu ele. – Se assim for, avisarei o outro candidato de que a vaga é dele. Um viajante – explicou. – Um jovem rapaz,

muito inteligente, com boa formação. Se calhar melhor formação do que a sua. – Fez uma pausa para deixar aquela informação ser absorvida. – Ele possui um dom muito raro – revelou Atlas –, mas, a meu ver, a capacidade dele é consideravelmente menos útil do que a sua.

Ela não disse nada. A planta que se enrolara à volta do seu tornozelo soltou um suspiro de insatisfação, esmorecendo ligeiramente com a apreensão dela.

– Muito bem – disse Atlas, levantando-se, e Reina estremeceu.

– Espere. – Ela engoliu em seco. – Mostre-me o manuscrito.

Atlas arqueou uma sobrancelha.

– Disse que tudo o que teria de dar eram três respostas – recordou Reina, e os cantos da boca dele elevaram-se, em aprovação.

– Disse isso, não foi?

Ele fez um gesto com a mão, mostrando um livro cosido à mão, e levitou-o no ar entre os dois. A capa abriu-se cuidadosamente, revelando o conteúdo numa escrita minúscula e sarrabiscada que parecia uma mistura de grego antigo e runas pseudo-hieroglíficas.

– Que feitiço está a ler? – perguntou ele, quando ela tinha a mão já meio estendida para o agarrar. – Lamento – disse Atlas, acenando com a mão para afastar o livro dela alguns centímetros –, não posso permitir que lhe toque. Nem sequer devia estar fora dos arquivos, mas, uma vez mais, tenho a esperança de que me prove o mérito dos meus esforços. Que feitiço está a ler?

– Eu, hum... O feitiço de encobrimento. – Reina olhou espantada para as páginas, compreendendo apenas metade do que lia. O programa de Osaca de leitura de runas fora um tanto ou quanto elementar; o de Tóquio teria sido melhor, mas, uma vez mais, vinha com obrigações agarradas. – Aquele que se usa para encobrir o aparecimento da ilha.

Atlas assentiu com a cabeça, as páginas começaram a virar sozinhas e ali, na página, estava um desenho simples de Eeia, parte da escrita desgastada com o tempo. Era um feitiço de ilusão rudimentar e inacabado, algo que Reina não tivera a possibilidade de estudar de todo, para lá da teoria

medeica básica. Os encantamentos de ilusão do Instituto de Osaca eram destinados aos ilusionistas, algo que ela não era.

– Oh – disse ela.

Atlas sorriu.

– Quinze minutos – recordou ele, fazendo então desaparecer o livro.

Quer dizer que também isto traz obrigações agarradas. Isso era evidente. Reina nunca apreciara este tipo de persuasão, mas havia uma componente lógica dentro dela que compreendia que as pessoas nunca deixariam de pedir. Ela era um poço de poder, um cofre-forte de portas pesadas e as pessoas encontrariam formas de as arrombar ou então ela teria simplesmente de as abrir de vez em quando. Apenas a um comprador merecedor.

Ela fechou os olhos.

Podemos?, perguntaram as plantas na sua pequenina língua vegetal, que ela sentia sobretudo como pequenas picadas na pele. Como vozes de crianças, *porfavorporfavorporfavor, mamã, podemos?*

Ela suspirou.

Cresçam, disse-lhes na sua língua. Ela nunca compreendera como aquelas plantas se sentiam, mas parecia-lhe que a compreendiam muito bem. *Levem o que precisam de mim*, acrescentou de mau humor, *levem e pronto*.

O alívio deslizou do interior dos seus ossos: *Ssssssssssim*.

Quando voltou a abrir os olhos, a planta no soalho havia desabrochado numa fina série de ramos, estendendo-se a partir dos pés até ao teto, espalhando-se em toda a sua extensão, disseminando-se como uma erupção cutânea. A planta enterrada na mesa partia a madeira ao meio, brotando para cima como o musgo num tronco de árvore estéril. A última planta, quebrada, estremeceu e rebentou numa madura extensão de cor, assumindo a forma de videiras que, por fim, geraram fruto, cada um amadurecendo a uma velocidade astronómica diante dos olhos deles.

Quando os frutos estavam redondos e pesados, tentadoramente prontos para serem colhidos, Reina soltou uma expiração, libertando a dor nos ombros, olhando com expectativa para o seu visitante.

– Ah – disse Atlas, mudando de posição na cadeira. As plantas haviam deixado pouco espaço para se sentar comodamente. Entre a abóbada entrelaçada em cima e a rede de finas raízes em baixo, já não tinha espaço para a cabeça ou para as pernas. – Estou a ver então que é um dom e um talento.

Reina conhecia suficientemente bem o seu valor para não comentar.

– Que outros livros tem?

– Ainda não lhe fiz uma proposta, menina Mori – respondeu Atlas.

– Vai querer escolher-me a mim – disse ela, erguendo o queixo. – Ninguém faz o que eu faço.

– É verdade, mas não conhece os outros candidatos da lista – sublinhou ele. – Temos dois dos melhores físicos que o mundo conheceu em várias gerações, um ilusionista singularmente dotado, uma telepata com capacidades incomparáveis, um empático capaz de atrair uma multidão de milhares...

– Não importam os outros. – Reina cerrou o maxilar. – Ainda assim, vai querer-me a mim.

Atlas examinou-a um instante.

– Sim – disse ele. – Sim, isso é mesmo verdade, não é?

Ah, ah, ah, riram-se as plantas. *Ah, ah, a mamã ganha, nós ganhamos.*

– Parem com isso – sussurrou Reina para os ramos que haviam deslizado do teto para lhe afagar o cocuruto da cabeça em jeito de aprovação, e Atlas levantou-se com uma risada, estendendo a mão com um único cartão.

– Tome isto – disse – e daqui a cerca de quatro horas será transportada para receber orientações.

– Para quê? – perguntou Reina, ao que ele encolheu os ombros.

– Não gosto de me repetir – respondeu ele. – Desejo-lhe muita sorte, Reina Mori. Este não será o seu último teste.

E depois ele desapareceu, e Reina ali ficou, de semblante carregado.

A última coisa de que precisava era de um café cheio de plantas e agora a chávena de Atlas jazia esquecida no balcão, o café já arrefecido.

· TRISTAN ·

TRÊS HORAS ANTES

— Não — disse Tristan quando a porta se abriu. — Outra vez, não. Não agora.

— Amigo — gemeu Rupesh —, já estás aqui há séculos.

— Pois estou — concordou Tristan. — A fazer o meu trabalho. Incrível, não é?

— Nem por isso — murmurou Rupesh, deixando-se cair na cadeira vazia do outro lado da secretária de Tristan. — És o futuro filho e herdeiro, Tris. Não faz lá muito sentido trabalhares tanto, assim como assim, vais acabar por herdar tudo.

— Em primeiro lugar, esta empresa não é uma monarquia — resmungou Tristan, sem tirar os olhos dos números em que estivera a trabalhar. Fez um aceno com a mão, reorganizando-os. A sua avaliação estava ligeiramente desfasada, pelo que ajustou a taxa de desconto, sabendo que o conselho de investidores, com pouca propensão para o risco, queria ver um maior leque de percentagens. — E, mesmo que fosse, não sou o herdeiro, sou apenas...

— ... apenas o noivo da filha do patrão — completou Rupesh por ele, erguendo uma sobrancelha. — Devias marcar a data. Já se passaram alguns meses, não foi? Tenho a certeza de que a Eden está a ficar impaciente.

Estava mesmo e ia-se revelando sempre menos subtil a cada dia que passava.

— Tenho andado ocupado — disse Tristan severamente. — Em todo o caso, é precisamente para este tipo de coisas que eu disse que não tinha tempo.

Fora – disse ele, apontando para a porta. – Tenho pelo menos mais três avaliações para acabar antes de sair.

Eram as férias anuais da família Wessex e Tristan ia ser o acompanhante de Eden, como sempre. Seria o quarto ano que Tristan estaria presente como o mais-que-tudo da filha mais velha dos Wessex e, escusado será dizer, não era a sua atividade favorita. Sempre cheio de precauções, a ter tento na língua, a máscara do decoro era esgotante – ainda assim, valia a pena o fingimento sem fim para aceder ao incomparável idílio dos Wessex. Na realidade, o comportamento imaculado de Tristan desapontava Eden, que ambicionava qualquer desculpa para incendiar alegremente um jantar de família com a mais crua sugestão de insuficiência nas suas origens – mas, para Tristan, cada microagressão afetada e emproada era compensada pelo simples facto de ali estar, de ser considerado um herdeiro por alguém cujo nome não era o do seu pai biológico.

Tristan questionava-se se conseguiria convencer Eden a deixá-lo assumir o nome *dela*; quer dizer, presumindo que conseguiria reunir coragem suficiente para dar o passo final e selar o seu destino.

– Vais de *férias* com eles – salientou Rupesh, torcendo uma só das suas negras sobrancelhas. – Já és da família.

– Não, não sou. – Ainda não. Tristan esfregou as têmporas, olhando de novo para os números. O capital necessário para fazer este negócio funcionar era exorbitante, já para não falar de que as atuais infraestruturas mágicas estão peçadas de problemas. Ainda assim, o potencial de lucro era mais elevado nesta carteira do que em qualquer um dos outros treze projetos medeiros que ele avaliara nesse dia. James Wessex iria gostar, mesmo que o resto do conselho não o acompanhasse, e por algum motivo o nome no lado de fora do edifício era o dele.

Tristan arquivou o projeto com a classificação *talvez*, acrescentando:

– Não vou simplesmente herdar esta empresa, Rup. Se a quiser, tenho de trabalhar por ela. Talvez devesse pensar em fazer o mesmo – recomendou, levantando os olhos para ajustar os óculos antirreflexo, fazendo Rupesh revirar os olhos.

– Acaba lá, então – sugeriu Rupesh. – A Eden esteve a manhã toda a publicar fotografias da sua rotina de preparativos.

Eden Wessex, filha do investidor bilionário James Wessex, era uma bonita herdeira e, por conseguinte, um produto pronto a consumir, capaz de produzir capital a partir de ativos intangíveis como a simples beleza e influência. Fora o próprio Tristan a recomendar ao conselho da Wessex que ponderasse investir no *Lightning*, a versão mágica de uma aplicação de redes sociais do mundo mortal. Eden fora o rosto da empresa desde então.

– Certo, obrigado – disse Tristan, pigarreando. Estava provavelmente naquele preciso momento a receber mensagens dela. – Não demoro muito. É tudo?

– Sabes bem que não posso ir para casa até acabares, amigo. – Rupesh piscou-lhe o olho. – Não posso propriamente sair antes do menino de ouro, pois não?

– Certo, bom, nesse caso, não te está a ajudar – disse Tristan, apontando para a porta. Mais duas propostas, pensou, passando os olhos pelos documentos. Bom, uma proposta. Uma das duas era claramente desajustada. – Vai indo, Rup. E vê se trataas dessa nódoa de café.

– O quê? – perguntou Rupesh, olhando para baixo, e Tristan ergueu os olhos dos papéis.

– Estás a deixar que as tuas ilusões ganhem ranço – observou, apontando para a marca no fundo da gravata de Rupesh. – Não podes gastar quinhentas libras num cinto de *design* e depois ir buscar os teus feitiços de nódoas à lata do lixo. – Muito embora, no preciso momento em que o disse, Tristan soubesse que era uma característica muito típica de Rupesh fazer precisamente isso. Algumas pessoas só se importavam com aquilo que os outros viam e Rupesh, em especial, não tinha consciência da medida em que Tristan conseguia ver através dele.

– Credo, és mesmo chato, sabias? – disse Rupesh, revirando os olhos. – Mais ninguém quer saber se os meus feitiços estão gastos ou não.

– Que tu saibas. – Para Tristan, pouco mais era meritório de atenção.

Rupesh Abkari: nascido num meio de riqueza herdada, onde provavelmente morreria.

Que bom para ele.

– É só mais uma razão para te detestar, amigo – disse Rupesh, com uma careta. – De qualquer modo, acaba lá isso, Tris. Faz-nos um favor a todos e vai lá ser pitoresco junto ao mar, para que os que aqui ficamos possamos relaxar durante alguns dias, OK?

– Estou a fazer por isso – garantiu-lhe Tristan, ao que a porta se fechou, deixando-o, por fim, a sós.

Pôs uma proposta de lado, pegando naquela que lhe parecia promissora. Os dados pareciam de confiança. Não era preciso muito capital adiantado, o que significava que...

A porta abriu-se e Tristan resmungou.

– Pela última vez, Rupesh...

– Não é bem o Rupesh – respondeu uma voz funda e Tristan levantou os olhos do ecrã do computador, olhando para o desconhecido que entrara na sala. Era um homem alto de pele escura, vestido com um indefinido fato de *tweed*, e olhava em volta para os tetos abobadados do gabinete de Tristan.

– Bem, bem... – observou o homem, deixando a porta fechar-se ao entrar. – Andou muito para aqui chegar, não foi?

Muito, isso era inquestionável. O novo gabinete de canto, com as janelas viradas a norte e para luminosas faixas do céu de Londres, fora uma recompensa recente após a sua última promoção.

Mas qualquer pessoa que tivesse conhecimento do ponto de partida de Tristan significava sarilhos, por isso, com azedume, ele preparou-se para o impacto.

– Se o senhor é... – Mordeu para dentro a palavra «amigo», remoendo-a entre os dentes. – *Colega* do meu pai...

– De todo – tranquilizou-o o homem. – Embora todos, de uma forma ou de outra, conheçamos Adrian Caine, não é verdade?

Nós. Tristan suprimiu com esforço uma careta.

– Eu aqui não sou um Caine – disse ele. Era ainda o nome que estava na secretária, mas naquele lugar não era provável que alguma vez alguém estabelecesse a ligação. Os ricos preocupavam-se pouco com a imundície a

seus pés, desde que alguém a limpasse de vez em quando e que se mantivesse sobretudo fora da sua vista. – Não posso fazer nada por si.

– Não lhe estou a pedir nada – disse o homem, fazendo uma pausa e olhando expectante para a cadeira vazia em frente da secretária de Tristan. (Tristan não o convidou a sentar-se.) – Contudo – prosseguiu o homem –, tenho de confessar que não consigo evitar questionar-me como acabou neste caminho em particular. Afinal de contas, era herdeiro de uma espécie de império, não era? – perguntou, ao que Tristan nada disse. – Não estou bem certo de como o filho único do Caine acabou por se candidatar à fortuna dos Wessex.

Não que seja da conta de ninguém, mas Tristan e o pai haviam cortado relações mutuamente durante o tempo que Tristan passara na universidade, logo que se tornou claro que Adrian Caine via Tristan como pouco mais do que um utensílio inútil das classes mais altas – no melhor dos cenários, um animal de estimação para sua diversão, no pior, um adorador junto ao altar dos seus pecados. Era verdade, mas, ao contrário do pai, Tristan conseguia ver a floresta e as árvores. Adrian Caine era uma figura desprezível, fomentava uma imagem de culto e era ganancioso. James Wessex não era diferente, mas Tristan era suficientemente inteligente para saber qual dos dois homens estava imune ao toque do azar.

– Algumas coisas não têm que ver com dinheiro – respondeu Tristan, o que era manifestamente falso. Tudo tinha que ver com dinheiro, mas se o tivéssemos em quantidade suficiente, poderíamos acabar por esquecer que isso era verdade. Em sintonia com as suas ambições, Tristan optou por viver neste patamar. – E agora, se não se importa...

– Tem que ver com quê, então? – perguntou o homem e Tristan suspirou alto e bom som.

– Olhe, não sei quem o deixou entrar, mas...

– Pode fazer melhor do que isto. – O homem perscrutou-o com um olhar solene. – Ambos sabemos que isto não o vai satisfazer por muito tempo.

Discordo, pensou Tristan. O dinheiro trazia, aliás, *muita* satisfação, especialmente quando era sacado aos mais ricos entre os ricos.

– O senhor não me conhece realmente – salientou Tristan. – O meu nome é apenas uma parte muito pequena de quem sou, e não é das mais persuasivas.

– Sei que é mais raro do que pensa – contrapôs o homem. – O seu pai pode achar que os seus dons são um desperdício, mas eu sou mais sensato do que isso. Qualquer pessoa podia ser um ilusionista. Qualquer pessoa pode ser um rufia. Qualquer pessoa pode ser Adrian Caine. – Os seus lábios esticaram-se numa linha mais fina. – Aquilo que o senhor tem, mais ninguém pode fazer.

– E que tenho eu exatamente? – perguntou Tristan secamente. – E não me fale em potencial.

– Potencial? De todo. Seguramente não aqui. – O homem acenou com uma mão a toda a volta do gabinete sumptuoso. – É uma gaiola muito bonita, mas não deixa de ser uma gaiola.

– Quem é o senhor? – perguntou Tristan, provavelmente já tardiamente, embora, em sua defesa, ele estivesse mergulhado em pleno capitalismo havia já várias horas. Não estava na sua melhor forma. – Se não é amigo do meu pai, nem amigo do James Wessex, e presumo que não tenha aqui vindo para me vender o seu mais recente serviço de *software* medico – resmungou, descartando esta inadequada proposta quando a boca do homem se contorceu em confirmação –, não consigo imaginar que haja motivo algum para a sua presença aqui.

– É assim tão difícil acreditar que eu possa ter vindo por si, Tristan? – perguntou o homem, com um ar vagamente divertido. – Sabe, eu em tempos estava na posição em que está agora.

Tristan recostou-se, abarcando com a mão o seu gabinete de canto.

– Duvido muito.

– Evidentemente, nunca estive em posição de me casar e entrar para a família medeica mais poderosa de Londres, isso tenho de admitir – respondeu o desconhecido com um riso contido. – Mas em tempos estava muito determinado em seguir um certo caminho. Um caminho que, pensava eu, era a minha única opção para ser bem-sucedido até que, um dia, uma pessoa me apresentou uma proposta.

Inclinou-se para a frente, pousando um cartão fino sobre a secretária de Tristan. Dizia apenas ATLAS BLAKELY, CURADOR, e cintilava ligeiramente devido a uma ilusão.

Tristan olhou para ele de sobrolho franzido. Um encantamento de transporte.

– E para onde nos leva isto? – perguntou em tom neutro. O homem, Atlas Blakely, sorriu.

– Consegue então ver o encantamento?

– Dadas as circunstâncias, pelo seguro prefiro pressupor que tem um. – Tristan esfregou a testa, desconfiado. Dentro da gaveta da secretária, o telefone começou a vibrar ruidosamente; Eden estaria à sua procura. – Não sou estúpido a ponto de tocar numa coisa destas. Tenho outros sítios aonde ir e o que quer que isto seja...

– Consegue ver através das ilusões – disse Atlas, fazendo-o contrair-se de apreensão. Não era qualquer pessoa que podia saber tal coisa sobre ele. Não que Tristan se preocupasse com a divulgação de pormenores sobre si, mas o seu talento tornava-se mais eficaz quando os outros não tinham consciência dele. – Consegue ver o valor e, melhor ainda, consegue ver a *falsidade*. Consegue ver a verdade. É isso que o torna especial, Tristan. Pode trabalhar todos os dias da sua vida a expandir os negócios do James Wessex ou então pode ser o que realmente é. *Quem* realmente é. – Atlas pousou nele um olhar firme. – Quanto tempo pensa conseguir continuar a fazer isto até o James perceber a verdade das suas origens? O sotaque é um toque bem conseguido, mas eu consigo ouvir o East End por baixo. O eco de um feiticeiro da classe trabalhadora – lançou Atlas no ar com subtileza – que reside na sua língua de trabalhador.

Tristan fechou o punho sob a secretária, enraivecido.

– Está a fazer chantagem?

– Não – disse Atlas. – É uma proposta. Uma oportunidade.

– O que não me falta são oportunidades.

– Merece oportunidades melhores – retorquiu Atlas. – Melhores do que o James Wessex. Sem dúvida melhores do que a Eden Wessex, e de longe melhores do que o Adrian Caine.

O telefone de Tristan vibrou outra vez. Provavelmente, Eden estava a enviar fotografias das suas mamas. Quatro anos de namoro e ela nunca se cansava de exibir o encantamento de aumento que não sabia que ele conseguia detetar. Por outro lado, as fotografias não eram de todo para lhe agradar. Eden queria um homem que parecesse emocionante na imprensa sensacionalista, alguém com quem pudesse arrastar o seu nome na lama. Tristan queria o capital social precisamente do nome que ela arrastava na lama. Do ponto de vista transacional, eram o casal perfeito.

– Não sei de que fala – disse Tristan.

– Ai, não? – contrapôs Atlas, apontando para o cartão. – Tem duas horas para decidir.

– Decidir o quê? – perguntou Tristan bruscamente, mas Atlas já se pusera de pé, encolhendo os ombros.

– Estou inteiramente disponível para responder às suas perguntas – disse Atlas –, mas não aqui. Não agora. Se a sua ideia é continuar a levar esta vida, Tristan, então não vale a pena sequer ter qualquer conversa, não acha? Mas há muito mais à sua disposição do que imagina, se se der ao trabalho de o agarrar. – Olhou para Tristan de soslaio. – Mais do que no lugar de onde veio, e sem dúvida alguma mais do que no lugar onde está agora.

Para ele é fácil falar, pensou Tristan. Quem quer que fosse Atlas Blakely, o pai *dele* não era um tirano violento cuja maior desilusão na vida era o seu filho único. Não fora *ele* a visar Eden Wessex cinco anos antes numa festa quando servia atrás do balcão de um bar e decidira que ela era o melhor caminho; o caminho mais fácil; o *único* caminho de saída.

Todavia, Atlas Blakely podia muito bem ter razão. Havia presumivelmente um mundo em que o melhor amigo de Tristan no escritório não continuava a acreditar que se safava a ir para a cama com a sua noiva, sem saber que o encantamento de contraceção reles que lhe permanecia na pila era visível para Tristan bem de longe, do outro lado do gabinete de canto.

Que tinha, na verdade, uma vista espetacularmente mediana.

– Qual é? – perguntou Tristan. – Esta... – Deixou que a palavra se enrolasse na língua. – Oportunidade.

– Uma oportunidade única na vida – disse Atlas, o que não era uma resposta. – Saberá isso mesmo quando a vir.

Isso era quase sempre verdade. Pouco havia que Tristan Caine não conseguisse ver.

– Tenho de estar noutra sítio – disse Tristan.

Uma vida para viver. Um futuro para cuidar. Atlas assentiu.

– Escolha sabiamente – aconselhou, e esgueirou-se do gabinete como a faixa de luz que desaparecia atrás das cinzentas nuvens londrinas, fechando a porta atrás de si.

• CALLUM •

DUAS HORAS ANTES

Callum Nova estava muito habituado a ter o que queria. A sua especialidade mágica era tão eficaz que, se não a revelasse a ninguém, como geralmente fazia, obteria as notas máximas em todas as disciplinas sem esforço algum. Era uma espécie de hipnose. Algumas das suas ex-namoradas, em retrospectiva, chamavam-lhe um efeito alucinogénico, como voltar ao estado normal depois de tomar drogas. Se não estivessem permanentemente alerta, Callum conseguia convencê-las a fazer qualquer coisa. Tornava tudo mais fácil para ele. Demasiado fácil? Por vezes, sim.

Mas isso não significava que Callum não gostasse de um bom desafio.

Desde que terminara o curso universitário e regressara de Atenas, seis anos antes, a verdade é que Callum fizera muito pouco, o que não o deixava muito orgulhoso de si mesmo. Trabalhara para a empresa da família, é claro, como tantos licenciados medeiros faziam. A atividade principal da família Nova, que controlava um império de meios de comunicação de magia, era a beleza. Era a grandeza. Era também tudo uma ilusão, cada pedaço disso, e Callum era a ilusão mais falsa de todas. O produto que vendia era a vaidade e era bom no que fazia. Mais do que bom.

Tornava-se, contudo, entediante convencer as pessoas de coisas em que já acreditavam. Callum tinha uma especialidade distintamente rara como um designado manipulador, e ainda mais raro era o seu talento – que ultrapassava de longe a capacidade comum de qualquer feiticeiro que

conseguisse lançar feitiços de nível básico. Para já, era inteligente, o que significava que convencer pessoas a fazer precisamente aquilo que ele queria tinha de ser suficientemente desafiador para que ele sentisse o esforço. Era também uma pessoa que buscava eternamente a diversão, pelo que o homem que encontrou à porta teve de dizer muito pouco para o convencer. «Curador», leu Callum em voz alta, examinando atentamente o cartão, de pés assentes em cima da secretária. Chegara quatro horas atrasado ao trabalho e nem a sócia gerente (a irmã), nem o proprietário (o pai) tiveram alguma coisa a dizer acerca da reunião a que faltara. Compensaria nessa tarde, quando se sentasse dois minutos (podia fazê-lo em noventa segundos, mas ficaria tempo suficiente para terminar o *espresso*) com o cliente de que os Novas necessitavam para garantir uma carteira completa de ilusionistas de topo para a Semana da Moda de Londres.

– Espero que seja curador de alguma coisa interessante, Atlas Blakely.

– Oh, sim – disse Atlas, pondo-se de pé. – Posso então presumir que voltarei a encontrá-lo?

– As presunções são perigosas – disse Callum, tateando para perceber os interesses de Atlas. Eram pouco nítidos e irregulares, não seriam facilmente infetados. Adivinhou que Atlas Blakely, quem quer que fosse, fora alertado para as competências especiais de Callum, o que significava que devia ter investigado a fundo para descobrir a sua verdadeira natureza. Qualquer pessoa disposta a fazer o trabalho sujo valia alguns minutos do seu tempo, considerava Callum. – Quem mais está envolvido?

– Outros cinco.

Um bom número, pensou Callum. Exclusivo o bastante, mas, estatisticamente, ele conseguia chegar a apreciar uma em cada cinco pessoas.

– Qual é a pessoa mais interessante?

– Interessante é um conceito subjetivo – disse Atlas.

– Sou eu, então – conjeturou Callum.

Atlas desenhou um sorriso destituído de qualquer sentido de humor.

– O senhor não é desinteressante, Sr. Nova, mas suspeito que esta será a primeira vez que se deparará com uma sala cheia de pessoas raras como o senhor.

– Intrigante – disse Callum, tirando os pés da secretária para se inclinar para a frente. – Ainda assim, gostaria de saber mais sobre eles.

Atlas arqueou uma sobrancelha.

– Não lhe interessa saber de que oportunidade se trata, Sr. Nova?

– Se eu a quiser, é minha – respondeu Callum, encolhendo os ombros. – Posso sempre esperar e tomar essa decisão mais tarde. Mais interessantes do que o jogo são sempre os jogadores, está a ver. Ou então, se calhar, para ser mais preciso – corrigiu –, o jogo é diferente consoante os jogadores.

A boca de Atlas retorceu-se ligeiramente.

– Nico de Varona – disse.

– Nunca ouvi falar – afirmou Callum. – Que faz ele?

– É físico – respondeu Atlas. – Consegue obrigar forças da física a adaptarem-se às suas exigências, tal como o senhor faz com a intenção.

– Que tédio. – Callum recostou-se. – Mas suponho que lhe posso dar uma hipótese. Quem mais?

– Libby Rhodes também é física – prosseguiu Atlas. – A sua influência sobre o que a rodeia não se compara a nada que eu tenha visto antes. Reina Mori, igualmente, é uma naturalista a quem a terra oferece pessoalmente o seu fruto.

– Naturalistas há muitos – disse Callum, embora tivesse de admitir que já estava curioso. – Quem mais?

– Tristan Caine. Consegue ver através de ilusões.

Raro. Muito raro. Mas não é particularmente útil.

– E...?

– Parisa Kamali. – Este nome foi proferido com hesitação. – Parece-me que é melhor não referir a sua especialidade.

– Então? – perguntou Callum, arqueando uma sobrancelha. – E contou-lhes a eles acerca da minha?

– Eles não perguntaram por si – respondeu Atlas.

Callum pigarreou.

– É um hábito seu estabelecer o perfil psicológico de todas as pessoas que conhece? – perguntou em tom neutro, e Atlas não respondeu. – No entanto – devaneou Callum –, suponho que as pessoas menos propensas a dar conta de quando estão a ser influenciadas não irão provavelmente referir o assunto, pois não?

– Suponho que, de algumas formas, nós sejamos opostos, Sr. Nova – disse Atlas. – Eu sei o que as pessoas querem ouvir. O senhor faz que elas queiram ouvir aquilo que o senhor sabe.

– Se calhar eu sou só naturalmente interessante? – sugeriu Callum jovialmente, e Atlas deu uma gargalhada baixinho que indicava a sua cedência.

– Sabe, para alguém que tem tão clara consciência do seu próprio valor, se calhar esquece-se de que, sob o seu talento natural, existe uma pessoa muito, muito pouco inspirada – afirmou Atlas, e Callum pestanejou, apanhado desprevenido. – O que não quer dizer que haja um vazio, mas...

– Um vazio? – repetiu Callum, indignado. – Mas o que é isto, desprezo para me conquistar?

– Não um vazio – repetiu Atlas –, mas seguramente algo inacabado. – Pôs-se de pé. – Muito obrigado pelo seu tempo, Sr. Nova – disse ele –, consigo imaginar que teria feito uma infinidade de coisas durante a nossa conversa. De quanto tempo acha que precisaria para iniciar uma guerra? Ou para a terminar? – Fez uma pausa e Callum ficou calado. – Cinco minutos? Talvez dez? Quanto tempo demoraria a matar alguém? A salvar uma vida? Admira-me que ainda não o tenha feito – admitiu Atlas, inclinando a cabeça com um olhar que era de algum modo convidativo –, mas gostaria efetivamente de saber porque não o faz.

– Porque daria em louco se interferisse no mundo – disse Callum com impaciência. – Ser o que sou requer uma certa contenção.

– Contenção – disse Atlas – ou talvez falta de imaginação.

Callum era demasiado seguro de si para ficar de boca escancarada, por isso não o fez. Ao invés, disse:

– Acho bem que isto não seja um desperdício do meu tempo.

Não disse: quatro minutos e trinta e nove segundos. Esse seria o tempo necessário.

Tinha a sensação de que Atlas Blakely, o Curador, lhe estava a lançar um isco e sentia também claramente que não deveria dar-se ao trabalho de tentar não ser apanhado.

– Eu poderia dizer o mesmo acerca de si – disse Atlas, e despediu-se educadamente com um toque na aba do chapéu.

• PARISA •

UMA HORA ANTES

E stava sentada junto ao bar, com o seu vestido preto favorito, a bebericar um martíni. Optava sempre por fazê-lo sozinha. Durante algum tempo, tivera o hábito de se fazer rodear de amigas, mas acabou por concluir que eram demasiado ruidosas. Perturbadoras. E, com frequência, invejosas também, o que Parisa não tolerava. Em Paris, tivera uma ou duas amigas na escola e fora em tempos chegada aos irmãos em Teerão, mas desde então chegara à conclusão de que era mais eficaz quando agia como uma entidade singular. Em última análise, era o que lhe fazia sentido. As pessoas que faziam fila para ver a *Mona Lisa* não sabiam geralmente identificar os quadros pendurados mesmo ao lado, e isso não tinha mal nenhum.

Não eram poucas as palavras existentes para definir o que Parisa era, e ela era algo que, assim supunha, a maioria das pessoas não aprovaria. Talvez fosse escusado dizer que Parisa não investia muito em obter a aprovação dos outros. Era talentosa e inteligente, mas, além disso – pelo menos segundo todas as pessoas que alguma vez lhe tinham posto os olhos em cima –, era bonita, e ser presenteada com a aprovação por algo que lhe fora entregue de bandeja, por alguma combinação fortuita de ADN, e não conquistada com as suas próprias mãos, não era algo que, para ela, devesse necessariamente ser idolatrado ou condenado. Não se insurgia contra a sua boa aparência; mas também não dava graças por ela. Limitava-se a usá-la como qualquer outra ferramenta, como um martelo ou uma pá ou qualquer outra coisa que se revelasse necessária para cumprir a tarefa em mãos. Além

do mais, a reprovação não era coisa em que valesse a pena pensar. As mesmas mulheres que poderiam ter manifestado reprovação não perdiam tempo a adular os seus diamantes, os seus sapatos, os seus seios – todos naturais, nunca sintéticos, nem sequer tinham ilusões. Chamassem o que chamassem a Parisa, pelo menos era autêntica. Era real, mesmo que ganhasse a vida com falsas promessas.

Realmente, não havia nada mais perigoso do que uma mulher com consciência do seu próprio valor.

Parisa observou os homens mais velhos no canto, os que usavam fatos caros, que estavam em reunião de negócios. Escutara durante alguns minutos o tema da conversa – afinal de contas, nem tudo andava à volta do sexo; por vezes, o uso de informações privilegiadas era a opção mais fácil e ela era suficientemente inteligente para jogar com várias ameaças –, mas acabou por perder o interesse, o conceito de negócio era fundamentalmente pouco sólido. Já os próprios homens, esses continuavam a dar-lhe que pensar. Um brincava com a aliança e inquietava-se interiormente a pensar na mulher. Desinteressante. Um dos outros acalentava claramente algum tipo de angústia sexual por resolver em relação ao desinteressante inquieto, o que se revelava mais cativante, ainda que muito pouco útil para os propósitos dela. O último era bem-parecido, possivelmente rico (carecia de uma avaliação mais apurada) e ostentava o dedo bronzeado no lugar onde teria estado a aliança. Parisa mudou de posição na cadeira, cruzando delicadamente uma perna sobre a outra.

O homem levantou os olhos, captando um vislumbre da coxa dela. Muito bem. Vontade não lhe faltava. Isso era evidente.

Ela desviou o olhar, sem saber ao certo se o homem terminaria a reunião em breve. Entretanto, ocuparia os pensamentos com outra pessoa. Talvez a mulher rica no canto lá atrás que parecia estar prestes a desatar a chorar a qualquer momento. Não, demasiado deprimente. Havia sempre o empregado do bar, alguém que claramente sabia fazer bom uso das mãos. Já as imaginava sobre o seu corpo, percorrendo uma ilustração mental bastante precisa das suas ancas, só que não ganharia nada com isso. Um orgasmo, certamente, mas de que servia isso? Um orgasmo que podia

alcançar sem se tornar na rapariga que fornicava com empregados de bar. Se era para trazer alguém para a sua vida, esse alguém traria dinheiro, poder ou magia. Nada mais serviria.

Voltou-se para o homem de tez escura de fato de *tweed* na ponta do bar, contemplando o silêncio que emanava da sua cabeça. Não o vira chegar, o que era invulgar. Um médico, portanto, ou pelo menos um feiticeiro. Isso era interessante. Observou-o a dar voltas com os dedos a um fino cartão, batendo-o contra o balcão e franziu o sobrolho ao ler as palavras. ATLAS BLAKELY, CURADOR. Curador de quê?

O problema de ser uma rapariga inteligente era ser naturalmente curiosa. Parisa virou as costas à reunião de negócios, voltando-se ao invés na direção de Atlas Blakely, jogando com as respectivas posições na sala, aumentando o volume.

Concentrou-se na mente dele e viu seis pessoas. Não, cinco. Cinco pessoas, sem rostos. Magia extraordinária. Ah, sim, era decididamente um médico, e eles também, ao que parecia. Ele sentia afinidade com um dos cinco. Um deles era um prêmio; algo que o homem, Atlas, ganhara recentemente. Sentia alguma presunção em relação a isso. Dois deles faziam um conjunto, tinham vindo juntos. Não gostavam de se perseguir um ao outro em círculos, como as estrelas em órbita, mas não havia nada a fazer, era isso mesmo que eles eram. Havia um vazio, uma pergunta, o limiar de um penhasco estreito. Outro era a resposta, como um eco, embora ela não pudesse perceber bem porquê. Tentou ver claramente os seus rostos, mas não conseguiu; eles entravam e saíam do campo de visão, chamando-a a aproximar-se.

Parisa olhou em volta, movimentando-se um pouco dentro dos pensamentos dele. Pareciam estar organizados como num museu, como se tivessem sido ali dispostos de propósito para que ela os visse numa determinada sequência. Um longo processo de seleção, depois um espelho. Cinco molduras com retratos esfumados, e depois um espelho. Parisa olhou para o seu próprio rosto e sentiu um abanão, sobressaltada.

Na outra extremidade do bar, o homem pôs-se de pé. Caminhou até onde ela se sentava sozinha, parando apenas para pousar o cartão à sua

frente antes de sair. Sem que ele precisasse de explicar nada em voz alta, Parisa já sabia por que razão lho dera. Passara tempo suficiente dentro da mente dele para o compreender e dava agora conta de que ele lhe facilitara o acesso. Daí a uma hora, diziam os seus pensamentos, o cartão levá-la-ia a algum sítio. Um sítio importante. Era evidentemente o sítio mais importante do mundo para este homem, quem quer que fosse. Esta parte, suspeitava Parisa, fora interpretação sua, dado que estava ligeiramente mais desfocada. Ela soube instintivamente que, de qualquer modo, valeria mais a pena do que o homem da reunião de negócios. *Aquele* homem cosera recentemente o fato. Fora arranjado; não fora feito à medida nem era novo, nem sequer era dele. Avaliação final: um homem usaria um fato melhor para uma reunião de negócios como aquela se tivesse dinheiro para tal, e aquele homem não tinha.

Parisa suspirou, resignada, pegando no cartão pousado no balcão.

Uma hora depois, estava sentada numa sala com Atlas Blakely e as cinco pessoas que vira indistintamente representadas na sua mente sem que Atlas ou Parisa tivessem trocado uma só palavra entre si, amistosa ou não. Era suficientemente agradável, tanto quanto se podia esperar de uma sala, moderna e minimalista, com um comprido sofá de pele, uma série de cadeiras de espaldar alto. Além de Parisa, apenas duas pessoas estavam sentadas. Observou o belo rapaz latino – decididamente ainda era um rapaz; estava obcecado com a rapariga sentada ao lado de Parisa – a decidir que Parisa era bonita e ela sorriu para dentro, sabendo perfeitamente que poderia comer aquele rapaz vivo e que ele a deixaria fazê-lo. Seria divertido durante um dia ou dois, quem sabe, mas esta reunião, desse por onde desse, parecia elevar-se acima disso. Esta sala e tudo o que prometia conter pareciam subitamente muito mais importantes.

O sul-africano louro era interessante. Talvez demasiado bonito. O cabelo demasiado louro, a roupa demasiado bem talhada à medida, o rosto atraente de uma forma demasiado anormal. Estava a olhar para o britânico negro, Tristan, com extrema curiosidade, porventura até algo vorazmente. Ótimo, pensou Parisa, agradada. Não gostava de homens como ele. Ele teria desejado que ela berrasse o nome dele, que uivasse coisas sobre o seu pénis,

que dissesse algo como «Oh, querido, sim, como é que consegues, como fazes para que me sinta assim?» e tudo isso era trabalho miúdo; raramente acabava por resultar nalguma coisa que valesse a pena. As pessoas ricas, como ele, agarravam-se normalmente como lapas às suas carteiras e a experiência ensinara-lhe que isso não lhe trazia a ela nada de útil.

Além do mais, ali, os seis estavam de igual para igual. Ele nada tinha a oferecer-lhe, exceto quem sabe lealdade, mas não era do tipo que a daria facilmente. Estava habituado a ter o que queria, algo que, percebia ela nos seus pensamentos, fazia com pelo menos algum grau de intenção. Parisa Kamali nunca quisera ser subjugada por ninguém e não era agora que iria começar.

O rapaz latino, também esse seria provavelmente inútil, o que era dececionante. Era obviamente rico e sem dúvida atraente (*Nicolás*, pensou ela com satisfação, rolando o seu nome dentro da cabeça como poderia ter feito com o próprio, sussurrando-o no centímetro de pele bronzeada mesmo abaixo do lóbulo da sua orelha), mas era evidente que se cansava depressa de coisas que fossem conquistadas demasiado facilmente. Não era o estilo de Parisa. Quanto à rapariga em que ele estava fixado, uma morena de olhos de corça com uma franja que a infantilizava, também ela era facilmente descartável, embora Parisa já antes tivesse estado com raparigas e só raramente as excluísse à partida. Aliás, Parisa passara grande parte do mês passado com uma abastada herdeira mortal que lhe comprara a roupa que agora trazia, as botas, a carteira. As pessoas eram todas iguais, na verdade, quando lhes tocávamos o âmago, e Parisa fazia-o sempre. Era essa a sua capacidade, ver coisas que supostamente não deveria ver. Neste caso, todavia, esta rapariga em particular era sem dúvida um caso perdido. Tinha um namorado de quem parecia gostar verdadeiramente. Também tinha *boas intenções*, que era o pior. Indicavam sempre alguém que não teria grande utilidade. A rapariga, Libby, era tão boa que não servia para coisa nenhuma. Parisa desviou os olhos dela rapidamente.

Reina, a naturalista com o *piercing* no nariz e cabelo preto curto e liso cortado a direito, era sem dúvida a presença mais ameaçadora na sala. Irradiava poder, algo que, na experiência de Parisa, era a marca de alguém

que seria melhor deixarmos em paz. Parisa colocou-a numa caixa mental que intitulou de «Não incomodar» e decidiu não se atravessar no seu caminho até indicação em contrário.

E depois havia Tristan, o inglês, de quem Parisa gostou logo momentos depois de se esgueirar discretamente nos seus pensamentos. Pela sua aparência, era alguém que sofrera uma adolescência pobre, física e emocionalmente. Ela registou os pormenores: as queimaduras no osso exterior do pulso direito, a cicatriz fina que divide a têmpora esquerda em duas, o dedo fraturado mal curado, uma mancha branca a atravessar o nó central do dedo. Quem quer que o tenha atormentado, ele já seguira em frente. Guardava na sua cabeça uma raiva putrefacta, dando-lhe socos surdos como num tambor tribal. Era evidente que não conhecia o motivo da sua presença ali mas, agora que ali estava, queria castigar toda a gente na sala, incluindo ele próprio. Parisa gostou disso. Achava interessante ou, pelo menos, identificava-se com isso. Reparou como Tristan espelhava o seu próprio processo de análise desde a posição onde se encontrava, a mais próxima da porta, reparando em tudo o que parecia desajustado naquela sala – todas as ilusões que todos os outros haviam usado para ocultar diversas partes de si mesmos, entre o pequeno toque de corretor numa mancha de *stress* escondida atrás da franja e as *nuances* falsamente douradas do cabelo de Callum –, e maravilhou-se um pouco com a sua pronta rejeição.

Não ficara grandemente impressionado.

Mudaria de opinião, pensou Parisa, se ela assim o decidisse.

O que não quer dizer que fosse necessariamente o caso. Uma vez mais, não lhe traria vantagem nenhuma ir atrás de alguém que não lhe dava nada em troca. Talvez a ligação mais vantajosa fosse, na verdade, o Curador, Atlas. Não podia ter muito mais de quarenta anos, o que era exequível o suficiente. Parisa estava já a calcular quanto esforço exigiria conquistar a lealdade de Atlas Blakely, quando a porta se abriu atrás deles e ela e os outros se voltaram na sua direção.

– Ah, Dalton – disse Atlas. Um homem elegantemente angular, de ancas estreitas, talvez alguns anos mais velho do que Parisa e vestido com uma

camisa de colarinho com botões limpa e engomada com linhas tão precisas quanto a zona lustrosa do seu cabelo negro-azeviche, assentiu com a cabeça em resposta.

– Atlas – disse ele numa voz grave, pousando o olhar em Parisa.

Sim, pensou Parisa. *Sim, tu*.

Ele achou-a linda. Fácil, todos achavam. Tentou não olhar para os seus seios. Não estava a resultar. Ela sorriu-lhe e os pensamentos dele dispararam, esvaziando-se em seguida. Ele permaneceu em silêncio por momentos e depois Atlas pigarreou.

– Apresento-vos a todos o Dalton Ellery – disse Atlas, e Dalton assentiu muito brevemente com a cabeça, passando os olhos por cima da de Parisa para, com um sorriso algo forçado, olhar para os outros presentes na sala.

– Bem-vindos – disse Dalton. – Felicito-vos por terem sido selecionados para serem admitidos na Sociedade de Alexandria. – A voz era suave e untuosa, apesar da postura levemente rígida, os ombros largos (resultado de um trabalho considerável, fazendo com que, Parisa tinha a certeza, as suas camisas tivessem de ser feitas especialmente à medida) pareciam encaixar-se desconfortavelmente no corpo. Estava total e meticulosamente barbeado. Aparentava ser fanático pelo asseio e ela sentiu vontade de comprimir a língua contra a nuca que assentava no seu pescoço belamente afunilado. – Estou certo de que todos compreenderam entretanto a honra que é estarem aqui.

– O Dalton é investigador cá e faz parte da última turma que fez a iniciação – informou Atlas. – Será ele a orientar-vos neste processo, vai ajudar-vos na transição para as vossas novas funções.

Parisa conseguia imaginar algumas funções para as quais não precisaria de ajuda nenhuma. Esgueirou-se no interior do subconsciente de Dalton e esquadrinhou-o. Gostaria ele de fazer o papel de caçador? Ou preferiria que fosse ela o agressor? Estava a bloquear algo contra o acesso dela, de toda a gente, e Parisa franziu o sobrolho, surpreendida. Não era inaudita a prática de algum método de defesa contra a telepatia, mas era ainda assim um esforço, mesmo para um medeico com uma dose considerável de talento. Esperaria Dalton que mais alguém na sala pudesse ler a sua mente?

Captou uma centelha de sorriso em Atlas, que lhe arqueou uma sobrancelha. Ela pestanejou.

Oh, pensou ela, e o sorriso dele ampliou-se.

Talvez agora fique a saber como é para os outros, disse Atlas, acrescentando então cuidadosamente, e aconselhá-la-ia a ficar longe do Dalton. Vou aconselhá-lo a ele a fazer o mesmo.

Ele segue normalmente as suas instruções?, perguntou Parisa.

O seu sorriso foi seguro. *Sim. E a menina também devia.*

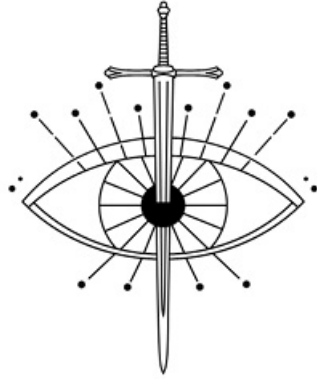
E os outros?

Não a posso impedir de fazer o que quer que venha a fazer ao longo do próximo ano. Ainda assim, há limites, menina Kamali.

Ela sorriu, rendendo-se, limpando a mente. Defensiva, ofensiva, tudo habilidades que ela dominava e, em resposta, Atlas acenou uma vez com a cabeça.

– Bom – disse Atlas. – Vamos então discutir os pormenores da vossa iniciação?

II



VERDADE



• NICO •

Nico mexia-se incessantemente. Era frequente movimentar-se assim, agitado. Sendo o tipo de pessoa que precisava de se mexer, era habitual ser incapaz de estar sentado quieto.

As pessoas geralmente não se importavam com isso, já que o mais provável era que ele sorrisse, soltasse gargalhadas, enchesse a sala com o dinamismo da sua personalidade, mas toda aquela agitação exigia-lhe bastante energia, conduzindo a uma algo inútil queima de calorías. Era sabido que, volta e meia, também extravasava vestígios de magia, se não estivesse atento, e a sua presença, por si só, tinha já a tendência para remodelar o cenário à sua volta sem que ele desse conta, forçando algumas coisas a desviar-se do seu caminho.

Libby disparou-lhe um olhar de aviso quando o chão sob os seus pés começou a ressoar. Sob aquela horrenda e espalhafatosa franja, os seus olhos mutáveis cor de ardósia eram recriminadores e demasiado alertas.

– Que se *passa* contigo? – murmurou-lhe ela depois de terem recebido licença para sair, referindo-se com uma estrondosa falta de subtileza a algo que provavelmente considerava uma perturbação irresponsável. Quando a reunião de recrutamento terminou, haviam sido levados pelos corredores de mármore do edifício onde o feitiço de transporte de Atlas Blakely os depositara. Em vez de serem transportados diretamente com um encantamento, como acontecera à chegada, saíram pelos respetivos portais de transportes públicos. Libby observara Nico implacavelmente desde que haviam saído do elevador que os conduzira ao piso térreo, onde ficava a placa giratória do sistema de deslocações mágicas de Nova Iorque, que se ramificava, como linhas de metropolitano, em direção a terminais de saída

igualmente discretos. Os corredores assemelhavam-se aos de um tribunal. Ou de um banco. Ou qualquer outro lugar onde o dinheiro passava de mãos em mãos. Era sempre tão espantosa, pensou Nico com amargura, a previsibilidade com que Libby reparava nos seus tremores de agitação. Mais ninguém teria identificado uma variação tão insubstancial no ambiente; mas é claro que havia sempre a querida Elizabeth, que nunca se abstinha de chamar a atenção de Nico para esse facto. Era como ter uma cicatriz feia, algo que não podia ocultar, mesmo que ela fosse a única pessoa a vê-la. Ele continuava sem ter a certeza se o deleite dela ao recordá-lo de tais insuficiências resultava da sua personalidade insuportável, dos seus poderes demasiado parecidos aos dele ou do seu longo historial de coexistência forçada. Pressupôs que deveria ser uma mágica combinação de todos os três fatores, tornando a origem da sua antipatia pelo menos 33 por cento culpa dela.

– É uma decisão difícil, é só isso – disse Nico, apesar de não o ser. Porque ele já a tomara.

Até lhes tinham dado um período de espera de vinte e quatro horas para decidirem se aceitariam a proposta de competirem pela iniciação na Sociedade de Alexandria, decisão essa que, claramente, Atlas esperava que tomassem individualmente no conforto das suas vidas separadas. Infelizmente, viver em Manhattan a meia dúzia de quarteirões de Libby Rhodes significava que ele e Libby tomavam o mesmo ponto de transporte e estavam agora a poucos instantes de chegar ao portal de entrada mágico da Grand Central Station em Nova Iorque (perto do bar de ostras).

Nico olhou para ela, concedendo em perguntar-lhe, num tom sobretudo inofensivo:

– Em que estás a pensar?

Ela respondeu-lhe com um olhar de soslaio, faiscando os seus olhos de ardósia na direção do bater nervoso do polegar de Nico contra a coxa.

– Estou a pensar que devia mesmo ter recebido a bolsa da NYUMA – resmungou ela e, como a boa disposição lhe era totalmente natural, Nico esboçou um sorriso confiante, que ocupou impiedosamente toda a extensão dos seus lábios.

– Eu sabia – disse ele, triunfante. – Eu *sabia* que a querias. Tu só falas da boca para fora, Rhodes.

– Céus. – Ela revirou os olhos, remexendo novamente na franja. – Nem sei porque me dou ao trabalho.

– Responde só à pergunta.

– Não. – Ela virou-se para ele e fez-lhe uma careta. – Pensava que tínhamos acordado nunca mais voltarmos a falar depois da licenciatura?

– Bom, parece-me evidente que isso não vai acontecer.

Ele bateu o polegar contra a coxa mais algumas vezes, no preciso momento em que ela disse, sem se dirigir a ninguém: «adoro esta música», o que era mais uma das diferenças habituais que os distinguiam. Ele fora o primeiro a sentir a presença do ritmo; ela ouvira a melodia primeiro e identificara-a mais rapidamente.

Uma vez mais, não havia forma de saber se eles sempre haviam sido assim ou se o haviam aprendido ao longo da sua inseparabilidade indesejada. Se não fosse ela, Nico talvez não tivesse reparado na maioria das coisas que fazia, e provavelmente vice-versa. Uma maldição singularmente inquietante, na verdade, o facto de saber tão pouco sobre como levar a sua existência quando ela não estava presente; a sua única fonte de prazer era saber que ela provavelmente sentia o mesmo quando se forçava a tolerar esse reconhecimento.

– O Gideon manda-te provavelmente cumprimentos – disse Nico, o que era uma espécie de oferenda.

– Eu sei – respondeu Libby. – Ele cumprimentou-me quando o vi esta manhã. – Uma pausa, e depois: – Sabes, ele e o Max gostam de mim, mesmo que tu não gostes.

– Sim, eu sei. E tens razão, detesto isso.

Os seus sapatos ecoaram pela escadaria abaixo enquanto saíam da Grand Central e emergiam no passeio, onde ficariam livres para transportar-se com magia aonde quisessem – fim de conversa.

Ou talvez não.

– Os outros candidatos são mais velhos do que nós – observou Libby em voz alta. – Todos eles já estavam a trabalhar, sabias? Parecem todos tão...

sofisticados.

– A aparência não diz tudo – disse Nico. – Muito embora aquela miúda, a Parisa, seja incrivelmente *sexy*.

– Meu Deus, não sejas porco. – Libby soltou um vago sorriso, que nela resultava geralmente num sorriso afetado. – Não tens hipótese nenhuma com ela.

– Se tu o dizes, Rhodes.

Nico deslizou uma mão pelo cabelo, apontando para o bairro mais adiante.

– Nesta direção?

– Pois.

A necessidade ditava alguns períodos de acalmia na sua infindável guerra pela supremacia. Pararam durante o habitual meio segundo para garantir que nenhum táxi passava a voar pelo cruzamento antes de atravessarem a rua.

– Vais aceitar, não vais? – perguntou-lhe Libby. Os seus surtos habituais de ansiedade estavam ao rubro, plenamente visíveis quando ela enrolava o cabelo castanho com uma mão, mordendo distraidamente o lábio.

– Provavelmente, sim. – Decididamente, sim. – Tu não?

– Bom... – Ela hesitou. – Quero aceitar, é claro, não sou estúpida. Não posso deixar passar esta oportunidade, é ainda melhor do que a bolsa da NYUMA. Mas... – interrompeu-se. – Não deixa de ser intimidante.

Mentirosa. Ela já sabia que era boa; estava a cumprir o papel social da modéstia que, sabia, ele não se dignaria a representar.

– Tens mesmo de trabalhar a tua autoestima, Rhodes. A autodepreciação como traço de personalidade já saiu de moda há pelo menos cinco anos.

– És mesmo idiota, Varona. – Ela agora roía a unha do polegar. Um hábito estúpido, embora ele detestasse muito mais o hábito de torcer o cabelo.

– Odeio-te – acrescentou ela. Um tique conversacional totalmente gratuito que se havia estabelecido entre eles, à semelhança de um «hum-hum» ou de uma pausa para reflexão.

– Sim, sim, já percebi. Quer dizer que vais avançar?

Ela renunciou por fim ao seu fingimento, revirando os olhos.

– É claro que sim. Assumindo que o Ezra não se importa.

– Credo. Não podes estar a falar a sério.

De vez em quando, Libby conseguia convocar um olhar que lhe fazia mirrar os testículos, e aquela era uma dessas situações. Era o tipo de olhar que o recordava de que ela o pusera em chamas na primeira vez que o conheceu, sem sequer pestanejar.

Gostaria mais dela se o fizesse mais vezes.

– Vivo com ele, Varona, e acabámos de assinar um novo contrato de arrendamento – avivou-lhe Libby a memória, como se Nico alguma vez pudesse esquecer a sua absurda ligação a Ezra Fowler, o seu antigo conselheiro e um desmancha-prazeres por natureza. – Acho que se calhar lhe devia contar que estou a pensar ir para Alexandria durante um ano. Ou mesmo mais tempo, imagino eu. Quer dizer, pressupondo que consigo ser iniciada – respondeu ela, com ar de quem se limitou a não pronunciar *e é claro que serei*.

Trocaram um olhar de concordância que não carecia de tradução.

– Quero dizer, tu *vais* falar sobre o assunto com o Max e o Gideon, não vais? – desafiou-o Libby, arqueando de novo uma sobrancelha sob a franja.

– Sobre o arrendamento? Estão incluídas despesas de deslocação – comentou Nico, hesitando.

Ela olhou-o de lado.

– Vocês não estiveram separados mais de uma hora desde que entraram como caloios.

– Dizes isso como se estivéssemos unidos cirurgicamente. Cada um tem a sua vida – recordou-lhe Nico enquanto atravessavam a Sexta Avenida na diagonal, rumando firmemente a sul.

O sobrolho de Libby ficou irritantemente perdido algures no meio da sua testa.

– *Temos*, sim – atirou Nico, e os lábios dela reviraram-se-se para cima, duvidosos. – De qualquer modo, eles não têm planos para fazer nada. O Max é podre de rico e o Gideon... – interrompeu-se. – Bem, tu conheces o Gideon.

Ela enterneceu-se.

– Sim. Pois é.

Ela remexia no cabelo enquanto os dois percorriam os últimos cinquenta metros em silêncio. Ocorreu a Nico, não pela primeira vez, que ele devia mesmo começar a fazer jogos de apostas com base nas manifestações de ansiedade de Libby Rhodes.

– Até amanhã – disse ele, parando quando chegaram ao quarteirão dela.

– Certo?

– Hum? Sim, pois.

Ela estava a pensar nalguma coisa.

– Certo e...

– Rhodes. – Ele suspirou, e ela levantou os olhos, franzindo o sobrolho. –

Olha, simplesmente não... tu sabes. Não te armes toda em Rhodes em relação a esta coisa.

– Isso não existe, Varona – resmoneou ela.

– Existe, pois – garantiu-lhe ele. – Vê lá se não te escapas disto *à la* Rhodes.

– *Mas que r...*

– Tu percebes – cortou-lhe a palavra. – Não passes o tempo todo, tipo, a stressar ou lá o que tu fazes sempre. É muito cansativo.

Ela retesou o maxilar.

– Quer dizer agora que sou cansativa?

Era mesmo, e o facto de não o saber permanecia para ele um eterno mistério.

– Tu és boa, Rhodes – lembrou-lhe ele, apressando-se a cortar-lhe a fala antes que se pusesse desnecessariamente na defensiva. – És boa, está bem? Aceita simplesmente que eu não me daria ao trabalho de te odiar se não fosses.

– Varona, partes com isso do princípio de que eu me ralo *de todo* com aquilo que tu pensas.

– Tu ralas-te com o que toda a gente pensa, Rhodes. Especialmente eu.

– Oh, *especialmente* tu, a sério?

– Sim. – Evidentemente. – Não vale a pena negares.

Ela agora ficara agitada, o que pelo menos era uma melhoria face ao estado de fraqueza e insegurança.

– Olha, como queiras – resmungou ela. – Pronto... adeus. Até amanhã, acho eu. – Ela rodou nos calcanhares e afastou-se, subindo a rua.

– Diz ao Ezra que eu mandei cumprimentos – gritou, nas suas costas. Ela mostrou-lhe o dedo do meio por cima do ombro.

Estava tudo bem, então, ou pelo menos nada tinha mudado.

Nico franqueou a meia dúzia de quarteirões a pé até se fazer subir, com um gesto, pelas escadas acima do seu prédio, evitando passar pela tasca e quatro pisos de odores de cozinhados totalmente discordantes, chegando assim ao exíguo patamar do seu apartamento de duas assoalhadas (mal) convertido, onde, nos últimos três anos, haviam vivido paredes meias com várias gerações de uma família dominicana e o seu *chihuahua* indisciplinado. Manuseou as guardas de proteção e entrou pela casa adentro sem chave, ali encontrando os seus ocupantes habituais: um tipo de olhos amendoados que sofre de pseudoinsónias, não propriamente louro, não propriamente bronzeado, com uma barba de cinco dias e postura terrível, sentado no sofá minúsculo (que fora ganho numa partida de «pedra, papel ou tesoura» com os irmãos bengalis que viviam no andar de baixo), ao lado de um labrador preto a dormir todo esticado.

– Nicolás – disse Gideon, levantando os olhos ao ver Nico entrar, sorrindo. – *Cómo estás?*

– *Ah, bien, más o menos. ¿Ca va?*

– *Oui, ça va* – respondeu Gideon, dando um toque no cão. – Max, acorda.

Passado um momento de pausa, o cão esgueirou-se vacilante do sofá, estirando-se com as pálpebras pesadas a denotar contrariedade. Depois, num piscar de olhos, regressou à sua forma habitual, coçando indolentemente o pelo curto, olhando para Gideon por cima do ombro.

– Eu estava confortável, seu grandessíssimo palerma – anunciou o homem que, por vezes, era Maximilian Viridian Wolfe (minimamente domesticado, nas melhores circunstâncias) e, outras vezes, não o era.

– Mas eu não estava – retorquiu Gideon no seu habitual tom ponderado para depois se pôr de pé, atirando para o lado o jornal que estivera a ler. – Vamos sair? Para jantar?

– Não, eu cozinho – disse Nico. Era na verdade o único que o sabia fazer, considerando que Max não revelava por norma interesse algum em aprender competências práticas, ao passo que Gideon... tinha outros problemas. Naquele preciso momento, Gideon apresentava-se sem camisa, esticava as mãos por cima da cabeça, acima das habituais centelhas indomáveis do seu cabelo ruivo e, se não fossem as nódoas negras sob os olhos, teria parecido quase perfeitamente normal.

Não era, evidentemente, mas uma normalidade enganadora fazia parte do encanto de Gideon. Descontando a sua eterna falta de energia, Nico vira Gideon em piores estados do que este. Evitando precipitadamente a vigarista da sua mãe, Eilif, por exemplo. Ela era propensa a fazer aparições em casas de banho públicas ou numa ou outra sarjeta de águas pluviais. Ou isso ou a fugir à família adotiva, que era tão família como um bando de sanguessugas parasitas da Nova Escócia. A situação de Gideon agravara-se mais do que o costume nas últimas semanas, mas Nico estava bastante seguro de que isso era o resultado inevitável de ter terminado o curso na NYUMA. Durante quatro anos, Gideon conseguira levar uma vida relativamente normal, mas agora regressara a... bom, àquilo em que a vida se tornava, imaginava Nico, quando não temos nenhum sítio para ir e um caso grave de algo que alguém menos informado chamaria de narcolepsia crónica.

– *Ropa vieja?* – Sugeriu Nico, calando o que estava a pensar.

– Oh, *sim*. – Max esmurrou com um punho o lado do braço de Gideon, a caminho da casa de banho. Como sempre quando mudava de forma, Max estava completamente nu. Nico revirou os olhos e Max piscou o olho, não se dando ao trabalho de se cobrir enquanto passava.

– A Libby mandou-me uma mensagem – referiu Gideon a Nico na ausência de Max. – Diz que tu foste, como sempre, um perfeito idiota.

– Foi tudo o que ela disse? – desafiou Nico, com esperança de que fosse tudo.

Ah, mas é claro que não.

– Disse que vocês receberam uma misteriosa proposta de emprego qualquer.

– Misteriosa? – Ora bolas.

– Tendo em conta que não me quis dizer o que era, sim. – Tinham todos sido avisados de que não deveriam contar, mas ainda assim...

– Acho incrível que ela já te tenha contado – resmungou Nico, uma vez mais indignado. – Agora a sério, como?

– A mensagem chegou mesmo antes de tu entrares. E para que conste, aprecio o facto de ela me manter informado. – Gideon esticou-se para cima, coçando a parte de trás do pescoço. – Quanto tempo ias demorar a contar-nos se ela não o tivesse feito?

Aquela monstrelha traiçoeira. Era este então o castigo de Nico. Comunicação forçada com as pessoas que lhe eram importantes – algo que, ela *sabia*, ele odiava –, tudo porque insinuou que o namorado dela era precisamente aquilo que era.

– Demora algum tempo a fazer *ropa vieja* – objetou Nico, recolhendo-se apressadamente na *kitchenette*, que não fora remodelada (além dos chamados «jeitinhos» de Max, também designados por «pequenos danos patrimoniais») desde o advento da refrigeração, possuindo apenas espaço suficiente de bancada para poder ser considerado uma cozinha. – Tem de refogar algum tempo.

– Resposta errada, Nico – gritou-lhe Gideon de longe e, arrependido, Nico estacou, suspirando.

– Eu – começou ele, voltando-se de novo na direção de Gideon. – Eu... não posso dizer o que é. Ainda não.

De olhos suplicantes, Nico invocou a confiança infalível que haviam criado nos quatro anos de história partilhada e, passado um momento, Gideon encolheu os ombros.

– OK – concedeu, seguindo o trajeto de Nico até ao fogão. – Mas continuas a ter de nos contar coisas, sabes bem disso. Ultimamente tens andado a tratar-me com paninhos quentes, é esquisito. – Gideon fez uma pausa. – Estou aqui a pensar que se calhar desta vez não devias vir.

– Porque não? – exigiu saber Nico, endireitando-se de um salto do sítio onde estivera a esvaziar o forno (Max *não* estava autorizado a guardar trabalhos de casa ali, *e no entanto...*), falhando por pouco uma colisão com os utensílios de cozinha pendurados acima da sua cabeça.

– Porque o estás a tratar como um bebé – surgiu a voz arrastada de Max ao sair do quarto para tirar uma cerveja do frigorífico, entalando o ombro de Nico com o seu. Max condescendera em vestir uma mistura incongruente de calças de fato de treino e uma camisola de caxemira, o que era pelo menos uma melhoria face ao estado sanitário em que se apresentava o apartamento. – Estás a stressar, Nicky. Ninguém gosta de gente stressada.

– Não estou nada – começou Nico, suspirando mal deparou com o ar cético de Gideon. – Pronto, tudo bem, estou a stressar. Mas em minha defesa, faço com que pareça muito atraente.

– Desde quando é que tens tempo para desenvolver instintos maternos? – perguntou-lhe Max, farejando o ar quando Nico começou a examinar a comida na cozinha.

– Provavelmente numa aula qualquer a que tu não foste – disse Gideon a Max, voltando de novo a sua atenção para Nico. – Ei – alertou Gideon em voz baixa, dando um toque a Nico. – Estou a falar a sério. Se vais para algum lado, eu gostava de saber.

Enfim. Isso era o que *Gideon* pensava. Gideon já não estava propriamente informado sobre as muitas coisas que Nico fizera sem o seu conhecimento. (Fora mais difícil ocultar de Gideon as guardas de segurança que Nico erigira em seu redor do que propriamente criá-las – já de si uma impressionante medalha no intrépido painel de galardões de Nico, apesar da ausência de aplausos.) Ainda assim, não era do interesse de ninguém reconhecer abertamente a ameaça que constituía Eilif, a mãe de Gideon. De igual modo, Nico achava não faria qualquer bem falar das possíveis calamidades que a Sociedade poderia trazer consigo, caso aceitasse a proposta.

Em geral, Nico gostava de pensar que, de vez em quando, algumas coisas silenciadas entre ele e Gideon eram o preço a pagar pelo seu afeto mútuo.

Uma linguagem de amor, se assim quisermos.

– Nem sequer vais dar conta de que não estou cá – comentou Nico com um olhar de soslaio.

– Porquê, estás a contar que te vá visitar?

Nico esticou-se e empurrou Gideon com a mão para o tirar do caminho do frigorífico.

– Sim – respondeu, fingindo não perceber que a sua resposta deixara Gideon algo aliviado. – Na verdade, podias vir, sim. Podia pôr-te numa linda gaveta qualquer, estás a ver? Pôr-te direitinho no meu armário.

– Não, obrigado. – Gideon baixou-se até ao chão e encostou-se aos armários rasteiros, bocejando. – Tens mais daquele...

– Sim. – Nico remexeu uma das gavetas da cozinha, atirando a Gideon um frasco, que este apanhou com uma mão. – Mas só o vais tomar – avisou Nico com uma espátula – se me deixares ir esta noite.

– Não consigo decidir se isso reflete a tua preocupação comigo ou se apenas o teu enorme receio de que alguma coisa empolgante possa acontecer sem estares presente – resmoneou Gideon, esvaziando o conteúdo do frasco. – Mas sim, OK, anda lá.

– Ei, tu precisas de mim. Isso não é assim tão fácil de conseguir – lembrou Nico, embora um dos segredos afetuosamente silenciados entre Nico e Gideon fosse precisamente até que ponto era difícil de conseguir. Tivera de fazer muitas coisas que não gostaria de dizer em voz alta só para garantir que a estudante de alquimia do terceiro ano esvaziara o suficiente a mente para ele lhe conseguir roubar a fórmula. Que ele até tenha conseguido a competência telepática requerida para o tal furto – que demorara quase todos os quatro anos na NYUMA para aprender, e que o esgotara a ponto de, durante quatro dias, Libby Rhodes pensar que estava às portas da morte ou a tentar levá-la a *ansiar* pela sua morte – era já mais do que teria feito por qualquer outra pessoa.

O problema de ter Gideon como amigo era a constante possibilidade de o perder. As pessoas como Gideon (que, em toda a justiça, não era *tecnicamente* uma pessoa), segundo a maioria das leis da natureza, não deveriam sequer existir. Os pais de Gideon, uma sirénia irresponsável e um

equidae ainda mais irresponsável (uma sereia e um sátiro, respetivamente, em termos comuns), tiveram sempre 25 por cento de possibilidades de a sua descendência ter uma aparência perfeitamente humana, que era o caso de Gideon. Como é evidente, eles estavam-se nas tintas para o facto de o seu filho de aparência humana não ser algo que pudesse ser tecnicamente registado ou de que, apesar de possuir capacidades medeicas, não teria direito à classe de espécie a que todos os medeiros eram obrigados a pertencer à luz da lei. Gideon não beneficiava de nenhuma assistência social, não podia ser contratado legalmente e, infelizmente, não podia fazer omeletes sem ovos sem um esforço considerável. O facto de Gideon ter sequer recebido uma educação fora sobretudo accidental, a par de um caso de fraude institucional em grande escala.

Tudo se resumia basicamente a uma coisa: a oportunidade de estudar uma subespécie como Gideon não era algo que a NYUMA estivesse disposta a perder, mas agora que ele já não estava inscrito como estudante, voltara simplesmente a não ser nada.

Apenas um homem que consegue caminhar dentro de sonhos e o melhor amigo de Nico.

– Desculpa – disse Nico e ergueu os olhos. – Ia falar-te da nova bolsa, mas...

Sentia-se culpado.

– Não me canso de te dizer – observou Gideon – que não tens de o fazer.

Apesar de Libby Rhodes gozar com o facto de Nico e Gideon estarem unidos como dois siameses, isso acontecia apenas para que Nico pudesse garantir pessoalmente a sobrevivência de Gideon. Libby não o compreenderia, é claro; ela era uma daquelas raras pessoas que sabiam que Gideon não era o que parecia, mas não tinha noção do que isso significava. Não sabia da frequência com que Gideon acabava por se ver em sarilhos. Como nem sempre se conseguia fixar corporeamente num só reino ou como ele muitas vezes ficava imerso dentro da própria cabeça, perdido nos espaços intangíveis do pensamento e do subconsciente, incapaz de encontrar o caminho de volta. Acima de tudo, Libby não sabia que Gideon tinha inimigos ou que aqueles que conheciam a sua natureza e que tinham

a intenção de a usar – incluindo a mãe, Eilif – eram extremamente perigosos.

Libby também não sabia que, embora Nico não a subestimasse, ela o subestimava a ele, implacavelmente. Ele aperfeiçoara competências em diversas especialidades além da sua e isso custara-lhe muito esforço. Conseguia mudar de forma para seguir os outros dois no ambiente dos sonhos (os animais tinham menos restrições de contornos do que os humanos), mas apenas depois de aprender a manusear cada elemento da sua própria estrutura molecular – algo que fazia apenas uma vez por mês, já que implicava um dia inteiro de recuperação logo a seguir. Conseguia fabricar uma infusão que permitia que a forma física de Gideon se ligasse mais permanentemente à realidade onde se encontrasse no momento, mas apenas depois de um esforço excruciante, que deixou Nico com dores intensas e lancinantes durante uma semana.

Gideon, cuja compreensão dos contributos de Nico era deliberadamente incompleta, considerava excessivos até os esforços de que tinha conhecimento; Nico, que conhecia o alcance do que realmente fazia, via estas suas ações como risíveis e insignificantes. Como explicar isto? Desde o início da sua amizade, Nico encarara Gideon como um enigma, um mistério, algo que usava para apaziguar a sua mente inquieta. Mais tarde, tornou-se claro que Gideon era, na verdade, tão obscuro como Nico suspeitara, embora por razões completamente diferentes. Como era possível uma pessoa (ou lá o que Gideon era) ser tão esmagadoramente sensata, tão hediondamente segura de si? Mais importante ainda, como era possível que uma pessoa com a inexplicável e imperdoável bondade de Gideon visse tanto valor em Nico que, no seu melhor, era uma fraude sem remorsos? Realmente, era de o deixar abananado.

A questão era que Nico não ia recusar de forma alguma a proposta da Sociedade. Poder? Precisava disso. Uma cura obscura que pudesse encontrar num misterioso bloco de arquivos? Também precisava disso. Dinheiro, prestígio, conhecimentos? Precisava de tudo aquilo, e Gideon estaria melhor e mais seguro com este acesso. Dois anos fora não era seguramente pedir muito.

– Lamento – repetiu Nico. – Não sabia como te dizer que me ia embora. Não sei – corrigiu – como te dizer que *tenho* de ir e não te posso dizer porquê. Preciso só que acredites quando te digo que o tempo que vou passar fora vai valer a pena.

O sobrolho de Gideon vincou-se por instantes, num conflito silencioso. E depois abanou a cabeça.

– Nunca contei que deixasses a tua vida em suspenso por mim, Nico.

Não, isso é verdade, e essa era a única razão pela qual Nico o fizera – ou, em todo o caso, pensara que não houvera outra razão, até hoje.

– Olha, quando te tornaste meu amigo, passaste a ser problema meu – disse-lhe Nico e depois, dando conta do que acabara de dizer, corrigiu-se: – Ou, tu sabes, passaste a ser meu. Ou isso.

Gideon levantou-se com um suspiro.

– Nico...

– Será que vocês podem parar de bichanar? – gritou Max do sofá. – Está difícil ouvir daqui.

Nico e Gideon trocaram um olhar.

– Ouviste o que ele disse – comentou Nico, imaginando que não valia a pena continuar a discussão.

Gideon, que tomara evidentemente a mesma decisão, tirou algumas cenouras da gaveta dos legumes para fazer um acompanhamento, afastando Nico com um pequeno movimento da anca.

– Posso ralar?

– Já me estás a ralar – resmungou Nico, mas captou o vislumbre de um sorriso no rosto de Gideon e decidiu que o resto da conversa podia esperar.

• TRISTAN •

O problema de se ver através das coisas tão imediatamente era que se desenvolvia um certo grau de cinismo natural. Algumas pessoas podiam sucumbir à promessa de conhecimento e poder sem a compulsão de pôr a nu os possíveis obstáculos, mas Tristan não era uma dessas pessoas.

– Preciso de falar consigo – disse ele, deixando-se ficar para trás dos outros cinco candidatos e aproximando-se do Curador que insistira tão evasivamente em recrutá-lo.

Atlas ergueu os olhos da conversa em surdina com quem quer que fosse aquele homem que viera falar monotonamente sobre a Sociedade – Dalton-qualquer-coisa, que espalhava uma grande quantidade de magia enquanto falava. Era este, em parte, o motivo por que Tristan não se esforçara por ouvir. Se o queriam convencer a deixar a vida que construía tão meticulosamente, não se ia deixar levar por ilusões ou manipulações. Seria uma escolha sua, baseada em factos irrefutáveis, e Atlas teria de lhos dar, caso contrário Tristan ir-se-ia embora.

Tão simples quanto isto.

Atlas parecia ter percebido de imediato tudo isso com um breve olhar e indicou a Dalton que deveria sair. A sala, com todo o seu frio mobiliário de cabedal e a total ausência de personalidade ou arte, emanava uma sensação muito diferente sem os outros lá dentro. Cheirava a bafio e era sinistramente dúplice, como encontrar um espaço vazio sob uma máscara.

– Pergunte – incitou Atlas, nem paciente nem impacientemente, e os lábios de Tristan crisparam-se.

– Sabe tão bem quanto eu que as minhas capacidades são raras, mas não úteis. Não pode mesmo pensar que eu acredito ter uma das seis

especialidades mágicas mais valiosas do mundo.

Atlas inclinou-se de encontro à mesa ao centro da sala, ponderando por instantes a posição de Tristan ao lado da porta, num silêncio contemplativo.

– Por que motivo tê-lo-ia então escolhido – desafiou Atlas – se não acreditasse que o merecia?

– É precisamente isso que quero saber – respondeu Tristan com firmeza.
– Se isto tem alguma coisa que ver com o meu pai...

– Não tem – atalhou Atlas, minimizando a importância dos receios de Tristan com um aceno de mão e um gesto para que o seguisse, enquanto avançava abruptamente porta fora. – O seu pai é um feiticeiro, Sr. Caine. E bastante competente – admitiu Atlas, atirando esta observação por cima do ombro enquanto Tristan aceitava segui-lo com relutância –, mas é um tanto ou quanto vulgar.

É claro que Atlas gostaria de levá-lo a acreditar nisso. Não era a primeira vez que alguém tentava ampliar as capacidades de Tristan para se infiltrar no gangue do pai.

– O meu pai é o cabecilha de uma organização criminosa mágica – disse Tristan, parando a meio do corredor – e mesmo que ele não o fosse, *eu* sou...

– O senhor – interrompeu Atlas – nem sequer compreende o que é, eu apostaria. – Parou numa bifurcação do corredor, à espera, com um esgar, e Tristan voltou a segui-lo. – Qual era a sua especialidade? – perguntou Atlas enquanto caminhavam. – E não estou a falar das suas aptidões – explicou. – Refiro-me à credencial que recebeu da Escola de Magia de Londres na qualidade de medeico.

Tristan examinou-o circunspectamente, acompanhando-lhe a passada.

– Pensava que já sabia tudo sobre todos naquela sala.

– E sei – respondeu Atlas com um encolher de ombros –, mas sou um homem bastante ocupado e importante, com muitas coisas em que pensar, por isso preferia que mo dissesse.

Certo. Não valia a pena arrastar o assunto.

– Estudei na faculdade de ilusão.

– Mas não é um ilusionista – salientou Atlas.

– Não – disse Tristan bruscamente –, mas consigo ver *através* das ilusões...

– Não – retificou Atlas, sobressaltando-o. – Consegue fazer mais do que apenas ver *através* das ilusões.

Atlas desviou-se inesperadamente dos elevadores quando os alcançou, conduzindo Tristan ao invés por uma série de portas de vidro não assinaladas.

– Por aqui – indicou Atlas e, embora Tristan não quisesse nem de perto prolongar esta misteriosa expedição, deixou que Atlas o levasse por um corredor estreito que desembocava num átrio mais amplo.

Era evidente que esta ala do edifício era mais antiga, tinha pelo menos mais uns dois séculos, quem sabe até mais. A soleira da porta emoldurada a vidro, contrapondo o mármore cintilante com pedra mais antiga, sugeria que o lugar onde estiveram antes fora acrescentado recentemente.

– Aqui – determinou Atlas depois de atravessarem metade de um corredor comprido sem janelas, parando abruptamente diante de um quadro pendurado na parede.

– Este quadro retrata o quê?

Era um retrato, sem nada digno de nota, de mais um homem com demasiado dinheiro, postado sozinho diante de uma tapeçaria. Dececionante. Tanto quanto Tristan conseguia perceber, a tática de Atlas nada mais era do que uma retórica previsível, as ferramentas habituais do recrutamento ritualístico. Sem respostas, apenas perguntas. Evasão e lisonja, mistério e ocultação.

– Não tenho tempo – disse Tristan, impaciente – para joguinhos. Garanto-lhe que o meu diagnóstico foi feito por todos os medeiros da Escola de Londres e eu sei até que ponto as minhas capacidades são...

– No momento em que eu perguntei – interrompeu Atlas –, o senhor identificou este quadro como um retrato do amante do artista. – Fez novamente um gesto na direção do quadro atrás de si. – Viu uma série de coisas, é claro, muito mais do que eu fui capaz de distinguir na minha breve incursão nas suas observações, mas olhou para este retrato insípido de um benfeitor da Sociedade do século XIX e interpretou os pormenores que o

levaram a concluir o que tinha diante de si, algo que mais ninguém poderia ter visto.

Atlas apontou para o título na placa, onde se lia simplesmente: VISCONDE WELLES, 1816.

– Determinou que a luz que incide pela janela não é a de um típico estúdio de retratista, mas sim um local que tanto o artista como o indivíduo consideravam desconfortável. Reparou que a sua apresentação era informal e que as marcas da sua classe social foram acrescentadas apressadamente *a posteriori*. Chegou a esta sensata conclusão, não com base no que lhe foi apresentado, mas sim no que conseguiu deduzir. Isto acontece porque vê os componentes – sublinhou Atlas, e Tristan, sempre receoso de alguma agenda escondida, manteve uma prudente descrença. – No plano dos mortais, isto faria de si um sábio. Também vê componentes mágicos e é por isso que foi identificado com uma classificação medeica. Mas tem razão – admitiu – em suspeitar de que o nosso interesse em si vai além da magia que deliberadamente nos mostrou até agora.

Atlas prendeu Tristan com um olhar de imensa e perturbadora expectativa.

– O senhor é mais do que raro – disse Atlas, pronunciando as palavras perentoriamente. – Não faz a mais ínfima ideia das suas capacidades, Tristan, porque nunca ninguém soube o que fazer consigo, pelo que nunca se deparou com um motivo para as conhecer. Já alguma vez estudou o espaço? O tempo? O pensamento? – Deixando Tristan momentaneamente desorientado, Atlas disse: – Precisamente. Foi educado lado a lado com um grupo de ilusionistas, cuja única intenção é lucrar com um passe de mágica que tenha valor de mercado.

Tristan eriçou-se.

– É isso que pensa que sou?

– É claro que não, Tristan, caso contrário não estaria aqui a tentar convencê-lo do contrário.

Tristan ponderou essa ideia por instantes.

– Ao ouvi-lo, fico com a sensação de que o jogo está já arranjado a meu favor – observou, ainda à defesa, e Atlas abanou a cabeça.

– De todo. Eu sei como o senhor é útil; é a sua vez de convencer os outros. A promessa dos seus talentos não é nada comparada com aquilo que, no fim de contas, provar que realmente é.

Nesse momento, Atlas brindou Tristan com um sorriso breve e distraído, expressando assim, sem palavras, que desejava pôr fim à conversa.

– Não lhe posso prometer nada – disse Atlas. – Não lhe prometerei, aliás, mesmo nada, e o que quer que leve daqui, não se iluda; nada do que lhe disse constitui garantia de coisa alguma. Ao contrário dos outros no seu grupo de iniciação, os seus poderes estão ainda em grande parte por testar. O seu potencial praticamente não foi concretizado e, por maior que seja a minha convicção de que é incomparável, terá de ser o senhor a materializá-lo. Receio bem, Sr. Caine, que terá simplesmente de ir a jogo se quiser colher a recompensa.

Tristan não era totalmente avesso ao risco; era sabido que já arriscara antes a sorte de formas algo temerárias. Com efeito, a maioria da sua vida atual fora uma espécie de jogo de sorte e, embora fosse compensador de acordo com os seus desígnios, de início não tivera consciência da insatisfação que, afinal de contas, lhe trazia esse resultado.

Era evidente para Tristan que o poder nunca era dado, apenas tirado. Merecido ou não, tinha de ser agarrado, não oferecido por Atlas Blakely ou pela mão de qualquer outra pessoa.

Por mérito próprio, Tristan casar-se-ia com uma herdeira daí a poucos meses, seria o herdeiro de um agente incrivelmente importante da economia da magia, distanciar-se-ia totalmente da organização do pai – e, suspeitava, seria tão provável saltar de uma ponte como envenenar «acidentalmente» as *kombuchas detox* favoritas de Rupesh.

Vamos jogar, então.

– Acompanho-o até aos elevadores? – perguntou Atlas.

– Não, obrigado – respondeu Tristan, que percebeu que devia começar a aprender os caminhos do edifício. – Encontro-os sozinho.

• PARISA •

Seguir o caminho percorrido por Dalton Ellery não era uma tarefa especialmente desafiante. Uma parte oculta do edifício era mais antiga, moderadamente sensível, com camadas intrincadas de encantamentos que haviam desenvolvido um sentido de pensamento básico primordial. Da perspectiva de Parisa, o edifício possuía uma mente como qualquer outro e era bastante simples identificar o movimento das passadas de Dalton Ellery ao longo das vértebras dos corredores. Praticamente sem esforço, Parisa seguiu silenciosamente a trajetória de Dalton.

Para seu alívio, ele continuava bem-parecido ao segundo olhar, os maldades altos e preeminentes naquele modo principescamente clássico. Portanto, não era apenas o rosto que criara para lhes mostrar na reunião. Os encantamentos de disfarce, de todo o tipo, eram demasiado trabalhosos para usar em momentos desnecessários, como aquele.

Ela sentia, contudo, a pequena rasteira de um mecanismo oculto quando ele detetou a sua presença; as suas defesas puseram-se a voar pelo corredor vazio.

– Não me parece ser o tipo de pessoa que ambiciona o poder – atreveu-se Parisa, optando por adivinhar em voz alta que tipo de homem era Dalton Ellery. A afirmação era tão certa quanto banal; ele tinha uma aparência estudiosa e uma solenidade que não se prestava à fanfarronice hipermáscula dos políticos e dos homens de negócios.

A sua avaliação mais imediata – a conjectura mais rebuscada – fora que a sinceridade poderia enervá-lo ou, pelo contrário, encorajá-lo. Qualquer uma das hipóteses seria o bastante para lhe garantir a ela um lugar nos seus pensamentos, já que seria como deixar uma porta escancarada atrás de si.

Ela encontraria mais facilmente o caminho de volta aos seus pensamentos a partir do momento em que já tivesse estado antes dentro da sua cabeça.

– Menina Kamali – disse Dalton, num tom calmamente ponderado, apesar da surpresa inicial. – Não imagino que eu possa parecer muita coisa, considerando o nosso encontro tão pouco elucidativo.

Hum. Aquilo era, no mínimo, pouco informativo. Nem nervoso, nem encorajador; meramente factual.

Tentou novamente, apalpando terreno:

– Por ter sido tão breve, é isso? Eu não descreveria de todo como pouco elucidativo nada do que acabou de acontecer.

– Não? – Ele encolheu os ombros, inclinando a cabeça como quem hesita. – Enfim, talvez tenha razão. Se me dá licença...

Assim não podia ser.

– Dalton – disse, e ele voltou-se para ela, dirigindo-lhe um olhar de delicadeza intensamente contida. – Mas será seguramente razoável pensar que ainda tenho dúvidas por resolver, apesar da sua apresentação tão esclarecedora.

– Dúvidas sobre...?

– Tudo. Esta Sociedade, entre outras coisas.

– Bom, menina Kamali, receio bem que não lhe possa dar muitas respostas além das que já forneci.

Se Parisa não estivesse já ciente do pouco que os homens se importavam com os indícios de frustração feminina, poderia ter feito uma careta. A indiferença dele era muito pouco útil.

– O senhor... – experimentou ela, aventurando-se num tema mais eficaz –, em tempos o senhor optou por se submeter também a este processo, não foi?

– Sim – respondeu Dalton, deixando um *evidentemente* por dizer.

– Fez a sua escolha depois de um único encontro como este? – desafiou-o ela. – Foi contactado pelo Atlas Blakely, sentou-se numa sala com desconhecidos, tal como nós... e limitou-se a aceitar, sem fazer perguntas?

Por fim, um laivo de hesitação.

– Sim. Como seguramente percebeu, é uma proposta muito atrativa.

– Mas, então – salientou ela –, optou por ficar para lá do período de iniciação.

O seu sobrolho estremeceu; outro sinal promissor.

– Isso surpreende-a?

– Evidentemente – disse ela, aliviada por ver que ele assumia finalmente um papel mais ativo na conversa. – Naquela sala, quis vender-nos a ideia de poder, não foi? Regressar ao mundo após a iniciação para tirarmos partido dos recursos disponibilizados aos membros da Sociedade – explicou.

– E no entanto, tendo-lhe sido dada a oportunidade de o fazer, escolheu ficar aqui. – Como clérigo, essencialmente. Uma espécie de intermediário entre o divino alexandrino e o seu rebanho de eleitos.

– Em tempos, alguém me disse que eu não parecia o tipo de pessoa que ambiciona o poder – retorquiu Dalton.

Ela sorriu. Ele ainda não o sabia, mas ela encontrara a sua base para avançar.

– Bom, suponho que não há grandes razões para eu *não* aderir – respondeu Parisa com um encolher de ombros. Afinal de contas, não tinha nada a prendê-la. – Acontece que não aprecio particularmente o trabalho em equipa.

– Ficará contente por ter uma equipa – garantiu-lhe Dalton. – As especialidades são escolhidas, em parte, de modo a complementarem-se entre si. Três de vocês são especialistas da área física, ao passo que os outros três...

– Quer dizer que conhece a minha especialidade.

Ele sorriu sombriamente.

– Sim, menina Kamali.

– E posso supor que não confia em mim?

– Por norma, evito confiar em pessoas com as suas características – respondeu Dalton. Isso, pensou Parisa, já dizia muito.

– Então já suspeita de que o estou a usar – disse ela.

A sua resposta foi um sorriso seco, cuja tradução era suficientemente clara: *Tenho juízo suficiente para não responder a isso.*

– Bom – disse ela. – Suponho então que terei de provar que está errado.

Ele brindou-a novamente com um breve aceno de cabeça.

– Desejo-lhe muita sorte, menina Kamali – disse. – Deposito grandes esperanças em si.

Voltou-se, prestes a sair para o corredor seguinte, quando Parisa lhe agarrou o braço, apanhando-o desprevenido o tempo suficiente para se içar sobre os tornozelos, pousando as palmas das mãos no peito dele.

Ocorreria aqui um vaguíssimo pulsar de contemplação – o trabalho mais árduo era alcançado nos momentos antes de se conseguir alguma coisa. A promessa da respiração dela sobre os lábios dele; o ângulo com que a olhasse, os olhos escuros dela ampliados e a forma como ele ganharia gradualmente consciência do seu calor. Ele cheiraria o perfume dela agora e captaria indícios da sua presença mais tarde, questionando-se se ela teria virado uma esquina ali próxima ou se estivera recentemente naquela sala. Ele catalogaria a sensação da sua pequenez no mesmo momento incongruente em que registara a pressão da sua presença. A sua presença imediata, a sua proximidade, iriam perturbá-lo por momentos e, nesse instante, sem a presença de espírito para recuar, ele permitir-se-ia imaginar o que poderia acontecer em seguida.

O beijo em si foi tão frágil e breve, que pouca importância teve. Ela ficaria apenas a conhecer o odor da sua água de colónia, a sensação da sua boca. O pormenor mais importante de um beijo era normalmente a catalogação de um só facto: o beijo é devolvido? Mas *este* beijo, evidentemente, era de longe demasiado fugaz para ser informativo. Seria melhor que ele não o devolvesse, na verdade, já que nenhum homem permitiria que uma mulher acedesse aos recantos mais notáveis da sua mente se a beijasse com demasiada prontidão logo à partida.

– Peço desculpa – disse ela, tirando as mãos do peito. O equilíbrio era um assunto delicado; lançar o seu desejo para a frente e, ao mesmo tempo, afastar-se ela própria fisicamente. Quem não acreditava que aquilo era uma dança nunca tinha feito a coreografia o tempo suficiente ou com a devoção suficiente. – Receio bem que gastei mais energia do que queria – murmurou – a evitar fazer isto.

A magia era uma energia que todos sabiam não se dever desperdiçar. De alguma forma, sabia que ele se identificaria com isso.

– Menina Kamali. – Estas palavras, as primeiras depois de a beijar, teriam para sempre o seu sabor, e ela duvidava de que ele fugisse à oportunidade de proferir novamente o seu nome. – Penso que poderá haver aqui um mal-entendido da sua parte.

– Oh, sem dúvida que sim – disse ela –, mas a verdade é que gosto bastante de uma oportunidade para me fazer de mal-entendida.

Ela ergueu-lhe um sorriso e ele separou-se lentamente.

– Os seus esforços – disse ele – seriam mais bem gastos a convencer a sua turma de iniciação daquilo que vale. Eu não tenho nenhum impacto direto na decisão de ser ou não escolhida para a iniciação.

– Sou muito boa naquilo que faço. Não estou preocupada com as opiniões deles.

– Se calhar devia estar.

– Não costumo fazer aquilo que devo.

– Isso é evidente.

Ele lançou-lhe brevemente mais um olhar e, desta vez, para sua imensa satisfação, ela viu: uma porta a abrir-se.

– Se eu acreditasse na sua capacidade de ser sincera, recomendar-lhe-ia que desse meia volta e fugisse daqui para fora – disse ele. – Infelizmente, penso que dispõe de todas as armas necessárias para ganhar este jogo.

– Quer dizer que é um jogo, então. – Por fim, algo que ela podia usar.

– É um jogo – confirmou ele. – Mas receio bem que os seus cálculos estejam errados. Eu não sou uma peça útil.

Por norma, ela não falhava nos seus cálculos. Mas era bom que ele ficasse na dúvida.

– Nesse caso, se calhar estou só a divertir-me à sua custa – disse ela. Em seguida, não estando acostumada a ser aquela que ficava para trás, deu o primeiro passo de retirada. – Os portais de transporte ficam para aquele lado? – perguntou-lhe, apontando deliberadamente na direção errada. O instante que a mente dele demoraria a corrigir a informação com

precisão seria o suficiente para captar a sombra de algo, e ela tinha razão, observando a centelha de alguma coisa que estava fortemente suprimida.

– Por ali – respondeu Dalton –, mesmo ao virar da esquina.

O que quer que se escondia na sua mente não era um pensamento completo. Era uma afluência de coisas, identificáveis apenas pelo seu grau de carnalidade. Desejo, por exemplo. Ela beijara-o e ele desejava-a. Mas havia outra coisa, que não estava relacionada com o resto como por vezes acontecia. Normalmente ela não tinha dificuldade em interpretar os outros, mesmo diante de pessoas extremamente competentes a levantar defesas telepáticas, mas havia algo incognoscível que lhe obscurecia os pensamentos.

O desejo sexual era uma cor, mas o medo era uma sensação. Mãos pegajosas ou suores frios eram indicadores evidentes, mas mais frequentemente era algum tipo de incongruência multissensorial. Como ver o Sol e cheirar o fumo, ou sentir a suavidade da seda e sentir o gosto a bÍlis. Sons que se erguem de uma escuridão cega. Isto era parecido com isso, mas mais estranho. Dalton Ellery tinha decididamente medo de alguma coisa. Tragicamente, essa coisa não era ela.

– Obrigada – disse Parisa, com alguma sinceridade, e recuou ao longo do corredor, encontrando outra pessoa à espera no vestÍbulo de mármore, ao lado dos elevadores; o britânico, mais carrancudo do que nunca, cujas cicatrizes ela admirara com tanto cuidado.

Este, pensou ela, era interessante. Tinha qualquer coisa que se serpenteava no interior, algo que se empinava para atacar, mas o melhor que as cobras tinham era quão pouco se davam ao trabalho de fazer fosse o que fosse, a menos que alguém lhes tapasse o sol.

Além do mais, podia até chamar-lhe uma ocidentalização impiedosa, mas ela gostava de sotaques britânicos.

– Tristan, não é? – perguntou, vendo-o a levantar os olhos de um baço pântano de pensamentos. – Vais para Londres?

– Sim. – Ele estava a meio caminho entre escutar e pensar, apesar de, na sua maioria, não ser possível identificar os seus pensamentos. Por um lado, seguiam trajetos muito lineares, como um mapa de Manhattan, mas

também pareciam chegar a destinos que exigiriam mais esforço do que a energia de que Parisa dispunha para seguir naquele momento. – E tu?

– Também para Londres – disse ela, e ele pestanejou, surpreendido, voltando a focar a sua atenção nela.

Estava a lembrar-se das suas origens académicas na École Magique de Paris e das suas origens pessoais em Teerão, os dados básicos de apresentação distribuídos por Atlas.

Ótimo, quer dizer que estive a prestar atenção.

– Mas eu pensei que...

– Consegues ver através de todas as ilusões? – perguntou ela. – Ou só as más?

Tristan hesitou por momentos e depois torceu a boca. Tinha uma boca zangada, ou pelo menos habituada a camuflar a ira.

– És uma dessas – disse ele.

– Se não estiveres muito ocupado, devíamos ir tomar um copo – respondeu ela. Ele ficou imediatamente desconfiado.

– Porquê?

– Bem, não tenho razão nenhuma para voltar para Paris. Além disso, tenho de arranjar entretenimento para o resto da noite.

– E achas que eu te vou entreter?

Ela permitiu-se um deliberado movimento com os olhos, acompanhando a forma do corpo dele.

– Pelo menos tenho a certeza de que gostaria de te ver a tentar – disse ela. – Além disso, se vamos fazer isto, deveríamos começar a fazer amigos.

– Amigos? – Ele praticamente lambeu os lábios ao som daquela palavra.

– Gosto de conhecer intimamente os meus amigos – assegurou-lhe ela.

– Estou comprometido. – Verdade, mas irrelevante.

– Mas que bom para ti. Tenho a certeza de que é uma rapariga encantadora.

– Não, na verdade não é.

– Ainda melhor – retorquiu Parisa. – Eu também não sou.

Tristan olhou-a de esguelha.

– Porque ficaste aqui tanto tempo depois da reunião?

Ela refletiu sobre o que lhe deveria dizer, ponderando as opções. Não era o mesmo cálculo que aplicara a Dalton Ellery, evidentemente. Isto era puramente recreativo. Dalton era uma preocupação mais profissional, embora tivesse um vago matiz de genuíno desejo.

Dalton era xadrez; Tristan era desporto. No entanto, era importante lembrar-se de que ambos eram jogos.

– Digo-te ao pequeno-almoço – sugeriu Parisa.

Tristan suspirou alto, atirando a sua resignação para o ar, e depois voltou-se para ela.

– Tenho de fazer umas coisas primeiro – disse. – Acabar tudo com a Eden. Deixar o meu emprego. Dar um murro no queixo do meu melhor amigo.

– Isso parece-me tudo uma série de comportamentos responsáveis que podem esperar até de manhã – aconselhou Parisa, franqueando as portas abertas do portal e chamando-o para que a seguisse. – Não te esqueças de planear no teu calendário a parte em que te conto as minhas teorias sobre o que não nos está a ser dito, talvez entre o fim do noivado e a agressão provavelmente merecida.

Obsequiosamente, ele entrou no portal atrás dela.

– Tens teorias?

Ela premiu o botão para Londres.

– Tu não tens?

Trocaram um olhar, ambos a sorrir, quando o portal confirmou: *Estação de King's Cross, Londres, Inglaterra, Reino Unido.*

– Porquê eu? – questionou Tristan.

– Porque não? – respondeu Parisa.

Pareciam ter mentes semelhantes. Ela não tinha experiência a trabalhar em colaboração, mas sentia que essa era uma qualificação importante para o trabalho de equipa.

– Bem que me apetecia uma cerveja – disse Tristan e as portas fecharam-se, lançando-os no que restava daquele final de dia.

· LIBBY ·

O dia não correrá lá muito bem a Ezra, coitado. Era o que podia pensar do que se tinha passado, evidentemente, considerando que fora obrigado a passar a maior parte do tempo com os pais de Libby na cerimónia de formatura para depois, descaradamente, ela se escapular sem avisar, e por fim regressar a protelar qualquer explicação para a sua ausência, aconchegando-o firmemente nos lençóis ao deitar. Pelo menos tivera direito a sexo, o que parecia uma reviravolta auspiciosa para aquele dia, mas a verdade é que a sua parceira no ato (ou seja: Libby) também seguira escrupulosamente um plano dissimulado e conscientemente manipulador que a deixara distraída e a impedira de atingir o clímax, por isso a coisa foi... potencialmente menos agradável para ele.

Vantagem imediata: ela fizera-lhe atentiosamente o jantar.

Desvantagem imediata: ela também o informara, durante o referido jantar, que ia aceitar a proposta que lhe fizera Atlas Blakely, Curador, apesar de não estar em condições de explicar exatamente porquê.

– Quer dizer que... vais simplesmente embora? – perguntou Ezra. O seu cabelo negro estava emaranhado num dos lados, desgrenhado no outro, e a boca, com as suas mordidelas amorosas, passara a expressar um estado de desorientação. Estava a meio de levar o copo à boca quando Libby começou a falar e, desde então, esquecera-se do vinho no copo que lhe permanecia preso entre os dedos. – Mas, Lib...

– São só dois anos – recordou Libby. – Bom, um ano é de certeza – corrigiu – e depois, se tudo correr bem, um segundo ano, se eu for selecionada.

Ezra pousou o copo, olhando-a de sobrolho franzido. Era contemplativo por natureza.

Cabelo desalinhado. Horrivelmente macio, na verdade.

– E... de que se trata exatamente? Esta oportunidade?

– Não te posso dizer.

– Mas...

– Vais ter de confiar em mim – disse ela, não pela primeira vez. –

É essencialmente uma bolsa de investigação – acrescentou, numa tentativa de explicar, mas que, infelizmente, fora a deixa errada.

– Por falar em bolsas, tenho estado para te falar nisto – disse Ezra, animando-se subitamente –, mas o Porter, do serviço de bolsas, acabou de me dizer que o Varona recusou aquela bolsa da NYUMA. Sei que não estavas muito entusiasmada com o emprego na VC, por isso, se ainda estiveres interessada nessa vaga, tenho a certeza de que posso interceder por ti.

Seguramente, ele devia saber que fora totalmente errado dizer aquilo.

Não deveria saber? Ela não ia querer os refugos de Nico, e muito menos agora.

Mas isto deixava-a com mais uma coisa para explicar.

– Bem, acontece que o Varona... – Libby tossiu. – Bem, o Varona... também foi convidado.

O ânimo de Ezra esmoreceu.

– Oh?

– Oh, anda lá. Não podes estar surpreendido. – Ela remexeu nos talheres, empurrando a massa em redor do prato. – Viste-nos esta manhã, não viste?

– Sim, mas pensei...

– Olha, as coisas são como sempre foram – disse ela apaticamente. – Por algum motivo, eu e o Nico conseguimos fazer as mesmas coisas e...

– Nesse caso, porque precisam dos dois? – confrontou-a Ezra. Uma vez mais, disse a coisa errada. – Tu detestas trabalhar com ele. Já para não referir que toda a gente sabe que és melhor...

– Na verdade, Ezra, nem toda a gente sabe. É evidente que não – acrescentou Libby com um riso escarminho –, já que ele ganhou a bolsa que eu queria e eu não. Entendes como as coisas funcionam?

– Mas...

– Não o posso deixar vencer desta vez, querido. A sério, não posso. – Limpou a boca com o guardanapo, pousando-o novamente na mesa com um sentimento de frustração. – Tenho de me destacar dele. Percebes isso?

– E não podes fazer isso, por exemplo... oh, sei lá – Ezra sugeriu com tática desaprovação –, fazendo outra coisa diferente?

Na sua boca parecia tudo tão simples, tão teoricamente sem falhas. Como era possível que Ezra continuasse a não compreender que a ideia de fazer algo diferente de Nico correspondia sempre inerentemente a fazer *menos*? Absurdamente, as suas sugestões «pragmáticas» (e, sim, há que reconhecer, mentalmente sãs) obrigavam sempre de algum modo Libby a defender o talento de Nico de Varona, algo que a deixava doente.

– Olha – disse Libby –, o mais provável é que apenas um de nós consiga passar a linha da meta quando o... serviço de bolsas – lembrou-se, evitando por um triz ter de revelar mais pormenores – determinar quem serão os membros finais do seu... – Pausa. – Projeto de investigação. – Outra pausa e depois: – Temos a mesma especialidade, o que significa que seremos os termos de comparação mais evidentes. Por isso, ou ele é escolhido e eu não, e nesse caso volto daqui um ano ou menos, ou sou eu escolhida e ele não, e aí...

– E aí tu ganhas – expirou Ezra, cobrindo a boca com uma mão. – E podemos finalmente deixar de nos preocupar com o que quer que o Varona ande a fazer?

– Sim. – Isso, pelo menos, era bastante óbvio. – Não que agora tenhas de te preocupar com o Varona.

Ezra endireitou-se.

– Lib, eu não estava...

– Na verdade, estavas – disse Libby, pegando no seu copo. – E eu não me canso de te dizer que ali não existe nada. Ele não passa de um idiota.

– Acredita que eu sei...

– Telefono-te todas as noites – garantiu-lhe ela. – E venho a casa todos os fins de semana. – Poderia fazer isso, provavelmente. Talvez. – Quase nem vais dar conta de que não estou cá.

Ezra suspirou.

– Libby...

– Tens de me deixar provar o meu valor – disse-lhe ela. – Estás sempre a dizer que o Varona não é melhor do que eu...

– Porque *não é*...

– ... mas não interessa o que tu pensas, Ezra, na verdade, não. – Ele retesou os lábios, provavelmente um pouco melindrado por ela negligenciar tão claramente as suas atenciosas tentativas de lhe transmitir confiança, mas neste ponto ela não podia fazer concessões. – Odeia-lo demasiado para ver até que ponto ele é mesmo bom, querido. Eu só quero uma oportunidade de aprender mais, de provar o meu valor. E provar o meu valor competindo contra os melhores do mundo implica competir contra o Nico de Varona, quer acredites nisso, quer não.

– Quer dizer que não importa o que eu tenha a dizer. – A expressão de Ezra era algo sombria, mas sobretudo imperscrutável. Como quando olhava para as palavras cruzadas, ou quando tentava não chamar a atenção para a louça que ela deixava invariavelmente por lavar.

– Claro que importa – corrigiu-o Libby. – Podes dizer «Libby, amo-te e tens o meu apoio» ou podes dizer outra coisa qualquer. – Engoliu em seco antes de acrescentar: – Mas acredita em mim, Ezra, só temos duas respostas à disposição. Se não disseres uma delas, estarás a dizer a outra.

Libby preparou-se para o impacto, à espera. Não contava propriamente que ele fizesse exigências irrazoáveis (nunca o fazia, até pecava por falta delas), mas também não contava com o seu entusiasmo. A proximidade era importante para Ezra; fora ideia dele viverem juntos e ele esperava uma certa quantidade daquilo que um psicólogo poderia apelidar de «tempo de qualidade». Era mais do que evidente que ele não ia apreciar o facto de Nico estar lá e ele não.

Todavia, para enorme alívio de Libby, Ezra limitou-se a suspirar, estendendo a mão sobre a mesa, procurando a dela.

– És uma craque e sonhas em grande – disse ele.

– Essa – murmurou ela – não é verdadeiramente uma resposta.

– OK. Libby, amo-te e tens o meu apoio. – Ela permitiu-se uma breve pausa de alívio, e então acrescentou: – Mas tem cuidado, está bem?

– Cuidado com o quê – troçou Libby –, com o Varona?

Nico era ridiculamente inofensivo. Era bom, sem dúvida, e até excelente, se se empenhasse, mas dificilmente seria capaz de esquemas trapaceiros. Podia ser talvez irritante – mas mesmo assim não havia qualquer perigo para ela, exceto o de perder as estribeiras.

– Tem mas é cuidado. – Ezra debruçou-se sobre a mesa, roçando os lábios contra a testa dela. – Nunca me perdoaria se deixasse que te acontecesse alguma coisa – murmurou e ela gemeu. As cenas de cavaleiro andante do costume, pois então.

– Sei cuidar de mim mesma, Ezra.

– Eu sei. – Tocou-lhe na face, com um sorriso débil. – Mas para que outra coisa sirvo eu então?

– Tens o teu corpo – garantiu-lhe ela. – Além disso, fazes uma bolonhesa do caraças.

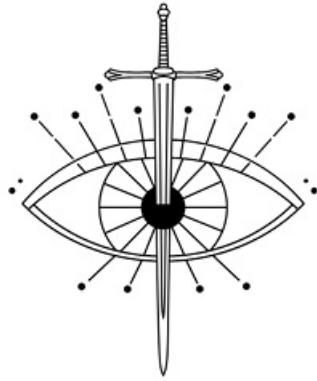
Ele tirou-a da cadeira num ápice, puxando-a contra si enquanto ela se ria, protestando pouco convincentemente.

– Vou sentir a tua falta, Libby Rhodes – declarou ele –, a verdade é essa.

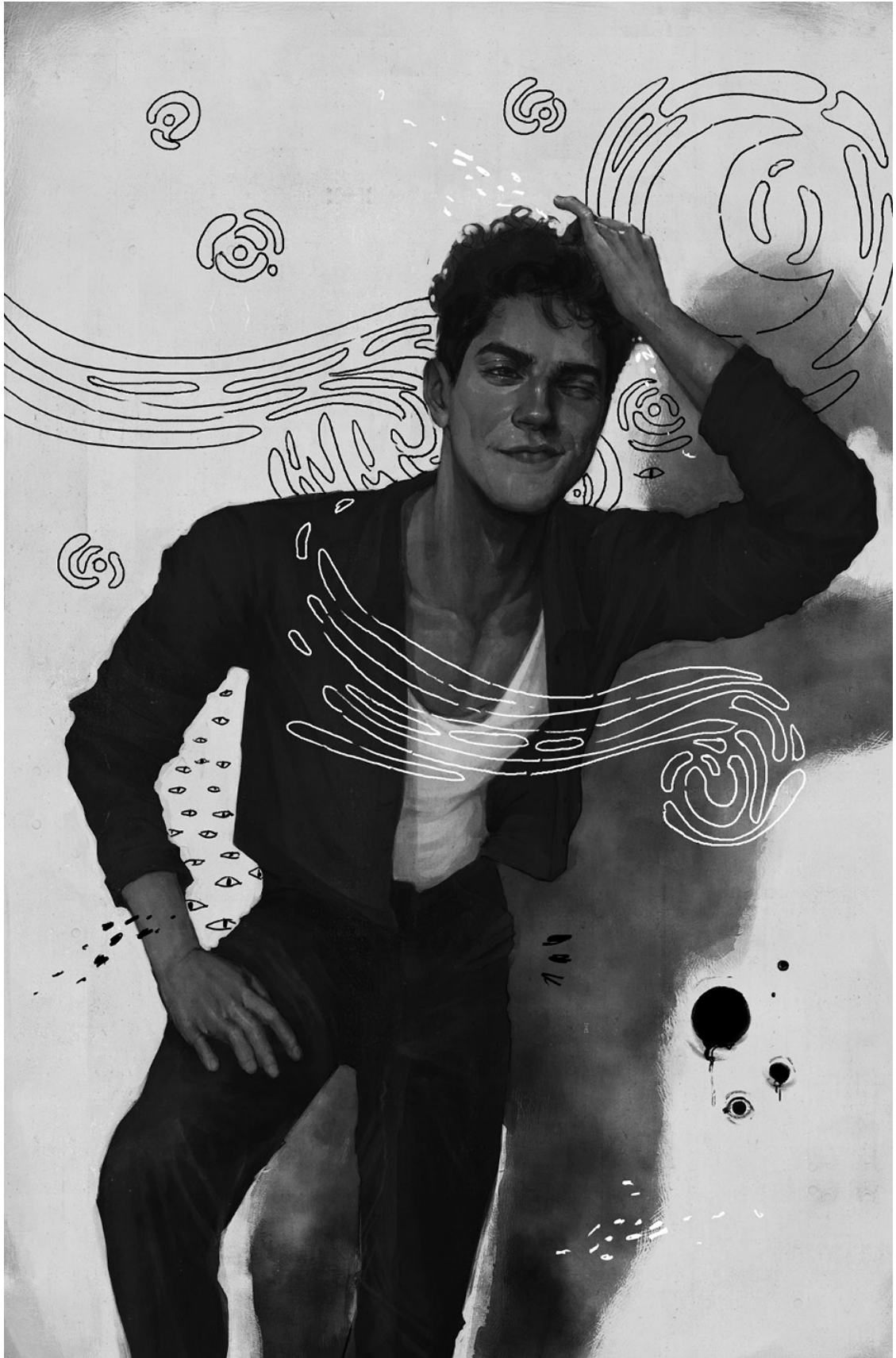
Estava decidido então. Ela ia mesmo avançar com aquilo.

Libby envolveu o pescoço de Ezra com os braços, agarrando-se a ele por instantes. Talvez não fosse uma dama em apuros, mas não deixava de ser agradável sentir-se ancorada a alguma coisa antes de se atirar para o desconhecido.

III



BATALHA



• CALLUM •

Não fora especialmente complexo decidir juntar-se à Sociedade a convite de Atlas Blakely. Se não apreciasse a experiência, pensou Callum, vir-se-ia embora. Era geralmente assim que levava a sua vida: ia e vinha conforme lhe apetecia. No que toca às pessoas afetadas por estas decisões, se ficavam zangadas com a sua personalidade imprevisível, a sua fúria normalmente não durava para sempre. Contranatura ou não, Callum tinha o dom de garantir que as pessoas acabavam sempre por compreender a sua posição. Depois de fundamentar a sua atitude, podiam sempre ser encorajadas a agir de maneira sensata a partir daí.

Callum estivera sempre ciente de que a palavra usada para a sua especialidade na Universidade Helénica de Ciências Mágicas não era a mais adequada. A subcategoria dos manipuladores entre os ilusionistas era mais frequentemente aplicada a casos de especialidades físicas: pessoas que conseguiam deformar coisas, transformá-las noutras coisas. Nas mãos certas, podia convencer-se a água de que era vinho, ou esta podia pelo menos ganhar a sua aparência e o seu sabor. Uma das particularidades do estudo e da realidade da magia era que, em última análise, só importava o aspeto e o sabor das coisas. Aquilo que se pretendia que fossem ou aquilo que eram no início podia ser facilmente descartado a favor de se alcançar o resultado necessário.

Contudo, o que a Sociedade parecia saber – o que *Atlas Blakely* parecia saber que os outros normalmente não sabiam – era que o trabalho de Callum se definia com maior precisão como o de um vigoroso tipo de empático. Era, na verdade, surpreendente que lhe tivessem feito um

diagnóstico mágico incorreto; a empatia era uma manifestação mágica de longe mais comum nas mulheres, por isso, quando surgia, era normalmente cultivada de um modo delicado e maternal. Existiram várias medeicas capazes de aceder às emoções dos outros; com extrema frequência, tornaram-se maravilhosas filantropas, foram louvadas pelos seus contributos para tratamentos e curas. Era uma manifestação muito feminina, ser simultaneamente mágico e santo. (Callum culparia a falsa dicotomia dos conceitos de género, se tivesse tempo para isso.)

Quando este mesmo conjunto de aptidões surgia em homens, eram normalmente demasiado diluídas para serem classificadas como mágicas; mais frequentemente, era considerado um traço de personalidade isolado. No caso da persuasão, uma característica com potencial para se alcançar capacidades de nível medeico (designada, possivelmente, por «carisma» pelos não mágicos), era amiúde posta de lado a favor do método habitual de lidar com estes assuntos: frequentar uma qualquer universidade mortal famosa, como Oxford ou Harvard, por exemplo, e seguir a partir daí uma próspera carreira mortal. Ocasionalmente, estes homens chegavam a CEO, advogados ou políticos. Por vezes, transformavam-se em tiranos, megalomaníacos ou ditadores – nesse caso, o melhor era provavelmente que os seus talentos não se materializassem. A magia, como a maioria das demais formas de esforço físico, exigia treino adequado para ser devidamente dominada ou mantida durante muito tempo. Se algum destes homens tivesse percebido que as suas qualidades naturais podiam ser aperfeiçoadas, o mundo estaria em muito piores lençóis do que já estava.

As regras têm sempre exceções e, neste caso, a exceção era Callum. Ele fora poupado a qualquer tipo de maus comportamentos (ou melhor, o mundo é que fora poupado) devido à sua falta de ambição que, a par do seu amor por coisas mais sofisticadas, implicava que ele nunca aspirasse a dominar o mundo, nem a nada que se lhe assemelhasse. Era sempre perigoso o acasalamento entre a fome e qualquer tipo de manipulação; é uma lei essencial do comportamento humano que, dispondo das ferramentas para o fazer, quem nasce no fundo irá sempre tentar ferrar as garras para trepar até ao topo. Quem nasce no topo, ou seja, pessoas como

Callum, tende normalmente a derrubar menos o estado de coisas. Num cenário à partida dourado e ornamentado, de que serviria alterar o meio em volta?

Por conseguinte, nada impulsionara Callum a aceitar a proposta de Atlas Blakely, mas também nada o levara a rejeitá-la. Poderia avançar para a iniciação, ou talvez não; a Sociedade poderia deixá-lo suficientemente impressionado para decidir ficar, ou talvez não. Era escusado dizer que a Sociedade de Alexandria não era, por si só, particularmente impressionante. Callum vinha de um meio endinheirado, ou seja, já tinha conhecido a riqueza em várias das suas formas naturais: real, aristocrática, capitalista, corrupta... Era uma lista sem fim. *Esta* forma, a variedade alexandrina, era tecnicamente académica, embora a riqueza que pertencia à elite académica assumisse quase sempre também uma das outras formas, ou até mesmo uma combinação de todas.

É um ciclo que se perpetua a si mesmo, na verdade, quando o conhecimento gera conhecimento do mesmo modo que o poder gera poder – geração após geração, institucionalmente. Não que Callum se sentisse compelido a criticar muito o sistema. Seria ele realmente melhor, mais inteligente, mais apto do que os seus pares ou teria simplesmente nascido com os recursos certos? Como para a maioria das coisas de que Callum beneficiara, estas eram perguntas que não se dava ao trabalho de fazer.

Os outros cinco também haviam regressado (nada surpreendente) para aceitar o convite que lhes fora dirigido por Atlas Blakely, materializando-se um após o outro, cortesia de um novo encantamento de transporte. Desta vez, não os depositara na sala de conferências corporativa da sua reunião inicial de recrutamento, mas sim no vestíbulo de entrada de uma mansão, uma casa opulenta com a inconfundível sofisticação do elitismo e da riqueza herdada.

Era hilariante, na verdade. Como se a chamada Sociedade de Alexandria tivesse decidido que, agora que todos haviam percebido a piada, já podiam por fim mostrar o seu jogo em segurança. Os olhos de Callum varreram as balaustradas da galeria do piso superior até à base da imponente escadaria,

pousando em cada um dos outros cinco para os contemplar um a um. A americana, Libby Rhodes, era memorável sobretudo por falar com muita frequência e num tom irritante e, como é evidente, fora ela a primeira a fazer uma pergunta estúpida.

– Nós *estamos* em Alexandria, não estamos? – perguntou, de sobrolho franzido sob uma franja não muito atraente. Se estivesse nas mãos de Callum, ele ter-lhe-ia dado um corte de cabelo completamente diferente; preso em cima ou puxado para trás, preferencialmente de modo que ela deixasse as pontas do cabelo em paz. – Não posso dizer que tenha um ar particularmente alexandrino.

Claramente que não. O interior de onde quer que fosse que estavam parecia-se muito com o interior de uma casa senhorial rural britânica. Era difícil discernir a dimensão da propriedade a partir do interior, mas a casa em si poderia ser descrita como majestosa, com um piscar de olhos aqui e ali para o exterior através das janelas – uma estrutura em H, com alas viradas para dentro –, revelando uma extravagante sobreposição de um estilo italiano sobre o clássico tijolo Tudor. O salão térreo pelo qual entraram desabrochava até à galeria superior no piso de cima, conduzindo então a uma grande sala belissimamente ornada com tapeçarias, sendo que todas as salas subsequentes ostentavam um crescendo de dourado até à saturação. A decoração tinha um toque de escuridão, de paletas recheadas de verdes-vivos e vermelhos-escuros. Ou passara já bastante tempo desde que a casa fora modernizada ou a pessoa responsável pela sua decoração estava profundamente afetada por uma intensa melancolia existencial.

Em todo o caso, não era preciso ver assim tantas salas de estar para se poder tirar já algumas conclusões, como a provável localização do sítio onde se encontravam. Apesar de os Novas residirem na Cidade do Cabo, a família de Callum fora mais de uma vez convidada a visitar a família real britânica (os Novas haviam sido em tempos próximos da realeza grega, daí os estudos muito confortáveis de Callum na Universidade Helénica de Atenas) e ele achou que a decoração da Sociedade era muito semelhante. Retratos de aristocratas revestiam as paredes, a par de uma série de bustos vitorianos; e ainda que a arquitetura, em si, tivesse seguramente influências

greco-romanas, ostentava marcas evidentes do romantismo, tendendo mais para o neosséculo do que para um classicismo genuíno.

No geral, a ideia de que poderiam estar em qualquer outro lugar que não a Inglaterra era extremamente improvável.

– Bem, penso que não faz mal nenhum dizer que estamos na verdade nos arredores de Londres – confirmou Dalton Ellery, o assistente de ar hirtu cuja energia era imediatamente possível de adivinhar: medo ou, possivelmente, intimidação. Callum presumiu que Dalton fosse um tanto ou quanto intelectualmente inferior, a única possível explicação para a sua persistente dedicação ao mundo académico. Se as vantagens de fazer parte da Sociedade eram riqueza e prestígio, para quê ficar aqui e não beneficiar disso?

Todavia, dado que Callum se estava nas tintas, não ficou a pensar no assunto muito tempo. Ao invés, observou Tristan e Parisa, as duas únicas pessoas interessantes, que haviam trocado entre si um olhar algo dissimulado enquanto o grupo avançava na visita guiada à casa.

Libby, a rapariga da franja, cujas ansiedades eram tão irritantes e incessantes que puseram Callum a ranger os dentes, franzia o sobrolho, confusa.

– Mas se estamos mesmo na Biblioteca de Alexandria, então como...

– A Sociedade mudou a sua localização física várias vezes ao longo da história – explicou Dalton. – Era originalmente em Alexandria, claro, mas pouco depois foi transferida para Roma, depois para Praga, até às Guerras Napoleónicas, e, por fim, chegou aqui por volta da Era dos Descobrimentos, a par dos restantes benefícios do imperialismo.

– Isso – resmoneou Nico, o jovem cubano que, graças a Deus, não era suficientemente alto para constituir uma ameaça aos impulsos mais vaidosos de Callum – é a coisa mais britânica que ouvi em toda a minha vida.

– Sim, é muito parecido com o Museu Britânico – confirmou Dalton com indiferença, conduzindo-os escada acima –, se considerarmos que todas as relíquias de todas as culturas, de forma algo compulsiva, foram albergadas sob o mesmo teto monárquico. Em todo o caso – prosseguiu, como se

aquela não tivesse sido, por si só, uma afirmação altamente controversa –, houve inúmeras tentativas de a albergar noutros sítios, como seria de esperar. Os americanos apresentaram uma justificação muito sólida para a transferir para Nova Iorque até 1941, e, evidentemente, todos sabemos o que aconteceu nessa altura. De qualquer modo, como eu estava a dizer, vocês ficarão todos alojados aqui – disse, virando a esquina da galeria em direção a mais uma sala de estar, e depois daí para um corredor forrado de portas. – Os vossos nomes estão indicados nas placas do lado de fora das portas e os vossos pertences foram aí depositados. Quando terminarmos a nossa visita, vão todos encontrar-se com Atlas e depois segue-se o jantar. O gongo toca todas as noites às sete e meia – acrescentou. – Contamos com a vossa presença esta noite.

Callum reparou que Tristan e Parisa trocaram mais um olhar conspirativo. Já se conheceriam antes, como aqueles dois que estudaram na América? Parou um momento para o apurar e acabou por deduzir que não, não se haviam conhecido antes dos outros, apesar de ser evidente que se haviam tornado próximos desde então.

Sentiu um acesso de frustração. Nunca gostara de não ser dos primeiros a fazer amigos.

– E o que inclui exatamente um dia normal? – perguntou Libby, prosseguindo com a sua diatribe de perguntas. – Haverá aulas ou...?

– De certa forma – respondeu Dalton. – Mas parece-me que o Atlas vos dará mais explicações.

– O senhor não sabe? – perguntou Reina, a rapariga japonesa de ar completamente entediado com o *piercing* no nariz, cuja voz era muito mais grave do que Callum estava à espera. Ainda não falara até esse momento, nem dera grandes indicações de estar sequer a ouvir, apesar de ter fitado intensamente o conteúdo de todas as salas por onde passaram.

– Bom, cada grupo de candidatos é ligeiramente diferente – disse Dalton. – Há especialidades diferentes a cada dez anos, pelo que cada leva de iniciados corresponde a uma composição diferente de aptidões. Assim, a investigação atribuída varia de década para década.

– Imagino que não nos vá dizer quais são todas essas nossas especialidades, certo? – desafiou Parisa. Callum registou que ela irradiava uma certa persuasão própria, apesar de esta parecer ser dirigida especificamente a Dalton. Típico; o falso intelectualismo seria sempre atraente para qualquer rapariga que passasse demasiado tempo em França. Era tão tipicamente parisiense como os rabos de cavalo, o vestuário minimalista e o queijo.

– Isso – disse Dalton – só depende de vocês. Embora duvide que demore muito até vocês as descobrirem.

– A viver na mesma casa, a fazer todas as refeições juntos? Posso apenas presumir que num instante estaremos enjoados de sabermos tanto a respeito uns dos outros – observou Tristan, arrastando a voz, o que provocou em Parisa um riso abafado que Callum considerou sumamente falso.

– De certeza que sim – respondeu Dalton, não se deixando perturbar. – Agora, queiram vir por aqui, por favor.

No andar de baixo, Dalton conduziu-os por um labirinto de majestosas antecâmaras neoclássicas, até desembocarem numa magnífica sala especialmente banhada pelo sol. Aquela sala quebrava com o formato do resto da casa, dando lugar a uma abside que se curvava para fora, na direção dos terrenos, sob uma cúpula pintada, e do lado oposto ao fogão de sala encontrava-se uma sala forrada a livros. Reina, que mantivera o semblante carrancudo de desinteresse ao longo de todo o cortejo pela casa, parecera por fim despertar um pouco, diante da vasta biblioteca daquela sala, arregalando os olhos na posição onde se encontrava, lá atrás.

– Esta é a sala pintada – informou Dalton. – É aqui que se irão reunir comigo e com o Atlas todas as manhãs, a seguir ao pequeno-almoço, na sala matinal. O caminho mais fácil pelos jardins até à sala de leitura e aos arquivos é por aquelas portas – acrescentou, apontando com um olhar de esguelha para o seu lado esquerdo.

– Esta não é a biblioteca? – perguntou Reina, erguendo o sobrolho franzido para as prateleiras mais altas. Ali ao lado, um feto pareceu estremecer de expectativa.

– Não – disse Dalton. – Esta biblioteca destina-se à escrita de cartas. E, se o desejarem, para beber chá com leite.

Nico, que estava de pé ao lado de Libby, desenhou silenciosamente uma cara de repulsa.

– Sim – concordou Dalton, puxando um fio solto no punho da camisa. – Efetivamente.

– Não vive mais ninguém aqui? – perguntou Libby, perscrutando com os olhos cerrados o fundo do corredor. – Pensei que era uma sociedade.

– Só os arquivos é que estão aqui albergados. Normalmente, os Alexandrinos vão e vêm mediante marcação – explicou Dalton. – Por vezes, grupos mais reduzidos podem reunir-se na sala de leitura, e nesse caso ser-vos-á solicitado que não os incomodem, e vice-versa. O Atlas pode também encontrar-se com visitantes na sala de jantar formal ou no seu gabinete, no átrio sul.

– Faz tudo parte do dia a dia de um Curador, não é mesmo? – perguntou Tristan, sem grande interesse.

– Sim – confirmou Dalton.

– E o que quer isso dizer exatamente? – perguntou Nico.

– O Curador é um administrador dos arquivos, entre outras funções – informou Dalton. – Ele garante a sua preservação e gere o acesso por terceiros, caso pretendam usá-los.

– É realmente assim tão simples, é só ir e vir? – questionou Libby.

– É claro que não – disse Dalton –, muito embora também isso fique ao vosso critério.

– Nosso? – indagou Tristan.

– Vosso – confirmou Dalton, e Libby abriu a boca.

– Mas como...?

– O que o Dalton está a querer dizer – assomou a untuosa voz de barítono de Atlas Blakely – é que, apesar de a minha função ser gerir os membros da Sociedade, é preciso também lidar com uma série de medidas de segurança diante da presença de pessoas externas.

Quando ele fez a sua aparição, tanto Callum como Tristan voltaram-se para a entrada da sala, os seis formando por reflexo uma linha de costas

voltadas para a cúpula pintada da abside.

– Parte da vossa função como novo grupo de iniciados – continuou Atlas – é desenvolver um protocolo de segurança que vos sirva coletivamente. E antes que perguntem o que isso significa – tranquilizou ele Libby com um sorriso –, terei todo o gosto em explicar. Como acontece com todos os segredos mais cruciais, há bastantes pessoas que sabem da existência da Sociedade. Várias organizações têm-lhe dirigido a sua atenção para fins de furto, infiltração ou, nalguns casos, destruição. Por conseguinte, confiamos não apenas nos encantamentos que implementamos, mas também no grupo residente de iniciados da Sociedade para manter o seu próprio esquema de segurança.

– Espere aí – disse Libby, que ainda estava presa à possibilidade de segredos globais serem revelados ao público em geral. – Isso significa então...

– Significa que a primeira coisa que terão de discutir entre vocês será a vossa mestria em defesas mágicas – confirmou Atlas, no momento em que uma série de cadeiras se materializava atrás deles junto à mesa ao lado do fogão de sala. – Sentem-se, por favor – pediu e, circunspectos, os seis assumiram os respetivos lugares; Reina era possivelmente a mais cautelosa de todos. – Não vou demorar muito – acrescentou Atlas para os tranquilizar. – A vossa responsabilidade esta tarde consistirá em definir o vosso plano como grupo. Estou aqui sobretudo para vos orientar antes de vos deixar a trabalhar sozinhos.

– Já alguém foi bem-sucedido a roubar alguma coisa? – perguntou Tristan, que parecia ser o mais cínico do grupo, ou pelo menos o primeiro a expressar regularmente o seu cinismo em voz alta.

– Ou já alguém conseguiu entrar nas instalações com algum grau de êxito? – acrescentou Nico.

– Sim – respondeu Atlas. – Por isso, espero que as vossas artes ofensivas mágicas sejam tão sofisticadas como as artes defensivas, dado que lhes será solicitado que recuperem qualquer coisa que seja retirada sem permissão.

– Solicitado – repetiu Reina num murmúrio, e Atlas virou-se para ela, sorrindo.

– Solicitado – confirmou ele –, educadamente. E, a partir daí, lidar-se-á adequadamente com o assunto.

Callum não teria contado com melhores maneiras para formular uma ameaça. Tudo aquilo era tremendamente britânico, da cúpula daquela denominada sala pintada à ideia de que seriam chamados para jantar ao som de um gongo.

Libby, como é evidente, pôs timidamente a mão no ar.

– Com que frequência se espera exatamente que tenhamos de defender a... – Pausa. – ... Coleção da Sociedade?

– Bom, isso depende da robustez do vosso sistema. – Por breves momentos, um clarão vermelho manifestou-se no canto da sala, desaparecendo em seguida. – Aquilo, por exemplo – esclareceu Atlas –, foi uma tentativa gorada de entrar no perímetro da Sociedade. Mas também é possível que alguém se tenha simplesmente esquecido das chaves.

Estava a sorrir, por isso era supostamente uma piada. Callum ficou com a sensação de que Atlas Blakely queria muito que eles gostassem dele. Ou, no mínimo, era o tipo de pessoa que contava ficar sempre nas boas graças dos outros.

– Quanto à «coleção», como lhe chamou, menina Rhodes – disse Atlas acenando na direção de Libby –, ou seja, o conteúdo dos arquivos, isso é uma questão mais complexa. Todos terão acesso, por fases, aos registos da Sociedade; à medida que vão merecendo a confiança da Sociedade, ser-lhes-á permitido avançar mais. Cada porta destrancada conduzirá a outra porta que, quando destrancada, conduzirá a outra. Metaforicamente, é claro.

Nico, desta vez:

– E estas portas...?

– Vamos começar por aspetos físicos. Espaço – disse Atlas. – As leis fundamentais da física e como as contornar.

Ao ouvir aquilo, Libby e Nico trocaram um olhar; era a primeira vez, reparou Callum, que Libby não demonstrara um dos seus comportamentos espetacularmente confrangedores.

– Depois de provarem que lhes podem ser confiados os conhecimentos e descobertas mais prontamente disponíveis, avançarão para o tema seguinte. Os cinco iniciados avançarão ainda mais, é claro, ao longo do segundo ano, que será dedicado a um estudo independente. A partir daí, as coisas serão muito mais especializadas; o Dalton, por exemplo – disse Atlas, indicando por cima do ombro o lugar onde Dalton praticamente se fundira com o papel de parede –, trabalha num domínio de especialização tão específico que neste momento apenas ele tem permissão para aceder a esses materiais.

Parisa, percebeu Callum, achou que este era um pedaço de informação mesmo muito interessante.

– Nem o senhor lhes pode aceder? – perguntou Reina, surpreendendo-os uma vez mais com a sua voz.

– Nem mesmo eu – confirmou Atlas. – Como sociedade, não acreditamos na necessidade de um só homem deter todo o conhecimento. Também não achamos que isso seja realmente possível e achamos que não é muito seguro.

– Porque não? – interrogou Libby de novo.

– Porque o problema do conhecimento, menina Rhodes, é o desejo insaciável que provoca. Quanto mais conhecimento temos, menos sentimos que sabemos – disse Atlas. – Por isso, é frequente os homens enlouquecerem em busca desse conhecimento.

– E nós, as mulheres, como encaramos tudo isso? – provocou Parisa.

Atlas dirigiu-lhe um seco e débil sorriso.

– A maioria tem juízo suficiente para não o procurar – respondeu, o que soou a Callum como um aviso.

– Quando fala num sistema... – começou Libby. Callum retraiu-se, novamente irritado quando Atlas voltou mais uma vez a sua atenção para ela. Ela era como um mosquito; o efeito da sua ansiedade não era propriamente doloroso, mas não dava descanso. Callum não conseguia manter-se sentado confortavelmente no mesmo lugar.

– Vocês são seis – disse Atlas, fazendo um gesto na direção do grupo. – Cada um tem um sexto de responsabilidade pela segurança da Sociedade. Como a decidem repartir, isso é convosco. Ora, antes de vos deixar a

trabalhar – acrescentou, parecendo sobressaltar Libby com a ideia de ter de prosseguir sem supervisão –, digo-vos que, embora neste momento não tenham acesso a tudo o que a Sociedade tem ao dispor, são basicamente responsáveis por toda a sua proteção. Mantenham isto em mente quando delinearem o vosso plano.

– Parece um tanto ou quanto contraintuitivo, não? – observou Tristan. Tal como Callum previra, ele era um contrariador por natureza. – Somos responsáveis por coisas que nem sequer conseguimos ver.

– Sim – anuiu Atlas, abanando energicamente a cabeça. – Dúvidas?

Libby abriu a boca mas, para enorme alívio de Callum, a mão de Nico saltou disparada, calando-a.

– Excelente – disse Atlas, voltando-se para Dalton. – Bom, encontramos novamente ao jantar. Bem-vindos à Sociedade de Alexandria – acrescentou, cedendo primeiro a passagem a Dalton à saída da sala pintada, inclinando em seguida a cabeça uma última vez e fechando as portas atrás de si.

• REINA •

Gerou-se um momento de curiosidade contida enquanto os seis que ali permaneceram se avaliavam mutuamente em silêncio.

– Estás muito calado – observou Tristan, voltando-se para Callum, o sul-africano louro sentado à sua esquerda. – Nada a dizer sobre tudo isto?

– Nada que seja premente, não – respondeu Callum. Ele tinha um certo ar que fazia lembrar Hollywood de antigamente, pertencente à perpétua praga de ocidentalização que Reina acabara por desprezar e não admirar, mas a sua voz era apaziguadora e os seus modos quase reconfortantes. – E soas bastante desconfiado.

– Receio bem que sou assim por natureza – respondeu Tristan, sem indícios de remorso.

Parisa, Reina reparou, olhava-a com muita atenção. Provocou-lhe um certo arrepio, estremecendo diante da vaga sensação de invasão, o que por sua vez perturbou um dos fetos ali próximos.

– Que estranho – disse Libby, que tinha a planta dentro do seu campo de visão. Franziu o sobrolho e depois virou-se para Reina. – És... naturalista, presumo?

Reina não gostava nada de ser interrogada sobre o assunto.

– Sim.

– A maioria dos naturalistas de nível medeico tem um bocadinho mais de controlo sobre as suas aptidões – observou Parisa, revelando-se logo uma pessoa desagradável. Não que isso tenha sido, de todo, uma surpresa para Reina; Parisa não parecia o tipo de pessoa que se preocupasse, sem benefícios próprios, com trivialidades como a existência de outras pessoas.

Embora não fosse surpreendente, *era*, no entanto, penoso. Não o facto de Parisa pensar que Reina não tinha qualificações dignas de nota, evidentemente – não cabia a Parisa avaliar o valor de Reina, corretamente ou não. O historial pessoal de Reina ensinara-a que o que não podia ser usado também não podia ser *mal-usado*, por isso Parisa estava à vontade para tirar todas as conclusões incorretas que quisesse.

O verdadeiro desafio era que este tipo de experiência em que se atirava pessoas para os braços umas das outras impossibilitaria provavelmente qualquer tipo de tentativa de se evitarem mutuamente. Não teriam outra opção a não ser *conviver*, e esse era o busílis da questão.

Reina começava a desejar ter ficado em casa.

– Oh, não tinha intenção nenhuma de insinuar... – As faces de Libby coraram. – Eu só... quero dizer, acho que estava a contar, hum...

– Eu não estudei naturalismo – explicou Reina sem rodeios. – Especializei-me em magia antiga. Os clássicos.

– Oh – disse Libby, vagamente confusa, e os olhos de Parisa estreitaram-se.

– O quê, como uma historiadora?

– Sim – repetiu Reina. Precisamente isso.

Parisa não pareceu dar conta do tom da resposta.

– Quer dizer que não cultivaste nadinha as tuas capacidades?

– Qual é a especialidade de cada um de vocês? – interrompeu Nico, saltando para a conversa quando o desconforto de Reina atingia o seu auge. Provavelmente ainda bem, já que lhe bastaria um pedido silencioso para prender Parisa num abraço asfixiante precisamente do feto que, insensatamente, suspeitava que Reina não conseguia controlar.

A mudança de rumo na conversa iniciada por Nico parecia visar, antes de mais, estimular a conversa com Parisa, e não tanto defender Reina.

– A tua, por exemplo – sugeriu ele a Parisa, fazendo-a endurecer a sua expressão.

– E qual é a tua?

– Eu e a Rhodes somos físicos. Bem, físicos de força, estruturas moleculares, esse tipo de coisa – informou Nico. – Eu sou melhor, é claro...

– Oh, cala-te – resmungou Libby.

– ... e cada um de nós tem os seus materiais preferidos, mas ambos conseguimos manipular componentes físicas. Movimento, ondas, elementos – resumiu ele, lançando um olhar expectante de volta na direção de Parisa. – E tu?

– E que te interessa isso? – ripostou Parisa com atrevimento. Nico hesitou.

– Bom, pensei apenas que...

– Não vejo que seja necessário partilharmos pormenores sobre as nossas especialidades – atalhou Tristan, maldisposto. – Vamos competir uns contra os outros, não vamos?

– Mas também vamos ter de trabalhar juntos – argumentou Libby, com um ar exasperado. – Querem mesmo manter secretas as vossas artes mágicas durante todo o ano que vem?

– Porque não? – disse Parisa, encolhendo os ombros. – Qualquer pessoa que seja suficientemente inteligente para descobrir provavelmente merecê-lo, e quanto aos detalhes...

– Mas não me parece que possamos funcionar como grupo se não soubermos nada uns dos outros – tentou Nico, fazendo parecer que a sua intenção era pôr os outros à vontade. Reina tinha a sensação de que ele se considerava suficientemente simpático para o conseguir e era possível que não estivesse errado.

– Apesar de, no final, um de nós acabar por ser eliminado – disse Nico –, não vejo como nos pode ser útil prejudicarmo-nos a todos como grupo.

– Só dizes isso porque já nos disseste qual é a tua especialidade – murmurou Callum, com um meio sorriso dengoso, que fez com que Reina gostasse menos dele.

– Bom, não tenho nada de que me envergonhar – disse Nico, inflamando-se um pouco com a irritação, o que a fez gostar mais dele. – Por isso, a menos que vocês sintam algum tipo de insegurança acerca do que quer que seja que conseguem fazer...

– Insegurança – escarneceu Tristan. – Estás então simplesmente a presumir que és o melhor nesta sala, é isso?

– Não disse isso – insistiu Nico. – Eu só...

– Ele *acha mesmo* que é o melhor nesta sala – disse Parisa –, mas, se formos a ver bem, quem não acha? Só tu é que talvez não – decidiu ela, lançando a Reina um olhar pouco amistoso.

Esta, pensou Reina, estava firmemente no fundo da lista de pessoas com quem pretendia travar amizade.

– Acho apenas que tem de haver uma forma de chegarmos a um compromisso – disse Nico. – Não devíamos ter alguma ideia do que cada um consegue fazer?

– Concordo – disse Reina, sobretudo por perceber que Parisa e Tristan estavam renitentes. A ela não lhe fazia diferença nenhuma; já toda a gente sabia qual era a sua especialidade, pelo que ela, como Nico e Libby, que agora estava calada, graças a Deus, não tinha motivos para não pressionar os outros a confessar. – De outro modo, as especialidades físicas vão assumir a maior parte do trabalho, e se eu tiver de desperdiçar toda a minha energia com a segurança...

– Nem tudo tem de ser força bruta – disse Tristan, irritado. – Lá porque vocês têm especialidades físicas, não quer dizer que vão ter de fazer toda a magia.

– Bem, a verdade é que não me estás a dar razão nenhuma para...

– Parem – disse Nico e, porque se sobressaltaram, a conversa parou. – Quem está a fazer isto?

Reina não gostou nada da interrupção, mas antes Nico do que Tristan.

– A fazer o quê?

– A Rhodes já devia ter aberto a boca por esta altura – disse Nico, lançando um olhar na direção de Libby. Ela pestanejou, surpresa, e depois Nico voltou a sua atenção para os outros, perscrutando, desconfiado, Tristan, Parisa e Callum. – Alguém a convenceu a não o fazer. Quem foi?

Tristan olhou para Parisa.

– Uau, obrigadinha – disse ela friamente. – Isso não foi nada óbvio.

– Bem, não me podes propriamente culpar por...

– Não fui eu – disparou Parisa, agora irritada, e Reina esforçou-se para não esboçar um sorriso. Não só a aliança Tristan-Parisa se estava a quebrar

desde cedo, como agora também se tornara evidente a especialidade de Parisa: ela lia mentes ou emoções.

– Um de vocês consegue influenciar comportamentos – acusou Nico, acrescentando num tom cáustico: – Não o faça.

Restava apenas uma opção.

Um a um, foram-se gradualmente voltando para Callum, que suspirou.

– Relaxem – disse ele, cruzando uma perna com indiferença sobre a outra. – Ela estava ansiosa. Eu reduzi-lhe a ansiedade.

Libby pestanejou, repentinamente furiosa.

– Como te *atreves*...

– Rhodes – disse Nico. – O ambiente já está demasiado carregado para este tipo de volatilidade.

– Cala-te lá, Varona...

– Quer dizer que és um empático – disse Reina, olhando para Callum – e isso significa que... – Um olhar na direção de Parisa. – Tu lês mentes – adivinhou ela, decidindo que era improvável que uma sociedade que afirmava ser a mais avançada convidasse dois pares de especialidades idênticas.

– Já não – disse Parisa fuzilando Tristan com o olhar. – Agora já todos têm as proteções levantadas.

– Ninguém consegue aguentar assim tanto tempo – disse Tristan, olhando para Callum com desconfiança. – Especialmente se também for preciso protegermos as nossas emoções.

– Isto é ridículo – disse Libby, que entretanto já conseguira anular a influência de Callum. – Ouçam, sou a última pessoa a dizer que o Varona faz seja o que for que seja sensato...

– Quem? – disse Callum, que estava provavelmente a ser difícil de propósito.

– Eu... Muito bem, o Nico, como queiram. A questão é – expirou Libby com impaciência – que nunca vamos conseguir fazer nada se estivermos todos a tentar proteger-nos uns dos outros. Eu vim para cá para *aprender*, ora bolas! – explodiu ela, algo que Reina ouviu com um tremendo alívio. Libby podia ser irritante, mas pelo menos não tinha medo de insistir numa

coisa genuinamente importante. As suas prioridades, ao contrário das de todos os outros, estavam no sítio certo.

– Recuso-me totalmente – disse Libby encolerizada – a esgotar a minha magia só para vos manter a todos fora dos meus pensamentos!

– Pronto, está bem – disse Callum preguiçosamente. – Nesse caso, prometo não pôr nenhum de vocês relaxado.

– Ei – explodiu Nico. – Ela não está errada. Eu também gostava de manter alguma autonomia do meu estado de consciência, muito obrigado.

Tristan e Parisa pareceram concordar, apesar de não estarem dispostos a dizê-lo.

– Tenho a certeza de que não é preciso explicar a um *empático* por que razão nenhum de nós quer que se brinque com as nossas emoções – insistiu Libby.

Callum acenou indolentemente com a mão.

– Lá porque, por acaso, sei o que vocês sentem, isso não quer dizer que perca o meu tempo a tentar compreendê-los, mas tudo bem. Eu porto-me bem se ela também o fizer – acrescentou com um ar matreiro para Parisa, que lhe devolveu um olhar furioso.

– Eu não influencio ninguém – disse ela, irritada. – Não com magia, pelo menos. Porque não sou uma idiota.

Claro que não és, pensou Reina bem alto, provocando em Parisa mais uma cara feia.

Dado que a conversa ficara por ali, os três restantes membros voltaram-se para Tristan que, percebeu Reina tardiamente, era o único que ainda não tinha revelado a sua especialidade.

– Eu... – Pôs-se hirto, insatisfeito por ter sido encostado a um canto. – Eu sou uma espécie de ilusionista.

– Pois, também eu sou – respondeu Callum, expressando a dúvida na sua voz arrastada. – É um termo um bocadinho genérico, não?

– Espera um segundo – disse Parisa, lembrando-se subitamente de uma coisa. – Chamas-te Callum *Nova*, não é? Dos Novas do ilusionismo?

Os outros presentes na sala endireitaram-se ligeiramente, expressando um interesse que nem sequer Reina conseguiu evitar. A Nova Corporation

era um grupo global de comunicação que, secreta ou não tão secretamente, se especializava em ilusões; dominava as indústrias mortais e medeicas, sendo especialmente competente no setor dos cosméticos e da beleza. Os Novas eram fascinantes, não apenas pelos seus produtos, mas também pelas suas práticas empresariais ferozes. Tinham levado à falência várias empresas mais pequenas, minando repetidamente as regras medeicas sobre a quantidade de magia que podia ser usada nos produtos mortais.

Mas não era isso que despertava o interesse de Reina naquele momento específico. Ao invés, ela percebera que Parisa estava provavelmente a juntar as peças e a compreender que negligenciara a pessoa mais endinheirada naquela sala, o que deu tanta satisfação a Reina que o figo-chorão ao canto da sala começou alegremente a brotar frutos.

– Sim, sou um Nova – confirmou Callum, sem tirar os olhos de Tristan, que ainda não confessara nada. – Contudo, como claramente já descortinaram, as ilusões não são exatamente aquilo com que ganho a vida.

– Pronto, está bem – grunhiu Tristan. – Eu consigo ver através de ilusões.

Imediatamente, a mão de Libby subiu até algures a meio da face, e Tristan suspirou.

– Sim, consigo ver – disse. – É só uma borbulha. Relaxa.

Então a atenção de Tristan desviou-se lentamente de volta para Callum, que ficou hirto de apreensão. Que maravilha, pensou Reina. A única coisa que podia ser melhor era se Tristan os informasse que aquele não era o nariz verdadeiro de Parisa.

– Não lhes conto se tu não contares – disse Tristan a Callum.

Por um instante, o ar na sala era tão tenso que até as plantas ficaram desconfiadas.

Depois, abruptamente, Callum riu-se.

– Fica então entre nós – concordou ele, estendendo a mão para dar uma pancadinha no ombro de Tristan. – Vamos deixá-los a tentar adivinhar.

Quer dizer que agora éramos nós e eles. Isso era muito menos maravilhoso.

MamãMamãMamã, sussurrou a hera no canto, com um estertor de consternação, acompanhada do som sibilante da figueira-de-lira mesmo ao

lado.

A mamã está zangada, choramingou o filodendro. *Está zangada, OhnãoOhnãoOhnão...*

– ... não faz sentido estarmos a discutir por isto – estava Libby a dizer, enquanto Reina se concentrava silenciosamente numa inspiração profunda, na esperança de não espicaçar o motim de nenhum ser verde à sua volta. – Independentemente do que pensamos uns dos outros, continuamos a ter de pensar nalgum tipo de plano de segurança, por isso...

Mas antes que Libby Rhodes conseguisse ditar algum tipo de conclusão de mandona, ouviu-se um gongo percutido, grave e em alto volume, e a porta da sala pintada abriu-se de par em par, parecendo que a própria casa os convocava a seguir pelo corredor.

– Parece que vamos ter de pensar nisso mais tarde – disse Callum, pondo-se de pé e avançando a passos largos, sem esperar por ouvir qual teria sido o fim da frase de Libby.

Atrás dele, Tristan e Parisa trocaram um olhar e seguiram-no; Nico levantou-se, chamando Libby com uma careta. Mas ela hesitou, frustrada, voltando-se então ao invés para Reina.

– Olha, ouve – começou Libby, alternando com desconforto o peso de um pé para o outro. – Eu sei que pareci mal-educada há bocado, quando disse aquilo sobre seres naturalista, mas eu estava só a...

– Nós não temos de ser amigas – disse Reina sem rodeios, cortando-lhe a palavra. Era evidente que Libby estava prestes a estender uma qualquer espécie de ramo de oliveira, mas Reina já tinha ramos *verdadeiros* suficientes com que lidar sem ter de arrastar consigo outros mais metafóricos. E não tinha mesmo interesse nenhum em fazer amigos; tudo o que queria daquela experiência era obter o máximo de acesso possível aos arquivos da Sociedade.

Mas também não queria fechar portas.

– Só temos de ser melhores do que *elas* – sublinhou Reina bruscamente, apontando com o queixo para os outros três e isso, pelo menos, foi algo que Libby pareceu entender.

– Entendido – disse ela. E depois, para grande satisfação de Reina, seguiu Nico porta fora sem esperar, deixando-a para trás sozinha, enquanto as plantas da sala pintada choravam a sua perda.

• NICO •

Por mais que lhe custasse horrores cada sílaba que estava prestes a sair da sua boca, Nico tinha dúvidas de que houvesse alternativa.

– Ouve – disse a Libby, baixando o tom de voz quando viraram a esquina de um dos corredores labirínticos da mansão. As janelas estreitas do piso térreo davam para os campos varridos pelo crepúsculo, banhando-os de faixas douradas e de sombra à medida que caminhavam. – Preciso de que isto corra como deve ser.

Como é evidente, Libby ficou logo na defensiva.

– Varona – começou ela –, poderei recordar-te de que não és a única pessoa aqui que tem alguma coisa a provar...

– Poupa-me o sermão, Rhodes. Eu preciso de acesso – disse-lhe ele. – Acesso *específico*, embora ainda não saiba especificamente a quê. Só preciso de garantir que consigo entrar no máximo de arquivos da Sociedade quanto possível.

– Porquê? – perguntou Libby de imediato.

Ela tinha uma inesgotável capacidade para desconfiar dele. Sim, ele podia contar-lhe que a maior parte da investigação existente sobre os descendentes de criaturas era antiga e estava perdida (ou era ilegal e superficial), mas não estava com vontade nenhuma de ir por aí. Eram os segredos de Gideon, não seus, e era apenas uma questão de tempo até a mãe criminosa de Gideon tentar penetrar as guardas de proteção que Nico instalara no seu apartamento, pelo que estava em jogo uma certa urgência.

– Porque sim – respondeu, e antes que Libby conseguisse abrir a boca outra vez, interrompeu-a bruscamente. – Estou só a tentar dizer-te que estou disposto a fazer seja o que for para seguir em frente.

– Nico, se estás a tentar intimidar-me...

– Não estou – e calou-se, frustrado. – Rhodes. Por amor de Deus, estou a tentar trabalhar *contigo*.

– Desde quando?

Para uma rapariga tão inteligente, ela conseguia ser mesmo estúpida.

– Desde que reparei que os três mais velhos já estão a formar equipa – ciciou, apontando para a frente, onde Tristan e Parisa haviam alcançado Callum.

Gradualmente, um ar de compreensão foi despontando no rosto de Libby.

– Queres uma espécie de aliança, é isso?

– Ouviste o que o Atlas disse. Vamos começar por fazer magia física – recordou-lhe Nico. – Tu e eu vamos ser melhores do que qualquer um dos outros.

– Exceto talvez a Rainha – disse Libby, olhando com apreensão sobre o ombro. – Mas ainda não a consegui perceber lá muito bem.

– Não interessa se ela é ou não melhor. Rhodes, nós já estamos em desvantagem – sublinhou. – Nós somos dois e eles são um de cada. Se é para eliminar alguém, um de nós é a escolha natural.

Ela mordeu o lábio.

– Que estás então a sugerir?

– Que trabalhemos juntos. – Algo totalmente inaudito entre eles, considerando a sua inimizade mútua, mas ele tinha esperança de que ela não se agarrasse demasiado a essa causa perdida. – Assim podemos chegar mais longe, de todos os modos. – Espantoso que tivesse sido preciso terminarem o curso da NYUMA para acreditarem nos professores, que haviam insistido precisamente nisto ao longo dos anos. – Não podemos simplesmente dar aos outros um motivo para pensarem que qualquer um de nós é dispensável, só isso.

– Se alguém vai tentar fazer com que eu pareça dispensável, essa pessoa és tu – observou ela. Nico suspirou.

– Não sejas petulante. Estou a tentar ser maduro. – Ou alguma coisa assim. – No mínimo, estou a ser pragmático.

Ela ponderou a proposta.

– Mas e se não for do meu interesse fazer uma aliança contigo? Quero dizer, se demonstrares *mesmo* que não vales nada...

– Não tenho ideia de alguma vez não ter valido *nada* – retorquiu Nico –, mas tudo bem. Seremos uma equipa enquanto for do interesse dos dois, que tal?

– E que fazemos quando não for?

– Tratamos disso quando lá chegarmos.

Libby mergulhou novamente em pensamentos, meio a suspirar.

– Enfim, acho que eles são *mesmo* um bando de snobes – resmungou quando chegaram ao vestíbulo de entrada, no centro da forma em H da casa, acrescentando: – E a verdade é que já tenho um odiozinho de estimação pelo Callum.

– Tenta evitar isso – recomendou Nico. – Os empáticos podem fazer muita coisa com emoções fortes.

– Não me expliques como funcionam os empáticos, como se eu fosse uma tontinha. – Resposta previsível, mas via-se que ela começava a ceder. –

Parece-me tão ridículo que não possamos todos trabalhar em conjunto – resmoneou Libby, meio para dentro. – Quero dizer, de que *vale* ter tanto talento na mesma sala se ninguém está disposto a ver até onde isso nos pode levar?

Nico encolheu os ombros.

– Talvez isso lhes passe.

– Ah, sim, porque isso até acontece muitas vezes – resmungou Libby entredentes, remexendo nervosamente na franja.

Estava decididamente prestes a aceitar. Nico esperou, deixando-a fazer os seus cálculos de uma vez por todas, e ela revirou os olhos.

– Pronto, está bem – cedeu ela de mau humor; algo que, teve Nico de se recordar a si mesmo, *não* era uma chatice, porque era precisamente o que ele queria e, além disso, dava-lhe razão. – Somos então aliados, até deixarmos de ser. E parto do princípio de que isso pode acontecer a qualquer momento.

– Adoro o teu entusiasmo, Rhodes – disse Nico, e ela resmungou alguma coisa depreciativa em troca, quando os dois chegavam por fim à sala de jantar. Como tudo o resto até então, a sala era asquerosamente formal, com mais paisagens de jardins rurais nas paredes e uma daquelas mesas compridas usadas em banquetes ou motins. (Nico tentou não pensar em qual preferiria, embora com aquele grupo um banquete parecesse algo improvável.)

Alianças à parte, Nico sentia-se bastante confiante, apesar de perceber que Libby estava a ter a reação contrária. Sim, Libby fora visada de imediato por Callum (a mais previsível estirpe de filho da mãe em que Nico alguma vez pusera os olhos em cima) e ela era demasiado frágil para competir com o altivo desinteresse que Reina lhe dedicava, mas isso acontecia apenas porque o seu código moral lhe ditava que tinha de stressar sem sentido com coisas sobre as quais não tinha controlo nenhum.

Quando tivesse a oportunidade de provar aquilo que sabia, não seria nem de perto tão tímida; isso Nico sabia por experiência própria. Elizabeth Rhodes podia ser muitas coisas, e muitas não ajudavam nada, mas ser contida com as suas aptidões não era, nem de longe nem de perto, uma dessas coisas. Por uma vez na vida, a irritabilidade de Libby também lhe seria útil a ele.

Quanto mais depressa lhe dessem a oportunidade de se pôr à prova, melhor, pensou Nico sombriamente, observando durante o jantar que Callum, Tristan e Parisa estavam obviamente a iludir-se, pensando que o facto de serem misteriosos e mais experientes fazia deles uma espécie de clube exclusivo. Quase se arrependeu de ter achado Parisa tão atraente, muito embora não fosse a primeira vez que se deixara encantar por uma rapariga cuja principal qualidade era a incapacidade de se deixar impressionar.

Felizmente, o jantar não foi demorado. O dia seguinte, informou-os Dalton no fim da refeição, seria o primeiro dia inteiro. Naquela noite seriam simplesmente acompanhados até aos quartos para algum descanso.

Dalton conduziu-os de volta à grandiosa escadaria do vestíbulo de entrada, afastando-se da sala de jantar e virando na direção da serifa

ocidental do H que a residência formava. Estavam alojados numa ala remodelada, sendo que no lado este do piso de cima estavam instaladas salas de estar mais formais, uma capela privativa (secular, no mínimo, com um tríptico de estreitos vitrais coloridos onde se viam representados a sabedoria, a justiça e algo que devia ser a iluminação ou então fogo posto), e depois mais um caleidoscópio de homens brancos com golas de tufo. Aquilo que designavam por antecâmara (uma palavra fina para algo que, suspeitava Nico, estaria em breve pejado de meias desemparelhadas, desse por onde desse) era uma sala de estar que precedia os quartos, agrupados depois num corredor único e simplificado. Cada um dos seus nomes surgia gravado numa pequena placa ao lado das portas.

– Parece que voltámos ao colégio interno – murmurou Callum para Parisa, embora, evidentemente, nenhum dos outros tivesse tido essa experiência. Nico tivera-a, pois fora enviado de Havana para Nova Inglaterra desde que se consolidou o seu estatuto de médico, mas ele pelo menos tinha consciência suficiente da sua posição privilegiada para não lhe fazer referência. A NYUMA estivera povoada de um sem-fim de estudantes como Libby ou Gideon, que haviam passado a maior parte da vida no sistema escolar mortal; as origens num meio mágico abastado, como era o caso de Nico e Max, não era algo de que se devessem vangloriar, a menos que a ideia fosse ser imediatamente alvo de desconfiança e desagrado. Para uma pessoa que em teoria conseguia sentir as emoções dos outros, Callum parecia terrivelmente desligado.

– Fala por ti – resmungou Parisa em resposta a Callum, dando razão a Nico, embora Callum se tenha limitado a lançar-lhe um sorriso pretensioso.

– São todos adultos – disse Dalton, apanhando o sussurro da conversa no ar –, por isso não há regras. Mas evitem fazer coisas estúpidas.

– Sem regras? – repetiu Tristan, olhando para Libby como se esperasse que ela desmaiasse ao ouvir tal notícia, o que era uma avaliação certa do carácter dela. Tinha sempre ar de quem estava prestes a comunicar algum mau comportamento e o facto de estar naquele momento vestida como uma página do catálogo de primavera dos delegados de turma (casaco de

malha de decote quadrado, saia plissada, sabrinhas) obviamente não ajudava.

– Não podem trazer outras pessoas para esta casa – disse Dalton, parecendo corrigir-se. – Mas tal seria impossível, de qualquer forma, por isso não me dou ao trabalho de o incluir nas advertências.

– Também vive aqui? – perguntou Parisa.

– No complexo – confirmou Dalton evasivamente.

– Se surgir algum problema... – disse Libby.

– Não estamos na escola – explicou Dalton uma vez mais – e, como tal, não há um reitor a quem recorrer se por acaso algum de vocês se sentir insatisfeito. Eu – acrescentou – não sou vosso professor nem vosso protetor. Se efetivamente surgir alguma questão, será um problema coletivo dos seis. Mais alguma coisa?

Nada.

– Muito bem, boa noite – disse Dalton, ao mesmo tempo que os seis dispersavam para encontrar os respetivos quartos.

Muito à semelhança da própria casa, os quartos eram incrivelmente ingleses, cada um preenchido com uma cama de quatro colunas idêntica, uma secretária de dimensão razoável e um roupeiro, uma lareira de mármore branco e uma só estante de livros, vazia. O quarto de Nico, no primeiro andar, à esquerda, ficava ao lado do de Callum e em frente do de Reina. Libby parecia inquieta enquanto se dirigia para a extremidade do corredor com Tristan, o que não parecera surpreendente a Nico. Ela tinha um enorme receio de que não gostassem de si e duvidava de que Tristan alguma vez tivesse gostado verdadeiramente de alguém. Até ver, a decisão de Nico de se aliar a Libby não era um sinal promissor da sua popularidade naquela casa. Ainda assim, era melhor ser a opção mais tolerável das três especialidades físicas do que ser o pendura dos outros três.

Nico deitou-se sem perder tempo. Por um lado, Gideon prometera visitá-lo e, por outro, os seus poderes dependiam quase totalmente do seu estado físico. Regra geral, a magia era esforço físico; implicava sem dúvida algum suor e a recuperação entre os períodos de utilização era uma absoluta necessidade. Nico comparava-o às Olimpíadas dos mortais: uma pessoa

com uma aptidão natural conseguia dominar com grande facilidade os conceitos fundamentais da sua especialidade, *possivelmente* mesmo sem se esforçar muito, mas ganhar uma medalha de ouro exigia treino exaustivo. O mesmo se aplica a outras especialidades além da própria. Podemos evidentemente *tentar* ser bem-sucedidos em todos os desportos olímpicos, mas será igualmente fácil matarmo-nos a tentar. Só os tontos ou os muito talentosos experimentariam fazer o que Nico de Varona já experimentara.

Por sorte, ele era tão perturbadoramente talentoso como tremendamente pouco sensato.

– Isto foi mesmo muito difícil – fez notar Gideon, manifestando-se no subconsciente de Nico, algures a meio de algo que Nico estivera antes a sonhar, e de que já não se lembrava. Parecia agora estar dentro de uma espécie de interminável cela de prisão, deitado num catre estreito, com Gideon do outro lado das grades.

– Onde quer que estejas – disse Gideon –, é uma fortaleza. – Nico olhou em volta, franzindo o sobrolho.

– Ah, é?

– Não consigo, na verdade, entrar – disse Gideon, apontando para as grades. – E tive de deixar o Max lá fora.

– Lá fora onde?

– Oh, num dos reinos. – Haviam tentado mapeá-los na universidade, mas era difícil. Os reinos do pensamento já eram suficientemente difíceis de apreender, e os reinos do subconsciente eram vastos e emaranhados, em constante mudança. – Ele fica bem. Tenho a certeza de que está a dormir.

Nico pôs-se de pé, aproximando-se das grades.

– Não achei que fosse tão difícil. – Todavia, pensando melhor, provavelmente devia tê-lo achado.

– Foram levantadas muitas guardas de defesa – disse Gideon. – Mais do que seria de esperar.

– Até mentais?

– Especialmente mentais. – Gideon puxou alguma coisa no ar, como uma corda de guitarra. – Estás a ver isto? Alguém, por aqui, é telepata.

Parisa, provavelmente, se a insinuação de Tristan estivesse correta, embora Nico duvidasse de que essa proteção em particular fosse obra sua. Devia ser um filamento dentro de um escudo maior contra a telepatia, o que fazia sentido. Nem todos os tipos de furto exigiam uma forma de entrada corpórea.

Olhou para cima, procurando uma câmara (ou a iteração de uma câmara), e descortinou uma no canto.

– Bem – disse Nico, apontando na sua direção. – Tenta não dizer nada de muito incriminador.

Gideon olhou por cima do ombro, encolhendo-o.

– Não tenho grande coisa a contar, para te dizer a verdade. – Pausa, e depois: – *Avez-vous des problèmes? Tout va bien?*

– *Sí, estoy bien, no te preocupes.* – Qualquer pessoa que pudesse estar a ver conseguiria provavelmente traduzir, mas não era essa a questão. – Suponho, nesse caso, que não devemos fazer isto muitas vezes.

Gideon concordou, inclinando a cabeça.

– Não dormes como deve ser enquanto eu aqui estiver – referiu. – E a julgar pela segurança deste lugar, vais precisar de toda a energia.

– Sim – suspirou Nico –, provavelmente. – Tentou não pensar em como os dois próximos anos seriam muito mais difíceis sem sequer um vestígio subconsciente de Gideon para lhe manter a cabeça sã.

– A Libby está aí? – perguntou Gideon.

– Sim, algures. – Nico fez uma careta. – Embora supostamente não devesses saber isso.

– Quer dizer, foi na verdade mais do que apenas um tiro ao acaso. – Gideon inclinou a cabeça. – Estás a ser simpático com ela, não estás?

– Sou sempre simpático. E não me digas o que fazer. – Gideon ampliou o sorriso.

– *Tu me manques* – disse ele. – O Max nem deu conta de que te foste embora, é claro.

– É claro que não. – Pausa. – *Y yo también.*

– É estranho não te ter por perto.

– Eu sei. – Nem por isso. Aquilo ainda não lhe parecia real, mas não tardaria a parecer. – Está tudo tranquilo, pelo menos?

– Sim, e não gosto quando as coisas estão tranquilas – respondeu Gideon. – Leva-me a suspeitar de que a minha mãe vai subir à tona do cano do lava-louça.

– Isso não vai acontecer, tive uma conversa com ela.

– Ah, sim?

– Bom, ela surpreendeu-me no banho – disse Nico. – Ainda assim, eu diria que a consegui convencer. – Ou algo parecido, pensou com amargura, se é que as guardas de proteção contavam para alguma coisa.

– Nicolás – suspirou Gideon –, *déjate*.

Gideon sabia, é claro – saberia melhor do que qualquer outro –, que Nico continuava afetosamente a esconder-lhe a verdade, mas a verdade é que Eilif era um assunto pesado. Nico nunca chegara a compreender como ela conseguia atravessar os planos astrais com tanta facilidade (um livro algures ali perto dar-lhe-ia provavelmente essa informação, constatou, excitado com tamanha possibilidade); contudo, se não pensarmos nestes pormenores, ela era trapaceira e era extraordinária. O que quer que Eilif fizesse, no que tocasse à magia, fazia-o suficientemente bem para deixar Gideon constantemente vulnerável, e Nico não ia arriscar deixá-la encontrá-lo novamente. O último trabalho que forçara Gideon a fazer por si esgotara-o de tal forma que sofrera convulsões ininterruptas dias a fio, acabando por colapsar perto do Tompkins Square Park e ir parar ao hospital antes que Nico pudesse ser contactado. Já para não falar que as pessoas que Gideon tinha roubado (um pormenor que Eilif se esquecera de referir, já que era criminosamente esquecida ou, mais provavelmente, apenas uma criminosa) procuraram-no nos reinos e aplicaram-lhe a sua vingança. Nico não precisara de ouvir nenhuma explicação de Gideon sobre os motivos por que se obrigava a ficar acordado, nunca passando mais do que pelas brasas, durante quase um mês.

Estas coisas, como a óbvia necessidade das proteções de Nico, não tinham de ser ditas em voz alta.

– Gideon, estou só a tentar esc...

Nico deteve-se ao ver que as grades se deformavam e o rosto de Gideon estava a desaparecer. Abriu os olhos para a escuridão gritante, enquanto alguém o acordava aos abanões.

– Está alguém aqui – disse uma voz que, por momentos, não reconheceu, enquanto, sonolento, se sentava direito na cama.

– O quê? É só o meu amigo, ele não é...

– Não é na tua cabeça. – Era a voz de Reina, deu-se então conta, ajustando a visão para discernir a forma geral do seu rosto nas trevas. – Está alguém dentro de casa.

– Como é que...

– Há plantas em todas as salas. Elas acordaram-me. – Estava a falar num tom que dizia *para de falar*. – Alguém está a tentar entrar, se é que já não conseguiu.

– E que queres tu de mim?

– Não sei – respondeu ela, com o sobrolho franzido. – Alguma coisa.

Nico esticou-se, encostando uma mão ao soalho para sentir a pulsação da madeira sob a palma.

– Vibrações – disse. – Está decididamente aqui alguém.

– Isso já eu sei. Eu disse-te.

Bem, seria melhor se ele pudesse tratar do assunto sozinho, ou quase sozinho. Reina estava provavelmente a fazer-lhe um favor ao acordá-lo primeiro. Ah, mas ele disse que não faria nada sozinho.

– Acorda a Rhodes – disse Nico, depois de pensar duas vezes, pondo-se de pé. – Ela está no último...

– O último quarto à direita, eu sei. – Reina desapareceu rapidamente, sem fazer perguntas. Nico esgueirou-se para fora do corredor da sala de estar (que tinha o nome de um qualquer obscuro ornamento arquitetónico que já se varrera da sua memória) e avançou para a entrada oeste que dava para a galeria, parando por instantes à escuta. Libby era melhor a escutar; estava mais sintonizada com as ondas das coisas, normalmente o som e a velocidade, por isso ele desistiu e, ao invés, começou a sentir. Conseguiu sentir a perturbação que vinha algures do andar de baixo.

Deu um salto quando a porta da sala de estar se abriu atrás de si, revelando Parisa na soleira.

– Estás a pensar muito alto – informava-o ela com uma aversão palpável, quando Libby assomou por fim do seu quarto.

– Não deveríamos acordar...

– Que se passa? – exigiu saber Callum, avançando a passos largos pelo corredor fora.

– Está alguém dentro de casa – disse Nico.

– Quem? – perguntaram Libby e Callum em uníssono.

– Alguém – responderam Nico e Reina.

– Muitos alguéms – corrigiu Parisa. Tinha uma mão encostada à parede, lendo o conteúdo da casa como quem lê *braille*. – Há pelo menos três pontos de acesso que foram comprometidos.

– Ela tem razão – disse Reina.

– Eu sei que tenho razão – grunhiu Parisa.

– Alguém acordou o Tristan? – perguntou Libby, com um ar previsivelmente stressado.

– Acorda tu – disse Parisa, com desinteresse.

– Não – disse Nico, espreitando para o primeiro andar a partir da balaustrada superior para ver se havia movimentos ainda indetetáveis. – A Rhodes vem comigo.

– O quê!?! – exclamaram Libby, Parisa e Callum.

– Ouviram o que eu disse – continuou Nico, acenando a Libby para que o seguisse. – Reina, acorda o Tristan e diz-lhe para vir atrás. Rhodes, fica perto de mim.

Libby fuzilou-o com um olhar do tipo *tu não mandas em mim*, mas Nico já se começara a afastar. Callum seguiu-o, avançando naquele ritmo sem pressa de quem nunca se sente ameaçado.

Ainda antes de alcançarem o patamar superior aberto do grande vestíbulo, era evidente que a situação dentro da casa se havia agravado, passando de perturbação a infiltração.

Deram imediatamente com a emboscada, nas portas da frente do piso inferior, assim que emergiram no piso da galeria. Um grupo de pessoas lá

em baixo estava claramente a coordenar movimentos, embora Nico não conseguisse ainda perceber quantas eram.

– Baixem-se – sibilou Nico, puxando Libby para o soalho e gesticulando avisos a Callum quando algo disparou sobre as suas cabeças, vindo do vestíbulo de entrada em direção ao lugar onde se haviam agachado, no patamar abobadado do piso superior. Era muito maior do que uma bala, pelo que provavelmente não seria mortal. Alguma coisa para imobilização temporária, muito provavelmente, o que caracterizava a maioria das armas mágicas. Embora estes tipos de projéteis fossem caros, e não particularmente úteis quando disparados contra um alvo desconhecido. Isto deu a Nico tempo para pensar.

– Provavelmente um teste – disse Callum, com uma espécie de arrastamento grave na voz. – Uma tática para nos assustar e levar a trabalharmos juntos.

É possível, pensou Nico, sem ter especial vontade de concordar com Callum em voz alta.

– Protege-me – disse ele a Libby.

– Sim, senhor – disse ela, com uma careta. – Mantém a cabeça baixa.

Todos os anos, a NYUMA organizava um torneio para as especialidades físicas; algo parecido com o jogo de captura da bandeira, mas com menos regras e mais margens de tolerância. Ele e Libby nunca tinham feito parte da mesma equipa, ficando quase sempre frente a frente na última ronda, mas todos os jogos eram essencialmente o mesmo: uma pessoa atacava enquanto outra lhe dava cobertura.

Nico levantou-se enquanto Libby conjurava uma fina bolha de proteção à sua volta, manipulando a estrutura molecular do ar na sua proximidade imediata. O mundo era sobretudo entropia e caos; a magia, portanto, era ordem, porque era controlo. Nico e Libby conseguiam alterar os materiais à sua volta – conseguiam pegar na compulsão do universo para preencher um vácuo e dobrá-lo, torcê-lo, alterá-lo. O facto de serem fontes de energia naturais, duas unidades de armazenamento de uma carga elétrica maciça, significava que não só conseguiam albergar a energia necessária a uma

explosão, como também abrir-lhe o caminho com a menor resistência possível.

Em todo o caso, até as baterias tinham o seu limite. O combate um a um era uma forma excelente de desperdiçar muito tempo e energia, por isso Nico optou por lançar uma rede mais larga. Alterou a direção do atrito de uma sala de estar próxima no andar de baixo, enviando os ocupantes invasores do vestíbulo principal para a parede mais distante. Solicitamente, uma fina gavinha de plantas esgueirou-se para fora e entrelaçou-se à sua volta, apertando-os com força.

– Obrigado, Reina – disse Nico, expirando ao repor o equilíbrio de forças na sala. Atrás dele, Reina aceitou o agradecimento com um encolher de ombros.

A bolha de proteção de Libby dissipou-se.

– É só isto? – perguntou Libby. Nico contou em silêncio os corpos presos na armadilha de Reina; apenas três, o que era suspeito. Seriam pessoas suficientes para forçar a entrada numa casa com o tipo de segurança que Gideon sentira?

– Não – disse Parisa quando Nico pestanejou, esquecendo-se por instantes do conjunto de aptidões dela, decidindo nesse momento que os seus pensamentos não valiam agora o esforço de os tentar esconder. – Há alguém na ala leste, perto da sala de jantar...

– E na biblioteca – informou Reina, corrigindo-se seguidamente, com irritação –, na sala pintada.

– Qual? – quis saber Callum.

– Estás a pensar ter alguma utilidade? – ripostou Reina, fulminando-o com os olhos.

– Se eu sentisse alguma necessidade de me sentir preocupado, provavelmente estaria – respondeu Callum. – Pelo que vejo, porque haveria de desperdiçar os meus esforços?

– Que se passa? – perguntou Tristan, que aparentemente conseguira ter a decência de se juntar ao grupo.

– O Blakely está a testar-nos – disse Callum.

– Não sabes isso – contrapôs Libby. Sob o corredor da galeria, surgia iminente o som de outra intrusão. Libby juntou as sobrancelhas, concentrando-se. – Pode ser real.

– Que queres que faça com estes? – perguntou Reina, apontando para os homens contorcendo-se dentro das vinhas do seu cativeiro.

– Bom – disse Parisa, impaciente –, se considerarmos que não os queremos *dentro de casa...*

– Varona, estás a ouvir?

Antes de Nico conseguir dizer que sim, Rhodes, se ela conseguia ouvir, então *ele* conseguia obviamente ouvir também, um estranho e perturbador tinido ressoou dentro dos seus ouvidos. Preencheu-lhe a mente com uma brancura vazia, cegando-o atrás dos olhos fechados.

Ele sentiu vagamente uma espécie de ferroada aguda, como a picada de uma agulha. Algo lhe ferrou o ombro e ele queria enxotá-lo, mas o guincho penetrante que, sem saber como, lhe enchia os ouvidos era debilitante; paralisava-o. Sentia uma pressão dentro da cabeça que ameaçava preencher todo o espaço, como um tumor em rápida expansão.

Então o zunido desvaneceu-se, apenas o suficiente para lhe permitir abrir os olhos e ver que Libby estava a falar, ou pelo menos a tentar. *Varona*, dizia a boca dela, *Varona, é uma sonda!*

Sonda? Não, não é uma sonda.

Ele pestanejou, a visão começou a ficar mais nítida. *Uma onda.*

Isso já ajudava. Ele tentou erguer a mão direita e titubeou com a dor, mudando para a mão esquerda para agarrar a partícula de som e apontar para ela, como um chicote, até que esta se quebrou. Libby, agora liberta do esforço de o arrastar do efeito imobilizador da onda sonora, apagou-a com uma centelha.

– ... não pode ser um teste – terminou ela, e Nico deu conta de que a dor que sentia no ombro era muito mais do que uma simples ferroada. A ferida estava encharcada em sangue e, tanto quanto conseguia perceber, por norma isso não acontecia com as armas mágicas. Deslizou até à base das balaustradas, espreitando entre as colunas para perscrutar quem ainda

estava lá em baixo enquanto os outros se abrigavam à pressa, agachando-se no lado oposto contra a parede da galeria.

– Isso – estava Libby a dizer, horrorizada – não é um ferimento a fingir!

– Foi uma bala – observou Parisa. – Quem quer que sejam, provavelmente não são mágicos.

Fazia sentido, muito embora o primeiro disparo tivesse sido alguma espécie de magia; algumas formas podiam ser facilmente disponibilizadas a compradores mortais em troca de dinheiro suficiente, e os medeiros eram suficientemente raros para que se considerasse um desperdício enviar um grupo deles. As armas eram mais baratas e perfeitamente eficazes – como se viu. Nico rosou de irritação, coagulando o sangue com um aceno de mão.

– Mas isto não pode ser obra da Sociedade – protestou Libby. – Espera-se, seguramente, que façamos alguma coisa!

– Há aqui pelo menos um medeiro – rangeu Nico entredentes, debatendo-se para se pôr de pé. Não ia perder tempo a aliviar a dor, já que isso só exigiria mais energia do que podia dispensar naquele momento. Não era de todo um ferimento letal e teria de o tratar mais tarde. – Acho que nos devíamos separar. Eu posso tratar dos outros todos se a Rhodes for à procura do medeiro.

– Os outros todos? – repetiu Callum, cético. – Tens o ombro esfrangalhado. Não é uma pistola, é uma espingarda automática. Podes estar a enfrentar militares das forças especiais.

– Agradeço *muitíssimo* – respondeu Nico rudemente, enquanto uma nova ronda de tiros era disparada lá de baixo. Sabia muito bem aquilo com que estava a lidar, e essa era precisamente a questão. – Eles não se dariam ao trabalho de armar um punhado de medeiros com AK – gritou sobre o som do armamento –, do mesmo modo que não enviariam mortais sem supervisão mágica. – Se aquela era algum tipo de força militar, estavam provavelmente sob o comando de um medeiro. – E se ele é bom com ondas, a Rhodes ouve-o quando se preparar para atacar.

– Então devemos separar-nos – disse Parisa, que mantinha, no mínimo, a cabeça muito fria. Disse-o factualmente, como quem recomenda um

casaco fino para nos protegermos num dia mais fresco.

– Sim, boa ideia. Tu ficas comigo – sugeriu-lhe Nico –, a Rhodes pode levar o Tristan e a Reina pode ir com...

– Eu fico – disse Reina.

– O quê? – perguntaram Callum e Libby. Um com ironia, a outra em dúvida.

Reina não se deixou intimidar.

– O Nico é quem vai enfrentar mais pessoas. Eu tenho experiência de combate.

Nico mirou-a.

– Tens?

– Bem, fiz treino de combate corpo a corpo – corrigiu ela, o que não soou a grande coisa, como se ela se tivesse limitado a ler um monte de livros sobre o assunto. – Além do mais, todos parecem achar que a minha especialidade não vale nada, não é?

– Não temos propriamente tempo para estar a discutir – salientou Libby, interrompendo antes que outra pessoa conseguisse falar. – Parisa, leva o Callum – disse ela; faria tudo, adivinhou Nico, para se safar de ir com Callum –, e o Varona tem razão, o Tristan pode vir comigo.

– Pronto, está bem – disse Parisa inexpressivamente. – Eu posso encontrar o medeico que anda pela casa.

– Ótimo, e nós vamos verificar os pontos de acesso lá em baixo...

E era o máximo que Nico teve paciência para debater quanto à logística. Entretanto, o braço ficara algo entorpecido, provavelmente porque a sua mente estava já a seguir em frente e a enfrentar a ideia de expulsar intrusos.

Ele fora muito, mesmo muito bom no torneio de físicos. Fora, aliás, eleito o melhor jogador do torneio quatro anos seguidos e, por muito boa que Libby possa ou não ter sido (sim, pronto – *foi* boa, mas ainda assim), ela nunca o conseguira vencer. Nico tinha um pendor para a adrenalina e, além do mais, tinha de pedir contas a alguém pelo ferimento. Na sua opinião nada modesta, tinha mais do que direito.

– Vamos. – Nico chamou Reina, saltando por cima do corrimão da galeria e acenando-lhe para que ela o seguisse na direção da saraivada de disparos lá em baixo, protegendo-se com uma mão esticada. – Encontramo-nos lá em baixo.

– Varona – suspirou Libby –, com certeza percebeste que há *escadas*...

Já não a estava a ouvir, ocupado a mergulhar em direção ao chão. Estavam a disparar, oh que surpresa, mas agora ele estava preparado. Aterrou de pés e esquivou-se de uma bala com a mesma facilidade com que teria escapado a um soco, vislumbrando o uniforme que sugeria que tivera razão; era algum tipo de força militar. Divertido! Empolgante. Todos contra ele – que infelicidade a deles não terem trazido o dobro dos homens. Enrolou ligeiramente o chão, afunilando-os a todos para um orifício de escoamento invisível. Melhor assim, para ver quantos eram. Contou seis e sorriu para si mesmo, voltando a dar ao chão a sua forma anterior. Os atiradores tropeçaram e, ao recuperarem o equilíbrio, dispararam na sua direção.

Foi Reina, para surpresa de Nico, quem fez pontaria primeiro, lançando um raio de alguma coisa muito tosca, mas muito rápida, contra o peito de um atirador que a ia atacar. O atacante ficou sem conseguir respirar por momentos, lançando a coronha da espingarda em voo contra o rosto do companheiro. Pelo som das suas imprecações, Nico adivinhou que era americano, possivelmente da CIA. Isso, pensou ele com um arrepio de entusiasmo, seria realmente muito empolgante. Ele nunca antes fora suficientemente importante para ser digno de uma tentativa de assassinato.

Ouviram-se mais disparos, o que era simplesmente inaceitável; já bastava um ferimento. Depois de esperar alguns momentos para absorver o impacto com um escudo temporário da sua lavra, Nico agarrou no atirador mais próximo e rodopiou-o, formando um círculo, levando os outros a atirar-se para trás do mobiliário aristocrático, em busca de proteção. Um puxão de gravidade vindo de baixo dos agressores lançou-os a flutuar pela sala fora em câmara lenta, com as espingardas a fugir-lhes das mãos. Nico reuniu as armas e desmontou-as com um só golpe explosivo, pondo os componentes

a voar como estilhaços no momento em que as forças gravitacionais normais da sala foram repostas.

Pronto, pensou. Agora vamos lá lutar a sério.

Reina parecia estar a sair-se bastante bem no combate corpo a corpo, tendo já progredido da base da escadaria até ao interior da sala de jantar; Nico captou um vislumbre dela pelo canto do olho, no momento em que se esquivava de um golpe destinado ao seu ouvido, direcionando-o para outra sala formal. Reina mexia-se como um touro, ataque atrás de ataque, e a força dos seus golpes era inacabada, mas pesada, inequívoca. O estilo de Nico era um pouco mais sofisticado, mais ágil. O primeiro atirador, agora armado com um pequeno canivete, atacou-o com um gancho de direita cego de cima para baixo de que Nico se esquivou alegremente, lançando o homem a cambalear enquanto jorrava obscenidades alto e bom som.

Aquilo, pensou Nico, era sem dúvida alguma inglês britânico. CIA e MI6, quem sabe? Que lisonjeador.

Reina tratou de dois dos atiradores, lançando um disparo difícil, mas acessível, para imobilizar uma coxa enquanto Nico reduzia os restantes quatro homens a três, virando o canivete ao contrário para atingir o agressor com um golpe nos rins. Reduziu três a dois com alguns golpes traiçoeiros na cabeça, deixando os homens tontos com meia dúzia de punhaladas ao acaso, aplicando em seguida um soco de baixo para cima para estalar para trás o pescoço do atacante. O impacto foi convincente, eficiente e seco. Bastou um pouco de precisão para guiar a sua mão não dominante, que ainda por cima estava ferida.

Na verdade, fazia sentido pensar que quem quer que estivesse a tentar entrar na Sociedade não tivesse enviado todo um batalhão de medeiros. Tinham seguramente conhecimento do tipo de medidas de segurança que estavam a tentar contornar, e uma matilha de operacionais das forças especiais podiam causar a mesma quantidade de danos sem sacrificar uma só gota de precioso sangue mágico. Sim, teriam de estar acompanhados de um medeiro para quebrar as guardas de segurança, mas todas as pessoas que estava a enfrentar naquele momento só eram perigosas se Nico o

permitisse. Talvez não fosse surpreendente que não lhe apetecesse ser morto.

Os dois atacantes que faltavam não eram estúpidos. Atacaram lado a lado, colocando Nico na extremidade de um triângulo isósceles; um princípio básico do combate de dois contra um e, precisamente por isso, bastante fácil de prever. Bem como a decisão de Nico de os forçar a formar uma cintura de Oríon, correndo na direção de um deles enquanto disparava uma carga de força contra o outro. Para Nico, a magia não era mais do que uma intensificação da sua aptidão natural. Ele era estável, equilibrado, compacto e rápido sem a ajuda dos seus poderes, que tinham de ser o mais possível preservados. Podia desperdiçá-los e terminar o combate mais cedo, precisando de mais tempo para recuperar, mas tinha juízo suficiente para não fazer algo assim tão precipitado. Estes homens podiam não ser mágicos, mas havia *alguém* ali que era, e não tardariam a atestar isso mesmo. Nico tinha toda a intenção de estar pronto quando isso acontecesse. Até lá, teria de lutar com os punhos.

Estava a usar apenas a quantidade de magia necessária para conferir aos seus golpes uma intensidade equivalente à de uma eletrocussão, atirando o atacante (agora totalmente desarmado, depois de lhe aplicar um encanto de chamamento e de lhe enterrar o próprio canivete no músculo quadricípite) para trás a cambalear, temporariamente imobilizado, enquanto o outro disparava na sua direção, falhando Nico por milímetros.

Nico, recuperando o controlo do canivete do agressor, esgueirou-se mesmo a tempo de evitar um golpe que fora dirigido ao seu ombro ferido – algo que, imaginou, se tornara um ponto de pressão um tanto ou quanto evidente, vendo como estava naquele momento coberto de sangue. Por sorte, o seu contragolpe de reflexo lançou o adversário diretamente para a posição difícil que desejara e, na escorregadela seguinte, fez os cálculos de forma a interceptar o adversário que vinha a toda a brida por trás de si, provocando o impacto do segundo atacante contra o primeiro.

Sentiu então pequenos solavancos sob os pés; um aviso e um lembrete de que estes não eram os últimos intrusos naquela casa. Apanhado entre os dois últimos, Nico aliviou novamente a atração da gravidade para se levitar

paralelamente ao chão, rasgando a carótida de um com o canivete que tinha na mão, apontando ao mesmo tempo com a arcada do pé para o esterno do outro. O último agressor recebeu o efeito do pontapé de Nico como um golpe direto no coração, ficando parado a meio de um arquejo e caindo ao chão no momento em que Reina enfiava uma lâmina na lateral da cabeça do homem que a atacava.

Nico estava em vias de se virar para ela e lançar-lhe um grito de vitória – para a congratular com uma mão no seu ombro por ter feito um nadinha mais do que apenas ler um livro – quando sentiu o som perturbador a invadir-lhe novamente a cabeça; desta vez, o botão do volume tinha sido regulado tão alto que ele se ergueu do chão, flutuando em paralisia total.

Era tudo o que aquele medeico sabia fazer? Ondas? Ele imaginava que havia um motivo para terem escolhido apenas seis para a Sociedade; nem todos os medeicos tinham poderes e aptidões. Este parecia ter apenas um talento. Contudo, havia que dizer em defesa deste medeico que era um talento extremamente útil, e Nico ficou imediatamente debilitado, uma vez que sangrara copiosamente durante todos os momentos em que não se estava a concentrar na coagulação da ferida do ombro. Se não tivesse já despendido este esforço, não teria tido dificuldade nenhuma em resistir. Ele conseguia dominar a maioria dos medeicos usando apenas a força, mas não com um ferimento crucial.

Em todo o caso, tinha de ser feito. Iria doer, mas tinha de ser feito. Nico reuniu o que restava das reservas das suas capacidades, esgotando-se quase completamente ao fazê-lo, e foi surpreendido por uma pequena centelha; uma sacudidela, algures abaixo da palma insensível da sua mão. Era um afluxo de alguma coisa, como uma corrente elétrica, e Nico sentiu-o a sair de dentro de si como um estouro; uma expulsão com a força de um arquejo e o volume de um berro.

A carga adicional nos seus poderes só podia ter vindo de Reina – a mão que ele lhe colocara no ombro pulsava de sentido, um zumbido eletrificado –, mas naquele momento ele não podia ficar a pensar no que o poderia ter causado. Tinha apenas segundos até que o medeico conjurasse outra onda sonora, por isso manteve a palma da mão agarrada ao ombro de

Reina e empurrou um aglomerado de magia – poder, energia, força, o que quer que lhe quisessem chamar – diretamente contra o corpo do medico que os esperava, a partir da sua posição na base da porta de entrada escancarada do grande vestíbulo. Gerou uma explosão forte o suficiente para o afastar de Reina. Cambalearam os dois para trás contra a parede coberta de tapeçarias da antecâmara, esquivando-se de uma saraivada de fragmentos do teto.

O som do disparo de Nico a acertar no alvo foi o grito de dor de uma mulher. Nico dissipou a névoa e a poeira do ar, esperando até que tanto ele como Reina a conseguissem ver nitidamente.

– Bom – disse Nico a Reina, olhando para a medeica que se debatia para se pôr de pé entre os escombros da pouco prática coleção de retratos do grande vestíbulo. – Queres ir primeiro ou vou eu?

Não ficou surpreso quando Reina esboçou um sorriso ameaçador, dando um passo em frente.

– Parece-me bem que há espaço para os dois – disse ela, pousando uma mão no ombro dele, quando Nico convocou com satisfação tudo o que lhe cintilava nas veias.

• TRISTAN •

Tristan ouviu o som de uma explosão ensurdecadora, seguida da inconfundível algazarra da gargalhada de Nico de Varona.

Ele estava a *gostar* daquilo, pensou Tristan, enojado. Quando havia deixado Nico, com ferimento de bala e tudo, os seus passos eram tão descontraídos e tão à vontade que ele parecia dançar, deslizando entre disparos. Era como se a própria gravidade tivesse regras diferentes com ele, o que era provavelmente verdade. Tristan nunca antes conhecera ninguém com a especialidade genérica de «físico», tendo constatado que a maioria dos médicos físicos apresentava um leque muito estreito de aptidões. Um poder imenso era normalmente acompanhado da capacidade de influenciar apenas determinadas coisas: Levitação. Incandescência. Força. Velocidade. Tristan não sabia que era possível uma só pessoa conter em si todas essas capacidades e, pelo visto, possivelmente ainda mais. A magia física era suficientemente esgotante para que Nico se devesse estar a sentir exausto, mas não era o caso.

Ele estava a *rir-se*. Estava a divertir-se e, enquanto isso, Tristan estava prestes a vomitar.

Na cabeça de Tristan, ele aceitara a tarefa mais fácil; ia apenas «proteger o perímetro» ou lá o que se podia chamar a este tipo de atividade. Se alguém ia disparar contra alguma coisa, raciocinou para si mesmo, seriam todas aquelas armas apontadas diretamente para Nico, de quem Tristan não gostara particularmente logo desde início. Conhecia o género de Nico – espalhafatoso, pretensioso, cheio de fanfarronices sem mérito, como a maioria dos feiticeiros do gangue do pai. Todos tinham facetas violentas que pouco faziam para esconder, com uma abjeta devoção ao rãguebi,

e Tristan presumira que Nico era assim. Jovem, exibicionista e propenso a lutas que não podia vencer.

Aparentemente, tinha-se enganado. Não só Nico conseguia vencer, como também o fazia depois de ter sido alvejado no ombro da sua mão dominante.

Mais alarmante ainda era perceber que ele não era o único a consegui-lo.

Fora com tremenda relutância que Tristan aceitara separar-se inicialmente dos outros com Libby, que fora até aí pouco mais do que uma pequena irritação que, suspeitava ele, era demasiado insegura para durar sequer um dia. Apenas um sentido de cavalheirismo (ou algo parecido) o impedira de se juntar ao invés a Callum e Parisa, que haviam virado à esquerda seguindo alguma coisa que esta ouvira na mente da casa. Tristan pensara: bem, alguém vai ter de tomar conta da pobre rapariguinha irritante, senão como vai ela sobreviver sem ninguém para lhe responder aos milhares de perguntas?

Mas então, é claro, ele fora atacado de surpresa naquela monstruosidade de mansão por um bando daquilo que pareciam ser espiões armados e agora tinha de confiar *muito mais* na dita rapariguinha irritante do que gostava de admitir.

– Baixa-te – ordenou Libby quando mais uma arma disparou, desta vez vinda algures de trás deles. Era, pelo menos, uma revigorante mudança de ritmo face aos seus habituais resmungos. Se tudo aquilo lhe podia trazer algum motivo de alívio, era o facto de Libby Rhodes ser muito mais capaz do que parecia. Tristan começava a arrepender-se de não se ter tornado amigo de nenhum dos três especialistas físicos. Nico teria sido ideal, considerando que parecia ser um poço de energia. A magia que irradiava dele era mais sofisticada do que tudo o que Tristan alguma vez vira e ele vira bastante nas suas funções de analista de investimentos. Conhecera medeiros que afirmavam energizar centrais elétricas inteiras com o equivalente a energia nuclear, mas que não possuíam o talento bruto de Nico e que seguramente não tinham o seu controlo. Malfadadamente, ocorreu a Tristan que Libby e Nico poderiam ter parecido os menos ameaçadores por serem os mais jovens e menos experientes, mas agora, de

repente, duvidava de que fossem tão juvenis como pareciam. Desejava entretanto não ter estabelecido uma divisória entre ele e os outros, duvidando de que fosse fácil desfazê-la.

Tudo aquilo lhe recordava desagradavelmente que o seu pai, um feiticeiro capaz de níveis moderados de magia física, sempre encarara Tristan como um fracasso. Desde o princípio, Tristan fora lento a mostrar sinais de magia, mal se conseguindo qualificar para o estatuto de médico quando chegou à adolescência. Um desfecho nada surpreendente, se se tiver em conta que haviam passado tantos anos preocupados com a ideia de que ele nem sequer fosse feiticeiro.

Teria por isso optado por fazer aquilo? Atlas Blakely dissera a Tristan que ele era raro e especial e, por isso, pensou: sim, muito bem, é hora de deixar para trás tudo o que andei incansavelmente a cultivar durante anos para provar ao meu pai distante que também eu sei fazer algo incrivelmente arriscado?

– Sabes fazer algum encantamento de combate? – resfolegou Libby, lançando a Tristan um olhar sugestivo de que ele era a pessoa mais inútil que alguma vez conhecera. Naquele momento, ele suspeitava de que talvez fosse.

– Não sou lá muito bom em tarefas físicas – lá conseguiu dizer, desviando-se de mais uma bala. Aqueles homens pareciam diferentes do grupo que Nico estava a enfrentar no átrio principal do andar de baixo, mas também estavam decididamente equipados com armas automáticas. Tristan não sabia grande coisa sobre a intersecção de magia e tecnologia nas artes da guerra, dado que James Wessex optara por tratar pessoalmente de todos os assuntos relacionados com tecnologias de armamento, mas suspeitava de que aqueles eram meros mortais a usar miras telescópicas otimizadas com magia.

– Pronto, está bem – retorquiu Libby, claramente impaciente –, mas tu tens alguma...

Interrompeu-se antes de dizer algo que, suspeitava ele, seria a palavra «utilidade».

Algo que, como Adrian Caine fizera sempre questão de salientar, Tristan nunca tivera.

– Então vem – disse ela, frustrada, puxando-o para trás de si. – Fica atrás de mim.

Aquilo, pensou Tristan, era uma reviravolta dos acontecimentos que o deixava ligeiramente furioso. Para já, ele não tinha grande experiência a ser alvejado. Que raio, aquilo deveria ser uma bolsa de estudo académica; não contara que o tempo passado nos arquivos de Alexandria implicasse agachar-se atrás da peça de mobiliário berrante mais próxima que conseguisse encontrar.

Podia ter ficado na Wessex Corp e nunca ninguém lhe teria apontado uma arma a vida inteira. Podia ter dito simplesmente a Atlas Blakely para enfiar a proposta onde quisesse e ido de férias com a noiva; naquele preciso momento, podia estar a fazer sexo hercúleo e vigoroso, acordando depois para discutir o futuro da empresa com o seu sogro bilionário enquanto tomava um *Bloody Mary* habilmente confeccionado. Que importava que Eden fosse uma maçadora adúltera ou que James fosse um tirano capitalista, se isso significava nunca ter de se esforçar nada além de um jogo de *badminton* com uma família com os copos, enquanto Tristan forçava uma gargalhada ao ouvir as últimas novidades sobre as carências do proletariado de esquerda?

Naquele momento, tudo lhe parecia incerto.

Libby, pelo menos, começava a assumir alguma iniciativa com a sua defesa, pondo de lado qualquer tipo de hesitação em prol da sobrevivência. Independentemente de quem fossem aquelas pessoas que ali haviam entrado, estavam vestidas de preto dos pés à cabeça e movimentavam-se acrobaticamente por toda a horrorosa sala de estar, alternando entre os indulgentes retratos de homens brancos de indumentária aristocrática simplesmente como sombras-fantasma. Havia tanta magia naquela sala que era difícil de ver outra coisa que não derrames enevoados e translúcidos.

Libby virou-se e apontou para alguma coisa; uma expulsão de poder dirigida ao nada.

– Falhaste – disse Tristan, um momento de «eu avisei-te» resmungado que ele teria decorosamente evitado se tudo aquilo não fosse tão potencialmente fatal, e ela fuzilou-o com o olhar.

– Eu não falhei!

– Oh, mas isso é que falhaste – disse ele entredentes, apontando. – Falhaste em cerca de metro e meio.

– Mas ele está caído, ele...

Mas que raio, seria ela cega? Devia ter ficado com Nico.

– Que estás para aí a dizer? Podes ter partido um candeeiro, tudo bem, mas é apenas eduardiano...

– Eu não... – Libby deteve-se, pestanejando. – Estás a dizer que não há ali nada?

– É claro que não há ali nada – grunhiu de frustração –, é só... – Oh, céus, como podia ser tão estúpido? – É uma ilusão – constatou Tristan em voz alta, carrancudo ao perceber o seu erro por não ter visto o óbvio, e então, sem desperdiçar mais tempo, pegou nos ombros de Libby e fez dela uma mira, apontando.

– Ali, estás a ver? Mesmo em frente.

Ela disparou novamente, detonando desta vez uma saraivada de balas, travando o seu avanço em pleno ar e provocando uma combustão em massa. O atirador foi lançado para trás, o ar ficou atulhado de estilhaços e a força da explosão desencadeou uma nuvem de fumo momentânea. Libby era bastante incendiária, o que, suspeitava Tristan, era algo a preservar, mas também um alívio muito oportuno. Iria provavelmente custar-lhe a mesma energia de que Nico precisara para fazer o que quer que fosse que fazia lá em baixo, por isso era melhor não disparar ao acaso enquanto não soubessem quantos agressores ainda teriam de enfrentar.

– O que vês nesta sala? – perguntou-lhe ao ouvido, tentando concentrar-se enquanto o fumo se dissipava. Tudo o que conseguia discernir eram fulgores, torrentes de magia.

– Não sei, vejo dezenas deles, pelo menos – disse ela, com uma careta. Percebeu que ela estava a debater-se com um sentimento de frustração;

para alguém com os seus evidentes problemas de controlo, a presença de ilusões seria seguramente um enorme pesadelo. – A sala está pejada deles.

– Só restam três – informou Tristan –, mas não desperdices energia. Deixa-me ver se consigo encontrar o medeico que está a lançar as ilusões.

Libby rangeu os dentes.

– Despacha-te!

Certo. Ele ergueu a cabeça para olhar em volta, tentando determinar quem estava a lançar os feitiços, se é que havia alguém. Não conseguia ver nenhum indício de produção de magia, embora tenha detetado uma bala – uma bala verdadeira; Libby não deve ter conseguido distingui-la das balas de ilusão – mesmo a tempo de atirar um escudo bastante primitivo, que se dissolveu com o impacto enquanto Libby deu um salto, sobressaltada.

– O medeico não está aqui – disse Tristan, o que era possivelmente a conclusão mais inquietante a que podia ter chegado. – Vamos livrar-nos destes três e seguir em frente.

– Aponta-me na direção certa – disse ela sem hesitar. – Consigo derrubar três. – E Tristan não duvidou.

Ele pegou-lhe no braço esquerdo, orientando-a no preciso momento em que um dos agressores disparou mais uma saraivada de balas. Como antes, a explosão de Libby fez ricochete para trás, na direção do atacante, embora Tristan não tivesse ficado à espera para ver se alcançara os resultados pretendidos. Os outros estavam em movimento, e depressa, por isso ele puxou-a contra o seu peito, apontando primeiro para aquele que vinha na sua direção e, depois, com um pouco mais de dificuldade, para o que se estava a esgueirar da sala.

– Estão a ir para aquele lado – disse ele, pondo Libby de pé e precipitando-se atrás do atirador em fuga. – Deve ser onde está o medeico. Consegues...

Uma fina bolha de alteração na atmosfera teceu-se em seu redor, selando-se a si mesma com uma pequena sucção de formação de vácuo.

– Obrigado – disse ele.

– Tudo bem – arquejou ela, enquanto Tristan captava vestígios de magia e lhes seguia o rasto até à capela privativa da casa. O painel mais próximo

de vitrais era o que representava o conhecimento, a imagem âmbar de uma chama. Brilhava sinistramente nas faíscas que saltavam das mãos de Libby.

Foi fácil encontrar o ilusionista, ainda antes de terem saído totalmente da antecâmara. O encanto de encobrimento era evidentemente laborioso: cobria a maior parte da sala e entrava pelos pontos de acesso próximos adentro. Tristan manteve Libby atrás de si, observando primeiro o medico para ver se estava a trabalhar com mais alguém. Aparentemente, estava, embora não fosse claro se a pessoa com quem o ilusionista estaria a trabalhar era um parceiro remoto ou outra pessoa dentro da casa – estava a escrever rapidamente num computador portátil que não parecia ser, de todo, mágico. Se Tristan tivesse de adivinhar, ele estaria provavelmente a programar câmaras de segurança para poder ver, ou seja, não tinham muito tempo. Se não tivesse de controlar as ilusões ao mesmo tempo, o ilusionista já teria dado conta da sua presença.

– Vai – disse Tristan a Libby –, enquanto ele não está a olhar.

Ela hesitou, precisamente aquilo que ele tivera a esperança de que ela não fizesse.

– Atiro a matar ou...?

Nesse preciso momento, os olhos do medico ergueram-se repentinamente do ecrã do computador, encontrando os de Tristan.

– AGORA – disse Tristan, com mais desespero do que pretendia demonstrar, e Libby, caramba, já não era sem tempo, lançou uma mão a tempo de travar aquilo que estava a vir na sua direção. Os olhos do medico arregalaram-se, evidentemente sobressaltado diante da ideia de ser subjugado, enquanto Libby avançava para ele, lançando para trás a força de expulsão do próprio medico.

O medico não se ia deixar vencer sem dar luta; tentou de novo e, desta feita, a resposta de Libby foi como um relâmpago, quebrando o controlo do medico e dando uma chicotada com alguma coisa em torno dos seus pulsos. Tristan ouviu um grito de dor e, em seguida, um murmúrio proferido entredentes; alguma obscenidade básica, suspeitou Tristan, embora o seu mandarim estivesse enferrujado.

– Quem te enviou? – exigiu Libby, mas o medeico conseguiu pôr-se rapidamente de pé. Tristan, com receio de que aquele pudesse conjurar mais ilusões como defesa, deu um salto em frente, segurando novamente no braço de Libby, erguendo-o.

– Qual deles? – arquejou Libby. – Ele dividiu-se.

– Aquele, ali, na janela do fundo.

– Está a multiplicar-se!

– Mantém o braço firme, já o tenho na mira...

Desta vez, quando fixou a palma da mão de Libby na trajetória de fuga do medeico, Tristan vislumbrou algo; vestígios de magia que não estavam patentes de longe. Era uma pequena corrente cintilante, delicada como uma joia, que rebentou subitamente.

Nesse preciso momento, o medeico virou a cabeça, arregalando os olhos angustiados. Fora um encantamento de ligação, mas agora quebrara-se.

– Tinha um parceiro, mas deixou de ter – traduziu Tristan ao ouvido de Libby.

Ela contraiu-se.

– Isso significa...?

– Significa: mata-o antes que consiga escapar!

Sentiu o impacto abandonar o corpo de Libby no local onde os dedos dele se haviam enrolado à volta dos seus pulsos. Sentia toda a sua força a bombear-lhe nas veias e ficou maravilhado, em silêncio, por estar tão perto do que sentiu serem munições vivas. Ela era uma bomba humana; conseguia dividir a sala, o próprio ar, em pequeninos átomos indiscerníveis (exceto para Tristan). Se Adrian Caine alguma vez tivesse conhecido Libby Rhodes, não teria hesitado em comprá-la de algum modo; ter-lhe-ia oferecido o quinhão mais elevado, ter-lhe-ia dado os máximos privilégios no seu pequenino culto de feiticeiros. Era assim, o pai de Tristan – homem, mulher, raça, classe, nada disso importava. A aparência não era nada. A utilidade era o supprassumo. A destruição era o deus de Adrian Caine.

Tristan desviou a cara da explosão, embora o calor da rajada tivesse bastado para a face ficar a arder. Libby vacilou, debatendo-se por instantes

com dificuldades devido ao esforço, e ele segurou-a com o braço pela cintura, quase a arrastando, quase a levando ao colo para fora da sala.

Continuou a andar até ver Parisa, que surgia de um dos pisos inferiores para o patamar das escadas, lívida. Tinha Callum a seu lado.

– Aí estão vocês – disse Parisa apaticamente, como se tivesse visto um fantasma.

– Que aconteceu? – perguntou-lhes Tristan, pondo Libby novamente de pé. Parecia um tanto ou quanto atordoada, mas indicou-lhe com a cabeça que a podia largar, soltando-se do braço que a segurava.

– Estou bem – disse Libby, embora se mantivesse a postos para outro ataque, os ombros ainda tensos.

– Acabámos de esbarrar com uma medeica lá em baixo – disse Callum. – Uma qualquer organização de espões de Pequim. Uma especialista em combate.

Tristan pestanejou, confirmando a informação.

– A medeica tinha um parceiro?

– Sim, um ilu...

– Um ilusionista – confirmou Tristan, trocando um olhar cúmplice com Libby. – Apanhámo-lo. Como soubeste que eram espões?

– Além do óbvio? Ela disse-me – contou Callum. – Só ela e o parceiro eram mágicos, todos os outros eram mortais.

Uma distração, provavelmente, enquanto apenas um dos medeiros fazia a sua entrada furtiva.

Libby ia testando as articulações, continuando a olhar em volta, em paranoia.

– Ela disse-te que não havia mais ninguém? Podia muito bem estar a mentir.

– Não estava – disse Callum.

– Como é que sabes? – insistiu Libby, desconfiada. – Ela pode simplesmente...

– Porque eu perguntei com jeitinho – disse Callum.

Parisa teria sabido – ou poderia ter sabido, presumindo que a medeica não usara escudos de defesa –, mas Tristan reparou que ela não dissera

uma palavra sobre o assunto.

– Estás bem? – perguntou-lhe Tristan e, com um estremecimento, ela deu sinal de ter ouvido, erguendo os olhos na sua direção com um ar de desorientação temporária.

– Sim, estou ótima. – Pigarreou. – Tanto quanto consigo perceber, a casa agora está vazia.

– Era só um grupo?

Parisa abanou a cabeça.

– Os que o Nico e a Reina abateram eram um grupo, depois havia os parceiros que nós eliminámos e mais outra pessoa que estava a trabalhar sozinha.

– Não sozinha – surgiu uma voz, e os quatro olharam para cima, assumindo de imediato diversas posições de defesa.

– Não se preocupem – riu-se Atlas, seguido de perto por Dalton. – Sou só eu.

– É mesmo ele? – sussurrou Libby a Tristan, que estava moderadamente impressionado. A paranoia encaixava mesmo bem nela, ou o perfeccionismo, ou o que quer que aquilo fosse. Já não confiava nos seus olhos e, a longo prazo, se calhar era melhor assim.

– Sim – confirmou ele. – É mesmo ele.

Ela anuiu solenemente, mas não disse nada.

– O agente eliminado pela menina Kamali foi enviado pelo seu antigo patrão, Sr. Caine – disse Atlas, olhando para Tristan. – Contamos com alguém da Wessex Corp em cada década, por isso, fique a saber que não foi uma surpresa.

Tristan franziu o sobrolho.

– Vocês... *contam* com eles?

Precisamente nesse momento, Nico subia euforicamente escada acima, seguido de Reina como uma vaga sombra atrás dele.

– Ei – disse Nico, sangrentamente desfigurado. A *T-shirt* branca fina estava empapada de sangue do ombro e tinha o nariz partido, mas nem parecia ter reparado. Todo ele palpitava de adrenalina, dando conta da presença de Atlas com um aceno hiperansioso. – Que se passa?

– Bem, Sr. de Varona, estava agora mesmo a informar os outros acerca dos operacionais que enfrentaram esta noite – respondeu Atlas, optando por não comentar descortemente a aparência de Nico. – O senhor e a menina Mori eliminaram uma força militar.

– MI6? – tentou adivinhar Nico.

– Sim, e CIA – confirmou Atlas. – Liderados por um médico que se especializou em...

– Ondas, pois sim – completou Nico, ainda de ouvidos a zunir enquanto olhava para Libby.

– Como te saíste, Rhodes?

Ao lado de Tristan, Libby contraiu-se.

– Não estejas tão entusiasmado, Varona, é monstruoso – ciciou ela, embora Atlas tenha respondido por ela.

– Com a ajuda do Sr. Caine, a menina Rhodes liquidou um dos ilusionistas mais procurados do mundo – disse Atlas, dirigindo a Tristan um aceno adicional de deferência. – A sua parceira, uma especialista em combate corpo a corpo, foi eliminada pelo Sr. Nova. São ambos operacionais de elite de uma organização de espionagem de Pequim. Muito convenientemente, eram ambos procurados a nível mundial por crimes de guerra – disse ele a Libby amavelmente – e teremos todo o prazer em informar as autoridades de que já não terão de se preocupar com eles.

– Falhámos alguém? – perguntou Libby, que claramente ninguém conseguia livrar da sua apreensão, mas antes que Atlas conseguisse abrir a boca, Reina falou.

– Sim. Dois escaparam.

As outras cinco cabeças rodaram na sua direção e ela encolheu os ombros.

– Não conseguiram aquilo de que vieram à procura – disse ela serenamente. – As guardas eram demasiado complexas.

– Sim – confirmou Atlas. – A menina Mori está certa. Houve, efetivamente, dois médicos do Fórum que tentaram, sem sucesso, penetrar as guardas de defesa dos arquivos da biblioteca.

– Do Fórum? – perguntou Callum.

– Uma sociedade académica muito parecida com esta – confirmou Atlas.
– Acreditam que o conhecimento não devia ser cuidadosamente guardado, mas sim livremente distribuído. Confesso que têm um entendimento bastante errado do nosso trabalho e estão constantemente a atacar os nossos arquivos.

– Como sabe tudo isto? – perguntou Tristan, que se sentia algo frustrado com o tom inquietantemente descontraído do Curador. – Parece que fomos todos apenas presas fáceis de algo que já sabiam que ia acontecer.

– Porque foi um teste – interrompeu Callum.

Atlas concedeu-lhe um sorriso impaciente.

– Não foi um teste – disse. – Não em rigor.

– Tente então falar com menos rigor – recomendou Parisa com firmeza. – Afinal de contas, estivemos prestes a ser mortos.

– Não, não estiveram prestes a ser mortos – retificou Atlas. – Tiveram a vida em perigo, sim, mas foram selecionados pela Sociedade porque já dispunham das ferramentas necessárias para sobreviver. A probabilidade de algum de vocês morrer era...

– Possível. – Libby tinha os lábios contraídos numa linha. – Estatisticamente, quero dizer – acrescentou, inclinando a cabeça na direção de Atlas, expressando algo que Tristan adivinhou, com repugnância, que era deferência –, *era* possível.

– Muita coisa é possível – concordou Atlas. – Acontece que eu nunca afirmei que tinham a vossa segurança garantida. Na verdade, deixei bem claro que teriam de ter conhecimentos de combate e defesa.

Ninguém disse nada; estavam à espera, pensou Tristan, de se sentirem menos aborrecidos com o facto de, apesar de nunca terem assinado nada que dissesse especificamente que preferiam *não* ser alvejados a meio da noite, não deixava de haver alguns princípios preferenciais.

– É prática da Sociedade, a cada dez anos aquando da chegada de uma nova leva de candidatos, «deixar escapar» a data da sua chegada – prosseguiu Atlas por entre o seu silêncio. – Contamos com algumas tentativas de intrusão, mas nunca procurámos saber quem atacaria nem que tipo de ataques seriam.

– A maioria das tentativas foi rechaçada pelos encantamentos já implementados – acrescentou Dalton, surpreendendo-os com a sua presença. – A instalação permite-nos ver como os nossos inimigos evoluíram.

– Instalação – repetiu Nico. – Isso é o quê, uma espécie de jogo?

Parecia encantado por ter sido convidado a participar.

– Apenas práticas de rotina – disse Atlas. – Gostamos de ver como os nossos potenciais iniciados trabalham em conjunto.

– Por isso, em suma, um teste – disse Callum, não soando nada agradado com isso.

– Uma tradição – corrigiu Atlas, com mais um sorriso firme. – E todos estiveram bastante bem, verdade seja dita, embora eu espere que, depois de se terem visto uns aos outros em ação, possam delinear um sistema de defesa mais exaustivo. A colaboração é muito importante para o tipo de trabalho que aqui fazemos. – Voltou-se para Dalton, arqueando uma sobrancelha. – Não concorda, Sr. Ellery?

– Como disse, cada grupo de iniciados é composto por uma combinação singular de especialidades – informou Dalton em tom neutro, dirigindo-se a todo o grupo. – Posso dizer-lhes por experiência própria que a vossa seleção teve em conta, não apenas os elementos individuais, mas em igual medida o vosso funcionamento como equipa. A Sociedade tem a esperança de que, à medida que forem avançando, atuem como tal.

– Sim, exatamente – concluiu Atlas, voltando a sua atenção novamente para o grupo. – Teremos evidentemente de ver alguns pormenores relacionados com eventuais danos estruturais ou mágicos, mas agora que a casa está vazia e que as guardas retomaram as suas funções habituais, eu gostaria de vos convidar a descansarem um pouco e a reanalisarem a segurança da casa pela manhã. Boa noite – propôs sem rodeios, fazendo sinal ao grupo todo, e depois rodou sobre os calcanhares, seguido por Dalton.

Parisa, reparou Tristan, observou Dalton a ir-se embora com um interesse intenso e possivelmente excessivo, franzindo ligeiramente o sobrolho atrás dele. Tristan esperou que os outros se pusessem em

movimento – primeiro Reina, que se encaminhou para a cama sem dizer palavra, e depois Callum, que revirou os olhos, seguido de Nico e Libby, que começaram imediatamente a discutir em sussurros – para depois abordar Parisa, esgueirando-se para o pé dela no momento em que ela se preparava para sair, perturbada em pensamentos.

– Que se passa? – perguntou.

O olhar dela ergueu-se e pousou em Callum, alguns passos à frente deles.

– Nada – respondeu. – Nada.

– A mim parece-me que há alguma coisa.

– Parece, não parece?

Mas Callum parecia perfeitamente inalterado.

– Que aconteceu? – perguntou Tristan novamente.

– Nada – repetiu Parisa. – Foi só... – Deixou cair as palavras e depois pigarreou, começando a caminhar enquanto Tristan a seguia. – Não foi nada.

– Ah, sim, nada – disse Tristan com secura. – Certo.

Chegaram à zona dos quartos, demorando-se no início do corredor enquanto os outros se iam deitar. Nico rosou algum comentário reprovador a Libby – alguma coisa sobre «Oh, céus, o Fowler vai viver a porra da vida dele» – e depois só Tristan e Parisa permaneceram no corredor.

Parou junto à porta dela, hesitando quando ela a abriu.

– Estava a pensar – disse ele, limpando a garganta. – Se quererias...

– Neste momento não quero – disse ela. – Diverti-me na noite passada, mas não me parece nada que se deva tornar um hábito, não achas?

Ele eriçou-se.

– Não foi isso que quis dizer.

– Claro que foi – disse Parisa. – Acabaste de viver uma experiência em que quase morreste e agora queres enfiar a tua pila nalgum sítio para te sentires melhor. – Tristan, que era demasiado inglês para aquela conversa, pareceu antes de mais melindrar-se com o vocabulário escolhido, apesar de ela lhe cortar a palavra antes mesmo que conseguisse contestar em voz alta.

– Faz parte da evolução humana – garantiu-lhe ela. – Quando deparamos com a morte de perto, o impulso natural do nosso corpo é a procriação.

– Eu não estive perto da morte – resmungou Tristan.

– Não? Bom, sorte a tua. – A expressão de Parisa endureceu, os olhos dardejaram na direção da porta do quarto de Callum.

Não que Tristan tivesse tido dúvidas antes, mas o «nada» fora decididamente «alguma coisa».

– Pensava que não gostavas dele – observou Tristan, e Parisa eriçou-se.

– E porque achas que gosto?

– Estou só a dizer...

– Não o conheço.

Tristan ponderou se valia a pena perguntar uma terceira vez.

– É evidente que alguma coisa aconteceu – permitiu-se dizer ao invés. – Não tens de me dizer o que foi, eu só...

– Nada. Não é nada. – Olhou para ele na defensiva. – E como se saiu a nossa menina bonita?

– A Libby? Bem. Muito bem – corrigiu Tristan, já que não lhe parecia justo não lhe dar os devidos créditos. Ela não se teria safado facilmente sem ele, mas ele não se teria safado *de todo sem ela*. – Ela é boa.

– Um tanto ou quanto carente, não é?

– Ai é?

Parisa riu-se, trocista.

– Devias ver o interior da cabeça dela.

Tristan tinha já a certeza de que esse não era um lugar onde lhe interessasse minimamente estar.

– Duvido que nos tornemos amigos – disse ele, com desconforto –, mas pelo menos ela é útil.

Ali estava outra vez. Útil. Precisamente aquilo que ele não era.

– A autodepreciação é um enorme desperdício – disse Parisa, soando entediada diante dos seus pensamentos íntimos. – Ou acreditas que tens valor ou não acreditas, ponto final. E, se não acreditares – acrescentou, abrindo a porta do quarto –, não vou mesmo querer arriscar estragar a boa opinião com que poderei ter erradamente ficado de ti ontem à noite.

Tristan revirou os olhos.

– Quer dizer agora que sou *demasiado* bom? É esse o problema?

– O problema é que não quero que te apegues demais – disse Parisa. – Não podes simplesmente substituir uma mulher de alto calibre por outra e, mais importante do que isso, eu não tenho tempo para meninos com problemas com o papá.

– Bem, podes rejeitar-me com jeitinho à vontade – disse Tristan, dengosamente.

– Oh, não estou de todo a rejeitar-te. Tenho a certeza de que nos vamos divertir, mas não duas noites seguidas – disse Parisa, encolhendo os ombros. – Isso seria transmitir uma mensagem completamente errada.

– E essa mensagem seria...?

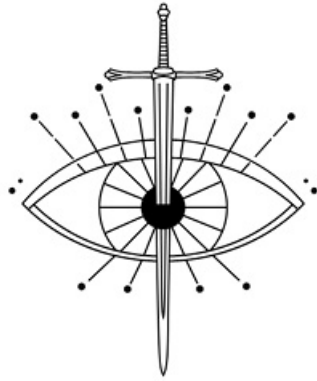
– Que eu não te eliminaria se tivesse oportunidade – respondeu ela, esgueirando-se para dentro do quarto e fechando a porta.

Fantástico, pensou Tristan. Que confuso era achar Parisa tão bela, mesmo quando estava a ser má – *especialmente* nesses momentos, na verdade. Era tão mais bonita do que Eden, o que por si só dizia muito sobre a beleza, e também sobre a crueldade.

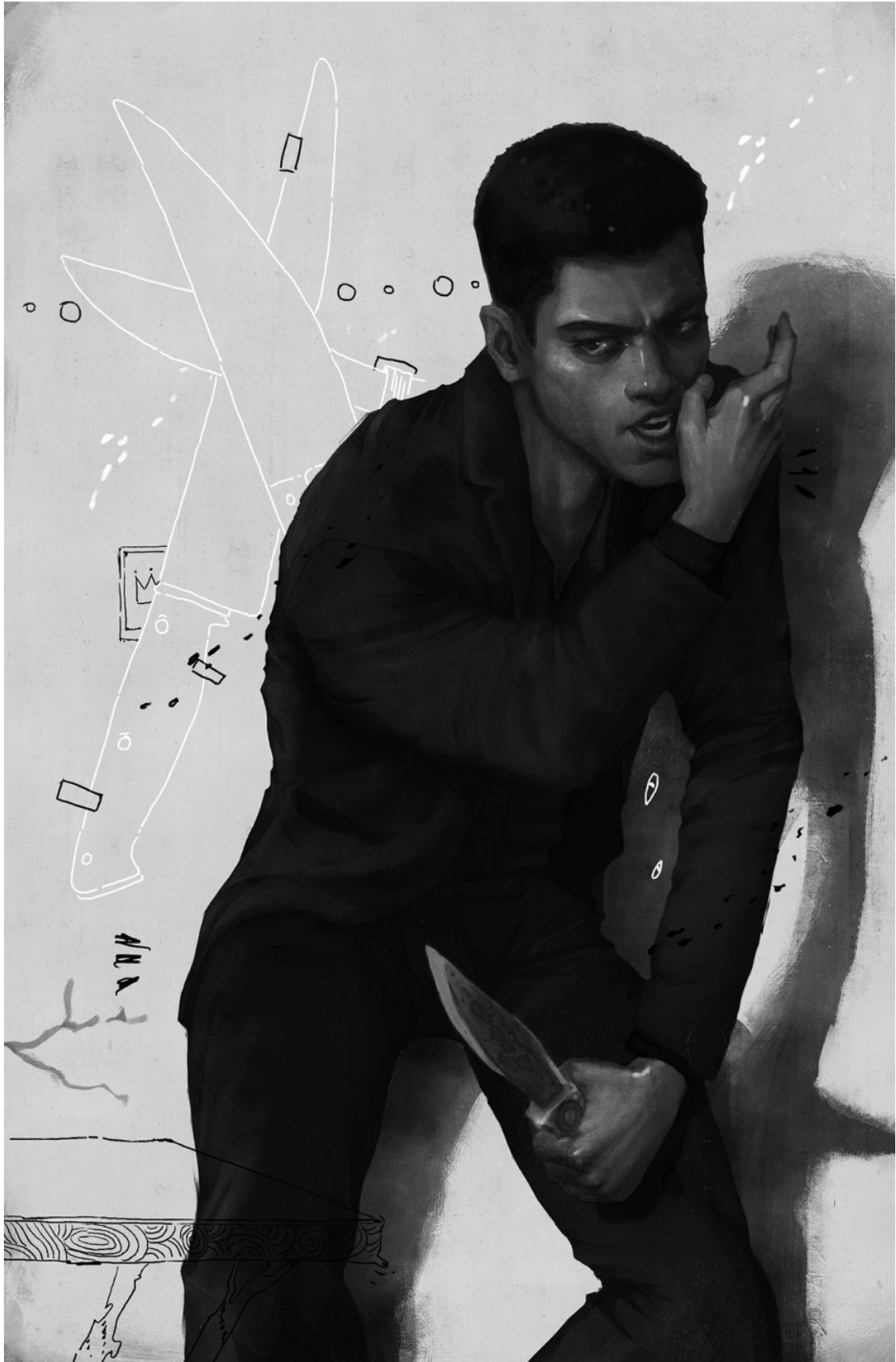
Ele tinha cá um talento para encontrar mulheres que se põem a si mesmas em primeiro lugar. Era como se fosse uma espécie de cão perdigueiro de fatalidades emocionais, sempre capaz de as farejar na única pessoa na sala que não teria problema nenhum em fazê-lo sentir-se minúsculo. Quem lhe dera sentir-se menos atraído por aquilo, aquela autoconsciência desavergonhada, mas, infelizmente, a ambição deixava-lhe um gosto tão doce no palato, e Parisa não era exceção. Talvez ela tivesse razão; se calhar era *mesmo* uma coisa de menino com problemas com o papá.

Quem sabe, depois de uma vida inteira de inutilidade, Tristan quisesse simplesmente ser usado.

IV



ESPAÇO



· LIBBY ·

— Então – perguntou Ezra. – Como estão a correr as coisas?

– Oh, sabes como é – respondeu Libby. – Vão andando.

– ... *Vão andando?* – Ezra soltou um pequeno grunhido; meio deliciado, meio desconfiado, acompanhado de um revirar de olhos que ela conseguia ouvir ao telefone. – Vá lá, Libs. Não dizes praticamente nada há quase um mês e eu acabei de discorrer durante dez minutos sobre os pãezinhos de cebola do meu supervisor. Quer-me parecer que te ocorrerá *alguma coisa* para me dizer sobre o teu novo emprego.

Muito bem, fantástico. Ela achou que conseguira mais uma vez escapar de forma inteligente à necessidade de confissão, depois de ter vagamente escutado a dita história sobre o supervisor e os pãezinhos, além de ter pensado que conseguiria talvez deslizar casualmente para o sexo telefónico, mas era evidente que não. Sim, era mesmo disso que ela estava a precisar, ter de contar a uma pessoa que quereria saber tudo sobre o absolutamente nada que lhe era permitido explicar.

– É uma bolsa de estudo – começou Libby, mordendo o interior da bochecha. – Nós fazemos... tu sabes. Coisas de estudo. Ler, sobretudo. Uma palestra de manhã, às vezes à tarde. E investigação, claro.

Pronto. Era uma forma de descrever a coisa. Idealmente uma coisa aborrecida, que não atraísse mais perguntas.

– E o que estás a investigar?

Ora bolas.

– Oh, hum...

«Houve sempre uma intersecção entre a magia e a ciência», dissera Atlas ao apresentar o seu primeiro tema de estudo, escassas quarenta e oito horas

depois dos acontecimentos no local. Com a casa e as guardas agora totalmente reparadas (e com os seus residentes num estado que incluía olhos congestionados e rostos pálidos, exceto um Callum de face tão perturbadoramente fresca que Libby presumiu que se excedera com as ilusões), Atlas conduziu-os para a sala de leitura, onde estavam albergados os arquivos. Era um espaço aberto de teto alto e dividido em dois pisos, com uma série de mesas ao centro, a maioria das quais ornada unicamente com uma ou duas cadeiras e um pequeno candeeiro de leitura. A iluminação era mínima na metade inferior da sala, para não perturbar a literatura (ao que parece), que era frequentemente frágil. O piso de cima, pelo contrário, brilhava tenuemente sob calhas de luzes, com vista para as mesas de leitura a partir da sua varanda repleta de prateleiras. Ao fundo da sala, no piso superior, via-se uma série de tubos pneumáticos, como canais de descarga à moda antiga. Era assim, explicaria Atlas mais tarde, que os pedidos de manuscritos eram satisfeitos pelos arquivos.

Quando entraram na sala, um homem de meia-idade, que teria estado seguramente a usar o sistema de requisições, olhou da varanda lá para baixo, observando a sua entrada e acenando com a cabeça para cumprimentar Atlas.

Atlas, por sua vez, dirigiu um aceno ao visitante.

– *Bom dia*, Senhor Oliveira – saudou-o Atlas, sobressaltando Libby ligeiramente com a referência a uma pessoa que, tinha ela quase a certeza, era então presidente dos serviços médicos do Brasil.

– Em todo o caso – prosseguiu Atlas a sua palestra –, grande parte do que existe nos arquivos da Sociedade não traça uma separação entre a magia e a ciência. Essa distinção tem sido feita com mais frequência nos últimos séculos, em particular nos períodos pré-iluminista e pós-Reforma Protestante. As reflexões científicas da Antiguidade, como as muitas obras de Demócrito que possuímos nos arquivos...

(Eis que, subitamente, Reina despertou do seu habitual ar semicomatoso de quem deseja estar noutra sítio. O seu interesse não era surpresa; Demócrito escreveu dezenas de textos sobre o atomismo antigo, sendo que

quase todos, ao longo da educação clássica de Reina, terão sido classificados como «desaparecidos».)

– ... indicam que a maioria dos estudos sobre a natureza, e sobre a natureza da própria vida, não sugerem nenhuma exclusão prévia da magia. Com efeito, mesmo alguns estudos medievais sobre o paraíso e o cosmos sugerem um estudo tanto científico como mágico. Tomemos, por exemplo, o *Paraíso* de Dante, que apresenta um entendimento da Terra e da sua atmosfera, mediante uma interpretação artística – mas não incorreta. A mística do paraíso de Dante pode ser atribuída a forças científicas e mágicas ao mesmo tempo.

A maioria das suas «aulas», se é que se podiam chamar assim, eram debates socráticos orientados por Atlas ou então deambulações filosóficas promovidas por Dalton, numa das salas escandalosamente formais do piso inferior, normalmente naquela que tinha a cúpula pintada. O plano de estudos, supunha Libby, nada mais era do que uma limitada lista de tópicos. Não havia uma lista bibliográfica, o que, de início, a deixou desorientada. Não eram incumbidos de projetos nem de dissertações e, por isso, nada para onde pudessem dirigir a investigação; e apesar das suas diferentes especialidades, esperava-se que cada candidato contribuísse como bem entendesse para a discussão de todo e cada tema ou teorema mágico. Para Libby, que só recentemente se desviara das formalidades da universidade, um tal grau de liberdade era ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição.

Além das palestras e da exigência inicial de construir as novas guardas de segurança, o seu tempo era fluido e independente. A casa, apesar de tão faustosa, onde seria fácil uma pessoa esconder-se, se disso sentisse necessidade, em poucos dias encolheu-se, reduzindo-se à utilização de duas ou três salas onde regularmente se podia comer e dormir. O tempo de Libby, como o da maioria dos outros (exceto talvez Callum), era dominado pela presença das incontáveis primeiras edições dos arquivos. Era fácil chamar dos arquivos qualquer assunto a que se fizesse referência durante o debate do dia – *tão* facilmente, na verdade, que uma vez apareceu na mesa,

ao lado de Libby, um exemplar das notas manuscritas de Heisenberg, ainda antes de ela ter proferido em voz alta a sua curiosidade.

(«É interessante notar», disse Atlas, «que o princípio da incerteza de Heisenberg se baseia, em grande parte, num grande equívoco. Terão possivelmente ouvido dizer que, na noite em que começou a fazer os cálculos, Werner Heisenberg estivera a observar um homem que caminhava um pouco à sua frente e parecia surgir sob um candeeiro, desaparecendo em seguida na noite, ressurgindo de outro aglomerado de luz, e assim por diante. Evidentemente, Heisenberg achou que o homem não estava verdadeiramente a desaparecer e a reaparecer, tornando-se simplesmente visível e invisível sob as fontes de luz; por conseguinte, se Heisenberg conseguisse reconstruir a trajetória do homem com base na sua interação com outras coisas, poderia fazer o mesmo com os eletrões, um princípio de base da física que foi repetidamente comprovado. Lamentavelmente», riu-se Atlas entredentes, «o homem que o pobre Werner estava a observar era, na verdade, um medeico chamado Ambroos Visser, que tinha a capacidade de desaparecer e reaparecer como lhe apetecesse e que, naquela noite, por acaso, se estava a divertir imenso a fazê-lo. Depois de morrer, Ambroos veio a presidir à sociedade de espíritos sobrenaturais nesse mesmo parque de Copenhaga e é atualmente profundamente venerado pelo seu contributo para o nosso entendimento dos espectros atómicos.»)

Todavia, os pedidos com menor relevância, ou relacionados com outros assuntos, já não eram tão facilmente satisfeitos. Não é que Libby quisesse dedicar-se especificamente a um determinado tema *per se*, mas, por curiosidade (e uma fugaz e inesperada memória da irmã Katherine depois de assistir a um dos desdenhosos revirares de olhos de Reina), deu por si a testar o sistema de arquivo pedindo livros sobre dispositivos mágicos de proteção contra doenças degenerativas. Os arquivos só devolviam uma coisa: um pedaço de pergaminho que lhe esvoaçava dos tubos pneumáticos para as mãos.

PEDIDO RECUSADO.

– Lib? – perguntou Ezra, fazendo com que Libby se sobressaltasse, deixando os seus pensamentos e regressando ao telefonema. – Ainda aí

estás?

– Sim, desculpa – disse ela, pestanejando. – Qual era a pergunta?

Ezra soltou uma gargalhada grave, abafada pelo auscultador. Devia estar na cama, deitado de lado para prender o telefone contra a orelha, e ela conseguia ouvir o denunciador restolhar daquilo que só podiam ser os seus muito amados bombons de manteiga de amendoim. Visualizou o emaranhado dos seus caracóis negros despenteados e sentiu imensas saudades, com picos de nostalgia que lhe vinham em ondas.

– Em que estás a trabalhar neste momento? – perguntou ele.

– Oh, hum... conservação ecológica. De certa forma. – Era mais ou menos verdade, se se encarar o processo de terraformação de ambientes hostis como um estudo ecológico. Na tarde anterior, Libby e Nico haviam despendido quase toda a sua energia a tentar alterar a composição molecular da sala pintada, na esperança de enfraquecer a natureza da sua atmosfera de acordo com as especificações por eles definidas. Foi-lhes dito que parassem, no entanto, num tom um tanto ou quanto maldisposto, quando Reina disse que a figueira-de-lira ao canto estava a ficar asfixiada.

– Estamos só a tentar compreender os princípios básicos da ciência e da magia para os podermos aplicar a... projetos maiores.

Como, por exemplo, buraco de minhoca. Até agora, Nico e Libby haviam conseguido criar um buraco de minhoca, o que lhes custara duas semanas de investigação e um dia inteiro de feitiços para o conseguir. Por fim, Nico fora forçado a testá-lo ele mesmo, já que mais ninguém estava disposto a correr o risco de ir parar acidentalmente a Júpiter. (Uma impossibilidade técnica, pois teriam sido necessários pelo menos dez mil Nicos e Libbys para energizar algo que se aproximasse de tal magnitude de força e precisão, mas ainda assim, Tristan, em particular, fizera um ar de quem preferia comer o próprio pé a testar aquilo.)

Por fim, o buraco de minhoca levou Nico do corredor do primeiro andar até à ala oeste de acesso à cozinha. Tipicamente à Nico, ele agora gostava de o usar no dia a dia.

– Bem, é compreensível que ainda não vos pareça interessante – disse Ezra. – A maior parte do percurso académico pode fazer-nos sentir que não

faz sentido nenhum quando ainda estamos numa fase inicial da investigação. E, provavelmente, durante bastante tempo depois disso, imagino eu.

– Isso é... verdade – concedeu Libby com hesitação, não querendo admitir que a criação de um buraco de minhoca não era de todo uma coisa sem sentido, mesmo que significasse que Nico passasse agora os dias a desaparecer inconvenientemente e a reaparecer com aperitivos na mão.

Tanto quanto Libby sabia, ninguém antes deles conseguira alguma vez criar um buraco de minhoca, muito menos provar a existência de um. Era um pequeníssimo primeiro esforço, é claro, quase sem importância nenhuma, mas se no futuro pudessem existir fontes de energia de maior dimensão – se, por acaso, nascesse algures algum medeico com energia nuclear na ponta dos dedos, com a capacidade de Nico e Libby, mas multiplicada, digamos, por um *milhão* – então alguém poderia facilmente criar o mesmo efeito no espaço, no tempo... no espaço-tempo! Com efeito, se alguma agência governamental soubesse que eles o tinham feito, não teriam dificuldade nenhuma em reunir medeicos suficientes para promover um programa espacial mágico. Libby quisera contactar a NASA no momento em que o conseguiram, mas depois lembrou-se de que, em última análise, acabaria por ser controlado por um político (qualquer político, algures, ou pelo menos todo um rebanho deles, alguns dos quais seriam inevitavelmente menos competentes ou mais diabólicos do que outros); e como Atlas gostava de dizer muitas vezes, era melhor deixar de reserva algumas formas de conhecimento até se ter a certeza de que tais revelações não seriam mal usadas.

Mesmo que Libby *conseguisse* ser bem-sucedida a terraformar Marte, não havia garantia nenhuma de que isso não desencadearia uma segunda Era do Imperialismo global, o que seria catastrófico. Mais valia guardar a descoberta nos arquivos para já.

– ... do Varona?

– O quê? – perguntou Libby, já que estava outra vez a sonhar acordada com explorações planetárias. – Desculpa, estava só a...

– Estava só a perguntar como estavam as coisas com o Varona – disse Ezra, soando ligeiramente mais tenso agora do que quando se rira da sua falta de atenção ainda antes. Ela partia do princípio de que Ezra ficaria sempre um pouco tenso por causa de Nico e isso era compreensível; até ela tinha o hábito de ficar toda eriçada só de ouvir o seu nome. – Ele está a ser, enfim, ele próprio?

– Oh, enfim...

Nesse momento, Libby ouviu uma rajada de sons sem sentido, típicos de Nico, vindos da galeria, ou seja, provavelmente ele estava outra vez ao soco com a Reina. Tinham começado com aquilo quase logo a seguir à instalação (sendo que «instalação» era a palavra usada por Atlas para que todos eles quase tivessem morrido na primeira noite como membros da Sociedade) e agora Nico e Reina tinham o hábito de fazer juntos todos os dias algo que pareciam ser exercícios de artes marciais.

Viver com o regime obsessivo de artes de combate de Nico era, evidentemente, estranho. Tudo aquilo tinha as marcas dos hábitos anteriores de Nico na NYUMA (fixações obscuras, desaparecimentos aleatórios, perpétua falta de pontualidade), mas agora com uma nova e perturbadora manifestação. Não que Nico alguma vez se tivesse dedicado particularmente ao uso de *T-shirts*, por exemplo, mas passar por ele de tronco nu – a escorrer gotas de suor e chocando com Libby no corredor apenas para lhe empestar a frente da blusa com a sua transpiração peganhenta – era algo que acontecia com demasiada frequência.

Tinha de admitir que, de início, a fácil camaradagem de Nico com Reina (ou o que se lhe pudesse chamar) deixara Libby incomodada. Por mais terrível que fosse reconhecê-lo, Nico era naquele momento o mais parecido que Libby tinha com um amigo. Reina deixara bem claro que não tinha interesse algum em ser simpática com Libby e era provável que os outros a odiassem também (no caso de Callum, o sentimento era profundamente recíproco), por isso a potencial perda de Nico fora um golpe – algo que Libby nunca pensara dizer de Nico de Varona, ou da falta que lhe fazia.

Talvez fosse uma ingenuidade, mas Libby esperara que a experiência na Sociedade fosse de certa forma uma utopia académica em que toda a gente

se dava bem. Não deveriam partilhar *algum* interesse comum na sua aprendizagem? A NYUMA estava repleta de pessoas de mentalidades idênticas que procuravam um sentido de comunidade, por isso ela imaginara que a Sociedade teria uma proximidade similar, quem sabe até maior. Contudo, até agora, o máximo que conseguira de alguém fora o que se poderia vagamente considerar alguma simpatia por parte de Parisa. Apesar de todos os esforços de Libby para conseguir bloqueios telepáticos, Parisa revelara-lhe sem que lhe perguntasse:

– Antes que perguntes, não, Rhodes, não é nada pessoal. Eu provavelmente gostaria de ti se tivesse tempo para isso, mas parece-me que ambas sabemos que só te vou desapontar.

Quer dizer que a amizade estava basicamente fora de questão.

Libby tinha de admitir que se ressentira mais do facto de Reina e Nico terem encontrado um elo em torno da sua incursão conjunta em atos de violência do que alguma vez teria pensado sentir. Em parte porque isso significava que poderia perder a aliança com Nico – correndo o risco de ela própria ser eliminada quando os outros se sentissem à vontade para confessar o seu desagrado coletivo –, mas *também* porque era irritante que Nico tivesse passado quatro anos a detestar Libby para depois se tornar amigo de uma rapariga que quase nunca abria a boca, exceto para pôr cara de poucos amigos.

– Não faças beicinho, Rhodes – aconselhou Nico.

Por essa altura já todos se haviam habituado a explorar a propriedade dentro do perímetro das guardas da Sociedade; o jardim sul da casa estava rodeado de um relvado maravilhosamente cuidado, uma pequena mata e algumas rosas, junto às quais Nico e Reina haviam empreendido a sua primeira sessão partilhada de pugilismo recreativo.

Em dada altura, nas primeiras semanas, Nico chamara Libby à parte, com ela a tapar os olhos contra o sol do pico do verão e ele a limpar alegremente o lustro de suor do peito.

– Continuo a precisar de ti – tranquilizou-a, no seu estilo sempre efervescente e pomposo.

– Oh, meu Deus – exclamou Libby com secura –, louvados sejam os céus por ainda achares que tenho alguma utilidade.

– Na verdade, tenho andado para te dizer uma coisa. – Nico não a ouvira, entretanto demasiado habituado ao sarcasmo, mas surpreendeu-a ao pousar-lhe uma mão conspirativa no cotovelo, empurrando-a enquanto davam a volta ao aglomerado de roseiras que, imaginava ele, para os ingleses, já era um jardim. – Reparei numa coisa na Reina.

– Varona – suspirou Libby –, se sair daí alguma coisa ordinária...

– O quê? Não, nada disso. Se eu quisesse dormir com alguém, então... bem, esquece lá isso – murmurou ele –, não é relevante. A questão é que podes ter a certeza de que vais *querer* que eu traga a Reina para o nosso lado – assegurou-lhe, baixando a voz de uma forma que, pensou ela, ele devia achar provocante. – Nós precisamos dela, e nem sei bem se ela percebe isso. Ou porquê.

– E *tu* percebes? – desafiou Libby em tom de dúvida. Nico não se destacava propriamente pelas suas capacidades de perceção. Por exemplo, de algum modo ele conseguira não perceber que a melhor amiga de Libby na NYUMA, Mira, estivera perdidamente apaixonada por ele ao longo de todo o seu percurso escolar.

(Antes e depois de ele ter ido para a cama com ela. Ele era um daqueles sacanas que queriam sexo e seguiam caminho, sinceramente.)

– Percebi isto por acidente – reconheceu Nico, não dando uma vez mais importância aos esforços de Libby para rebaixar a sua masculinidade em defesa de Mira –, por isso o teu ceticismo não é totalmente descabido, mas sim, percebo. Reina é... – Deteve-se, franzindo o sobrolho. – Ela é como uma bateria.

Libby pestanejou.

– O quê?

– Bom, tenho a andado a pensar nisto e o que é um naturalista senão um tipo de fonte de energia, não é? Não sei como ela o faz ou onde se liga para se energizar, mas pensa nisso, Rhodes. – Nico parecia estar a implorar; e estava ser irritante. Como se as engrenagens na cabeça dela não estivessem a rodar com a mesma precisão das dele. – Reparei nisto quando

enfrentámos o medeico das ondas na instalação. Quando eu lhe tocava, era como se eu tivesse uma fonte de energia adicional.

(Esta epifania e a conversa correspondente haviam sido antes do buraco de minhoca. Na verdade, eles não teriam conseguido fazer de todo o buraco de minhoca se Nico não tivesse percebido isto sobre Reina, mas era evidente que Libby não lho confessara diretamente. Nem estava a pensar fazê-lo.)

– Vamos ter de testar isso – foi tudo o que Libby lhe dissera, olhando por cima do ombro. Tinha o seu quê de empolgante descobrir que a sua aliança era mesmo uma aliança. Era evidente que ele esperara até que estivessem sozinhos para partilhar as suas suspeitas. – Achas que ela ficaria do nosso lado?

– Rhodes, ela *já* está do nosso lado – troçou Nico, o que Libby atribuiu inicialmente à sua incansável arrogância, mas então, felizmente, ele forneceu provas concretas do que dissera. – Nós não falamos grande coisa – explicou ele, referindo-se ao seu recente pico de atividade física –, mas ela parece tolerar-te bastante bem...

– Grande elogio, Varona, obrigadinha...

– ... e não há dúvida de que, decididamente, ela detesta a Parisa. E não faz segredo de que não confia no Tristan ou no Callum.

– E aliás não deve – murmurou Libby para si mesma.

Isso parece ter desencadeado alguma espécie de epifania secundária e tangencial na maníaca rede de pensamentos de Nico de Varona.

– Tu estiveste com o Tristan na instalação – observou Nico em voz alta, pegando numa garrafa de água e derramando um pouco pela cabeça abaixo (salpicando Libby, o que ela não apreciou), bebendo depois o resto. – Como foi ele?

Ah, sim, Tristan. Um perfeito enigma, pelo menos para ela.

– Ele consegue fazer uma coisa estranha – admitiu Libby, varrendo uma gota de água da sobrancelha antes que lhe pusesse a franja toda instável. Estava a deixá-la crescer, ou seja, naquele momento era incrivelmente incómoda. – Sabes quando ele disse que conseguia ver através das ilusões?

Eu não tinha percebido que ele não as vê necessariamente quando estão a ser usadas.

– O quê, não as vê mesmo?

– Não, nada. Ele teve de me perguntar como é que eu via a sala.

– Hum, esquisito.

Nico fez uma pausa para refletir, mordendo o rebordo da garrafa de água.

– Achas que é útil?

– Muito. Bom – corrigiu Libby depois de pensar um instante –, é, pelo menos, uma competência útil. Mas não tenho a certeza de que seja o suficiente para o impedir de ser eliminado. Por mais que não goste de o admitir – suspirou –, um empático e uma telepata poderão ser aliados muito mais úteis quando sairmos das ciências físicas.

– E é melhor uma telepata do que um empático, não achas? Se tivéssemos de escolher – disse Nico.

– Só estás a dizer isso porque gostas da Parisa – resmungou Libby entredentes, e Nico brindou-a com um sorriso imperdoavelmente rasgado.

– E podes censurar-me, Rhodes?

– Varona, sinceramente. – Não, claro que não o podia censurar; Parisa era, sem pensar duas vezes, a rapariga mais bonita que alguma vez vira na vida. Por sorte, Libby não era um rapazinho inútil e não centrava a sua atenção em pormenores extemporâneos como o desejo de saltar para cima de Parisa. – Pondo o teu pénis de lado, ela não joga lá muito em equipa. Dificilmente contaria com ela quando for preciso trabalhar em grupo.

– É verdade – concordou Nico, que deve ter levado uma pancada na cabeça para sequer ponderar levar a sério algo que ela disse. – Ela tem estado esquisita com o Callum, não achas?

Libby dirigiu a Nico um olhar que pretendia indicar que *todos* eles eram esquisitos com Callum, e com razão.

– É verdade – repetiu Nico.

– Já agora, que tens a dizer sobre isto? – perguntou Libby, apontando cautelosamente na direção do irremediável tronco nu de Nico e, por extensão, referindo-se à sua relação com Reina. – Vocês os dois estão, tipo...

– É exercício físico, Rhodes – atalhou Nico, contraindo enfaticamente a barriga. – Já te disse, não falamos grande coisa.

– OK – suspirou ela –, mas vocês... Quero dizer. Vocês os dois, sabes...?

– E que te interessa isso? – Fez-lhe um daqueles sorrisos presumidos e ofuscantes que ela detestava até ao mais fundo do seu ser. – Não me digas que tens ciúmes.

Meu Deus.

– Oh, vai-te lixar, Varona – respondeu, voltando as costas para se ir embora. Havia um limite para quanto ela conseguia suportar de Nico de uma vez só.

Mas ele agarrou-lhe o braço antes de ela sair, puxando-a de volta.

– Não estás a contar nada ao Fowler sobre isto, pois não? – perguntou-lhe Nico. – Se eu não posso contar ao Gideon, então tu não podes mesmo contar ao Fowler.

– Ah, sim, porque o teu colega de quarto e o meu namorado são exatamente a mesma coisa – disse Libby revirando os olhos.

– Estou só a dizer...

– *Descontraí*, Varona, não lhe ando a dizer nada.

– Nem sequer sobre a instalação, certo?

– Fogo, claro que não. Brincas ou quê? – No início ela quisera contar-lhe, mas bastou pensar um instante para perceber que Ezra perderia a cabeça se soubesse que ela correria perigo. Talvez estivesse de alguma forma relacionado com as suas experiências de sofrimento comuns, mas ele era um daqueles tipos à moda antiga; um eterno cavaleiro andante. – Claro que não.

– Qual achas que é a posição do Tristan? – perguntou Nico, tendo já desviado o pensamento de Ezra, avançando para o que queria conquistar em seguida. – Achas que o podemos puxar para o nosso lado?

– Queremo-lo *mesmo* do nosso lado? – perguntou Libby, hesitante.

– Porquê, não gostas dele?

– Não é isso. – Na verdade, ela estivera disposta a não gostar de Tristan muito mais do que realmente não gostava. – Ele é inteligente, tenho de admitir isso – reconheceu, lembrando-se da forma como ele a ajudara

muito mais com os seus cálculos do que Callum ou Parisa. O passado de Tristan como investidor em tecnologia mágica trazia-lhe um enorme manancial de conhecimentos, mesmo que a sua experiência prática com os elementos físicos o impedisse de contribuir grande coisa do ponto de vista da magia. – Ele é só muito, hum...

– Maldisposto – disse Nico.

– Bom, eu não diria...

– Ele é maldisposto – repetiu Nico.

– Varona, estou a tentar...

– Ele é *maldisposto* – disse Nico em voz alta.

– Se calhar é tímido – contrapôs Libby, pouco convicta.

E então, porque aquela afirmação não enganava ninguém, suspirou.

– Não acho que haja nada *errado* com ele, eu só... Bom, uma coisa posso dizer, ele quase de certeza que não gosta de mim – disse ela, detendo-se em seguida, consternada consigo mesma por ter soado tanto como uma criança.

– Eu também não gosto de ti, Rhodes, portanto isso parece-me irrelevante – disse Nico com um abominável sorriso afetado, provando apenas ser previsível, pelo menos isso. – Além do mais, parece bastante óbvio que o Tristan não gosta de ninguém, por isso não o leves a peito.

– Não levo. – Não propriamente. – Quero só dizer que não estou preparada para estar numa *aliança* com ele. Ou com a Rainha, já agora – acrescentou rapidamente. – Ela pode ser útil e tudo mais, mas só passaram algumas semanas.

– Eu não disse que nos devíamos dedicar a ela de corpo e alma – disse Nico. – Acho apenas que ela é, tu sabes – o sorriso dele aumentou, com uma expressão vingativa –, moderadamente épica.

Um grande elogio de alguém que colocava Libby apenas algures no fundo da lista das vinte piores pessoas que alguma vez conhecera (ou assim ele dissera em tempos, durante uma discussão acalorada no terceiro ano da NYUMA). Mas Libby também não tinha ciúmes de Rainha. Era pelo menos evidente que Nico queria levar avante a sua aliança com Libby e, afinal de contas, isso era na verdade tudo o que precisava dele.

Teria sido agradável ter um aliado que também fosse um amigo? Sim, claro, talvez. Ela acreditara por meio segundo que talvez Tristan se tivesse sentido mais próximo dela depois do confronto de ambos com o perigo, mas ele mantinha deliberadamente a distância dela desde então. Ela presumia que talvez fosse só imaginação sua; ela era a mais jovem, afinal de contas, e Tristan devia ter mais ou menos a mesma idade de Callum, e talvez fosse por isso que eles parecessem andar cada vez mais juntos. Talvez o facto de Callum claramente não gostar dela (ou das suas emoções, em todo o caso, das quais, em sua defesa, nem *ela* gostava) levasse Tristan a sentir-se menos propenso a gostar de si igualmente.

Nesse caso, Tristan não só era um idiota, como também dificilmente seria alguém em cujos instintos poderia confiar. Não fora preciso muito para convencer Libby de que Callum era má rês, e até Parisa parecia concordar. Se Tristan não o via, então...

Mordeu o lábio, mudando distraidamente o telefone para o outro ouvido.

– Não vale a pena gastares energia com ele – disse Ezra.

– Eu sei – respondeu Libby, lembrando-se em seguida de que Ezra estava a falar de Nico, não de Tristan, e isso, oh, sim, ela ainda estava ao telefone com Ezra. – Quero dizer... desculpa – corrigiu num instante –, com o Varona está tudo bem, eu estava só...

– Há outra pessoa?

– Hum? – Caramba, mais coisas sobre as quais não podia falar, como quem estava no programa com ela. Uma vez mais, a sensação de sentir a falta de Ezra esbarrava com o incómodo de ter de responder às suas perguntas, uma pequena irritação que ocorria cada vez mais frequentemente a cada dia que passava. – Não, eu estava só...

Alguém bateu à porta baixinho.

– Espera um pouco, Ezra... Sim? – chamou Libby, tapando o auscultador com uma mão.

– É o Tristan – disse a voz do outro lado. Mecanicamente, transmitindo o desejo de que a interação já tivesse acabado, como seria de esperar de todas as interações de Tristan.

– Oh, hum... – Que surpresa. – Um momento. Ezra? – disse ela, voltando ao telefonema. – Posso ligar-te de volta?

Fez-se uma pausa.

– Estou mesmo quase a desligar, Lib, está a fazer-se tarde aqui. Amanhã?

– Amanhã – prometeu, algo aliviada. – Amo-te.

– E eu a ti. – Ezra desligou, a sua voz soava alarmantermente apática.

Oh, pronto. Um problema para a Libby futura. A Libby do presente pôs-se de pé, dirigiu-se para a porta e abriu-a.

Para uma pessoa que não se importava muito com ilusões, não havia dúvida de que Tristan Caine era a ilusão em pessoa. Era sábado, ou seja, todos estavam de folga, libertos do seu trabalho habitual – quer dizer, partindo do princípio de que ninguém teria violado as medidas de segurança recentemente atualizadas –, mas Tristan estava vestido a rigor (elegante, com a camisa enfiada nas calças e até as mangas impecavelmente dobradas pelo cotovelo, como se estivesse a caminho de um almoço de negócios curto, mas crucial), com um jornal enfiado debaixo do braço. Libby podia apostar que Tristan já descera à sala matinal para tomar o pequeno-almoço e almoçar, algo que ao fim de semana eles podiam optar por fazer nos quartos. Era como se a aparência de normalidade fosse uma componente crucial da identidade de Tristan Caine.

– Sim? – perguntou ela, algo ofegante depois de correr até à porta.

Ele estava imperscrutável, como sempre, olhando-a de cima como um falcão.

– Ainda tens o Lucrécio?

– Oh, sim, claro... espera aí. Entra.

Deixou-lhe a porta aberta, virando-se para ver onde deixara o livro.

– A trabalhar a um sábado? – perguntou-lhe ela, procurando nas suas pilhas de coisas. Não planeara pegar no Lucrécio em breve; estava mais decidida a passar o dia de calças de ioga, a recuperar de antemão a enorme quantidade de energia de que iria precisar na segunda-feira.

– Só quero voltar a dar uma vista de olhos – disse ele.

– Para te dizer a verdade, não sei se vai ser grande ajuda – disse Libby, vislumbrando-o por fim na pilha ao lado da mesa de cabeceira. Ela não era

a pessoa mais arrumada do mundo, nem gostava particularmente de se levantar cedo. Feitas as contas, sentia-se miseravelmente desadequada ao lado de Tristan, que estava tão arranjado que quase brilhava. – Não vi que tivesse grande coisa que não tenha sido abordado em obras posteriores.

– Há uma coisa qualquer sobre o tempo – disse Tristan –, não há?

– Mais ou menos. Nada concreto, mas...

– Eu gostava de ver por mim mesmo – disse-lhe bruscamente, e ela pestanejou.

– Desculpa, eu não estava a tentar...

– Não peças desculpa – disse ele com impaciência. – Tenho só uma teoria que gostava de testar.

– Oh. – Ela estendeu-lhe o livro e ele agarrou-o. Contudo, antes de ele sair, ela pigarreou. – E poderias por acaso dizer que teoria é essa que estás a testar?

– Porquê?

– Eu... curiosidade, acho eu. – Era incrível como ele a fazia sentir que era um crime capital fazer-lhe uma pergunta simples. – Eu *importo-me* com a investigação que fazemos, sabes?

Ele eriçou-se ligeiramente.

– Nunca sugeri o contrário.

– Eu sei, estou só a... – Ela deteve-se quando ia pedir desculpa novamente. – Esquece. Podes ficar com ele mais tempo, já agora – disse ela, apontando para o livro. – Não acho que haja aí nada de interessante. Teoricamente, suponho que a ideia de que o tempo e o movimento não são funções separadas é uma base interessante, mas tem muito pouco de singular...

– Tu e o Nico manipulam a força, certo?

Ela sobressaltou-se, primeiro com a interrupção e, depois, por estarem a ser abordadas as suas capacidades.

– O quê?

– Força. Sim?

– Sim, força. – Ele parecia estar a dar voltas a alguma coisa na cabeça, por isso ela acrescentou – Usamo-la para alterar a composição física das coisas.

– Porque não poderiam fazer um buraco de minhoca através do tempo?

– Eu... – Aquilo não era o seguimento de que ela estava à espera. – Bem, eu... Teoricamente, suponho que poderíamos usar um buraco de minhoca para ligar dois pontos diferentes no tempo, mas isso exigiria desde logo uma compreensão da natureza do tempo.

– Que precisarias de saber para compreender?

Ele não parecia estar a gozar com ela. Arriscou uma tentativa de explicar sem se tornar demasiado defensiva diante de uma pergunta moderadamente óbvia.

– Bem, o tempo não é propriamente um elemento físico – disse Libby devagarinho. – Eu e o Var... Nico conseguimos manipular coisas que vemos e sentimos, mas o tempo é... diferente.

– Não o conseguem ver nem sentir?

– Eu... – Uma vez mais, deteve-se, um tanto ou quanto surpreendida. – Espera lá. Estás a dizer que tu *consegues*?

Ele olhou-a por momentos, vagamente inquieto.

– Eu não disse isso – retificou ele. – Só quero estar preparado para seja lá o que for que vamos fazer na segunda-feira.

Não parecia valer a pena salientar que, de todos os modos, Tristan não fizera praticamente nada nas últimas semanas. Com exceção de apresentar argumentos teóricos para orientar as experiências, não contribuía com grande coisa.

Mas, se assim era, ela imaginava que não fosse culpa sua. Pelo menos ele trabalhara arduamente, certo? Lia e anotava todos os textos, trabalhava sozinho ao fim de semana. E se calhar, se ele via as coisas de maneira diferente da dela no que dizia respeito a ilusões, então talvez visse mais coisas de outra forma.

A ideia de que Tristan, tal como Reina, pudesse ter um talento adicional que Libby poderia aproveitar e comunicar a Nico fê-la sentir um pequeno arrepio de entusiasmo. Porque haveria Nico de Varona de ser o único a descobrir a utilidade de uma pessoa?

– Existe uma teoria de que os *quanta* são espaço – disse Libby, entusiasmando-se com a ideia de poder ter tropeçado nalguma coisa. – Que

o espaço, em si, não é o vazio, mas sim um tecido de pequeníssimas partículas individuais. Assim, o tempo poderia ser feito de partículas similares, presumo eu? O potencial gravitacional é...

– Olha, agradeço o livro – disse Tristan –, mas eu não tenho vontade de conversar.

– Oh. – A palavra escorregou-lhe da boca em tom de derrota. – Certo, desculpa. – A mandíbula de Tristan contraiu-se de contrariedade. – Não, desculpa não – corrigiu ela, forçando um sorriso. – Eu quis dizer...

– Não tens de pedir desculpa por existires, está bem? – atalhou Tristan em tom irritado, voltando-se então para sair, fazendo Libby desejar ter-se mantido ao telefone com Ezra em vez de abrir a porta.

Ezra era tão bom a apoiá-la. Era por isso que gostava dele, na verdade. Tinham criado a sua ligação em torno da perda, e por isso ele fizera sempre questão de estar presente. Como poderia ela não valorizar um homem que se mantinha tão resolutamente a seu lado? Ele era o seu fã número um, o seu defensor incansável. O problema era que acreditava tanto nela e com tanta intensidade que isso por vezes a irritava, como se não conseguisse ver a realidade das suas dificuldades. Por vezes, a sua fé assoberbava-a, quando na verdade ele só queria dar-lhe suporte.

E que dádiva era ter toda essa segurança ao seu dispor. Em momentos como aquele, ela ansiava por algo que a fizesse sentir-se centrada. Em segurança.

– Rhodes – disse Tristan, fazendo-a reparar com sobressalto que ele parara no limiar da porta antes de sair do quarto. – Obrigado pelo livro.

Ela pestanejou e depois anuiu.

– Espero que ajude – disse.

Ele encolheu os ombros e fechou a porta atrás de si, deixando-a à vontade para se atirar para cima da cama com um suspiro.

• CALLUM •

Parisa já não confiava nele. Irradiava dela a suspeita, com as suas desconfianças a deformar irreparavelmente o ar entre os dois. Tendo em conta os talentos de cada um, ela devia ter consciência de que ele sabia como se sentia; da corrosão que atrofiava unilateralmente o seu potencial. O facto de ela não se ter dado ao trabalho de o esconder podia significar apenas que não tinha intenção nenhuma de resolver a situação; e se ela não o queria fazer, então aparentemente tinha optado por traçar uma linha a separá-los.

O que era pena, não apenas pelas razões óbvias, mas também porque isso significava que Callum se enganara. Pensara que Parisa era o tipo de pessoa que admirava um homem que assumia o controlo de uma situação em vez de a abandonar sozinha a fazer o trabalho todo.

Era evidente que não.

Quanto a aliar-se aos outros, Libby estava de fora por razões óbvias, bem como Nico. Reina era uma ilha, e por isso era inútil, mas Callum teria de travar amizade com alguém. Não para evitar ser eliminado, é claro. Ele poderia persuadi-los, se chegassem a esse ponto, se por acaso decidisse ficar.

Era mais uma questão de entretenimento, e como Callum não se entretinha com livros ou investigação, teria de encontrar estímulos noutra pessoa.

Por sorte, ainda havia uma potencial fonte de entretenimento.

– Pareces preocupado – comentou Callum com Tristan durante a palestra desse dia, inclinando-se sobre ele para lhe falar de forma pseudoprivada sob a cúpula da sala pintada. – Estás apreensivo com alguma coisa?

Os olhos de Tristan deslizaram na direção dos dele e depois de volta a Libby e Nico, que haviam afastado para o lado a mesa e o sofá do costume para usar o centro da sala para as suas mais recentes exuberâncias cosmológicas.

– Não estás a ver isto?

– Estou a ver.

– E *não estás* preocupado?

Callum esboçou um sorriso muito ténue.

– Acho que não vejo grande utilidade em ter um buraco negro na minha sala de estar – disse ele.

Não é que Callum não tivesse consciência de que aquilo que Libby e Nico (e, supunha ele, também Reina) estavam a fazer era relativamente monumental. Aquilo era apenas a última de uma série de experiências, sendo que a primeira fora a pequena ponte espacial que Nico usava para ir buscar aperitivos. Callum compreendia, do ponto de vista teórico, por que motivo modelar com magia um fenómeno anteriormente por explicar era um assunto intelectualmente relevante, por isso, para os fins da Sociedade, ele reconhecia que era o tipo de coisa que pertencia algures aos arquivos. Não estava em causa o seu valor académico.

Mas tudo lhe parecia terrivelmente pouco prático e Callum era uma pessoa prática.

– A maioria das pessoas é estúpida o suficiente para que este tipo de informação não lhes sirva para nada – sugeriu Callum a Tristan como explicação. – Para quê darmos-nos ao trabalho de compreender o universo quando tudo aquilo de que é feito está para lá da compreensão humana?

– Mas eles acabaram de provar um elementíssimo da teoria quântica – disse Tristan, franzindo o sobrolho. Callum reparou que ele não conseguia tirar os olhos daquilo que os outros tinham feito. – Aqueles dois medeiros de vinte e poucos anos acabaram de criar algo que toda a história da humanidade tentou compreender e não conseguiu.

Soava irrazoavelmente reverente, na opinião de Callum. O que não era de surpreender. Naquela casa tudo era constantemente matéria de sonhos. Claramente, alguém precisava de se confrontar com a realidade.

– Aqueles dois medeiros de vinte e poucos anos colocaram em prática uma teoria que foi sendo elaborada ao longo de toda a história da humanidade – corrigiu Callum, tentando conferir alguma, mas muito necessária, sensatez à situação. – Muito embora, uma vez mais, eu não saiba que utilidade pode ter deixarmos cair uma coisa num buraco negro e vê-la a sair novamente do outro lado.

Tristan conseguiu por fim desviar a atenção do passe de mágica molecular de Nico e Libby, lançando um olhar acutilante a Callum.

– Estás a falar a sério, não estás?

– Muito a sério, receio bem – disse Callum. – Para mim, é um divertido truque de salão.

– Um truque de salão – repetiu Tristan, mal querendo acreditar. – E que fazes *tu* exatamente?

Tristan estava a provocá-lo, evidentemente, limitando-se a provar um ponto de vista, não estava mesmo a perguntar, o que era uma pena, já que a resposta tê-lo-ia calado completamente. Para começar, Callum podia facilmente deslindar a psique de Libby Rhodes com cinco palavras ou menos (perguntar-lhe se era filha única devia ser suficiente) e, depois, ele conseguia levar os dois cosmólogos a fazer tudo o que ele quisesse. Isso significava, entre outras coisas, que ele muito facilmente podia tomar conta daquele buraco negro. Se, além disso, o seu estado de espírito fosse especialmente empreendedor, poderia ir ainda mais longe e convencer todas as pessoas na sala a saltar lá para dentro.

De frente para eles, Parisa contraiu-se.

– Não gosto de magia física – disse Callum por fim, voltando de novo a atenção para Tristan. – Faz-me uma espécie de comichão que nem sei identificar. Como quem sente a garganta arranhada.

Foi preciso um instante, mas Tristan acabou por perceber que Callum estava apenas a ser engraçado. Ótimo, pelos vistos não era totalmente inapto.

– Diz-me, pelo menos – suspirou Tristan –, que reconheces a relevância do que está a acontecer aqui.

– Reconhecer? Sim, claro. Um enorme acontecimento mágico – confirmou Callum – que daqui a nada será engolido por outro enorme acontecimento mágico. – Era assim que a ciência funcionava, de todos os modos. Eles eram todos pedacinhos de uma qualquer outra coisa que viria depois. O átomo era parte da bomba atômica. Cataclismo, carnificina, guerras mundiais, empréstimos hipotecários *subprime*, resgates de bancos. Na cabeça de Callum, a história da humanidade era interessante por causa dos *humanos*, não da ciência. Porque os humanos eram idiotas que transformavam os elementos da vida em armas. A única coisa interessante que Libby e Nico haviam alcançado até então (segundo Callum) fora terraformar um modelo em miniatura da Lua, já que isso significava que a Lua poderia acabar por ser conquistada. Alguém tentaria construir uma nova Roma ou iniciar um novo Vaticano. Seria a loucura e, por isso mesmo, interessante.

Mais interessante, em todo o caso, do que estudar os níveis carbônicos alterados ou lá o que eles conseguiam fazer.

– A grande vantagem é que não temos sido sujeitos a milhares de perguntas – observou Callum a Tristan ao jantar nessa noite, apontando com o queixo para Libby do outro lado da mesa, depois de Tristan se sentar na cadeira vazia a seu lado. A mesa era naquele momento preenchida com o som da conversa sussurrada entre Nico e Libby, que estavam a comparar apontamentos; Parisa já dera as boas-noites e Reina enfiava distraidamente a colher com comida na boca, de olhos postos numa cópia de uma qualquer revista antiga.

– Vou ter pena quando deixarmos o elemento da Rhodes – acrescentou Callum num murmúrio –, nem que seja porque a competência dela na matéria nos dá uns merecidos momentos de paz.

Tristan esboçou um sorriso afetado, mas relutante, como se princípios de superioridade moral o tivessem impedido de se rir, mas mal se conseguindo conter.

– Não gostas mesmo dela, pois não?

– Algumas pessoas são imperfeitas e interessantes – disse Callum, com um encolher de ombros. – Outras são simplesmente imperfeitas.

– Lembra-me de não te perguntar o que pensas de mim – disse Tristan.

– Na verdade – disse Callum –, até acho que devias.

Tristan nada disse.

– Sei que desconfias de mim – disse Callum, antes de se corrigir. – De todos.

– Penso que, regra geral, as pessoas são decepcionantes – comentou Tristan.

– Que interessante, eu também.

– E achas isso interessante?

– Bom, tendo em conta que a minha especialidade me exige que capte a maioria dos pormenores da natureza humana, sim, acho que sim – explicou Callum. – Sabendo o que sei, na verdade devia achar as outras pessoas fascinantes, ou no mínimo com algum valor.

– E achas?

– Algumas. A maioria, na minha opinião, são apenas réplicas de outras.

– Preferes pessoas boas ou más? – perguntou Tristan ao acaso?

– Gosto de ter um bocadinho de ambas. Discórdia – respondeu Callum.

– Tu és um exemplo perfeito.

– Ah, sou?

– Queres ser leal à Parisa, o que é interessante – observou Callum, e Tristan soltou um pequeno tremor involuntário de confirmação. – Para uma mulher com quem dormiste uma vez, pareces sentir que lhe deves alguma coisa. O mesmo com a Rhodes, apesar de ainda não teres dormido com ela.

Tristan empalideceu.

– Dificilmente encaixam na mesma categoria.

– Oh, não, não encaixam – concordou Callum. – Tu sentes que deves à Rhodes a tua vida. No que toca à Parisa, tu apenas *queres* dever-lhe a tua vida.

– Ah, quero?

– Sim. E queres mesmo muito desconfiar de mim para bem dela. –

Callum dirigiu a Tristan mais um sorriso matreiro. – Infelizmente, tu também me achas cativante.

– Em que medida?

– Quase todos eles acham – acrescentou Callum, enquanto trocavam olhares entre si –, não és o único.

Tristan calou-se mais uns instantes.

– Pareces ter feito alguma coisa à Parisa – referiu ele, e Callum suspirou.

– Sim, parece que sim, não é? Uma pena. Eu gosto dela.

– O que lhe fizeste? Insultaste-a?

– Não que eu saiba – disse Callum, muito embora a verdadeira resposta fosse, não, não a insultara. Ele *assustara-a*, e essa era a única sensação que Parisa Kamali não tolerava. – Mas acho que talvez ela dê a volta. – Ela era o tipo de pessoa que faria sempre o que fosse melhor para si, mesmo que demorasse algum tempo a descobrir o quê.

– Não te preocupas lá muito se as pessoas gostam de ti, pois não? – perguntou Tristan, meio divertido.

– Não, nada. – Duvidava que Tristan conseguisse compreender isso, mas a sensação de ser apreciado era bastante entediante. Era o mais próximo de baunilha que Callum conseguia imaginar, embora nada se lhe pudesse comparar. Ser temido era um pouco como o anis, como o absinto. Um sabor estranho e excitante. Ser admirado era dourado, doce como o ácer. Ser desprezado era um aroma amadeirado e sulfúrico, fumo nas narinas; uma coisa que asfixia, quando aplicada corretamente. Ser invejado era ácido, um sabor agudo a citrinos, como uma maçã-verde.

Ser desejado era a sensação preferida de Callum. Também tinha fumo, de certa forma, mas mais opressivo, encoberto e perfumado naquilo que era precisamente. Cheirava a lençóis emaranhados. Sabia ao vacilar da chama de uma vela. Sentia-o como um suspiro, um suspiro silencioso; de entrega e suplicante. Sentia-o sempre na pele, afiado como uma lâmina. Perfurante, como o gemido de uma amante ao ouvido.

– Receio bem que gostarem de nós seja bastante banal – disse Callum. – Um intenso lugar-comum.

– Que pouco espetacular – disse Tristan secamente.

– Oh, por vezes pode ser útil. Mas não é de todo aquilo que procuro.

– E como pensas então evitar ser eliminado?

– Bem – respondeu Callum pacientemente –, para já, tu não vais deixar que isso aconteça.

Tristan levantou uma mão para soltar um riso de escárnio e tapou a boca com ela.

– E como é que eu vou fazer isso?

– A Rhodes ouviu-te. O Varona ouviu-a a ela. E a Rainha ouviu-o a ele. – Tristan arqueou uma sobrancelha.

– Então, achas que eu...?

– Que não me vais querer eliminar. – Callum novamente. – É na verdade bastante simples, não te parece?

– Reparei que não incluíste a Parisa nos teus cálculos. Nem a mim, aliás – disse Tristan na sua habitual voz arrastada –, embora esteja disposto a ignorar esse facto, só para fins de argumentação.

– Bom – disse Callum –, um telepata é útil, evidentemente, se o teu objetivo for interferir nos pensamentos de alguém. Mas tens ideia de como são poucas as vezes que as pessoas *pensam*? – desafiou-o, levando o copo aos lábios enquanto Tristan, que inegavelmente concordava, emitia o eco de um riso sem som. – Os outros vão conseguir manter a Parisa fora dos seus pensamentos na maior parte do tempo, assim que se habituarem a ela. –

Até agora, não se tinham habituado, isso era evidente, e havia que reconhecer que ela era muito, muito boa. Sem dúvida a telepata mais dotada que Callum alguma vez conhecera e isso já era dizer alguma coisa. –

Mas, com exceções muito raras, as emoções são muito mais fortes e mais difíceis de esconder. E, ao contrário do pensamento, a emoção pode ser facilmente manipulada. Os pensamentos, por outro lado, têm de ser implantados ou criados ou roubados, ou seja, um telepata queimará sempre mais energia do que um empático quando se usa magia.

– Achas então que és a opção mais útil, é isso?

– Acho que sou a melhor opção – esclareceu Callum. – Mas, mais importante do que isso, acho que, ao fim e ao cabo, tu compreendes-me mais do que queres admitir.

Aquela declaração ressoava a certeza relativa. Callum não tinha quase dúvidas nenhuma de que, quaisquer que fossem as razões para os outros

não gostarem dele, Tristan acharia o seu raciocínio mais persuasivo. O cinismo de Tristan, ou o seu desencantamento, ou aquilo que o deixou tão amargamente dececionado com o mundo, era agora útil.

– A minha proposta é esta – disse Callum. – Estou do teu lado.

– E?

– E nada – disse Callum. – Percebes, certamente, que este é um jogo de alianças? Sou teu aliado.

– Nesse caso, eu devia ser teu?

Nesse preciso momento, Libby levantou os olhos. Já adotara o hábito de se pôr à margem da atenção de Callum (o que era provavelmente sensato), pelo que conseguiu fixar acidentalmente os olhos nos de Tristan antes de os desviar rapidamente, voltando à sua conversa com Nico.

Tristan contraiu-se; consciente, provavelmente, de que acabara de ser apanhado numa conversa com Callum, com quem nenhum dos outros tinha pressa alguma em travar amizade.

– A Parisa não é uma aliada – alertou Callum, e Tristan pigarreou. –

Nem a Rhodes. Quanto aos outros, o Varona e a Reina são pragmáticos; vão pôr-se do lado de quem os levar mais longe quando chegar a altura certa.

– Não devias fazer o mesmo e esperar – aconselhou Tristan – para ver se eu tenho algum valor antes de me tentares recrutar?

– Tu tens valor – respondeu Callum. – Não vejo necessidade nenhuma de o averiguar.

Do outro lado da mesa, Nico exclamou algo ininteligível sobre ondas gravitacionais e calor. Ou talvez fosse tempo e temperatura. Ou, quem sabe, isso não importasse nada porque, a menos que Nico quisesse ser uma espécie de físico medeico preso a um laboratório para o resto da vida quando terminassem os dois anos ali, não iria sair dali nada de interesse. A finalidade da Sociedade era entrar, obter acesso e depois sair. Ficar ali, como Dalton Ellery fizera ao tornar-se investigador, não tinha sentido nenhum. O melhor de entre eles procuraria explorar a influência da Sociedade, e não ficar encadernado nos anais que esta guardava.

Callum era o tipo de pessoa estruturada desde logo para chegar longe, com ou sem a Sociedade. Tristan também era assim, mas de forma diferente. Callum conseguia farejar isso nele: a ambição, a fome, o ímpeto. O desejo do poder que lhe fora negado até agora. Pairava também nos outros, mas não era nem de perto tão intenso, e seguramente não se aproximava tanto de uma ânsia. Nico tinha uma agenda oculta (estava bem selada, com um sabor a metal) e talvez os outros tivessem as suas razões, mas apenas Tristan o *queria* verdadeiramente, com todo o seu ser. Era salgado, aromático, como a própria saliva.

A única pessoa que era tão esfomeada e desesperada como Tristan era Reina, mas não valia a pena tentar conquistá-la. Ainda não. Ela colocar-se-ia do lado que lhe fosse conveniente quando chegasse o momento.

Libby era tão pouco ameaçadora que não era um fator a considerar. Por isso, Callum *não* a incluía nos seus cálculos pessoais. Se alguma vez viesse a precisar de outro buraco negro, bastava procurá-la no emprego mundano do Estado que ela iria aceitar depois de ser eliminada do grupo. É verdade que havia uma ligação ainda por identificar entre Libby e Tristan – talvez na sequência da sua experiência durante a instalação –, mas esse seria um assunto de fácil resolução. Tristan sentia-se silenciosamente incomodado com ela, ou incomodavam-no as suas capacidades, e essa era uma emoção fácil com que ele podia jogar. Callum torcê-la-ia facilmente em torno do seu dedo, transformando-a firmemente em ódio.

Quanto a Parisa, ela constituía uma dificuldade. Callum subestimara as suas capacidades ao falar com Tristan, por razões óbvias, e apenas no que dizia respeito à especialidade técnica dela. Ela era melhor medeica do que Callum, que nunca fora um aluno muito dedicado, e era bastante calculista. Fatalmente calculista, até. Era precisamente o inimigo que Callum nunca desejara, mas ela já traçara uma linha de separação, por isso ele teria de lhe derrubar rapidamente as peças do tabuleiro.

Callum não queria desperdiçar tempo a brincar com os peões de Parisa; ele queria tomar-lhe o rei.

– Tenho de admitir que agora estou um tanto ou quanto farto do físico – murmurou Tristan para si mesmo, fixando o olhar com uma intensidade

que não sabia ser inveja enquanto Libby e Nico, por motivos insondáveis e pouco importantes, tentavam virar uma chávena de água a ferver ao contrário.

Ah, a inevitável aquiescência. Tão magnanimamente doce.

– Vamos tomar um copo antes de dormir – sugeriu Callum, pondo-se de pé. – Tomas o uísque puro?

– Nesta altura do campeonato, tomava-o diretamente do tonel – disse Tristan.

– Excelente. Tenham uma boa noite – disse Callum aos outros, levantando-se e saindo da sala de jantar em direção à sala pintada.

Reina não levantou os olhos quando ele passou, nem Nico. Libby sim, e fora por isso mesmo que Callum o dissera. Ela veria Tristan a seguir na esteira de Callum e sentir-se-ia ainda mais isolada, e nem sequer fora preciso qualquer esforço.

Pobre rapariguinha mágica. Tanto poder, tão poucos amigos.

– Boa noite – disse Libby baixinho, sem olhar para Tristan. As pessoas eram uns brinquedos tão frágeis.

• NICO •

O aparecimento da mãe de Gideon na casa de banho, quando Nico saía do chuveiro, não foi o acontecimento ideal. Uma variação diversificada de «merda» soltou-se da boca de Nico em pelo menos três línguas e Eilif, que se materializara do nada para se empoleirar na borda do lavatório, revirou os olhos. Disse alguma coisa impaciente num islandês acelerado, ou talvez fosse norueguês, e Nico, que estava completamente nu, fulminou-a com o olhar como que a relembra-la de que tornar-se poliglota, embora muito provavelmente fosse um empreendimento digno de nota, não era coisa que lhe apetecesse fazer naquele dia.

– Sou só eu – disse ela em inglês, observando a tentativa frenética de Nico para se tapar. – Acalma-te lá.

– Em primeiro lugar, não – disse Nico, sentindo que era um ponto de partida necessário e muito preciso enquanto se debatia para se manter na posse do seu espírito (e, idealmente, do seu pénis). – Em segundo lugar, como entraste aqui? – exigiu saber, olhando em volta à procura de eventuais consequências impostas pela Sociedade devido à sereia que irrompera pela sua casa de banho. A habitual luz vermelha ao canto, que indicava uma rutura das guardas, não apareceu, o que era inquietante. – Isto nem devia ser *possível*...

– Bem, demorei algum tempo a encontrar-te, mas acabei por cá chegar. Cobrei alguns favores, esse tipo de coisas. Preciso que levantes imediatamente as guardas de ocultação do meu filho. Estás com bom aspeto, Nicolás – observou Eilif, tudo numa única sequência fluida de pensamentos. – Quase suficientemente delicioso para eu provar.

– Tu – resmungou Nico em resposta ao seu olhar de sedução – tens de parar com isso. – Ele mudou novamente de posição, agora irritado por a casa de banho não ser nem de perto tão rebuscada como os outros compartimentos. Tinha a banheira e o chuveiro, e uma série de espelhos dourados em cima do lavatório de cerâmica branca que, naquele momento, não ajudavam absolutamente nada. –E que queres dizer com «alguns favores»?

– Oh, eu sei onde estás – disse, dengosa, começando a brincar com o cabelo. Ela estava ligeiramente azul, como sempre, e excepcionalmente vascular, por isso Nico conseguia ver os rios azul-índigo que se ramificavam como *kintsugi* sobre os seus seios nus. – Não foi muito difícil. Maroto – ralhou ela como a quem ocorre uma ideia tardia, mas muito satisfatória.

– Ainda assim, não devias ter conseguido cá entrar – disse Nico bruscamente.

– Nicolás, e que culpa tenho eu de as vossas guardas para criaturas não terem sido alvo de manutenção?

Certo. Na altura em que as instalaram, isso passou-lhe vagamente pela cabeça, mas até agora os arquivos tinham sido inquietantemente pouco úteis. À primeira oportunidade, Nico escapulia-se para a sala de leitura, preenchia o formulário de requisição e pesquisava por todas as variações de «prole das criaturas», «esperança de vida de seres parcialmente humanos», «? narcolepsia, mas não exatamente» e (em desespero) «defesa contra a mãe» naquilo que parecia um sistema de correio senciente e antiquado de tubos pneumáticos, mas de todas as vezes os seus pedidos eram recusados. Semanas a fio, ele alterara os termos de pesquisa, ampliando e depois delimitando a especificidade, mas tudo o que conseguia obter dos arquivos eram fontes entediantes e enciclopédicas: um atlas de criaturas conhecidas e as suas origens, um levantamento de artes mágicas que parecia um livro de contos de fadas e vários volumes de nada mais do que genealogia das fadas. Conseguira encontrar um texto de referência insuportavelmente espesso sobre a natureza da magia das criaturas (dera-o a Rainha), mas não podia propriamente dizer a ninguém por que motivo precisava de se defender contra uma determinada sereia.

Bem – ele *poderia* ter dito, mas duvidava que alguém o levasse a sério. Além disso, Eilif não era perigosa para ele. Era apenas... nada de fiar e, sobretudo, desequilibrada. Em todo o caso, era evidente que os arquivos estavam muito bem selados contra tudo o que fosse além dos assuntos em estudo, o que significava que, se Nico queria manter alguma esperança de ser de alguma utilidade para Gideon, teria de abrir primeiro algumas portas na Sociedade – nomeadamente através da iniciação, de modo a, no ano seguinte, aceder ao estudo independente. O que implicava passar *este* ano a impedir Eilif de lançar o caos naquela casa. Ou, já agora, em torno de Gideon.

– Ora, quanto às guardas que puseste à volta do meu filho – começou Eilif a dizer de passagem.

– Não – respondeu Nico, porque, muito embora Eilif fosse pouco perigosa para *ele*, Gideon era uma preocupação muito diferente. – Sabes quanto me custou conseguir sequer instalá-las? Deixa o Gideon em paz.

– Muito bem. – Fez um beicinho com os seus lábios pálidos. – Estou a ver que *tu* não percebes nada de progenitura.

– Tu também não – explodiu Nico. – Tu só o usas, Eilif, e ele detesta isso. Se o Gideon te quer à distância, é assim que te vais manter.

Em resposta, Eilif inclinou-se casualmente contra o lavatório mais afastado, deixando os olhos cair até ao nível das ancas de Nico.

E depois mais abaixo. E ficou de olhos postos. Sem os tirar dali.

– Para lá de rogar pragas à minha pila – disse Nico com impaciência. – Eu não vou mudar de ideias.

Eilif atirou os braços ao ar, com um suspiro.

– Sabes, estou a ficar muito farta de ti – informou-o com a voz esganiçada. – Não devias morrer muito em breve? O Gideon viveu entretanto pelo menos setenta anos mortais.

– Ele tem vinte e dois anos – disse Nico.

– O quê? Impossível – escarneceu Eilif.

– Fiz-lhe uma festa de aniversário – disse Nico. – A que tu faltaste, por acaso.

Ela fez um gesto com a mão, desinteressada, como habitualmente, pelos costumes associados à maternidade.

– Isso quer dizer que ele foi criança durante séculos, no mínimo!

– Ele não é uma criança, é um adulto. Está neste momento a cerca de um quarto da vida de um mortal.

– Isso não me parece correto...

– Mas é! – disse Nico indignado, ao que Eilif emitiu um ruidoso grunhido da cor do céu.

– Dá-me o meu filho – exigiu ela, sem rodeios. – Ele precisa de mim.

– Não precisa nada.

– Como é que ele vai comer?

– Ele come *lindamente*.

Os olhos dela cerraram-se, pouco convencida.

– Sabes, estávamos tão bem antes de tu apareceres – acusou-o.

– Isso não é nada verdade – disse Nico. – Tu abandonaste o teu filho bebé na floresta da Nova Escócia e depois fizeste questão de aparecer de anos a anos só para o fazer ir atrás de ti nos reinos dos sonhos. Eu não diria que isso é «estar bem», a menos que só pensemos em ti.

– E em quem mais deveríamos pensar? – perguntou Eilif, detendo-se em seguida. – Ah, sim. No Gideon.

– Sim, no Gideon. – Que coisa absolutamente esgotante. – O teu filho, lembras-te?

– *Dá-me o meu filho* – disse Eilif com ardor, agora tremendo de fúria. –

Dá-mo. Meu doce Nicolás – murmurou, provavelmente prestes a tentar aplicar-lhe algum truque de sereia. – Meu querido, não sonhas com riquezas?

– Para com isso – disse ele.

– Mas...

– Não.

– Mas eu quero...

– Não podes.

– *Mas ele é meu* – lamuriou-se Eilif, passando em seguida a um amuo juvenil. – Pronto, fica lá com ele. Por agora – avisou. Então, com um último

olhar de repreensão, meio sedução, meio fúria imortal, Eilif desapareceu, engolida novamente pela atmosfera.

– Varona, que raio se passa aí dentro? – surgiu a voz de Libby vinda do corredor.

– O inferno – confirmou Nico. – Mas não te preocupes, foi uma luta renhida. – Ou seria em breve, dependendo em que medida Eilif se sentia vingativa ou até que ponto ela estava atulhada em dívidas. Isto podia revelar-se um problema, especialmente se Eilif estivesse a dever ao seu próximo patrão. Felizmente, seria provavelmente simples ir acompanhando Gideon a partir do reino dos sonhos, sem necessidade de o preocupar demasiado.

– Como queiras – resmungou Libby, ouvindo-se o som dos seus passos a regressar ao quarto.

Uma rápida mensagem para Gideon – *encontramo-nos no sítio do costume?* –, seguida de um apressado *está tudo bem!*, garantia-lhe que podia ir para a cama cedo descansado.

– Que fizeste? – perguntou Gideon no momento em que Nico se sentou na cama, voltando ao seu lugar dentro da cela de prisão das guardas subconscientes da Sociedade. – Alguma coisa interessante, espero eu.

– Estás entediado, João Pestana? – perguntou-lhe Nico, aproximando-se das barras. Gideon encolheu os ombros.

– Suponho que sim – disse ele. – Há um limite para os livros que conseguimos ler para adormecer.

– Bem, não vejas demasiada televisão – disse Nico. – Acabas sempre nos reinos perigosos quando te expões a demasiada violência e, lamento dizer-te, mas simplesmente não és lá muito bom com armas de fogo.

Gideon soltou um suspiro teatral.

– Para de ralhar comigo, Nicky – disse ele –, não és a minha mãe.

Era uma piada, mas Nico estremeceu ao recordar. Gideon, captando a sua expressão, congelou subitamente.

– Oh, não – disse Gideon, empalidecendo de imediato, e Nico suspirou.

– Está tudo bem, Gideon, tenho tudo sob controlo, jur...

– O que foi que ela disse?

– Nada, já te disse, está tudo b...

– Nicolás – disse Gideon aguerridamente. – O que foi que ela disse?

Nico nunca foi muito bom a mentir a Gideon, o que era mesmo uma pena. Era tão excepcionalmente talentoso em tudo o resto.

– Nada de especial, na verdade – disse Nico. – Ela parece... querer-te para alguma coisa.

– Sim, sei bem que quer – disse Gideon, esfregando, com ar cansado, a bochecha com uma mão. – Acaba sempre por querer alguma coisa. Achei mesmo que ela me tinha deixado em paz desta vez, mas...

Deteve-se, e Nico estremeceu de novo. Lá se iam os seus pequenos e atenciosos segredos.

– Tu – deu-se Gideon conta em voz alta, olhando para Nico. – Tu puseste uma guarda contra ela sem me dizer, não foi?

– O quê? Isso é uma loucura – disse Nico suavemente.

– Nico, não tinhas o *direito*...

Desistiu logo daquele seu jogo (muito fraco).

– Isso é ridículo, é claro que eu...

– ... não podes simplesmente interferir sem me dizer...

– ... eu *ia* dizer-te; na verdade, tenho a certeza de que até já disse! Não tenho culpa se não lês as atas com atenção...

– ... pela última vez, a minha mãe é problema *meu*, não teu...

Isto, é claro, foi recebido com um grunhido de frustração de Nico.

– Não tiveste já tempo suficiente para perceber que eu *quero* os teus problemas? – exclamou Nico, meio a gritar, e, graças a Deus, a boca de Gideon fechou-se bem fechada. – A tua dor é problema meu, seu arrogantezinho idiota. Seu grandessíssimo filho da mãe. – Nico esfregou a têmpora, cansado, quando os lábios de Gideon se ergueram, meio a rir.

– Não te rias. Não... olhes para mim, para. *Para*.

– De onde vieram essas alcunhas carinhosas, Nicky?

– Cala-te. Estou zangado.

– Porque é que estás zangado?

– Porque, por alguma estúpida razão, tu pareces pensar que devias lidar com tudo sozinho...

– ... quando na verdade *tu* é que devias estar a lidar com tudo *sozinho*, é isso? – *Touché*. O sacana.

– Gideon, por amor de Deus, sou rico e extremamente bem-parecido – rugiu Nico. – Achas que eu tenho problemas meus? Não, não tenho, por isso deixa-me ficar com os teus. Dá-me alguma utilidade, imploro-te.

Gideon revirou os olhos.

– Tu – disse ele, e soltou o ar dos pulmões – és *insuportável*.

– Sim. E tu estás neste momento perfeitamente seguro, assim escondido da tua mãe, por isso cala-te. Mas ela anda mesmo à tua procura – admitiu Nico, e este era o principal aviso que quisera desde logo transmitir. –

A guarda aguenta-se ainda mais um pouco, mas é só uma questão de tempo até ela a conseguir quebrar. Ou pagar a alguém para o fazer. – Eilif era, infelizmente, muito pior do que a maioria das sereias; em grande parte, por ter amigos de categoria muito reles, a maioria com um acesso irrestrito que muitas pessoas e organizações governamentais prefeririam que não tivessem.

– Eu podia ficar aqui – disse Gideon, pensativo.

– Nos reinos? – Poderia funcionar, mas não para sempre. – Tu ainda tens um corpo.

– Sim.

– Um corpo *mortal*...

– Bem, pelo menos parece um corpo mortal.

– Está a envelhecer, não está?

– Parece estar, é possível, mas...

– Um dia vamos arranjar uma solução – garantiu-lhe Nico. – A tua esperança de vida e tudo mais. A tua dieta natural – enumerou ele ao acaso –, onde pôr a caixa do chichi, como garantir que fazes exercício suficiente. Sabes como é, os cuidados e a manutenção habituais das criaturas híbridas...

– Embora me pareça que nada disso terá importância se a minha mãe me matar primeiro – observou Gideon.

Nico teve de se afastar das barras para contar rapidamente até três antes de poder dar uma resposta sensata.

– Não digas coisas dessas – disse Nico com um ar de grande sofrimento. Mas Gideon, que costumava mostrar-se divertido com tudo o que Nico fazia, limitou-se a sorrir.

– Não te preocupes comigo, a sério – disse Gideon, provavelmente pela milionésima vez e sempre em vão. – Não acho que ela me chegue mesmo a matar. Ou, se o fizer, será por acidente. Ela é só muito desleixada.

– Ela quase te afogou duas vezes!

– A minha memória pode estar a falhar-me quanto a isso.

– Não me parece que seja possível não te lembrares de uma coisa dessas!

– Em sua defesa, ela não sabia que eu não conseguia respirar debaixo de água. Pelo menos da primeira vez.

– Isso – disse Nico, exasperado – *não* é uma defesa!

Gideon, no entanto, estava a rir-se.

– Sabes, o Max não se deixa perturbar minimamente com tudo isto – disse ele. – Devias pensar fazer como ele.

– O quê, arrastar o rabo pela alcatifa?

– Não, ele já deixou de fazer isso – disse Gideon. – Graças a Deus.

– Gideon, eu só quero que fiques bem – disse-lhe Nico em tom suplicante. – *Por favor. Je t'en supplie.*

– Eu estou bem, Nico. Preocupares-te comigo é apenas a tua desculpa para evitares a tua própria vida; da qual, já agora, eu nada sei – recordou-lhe Gideon severamente. – Estás a pensar contar-me alguma coisa ou vou ser sempre apenas a tua princesa na torre?

– Para começar, darias uma princesa horrível – resmungou Nico. – Não tens *mesmo nada* corpo para vestir um espartilho e quanto ao resto, confia em mim, eu contaria se pudesse...

– Mas não podes – antecipou-se Gideon, fazendo uma careta. Desviou os olhos antes de voltar a olhar, acrescentando: – Sabes, eu também me preocupo contigo. Se pusermos a tua vaidade de parte, eu acho que tens problemas que chegue sem teres de te obcecar com os meus.

– Tais como...? – zombou Nico, fazendo um gesto enfático na direção da sua cabeça cheia de cabelo.

– Eu... Deixa lá. – Gideon encolheu os ombros. – Quero apenas dizer que esta é uma via com dois sentidos.

– Pois, mas eu sei disso, não sei? Eu nunca me dedicaria magnanimamente a uma pessoa que não reparasse como eu sou interessante.

– E tu és mesmo muito dedicado.

– Tenho tanto de dedicado como de interessante – confirmou Nico –, por isso acho que alcançámos um patamar de entendimento.

Gideon dirigiu-lhe um olhar como se tivesse usado um jornal para lhe dar uma pancada no nariz. Ou seja, o costume.

– *Estás bien?* – perguntou Gideon.

Sim, estranhamente, Nico estava na verdade bastante bem. Ele e Libby davam-se praticamente bem, discutindo apenas acerca de coisas académicas («Uma coisa é parar o tempo e outra completamente diferente é tentar movimentá-lo por aí» era a sua posição sobre a mais recente teoria dela, mas é evidente que ela tinha «argumentos»), e ele e Reina davam-se lindamente e, regra geral, Nico comia bem e não queria assassinar as pessoas à sua volta. (Passaria bem sem Callum e Tristan, mas já enfrentara oposições mais aguerridas antes.)

Certo, sentia a falta de coisas normais, como a liberdade de ir a outros sítios que não aquele onde vivia e também o sexo – mas tinha a sensação de que o melhor era não dormir com ninguém ali. Iria provavelmente deixar Parisa fazer com ele o que quisesse e isso não era simplesmente uma boa perspetiva para ninguém.

– *Je vais bien* – disse Nico resolutamente.

– Ótimo – disse Gideon. – Nesse caso, vou deixar-te dormir.

– O quê, já? – disse Nico, de sobrolho franzido. – Mas...

Gideon estalou os dedos e Nico sentou-se na cama, a arquejar. Estava de volta ao seu corpo, de volta à mansão da Sociedade. De volta ao lugar de onde, tecnicamente, nunca saíra.

A seu lado, o telefone vibrou.

Vai dormir.

Nico rolou os olhos. Idiota.

Vejo-te em sonhos, brincou.

O telefone tremeu-lhe na mão.

Sempre, Nicolás, sempre.

• REINA •

No que lhe dizia respeito, Reina já beneficiara de extravagantes mais-valias com o seu investimento em aderir à Sociedade. No final do verão, passado apenas um quarto do ano que lhes fora concedido, já conseguira reunir uma série de tesouros. É verdade que deixara muito pouco para trás, por isso possivelmente o sacrifício inicial teria sido mínimo, mas isso não invalidava o facto de que estava a gostar do tempo que ali passava, à sua maneira. O acesso que lhe fora concedido através da Sociedade era tudo por que havia ansiado. O conteúdo dos arquivos era precisamente aquilo que, nos seus sonhos, a Biblioteca de Alexandria deveria conter, e tudo isso apenas ainda com o acesso mais elementar ao pensamento científico e mágico antigo. Depois de concluir escassos três meses de investigação sobre a física da força e do espaço, Reina conseguira já aceder ao grimório de Circe e à obra perdida de Demócrito e de Anaximandro. Imagine-se o que poderia fazer com um ano inteiro e depois mais um.

Isto significava que a sua permanente motivação para participar na pequena diversão de Atlas Blakely era, no mínimo dos mínimos, não *perder* o acesso. Tratava-se das obras ancestrais do animismo, do naturalismo, da cosmologia, e o que encontraria ela nos medeiros medievais, que só podiam ter contribuído em segredo? E nos iluministas? Teria a oportunidade de ver as obras de Isaac Newton e Morgan le Fay? Impossível saber enquanto não chegasse lá, ou seja, teria necessariamente de lá chegar.

Reina passava mais tempo livre na sala de leitura do que os outros do seu grupo de iniciação. Testava amiúde os limites dos textos a que conseguia aceder independentemente do tema que estivessem a abordar, e por

isso estava um pouco mais ciente das outras pessoas que entravam ocasionalmente pelas portas da Sociedade. Embora os membros iniciados da Sociedade nunca interagissem com ninguém exceto com o seu grupo de candidatos, Reina via-os com frequência a entrar e a sair dos arquivos ou a reunir-se com Atlas no seu gabinete. Não era muito claro que tipo de «curadoria» Atlas fazia fora dos arquivos, considerando que Reina e os outros cinco não estavam ao corrente das atividades da elite iniciada da Sociedade, mas era evidente que ele fazia bem o seu trabalho. Toda a gente que passava a soleira da porta da mansão fazia-o com a sua autorização, por mais elevado que fosse o seu estatuto no mundo exterior e, apesar de tudo, ninguém na sua presença alguma vez parecia melindrado ou pouco à vontade.

Houve um membro da Sociedade em particular com quem Reina, por coincidência, acabou por travar conhecimento: Aiya Sato, uma mulher que fazia parte do conselho de administração de um gigantesco grupo tecnológico sediado nos arredores de Tóquio. Aiya era a mais jovem mulher bilionária a subir a pulso na carreira da economia mortal e também uma celebrada médica, com os dois pés firmemente assentes nos dois mundos.

– Oh, deve ser a menina Mori – disse Aiya. As duas estavam lado a lado no piso superior da sala de leitura, esperando o resultado dos respetivos apelos a outras partes dos arquivos. Aiya, uma relações públicas nata, encetara a conversa no dialeto nativo das duas.

– Diga-me, como foi a instalação?

Reina forneceu alguns pormenores, não sendo muito dada a conversas. Aiya, por seu lado, era muito tagarela.

– Imagino que seja muito diferente com o Atlas Blakely ao leme – disse ela, e nesse momento Reina deteve-a.

– Foi iniciada há muito tempo? – Não era possível. Aiya parecia muito jovem, dificilmente teria mais de trinta anos.

– Não, não muito. Na verdade, no grupo antes deste.

– Esteve no grupo de iniciação do Dalton Ellery? – Aiya pestanejou, surpresa.

– Conhece o Dalton?

– Ele ainda é investigador aqui.

– Eu achava que o Dalton seria o primeiro a seguir em frente – comentou Aiya, franzindo o sobrolho. – Nem consigo imaginar o que estará ele ainda aqui a fazer.

– Não é habitual alguns membros continuarem? – Era uma posição que Reina cobijava: o iniciado privilegiado a quem era permitido ficar para trás e prosseguir a sua investigação independente. O alegado plano de estudos do primeiro ano do programa era agradavelmente esquemático (categorias amplas de espaço, tempo, pensamento e assim por diante), sendo que a maior parte do seu tempo não estava programado e eles estudavam à sua vontade, estando implícito que, no segundo ano, dependendo da iniciação, teriam ainda menos supervisão. O gostinho que estavam agora a tomar pela liberdade académica era já superlativo, e a possibilidade de mais nove anos de estudo ininterrupto até chegar o grupo de iniciados seguinte?

Felicidade total.

– Oh, algumas pessoas optam por continuar a investigação depois dos dois anos de bolsa, sim, mas nunca teria imaginado que o Dalton o faria – disse Aiya, intrigada. – Sabe qual é a especialidade dele, não sabe?

Não era claro o que Dalton investigava exatamente, nem as razões para ficar para trás em vez de se aventurar no mundo e agarrar a promessa de glória da Sociedade. Reina teve dificuldade em pensar nalguma coisa que ele tivesse dito ou feito que parecesse digno de nota.

– Não, acho que não.

– O Dalton é um animador – revelou Aiya enfaticamente, como se isso devesse supostamente significar alguma coisa.

– Ele consegue dar vida às coisas?

– Coisas? – disse Aiya e riu-se baixinho para dentro. – Sim.

Reina franziu o sobrolho.

– Ele é...?

– Oh, não, não é um necromante – retificou Aiya rapidamente. – Quer dizer, ele *consegue* fazê-lo, mas prefere o inanimado e o metafísico, ou pelo menos assim era quando o conheci. Sabe que ele vem algures das florestas

da Dinamarca? Ou talvez dos Países Baixos. Nunca me consigo lembrar quando tenho de distinguir entre os países nórdicos, e ele deixou de usar o «von», acho eu; mas a questão é que existem lendas na aldeia dele sobre um rapaz que consegue dar vida a florestas inteiras, e até mesmo ao vento. Ele faz parte da mitologia moderna. – Sorriu ligeiramente. – Não consigo imaginar por que motivo terá aceitado ficar para trás, embora, suponho, ele ainda seja muito jovem. E foi sempre o preferido do Atlas.

– Pensava que o Atlas era Curador há já algum tempo – disse Reina, lembrando-se de que tinham sido as observações de Aiya sobre Atlas que haviam despertado de início o seu interesse. Agora que pensava nisso, Atlas não parecia especialmente velho. Poderoso, sim. Parecia muito confortável na sua posição de autoridade, mas se as aulas de iniciação ocorriam a cada dez anos, não era possível ter-se iniciado muito antes de Dalton e Aiya.

Aiya abanou a cabeça.

– Não, foi outra pessoa durante bastante tempo. Um americano, durante quase meio século. O retrato dele está aqui... – Acenou com uma mão, com desinteresse. – Algures.

– Mas conhece o Atlas?

– Ele era essencialmente aquilo que o Dalton é agora, creio eu. Para lhe dizer a verdade, nós não víamos lá muito o nosso Curador; o Atlas fazia a maior parte do trabalho. – Ainda hoje, Atlas raramente faltava a uma sessão, mesmo quando era Dalton quem tinha a tarefa de apresentar um novo tema. Velhos hábitos, pensou Reina. – Vocês veem-no com frequência?

– Sim, quase todos os dias.

– Hum. Que estranho.

– Ah, sim?

– Bem, o cargo que ele ocupa implica outras responsabilidades. – Aiya sorriu. – Embora, suponho eu, ele tenha sido sempre muito entusiástico. E ouvi dizer que, entre os Curadores, ele foi uma espécie de menino prodígio.

– É frequente os investigadores assumirem o cargo de Curador? – perguntou Reina. Atraía-a a ideia de ser investigadora; o cargo de Curador,

com toda a logística e política que implicava, já não.

– O Dalton vai ser o próximo?

– Bom, para ser sincera, o Dalton é precisamente o tipo de pessoa que quereria ser Curador e não investigador, mas não – disse Aiya. – O Atlas foi um caso especial. Os Curadores são normalmente selecionados pelo conselho diretivo da Sociedade e são por norma alguém muito distante das funções internas.

– Há algum motivo para isso?

– Alguma coisa relacionada com não ir buscar uma maçã podre, seguramente. O que não é o caso do Atlas, claro – acrescentou, depois de refletir. – Ele terá sido uma escolha natural; é tão apreciado por todos. Já o Dalton... um mistério. – Sobrolho franzido. – Achava mais provável ele ter seguido outro percurso.

Os livros chegaram lado a lado, vindos da senciante rede de tubos dos arquivos. A cópia de *A Grande Cosmologia*, de Leucipo, para Reina. O de Aiya não tinha título.

– Costuma regressar muitas vezes aos arquivos? – perguntou Reina.

– Não, não muito – disse Aiya. – Ainda assim, não deixa de ser um recurso precioso. Estas paredes contêm muito mais do que pode imaginar.

Enfiou o livro na bolsa, dirigindo-se a Reina com um sorriso.

– Faça-me o favor de aproveitar o tempo que passar aqui – disse ela. – Vale tudo muito a pena, mesmo. No início tive as minhas dúvidas, mas, no fim, tem mesmo de acreditar em mim. Faria tudo novamente, sem pensar duas vezes.

– Foi difícil? – perguntou Reina. – O processo de eliminação.

Por breves momentos, o sorriso de Aiya vacilou.

– Quer dizer a iniciação em si?

– Não, quero dizer... é difícil – tentou formular Reina – escolher qual dos elementos do grupo de iniciação deve ser eliminado?

– Oh, sim. Inimaginavelmente difícil. – Recuperou então o sorriso. –

Mas, como lhe disse, vale a pena. Desejo-lhe um ótimo dia – disse Aiya, concedendo a Reina uma vénia cortês e deferencial, voltando-se rapidamente para se ir embora, com o som dos saltos altos a ecoar pela sala

de leitura enquanto atravessava o estreito corredor para sair pelas pesadas portas duplas.

Reina ficou com a sensação de que acabara de ter uma interação muito estranha, embora não conseguisse explicar exatamente porquê. A sensação manteve-se durante a maior parte dos dias que se seguiram, entrando e saindo dos seus pensamentos sem que ela conseguisse chegar a nenhuma conclusão sólida.

Acabou por se esquecer. Entre o trabalho, os combates com Nico (Reina sentia que ele era o mais forte na luta corpo a corpo e, além disso, precisava do exercício) e a leitura por prazer, não havia muito tempo para se preocupar com o que fosse irrelevante ou pouco importante. Andava bastante satisfeita, na verdade, embora tivesse vagamente a sensação de que os outros em seu redor não sentiam o mesmo.

MamãMamãMamã, choramingou um dia um dos fetos, pendendo murchamente sobre uma prateleira da sala pintada, quando os seis se sentavam na sua habitual formação em círculo. *Mamã, há sarilhossarilhossarilhos no ar, mamã, porfavorporfavor, consegues ver?*

Num primeiro momento, Reina presumiu que era a ímpia aliança que estava a florescer entre Callum e Tristan, que estava sentado mesmo por baixo do feto. Era sempre provável encontrá-los na companhia um do outro, considerando que (intencionalmente ou não) fora traçada uma linha entre os especialistas físicos e os outros, mas ultimamente tornara-se cada vez mais raro ver um sem o outro. Mantinham amiúde conversas furtivas; Callum normalmente debruçado, enquanto Tristan falava. Reina achava positivo, ou pelo menos algo perfeitamente aceitável, já que isso significava que Parisa não teria Tristan sempre colado a ela. Contudo, gradualmente, foi-se tornando cada vez mais evidente que Parisa estava a ser castigada por alguma coisa. Ficava no entanto por saber se o castigo provinha das mãos de Tristan ou de Callum.

O problema de Tristan, e o motivo por que Reina por vezes preferia Callum, era a sua mesquinhez, a sua agressividade. Era contundente, frio e tornava-se inevitavelmente mais malicioso com a sua...

«Inteligência» era uma palavra que não lhe fazia jus. Tristan era mais do que apenas espirituoso ou esperto ou culto; ele era *rápido*, e era sempre o primeiro a ver quando alguma coisa não estava bem. No princípio, Reina achara que ele estava a ser implicativo, a ser do contra só porque sim, mas tornara-se cada vez mais evidente que, a menos que soubesse exatamente o que corrigir, Tristan nem se dava ao trabalho de falar. Para o melhor e para o pior, ele ostentava uma apatia de cortar a respiração diante de quase tudo, o que colidia com o seu desprezo apenas quando algo estava problemáticamente fora do sítio. Reina não conseguia decidir se essa crueldade intuitiva era pior no caso de Callum, que não podia estar mais desinteressado de tudo o que ali se fazia ou de Parisa, parecendo situar-se acima de tudo aquilo.

A atitude exterior de Parisa não mudara – não porque estivesse em sofrimento e tentasse escondê-lo, para grande decepção de Reina, mas porque andava distraída. Não parecia sentir de todo a perda de Tristan, sentando-se do seu lado esquerdo, como habitualmente, mas fora da sua linha de visão direta. Algo parecia não bater certo no repentino desinteresse de Parisa, mas Reina só conseguiu identificar a causa quando o feto murcho lamentou o estado de oxigenação da sala.

– Há uma transição natural do espaço para o tempo – disse Dalton, que estava de pé ao lado de Atlas, como era frequente. – A maior parte dos físicos modernos, aliás, acreditam que não existe nenhuma distinção. Alguns nem sequer acreditam na existência do tempo; pelo menos, não na nossa concepção ficcionalizada, em que podemos viajar dentro dele de alguma forma linear.

A constatação da existência de Dalton Ellery no mundo conduziu Reina de volta à sua conversa com Aiya, levando-a a pensar novamente na perplexidade de Aiya com a decisão de Dalton de regressar. Na opinião de Reina, Dalton parecia um académico nato – o epítome de que «quem não sabe fazer, ensina» – e contudo Aiya dera a entender que tal possibilidade era incompreensível. A ideia de que Dalton pudesse estar a conter alguma poderosa capacidade mágica que precisara dos últimos dez anos para ser dominada era intrigante; até mesmo irresistível.

E Reina, percebendo por fim o modo como os olhos de Parisa incidiam em Dalton, claramente não era a única a sentir essa atração irresistível.

Imaginou que isso explicasse muita coisa; por que motivo tantas vezes ninguém sabia onde estava Parisa, por um lado, e por que razão a perda de Tristan, o primeiro menino bonito de eleição de Parisa (ou assim parecera), não a estava a incomodar por aí além. Imediatamente, o conflito de Reina em torno da ideia de Callum e Tristan se estarem a aliar contra Parisa desapareceu, sendo esse sentimento substituído por outro de decepção.

Quer dizer que o feto tinha razão. *Havia* problemas no ar, mas Parisa era quem estava ao leme.

É claro que Parisa estava a maquinar alguma coisa. Até Reina conseguir perceber a intensa carga nos olhares entre Dalton e Parisa. Não era certo se já teria acontecido alguma coisa entre eles ou não, mas não havia dúvida de que algum tipo de acontecimento ocorreria em breve.

– Que estás a fazer – perguntou Reina sem rodeios, atravessando-se no caminho de Parisa em direção à sala de jantar, no final da palestra de Dalton. – Qual é exatamente o teu objetivo?

Os olhos de Parisa deslizaram na direção dos dela, irritada.

– O quê?

– Lê-me os pensamentos – sugeriu Reina em tom escarninho. O olhar que Parisa lhe devolveu foi de igual irritação.

– Porque teria de haver um objetivo? Ele é atraente. Eu estou aborrecida de morte. – Tal como Reina suspeitara, Parisa já lhe lera claramente os pensamentos. Como era hábito, Reina concluiu que se estava nas tintas para aquilo que Parisa achava dos seus pensamentos.

– Não podes pensar a sério que sou assim tão estúpida – disse Reina. – Nem me parece que *tu sejas* assim tão estúpida.

– Ora, muito obrigada, acho eu – disse Parisa, eriçando-se nos seus modos petulantes –, mas há algum motivo para te opores a isto ou estás só a ser obtusa por desporto?

– Estou-me a marimbar para o que decides fazer – disse Reina. – Mas não aprecio muito quando as coisas não fazem sentido. Fico desconfiada e a verdade é que não confio em ti.

Parisa suspirou alto e bom som.

– Não devias estar a brincar com as crianças?

Nunca deixava de ser chocante o modo como os três mais velhos olhavam de cima para Libby e Nico, embora se tornasse muito mais ridículo quando as pessoas especulavam sobre formas de os separar; alegando, como Callum fazia frequentemente entredentes, que um era mais tolerável do que o outro. Na cabeça de Reina, eles eram estrelas binárias, presos no campo gravitacional um do outro, perdendo facilmente o brilho sem a força oposta do outro. Não ficou nada surpreendida quando descobriu que um era destro (Nico) e a outra esquerdina (Libby).

– Podes negar quanto quiseres, mas aqueles dois já deram provas do seu valor – disse Reina. – E qual foi o teu contributo até agora?

– E qual foi o *teu*? – atirou Parisa. – És uma académica. Podes ser uma académica com ou sem a Sociedade.

Enquanto Parisa era o tipo de mulher trabalhadora mais antigo do mundo.

– Oh, que simpático – disse Parisa, ouvindo a não-tão-cuidadosamente escondida repugnância de Reina. – Achas que é disso que se trata? Que eu sou uma espécie de meretriz sequiosa de ouro e agora vais denunciar-me aos magistrados?

– Meretriz é mais lisonjeador do que a palavra que me passa pela cabeça – disse Reina. Parisa revirou os olhos.

– Olha lá, *eu* percebo, mesmo que tu não percebas, que achas que deves sentir pena de mim. É mesmo simpático da tua parte. E totalmente desnecessário. – Os lábios de Parisa contraíram-se. – O Callum não me está a castigar. Está a tentar vencer-me, mas não vai conseguir. E tu podes começar a pensar qual dos dois vais escolher, mas posso dizer-te desde já: se soubesses o que eu sei, preferias-me a mim sem pensar duas vezes.

– Então porque não nos contas o que sabes? – exigiu Reina saber, sem realmente acreditar nela por completo. – Já que o odeias tanto.

– Eu não o odeio. Não sinto nada em relação a ele. E se tu soubesses o que é melhor para ti, farias o mesmo – alertou Parisa, no momento em

que a *calathea* envasada no canto estremeceu profeticamente. – Então, já terminámos?

Sim. Não. De certa forma, Reina obtivera exatamente o que procurava. Parisa andava atrás de Dalton; confirmado. Parisa tinha algo contra Callum; confirmado. O «porquê» de tudo continuava a causar-lhe alguma angústia.

Infelizmente, Parisa conseguia perceber isso.

– Sabes porque é que não me compreendes? – respondeu Parisa aos pensamentos de Reina, aproximando-se para baixar a voz. – Porque achas que já me tiraste a pinta. Achas que já me conhecestes antes, outras versões de mulheres como eu, mas não fazes ideia daquilo que sou. Achas que a minha aparência é o que me define? As minhas ambições? Não estás nem perto de conhecer a soma das minhas partes e podes olhar para mim quanto quiseres que não verás coisa nenhuma até eu decidir mostrar-te.

Seria demasiado fácil começar a discutir. Era precisamente o que Parisa queria e, pior do que isso, a irritante verdade era que Reina nunca conhecera antes uma telepata como Parisa. A distinção tinha algo que ver com literacia – no entendimento de Reina, os pensamentos eram muitas vezes coisas abstratas e ainda por formar que a maioria dos telepatas conseguia ler, mas não interpretar, e mesmo os que o conseguiam não precisavam de muito esforço para os extrair.

A magia de Parisa não sondava, dissolvia, era imponderável. Ela tinha razão. Reina não via nada.

– Não tenhas inveja de mim, Reina – aconselhou Parisa brandamente, voltando-se para lhe dizer ao ouvido. – Tem mas é medo.

E então Parisa percorreu o corredor, desaparecendo da sua vista.

• PARISA •

Ela sabia sempre em que sítio da casa Dalton estava. Por um lado, ele estava rodeado de grandes quantidades de magia; nós de magia, emaranhados, parecendo ascender em explosões, como chamas. Por outro lado, os seus pensamentos estavam menos protegidos quando estava a trabalhar, pois por norma trabalhava sozinho. Estava muitas vezes só, a menos que estivesse a percorrer a propriedade com Atlas, dando algum tipo de ensinamento aos seis ou a trabalhar com membros da Sociedade que ali vinham para projetos especiais. Tinha mais prática do que os outros nas suas defesas, mas ainda assim, havia momentos em que até Dalton Ellery não conseguia manter Parisa do lado de fora.

À noite, dormia muito pouco; ela ouvia os seus pensamentos a vibrar, a girar em torno de algo que ela não conseguia identificar de longe, até que reconheceu um som inconfundível.

Parisa.

Porquê sexo? Porque era tão facilmente despojado de emoções, descomplicado, primário. Uma resposta simples a impulsos mais básicos. Porque os pensamentos, por mais malformados ou disformes que se possam tornar no calor do ato, não podiam ser tão facilmente protegidos durante algo que era tão químico. O bom sexo nunca era acéfalo; implicava apenas que a concentração estava noutra lugar, não ausente. Parisa conhecia suficientemente bem as suas artes para saber isso e, por conseguinte, sabia que fora bem-sucedida na primeira vez que o beijara, deixando algo na aldraba dos seus pensamentos, de modo que fosse sempre convidada a entrar.

Depois disso, ela mantivera a distância, mas o verão fora já demasiado longo para o pôr a pensar. Ele pensava cada vez mais nela, e ela já o visualizara vezes suficientes na sua intimidade para saber que sítios queria tocar primeiro; onde pensava pousar os lábios, as mãos, os dentes. Ela dera-lhe a excitação da sua presença ao debruçar-se para a frente quando ele apontava para alguma coisa, preenchendo a sua atmosfera com o perfume dela.

Ele conhecia o teor do dossiê dela, do mesmo modo que conhecia o dos outros. Sabia quais eram as suas aptidões, a sua história. Isso significava que sabia que o toque da mão dela a roçar na sua quando passava por ele nas escadas ou no salão era apenas a superfície de uma profundidade inimaginável. Uma vez, ela serviu-se de um copo e ficou sentada na presença dele, do outro lado da sala, imóvel. Sem dizer nada. Levando algum champanhe aos lábios, deixando-o assentar no leito que era a sua língua. Ela sentira a vibração dos seus pensamentos, a tensão entre eles, que o impedia de se concentrar. Ele leu a mesma frase dezoito vezes.

Esta noite ele estava sozinho na sala de leitura. Tinha de lhe dar o crédito de não ter parecido muito sobressaltado ao vê-la, apesar de ter tido a presença de espírito de não lhe revelar o seu alívio.

– Não deves – alertou ele, recostando-se fatigadamente na cadeira. Não especificou se queria dizer que ela não devia estar ali ou se não se devia aproximar, mas, já que ali estava, ela aproximou-se. Ele não contestou nem pareceu dar alguma indicação de que pretendia fazê-lo. A sua mente era, naquele momento, um cofre trancado.

Pela sua experiência, isso era algo que dificilmente conseguiria proteger dela durante muito tempo.

– Pareces cansado – disse Parisa. Deambulou até mais perto, percorrendo a madeira da mesa com os dedos. Roçou nos cantos dos livros dele, colocando a tatilidade da sua pele em primeiro plano na mente dele. Ele fechou os olhos quando ela deslizou a mão do braço até ao ombro, deixando-a pairar nesse sítio por instantes. Por essa altura, já se haviam tocado um sem-fim de vezes; inocentemente, mas vezes suficientes para que a memória fizesse metade do trabalho por ela. – Passa-se alguma coisa?

– Não devias estar aqui. – Ela via a pele dos seus antebraços a eriçar-se na brevidade do seu contacto. Nem tudo era uma questão de telepatia.

– Ouvi dizer que não havia regras...?

– Eu não diria que esta é uma regra.

Que infelicidade o facto de toda aquela contenção lhe ficar tão bem. Estava tenso em todos os sítios certos, a postos para um combate.

– E que lhe chamarias então?

– Desaconselhável. – Tinha ainda os olhos fechados, por isso ela deslizou as pontas dos dedos pelo pescoço acima, deixando-os flutuar sobre a cavidade da garganta. – Possivelmente errado.

– Errado? – As pontas dos dedos dela bailavam abaixo do colarinho, desenhando-lhe a clavícula.

– Não me tentes.

Ele agarrou-lhe a mão num movimento repentino, rodando o pulso dela com os dedos.

– Estás a ser cautelosa, Parisa?

Ela ficou com a sensação de que não se estava a referir àquele momento e àquele lugar.

– Deveria? – perguntou ela.

– Tens inimigos. Não devias.

– Porque não? Eu sempre tive inimigos. É inevitável.

– Não. Aqui não. Não... – deteve-se. – Encontra alguém, nalgum sítio, Parisa. Não desperdices o teu tempo comigo; encontra alguém do teu grupo de iniciação, alguém em quem possas confiar. Ou isso ou torna-te de algum modo indispensável.

– Porquê? – questionou ela, rindo-se. – Porque não queres que eu saia?

– Porque não quero que tu...

Calou-se, arregalando repentinamente os olhos.

– Que queres tu de mim? – perguntou-lhe tranquilamente. Antes que ela conseguisse abrir a boca, ele disse: – Eu dou-te o que tu queres se isso significar que te vais esforçar mais para participar neste jogo.

Ali estava de novo; o corrosivo sentimento de medo.

– São respostas o que tu queres? – pressionou-a. – Informação? O que é?
– Ela esgueirou-se para fora da sua garra, afagando-lhe o cabelo e afastando-o das têmporas.

– Porque tens tanta certeza de que quero alguma coisa? Dalton. – Quisera proferir o nome dele, testá-lo a título de experiência, por isso assim fez. Conseguia ver-lhe no rosto como ele sofria visceralmente de ânsia por aquele nome.

– Queres. Sei bem que queres. – Ele inspirou fundo. – Diz-me o que é.

– E se te disser que não sei? – murmurou ela, saindo de trás da cadeira para se posicionar encostada contra a mesa, inclinando-se para trás, apoiada nas palmas das mãos. As mãos dele pareceram levitar num transe, deslocando-se por vontade própria em busca das suas ancas.

– Se calhar só te acho intrigante. Se calhar gosto de um quebra-cabeças.

– Então vai fazer jogos com outra pessoa. O Nico. O Callum.

A menção ao nome de Callum deixou-a involuntariamente eriçada e Dalton ergueu os olhos, de sobrancelhas cerradas.

– O que é?

– Nada. – A iluminação da sala vinha de cima, mas ali em baixo apenas o simples candeeiro de secretária iluminava os traços de Dalton. – O Callum não me interessa para nada.

Os lábios de Dalton roçaram o tecido do vestido dela; acima do esterno, abaixo da cavidade da garganta. Tinha os olhos fechados, e depois abriu-os.

– Eu vi o que ele fez, sabes. Estava a assistir. – Dalton fez um gesto evasivo apontando em volta. – Há encantamentos de vigilância, guardas em todo o lado, eu estava a observar-vos aos dois naquele momento. Eu vi.

– Nesse caso, viste-o a matá-la. – Aquela memória quase arrepiou Parisa; ou teria arrepiado, se ela fosse menos responsável com o seu autocontrolo.

– Não, Parisa.

Dalton ergueu a mão, tocando-lhe no pescoço. Uma só passagem com o polegar, mesmo acima do osso.

– Eu vi-a a matar-se – disse ele suavemente e, apesar de ser o pior momento, e seguramente o momento errado, Parisa puxou-o instintivamente para si. Impulsivamente, ela queria-o ao seu alcance.

Ela alimentara a afinidade de Dalton consigo, fazendo-o ansiar por ela como um viciado. Uma gota só e ele iria demasiado longe. Ele cedeu facilmente, prontamente; perigosamente, como a loucura. As mãos dele agarraram-lhe as ancas e ele pousou-a rudemente na borda da mesa, gerando uma explosão de calor.

– As pessoas podem fazer coisas pouco naturais. Coisas sombrias, por vezes. – Soava faminto, voraz, desesperado. Os lábios dele roçaram-lhe o pescoço e ela suspirou; algo que ela já fizera inúmeras vezes antes e que faria de novo outras tantas. Ainda assim, aquilo era diferente, apesar de ser igual, e com ele era persuasivo de forma nada profissional.

Era esta a magia do sexo, a animação. Algo que ganhava vida dentro dela em contacto com o toque dele.

– Conseguirias fazer um acordo com o diabo se isso significar que obténs aquilo que queres? – sussurrou ele.

Os olhos de Parisa fecharam-se lentamente e ela pensou nas palavras de Callum.

Não estás cansada? Todo este trabalho, esta correria toda, sem nunca conseguires escapar a isto; sinto-o em ti, à tua volta. Já não sentes nada, pois não? Apenas erosão, cansaço, esgotamento. Tudo o que tu és é a tua exaustão.

Parisa estremeceu e puxou Dalton mais para si, alinhando a sua pulsação com a dela. Estavam ambas arrítmicas e instáveis.

Porque lutas? Já nem sequer sabes? Não podes deitar isto para trás das costas. Eles vão perseguir-te, caçar-te, seguir-te até aos confins da Terra. Tu já sabes isso, tu sabes tudo. Como eles te vão matar de mil maneiras diferentes, pouco a pouco. Peça a peça. Como te vão destruir, um pouco de cada vez, roubando-te a tua vida.

As mãos dela percorreram a coluna de Dalton, cravando as unhas nas omoplatas.

A tua morte terá de ser às mãos deles, nos termos deles, não nos teus. Eles terão de te matar para se manterem vivos.

Ela sentia que Dalton estava cada vez mais perto de quebrar, cambaleando à beira do abismo.

Tu tens escolha, sabes. Tens apenas uma verdadeira escolha nesta vida: viver ou morrer. A decisão é tua. É a única coisa que ninguém te pode roubar.

Os lábios de Dalton, quando encontraram os dela, estavam condimentados com alguma coisa; conhaque e abandono. Ela deslizou os dedos pelo cabelo dele, regozijando-se com o arrepio que a puxou mais contra o seu corpo, como o reflexo de uma queda. Estendeu o braço atrás de si, varrendo os livros para o lado; Dalton enfiou as mãos sob o vestido dela, envolvendo-lhe as ancas com as mãos.

Essa arma que estás a apontar para nós... Sabes sequer quem somos? Sabes porque estás aqui?

– Promete-me – disse Dalton. – Promete-me que vais fazer alguma coisa.

Vira a arma ao contrário.

– Dalton, eu...

Carrega no gatilho.

Parisa arquejou, perpassada de sangue e loucura quando ele lhe puxou o vestido pelas pernas acima, aproximando-a mais. Na sua cabeça, ela observava a morte da assassina, vezes sem conta, uma e outra vez. *Vira a arma ao contrário.* O cheiro do disparo, o sangue da mulher a salpicar-lhe os pés. *Carrega no gatilho.* Callum não chegara a levantar um dedo. Parecera entediado. *Vira a arma ao contrário.* Olhou aquela mulher nos olhos e convenceu-a a morrer. *Carrega no gatilho.* A morte dela não custara absolutamente nada; nem um momento de hesitação.

Seria esse o tipo de demónio a que Dalton se referira?

– Eu não sou bom – disse-lhe Dalton, arranhando as palavras para dentro da sua boca. – Ninguém aqui é bom. O conhecimento é sangue. Não podes tê-lo sem sacrifício.

Ela beijou-o com força; ele remexeu desajeitadamente no vestido e caiu de joelhos, puxando-lhe as ancas para si. Ela sentiu a aresta dura de um livro a apunhalar-lhe as costas e depois a doçura indelével da boca de Dalton; o seu beijo, a sua língua e os seus lábios. Arqueou as costas, afastando-as da madeira, absorvendo o seu suspiro silencioso. Algures na mente de Dalton as coisas começavam a soltar-se; uma porta abria-se. Ela

esgueirou-se lá para dentro e trancou-a atrás de si, agarrando-o pelas raízes do cabelo.

Que havia ali dentro? Não havia grande coisa. Mesmo naquele momento, mesmo dentro da sua cabeça, ele continuava cauteloso. Ela encontrava apenas fragmentos, resquícios de coisas. Medo, ainda o medo. Vestígios de culpa. Ele precisava de se desatar, de se desfazer. Ela podia puxar alguns cordelinhos e vislumbrá-lo por dentro, encontrar a origem de tudo aquilo, se conseguisse pô-lo num caminho cujo desfecho certo seria a destruição.

Ela puxou-o para cima, abrindo precipitadamente o fecho das calças. Não havia homem nenhum no mundo que mergulhasse nela sem sentir o vazio, a cegueira do êxtase. A satisfação era, desta forma, obstrutiva. Ela saltou-lhe para as ancas, agarrou-se às suas costas, mordeu-lhe o músculo do ombro. Se fossem apanhados, paciência. Seriam apanhados.

Ele já antes imaginara aquela cena; ela conseguia ver os indícios disso mesmo como um livro de banda desenhada na mente dele. Ele já a tivera centenas de vezes diferentes, de mil formas, e o facto de ela as conseguir ver agora era muito promissor. Havia uma debilidade nas suas defesas e essa debilidade era ela. Pobrezinho, pensou ela, pobre academicozinho, a tentar estudar nos seus livros e a manter a distância quando, na realidade, a estava a comer de gatas nos recantos recônditos da sua mente cansada. Mesmo aquilo – tomá-la ali, na mesa coberta com os seus apontamentos –, ele já o vira antes: profecia. Era como se ele tivesse dado vida a esta mesma visão.

Ambos arquejavam. Ele queria que os dois se mantivessem próximos, mantê-la firmemente nos seus braços, e o mesmo queria ela. Dali ela conseguia saborear os contornos ardentes dos seus pensamentos. Ele não tinha apenas medo de alguma coisa – ele tinha medo de tudo. Odiava aquela casa, as memórias que continha. As memórias, em si, eram facas, cintilando sob a luz. Alfinetavam os dedos dela, avisando-a para se afastar. *Vira a arma ao contrário. Carrega no gatilho.* Havia demónios ali; diabos. *Conseguirias fazer um acordo com o diabo se isso significar que obténs aquilo que queres?* Estava ali também uma infância, juvenil e furiosa e pequena.

Em tempos, ele ressuscitara uma árvore, apenas para depois a ver definhando e, apesar de tudo, morrer.

O sabor dele na sua língua, real e imaginado, era açúcar queimado, adoração desesperada, fúria afetuosa. Pobrezinho, pobre e desesperado. Parisa recordou os pensamentos que viu na cabeça de Reina, que a naturalista não conseguira controlar devidamente: *O Dalton é alguma coisa, ele é alguma coisa importante, ele sabe alguma coisa que nós não sabemos.*

Eu sei disso, sua miúda estúpida, pensou Parisa, e eu nunca falho o alvo.

– Dalton – sussurrou, e aquela teria de ser a primeira de muitas vezes, porque, por muito que ela gostasse de se perder nele, essa era a única coisa que não podia fazer naquele momento. Ele queria dizer-lhe alguma coisa, alguma coisa que era para ele desesperadamente importante, algo que não conseguia dizer em voz alta, e se ela não agarrasse já nessa coisa, ele podia trancá-la ainda mais dentro de si. Poderia vedá-la fora do alcance. Ela disse o seu nome novamente, torcendo-o em redor da língua, ajustando-o à forma dos seus desejos indelicados: Dalton.

– Promete-me – disse ele de novo, e desta vez estava em farrapos, desgraçado e fraco, e ela debatia-se para manter os seus pensamentos. Que queria ele que ela soubesse? Era alguma coisa poderosa, quase explosiva, mas crescia e diminuía. Ele queria que ela soubesse, mas não conseguia dizer-lho. Queria algo, algo que não conseguia confessar em voz alta. Algo que os podia devastar aos dois.

Que era? Ele agora estava perto, cada vez mais perto, e ela tinha as pernas serpenteadas em torno da cintura dele, os braços a rodear-lhe firmemente o pescoço. Que tinha Callum que ver com aquilo? *Vira a arma ao contrário. Carrega no gatilho.* O nó dentro dela apertou-se, inchando e pulsando-lhe nas veias. O coração dela batia acelerado, demasiado depressa, os músculos em tensão. Dalton, Dalton, Dalton. Ele era bom, como ela queria que fosse, desastrosamente. Este era um tormento de que ela viria à procura uma e outra vez. O trauma de o ter era sublime, a dependência da sua intimidade era combativa e doce como o mel. Oh, ele estava cheio de mentiras e segredos, e só alguns deles desejava guardar. Que fizera ele, que sabia ele, que queria ele?

Ela viu-o apenas no momento em que o largou, gritando sem som entre os seus lábios. Era então a intimidade *dela* que ele queria. Apenas quando ela estivesse vulnerável, gozando de prazer às suas mãos, ele poderia esquecer aquilo que ela tanto ansiava que ele a deixasse ver. Ela veio-se e a mente dele deixou-se ir com ela, numa erupção de alívio.

Foi o fragmento de uma ideia; a lasca fragmentada de uma verdade mais vasta. Tão pequena e tão afiada que quase lhe passou despercebida, como um espinho numa raiz no caminho. Tropeçou nela: ele queria que ela não morresse. *Parisa*. A voz que ela ouvira fazia parte do mesmo pensamento, do mesmo medo. *Parisa, não vás. Parisa, por favor, protege-te*. Esgueirou-se-lhe na mente como uma lasca, uma farpa. Era um pensamento tão ínfimo, tão inócuo, enterrado indiscretamente numa campa rasa de apreensão. Ele tinha um sem-fim de preocupações, pequenas dores nos seus pensamentos, mas esta era tão fácil de encontrar que podia tropeçar nela, e foi isso mesmo que aconteceu.

Ela ergueu-se, cravando uma mão à volta do queixo dele.

– Quem é que me vai matar?

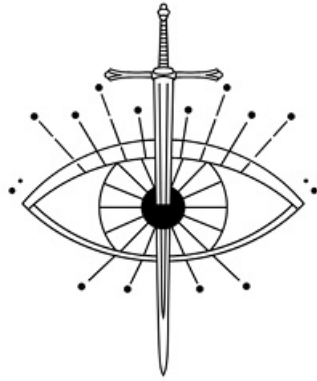
Ela perguntara suficientemente rápido para que não houvesse tempo de impedir a resposta. Ele já se tinha exposto a ela – extasiado, desfeito. O remorso pousaria mais tarde, quem sabe até ressentimento, possivelmente arrependimento. Para já, no entanto, ele nunca voltaria a ser tanto seu.

As palavras haviam abandonado os lábios dela para ele as engolir. Habilmente, ele sorveu-as pela garganta abaixo.

– Toda a gente – engasgou-se alto e, depois, ela compreendeu.

Eles terão de te matar para se manterem vivos.

V



TEMPO



• TRISTAN •

Havia momentos em que a inclinação natural de Tristan para o cinismo estava ao serviço de uma qualquer perturbação maior e mais persistente; uma ampla e crónica paranoia. Quaisquer raros vislumbres de otimismo eram rapidamente eliminados, como um vírus que a mente e o corpo prontamente atacavam de um salto. Sentimentos de esperança? Cancerosos. Se calhar era sistémico, uma desconfiança institucional de toda uma vida. Tristan sentia constantemente que, se as coisas pareciam estar a correr bem, era porque ele estava a ser estrondosamente enganado.

E por isso era tão perturbadora a ideia de que poderia fazer mais com a sua magia do que alguma vez soubera ser possível antes de se juntar à Sociedade. Haveria motivos lógicos para que tal pudesse ser verdade? Sim, é claro que sim. Todas as aptidões se tornavam mais apuradas quando eram devidamente treinadas, em especial as aptidões mágicas, e uma vez que o estatuto medeico de Tristan sempre fora alvo de controvérsia (nas palavras imortais de Adrian Caine, «Estes malditos janotas estão só a gozar contigo, não te aborreças, filho»), era possível concluir que Tristan poderia não ter conhecido o verdadeiro espetro das suas capacidades até agora.

Mas isso impedira-o de, pelo contrário, se questionar se estaria lentamente a enlouquecer? Não, de modo nenhum, porque se mantinha a possibilidade de ele e os outros estarem a ser silenciosa, mas eficazmente envenenados. (Seria uma trapaça complexa, mas boa. Se era para morrer assim, tudo bem. Era evidente que quem quer que o tivesse planeado merecia o desfecho pretendido.)

Era difícil de explicar, e por isso mesmo não o fizera. A ninguém. Mas pressentia que estava a emanar certas energias subliminares de agitação, uma suspeita que Callum servia para reforçar, sempre a dirigir a Tristan um olhar tranquilizador quando este se sentia mais desequilibrado. Era o conflito de tudo aquilo – a *tensão*. A dificuldade em ver uma coisa e saber outra. Estranhamente, isto acontecera devido a algo que Libby dissera. Ela comentara as capacidades de Tristan como se fosse digno de nota o facto de ele não ver a versão dela da realidade e, a partir daí, sucedera-se uma pilha de deduções.

Tudo assentava num facto básico e inegável: que o que Tristan via e os outros viam eram coisas diferentes. As outras pessoas, segundo Callum e Parisa, viam coisas com base nas suas experiências, naquilo que lhes era ensinado, no que lhes diziam ser verdade ou não. O próprio Einstein (surpreendentemente, não era médico; mas era quase de certeza feiticeiro) dissera que não havia de todo uma realidade, exceto nas *relações* entre sistemas. O que todos os outros viam – ilusões, perceções, interpretações – não era uma forma objetiva da realidade, ou seja, pelo contrário, o que Tristan via... *era*.

Ele via, nalguma medida, a própria realidade: um estado verdadeiro e imparcial da realidade. Mas quanto mais de perto olhava, mais desfocada ficava.

Uma noite, era já tarde, mas ele não conseguia dormir, sentou-se de pernas cruzadas no centro do colchão para testar uma vez mais a sua visão. Evidentemente, não estava a usar *mesmo* os olhos; era uma outra forma de olhar que, supunha ele, era a sua magia, embora ainda não tivesse evoluído a ponto de saber o que lhe chamar. Sobretudo, se se concentrasse, conseguia ver pequenas partículas das coisas, quase como poeiras; como se, ao concentrar-se numa coisa, pudesse ver a sua trajetória, seguir-lhe o caminho. Por vezes, conseguia identificar algo a partir daí – um estado de espírito, que assumia algum tipo de cor, como uma aurora, mas que não era bem nenhuma destas coisas porque, é claro, ele ainda não aperfeiçoara a intuição necessária para lhe dar um nome. O que ele fazia não era ouvir nem cheirar a realidade, e muito menos sentir-lhe um sabor. Era mais como

se ele a estivesse a dismantelar camada a camada, a observá-la, pelo contrário, como um modelo. Apresentava a mesma progressão lógica que a maioria das outras coisas. Por exemplo, o fogo que estava a arder na lareira. O tempo estava agora mais frio, avançando rapidamente em direção ao outono, por isso Tristan adormecera a olhar para a luz a bailar, sombras a cair, o cheiro das chamas a aquecer o ar enquanto flocos de cinza desciam a flutuar até à base da madeira. Ele sabia que era fogo porque tinha a aparência de fogo, cheirava a fogo. Sabia, por experiência, com base na sua história pessoal, que, se lhe tocasse, se queimaria. Sabia que era fogo porque lhe haviam dito que era fogo; era algo que fora provado um sem-fim de vezes.

Mas e se não fosse?

Era com essa questão que Tristan se debatia. Não em relação ao fogo em concreto, mas relativamente a tudo o resto. Era, na verdade, uma crise muito existencial o facto de ele já não perceber a diferença entre o que era verdadeiro, objetivamente, e o que ele meramente *acreditava* ser verdadeiro porque tal lhe fora dito. Era isso que acontecia a toda a gente? O mundo, em tempos, fora plano; acreditava-se que era plano, por isso, na consciência coletiva, era mesmo, ou fora, mesmo não sendo.

Ou será que era?

Aquilo estava a causar a Tristan uma dor de cabeça tão monumental que nem sequer parou para questionar por que motivo alguém estaria a bater-lhe à porta àquela hora. Limitou-se a fazer um gesto com a mão para a abrir.

– O que foi? – disse ele, mesmo à Tristan.

– Vê se reduces o cataclismo, se fazes favor? São altas horas da noite – disse Parisa, mesmo à Parisa. Ele reparou que ela estava totalmente vestida, apesar de um tanto ou quanto... amarrotada. Franziu-lhe o sobrolho e, quando entrou, ela fechou a porta atrás de si, e encostou-se.

– Parece-me evidente que não te acordei – observou Tristan, pensando se ela morderia o isco e passaria a explicar.

Sem surpresa, ela não o fez.

– Não, não me acordaste. No entanto, regra geral, bem que podias acalmar – disse ela, avançando mais para dentro do quarto.

O luar entrava pela janela e incidia num painel; uma luz suficientemente estreita para ele conseguir discernir o pequeno sulco de preocupação nas sobrancelhas dela. Todas as expressões de Parisa eram tão artificiosas que podiam ser expostas no Louvre e, não pela primeira vez, Tristan perguntou-se como raio seriam os pais dela para que ela ostentasse uma tão escandalosa simetria genética.

– Na verdade, os meus pais não são especialmente atraentes – disse Parisa. – E, tecnicamente, a minha cara não é simétrica. – Ela fez uma pausa e então: – Podes ter a certeza de que as minhas mamas não são.

– Eu sei. – Não reparara nisso especificamente, mas parecia correto recordá-la, pelo menos, de que estivera em posição de saber. Várias posições. – E isso é suposto ser vaidade? Ou humildade?

– Nem uma coisa, nem outra. A beleza não é nada. – Ela desdenhou a pergunta e caminhou lentamente na sua direção, acomodando-se na borda da cama. – Toda a gente tem uma perceção errada. Todos têm normas que lhes foram inculcadas pela propaganda cultural. Nada do que as pessoas veem é real: só a forma como o percebem.

Que tema tão a propósito, pensou Tristan amargamente. O que poderá ter sido intencional da parte dela, embora naquele momento ele não estivesse com vontade de averiguar a quais dos seus pensamentos ela estava ou não a aceder.

– Que se passa? – perguntou-lhe ele. – É óbvio que há alguma coisa que te está a incomodar.

– Acabei de descobrir uma coisa. Acho eu. – Ela brincou com os dedos, tamborilando-os distraidamente no colo. – Não sei bem se não será do teu interesse contar-te.

– Do *meu* interesse?

– OK, tens razão, não seria do teu interesse. Não ias reagir nada bem. – Ela olhou-o, estreitando os olhos. – Não, não te posso contar – decidiu, passados momentos. – Mas é uma pena, eu quero mesmo que confies em mim.

– Talvez não estejas familiarizada com o conceito de confiança – salientou Tristan, pressupondo que ela quase de certeza estava –, mas só muito raramente se baseia no nada. Corrige-me se estiver errado, mas estás a sugerir que eu devo confiar cegamente no teu discernimento apesar de haver um sem-fim de coisas que não estás disposta a partilhar?

– Conheço o interior da tua cabeça, Tristan – recordou-lhe Parisa, da mesma forma que ele comentara com ela a sua intimidade, embora mais confiante. Ela analisara mesmo com cuidado os pormenores que lhe diziam respeito a ele, ao passo que ele, com ela, estivera sobretudo ensimesmado. – Não ias reagir bem.

– Ah, maravilha – resmungou Tristan. – Até a ser condescendente consegues manter toda a beleza. – Quando ela se aproximou dele em cima da cama, ele captou um laivo do seu perfume, só que não era todo dela. Parisa tinha um aroma característico, um espetro de odores florais. Naquele momento, havia vestígios de água-de-colónia, um almiscarado masculino com um toque de fumo, algo que, em defesa de Eden, a ex-noiva de Tristan sempre evitara com extremo cuidado. Eden Wessex poderia não saber que Tristan conseguia ver através das suas ilusões, mas era uma adúltera muito atenciosa. Ele considerara isso – e ainda considerava, na verdade – uma das suas principais mais-valias.

– Esta Sociedade – disse Parisa, trazendo-o de supetão de volta ao tema – não é o que eu pensava. Estão a dizer-nos pelo menos uma mentira.

O sentimento inquieto de resistência eriçou-o novamente. Uma vez mais, o tormento habitual: Tristan queria acreditar que a sociedade lhe estava a dar um poder a que não teria tido acesso de outro modo, mesmo que James Wessex tivesse descido o bastante do seu pedestal para o tentar. Agora Parisa estava a inclinar novamente a balança, alimentando-lhe a inesgotável dúvida.

– Não me parece que possamos fazer seja o que for para contrariar isso – observou Parisa concisamente. – Ainda não. Mas parece-me que vale a pena sabermos para quem estamos a trabalhar.

Tristan franziu o sobrolho.

– Atlas, queres tu dizer?

– Será que é mesmo para ele? – questionou ela, contraindo os lábios. – Creio que preciso de desenterrar algumas respostas, mas entretanto tens de ter cuidado.

Ele detestava estar sempre a expressar o seu desnorte, mas não havia nada a fazer.

– Eu?

– O Callum está a influenciar-te – disse Parisa. – Não sei se o está a fazer com magia ou de outra forma, mas ele quer alguma coisa de ti. E está disposto a cegar-te para o conseguir.

– Não sou uma donzela em perigo, Parisa. Não preciso de ser salvo.

Isto, para grande consternação da sua vaidade, só serviu para a divertir.

– Na verdade, acho precisamente que és uma donzela em perigo, Tristan.

– Ela estendeu a mão e tocou-lhe na face. – Eu sei que não confias no Callum – disse, num murmúrio. – Acho que é exatamente isso que ele está a usar contra ti. Está a apresentar-te a realidade *dele*, pensando que a sua sinceridade te vai atrair, mas tu não estás de todo a ouvir, pois não, Tristan? Não estás a ouvir o que ele realmente é, mesmo quando to diz na cara.

Tristan ficou tenso.

– Se eu não confiar nele, que importa isso?

– Porque, mesmo que não confies nele, tu *acreditas* nele. Ele está a influenciar a tua perceção, ao confirmar tudo o que já aceitas como verdadeiro. Está a implantar coisas dentro de ti, e isso preocupa-me.

Ela afagou-lhe o queixo com o polegar, flutuando sobre os lábios.

– Preocupa-me – disse ela novamente, mais baixinho.

O reflexo imediato de Tristan foi desconfiar da brandura de Parisa.

– O que é que ele fez? – perguntou-lhe ele. – O que pode ter-te chateado tanto?

– Não me chateou. Transtornou-me. – Ela afastou-se. – E se queres mesmo saber, ele convenceu a ilusionista a matar-se.

Tristan franziu o sobrolho.

– E depois?

– E depois, não percebes? A arma dele somos *nós*. As nossas crenças, as nossas fraquezas, ele pode virar tudo isso contra nós. – Sob a luz ténue que

entrava pela janela, Tristan viu como a boca dela se contraía. – Ele encontra os monstros que guardamos fechados à chave e liberta-os, por isso, porque haveria eu de querer que ele veja os meus?

– Muito bem – admitiu Tristan evasivamente –, mas não podias fazer o mesmo? Tu lêes mentes. Não te devíamos encarar com a mesma desconfiança?

Parisa levantou-se, de tão agitada.

– Há uma diferença entre aquilo de que somos capazes e como escolhemos usá-lo – disparou ela.

– Talvez, mas se queres que eu confie em ti, vais ter de me dar um motivo – realçou Tristan. – Caso contrário, qual é a diferença entre ti e o Callum?

Ela fulminou-o com um olhar tão afiado que ele até o sentiu, cortando-se na sua aresta.

– O Callum – disse ela – não precisa de ti, Tristan. Ele quer-te. Deves perguntar a ti mesmo porquê.

Nessa altura ela esgueirou-se para fora do quarto e não voltou a falar com ele nos quatro dias seguintes.

Não que isso o incomodasse por aí além. O silêncio das mulheres temperamentais era uma característica muito comum na vida dele e, em todo o caso, ele não sabia o que fazer com aquele aviso. Ou ameaça? Não era claro o que ela queria, mas ficou intimamente satisfeito por não o ter conseguido. Detestava dar às pessoas o que elas queriam, especialmente se não fosse intencional.

Ele também andava bastante distraído por outros motivos. Estavam a falar sobre as muitas teorias do tempo, começando com as tentativas de viajar no tempo feitas por feiticeiros da Idade Média – uma conversa em que também se incluíam, por alguma razão, as proeminentes tentativas europeias de prolongar o tempo de vida mortal. Na cabeça de Tristan, o conceito de tempo deveria ter sido abordado com a magia física, não como fracassos históricos ou da alquimia. Talvez fosse apenas uma desculpa para lhes dar mais acesso a outro período da magia ao longo da história.

Ele ia-se escapulindo cada vez mais para ficar sozinho, levando a cabo a sua própria investigação dos textos antigos que andavam a ler sobre a construção do universo, regressando depois aos mistérios que sentia terem ficado por resolver. Por que motivo o buraco de minhoca não conseguia viajar no tempo? Precisavam mesmo de *mais* magia para influenciar o tempo ou será que não tinham simplesmente feito a abordagem correta? Tentou desenhá-lo uma vez, escrevinhando nos seus apontamentos enquanto Dalton perorava sem parar sobre Magalhães e a Fonte da Juventude, mas não deu em nada.

Nada, quer dizer, até Libby o abordar.

No início não tinha sido claro se ela fora à sua procura de propósito. Presumira que simplesmente dera com ele na sala pintada depois do jantar e que, por isso, acabaria por sair outra vez a toda a pressa. No entanto, tornou-se evidente que dar com ele era apenas mais um efeito secundário da sua presença natural, pelo que ele levantou os olhos na expectativa.

– Tive uma ideia – disse ela. Ele ficou à espera.

– Bom, eu e o Varona tivemos uma ideia. Quer dizer, eu é que *pensei* nisto – esclareceu Libby rapidamente –, mas eu preciso que ele a teste e, bem, não sei se estás disposto a ouvi-la, mas reparei no teu desenho no outro dia e... não é que eu estivesse a espiolhar, eu só... Oh, céus, desculpa – disse ela, deturpando o que poderia ter sido um fim benevolente para aquela frase. – Eu não tive intenção d... Pronto, a questão é a seguinte...

– Desembucha, Rhodes – disse Tristan. Ele tinha estado prestes a descobrir alguma coisa. (Provavelmente não, recordou-lhe o seu cérebro. Era apenas um pensamento otimista.) – Não tenho o dia todo.

– Certo, bom, muito bem. – As bochechas dela ardiam furiosamente, mas chegou-se mais perto. – Podes... experimentar fazer uma coisa comigo?

Ele lançou-lhe um olhar que pretendia dizer que ia pensar no assunto se – e *apenas* se – ela se despachasse e o deixasse em paz.

– Certo – disse ela, pigarreando. – Vê isto.

Ela tirou uma pequena bola de borracha do bolso e atirou-a, deixando-a ressaltar três vezes, parando-a de seguida.

– Agora observa enquanto inverte o movimento – disse ela.

A bola saltou três vezes para trás e aterrou na perfeição na mão dela.

– OK – disse Tristan. – E...?

– Tenho uma teoria – disse Libby – de que o que tu viste é diferente daquilo que eu vi. Para mim, fiz exatamente a mesma coisa, primeiro para a frente, depois para trás. Eu podia ter recuado dez segundos no tempo e não teria reparado em nenhuma diferença em relação ao momento em que atirei a bola. Mas tu... – disse ela, deixando cair as palavras, ficando à espera.

Tristan pensou naquilo.

– Faz outra vez – disse, e o rosto dela descontraiu-se de imediato. Alívio, suspeitou, por ele ter mesmo reparado nalguma coisa, ou por pelo menos estar a dar-lhe a hipótese de *o levar* a reparar.

Ela atirou a bola de novo, deixou-a saltar três vezes e parou o movimento.

Depois voltou a chamá-la, do mesmo modo que antes, e apanhou-a na mão.

– Viste alguma coisa? – perguntou.

Sim. Nada que conseguisse explicar, mas havia algum elemento fora de sítio. Um movimento rápido em torno da bola, praticamente invisível.

– Que esperavas que eu visse? – perguntou-lhe ele.

– Calor – respondeu ela, e a sua respiração acelerou. Estava claramente empolgada; infantilmente empolgada. – A questão é – saiu-lhe dos lábios a jorros –, de acordo com tudo o que li, é possível que o tempo não seja mensuravelmente diferente da gravidade. Quando as coisas sobem ou descem? Gravidade. Quando as coisas avançam ou recuam? Força, é claro, consoante a dimensão; mas também, em certa medida, o *tempo*. Se os relógios tivessem sido parados, se nada tivesse mudado, não haveria nenhuma indicação física de que eu tinha atrasado o próprio tempo quando reverti o movimento da bola. A única verdadeira forma de sabermos que *não* viajamos no tempo, além de confiarmos no nosso entendimento de que não o fizemos – disse ela a título cautelar, gesticulando para toda a sala na sua experiência –, é o facto de se ter gerado

calor quando a bola embateu no chão, e o calor pode perder-se. A energia térmica que ressalta da bola tem de ir para algum lado, por isso, se não tiver desaparecido, isso significa que não recuámos no tempo.

– OK – disse Tristan devagar. – E...? E...?

Ela deteve-se.

– E... nada – concluiu ela, desanimando um pouco. – Só achei... – Interrompeu-se de novo, vacilando. – Bem, se tu conseguisses ver o calor, também conseguirias ver o tempo, não achas? – disse ela, afastando a franja para o lado. – Se aquilo que tu vires for ainda mais específico, elétrões ou algo assim, ou os próprios *quanta*, então o passo seguinte é tentar manipular isso. Tenho andado a pensar nisto há séculos – informou-o ela, transformando-se de novo na Libby Estudiosa, que havia perdido temporariamente os seus tiques de ansiedade. – Com as ilusões, com aquele medeico que eu...

Deteve-se na palavra «matei», pigarreando.

– Tu ias-me dizendo o que vias – explicou – e eu usei essa informação para mudar o meio em volta. Por isso, se tu me dissesses o que vês relativamente ao tempo...

– Tu poderias usá-lo. Mudá-lo. – Tristan remoeu aquela ideia por instantes. – Manipulá-lo?

– Suponho que isso dependa do que vês – disse Libby com cautela –, mas acho que, se eu estiver certa sobre aquilo de que és capaz, se tu conseguisses identificar a estrutura física do tempo, então sim. Poderíamos de algum modo manobrá-lo. – Ela estava ofegante de satisfação; a excitação diante de um problema quase resolvido.

– Mas, se estiveres ocupado – corrigiu ela com um piscar de olhos inseguro –, podemos sempre tentar noutra al...

– Rhodes, cala-te – disse Tristan. – Vem cá.

Ela estava evidentemente tão satisfeita que nem se deu ao trabalho de contestar o seu tom de voz, saltando ao invés para junto dele na mesa junto às amplas prateleiras. Ele travou-a e levantou-se, indicando-lhe que se sentasse na cadeira dele.

– Senta-te aqui – disse ele. – Eu vou ficar em pé atrás de ti.

Ela deslizou para a cadeira dele e anuiu enquanto ele se concentrava novamente. Qualquer que fosse a sua magia específica, quando ele se concentrava o suficiente, as coisas ficavam granuladas. Quando ele fazia o equivalente a semicerrar os olhos, era como a ampliação de uma lente microscópica. As coisas ficavam mais desfocadas nos bordos, mas ele conseguia ver coisas, pequenas e cada vez mais pequenas. Camada após camada, com o movimento a acelerar cada vez mais, quanto mais próximo chegava.

– Quando manipulas a gravidade – perguntou ele –, qual é a sensação? – Libby fechou os olhos, estendendo uma mão.

Com a palma da mão, ela fez força para baixo. A pressão quase pôs Tristan de joelhos.

– É como uma onda – explicou ela depois. – Como se as coisas estivessem a flutuar numa corrente invisível.

Tristan conjurou os seus conhecimentos sobre o tempo linear, dando-lhes voltas dentro da cabeça. Onde se poderiam ter equivocado? No facto de ser considerado linear, imaginou ele. De se considerar que se movimentava para a frente e para trás. Que tinha uma ordem. Que era irrelevante para conceitos como o calor.

Ali estava então – no momento em que desdenhara as suas expectativas, a descoberta revelara-se. Era a única coisa que se movimentava a um ritmo identificavelmente constante, apesar de variar consoante os diferentes níveis em toda a sala. Mais rápido em cima, mais lento em baixo. Não era a mesma constância do relógio na parede, que estava próximo do cimo do teto, mas junto a Libby era regular. Regular como uma pulsação. Ele conseguia vê-lo, ou senti-lo (independentemente de como o estava a experienciar), àquilo que ele presumia serem sessenta batimentos por minuto no preciso lugar onde o cabelo de Libby roçava o cimo dos ombros, virando-se para fora como o cabelo de uma rapariguinha. Estava a ficar comprido; crescera pelo menos dois centímetros desde que tinham chegado.

Tristan chegou-se à frente, pousando uma mão no braço de Libby, e começou a descrever o padrão do movimento com pancadinhas.

– Há alguma coisa nesta sala que tu sintas como isto? – perguntou-lhe ele.

Ela fechou de novo os olhos, franzindo as sobrancelhas. E então agarrou na mão dele, puxando-a mesmo abaixo da clavícula, pousando-a no esterno e fazendo-o perder ligeiramente o ritmo, com os dedos a roçar a pele exposta.

– Desculpa – disse ela. – Preciso da mão num sítio onde consiga sentir. – Certo. Assim fazia ricochete dentro do peito dela.

Tristan localizou o batimento exato que procurava e voltou a bater o padrão, à espera. Durante mais dez ou vinte batidas, ele percutiu como um metrónomo, e quando chegou a cerca de quarenta batidas, os olhos de Libby abriram-se subitamente.

– Encontrei – disse ela e, então, com um movimento da outra mão, o padrão que Tristan estivera a observar parou.

Para sua incredulidade, *tudo* parou.

O relógio na parede parara. O próprio Tristan, o movimento da sua respiração, ficara suspenso e ele suspeitava de que também o sangue nas suas veias. Nada se mexia, embora, de algum modo, ele conseguisse olhar em volta, ou sentir em seu redor, experimentando uma sensação de si mesmo recém-chegado ao espaço que ele ocupara. Tinha ainda a mão pousada no peito de Libby, o polegar abaixo do colarinho da camisa dela, já não batia. Ela estava com um ar estranhíssimo estampado no rosto – quase um sorriso, mas, de certa forma, mais sonoro. Ardia de resiliência, de triunfo, e, então, ele processou o que se passara: ela fizera aquilo com intenção, com habilidade.

Com a ajuda dele, Libby Rhodes *parara o tempo*.

Ela pestanejou e tudo voltou ao seu lugar, entrando gradualmente em movimento. Fora nada mais do que um pequeno retardamento, uma resistência momentânea, quase não identificável, mas, ainda assim, Tristan via o suor na sobrancelha dela. Não fora à custa de nada.

Ela levantou-se demasiado depressa, rodando para se pôr de frente para ele no seu fervor, e colapsou. Ele apanhou-a com um braço em torno das

costelas enquanto ela se esforçava por se endireitar, agarrando-lhe nos ombros para se equilibrar.

– Eu teria conseguido fazer mais se tivesse o Nico – disse ela, olhando para o vazio. Para o peito dele, mas também para o vazio; de olhos fixos no túnel dos seus pensamentos, a calcular alguma coisa a toda a velocidade. Como fazer aquilo outra vez, ou fazer mais, ou fazer melhor. – Não consegui manter sozinha, mas se o tivesse a ele, ou se calhar se tu e a Reina me mostrassem primeiro como movê-lo, então talvez pudéssemos... Bom, talvez se eu simplesmente... Bolas, eu devia ter...

– Rhodes – suspirou Tristan. – Ouve...

– Enfim, para ser sincera, eu não sei o que poderíamos fazer – confessou ela com um ar preocupado. – Se é assim que o tempo se move, então tudo se torna um bocadinho diferente, não é? Se o tempo é uma força que pode ser medida como qualquer outra...

– Rhodes, ouve...

– ... no mínimo dos mínimos poderíamos *modelá-lo*, não é? Quero dizer, se tu o consegues ver, então...

– Rhodes, caramba!

Ela olhou para cima, sobressaltada, e deu com Tristan a olhá-la firmemente (exasperadamente, presumiu ele).

– Obrigado – disse ele e depois expirou, irritado. – Caramba, merda. Eu só queria agradecer.

Aquela franja abismal estava a ficar escandalosamente comprida; já lhe caía para os olhos. Ela varreu-a para o lado com uma mão, baixando ligeiramente o queixo.

– De nada – disse ela, com brandura na voz.

O silêncio que se seguiu, uma verdadeira raridade, estava cheio de coisas que Tristan geralmente detestava. Coisas flutuantes e inchadas, como a gratidão, porque agora compreendia que ele não imaginara nada daquilo; ela provará-o por ele. Ela provará que, fosse cegueira ou loucura aquilo que ele tinha, ainda poderia ter alguma utilidade. Era verdade, ele podia não ser muito mais do que uma simples lente através da qual se podiam ver

coisas, mas ele era uma competência, uma necessidade. Sem ele, ela não o conseguia ver. Sem ele, ela não conseguia *fazer* aquilo.

Que imenso alívio por ser uma engrenagem num mecanismo que, uma vez na vida, funcionava mesmo.

– Que se passa aqui? – surgiu uma voz atrás deles, e Tristan soltou-a de imediato, recuando um passo repentinamente. – Que estranho – observou Callum, passeando-se pela sala enquanto Libby tateava em busca da cadeira atrás dela, desorientada. – Estão a fazer o trabalho de casa, meninos?

Tristan não disse nada.

– Eu estou de saída – murmurou Libby em resposta, baixando o queixo, apressando-se porta fora.

Callum ficou a vê-la enquanto saía, meio a rir para si mesmo.

– Consegues imaginar? Ser assim. Nascer com todo aquele poder e, apesar disso, não ser suficientemente boa, ainda assim desesperada por sair da sala. É triste, se virmos bem. – Callum puxou uma das cadeiras vazias e afundou-se nela. – Alguém devia tirar-lhe aquele poder todo e usá-lo como deve ser.

Explicar o que ela acabara de fazer não iria provavelmente fazer Callum mudar de ideias. Se tanto, só serviria para confirmar a posição dele.

– Pelo menos ela é firme – disse Tristan.

– Ela? Toda ela é frouxa, Caine. – Callum ainda estava a sorrir. A sua opinião de Libby, por pior que fosse, não era nem por sombras suficiente para lhe abafar a boa disposição. – Estás interessado nela?

– Nela? Nem por sombras. – Tristan deixou-se deslizar na cadeira onde Libby estivera sentada. – Mas consigo perceber por que razão foi escolhida para isto.

– Nem consigo acreditar que ainda questiones isso – observou Callum. –

Que interessa realmente o «porquê»? Sem contar com o teu gostinho pessoal pela intriga, quero dizer.

Tristan deslizou os olhos na sua direção.

– Não ficas a pensar?

– Não. – Callum encolheu os ombros. – A Sociedade tem as suas razões para nos escolher a nós. O que me importa são as minhas escolhas. Para

quê participar no joguinho deles – acrescentou, novamente com um sorriso cintilante – quando posso fazer o meu?

O Callum não precisa de ti. Ele quer-te, recordou-lhe a voz de Parisa.

Deves perguntar a ti mesmo porquê.

– Aí está outra vez essa dúvida – disse Callum, ostensivamente deliciado com o que estava a ler em Tristan. – É tão revigorante, na verdade. Todos os outros têm a sua frequência de irritabilidade, são cheios de solavancos e sacudidelas, e depois aqui estás tu. Uma base estável e agradável.

– E isso é supostamente bom?

– É como a meditação. – Callum fechou os olhos, afundando-se mais na cadeira. Inspirou fundo e, depois, lentamente, abriu os olhos. – As tuas vibrações – disse ele com uma voz dengosa – são absolutamente resplandecentes.

Tristan revirou os olhos.

– Queres tomar um copo? – perguntou. – Eu cá já bebia qualquer coisa.

Callum pôs-se de pé, anuindo.

– E que estamos nós a celebrar?

– A nossa frágil mortalidade – respondeu Tristan. – A inevitabilidade de descermos ao caos e à poeira.

– Deprimente – declarou Callum, em tom de apreciação, fechando uma mão em torno do ombro de Tristan. – Tenta não dizer isso à Rhodes, senão ela começa a degradar-se por todo o lado.

Não conseguindo resistir, Tristan perguntou:

– E se ela for mais resistente do que tu pensas?

Callum encolheu os ombros, com desdém.

– Estou só curioso para saber – explicou Tristan – se isso te agradaria ou se te lançaria numa espiral de desespero existencial.

– Eu? Eu nunca desespero – respondeu Callum. – Eu sou uma pessoa que, permanente e manifestamente, nunca se deixa afetar pelas surpresas. –

Tristan refletiu, e não era a primeira vez que o fazia, que a capacidade de avaliar as pessoas a ponto de se saber exatamente o que são seria, com certeza, uma qualidade perigosa. O dom de compreender a realidade de uma pessoa, na sua luz e na sua escuridão, sem os erros da perceção

a desfocar as margens ou a conferir significados à sua existência era... inquietante.

Uma bênção ou uma maldição.

– E se eu te desapontar? – desafiou Tristan.

– Estás sempre a desapontar-me, Caine. E é por isso que gosto tanto de ti – provocou Callum, acenando a Tristan para o seguir até à biblioteca e às suas mais sofisticadas garrafas de uísque velho.

• NICO •

Era evidente, tendo em conta a aparição de Eilif na sua casa de banho, que as guardas tinham algum tipo de brecha. Não que a magia pudesse ser simplificada tão facilmente que se reduzisse a uma questão de brechas ou de robustez ou outra coisa no género, mas, para todos os efeitos, as guardas que visavam manter as pessoas do lado de fora da Sociedade teriam provavelmente uma falha. Precisamente por isso: tinham sido pensadas para *pessoas*. Algo que, pelos cálculos de Nico, Eilif não era.

Pelo menos, os arquivos da biblioteca haviam finalmente fornecido a Nico uma informação relevante, embora se tratasse apenas de um compêndio de base sobre criaturas e suas magias, tendo sido preciso recorrer aos conhecimentos de Reina sobre runas e linguística antiga para conseguir compreender devidamente. Não havia tratados recentes sobre este assunto, devido à perseguição, contrabando e «estudo académico» das criaturas, o que fora desgastando as suas populações ao longo do tempo. A dúvida prática medeica de conservação (entenda-se: registo e monitorização) no âmbito das espécies mágicas em extinção tornara-se alvo de tanta desconfiança entre as própria criaturas que, segundo Gideon, a maioria optara por se alinhar (como sucedera com a mãe) com outras fontes de magia marginalizadas – pessoas com quem a política medeica não se preocupava.

Pobreza, descolonização, o trajeto da escola para a prisão, a crise global dos migrantes... ser humano e institucionalmente negligenciado era já suficientemente mau. Com a mudança dos ecossistemas marinhos, não se podia censurar uma sereia moderna como Eilif por se recusar a ficar

limitada às façanhas habituais no mar – já para não falar do que o pai de Gideon pudesse andar a fazer.

– Ou está morto ou anda escondido – explicara Gideon a Nico em tempos –, não que seja relevante saber qual das duas possibilidades se aplica, já que não estou a contar alguma vez voltar a ter notícias dele. Tenho quase a certeza de que tenho irmãos no mundo inteiro, pertencentes a toda uma variedade de espécies. Não tenho dúvida alguma de que ele não reconhece nenhum.

Gideon dissera-o factualmente na altura, sem emoção alguma diante de tal ideia, e Nico não se dera ao trabalho de fazer mais perguntas sobre o assunto. Gideon já tinha traumas psicológicos suficientes sem lhe acrescentar uma obsessão pelo pai, por isso, quando muito, a ausência do pai de Gideon era provavelmente uma bênção. A mãe já era problema suficiente, considerando que os motivos para procurar o filho quase nunca eram maternais.

Quando era pequeno, Gideon fazia simplesmente o que a mãe lhe pedia nas suas raras aparições no orfanato – vai dormir, vai buscar esta coisinha a uma pessoa, dá esta a outra pessoa. Não compreendia os pormenores das tarefas de que era incumbido nem de quem as encomendara, até que, gradualmente, as suas vítimas deixaram de o ver como uma criança e começaram a persegui-lo como um adulto. As pessoas, dizia Gideon, tendiam a enlouquecer quando algo lhes era roubado dos pensamentos. E já não queria ter nada que ver com isso. Quando Gideon percebeu as consequências de fazer os «recados» de Eilif nos reinos dos sonhos, deixou de o fazer, ou pelo menos tentou. Sem surpresa para ninguém, Eilif não aceitava a humanidade de Gideon (até mesmo a sua possível mortalidade) como motivo para não querer interferir.

Eilif era, no melhor dos casos, um perigo sempre a pairar e, no pior, uma bomba ativa, e por isso a principal preocupação de Nico era, como sempre, manter a mãe de Gideon à distância. Quando o perímetro da Sociedade estivesse seguro, poderia voltar novamente a sua atenção ao estudo das restantes fraturas existenciais de Gideon sem receio de se tornar responsável por uma gigantesca quebra de segurança.

Apesar de confiar que Reina lhe conseguiria traduzir corretamente as runas conforme lhe pedira, Nico nutria a esperança de não ter de lhe explicar os motivos desta pequena incursão naquele raro estudo extracurricular. Fiel a si mesma, Reina não pediu grandes explicações.

– Tanto quanto consigo perceber, magia é magia – disse ela, quase sem levantar os olhos da página que estava a analisar na sala pintada. Estava sentada na cadeira com as pernas enroladas sob o corpo, toda a sua envergadura envolvendo defensivamente o livro como se temesse que alguém lho pudesse repentinamente arrancar das mãos. – Na maior parte dos casos, as criaturas são geneticamente tão diferentes do ser humano como os símios. São apenas distinções evolutivas, nada mais.

– Mutações?

Ela levantou os olhos, ligeiramente cerrados.

– Queres dizer genéticas?

Nico eriçou-se com a insinuação de que ele se poderia estar a referir a aberrações.

– Evidentemente – disse ele, talvez um pouco mais emotivamente do que o necessário.

– Não precisas de ser bruto – observou ela, inexpressiva. Voltou de novo a atenção para a página. – A diferença nas capacidades mágicas parece residir na forma habitual de utilização – disse ela, deambulando os olhos pela página com apenas ínfimas interrupções do movimento; um olhar de soslaio para o que Nico adivinhava ser uma planta a falar-lhe algures no corredor. – Isso é verdade – admitiu ela de mau grado, presumivelmente para a planta, apesar de ter desviado a atenção para cima, fitando Nico com um estudioso olhar de contemplação.

– É menos – disse ela. Ele franziu o sobrolho.

– O quê?

– O... – Deteve-se, praguejando baixinho e entredentes, ou pelo menos ele assim supôs. – Débito – acabou ela por proferir de algures do seu glossário multilingue. – Utilização, potência, seja qual for a palavra. As criaturas produzem menos, ou melhor, desperdiçam menos.

– Desperdiçar?

– Pergunta ao Tristan – disse ela.

– Perguntar ao Tristan o quê?

Nico voltou-se ao ouvir a voz de Libby, dando com ela a demorar-se junto à porta da sala pintada, hesitante, meio dentro, meio fora.

– Nada – disse Nico e, ao mesmo tempo, Reina disse: – Quanta magia os humanos produzem.

– Humanos – repetiu Libby, saltando lá para dentro com uma centelha de interesse. – Por oposição a quê?

– *Nada* – repetiu Nico, mais enfaticamente desta vez, enquanto Reina voltava a analisar o livro, murmurando impassivelmente: – Criaturas.

Libby voltou-se para olhar para Nico, expectante.

– Criaturas, Varona, a sério? Não me parece lá muito relevante.

Tinha a sobrancelha arqueada sob aquela massa de franja, algo que ele decididamente detestava. Uma coisa era ela ser bisbilhoteira, outra muito diferente era o facto de olhar para ele com uma dúvida tão palpável.

Mas que trapalhada pensava ela que ele estaria a fazer agora?

– Queria só ter a certeza de uma coisa – informou Nico evasivamente, com o tom de cáustica impaciência que sabia que ela acharia repulsivo. Havia sempre a hipótese de ela se limitar a sair se a atazanasse o suficiente.

– Muito bem. E que tem o Tristan a ver com isso?

Bolas. Era evidente que fora demasiado bem-sucedido a espicaçar-lhe a curiosidade.

– Não faço a mínima ideia – replicou Nico, muito embora, para seu desalento, isso tenha sido o suficiente para Reina se lembrar de explicar por fim.

– O Tristan consegue ver a magia a ser usada – disse ela, detrás da cortina de cabelo negro.

– E como é que sabes isso? – perguntou Libby, o que, aos ouvidos de Nico, soou desnecessariamente acusador, como se suspeitasse rancorosamente de que Reina e Tristan se juntavam todas as semanas para alguma espécie de *brunch*, durante o qual debatiam as suas vidas privadas e os seus desejos secretos.

– Observação – respondeu Reina, e Nico poderia ter dito a Libby que aquela era a resposta óbvia. Reina falava pouco e via muito, embora aquilo de que Nico mais gostava nela fosse o facto de considerar que a maior parte do que via era substancialmente pouco importante e que, portanto, não valia a pena falar sobre isso.

Ao contrário de Libby, que sentia precisamente o contrário.

– O Tristan – prosseguiu Reina – consegue ver a magia a ser usada. Como eu estava a explicar – disse ela, lançando a Nico um olhar que indicava o regresso ao assunto anterior –, as criaturas têm um uso mais sofisticado da sua própria magia. A investigação medeica encara-o como elementar, mas isso é só elitismo académico. – Nico concordou tacitamente com um encolher de ombros, e Reina prosseguiu. – As criaturas canalizam melhor a magia, de forma mais eficiente. É... – Mais uma pausa para recorrer ao glossário – mais fino. Estreito. Tecido como fios, não como... – Outra pausa. – Vapores.

– Penso que o Tristan já usou antes a palavra «derrame» para descrever a magia – murmurou Libby para si mesma, pensativa. – Mas podíamos provavelmente pedir-lhe para explicar melhor.

A ideia de pedir a Tristan Caine alguma coisa que não fosse uma cara de poucos amigos ou um pedaço de sarcasmo resmungado era o suficiente para esgotar o que restava da limitada paciência de Nico.

– Não – disparou ele, e teria convocado o livro das mãos de Reina e saído dali para fora a correr se não fosse a forma como ela o protegia com todo o corpo. – Isto não tem nada que ver contigo, Rhodes.

Ela melindrou-se.

– Tem então que ver com quê?

– Nada. – Gideon. – Seguramente não preciso de ti para isto.

Os olhos de Libby estreitaram-se. Em resposta, Reina enrolou-se com ainda mais determinação em torno do livro, assegurando aos dois que não tinha o mínimo interesse em saber o que aconteceria em seguida e tinha toda a intenção de não ajudar em nada.

Nico, que discutira vezes suficientes com Libby Rhodes para saber quando estava prestes a eclodir uma grande explosão, deixou cair o assunto

do livro. Levantou-se abruptamente e virou-se para subir as escadas, passando rapidamente por Libby com uma irritação mal disfarçada. Já conseguira antes resultados bastante bons sem a ajuda de uma biblioteca. Trataria simplesmente da questão das guardas sem mais discussões.

Ou não. Atrás dele, os passos firmes de Libby eram tenazes e decididos.

– Varona, se estás a pensar fazer alguma estupidez...

– Em primeiro lugar – disse Nico, rodando bruscamente para olhar para ela, depois de Libby lhe esbarrar contra as costas –, se eu fosse optar por fazer alguma estupidez, não precisaria da tua opinião sobre a matéria. Em segundo lugar...

– Não podes simplesmente andar por aí a brincar desnecessariamente com as coisas só porque andas aborrecido – retorquiu Libby, soando como uma matrona exausta. Como se fosse a sua mãe ou guardiã, o que decididamente não era. – E se tu fores necessário para alguma coisa?

– Para quê?

– Não sei. Alguma coisa. – Ela fulminou-o com os olhos, exasperada. – Se calhar é evidente, Varona, que não devias andar a fazer coisas estúpidas só por serem estúpidas. Ou será que isso é assim tão difícil de entender?

– Se eu estiver aborrecido, então *tu* estás sem dúvida aborrecida – acusou Nico em represália. Sentia-se a resvalar por dentro para uma mesquinhez desnecessária, mas, como era hábito, quando o assunto era Gideon, ele não era capaz de se manter calmo. – Lá porque tu não admites, não quer dizer que não seja verdade. E parece-me que adoras andar atrás de mim por todo o lado a ver o que ando a fazer de errado, não é?

– Eu – respondeu Libby exaltada – não ando atrás de ti por todo o lado. Estou a fazer por ser útil. Estou a usar a investigação que estamos a aprender e a aplicá-la onde posso, e é precisamente isso que devias estar a fazer.

Libby Rhodes a presumir que sabia o mínimo acerca do que Nico *deveria* andar a fazer foi a gota de água.

– Oh, a sério? És tão magnânima. Tão erudita – exclamou Nico em tom de gozo, estendendo a mão para lhe fazer festinhas na cabeça como a um cão. – Linda menina, Rhodes...

Ela afastou-lhe a mão com uma palmada, o ar à sua volta estalava com as faíscas da sua fúria.

– Diz-me só o que andas a tramar, Varona. Podíamos despachar isso mais depressa se simplesmente me pedisses...

– Pedisse o quê? Ajuda?

Ela calou-se.

– Será que me pedirias ajuda *a mim*, Rhodes? – retorquiu Nico, ciente do tom um pouco cético da sua voz. – Nós agora não somos pessoas diferentes só porque chegámos a um acordo. Ou será que te esqueceste de que continuamos a ser concorrentes?

Arrependeu-se no momento em que o disse, já que não era nada daquilo que queria dizer. Não tinha necessidade nenhuma de fazer de Libby um inimigo, e seguramente não tinha desejo algum de desperdiçar tempo em rivalidades além do necessário para a iniciação. Mas precisava que ela não se metesse nos seus assuntos pessoais e, naquele caso, *não* queria mesmo ouvir a inevitável palestra sobre como permitira inadvertidamente que uma sereia malcomportada entrasse naquela casa. Duvidava de que fosse breve e sabia que se seguiriam perguntas exaustivas, às quais não tinha intenção de responder.

– Essa é então a tua ideia de uma aliança. – A voz de Libby estava inexpressiva de raiva. Não, não era raiva. Algo mais amargo, menos malicioso do que isso.

Uma tristeza frágil.

– Não vamos fingir que isto é algo que na verdade não é – disse Nico, porque os estragos já tinham sido feitos e era sabido que ela não era propensa a perdoar-lhe. – Nós não somos amigos, Rhodes. Nunca fomos, nunca seremos. E... – acrescentou, cedendo a uma vaga de frustração implacavelmente misturada com culpa – uma vez que eu não posso simplesmente *pedir-te* que me deixes em paz...

Ela virou-lhe as costas, o último vislumbre da expressão na sua cara era de profunda decepção. Nico observou-a a descer as escadas, a fazer a curva apertada e a desaparecer da sua vista enquanto um pequeno eco de Gideon

o censurava suavemente dentro da cabeça: *Estás a ser simpático para a Rhodes?*

Não, é claro que não, pensou Nico com uma pontada de remorso. Porque não havia outra pessoa no mundo que o fizesse sentir menos adequado pelo simples facto de existir. E nem o podia admitir sem se rebaixar completamente.

Além disso. Tinha guardas para reparar.

Nico deslizou furioso pelo que restava das escadas acima, virando na galeria na direção oposta dos quartos. Precisaria de privacidade para trabalhar sem ser interrompido, ou seja, o piso térreo não era uma opção. Felizmente, lá em cima havia muitos patamares desnecessários de grandiosidade vazia onde nunca ninguém ia. Fechou-se numa das salas de jogos douradas da ala oeste (deixara há muito de ser um lugar de jogatinas aristocráticas ou fosse qual fosse o motivo pelo qual os ingleses precisavam de salas de jogos) e dedicou-se à tarefa de passear atentamente de um lado para o outro em frente da lareira da sala.

Afinal de contas, as guardas eram como uma grelha, estavam ordenadas e, por isso, era fácil monitorizá-las e verificar se alguma coisa estaria fora do sítio; e, à primeira vista, nada estava. Os seis tinham concebido a estrutura do sistema de segurança num globo esférico, dentro do qual uma malha apertada de defesas mágicas ocultava a Sociedade e os seus arquivos. Uma entrada física seria facilmente repelida pelo escudo de forças alteradas que rodeava a casa, ao passo que uma entrada mágica intangível era detetada pelo sistema interno de consciência fluida e entrelaçada a que Parisa fazia constantemente referência.

Como tinha então Eilif conseguido escapar-lhes, acabando por aparecer na casa de banho de Nico?

Era provavelmente melhor verificar os tubos.

Nico fechou os olhos com uma careta e examinou as canalizações da casa, palpando as arestas em busca das urdiduras de magia que reconhecia como suas, ou talvez de Libby. No que tocava a impressões digitais mágicas, as suas assinaturas eram praticamente idênticas; consequência de uma formação muito semelhante, quem sabe. Nico sentiu outro arrepio de culpa

ou irritação ou alergias e afastou-o com um encolher de ombros, tentando concentrar-se mais, ou possivelmente menos. Intuitivamente, não importava que elemento específico de magia lhe pertencia. Dele ou de Libby, reagiria com a mesma obediência, dominado pela perícia, independentemente da mão que o lançara.

A verdade é que, ao analisar mais de perto, detetou inúmeras bolhas e imperfeições, pequenas deturpações de segurança com base no que Nico sentia em torno dos tubos e, após uma análise mais cuidada, entre as camadas de isolamento nas paredes. Não era suficiente para que uma *pessoa* pudesse surgir corporeamente por entre as fissuras – a compressão era uma tarefa difícil, exigia energia suficiente para fazer disparar as guardas sensoriais internas da casa antes de qualquer possível entrada bem-sucedida –, mas talvez fosse suficiente para Eilif, ou para alguma outra criatura que tentasse entrar? Talvez, se o que Reina dissera sobre a sofisticação da energia fosse verdade. Não que os ductos de ar ou outros métodos de entrada nunca tivessem sido negligenciados antes e, naquele caso, Nico sentia como a infraestrutura da casa estava tensa sob as guardas, corroída pela magia e pela água dura e tudo o mais que pudesse erodir o metal com o tempo. Ele não era um grande mecânico, mas talvez fosse precisamente esse o problema. Os médicos eleitos para a Sociedade eram acadêmicos, não comerciantes, e não eram seguramente escolhidos pela sua eficiência em saber quando uma casa velha precisava de manutenção. Por mais senciante que pudesse ser, não deixava de ter uma estrutura física, e o elemento de Nico era a fisicalidade. Talvez estivesse desde sempre determinado que esta manutenção seria da sua responsabilidade (ou de Libby).

A magia nada tinha de diferente no que dizia respeito ao apodrecimento, à corrosão, às variações de temperatura, ao excesso de uso. Contrações e expansões, lascas e descamas, e movimentos de tempo e espaço. Era engraçado como tudo era risivelmente simples no fim de contas, mesmo quando pertencia ao incomensurável ou ao inestimável. Nico poderia simplesmente ter de reparar as zonas onde as guardas estavam

enfraquecidas, reforçando-as com remendos à medida que pudessem estar deformadas.

Saber se os seus remendos se iriam aguentar, isso era uma questão de adesão, algo que era... ligeiramente difícil, mas não de todo impossível. Bastaria a Nico conferir novamente a forma àquilo que conseguisse e disfarçar o que não conseguisse.

Vagamente, Nico estava ciente de que estava a ponderar algo que Gideon consideraria «irresponsável» – ou se calhar era Libby que lhe dava esse nome e Gideon posicionava-se algures sobre o ombro dela, dentro da cabeça de Nico, fazendo caretas de concordância. Max não se ralaria, fosse como fosse, o que levou Nico a concluir confuso que isso era algo que adorava positivamente em Reina. Ele podia ir agora lá abaixo e agarrar nela, pensou, considerando que poderia ser sensato dispor do pico de energia adicional que parecia receber consensualmente dela, mas chegou à desastrosa conclusão de que isso seria pouco sensato («Alguma estupidez», ralhou rancorosamente Libby na sua cabeça), e afastou imediatamente a ideia, dando-lhe uma palmada para o lado com um estremeção de rejeição.

E depois, se gastasse demasiada energia, só desta vez, só para sua satisfação? A sua energia era renovável, recarregava-se facilmente. Ficaria dorido duas ou três noites e depois o desconforto desapareceria, e ninguém teria de saber do erro que cometera inicialmente com a sua negligência. Se Libby viesse toda mandona dizer-lhe que estava mais cansado do que o costume, tudo bem. Em todo o caso, ele não parecia ter grande utilidade no reino do tempo. Não lhe interessavam fontes, da juventude ou outras.

A frustração ao lembrar-se da sua falta de utilidade no momento foi o suficiente para decidir avançar sozinho. Não gostava da ansiedade da apatia, que era nele tão constante como o implacável medo subliminar de Libby. Medo de quê? De falhar, provavelmente. Ela era o tipo de perfeccionista tão desesperadamente receosa de ser de algum modo inadequada que, por vezes, o esforço de sequer tentar era o bastante para a paralisar de dúvida. Para Nico, pelo contrário, o fracasso nunca era opção e, mesmo que no fim de conta isso o prejudicasse, pelo menos não lhe tolhia os movimentos.

Se Libby cometia o erro de se achar demasiado pequena, então Nico considerava-se de bom grado demasiado vasto, em contraste. Quando muito, inflamava-o a oportunidade de se engrandecer para lá do limite dos poderes que já tinha. Porque não ir mais longe, tentando atingir coisas para lá do limite que agora conseguia alcançar? Era sem dúvida razoável, se significasse que ajudava Gideon. Mesmo quando as opções consistiam em agarrar o Sol ou embater em chamas contra o mar, a segurança era uma inutilidade a que Nico de Varona não se podia permitir.

Começou então pela tarefa mais fácil de todas: tatear às cegas para chegar aos aglomerados em desagregação que se haviam formado em torno das pequenas fendas da casa, suavizando-os suspensos no ar. A magia era mais fina nos pontos onde se desembaraçava, por isso, quando sentiu as pequeninas debilidades vasculares, reforçou a sua estrutura molecular com a dele, selando as fissuras até que a energia voltasse a fluir facilmente pela grelha mágica da casa. Era um misto de pressão e tração, aliviando a entropia decadente em ordenadas avenidas de tráfego. A capacidade senciente da casa resistia, contraindo-se um pouco contra as suas reparações, e o suor escorria em finos regatos pelas costas de Nico. Doía-lhe o pescoço devido a um nódulo muscular no qual mal reparara antes, mas que agora pulsava de desconforto e tensão. A prova, presumia ele tardiamente, de semanas de maus-tratos físicos enquanto trabalhava com o espaço. Não seria a primeira vez que receberia a instrução (ou a admoestação) de fazer alongamentos.

Ignorou as picadas nos nervos que lhe formigavam por todo o pescoço, empurrando para o lado o beliscão que reverberava por ali acima, às pancadas, até à cabeça. Uma dor de cabeça; que bom. Era também possível que estivesse desidratado. Mas parar agora implicaria ter de começar de novo mais tarde, e Nico detestava deixar uma tarefa por terminar. Podiam chamar-lhe hiperfocado, mas as suas fixações eram o que eram.

Não encontrando mais nichos nem massas granulares, Nico dedicou-se à metalurgia, purificando as toxicidades que resultavam da erosão ao longo do tempo. Por breves momentos, teve noção de que algo lhe atazanava a memória, uma velha palestra a que não estivera muito atento; *a magia não*

pode ser produzida do nada, tal como a energia, não há diferença. Sr. de Varona, poderia ter a gentileza de prestar atenção, por favor, e depois ouviu-se um eco de gargalhadas, quando Nico teria com certeza dado uma resposta irreverente, e sim, pronto, esta unidade de estudo falava dos princípios do tempo, não era? A inconveniência de saber que a sua mente enfiara algures coisas para serem usadas mais tarde, mas que, na verdade, chegavam tarde demais, porque a verdade (que Nico era um mero humano que apenas tentava energizar a regeneração de uma estrutura física muito maior do que ele) dificilmente o ajudava agora, que já começara. Sentiu o chão a troar sob a alcatifa eduardiana carmesim; alguma coisa estava a escapar ao seu controlo. Nico podia ter calculado incorretamente a velocidade com que a casa procuraria esgotá-lo, sugando avidamente aquilo que ele tivera de usar tão cuidadosa e moderadamente. Ele abriu-se demasiado, sangrando magia sem ser capaz de acompanhar o ritmo nem de cauterizar a ferida.

Hum. Que fazer neste ponto? *Continuar* era a única resposta que Nico alguma vez conhecera. Fracasso, parar, deixar de ser ou de fazer nunca tinham sido opções. Arreganhou os dentes, tremendo com um arrepio ou um estremeamento que se soltara dele como um espirro explosivo e doloroso. Au, merda, santinho, o tipo de erupção que poderia acabar por lhe partir uma costela ou um vaso sanguíneo, algo que a maioria das pessoas não sabia ser possível com um espirro. Curioso como as coisas eram; a fragilidade inocente de se ser humano. Havia tantas formas de quebrarmos e tão poucas eram heroicas ou nobres.

Pelo menos, se ele se desintegrasse contra o inútil mobiliário da sala de estar, Libby poderia usar o seu elogio fúnebre como uma palestra póstuma, ou pelo menos era o que ele imaginava. «O Nicolás Ferrer de Varona era um idiota», diria ela, «um idiota que nunca acreditou que tinha limites apesar de eu lho ter garantido cordialmente, e sabiam que é possível morrer de excesso de esforço? *Ele* sabia, é claro, porque eu lho disse tantas vezes, mas, que surpresa, nunca me deu ouvidos...»

– Varona. – Ouviu a voz de Libby vinda algures do fundo do seu estômago, o ranger dos seus dentes limitando-o a nada mais do que um

grunhido como resposta. Era essencial manter-se focado, já para não falar da questão secundária da sua sobrevivência. – Meu Deus.

Ela soava tão reprovadora como sempre, por isso não havia como determinar se era real ou imaginária. Os golpes dentro da cabeça de Nico eram agora ensurdecedores, a dor que ia dos ombros ao pescoço suficiente para o cegar com a pressão entre os olhos, atrás dos seios nasais. Sentia o tecido da camisola a descolar-se-lhe do peito e da barriga, provavelmente empapado de suor, mas não, agora já não era possível parar, agora não, e porquê desperdiçar? Ele reparara as zonas quísticas de acumulações de magia e podridão, por isso voltou a atenção para os espaços vagos e as fissuras.

Sentia o corpo a ser arrastado na direção do calor, ondas de calor cobriam-no irregularmente através de uma luz vacilante, que seria seguramente uma chama. Presumivelmente seria Libby – se estivesse realmente ali e não apenas na sua imaginação –, que teria acendido a lareira da sala de jogos para que ele não arrefecesse. Devia estar a planear pô-lo a suar até se libertar da febre do seu esforço, o que até seria muito amável, considerando tudo o resto, mas possivelmente insuficiente. No pior dos casos, não seria diferente dos remendos que Nico estava naquele momento a aplicar contra a deterioração da casa – uma decoração improvisada para abrandar uma morte inevitável.

Mas é claro que estava apenas a ser dramático. Ele não ia morrer.

– Sua criança insuportável. Seu idiota arrogante. – O seu insulto preferido, ou pelo menos o mais frequente. Tanto que lhe parecia uma coisa que podia ter multiplicado acidentalmente e posto a bom uso. – Não vais fazer uma coisa tão imperdoável como desperdiçar o teu talento e morrer, não o vou permitir – informou-o Libby, sacudindo-lhe os ombros até ficarem direitos.

Ele teria balbuciado «Eu sei disso, Rhodes, cala-te» se não estivesse ocupado a concentrar-se na tarefa de não morrer e, mais especificamente, a apontar para aquilo que naquele momento estava a verter para fora dele, provavelmente alguma coisa de que precisava para sobreviver.

– Seu brutamontes deplorável – disse Libby. – Em que raio estavas a pensar? Não, não respondas – resmungou ela, arrastando-o não muito suavemente para que ficasse com as costas apoiadas a algo duro, como a perna de uma cadeira vitoriana. – Diz-me só o que estás a fazer para eu te ajudar, isto apesar de eu dever mas é atirar-te daquela janela abaixo – resmoneou ela, pensando melhor para si mesma.

Nico resmungou algo em resposta, porque o que faltava fazer era exceccionalmente esgotante e, naquele momento, impossível de explicar por palavras. Quase tudo o que podia ser selado ou reforçado fora selado ou reforçado, e tudo o que restava eram as zonas de decomposição, estragadas e finas, que precisavam não tanto de um remendo mas antes de uma amputação, de uma reconstrução de dentro para fora. Reverter os danos, pedir ao caos que fosse estrutura, seria o suficiente para o deixar completamente sem forças, sacando-lhe o pouco que ainda tinha. Sentia-o nas convulsões dos intestinos, como a magia estava agora a ser extraída dos rins, do coração, dos pulmões. Sentira o seu poder a crescer nos últimos meses, esticando-se como raízes num solo mais rico. Mas sempre que havia mais oferta, havia também mais a perder.

– Tu não podes simplesmente entregar-te desta forma – ralhrou Libby, sempre a velha professora rígida e repreendedora, mas então ela pegou-lhe bruscamente na mão e entrelaçou-a na dela. – Mostra-me.

Muito provavelmente, no momento em que lhe tocou, ela já sentia a direção que levava a sua energia. Era um jeito que tinham apanhado logo desde início, uma forma de se tornarem no princípio e no fim um do outro. Por norma, recusavam-se a fazê-lo, evidentemente, porque era invasivo. Porque tê-lo a usá-la ou ela a usá-lo a ele era como trocar de membros temporariamente, permutar articulações. Durante o resto do dia, ele sentir-se-ia como quem estava a levantar a mão de Libby em vez da sua ou a fletir o joelho de Libby para dar um passo, e sabia que ela sentia o mesmo. Ele olharia para cima para lhe fixar o olhar e ela faria uma careta como se ele lhe tivesse roubado alguma coisa e, sim, o que quer que ela lhe tivesse tirado a ele tinha o mesmo valor daquilo que fora antes dela, e não era

como se algum dos dois o tivesse feito de propósito – ainda assim, faltava-lhe alguma coisa que era agora dele e vice-versa.

Debatiam-se para se desemaranhar como deve ser, ou pior. Ambos se tornavam estranhas cópias moldadas um do outro.

Só quando começaram a usar a sua magia para replicar os efeitos do espaço é que a sensação de empréstimo dos membros e da energia deixara de lhes parecer um horrendo ato sexual sem entusiasmo e mais uma verdadeira sincronicidade. Era toda uma harmonia quando estendiam os braços juntos, como o alegre abrir de um par de asas mais largas. Era difícil explicar qual era a diferença, exceto como sendo a sensação de terem por fim encontrado o seu uso correto, um propósito ideal. Continuavam a ser desumanamente poderosos, sim, mas haviam caminhado sem rumo, sem uma direção, e por isso o simples uso das suas capacidades parecia-lhes, retroativamente, mais desajeitado, menos sofisticado. Combinados, eram purificados e focados, imaculados e destilados.

Uma consequência da sua utilização: intensificação.

Nico respirou sem esforço pela primeira vez em vários minutos e registou para si com alívio que a junção do poder de Libby com o seu fizera mais do que simplesmente aliviar-lhe a tarefa. Deixara-o num fluxo mais nítido e mais preciso, e menos um derrame, como teria sido apelidado por Tristan (um termo que Nico não teria usado se não tivesse percebido como agora parecia tanto um *não* derrame), e mais liso, perfilado e suave.

Em minutos, os tubos estavam reparados. Segundos depois, as guardas pulsavam sem interrupções. Nico gastou o que restava da sua energia a varrer minuciosamente o seu perímetro esférico, o que o deixou num estado de euforia instável. Sem falhas desta vez, sem pequenos enganos. Sem erros em que pudesse ficar preso na onda da sua vigilância.

Libby soltou-o e mudou de posição, num movimento ligeiramente arrastado.

– Porquê? – perguntou ela passado um momento.

Nico abriu os olhos com dificuldade, vendo como a sua imagem turva se manifestava a seu lado. O vermelho das palavras, com os seus toques de dourado, surgia desfocado ao lado do cabelo dela, a silhueta dos seus olhos

fechados. Ela não estava completamente esgotada, não tanto como ele, mas pagara decididamente o seu preço. Ela arcara com uma parte do fardo dele.

– Lamento muito – conseguiu ele resmungar, por muito desagradável e insuficiente que fosse.

– Acho bem que lamentos. – Libby deslizou uma mão em direção ao chão, encostando a palma da mão. – Há ainda um pequeno tremor – observou.

– Foi isso... – Merda, tinha a boca insuportavelmente seca. – Foi isso que te trouxe aqui? Um tremor?

– Sim.

Claro que sim. Ela ia fazer uma tempestade num copo de água, evidentemente, por causa das perturbações que ele causara e do pouco controlo que tinha sobre as suas aptidões, quando, na verdade, *ela* era a única que o conseguia sentir. Normalmente, a culpa seria dele, e inevitavelmente ela começaria a armar-se em mandona...

– Tens tanto talento que é injusto. És incrivelmente bom. – Libby suspirou um zunido palpável de inveja, e depois abriu lentamente os olhos. – Gerar uma tamanha quantidade de magia... – Ela voltou-se para olhar para ele, fixando-se nele com olhos perscrutadores. – Eu nunca o teria tentado sozinho.

– E eu não o devia ter tentado sozinho. – Não valia a pena negar isso agora.

– Sim, mas quase conseguiste. Podias ter conseguido sem mim.

– «Quase» e «podias ter» não valeriam de grande coisa se estivesse errado.

– Verdade, mas ainda assim. – Ela encolheu os ombros. – Não que não soubesses perfeitamente que eu viria.

Nico abriu a boca para argumentar que claro que não sabia isso, mas, pensando melhor, questionou-se se ela não teria uma certa razão. Havia uma rede de segurança, quer ele lho admitisse quer não, quando ela estava por perto. Ele não se conseguia safar com grande coisa sem ela dar conta e, sem dúvida, ele já sabia isso de alguma maneira, conscientemente ou não.

– Obrigado – disse ele, ou terá talvez balbuciado. Ela pareceu agradada, praticamente presunçosa.

– Porque estavas a reparar a casa sozinho? – perguntou ela, pondo de lado aquele repulsivo momento de benevolência entre os dois. – A Reina podia ter-te ajudado – acrescentou, depois de pensar melhor.

Nico considerou que fora milagrosamente delicada a forma como não se sugerira a si mesma, por isso, em recompensa, concedeu-lhe:

– Se eu fosse pedir ajuda a alguém, Rhodes, teria sido a ti.

– Palavras vazias, Varona – foi a resposta dela, igualmente diplomática. – Nunca pedes ajuda a ninguém.

– Ainda assim, é verdade.

Ela revirou os olhos, inclinando-se para encostar o polegar ao pulso dele.

– Lento – observou.

– Estou cansado.

– Mais alguma coisa?

– Dor de cabeça.

– Bebe água.

– Sim – resmungou ele –, eu *sei* isso, Rhodes...

– Dores? Inchaços?

– Sim, sim e sim; sim a tudo...

– Então provavelmente é melhor ires dormir – observou ela com brandura.

– Por *amor da santa*, acabei de dizer que eu...

– Porquê? – ela interrompeu-o e, apesar de estar exausto, apesar de não desejar a discussão que de certeza se seguiria e apesar de ter preferido muito mais arrastar-se até à cama e dormir durante pelo menos as doze horas seguintes, Nico ainda disse uma coisa que, sabia, ela não iria aceitar.

– Não te posso dizer.

A sua voz soava apagada, até aos seus próprios ouvidos.

Previsivelmente, Libby nada disse. Ele sentia a tensão dela a crescer ao seu lado, a ansiedade que se enrolava defensivamente à sua volta, como os braços de Reina haviam envolvido o livro. Algo só dela para proteger, para manter seguro, para manter escondido.

Por muito que detestasse reconhecê-lo, os momentos em que Nico se sentia pior consigo mesmo era quando a fazia sentir-se pequena.

– Só... não me obrigues a contar-te – corrigiu-se desajeitadamente, na esperança de que este derradeiro esforço de sinceridade pudesse persuadi-la a não sofrer mais.

Ela manteve-se calada por instantes.

– Disseste que era uma aliança – declarou ela.

– E é. – E era mesmo. – É uma aliança, Rhodes, juro-te. Fui sincero no que disse.

– Então, se precisares de ajuda...?

– Tu – garantiu-lhe Nico rapidamente. – Vou ter contigo.

– E se *eu* precisar de alguma coisa?

Ela mostrava uma atitude infantil, de retaliação. Contudo, uma vez na vida, ele não lho levou a mal.

– Eu – confirmou, aliviado por ser capaz de oferecer alguma coisa. – Tens o meu apoio, Rhodes. De agora em diante, juro-te.

– Espero bem que sim. – Ela soava satisfeita com aquilo ou, no mínimo, aliviada. – Deves-me à séria depois desta pequena excursão de idiotice.

– Sabia que, mais cedo ou mais tarde, ias dar uma de moralista – acrescentou com um pequeno grunhido, só para manter alguma aparência de decoro. Não valia a pena assustar nenhum dos dois com uma retirada demasiado brusca da sua animosidade.

– Ainda assim – suspirou ela –, contar-me-ias se estivéssemos a correr perigo de verdade?

– Já não estamos.

– Isso não é resposta, Varona.

– Pronto, sim. – Mais um grunhido. – Eu contaria se estivéssemos, mas, se é que vale alguma coisa, não estamos.

– Mas estivemos?

– Não propriamente em perigo. Mas havia alguns... descuidos.

– E agora?

– Verifica tu mesma as guardas, se não acreditas em mim.

– Já fiz isso. – Fez na mesma uma nova pausa. – As canalizações, a sério?

– O quê, não percebes nada dos conceitos básicos de ter uma casa, Rhodes?

– Céus, odeio-te.

Ah, a normalidade.

– O sentimento é mútuo – concordou Nico, levantando-se com dificuldade. Libby, fiel a si mesma, não o tentou ajudar, limitando-se a olhar para ele, divertida, enquanto ele se erguia da base da cadeira e se endireitava a custo.

Instantaneamente, Nico sofreu a veloz retribuição de uma contração muscular na anca, uma punhalada de dor que lhe reverberou na perna enquanto ele se debatia, em vão, para se manter direito, sufocando para dentro um queixume.

– Uma câibra – adivinhou Libby inexpressivamente.

– Cala-te – rangeu Nico entredentes, de olhos em lágrimas.

– Não sejas tão infantil.

Ela acenou com a mão, dissolvendo-o no espaço quando o chão se abriu debaixo dele. Ele rematerializou-se no quarto sem aviso prévio, estatelando-se e cambaleando instavelmente para a frente, embatendo com os apoios das mãos contra a armação da cama. A força gravitacional do quarto inclinou-se novamente, uma cortesia de Libby, depositando-o deitado sobre o colchão, onde colapsou sem protestar num ataque de membros latejantes.

– Obrigado – mal conseguiu Nico articular, afundando-se na massa de almofadas, ali ficando sem fazer esforço algum para se despir. A camisola, deu-se ele conta vagamente consciente, mas a desvanecer-se, estava decididamente noutra sítio qualquer, provavelmente ainda encharcada em suor, e, pior, ele ainda não bebera nenhuma...

Nico pestanejou quando um copo de água fez a sua contundente aparição na mesa de cabeceira.

– Maldita Rhodes – resmoneou para si mesmo.

– Eu ouvi – ouviu-se a resposta de Libby do lado de fora da porta.

Mas entretanto já Nico estava decididamente a caminho do sono; apagara-se sem sonhos como uma luz.

• PARISA •

Queria dizer então que não se tratava de um jogo. Ou isso, ou então era um jogo muito sádico.

Só em retrospectiva é que Parisa deu conta de que Atlas e Dalton nunca haviam especificado que um dos seis seria enviado para casa; apenas que um dos seis seria *eliminado* numa decisão tomada pelos outros. Cinco deles escolheriam um para sair, mas as condições da sua saída nunca tinham sido clarificadas. Ela pensara, de início, que seria um método arbitrário – embora civilizado – de garantir que apenas os melhores e mais dedicados seguiriam em frente.

Agora, no entanto, tudo fazia sentido de forma retorcida. Por que razão a sociedade de académicos mais exclusiva do mundo haveria de permitir a *saída* de um dos seus potenciais membros? Seria, no mínimo, um risco de segurança. Mesmo que o medeico eliminado se separasse amigavelmente dos outros – o que já era um *se* muito grande –, a única coisa que se sabe ao certo das pessoas é que são descuidadas com a informação.

Só os mortos guardam segredos. No momento em que o percebeu – quando tropeçou nesta constatação dentro da mente de Dalton –, tudo o resto encaixou.

A memória do seu encontro mantinha-se constantemente na sua cabeça, reproduzindo-se vezes sem conta como uma profecia.

– Um de nós tem de morrer – ousara Parisa dizer em voz alta depois do seu encontro na sala de leitura, testando a nova informação para ver qual a sensação em confronto com a realidade. O facto de Dalton ainda estar dentro dela nesse momento era uma preocupação secundária, e ele contraiu-se todo.

– O quê?

– É por isso que não queres que eu perca. Não queres que seja eu a morrer. – Afastou-se para olhar para ele. – Um bocadinho drástico, não achas?

Ele não pareceu nem aliviado nem desorientado por ela saber. No máximo, estava resignado e, apesar de ter tentado libertar-se, ela prendeu-o onde estava, ainda a processar.

– Nesse caso, tu mataste alguém. – Tomou nota desta realidade com um piscar de olhos. – É isso que manténs fechado e escondido? A tua culpa?

– Usaste-me – observou ele, confirmando sozinho as suas suspeitas.

E a resposta era um sim muito evidente.

– Mas que razão pode haver para matar um iniciado? – pressionou-o Parisa, momentaneamente desinteressada da tarefa de lhe afagar o ego. Como se uma mulher não pudesse gostar de fazer sexo e ler pensamentos ao mesmo tempo! Ainda nem sequer se haviam soltado um do outro e já Dalton procurava formas de fazer dela a vilã da sua narrativa de mulher fatal, algo para o qual ela não tinha decididamente tempo nem paciência. – Livrar o mundo de um medeico, e para quê?

Dalton recuou, remexendo nas calças.

– Não devias saber acerca disto – resmungou. – Devia ter sido mais cuidadoso.

Mentiroso. Ele claramente quisera que ela soubesse.

– Talvez não devêssemos repisar coisas que supostamente não devemos saber – fez notar Parisa, e Dalton olhou para ela, o seu sabor tão indolentemente doce na sua língua que até ela conseguia ver como ele enrolava os pensamentos em seu redor. – Vais dizer-me porquê – ela pressionou – ou devo simplesmente sair daqui a correr e contar aos outros que isto é tudo um elaborado combate até à morte?

– Não é nada disso – disse Dalton mecanicamente. Era o discurso ensaiado, assim parecia. Ela questionou-se se ele estaria em condições de lhe fornecer qualquer outra explicação, contratualmente ou de outro modo. – A magia só se obtém com contrapartidas, Parisa. Sabes isso. Alguns temas

exigem sacrifício. Sangue. Dor. A única forma de criar esse tipo de magia é destruindo-a.

Os pensamentos dele eram mais enevoados do que aquilo; menos finitos.

– Não é esse o motivo – observou Parisa, testando a sua reação.

– É claro que é. – Ele agora estava impaciente, agitado. Talvez simplesmente não gostasse que o contradissem, embora ela suspeitasse de que era mais do que isso. – Os temas contidos nos arquivos não são para toda a gente. São raros, requerem um poder imenso e uma contenção inimaginável. Há um motivo para serem escolhidos apenas seis...

– Cinco – corrigiu Parisa. – Cinco são escolhidos. Um é chacinado.

Os lábios dele contraíram-se.

– Não lhe chames chacina. Não é uma chacina. É...

– Um sacrifício voluntário? Duvido muito. – Soltou uma gargalhada acutilante. – Diz-me, qual de nós teria concordado com isto se tivéssemos sabido que teríamos de morrer em troca, hum? Além disso, dá para perceber que esta ainda não é a história toda. – Percutiu-o cuidadosamente, querendo ver se ele lhe revelaria alguma coisa, mas ele já se trancara novamente num cofre. Já lhe revelara demasiado ou então queria apenas que ela acreditasse nisso. Ficava por esclarecer se fora essa a sua intenção ou não. – Tu querias que eu soubesse, Dalton – lembrou-o, decidindo acusá-lo abertamente e ver aonde isso a levava. – Não me parece que sejas descuidado o suficiente para me deixares aproximar. Mas se queres que eu reaja ao teu aviso, tens de me explicar porque o fizeste. Caso contrário – escarneceu –, que motivo teria eu para ficar?

– Não podes sair, Parisa. Viste demasiado.

Isso e o facto de ele não parecer acreditar que ela o faria, mesmo se pudesse. Não havia pânico, nenhuma apreensão frenética quando o disse; era puramente um facto.

Que infelicidade que a sua certeza fosse tão legítima. Afinal de contas, para que vida poderia ela regressar depois daquilo?

Ela endireitou a saia, compondo a roupa interior, e pôs-se de pé.

– Dalton – disse ela, segurando-lhe no colarinho. – Sabes bem que fiz mais do que usar-te, não sabes?

A língua dele deslizou pelos lábios.

– Mais?

– Eu tive prazer contigo – garantiu-lhe e puxou-o mais para si. – Mas receio bem que venha a ter mais algumas perguntas quando tiver a oportunidade de pensar sobre tudo isto.

As mãos dele encontraram a cintura dela às cegas. Iam agora ansiar por ela, tinha a certeza. Ele acordaria a meio da noite e encontraria a silhueta dela formada entre as palmas vazias das suas mãos.

– É possível que não te dê nada – disse ele.

– É possível – concordou ela.

Ela não fizera nada na sequência do seu encontro, dando tempo para ver o que ele faria, agora que ela sabia. Quando a resposta parecia ser que não faria nada, o significado do seu silêncio intensificou-se. Também ele estava à espera, embora ela tivesse dúvidas de que fosse por muito tempo.

E tinha razão. Passar-se-iam apenas algumas semanas até eles se verem novamente numa situação comprometedor.

Nessa altura já tinham passado às teorias do tempo, e Parisa, que era especialista em cognição, foi capaz de fazer muito mais do que antes, com a magia predominantemente física. A maioria das teorias do tempo e da sua noção eram tranquilamente psicológicas – que a experiência de tempo de uma pessoa podia ser moldada pelo pensamento ou pela memória. Partes do passado pareciam mais próximas, ao passo que o futuro parecia simultaneamente inexistente, distante e em rápida aproximação. Tristan estava claramente empenhado em provar a importância da teoria quântica do tempo (ou algo assim), mas Parisa estava centrada no óbvio: que a verdadeira função do tempo não tinha que ver com a sua construção, mas sim com a forma como era experienciado pelos outros.

Pela primeira vez, a biblioteca começara a revelar-lhe coisas exclusivamente a ela, dando-lhe o seu empurrãozinho pseudoconsciente nesta ou naquela direção, e ela começara a aventurar-se nos textos históricos, que no início tinha tão pouco em conta. Não Freud, evidentemente. A psicologia mortal ocidental como um modo de estudo autoconsciente estava vários séculos atrasada, o que não era de

surpreender. Ao invés, Parisa submergiu nos rolos da era dourada do islão, seguindo um palpite pouco convicto e descobrindo que o astrónomo árabe Ibn al-Haytham observara sobre ilusões óticas o mesmo que Parisa observara sobre a experiência humana em geral – nomeadamente, que o tempo era uma ilusão de si mesmo. Quase todas as teorias do tempo estavam enraizadas numa falácia e a sua manipulação como conceito era na verdade alcançada mediante o mecanismo de pensamento ou emoção. Callum era demasiado preguiçoso para se focar nesta última, mas Parisa mergulhou nas primeiras artes psicológicas medeicas – sobretudo islâmicas e budistas – com um fervor que surpreendeu todos os outros.

Todos, melhor dizendo, menos Dalton.

– Eu tinha-te dito – declarou, ao dar com ela sozinha na sala de leitura uma noite.

Ela permitiu-lhe pensar que a surpreendera.

– Hum? – disse, fingindo-se sobressaltada.

Ele deslizou uma cadeira para se sentar à mesa junto dela.

– É o manuscrito de Al-Biruni?

– Sim.

– Estás a estudar o tempo de reação? – Fora Al-Biruni o primeiro a começar a fazer experiências com a cronometria mental, o que, neste caso, era o atraso entre o estímulo e a resposta; quanto tempo os olhos demoravam a ver uma coisa e quanto tempo o cérebro precisava para reagir.

– Como sabes o que estou a estudar? – perguntou Parisa, apesar de não ser preciso.

Porque ambos sabiam que ele não conseguia tirar os olhos dela, é claro.

– Estou a ver que estás a trabalhar numa teoria – disse ele. – Pensei que talvez quisesses discuti-la.

Ela permitiu-se um meio sorriso.

– Vamos então sussurrar sobre psicologia diferencial? Mas que picante.

– O estudo intenso implica uma intimidade que até a mim me inquieta – disse ele, movendo-se na direção dela. – A expressão de um pensamento por formar.

– E quem diz que os meus pensamentos estão por formar?

– Não partilhas nada com nenhum dos outros – observou ele. – E eu recomendei-te que encontrasses um aliado.

Ela roçou-lhe o joelho com o dela.

– Mas já não encontrei um?

– Eu não o sou. – Ele parecia retorcidamente divertido, apesar de não se ter afastado. – Já te disse, não posso ser eu.

– Que te faz pensar que preciso de um aliado? Ou que eu me deixaria matar?

Dalton olhou em volta, apesar de ser improvável que alguém os ouvisse. Parisa não sentia mais nenhuma cognição ativa na casa, exceto talvez Nico. Ele tinha um visitante com alguma frequência, do tipo telepático ou similar, embora nunca estivesse consciente durante essas visitas.

– Ainda assim – disse Dalton. Um apelo: *acredita em mim, escuta-me.*

Anseia por mim, fode-me, ama-me.

– Que tenho eu de especial? Tu claramente não confias em mim – fez notar Parisa. – Nem sequer me parece que queiras confiar em mim, mesmo se pudesses.

Ele dirigiu-lhe um sorriso conciso e cheio de significado.

– Não quero, de facto não.

– Seduzi-te, então?

– Segundo padrões convencionais, acho que sim.

– E segundo padrões não convencionais?

O cabelo dela deslizara sobre um dos ombros, captando-lhe o olhar.

– Atormentas-me um pouco – respondeu ele.

– Por achares que eu posso não te desejar?

– Por achar que poderás – disse ele – e que isso seria desastroso. Calamitoso.

– Ter-me, é isso? – Encaixaria no arquétipo dela. Seduzir e destruir. O mundo estava cheio de poetas que pensavam ter sido arruinados pelo amor de uma mulher.

– Não. – Os lábios dele crisparam-se com ironia. – Porque tu me terias a mim.

– Mas que ousado da tua parte. – E improvável também. Ela ainda não conseguira identificar a natureza dele. Estava a ser humilde ou a vangloriar-se? Tinha ele sido imprudentemente extraviado ou estaria ela a ser conduzida para algum lado intencionalmente? A ideia de que ele podia estar a jogar com ela precisamente como ela jogava com ele era brutalmente inebriante, e ela voltou-se para o encarar. – Que aconteceria se eu te desejasse?

– Ter-me-ias.

– E?

– E nada. É só isso.

– Não te tenho já?

– Se tivesses, não acharias isso muito aborrecido?

– Estamos então a jogar um joguinho.

– Nunca te insultaria com um joguinho. – Olhou para baixo, os ossos malares principescos ensombrados pela luz baixa do pequeno candeeiro de mesa. Nunca havia um ângulo mau, pensou Parisa, agradada.

– Qual é a tua teoria? – perguntou ele.

– Quem é que mataste? – replicou ela.

Por breves momentos, deu-se um empate entre eles; uma tensão agitada.

– Os outros – afirmou Dalton – sugeriram que nos concentrássemos na mecânica do tempo. Ciclos infinitos.

Parisa encolheu os ombros.

– Não preciso de reconstruir o universo como se fossem blocos.

– Porque não? Não é poder?

– Ora, simplesmente porque mais ninguém o fez antes? Não preciso de um mundo novo.

– Porque queres este?

– Porque – disse Parisa com impaciência – o poder que seria preciso para criar um só destruiria tudo o resto que encontrasse no caminho. A magia tem custos. Não foi o que disseste?

– Interessante. – Ele fitou-a. – Quer dizer que concordas.

– Com o quê?

– Com as regras da Sociedade. O processo de eliminação.

– Com o jogo de matança, queres tu dizer – retificou Parisa –, o que, por si só, é um insulto.

– E no entanto aqui estás, não é?

Relutantemente, ela sentiu os olhos a deslocarem-se de soslaio para os apontamentos.

– Eu disse-te. – Desta vez, o sorriso de Dalton alargou-se. – Eu disse-te. Mesmo sabendo a verdade, não irias dizer que não.

– Quem é que mataste? – perguntou-lhe Parisa. – E como o fizeste? – Ele puxou a página que estava sob o braço dela, relanceando-a.

Ela suspirou, lembrando-se do que ele dissera sobre a intimidade da vida académica. Ele gostava mais dela quando ela estava vulnerável, não era? Quando tivera um pedaço dela que não tinha desejado entregar. O prazer não adulterado ou o conhecimento não partilhado.

– Memória – disse ela, e Dalton levantou os olhos. – A experiência do tempo através da memória.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Viajar no tempo – explicou Parisa – é simples, desde que estejamos a viajar através da perceção de tempo de uma pessoa. Talvez – hesitou ela, antevendo a inevitável incapacidade de ele compreender – isso possa ser considerado menos interessante para os meus colegas tão pouco subtis...

– Eles estudam aquilo em que se especializaram, tal como tu. Continua – disse Dalton.

– Não é muito complexo – informou-o ela, surpresa, mas não desagradada com a sua rejeição. – As pessoas inteligentes reagem mais rapidamente aos estímulos, por isso as pessoas inteligentes experienciam o tempo mais depressa e podem gerar a perceção de que o têm em maior quantidade. A inteligência é, nalguns sentidos, também uma doença; o génio é muitas vezes um efeito secundário de uma mania. Se calhar, alguns têm um tal excesso de tempo que o vivem de forma diferente. Além disso, o tempo poderia ser consumido de forma diferente, também poderia ser preservado. E se uma pessoa tivesse excesso de tempo...

– Poderia viajar ao longo de toda a sua própria experiência do tempo de forma diferente – concluiu Dalton.

– Sim – confirmou Parisa –, essencialmente, sim.

Ele envolveu a boca com a mão, pensativo, a refletir.

– Como medirias a inteligência? Ou seria magia, neste caso?

– Quem é que mataste? – perguntou Parisa.

– Ele não era muito apreciado – disse Dalton, surpreendendo-a novamente. Ela não esperara uma resposta. – Não que isso seja desculpa – acrescentou Dalton.

– Era perigoso?

Dalton franziu a sobrancelha.

– O quê?

– Era perigoso – repetiu Parisa – para ti ou para a Sociedade?

– Ele... – Dalton pestanejou, recuando um pouco. – Não foi a Sociedade que determinou se ele deveria viver ou morrer.

– Ah, não? De certa forma, sim – disse Parisa. – Seleccionam seis candidatos por década, sabendo que um será eliminado. Não achas que têm uma ideia de qual poderá ser mais dispensável?

Dalton pestanejou novamente. E de novo.

Os seus pensamentos enevoaram-se e reformaram-se; uma forma diferente desta vez.

– Como é que o mataste? – perguntou Parisa.

– Faca – respondeu Dalton.

– Emboscada?

– Sim. Um pouco.

– Mas que romano da tua parte.

– Estávamos mesmo muito embriagados. – Ele esfregou o queixo, com um ar de cansaço. – Não é fácil tirar uma vida. Mesmo sabendo que era necessário.

A obrigatoriedade do que quer que fosse não era algo que agradasse a Parisa.

– E se não o tivesses feito?

– O quê?

– E se tivesses optado por não matar ninguém – repetiu Parisa, explicando, enquanto os pensamentos de Dalton se desenredavam outra

vez. – A Sociedade teria intervindo?

– Ele sabia – disse Dalton, o que não era uma resposta. – Ele sabia que seria ele.

– E depois?

– E depois ele teria matado um de nós, se tivesse tido a oportunidade. –

Pausa. – Provavelmente eu.

Ah, assim se explicava o medo dele, ou pelo menos em parte.

Parisa estendeu a mão, afastando o cabelo de Dalton da testa.

– Leva-me para a tua cama esta noite – disse ela. – Cheguei à conclusão de que estou tomada pela curiosidade.

Os seus lençóis eram imaculadamente brancos, bem presos aos lados da cama. Deu-lhe imenso prazer desalinhá-los.

E depois houve outras ocasiões.

Uma vez, ela viu-o no jardim. Era cedo, estava frio e húmido. Dalton estava no limiar da propriedade, de costas para a casa e fitava os cornizos sem flores.

– Os Ingleses – disse Parisa – romantizam excessivamente os seus invernos desoladores.

– Anglofilia – disse Dalton, virando-se para ela. Tinha as faces luminosas, retocadas com duas rosáceas de frio, e ela aproximou-se dele, segurando-lhe o rosto entre as mãos para as aquecer.

– Cuidado – avisou ele. – Posso confundir isso com ternura.

– Achas que não sou terna? Na sedução, nem tudo é letalidade – disse Parisa. – A maioria das pessoas só quer que cuidem delas. Se eu não tivesse alguma suavidade, não chegaria a lado nenhum.

– E onde queres chegar esta manhã?

– A nenhum sítio onde não me possas levar – respondeu ela, fazendo-lhe sinal para ir à frente.

Ele avançou ao longo do relvado, caminhando devagar.

– A lisonja faz parte da sedução – disse ele –, não é?

– Inevitavelmente, sim.

– Ah. Lamento ser um caso tão evidente.

– Nunca ninguém é evidente.

Ele fez um meio sorriso.

– Então, se não somos simples, somos apenas... todos iguais?

– Uma falha da humanidade – disse Parisa, encolhendo os ombros enquanto caminhavam. – A compulsão para sermos únicos, o que entra em conflito com o desejo de pertencermos a uma só uniformidade identificável.

Estavam já fora de vista, acordados demasiado cedo para que houvesse outra pessoa em movimento, mas em todo o caso ele puxou-a para o arvoredo de bétulas ali próximo, escondendo-os.

– Fazes de mim uma pessoa tão comum – disse ele.

– Ah, sim?

– Pensa como eu poderia ser tão interessante para outra pessoa – sugeriu.

– Um académico homicida.

– Não és desinteressante – disse ela. – Porque queria ele matar-te?

– Quem? – O fingimento era cansativo, mas pelos vistos era necessário.

– Quantas pessoas quiseram matar-te, Dalton?

– Provavelmente muitas.

– Que deliciosamente incomum – afirmou ela evasivamente. Ele puxou-a para os seus braços, encostando as ancas às dela.

– Diz-me uma coisa – disse ele. – Ter-me-ias desejado mais se eu te tivesse rejeitado mais tempo?

– Não – respondeu Parisa. – Ter-te-ia considerado um grande idiota se o tivesses feito. – Ela brincou com a presilha das calças dele, vasculhando tudo nos seus pensamentos. – Fala-me do Fórum – disse ela, agradada por discernir indícios de um momentâneo sobressalto. – Tenho andado a pensar nos inimigos desta Sociedade. Mais especificamente, se poderão ter razão. – Ela não se esquecera de que apenas os agentes do Fórum haviam sido capazes de fugir depois de penetrarem as guardas da Sociedade durante a instalação.

Apesar da centelha inicial de surpresa, Dalton parecia imperturbado com a pergunta.

– Porque haveria eu de saber alguma coisa sobre o Fórum?

– Muito bem – suspirou ela, decepcionada, mas não surpreendida –, então diz-me porque é que ele te queria matar.

– Ele tinha de matar alguém – disse Dalton como quem repete uma lengalenga – antes que o matassem a ele.

– Eras demasiado fraco ou demasiado forte?

– O quê?

– Ou te escolheu como alvo por seres demasiado fraco – explicou ela – ou por seres demasiado forte.

– O que achas?

Ela levantou os olhos e viu como Dalton a observava de perto.

– Tu também me deves ter escolhido por algum motivo – observou ele, encolhendo os ombros. – Foi por eu ser fraco ou forte?

– Estás a fazer de ti um exemplo?

– Talvez.

– Por que razão – contrapôs Parisa – achaste que seria perigoso eu possuir-te? Para quem seria isso perigoso?

– Para mim – disse Dalton. – Entre outros.

– E, no entanto, tens muito pouco sentido de autopreservação, não achas?

– Muito provavelmente.

– Foi *por isso* que ele te quis matar?

Ela quisera dizer uma piada, pressioná-lo para ver o que poderia vir à tona se atirasse às cegas, mas ele pareceu olhá-la com uma nova austeridade.

– Quero experimentar uma coisa – disse ele. – Vem ter comigo hoje à noite.

– Onde?

– Ao meu quarto. Quero ver se és mesmo boa.

– Já experimentámos isso – disse ela secamente – e quero crer que ambos estivemos admiravelmente à altura.

– Não é isso – disse ele, embora evidentemente não se opusesse. – Estou só a dizer que vou passar o dia a enterrar uma coisa. Um pensamento.

– Uma resposta?

– Sim.

Ela sentiu um pequeno arrepio a perpassá-la.

– Pensava que não ias fazer joguinhos comigo.

– Isto não é um jogo. É um teste.

– Porquê?

– Curiosidade.

Por instantes, ela olhou para ele desconfiada, mas ele parecia estar a ser sincero.

– Estás interessado em mim – adivinhou ela.

– Penso que já deixei isso bem claro.

– Não assim. – Fez-lhe um sorriso ténue, agarrando-o pela presilha do cinto das calças. – Queres *estudar*-me.

Ele não o negou.

– Sou o primeiro?

– Possivelmente. – Nem por sombras, não. – Mas porquê?

– Não sei bem. – Ela verificou; ele não sabia mesmo. – Intuição, talvez.

Ela encolheu os ombros, mudando de assunto.

– Que ganho eu, se passar no teste?

– Uma resposta.

– A resposta?

– Sim, OK – Pausa. – Vais ficar esgotada.

– Com o teste ou a resposta?

– O teste. – Ele contraiu os lábios. – Por agora.

– Ótimo – disse ela, convidativamente.

– Eu já sei o que consegues fazer sem te esforçares – avisou Dalton. – Quero ver o que acontece se tiveres de te esforçar.

Ela estremeceu de expectativa. Sentira falta da sensação de operar no seu elemento.

– Muito bem – disse ela, exercitando os dedos das mãos. – Então vou esforçar-me.

Quando chegou aos seus aposentos privados, esgueirando-se silenciosamente pela ala este quando os outros já se haviam deitado, Dalton estava já a dormir. O quarto era quase idêntico ao deles, sem objetos

peçoais dignos de nota. Roupeiro, secretária, lareira vazia. Havia uma ampulheta ao lado da cama, uma insinuação suficientemente clara: o teste tinha um limite de tempo. Ela virou-a do avesso, fechando os olhos, e deitou-se de costas ao lado de Dalton, procurando o ritmo da sua pulsação. Bastaria mergulhar na sua própria consciência para localizar o limiar da consciência dele e depois o esforço de procurar as portas que seriam mais difíceis de abrir.

Ela deslizou facilmente para o interior da mente dele. Quando abriu os olhos, estava diante de um emaranhado de espinhos.

– Mas que *cliché* – suspirou, desfazendo a parede de espinheiros. Do outro lado de um arco de vegetação cerrada, ela vislumbrou um labirinto de altíssimos ciprestes, com uma laje de tons cinza que conduzia (é claro) a um castelo gótico com torres esguias, com linhas de conto de fadas. – Tenho uma hora para alcançar a princesa na torre, é isso?

Uma hora da experiência dele, portanto, e todas as indicações sugeriam que ele era particularmente brilhante. Ela voltou-se para o lado, discernindo uma mão-cheia de cogumelos não nativos ao longo do trilho de espinhos.

– Subtil – disse ela secamente, e apanhou um, deixando-o transformar-se em areia na palma da mão.

Como a ampulheta ao lado da cama, o tempo escorregava-lhe pelos dedos.

Cronometria mental, como haviam falado antes. Enquanto Parisa lhe percorria a mente, Dalton deixava-a manipular o seu conceito de tempo, captá-lo para depois o usar, como os impulsos de energia de um jogo de vídeo. Era disso que se tratava, então? Afinal, era mesmo um jogo. Para efeitos de alusão, ela conjurou uma elegante armadura de chapa fina, guardando os grãos de excesso de tempo.

O processo de se orientar no labirinto estava pensado para que ela desperdiçasse energia. Trabalhar a sua própria magia dentro da cabeça dele era um esforço muito maior do que se o fizesse no universo físico – ali, a energia funcionava como um engarrafamento no trânsito. Quando um carro abandona, isso implica uma onda de atraso amplificada, e, de igual

modo, o uso de magia fora da mente de Dalton resultava num grau incomensurável de esforço dentro dela. Se ela usasse o tempo extra que tinha guardado, ficaria esgotada. Se não o usasse, ficaria sem tempo. Era um desajeitado conjunto de regras, mas era suficientemente inteligente, especialmente para uma pessoa que não era essencialmente telepática. No final, era como tudo – um jogo de sorte e azar. O modo como abordaria este quebra-cabeças seria inteiramente escolha sua.

Nada daquilo era, de todo, primitivo; o reino que Dalton construía na sua cabeça não poderia ter sido erigido num só dia; um medeico de menor capacidade não o teria conseguido sequer ao longo de uma vida inteira. Isto indicava que havia algo que ele queria esconder. E que havia alguém de quem o queria esconder. A configuração do labirinto era instável, mudava constantemente, mas era grandiosa e complexa. Qualquer que fosse o segredo que Dalton Ellery tinha trancado longe de tudo, ele não queria que fosse encontrado e teria certamente capacidades extraordinárias para o conseguir isolar dela.

Tendo em conta a sofisticação das suas defesas mentais, ela contava que alguma coisa a forçasse a sair; uma chama era fácil de conjurar pela mente e pequenos incêndios rasteiros assomaram pelas fissuras nos trilhos de pedra, línguas incandescentes que lhe iluminavam o caminho. Quando foi atacada por guardas espetais, não ficou surpreendida. Havia sido clonados à pressa a partir de um *design* humanoide e todos lutavam mecanicamente – o mesmo padrão de golpes, uma e outra vez. De novo, era um trabalho impressionante para um amador, mas aquilo era apenas um teste. Dalton já deixara bem claro que não queria que ela morresse, ou seja, talvez por isso a sua mente não conseguisse realmente ir além da ameaça. Estava concebida para lhe dar apenas alguma coisa que provar.

O fim do labirinto deu lugar a uma longa colunata que conduzia ao ponto de entrada do castelo. Parisa enfiou-se por entre uma arcada para alcançar os degraus que levavam à torre mais alta e subiu-os dois a dois. A armadura que criara começava a enferrujar-se. Ela, corporeamente, estava a desvanecer-se. O tempo estava a esgotar-se.

O castelo, em si, era bem formado e imaginado com pouca criatividade. Baseava-se, muito provavelmente, num lugar qualquer onde Dalton já estivera, embora houvesse pormenores inesperados – cada um dos archotes estava aceso na parede com uma chama que respondia apenas a mudanças no ar e as cores das tapeçarias teriam sido selecionadas, não recordadas. Optou pela escadaria central, seguindo o caminho que lhe fora traçado, mas percebeu que os quartos que o flanqueavam estavam mobilados e preenchidos; tinham sido criados de raiz, não copiados. A paleta de cores era composta por uma abundância de cobaltos e violetas, como uma nódoa negra desorientadora.

Os corredores estreitaram-se, fazendo-a subir de patamar em patamar, até desembocar numa escadaria circular em caracol. No cimo das escadas, havia três quartos na torre; estes, ao contrário dos outros, estavam fechados. Teve tempo de abrir os três, mas apenas o suficiente para um olhar rápido. Se quisesse pesquisar plenamente o que continham, teria de escolher um.

Para lá da primeira porta estava ela própria. *Aquela* Parisa – a Parisa de Dalton – voltou-se nos braços de Dalton para olhar para a verdadeira Parisa no corredor, expectante. Ah, então ele dera-lhe a oportunidade de ver o que realmente sentia por ela. Nada interessante.

Abriu a segunda porta, encontrando aí uma memória. Um desconhecido, e Dalton com uma faca na mão. Fora então assim que as coisas haviam acontecido. Tentador.

A terceira porta continha apenas uma arca trancada. Arrombá-la poderia exigir mais tempo do que tinha naquele momento, embora se tenha detido quando percebeu a configuração do quarto. Era uma praça romana; um fórum. O Fórum.

Hesitou ao entrar no quarto, mas depois parou. Aquilo podia esperar. Ou então era uma resposta que poderia encontrar sozinha.

Voltou-se, regressando a correr ao corredor para abrir a segunda porta de par em par, onde ele estava com o desconhecido, a faca precariamente equilibrada entre os dois.

Quase imediatamente, ela foi arremessada para dentro da consciência de Dalton, vivendo-a a partir da memória dele, embora não começasse onde ela previra.

– ... tens a certeza?

Era o desconhecido a sussurrar, um jovem, a um Dalton mais novo, quase irreconhecível. O cabelo era igual, a sua aparência tão meticulosa como sempre, mas algo no rosto era diferente. Mais novo uma década, é certo, mas havia algo mais.

Não. *Faltava* alguma coisa.

– Depois de fazermos isto, já não poderemos voltar atrás. – O jovem tinha a tez morena e falava com um sotaque desconhecido enquanto andava de um lado para o outro num dos quartos da Sociedade. Podia até ser o de Parisa. – Consegues viver com isso?

Dalton, deitado de lado em cima da cama, não estava a escutar com atenção. Estava indolentemente a conjurar um encantamento qualquer; o ar em torno do livro aberto estremecia e retorcia-se, uma pequena tempestade formava-se sobre a página.

– Não seria preciso – disse Dalton. De forma assustadora, voltou-se para o lugar onde estava Parisa junto à soleira da porta.

– As pessoas pensam que o importante é o sentido da vida – disse Dalton a Parisa, que pestanejou. Ela não tinha a certeza de como ele estaria a manipular a sua memória para conseguir falar com ela, mas não havia dúvidas de que o estava a fazer, mesmo enquanto o outro ocupante do quarto continuava a deambular pela divisão. – Não é apenas o *sentido* – prosseguiu. – Toda a gente quer um propósito, mas isso não existe. Existe apenas estar vivo e não estar vivo. Gostas disto? – perguntou ele, mudando bruscamente de tom. – Fiz isto para ti.

Voltou-se de novo para o outro jovem antes que Parisa conseguisse responder.

– Posso trazer-te de volta – sugeriu Dalton.

Até Parisa conseguia ver que este Dalton mais jovem não soava genuíno.

– Pensei que tinhas dito que não conseguias fazer isso? – perguntou o jovem, estacando abruptamente.

– Eu disse que não consigo. Mas é claro que *consigo*. – Dalton torceu-se novamente para mais um olhar de soslaio, dirigindo a Parisa um sorriso desconcertante. – Sou um animador – disse-lhe ele, o que o outro jovem não pareceu ouvir. – Para mim, a morte não tem nada de permanente. Exceto a minha, o que, suponho eu, explica o que fiz em seguida.

Virou-se novamente para o outro jovem.

– Não há nada que indique que não te podemos trazer de volta – disse ele, fazendo desaparecer a tempestade em miniatura que havia conjurado. – Se calhar é mais um teste? Se calhar há sempre um animador e, por isso, nunca ninguém chega a morrer.

Surgiu um clarão de alguma coisa; uma faca. Cintilou na mão de Parisa. Então ela sentiu uma guinada; a inconfundível entrada da lâmina na carne.

Depois, sem aviso nenhum, ela estava sentada sozinha.

– Eu não devia fazer isto, mas tens de me escutar. – Desta vez era Atlas Blakely quem andava de um lado para o outro, e Parisa baixou os olhos para o colo, reconhecendo os dedos contraídos de Dalton como sendo os dela. – É a ti que eles querem matar, Dalton. Os outros concordaram em escolher-te a ti.

– Como sabes? – saiu da boca de Parisa, que era a de Dalton. Ainda estava no mesmo quarto, devia ser o dele. Atlas estava de pé junto à lareira.

– Têm medo de ti. Tu enerva-los.

– Que mesquinho da parte deles – disse Dalton com irreverência, admitindo em seguida: – Muito bem. Deixa-os tentar.

– Não. – Atlas virou-se. – Tens de os fazer mudar de ideias. *Tens* de sobreviver.

– Porquê?

– A Sociedade precisa de ti, quer eles percebam isso quer não. O que tu fazes, aquilo a que poderias *aceder*... – Abanou a cabeça, interrompendo-se. – O que podem fazer com *ele*? Já antes houve outros como ele. Homens como ele ganham dinheiro, enriquecem, é tudo. Contribuem para a oligarquia global e nada mais, fim de história. Tu és necessário de outras formas.

Surgiu uma fenda, um pequeno rasgão na cena, e os pedaços que compunham o quarto caíram, num vazio. Parisa fora submergida num apagão temporário. Em seguida, Dalton estava de novo sentado diante dela, um raio de sol a que Parisa, em vão, tentou escapar piscando os olhos, e estava novamente de armadura, sentada no pequeno e quase vazio quarto da torre.

Desta feita, estavam sozinhos, cada um numa indefinível cadeira de madeira, e Dalton – aquela versão mais jovem – estava inclinado para a frente, a centímetros do rosto dela.

– Habituará-se a mim – disse ele. – E eu não gostava de matar. Sou um animador – acrescentou, como se isso explicasse tudo. Ela supôs que sim, em parte.

– Tu dá vida – observou ela.

– Eu dou vida – concordou ele.

Ela via os indícios de que ele, fosse o que fosse – memória ou holograma –, fora manipulado, os sacões dos seus movimentos tão diferentes do Dalton controlado que ela conhecia.

Não era evidente até que ponto ele estava a ser sincero com ela. As suas memórias haviam sido claramente alteradas, ou pelo trauma da sua experiência passada ou pela mão inteligente do seu eu atual.

– Estás a usar-me? – perguntou ela, questionando se se teria deixado atrair para um lugar pouco sensato.

A versão jovem de Dalton sorriu levemente de forma brilhante.

– Gostava tanto que tivesses visto o outro quarto – disse-lhe ele. – Teríamos os dois apreciado mesmo muito. Este é aborrecido.

– Mentiste-lhe – observou ela. – Ao outro candidato. Disseste-lhe que o conseguias trazer de volta?

– Ele nunca chegou a concordar em fazê-lo – disse Dalton. – Acho que ele sabia que eu não conseguia fazê-lo.

– Matá-lo ou trazê-lo de volta?

– Nem uma coisa, nem outra, parece-me.

– Então ele disse aos outros para te matarem?

– Sim.

– E tu convenceste-os do contrário?

– Sim.

– Foi difícil?

– Não. Estavam apenas felizes por não serem eles.

– E porque não o trouxeste de volta?

– Dava muito trabalho – disse Dalton, encolhendo os ombros. – Além do mais, eu estava enganado.

– Acerca de quê?

– De tudo. – Mais um encolher de ombros. – Morre sempre alguém. Tem de ser ou as coisas correm mal.

– O que corre mal?

Ele olhou para ela, desinteressado.

Esta versão dele não era nada o que ela imaginara.

– O que é o Fórum? – perguntou Parisa ao invés.

– Um tédio – disse Dalton. – Os rejeitados da Sociedade.

– Não achas isso interessante?

– Todos têm inimigos.

Ela não conseguiu evitar sentir uma dissonância; uma falha nalguma coisa, pormenores que não batiam certo.

– Porque ainda estás aqui? – perguntou ela. – Na Sociedade. Porque ficaste?

Ele chegou-se à frente, vagueando na direção dela e, nesse momento, ela adivinhou o que era. Ele estremeceu ligeiramente, movimentando-se aos sacões.

Vivo, mas pouco. Consciente, mas não em controlo. Não um fantasma. Não uma memória.

– És uma animação? – perguntou, esquecendo a pergunta anterior. A boca de Dalton retorceu-se com ironia. Os lábios abriram-se.

Então Parisa sentiu uma mão no colarinho que a arrastava para trás.

– Sai – disse uma voz grave. – Já.

Ela endireitou-se num salto, ou tentou, mas concluiu que o regresso à sua própria consciência a deixara paralisada ao lado dele. O verdadeiro Dalton segurava-lhe a cabeça e, gradualmente, à medida que ela ia

voltando a ocupar o seu corpo, percebeu que estivera em convulsões. Asfixiava, engasgava-se com aquilo que, só tarde percebeu, era a sua língua.

Tinha-se esforçado em demasia; a ampulheta a seu lado já se esgotara havia muito e, pela cara de Dalton, fora preciso um esforço considerável para a acordar.

Ela precipitou-se para longe dele, piscando os olhos.

– O que era aquilo?

Ele franziu o sobrolho.

– O que era o quê?

– Aquela voz, no fim, aquilo era... – Parou, pestanejando.

Havia algo agora no rosto de Dalton; não o facto de ser mais velho, que efetivamente era. Na sua memória ele devia ter vinte e poucos anos, há dez anos, mas havia mais alguma coisa. Ele agora tinha uma expressão diferente, mais impregnada de apreensão. Na altura ela não tentara ler os pensamentos da sua versão mais jovem, pensando que estava a falar diretamente com ele – afinal de contas, eles estavam os dois dentro da cabeça *dele* –, mas, em retrospectiva, percebia agora que estava enganada.

O que quer que ele fosse então, o seu eu atual não continha vestígio nenhum disso. Era um fio solto e puído; algo se desfizera e, depois, fora cortado. Quem quer que fossem aquelas pessoas na cabeça dele, já os tinha perdido.

– Tu não és inteiro – disse ela em voz alta –, pois não?

Ele fitou-a.

– O quê?

– Aquela coisa, a animação, era...

– Nunca chegaste a começar o teste – atalhou ele devagarinho, e então foi a vez de ela olhar para ele pasmada.

– O quê?

– Onde estiveste? – Ele pressionou-a, agora preocupado. – Eu sentia-te, mas... – Ela sentiu um calafrio de incerteza.

– Como era? – perguntou ela. – O teu teste.

– Um cofre bancário – respondeu ele. – Com uma fechadura com combinação. Basicamente, um quebra-cabeças.

Então em que penetrara ela dentro da cabeça dele? Que estranho. Mais do que estranho. A situação que ele descrevera parecia simples, até elementar. Em suma, algo que se esperaria de alguém que não era telepata, ao contrário do que realmente encontrara.

– Que continha o teu cofre? – perguntou cautelosamente.

– Um pedaço de pergaminho, nada importante... Devias ter demorado apenas alguns minutos a encontrar. Onde estiveste? – perguntou Dalton de novo, com mais urgência, mas desta vez Parisa não respondeu.

Onde quer que tenha estado, tinha cada vez mais a certeza de que fora Atlas a puxá-la dali para fora.

• REINA •

Em dezembro, no período das festas, tiveram autorização para regressar a casa, se o quisessem, mas Reina decididamente não queria.

– Não devia ficar algum de nós para monitorizar as guardas? – perguntou a Dalton em privado.

– Eu e o Atlas ficamos cá – respondeu ele. – É só um fim de semana.

– Eu não festejo o Natal – declarou ela, desagradada com aquela inconveniência.

– Como a maioria dos medeiros – concordou ele –, mas a Sociedade organiza os seus eventos anuais durante os feriados dos mortais.

Reina franziu o sobrolho.

– Nós não somos convidados para os eventos da Sociedade?

– Vocês são potenciais iniciados, não são membros.

– Mas somos nós que vivemos aqui.

– Sim, e um de vocês – disse Dalton num tom neutro – também não vai cá ficar quando o ano acabar, por isso, não. Não são convidados.

A ideia de voltar a casa (um conceito sem sentido, a par de «família» e «sono suficiente») era incompreensível. Detestável, até. Naquele momento ela estava a meio de um manuscrito fascinante que vira nas mãos de Parisa – um trabalho medeiro sobre o estudo místico dos sonhos, por Ibn Sirin, que despertou a curiosidade de Reina sobre o conceito dos reinos dentro do subconsciente. Nico também manifestara algum interesse naquele manuscrito, o que ela considerara particularmente relevante. Como no caso das runas que ele lhe pediu para traduzir, não havia forma de saber para que queria ele um livro sobre sonhos; ele não tinha qualquer interesse

por psicologia histórica, nem em nada que não conseguisse transformar num milagre da física (Nico ficava muito mal-humorado quando não lhe permitiam que fosse incompreensivelmente espantoso), mas, ainda assim, era bom ter alguém com quem falar sobre o assunto. Os outros eram por norma muito reservados no que dizia respeito às suas investigações, guardando as suas teorias como quem guarda segredos.

Nico era sempre o mais aberto com ela, tendo mesmo chegado a convidá-la para o acompanhar a Nova Iorque na pausa de inverno.

– Vais detestar o Max – disse ele alegremente enquanto lutavam, referindo-se a alguém que, presumiu Reina, deveria ser um dos seus colegas de casa. – Vais querer matá-lo e, cinco minutos depois de saíres, vais aperceber-te de que, na verdade, o adoras. O Gideon é o perfeito oposto – acrescentou. – Vais achá-lo a melhor pessoa que alguma vez conheceste e depois vais reparar que ele rasgou a tua camisola preferida.

Reina simulou um soco de direita, que Nico antecipou de imediato. Deslizou para trás com uma mão na bochecha, deixando a outra cair com uma arrogância inconcebível, à altura do seu sorriso sarcástico. Depois atirou-lhe um pequeno desafio: *ah-ah, tenta lá outra vez.*

A ideia de ficar num sítio habitado por rapazes de vinte e poucos anos provocava em Reina uma comichão desagradável.

– Não, obrigada – disse ela.

Nico não era o tipo de pessoa que ficasse ofendida com estas coisas e, como seria de esperar, não ficou.

– Como queiras – disse ele com um encolher de ombros, desviando-se de um gancho largo, no momento em que Reina deu com Libby a olhar para eles, com uma ligeiríssima contração dos lábios. Estava ansiosa por ver o namorado, ou era o que dizia, mas Reina não estava convencida. O namorado de Libby (nenhum deles se conseguia lembrar do nome, ou talvez Libby nunca o tivesse chegado a dizer) parecia telefonar apenas em horas inconvenientes, levando Libby a fazer uma cara de irritação ao olhar para o ecrã. Ela negava a contrariedade a Nico, é claro, com toda a veemência, mas, tanto quanto Reina conseguia perceber, a reação

pavloviana de Libby a qualquer referência ao namorado consistia em reprimir rapidamente uma careta.

Diante da perspectiva daquela breve ausência, os outros partilhavam sobretudo a relutância de Reina. Tristan parecia ficar apavorado com a ideia de sair, provavelmente por já ter cortado tantas relações atrás de si só para sequer ali chegar; Parisa estava irritada por ser temporariamente destronada, afetada como sempre; Callum, fiel a si mesmo, não parecia importar-se com nada. Apenas Nico parecia nutrir um interesse genuíno em ir a casa – mas a verdade é que Nico era tão adaptável em geral que, suspeitava Reina, ele conseguiria tornar qualquer coisa suficientemente confortável para ser tolerável durante algum tempo.

Os últimos meses tinham sido relativamente pacíficos. De certa forma, tinham encontrado o seu ritmo e sentiam que aquela perturbação da sua frágil paz era especialmente inconveniente, até mesmo perturbadora. É verdade que não tinham *criado laços* propriamente ditos, mas pelo menos tinham-se habituado o suficiente à coexistência no mesmo espaço físico sem que houvesse uma permanente tensão. O sentido de oportunidade, pensou Reina, era uma coisa sensível, e as plantas da casa não faziam segredo de estarem a lamentar a sua ausência iminente.

Por fim, Reina decidiu ficar em Londres.

Nunca se aventurara além do recinto da mansão da Sociedade, por isso agora era ostensivamente uma turista na sua própria cidade. No primeiro dia, visitou o Globe Theatre, depois passeou pela Torre. No segundo dia, fez uma enérgica caminhada matinal pelo Kyoto Garden (as árvores tremiam alegremente, tamborilando sussurros gelados enquanto lhe narravam as suas origens), seguida de uma visita ao Museu Britânico.

Estava a observar a pintura de Utamaro da cortesã japonesa quando alguém pigarreou atrás dela, levando-a a eriçar-se de impaciência.

– Comprado – disse um cavalheiro sul-asiático de cabelo ralo, falando com ela em inglês.

– O quê? – perguntou Reina.

– Comprado – repetiu o cavalheiro. – Não roubado.

O sotaque não parecia totalmente inglês; tinha uma mistura de origens.

– As minhas desculpas – retificou-se –, penso que o termo técnico é «adquirido». Os Britânicos detestam ser acusados de roubo.

– Como a maioria das pessoas, suponho eu – disse Reina, na esperança de que a conversa tivesse terminado. Infelizmente, não tinha.

– Pelo menos tem alguma utilidade – prosseguiu o cavalheiro. – Aqui os tesouros do mundo estão em exibição, não escondidos fora da vista de todos.

Reina anuiu distraidamente, voltando-se para se ir embora, mas o cavalheiro seguiu-a, acompanhando-lhe o passo a seu lado.

– A cada dez anos, seis dos medeiros mais promissores do mundo desaparecem – observou, e a boca de Reina contraiu-se. – Alguns deles emergem dois anos depois em posições de poder e privilégio. Terá porventura alguma teoria?

– O que deseja? – perguntou Reina com impaciência. Se isso fosse considerado má educação, pois então que fosse. Não sentia nenhuma necessidade em particular de ser bem-educada.

– Achámos que estava em Tóquio – disse o homem. Continuou o pensamento anterior, como se ela não tivesse reagido de todo. – Teríamos na verdade chegado mais cedo, mas não é fácil apanhar-lhe o rasto. Com uma família como a sua...

– Não estou em contacto com a minha família – disse Reina. Eles não a queriam. Ela não os queria a eles. Pouco importava o que vinha primeiro. – Não desejo ser importunada.

– Menina Mori, se me desse só um minutinho do seu tempo...

– É evidente que sabe quem sou – disse Reina. – Não deveria nesse caso também saber que rejeitei todas as propostas que me fizeram? O que possa imaginar que aceitei, não é verdade. E sejam quais forem os planos que tem para mim, também os rejeito.

– Deve sentir certamente alguma obrigação – disse o homem. – Uma erudita como a menina deve considerar precioso o acesso aos arquivos alexandrinos.

Reina ficou hirta. Atlas dissera sempre que a Sociedade era conhecida no seio de certos grupos mas, ainda assim, não gostava de pensar que o lugar

que ela tanto prezava podia ser mencionado com tanta manifesta desconsideração.

– De que servem os arquivos – pressionou o homem, captando-lhe a expressão no rosto – se apenas uma reduzida percentagem da população mágica do mundo pode alguma vez aprender com eles? Pelo menos os objetos contidos *neste* museu são disponibilizados a todo o mundo mortal.

– O conhecimento requer quem cuide dele – disse Reina com desdém, prestes a virar as costas.

Ele travou-a.

– Há formas melhores de cuidar do conhecimento do que escondê-lo de todos.

Outra versão dela poderia ter concordado com ele. Mas, tendo em conta as circunstâncias presentes, não lhe concedeu mais do que um olhar de raspão.

– Quem é o senhor?

– Não interessa quem sou, mas o que represento – respondeu o homem.

– E que é...?

– Liberdade de informação. Igualdade. Diversidade. Novas ideias.

– E que acha que pode ganhar comigo?

– A Sociedade é inerentemente elitista – disse o homem. – Apenas os médicos com formação de topo alguma vez conseguem entrar para as suas fileiras e os arquivos servem apenas para garantir um sistema elitista que não está sujeito a nenhuma supervisão. Todos os tesouros do mundo sob o mesmo teto – desafiou ele – e apenas uma única organização para controlar a sua distribuição?

– Eu – disse Reina – não tenho conhecimento de nada do que está a falar.

– Verdade, ainda não é membro – concordou o homem, baixando a voz.

– Ainda vai a tempo de fazer outras escolhas. Não está vinculada às regras da Sociedade, nem aos seus segredos.

– Mesmo imaginando que isso é verdade – murmurou Reina –, que poderia o senhor querer de mim?

– Não é o que quero de si, menina Mori, mas aquilo que lhe podemos oferecer. – O homem tirou um cartão do bolso interior do casaco e estendeu-lho. – Um dia destes, se der por si encurralada na escolha que fez, pode contactar-nos. Trataremos de garantir que a sua voz será ouvida.

O cartão dizia NOTHAZAI, que podia ser o nome do homem ou um pseudónimo, e, no verso, O FÓRUM. Uma referência, evidentemente, a uma subversão de tudo o que a Sociedade era. O Fórum Romano era um mercado de ideias, o mais celebrado ponto de encontro do mundo. Era o centro do comércio, da política e do civismo. Em suma, enquanto a Sociedade se enclausurava atrás de portas fechadas, o Fórum estava aberto a todos.

Mas havia um motivo para a Biblioteca de Alexandria ter sido obrigada a esconder-se.

– Vocês são mesmo o Fórum? – perguntou Reina em tom neutro, continuando a olhar para o cartão. – Ou será que são apenas a população?

Quando ela olhou para cima, ele – Nothazai – não desviou o olhar.

– Não é segredo nenhum aquilo de que a menina é capaz, Reina Mori – disse ele, retificando-se em seguida. – Pelo menos, não é segredo aquilo de que a menina *podia* ser capaz. Somos cidadãos, não de um mundo oculto, mas de uma economia global; toda a raça humana. Vivemos num mundo cheio de problemas, sempre no limiar do progresso e da regressão, e muito poucos têm a oportunidade de operar verdadeiras mudanças. Um poder como o da Sociedade não eleva o mundo; muda simplesmente de mãos, continuando a isolar as suas vantagens.

Era um argumento já estafado. Porquê ter impérios e não democracias? A versão da Sociedade de uma possível resposta era evidente: porque algumas não se conseguiam governar a si mesmas.

– Acha que não posso dar contributo nenhum na posição em que estou agora, é isso? – desafiou Reina.

– Penso que é óbvio que é uma mistura de muitas insatisfações, menina Mori – disse Nothazai. – Rejeita o privilégio em todas as suas formas, incluindo o seu, e no entanto não demonstra desejo algum de desfazer o sistema atual. Acho que um dia vai acordar das suas próprias convicções e,

quando isso acontecer, alguma coisa a vai incitar a dar o passo em frente. Qualquer que seja a causa que escolher, espero que pense na nossa.

– Está a querer acusar-me de alguma espécie de tirania por interposta pessoa? – perguntou Reina. – Ou isso é uma consequência involuntária da sua tática de recrutamento?

O homem encolheu os ombros.

– Não está comprovado historicamente que o poder não deve estar nas mãos de muito poucos?

– Para cada tirano, há uma sociedade «livre» que se destrói a si mesma – disse Reina, que sabia o suficiente sobre história da Antiguidade para compreender as falhas da arrogância. – O poder não deve estar nas mãos de quem não o saiba usar.

– Não será a pior tirania aquela que se entende a si mesma como nobre?

– Cobiça é cobiça – disse Reina inexpressivamente. – Mesmo que eu aceitasse a sua perceção dos erros da Sociedade, porque deveria acreditar que as suas intenções são diferentes?

Nothazai sorriu.

– Suspeito apenas, menina Mori, que em breve irá mudar a sua posição sobre este assunto e, quando isso acontecer, deve saber que não ficará entregue a si mesma. Se precisar de um aliado, tem um – propôs ele e fez uma ligeira vénia.

A simetria do momento recordou-a de alguma coisa.

– O senhor é alguma espécie de Curador? – perguntou-lhe ela, pensando no cartão de Atlas Blakely. Inexplicavelmente, lembrou-se do que Atlas dissera sobre os outros que poderiam ter ficado com o lugar dela – um viajante, precisara ele, o que quer que isso significasse.

Seriam os membros do Fórum apenas os rejeitados?

– Não, não tenho importância nenhuma. O Fórum cuida de si mesmo – disse Nothazai, voltando as costas e parando em seguida, recuando de novo meio passo. – Já agora – acrescentou em voz baixa –, talvez já saiba? Sato, a bilionária de Tóquio, acabou de ganhar as eleições especiais para o parlamento, destronando o candidato em funções.

A referência a Aiya sobressaltou-a, embora Reina tenha tentado disfarçar.

– Porque me haveria de importar a Aiya Sato?

– Oh, não importa nada, seguramente que não. Mas é muito interessante: foi ela quem revelou a corrupção do conselheiro em funções. Quase como se tivesse informações de que o próprio governo não dispunha. O conselheiro nega-o, mas em quem podemos acreditar? Não há mais prova nenhuma senão o dossiê da própria Sato, por isso se calhar nunca saberemos.

Por breves momentos, Reina recordou o pedido de Aiya durante a sua curta interação na sala de leitura: um livro não identificado. Reina piscou os olhos rapidamente para afastar essa recordação, esforçando-se por obscurecer os pensamentos. Mesmo que este homem não fosse um telepata tão competente como Parisa, havia outras formas de lhe vasculhar a cabeça.

– Assassinatos – disse Nothazai. – Desenvolvimento de novas tecnologias que invadem os direitos de autor dos mortais, mas que nunca são do domínio público. Novas armas vendidas apenas à elite. Programas espaciais desenvolvidos em segredo para nações belicistas. Guerra biológica sem relatórios oficiais; doenças que dizimam aqueles de quem não se fala, abandonados nas orlas da pobreza.

– Culpa a Sociedade por isso? – Acusações genéricas, tanto quando Reina considerava exequível, para lá do que era possível saber.

– Culpo a Sociedade – explicou Nothazai – porque, se não lhe cabe a ela causar tais atrocidades, porque não empreende esforços para as impedir? É inevitável pensar que tem, seguramente, alguma coisa a ganhar.

Algures nos gabinetes dos serviços administrativos do museu, um pequeno feto a morrer de sede soltou um grito fino e lamentoso.

– Há sempre alguém que ganha – disse Reina. – Do mesmo modo que há sempre alguém que perde.

Nothazai lançou-lhe um rápido olhar de desapontamento.

– Sim, imagino que sim. Muito bom dia, então – disse ele, esgueirando-se de novo para o fluxo de circulação do museu, deixando Reina a olhar para o cartão.

Muito estranho o seu sentido de oportunidade. Ela tivera uma intuição, certo? De que alguma coisa perturbaria a paz que encontrara dentro da Sociedade, no momento em que saísse pelas suas portas.

No entanto, pensando melhor, se calhar o momento escolhido fora *demasiado* estranho. Este suposto Nothazai tinha uma janela suspeitosamente estreita para a contactar sem as guardas da Sociedade. Restavam apenas algumas horas do fim de semana de folga, até ao momento em que Reina regressaria previsivelmente à mansão, ou seja, um período demasiado específico para poder ter sido adivinhado.

Teria sido aquilo mais um teste da Sociedade, à semelhança da instalação?

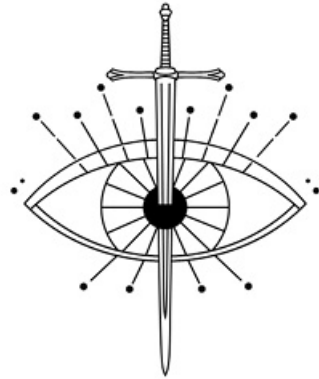
A ideia de que alguma coisa pudesse impedir a iniciação de Reina na Sociedade era suficiente para que, num reflexo, sentisse os dedos a crisparem-se, esmagando o cartão até se tornar numa bola dura e indesejável.

Os outros podiam fazer o que lhes apetecesse com o seu poder. Reina atirou o cartão para o caixote de lixo e saiu para o frio em passos largos, ignorando as pequenas plantas que brotavam entre as fissuras da calçada. Por si só, o argumento de que ela deveria rebelar-se contra a Sociedade para salvar o mundo era ridículo. Os seus talentos, por exemplo. Não seria o Fórum o primeiro a sugerir que ela sacrificasse a sua autonomia para conservar um planeta que se sobrepopoara irresponsavelmente? Havia limites para o que se podia pedir e ela lidara com as exigências dos outros a vida inteira. Até, ou talvez especialmente, as exigências daqueles que não a haviam desejado de todo.

Consoante a perspectiva, Perséfone fora sequestrada ou fugira de Deméter para evitar ser usada. De qualquer forma, fizera-se rainha. O Fórum, o que quer que fosse, tinha ajuizado mal Reina ao considerá-la uma pessoa sem princípios, quando na verdade os seus princípios eram bem claros: não sangraria por uma ninharia.

Se este mundo sentia que podia tirar algo a Reina, que assim fosse. Ela tiraria também de bom grado algo ao mundo.

VI



PENSAMENTO



• LIBBY •

Libby fechou a porta do apartamento com um estrondo e, ao virar-se, encontrou Ezra ansiosamente à sua espera na sala de estar atrás de si. Uma das desvantagens dos apartamentos de Manhattan era a incrível falta de espaço para uma pessoa estar sozinha. Isso e paredes finas.

– Deduzo que estivesses a ouvir – disse Libby bruscamente, ao que Ezra enfiou uma mão no bolso da frente, a ganhar tempo antes de responder.

– Sim. – Ezra pigarreou. – Ouve, Lib...

Ela sabia o que se seguiria. Para já, não era como se ela tivesse regressado a casa atraída por uma promessa de sexo ou chocolates, ou algo do género. A discussão começara no momento em que ela entrara pela porta adentro e, dois dias depois, ainda estava por resolver. O facto de Ezra ainda precisar dela para continuar a bater no mesmo ceguinho acerca de onde ela estivera e o que andava a fazer começava a ser desumano para os dois (e para o ceguinho).

– Já te disse – suspirou ela –, eu não te vou contar nada, Ezra. Não posso.

– Sim, já deixaste isso bem claro – respondeu ele, demasiado ríspido, fazendo depois uma careta, reconhecendo os laivos de combatividade na sua voz e recuando cuidadosamente. – Olha, eu não quero discutir contigo outra vez por causa disso...

– Então não discutas.

Libby afastou-se da porta, de súbito desesperada por se pôr a mexer. Ezra seguiu-a, orbitando à sua volta até ela sentir que podia sufocar.

– Só estou preocupado contigo, Libby.

– Não estejas. – Um tom mais brando seria provavelmente uma ajuda. Não que lhe restasse algum, entretanto.

– Que esperas então que eu faça? – Ezra estava lamentoso e suplicante, de cabelo despenteado e descalço, um retrato de intimidade doméstica implacavelmente exposto à vista desarmada. – Tu voltas passados seis meses sem sequer avisar? Tudo bem. Não me podes dizer onde estiveste este tempo todo? OK, tudo bem. Mas agora tens pessoas a bater-te à porta a incomodar-te e estás a tentar... o quê? *Escondê-las* de mim?

– Sim. Porque isto não tem nada que ver contigo – declarou Libby, ainda ríspida de tão impaciente. – Eu sempre soube que não confiavas em mim, Ezra, não plenamente, mas isto está a ficar fora de controlo...

– Isto não tem que ver com confiança, Libby. Tem que ver com segurança. – Lá vem *isto* outra vez. – Se as coisas estão a ser de algum modo demasiado para ti ou se foste envolvida nalguma coisa...

Ela cerrou os punhos.

– Quer dizer que achas que sou suficientemente estúpida para me meter em sarilhos e que preciso da tua ajuda para me safar. É isso?

– Libby, não faças isso – suspirou ele. – És a minha namorada. És importante para mim. Para o melhor e para o pior, és minha responsabilidade e...

– Ezra, ouve-me com atenção, porque é a última vez que digo isto.

Deu três passos para encurtar a distância entre eles, pondo um ponto final na última discussão que pretendia ter naquele dia.

– Eu *não sou* – disse Libby terminantemente – tua.

Ela não quis esperar para ver se ele contestaria. A cara dele sugeria que, fosse o que fosse que aí vinha, não ia ser do agrado ela. Pensou em fazer a mala, reunir as suas coisas. Pensou em gritar ou chorar ou fazer exigências; criar uma grande confusão, em geral.

Contudo, por fim, era tudo tão esgotante que se limitou a virar as costas e a abrir a porta do apartamento, sem planos nenhuns além da certeza de querer resolver o assunto a caminhar.

Deixou que Ezra ficasse a olhar para ela a sair.

E logo: um casaco teria sido boa ideia. Tremeu no escuro, do lado de fora da pizaria que ficava em baixo no seu prédio, e desviou-se de um estudante universitário bêbedo enquanto olhava pelo quarteirão acima, na direção do

apartamento de Nico. Era uma ideia, sem dúvida, mas se alguém seria pouco solidário – ou até solidário, mas de uma forma que não ajudaria *em nada* –, essa pessoa seria Nico, que detestara Ezra à primeira vista.

Já para não falar de que, se fosse ter com Nico, teria de falar sobre a visita que acabara de receber.

– Elizabeth Rhodes? – perguntara a mulher com um sotaque do Bronx. Se não fosse a *écharpe* cara atada em torno do cabelo natural, podia tê-la confundido com um daqueles ativistas que paravam as pessoas na rua para falar sobre o ambiente ou o veganismo, ou quem sabe os riscos de colocarem em perigo as suas almas imortais. – Se me desse só um pouco do seu tempo...

Libby tremeu e afastou a recordação com um piscar de olhos, pondo-se a caminho da estação de comboios.

Questionava-se por que razão nunca ninguém os avisara de que outras organizações poderiam aparecer a recrutá-los. Atlas mencionara a existência do Fórum, é verdade, mas omitira que, durante dois dias do seu período de iniciação, eles estariam vulneráveis a possíveis interceções.

Seria algum tipo de teste, como fora a instalação? Estavam a testar a sua lealdade?

– Menina Rhodes, seguramente já terá pensado no elitismo natural da mera existência da Sociedade – dissera a mulher, Williams. – Mais ninguém da sua família tem treino de magia, pois não? Mas eu fico a pensar – devaneou Williams baixinho –, será que a Sociedade poderia ter salvado a sua irmã se tivessem partilhado o que sabiam?

Libby já se fizera essa mesma pergunta centenas de vezes. Na verdade, durante algum tempo, tirara-lhe o sono, especialmente depois de ter sido abordada pela primeira vez pela NYUMA. Os pensamentos, torturantes e destrutivos, eram sempre os mesmos: se ao menos tivesse sabido mais, ou se simplesmente tivesse recebido treino mais cedo, ou se alguém lhe tivesse dito antes...

Mas ela já sabia a resposta. Durante anos, fizera uma investigação minuciosa.

– Não há cura para doenças degenerativas – respondeu ela, com a confiança de alguém na posse de um triste e íntimo conhecimento sobre a matéria.

Williams arqueou uma sobrancelha.

– Não há mesmo?

As palavras PEDIDO RECUSADO começaram a flutuar-lhe pela mente contra a sua vontade.

Era alguma espécie de armadilha, de certeza. Fosse ou não um teste, era sem dúvida uma armadilha. Alguém estava a brincar com a sua história pessoal, usando-a para a manipular, e Libby não estava interessada em entrar nesse jogo. Se havia coisa que aprendera a trabalhar ao lado de Callum era que sentir demasiado ou com demasiada intensidade significava apenas que não estava a pensar com a cabeça.

Não era culpa da Sociedade, argumentara Libby em resposta, que o capitalismo impedisse a disponibilização dos cuidados de saúde medeicos aos mortais. Se os métodos medeicos fossem avaliados com base em critérios de empatia, então sim, muito bem, talvez se pudesse culpar a investigação por ser feita em privado – mas teria passado primeiro pelas corporações mortais e medeicas. Seria disponibilizada por um custo tão inflacionado que, mesmo que existisse uma cura, a sua família teria ido à falência só de tentar usá-la.

– Quer isso dizer então que a sua irmã mereceu morrer? – perguntou Williams sem rodeios. E fora por isso que Libby batera com a porta.

Havia anos que não falava sobre Katherine com ninguém. Nem mesmo com Ezra. É claro que pensava na irmã de vez em quando, mas só de longe, como algo de que quisesse manter uma distância de segurança. Por uma questão de saúde mental, ela deixara quase inteiramente de se questionar se alguma coisa poderia ter sido feita. A ideia de uma desconhecida trazer de repente tudo à superfície era um tanto ou quanto sinistra, e sem dúvida alguma indesejável. Especialmente se se considerar que Libby o tentara descobrir, mas sem sucesso.

Estaria a Sociedade por trás daquilo? Ele saberiam certamente de Katherine Rhodes, a quem Libby chamava Kitty em criança, e que os pais

havam legitimamente adorado. Katherine, que morrera aos dezasseis anos, quando Libby tinha treze, definhou numa cama de hospital sujeita aos caprichos de um corpo não mágico que a foi matando lentamente. Os administradores da NYUMA, quando lhes perguntou, haviam dito a Libby que as suas aptidões muito provavelmente só se materializaram depois do desgaste com a perda da irmã ter começado a desaparecer. Katherine, disseram eles, estivera doente durante anos, o que exigiu a maior parte da atenção dos pais, pelo que Libby não se teria concentrado nas suas aptidões mesmo que tivesse dado conta de que as tinha. Ia ser preciso trabalhar para apanhar o comboio, disseram.

– Eu podia ter salvado a minha irmã? – perguntara ela, porque a culpa de quem sobrevive tornava-se mais aguda em retrospectiva.

– Não – informaram. – Não existe nada que possa inverter os efeitos da doença dela, nem sequer abrandar.

Libby precisara de dois anos de investigação maníaca para provar que eles tinham razão e, depois, dois anos mais para finalmente sepultar os pensamentos sobre a irmã. Poderia não ter conseguido de todo se não fosse Nico. «Oh, anima-te lá, Rhodes, todos temos problemas. Isso não significa que tenhas o direito de desperdiçar o tempo que ela nunca teve» foi a forma como abordou a situação quando ela lho confessou no auge do delírio dos exames finais – claramente, aquela confissão foi um erro crasso – e Libby dera-lhe uma estalada na cara, acabando Ezra por intervir para a acalmar. Nico ficou de castigo e Libby disse a si mesma que seria melhor do que ele em todas as disciplinas, nem que se matasse.

Beijou Ezra pela primeira vez nessa noite.

A Sociedade saberia tudo isto, menos dos pormenores irrelevantes da sua vida pessoal. Saberiam de Katherine, por isso talvez aquilo *fosse* um teste – contudo, por outro lado, a história das suas origens podia ser facilmente descoberta por qualquer pessoa que o quisesse. Uma medeica tardia com uma irmã morta? Não seria lá muito complicado juntar as peças do *puzzle*, especialmente para uma organização com recursos substanciais. Ou a Sociedade sabia precisamente como a atormentar para lhe testar a lealdade

ou o Fórum quisera dar-lhe um motivo convincente para duvidar da Sociedade.

De qualquer forma, só havia um sítio onde Libby queria estar naquele momento.

Depois de deambular pelas ruas de Manhattan, deixando um fino rasto de fumo incandescente atrás de si, passou as portas que davam acesso à Grand Central e desceu as escadas, procurando os transportes medeiros que a levariam de volta a Londres. Tecnicamente, era demasiado cedo para voltar – todos haviam recebido indicação para não o fazerem antes do dia seguinte –, mas ela ajudara a construir a segurança, não é? Por duas vezes. Não havia nada nas guardas que conseguisse impedir a sua entrada. Para todos os efeitos, fora mais um pedido educado do que uma ordem oficial.

Libby transportou-se e atravessou as guardas que lhe deram acesso à propriedade onde estava a mansão, contornando a porta da frente e preferindo o portal de visitas da ala oeste. Voou pelo grande salão, preparando-se para virar à direita, para a sala de leitura, mas parou ao ouvir o eco distante de vozes; uma onda baixa de som, ou seja, sussurros. Franziu o sobrolho, escutando com mais atenção a ver se discernia pormenores e virou velozmente na direção contrária, encaminhando-se para a sala pintada.

Ah, então ela não fora a única a regressar.

Parisa e Tristan estavam no chão da sala pintada, bebendo de uma garrafa de alguma coisa, de costas voltadas para o fogo crepitante da lareira. Haviam deixado o resto da sala às escuras, a mesa e os livros envoltos na sombra, os cortinados abertos em torno da abside circular convidavam a noite sem luar a entrar.

Normalmente, quando Libby entrava nesta sala, via-a como no dia em que parara o tempo com a ponta dos dedos: a luz aquecia o teto abobadado pintado, o relógio indistinto sobre a lareira, a palma da mão de Tristan levíssima como uma pluma sobre o peito dela. Mas agora sentia as coisas de maneira diferente. Como uma intrusa num mundo diferente, num universo distante.

Parisa, injustamente bela com sempre, tinha a cabeça pousada no colo de Tristan, o cabelo escuro derramado sobre as suas coxas; a racha do seu elegante vestido justo estava tão para cima que mostrava toda a extensão da sua perna, quase até à anca. De igual modo, a camisa de Tristan estava entreaberta, deixada assim parcialmente desabotoada para revelar a curva do tórax sob a sombra da clavícula. Tinha um sorriso lânguido enrolado nos lábios, como se estivesse parcialmente distorcido pela garrafa que ergueu na sua direção. Ele engoliu com uma gargalhada, ao passo que Parisa se levantou às cegas, roçando-lhe os lábios com a ponta dos dedos.

Quando os viu, o tempo voltou a parar para Libby. Como se tivesse sido enfeitiçada.

É claro que Libby já sabia que Parisa e Tristan andavam a dormir juntos. Bem – não *sabia* propriamente, mas não ficou surpreendida ao deparar com provas disso. Não havia muitas opções naquela casa, e Nico já dissera claramente que Parisa era a sua primeira escolha, por isso, podia alguém ficar surpreendido que fosse também a de Tristan?

Libby pensou novamente na mão de Tristan no pulso dela e engoliu em seco, desviando o pensamento para o lado.

Não que ela se importasse com o que eles faziam. Afinal de contas, ela tinha namorado. Um namorado com quem tinha acabado de discutir.

Um namorado com quem preferia não estar. Mas...

Mas.

Ainda assim, um namorado.

– Bem, estás cá com um ar angustiado – observou Parisa. Endireitou-se, tirando a garrafa da mão de Tristan, quando reparou em Libby junto à porta. – Se calhar devias juntar-te a nós.

Libby pestanejou, apanhada desprevenida. Não se apercebera de que eles a tinham visto.

– Eu... – começou ela e vacilou. – Isto é obviamente privado, por isso...

– Bebe alguma coisa, Rhodes. – A voz de Tristan ressoou baixinho, os seus olhos estavam sombriamente divertidos. – Estás claramente a precisar de uma bebida.

– Nós não mordemos – acrescentou Parisa. – A menos que gostes, claro.

Libby olhou sobre o ombro, ainda atraída pela ideia de sair da sala de leitura.

– Eu ia só...

– O que quer que seja, amanhã de manhã ainda lá está, Rhodes. Senta-te. – Tristan chamou-a com o queixo, apontando para o lugar ao lado dele no chão.

Libby hesitou, pouco certa de aquela companhia ser a escolha ideal, mas a ideia de não estar sozinha era... tentadora. E Tristan tinha razão, quer tivesse consciência disso quer não. Levar-se a si própria à loucura uma vez mais era coisa que podia facilmente empreender de novo no dia seguinte.

Avançou, e Parisa fez um sorriso de aprovação, estendendo-se para lhe entregar a garrafa. Libby deixou-se cair no outro lado de Tristan, tomando um trago.

– Pffff – disse ela, estremecendo com o ardor. – O que é isto?

– Conhaque – disse Parisa. – Com mais alguns condimentos fermentados.

– E isso quer dizer...?

– Absinto – disse Tristan. – É absinto.

– Oh. – Libby engoliu, um pouco tonta com o efeito de um só gole.

– Deixa-me adivinhar – suspirou Parisa, estendendo-se por cima de Tristan para tirar a garrafa das mãos de Libby. – Não costumavas beber lá muito?

– Não especialmente – respondeu Libby.

Parisa levou novamente a garrafa aos lábios, que estavam manchados de um vermelho-escuro. O vestido era azul-marinho, quase preto, e Libby desejou instantaneamente ter a sofisticação que era necessária para conseguir aquilo.

– Podes consegui-lo quando quiseres – observou Parisa, rindo-se para dentro da garrafa.

Libby sentiu as faces a corar. Mesmo com as suas melhores tentativas de defesa telepática, Parisa ouvia sempre mais do que Libby queria.

– Queria só dizer que eu nunca conseguiria usar nada tão... – Tossiu. – Eu só não me dou lá muito bem com a moda.

Parisa debruçou-se para a frente, devolvendo a garrafa a Libby. A tira do vestido escorregou-lhe despreocupadamente pelo ombro, adornando-lhe o braço e flutuando sobre algo que, Libby percebia agora, implicava a ausência de *soutien*.

– Eu quis dizer literalmente – disse Parisa quando Libby levou a garrafa aos lábios e, quando Libby se engasgou ao engolir, Tristan riu-se.

– Também deves ter recebido uma visita do Fórum – disse ele a Libby, que ainda mal tinha recuperado de um ataque de tosse com sabor a absinto. – Diz lá que revelação profundamente pessoal fizeram sobre ti?

– Diz-me tu – respondeu Libby, dando mais um trago. A última coisa que queria estar nesta conversa era sóbria. Fosse como fosse, ela já se sentia sempre juvenil e desajeitada.

– Bom, no meu caso é muito aborrecido, infelizmente. O meu pai é um patrão do crime, a história de sempre – disse Tristan, acrescentando, ao ver a confusão no rosto de Libby: – É mesmo má rês. Mas um feiticeiro à maneira.

– Ah, é?

– Nunca ouviste falar do Adrian Caine? – perguntou Tristan. Libby abanou a cabeça e o sorriso desdenhoso de Tristan quebrou-se ligeiramente. – Estou a brincar. Não estava propriamente à espera de que circulassem pelo submundo reles de Londres.

– Ele é como o Padrinho? – perguntou Libby.

– Um bocadinho – disse Tristan. – Só que menos paternal. – Tirou-lhe a garrafa da mão, sem esperar que ela a soltasse para beber um longo trago. – Ele ia adorar-te – acrescentou depois de engolir, abanando-se a si mesmo como um cão ao sentir o ardor.

Libby olhou-o de esguelha, esperando para ver se aquilo pretendia ser um insulto. Tristan devolveu-lhe o olhar, arqueando uma sobrancelha, na expectativa.

Não parecia ser.

– E, como é evidente, eu sou uma prostituta – disse Parisa, enquanto Libby se engasgava novamente ao engolir. – Imagino que haja uma palavra

melhor para o descrever, mas neste momento não me apetece pensar em nenhuma.

– Acompanhante, talvez? – perguntou Tristan.

– Não, nada tão profissional. Mais como uma promíscua excecionalmente talentosa – disse Parisa. – Começou pouco depois de eu acabar os estudos em Paris. Não – corrigiu, fazendo contas de cabeça –, tecnicamente, acho que começou quando eu ainda estava *a estudar*, embora na altura fosse apenas um passatempo. Estás a ver, como os Jogos Olímpicos, que só celebram as façanhas dos amadores.

Libby deixou Tristan fazer as perguntas de seguimento.

– Começou com um professor, imagino eu? – perguntou.

– Sim, claro. Os académicos são os mais brutalmente carenciados, ou disso continuam convencidos. Na verdade, são todos igualmente obscenos, só que vivem num fragmento tão estreito da realidade que nunca sairiam dos seus gabinetes para ver quem mais também anda a foder.

– A foder-te a ti, queres dizer, ou a foder em geral?

– Em geral – confirmou Parisa –, mas a mim também.

Tristan riu-se entredentes.

– E a partir daí?

– Um senador francês.

– Mas que grande salto.

– Nem por isso. Os políticos são os que menos têm capacidade para discernir e são os primeiros a perder a validade. Mas é sempre importante ter um e depois tirá-lo do nosso sistema.

– Mas foi agradável, ao menos?

– Nada mesmo. O meu caso mais curto e aquele de que gosto menos.

– Ah. E depois do senador...?

– Um herdeiro. E depois o pai dele. E depois a irmã. Mas nunca gostava muito das férias em família.

– Perfeitamente compreensível. Tinhas um favorito?

– É claro – disse Parisa. – Eu simplesmente adorava o cãozinho.

Libby passou os olhos de um para o outro, estupefacta. Não conseguia perceber como eles podiam falar tão abertamente e com tamanho... *ânimo*

leve sobre as conquistas sexuais de Parisa.

– Oh, isto reconforta-o, na verdade, não que alguma vez o venha a admitir. Saber a verdade sobre a minha natureza sórdida confirma apenas as suspeitas mais fundas de Tristan sobre a humanidade – respondeu Parisa aos pensamentos interiores de Libby, captando-lhe o olhar de esguelha. – Tenho a certeza de que o Tristan poderia ser apunhalado a meio de um orgasmo e ainda assim arranjar forças para grunhir «Eu tinha razão» antes de sucumbir ao cavernoso beijo da morte.

– Não estás errada, mas a partir de agora vou ter cuidado com as facas – disse Tristan com ambivalência, o que deveria ter sido uma confirmação da sua relação com Parisa, mas pelo contrário só deixou Libby ainda mais perplexa.

Eles tinham alguma coisa ou nem por isso?

– Não temos – disse Parisa –, além disso, ele gosta de ti, Rhodes. Não gostas, Tristan? – perguntou ela, virando-se para ele.

Tristan susteve o olhar de Parisa por instantes, enquanto as entranhas de Libby se retorciam num silencioso desconforto, o resto do corpo sem saber como reagir. Era uma piada, obviamente. Era verdade que Parisa lia pensamentos, mas não era isso. Estava apenas a provocar.

Não estava?

– Não desgosto da Rhodes, acho eu – foi a resposta dececionante de Tristan, no momento em que Libby decidiu bruscamente que agora seria o momento perfeito para uma mudança imediata de assunto.

– Então o Fórum tentou... chantagear-vos? – perguntou-lhes Libby, pigarreando. – Extorquir alguma coisa ou algo parecido?

– Qualquer coisa do género – confirmou Parisa revirando os olhos. – Até teria pensado seriamente naquilo, mas foi tão desagradável a forma como abordaram a questão. Tão desavergonhada e direta. – Ela estremeceu, em reprovação. – Já tive casos tórridos com menos indecência.

– Chegaste mesmo a *pensar* nisso? – disse Libby atabalhoadamente a meio de um gole, um tanto ou quanto incapaz de distinguir entre o ardor que sentia no estômago e o que lhe assomava ao peito diante daquela ideia.

– A sério? – A sua voz, para sua grande consternação, esganiçara de tão incrédula. – Mas e se é...

– Uma armadilha? Duvido – disse Parisa. – Não me parece o estilo da Sociedade.

– Mas a instalação...

– Foram eles a atirar-nos aos leões – atalhou Tristan –, mas, tecnicamente, não foi uma armadilha.

Libby supôs que ele tinha razão, mas fez um ar severo ao lembrar-se da afirmação original de Parisa.

– Ainda assim. Pensaste em aceitar a proposta do Fórum?

– Oh, é claro que sim – confirmou Parisa, tirando a garrafa da mão de Libby e parando-a a meio caminho em frente de Tristan. Eles trocaram um olhar; a sobrancelha de Tristan ergueu-se. Depois ele inclinou a cabeça para trás, deixando que Parisa lhe vertesse um pouco de absinto pela garganta abaixo. Lambeu o excesso de humidade dos lábios, suprimindo uma gargalhada quando Parisa o derramou pelo queixo abaixo. – Ups – disse ela, limpando-o com a ponta macia do polegar, inclinando de novo a garrafa de encontro aos seus lábios. – Seja como for – disse Parisa, bebendo um gole e entregando a garrafa de novo a Libby –, ainda não tenho propriamente motivos para declarar a minha lealdade à Sociedade. Não fui iniciada, pois não?

– Pois, é verdade que não – concedeu Libby, fazendo uma careta ao aceitar a garrafa. – Mas não é na mesma um pouco...

– Desleal? – adivinhou Parisa. – Talvez, embora eu não seja propriamente famosa pela minha fidelidade. – Lançou a Tristan um olhar de soslaio. – E tu?

– Eu? Eu sou homem de uma só mulher, menina Kamali – disse Tristan, meio a sorrir. – A maior parte do tempo.

– A maior parte do tempo – repetiu Parisa em tom de aprovação. – Mas seguramente não o tempo todo?

Libby sorveu longamente da garrafa, sentindo subitamente que precisaria de muito mais de fosse qual fosse o veneno que continha.

– Porquê, hum... – começou Libby, e Parisa virou-se para ela. – Posso perguntar-te...?

– Porquê sexo? – desafiou Parisa, e as faces de Libby arderam novamente, absolutamente mortificadas. – Porque gosto, Elizabeth. E porque a maioria das pessoas são idiotas que pagam por isso e porque a existência na sociedade custa dinheiro.

– Sim, mas não é... – deteve-se. – Bem...

– Queres saber se não acho degradante fazer sexo com pessoas em troca de dinheiro – adivinhou Parisa sem rodeios –, é isso?

Imediatamente, Libby desejou não ter dito nada.

– É que és tão talentosa e...

– E dou um bom uso aos meus talentos – concordou Parisa, enquanto Libby levava de novo desajeitadamente a garrafa aos lábios, nem que fosse para ter o que fazer com as mãos. – E são atitudes como a tua que me dão a garantia de que nunca serei rejeitada. Afinal de contas, se todos pudéssemos ter sexo satisfatório e sem limites sempre que nos apetecesse, porque nos daríamos alguma vez ao trabalho de sermos monogâmicos? Estigmas como o teu mantêm-te subjugada, sabes? – declarou Parisa, dando um toque para cima na garrafa de Libby para garantir um trago mais longo.

Libby sentiu o líquido a derramar-se pelos lados da boca e fechou os olhos lacrimejantes enquanto Parisa se ria, puxando a garrafa. O sabor do anis marinava a espessura da língua de Libby, estranho e agridoce.

– Nunca achas detestável a necessidade de apego emocional? – murmurou Parisa, roçando a garganta de Libby com a ponta dos dedos para depois brincar indolentemente com a ponta dos cabelos. – Os homens, especialmente, são esgotantes, tiram-nos tudo até ficarmos secas. Exigem que lhes carreguemos os fardos, que lhes corrijamos os males. Um homem está sempre à procura de uma boa mulher, mas o que nos dá em troca?

Centelhas da irritação de Libby com Ezra foram-se filtrando na sua mente.

– Num outro dia, eu teria uma melhor resposta para isso – resmungou e sentiu a recompensa da gargalhada mais desdenhosa de Tristan contra o

seu cotovelo. Mudou de posição no chão, encostou-se ao seu peito e deixou que a vibração do seu regozijo lhe atravessasse agradavelmente os ossos. –

Mas a verdade é que tu és telepata, Parisa. Os telepatas são raros e tu és excepcionalmente boa. Eu só... – Libby encolheu os ombros. – Não percebo o que tens a ganhar com isso.

– Tu fazes coisas para te facilitar a vida, não fazes? – perguntou Parisa. –

Não usas magia para subir as escadas, mas não deixas de desafiar a gravidade, pois não?

– E depois? – perguntou Libby. Tristan inclinou-se para agarrar a garrafa, roçando os dedos nos dela enquanto ela se deixava cair ainda mais no abrigo que era o seu tronco. – Não percebo o que tem isso que ver com a conversa.

– Bem, porque, para ti, o sexo é puramente físico, quando na verdade a mente se abre, a par de tudo o resto – disse Parisa. – Tentar controlar a mente de uma pessoa, para a sujeitar à minha, é um desperdício de tempo. Quando ele está dentro de mim, mal tenho de levantar um dedo para saber precisamente o que ele é, o que quer. Ele diz-mo sem eu lho pedir. E para quê impor as minhas exigências à força, desperdiçando energia e esforço? Posso obter a lealdade das pessoas bastando para isso oferecer-lhes algo que querem mais do que tudo, e que a mim não custa nada dar.

Aquilo fez algum sentido a Libby. O braço de Tristan deslizou por trás das costas dela quando ajustou a posição, roçando no centímetro de pele entre o cimo das calças e a bainha da camisola. Involuntariamente, ela olhou para baixo, para o seu peito.

Tinha ali uma cicatriz fina.

– Por isso tu usa-los – disse Libby, pigarreando e voltando de novo a atenção para Parisa. – Os teus... amantes?

– Eu *desfruto* deles – disse Parisa – e eles desfrutam de mim.

– São só homens?

Parisa fez uma pausa para humedecer os lábios, tenuamente a sorrir.

– A maioria das mulheres, mais do que estarem apaixonadas pelos parceiros que escolheram, sentem-se simplesmente desesperadas pela sua aprovação, anseiam pela sua devoção – disse ela. – Na maior parte das

vezes, querem ser tocadas como mais ninguém as sabe tocar, e a maioria pressupõe erradamente que para isso é preciso romantismo. – Esticou-se para a frente, tirando a garrafa da mão de Libby. – Mas no momento em que percebemos que nos podemos sentir realizadas sem o fardo de pertencer a outro, que sentimos a experiência de arrebatamento sem sermos a outra metade de alguém, presas às suas fraquezas, às suas falhas e aos seus fracassos e às suas muitas fraturas insuportáveis, então somos livres, não é?

Libby precisou de um instante para perceber que Parisa pousara a garrafa, como que esquecida. Ao invés, Libby estivera a sentir o braço de Tristan contra o fundo das costas, a cheirar as rosas do cabelo comprido de Parisa, derramado como uma cortina ao seu alcance. Via o pequeno brilho de álcool nos lábios de Parisa e a tira do vestido de seda que ainda não pusera no lugar, escorregando ainda mais pelo ombro abaixo. Libby ouvia a sugestão subtil na voz de Parisa, tão condimentada como o absinto, tão quente como o ruidoso crepitar da lareira.

– Subestimas o teu poder, Libby Rhodes – disse Parisa.

Libby susteve a respiração quando Parisa se aproximou, encavalitando-se um pouco no colo de Tristan para segurar no rosto de Libby, desviando suavemente o cabelo que caíra para as faces. Libby, paralisada, manteve-se totalmente imóvel enquanto os lábios de Parisa roçavam nos seus, quentes e macios. Delicados e convidativos. Arrepiou-se um pouco apesar do calor e, entretanto, a mão de Tristan percorria-lhe a espinha, deslocando-se cuidadosamente pelos seus relevos. Libby devolveu o beijo de Parisa a medo, muito levemente.

– Estás a fazer pouco de mim – sussurrou Libby na boca de Parisa, murchando um pouco em agonia.

Parisa recuou até meio caminho, parando para olhar para Tristan.

– Beija-a – sugeriu. – Ela tem de ser convencida.

– E deixas-me a mim a tarefa de a convencer? – questionou Tristan com segura, enquanto o coração de Libby lhe pulsava dentro do peito. – Pensava que essa era a tua especialidade.

Parisa olhou para Libby, rindo-se melodiosamente.

– Oh, mas ela não confia em mim – murmurou Parisa, estendendo a mão para brincar de novo com o cabelo de Libby. – Tem curiosidade em relação a mim, é verdade, mas se eu o fizer, ela vai simplesmente pôr-se de pé e desatar a correr.

Ela deixou cair a mão, deslizando a palma em torno das tiras das costelas de Libby.

– Não estou a fazer pouco de ti. – Parisa procurou tranquilizar Libby com brandura. – Adoraria provar-te, menina Rhodes – devaneou, e Libby arrepiou-se de novo. – Mas não é só isso. Tu és útil, Libby. És poderosa. Tu – concluiu Parisa com outro beijo fugaz – és uma pessoa que vale a pena conhecer bem e plenamente, e... – Deteve-se, as pontas dos dedos a afagar o interior da coxa de Libby. – Talvez a fundo.

Libby sobressaltou-se com o som que saía dos seus lábios. Parisa ergueu uma sobrancelha conhecedora, voltando-se para Tristan.

– Beija-a – disse Parisa novamente. – E beija-a bem.

– E se ela não me quiser? – perguntou Tristan, relanceando na direção de Libby.

No momento em que os seus olhos se encontraram, Libby tentou evocar Ezra: o seu cabelo selvagem ou a sua intimidade, ambas coisas que ela – em tempos – adorara. Tentou pensar nalguma coisa, qualquer coisa, que lhe lembrasse que o deixara em casa, que o deixara para trás, mas via apenas vislumbres da sua própria frustração, da sua fúria, da sua irritação. Tentou, em vão, vê-lo.

Ao invés, via apenas Tristan.

Impotente, Libby sentiu o bater do coração do mesmo modo que já sentira o toque de Tristan, saltando em ricochete através do seu peito como tambores tribais. Ela parara o tempo com ele, uma vez. Era este o problema: que dentro daquelas paredes ela não era de Ezra, não era uma das suas bugigangas ou posses ou animais de estimação, mas inteiramente ela própria. Ela parara o tempo! Ela recriara um mistério do universo! Ali, ela agira como bem queria e fizera-o bem.

Era poderosa sozinha. Não precisava da supervisão de Ezra. Não a queria.

– Vais ter de me dizer o que queres, Rhodes – disse Tristan, à espera, e se a sua voz parecia conter uma espécie de aspereza, poderia ser do absinto. Ou poderia ser o facto de estar a olhar para ela como se já a tivesse despido, já a tivesse beijado, já lhe tivesse arrancado a roupa interior pelas pernas abaixo com os dentes. Como se já estivesse a levantar os olhos para ela do fundo da cama, os ombros largos encaixados entre as suas coxas.

– Digo-lhe eu ou dizes tu? – perguntou Parisa com uma gargalhada tranquila, lançando a Libby um olhar conhecedor. Ela afagou a face de Tristan com o nó de um dedo, provocando-o ao longo do osso até lhe roçar a boca, junto aos lábios.

Libby não conseguia decidir o que era mais perturbador; os pensamentos que estava a ter sobre Tristan ou o facto de Parisa os poder ver e ainda não acreditar que Libby era capaz de ir atrás do que queria.

E que *queria* ela?

Libby olhou para Tristan e sentiu-o novamente; aquela pequena oscilação, a pulsação do tempo a parar. Fora tão diferente do que era habitual nela, tinha muito mais que ver com sentimento e instinto do que tudo o que fizera antes. Quer fosse uma consequência da perda da irmã ou se devesse à sua própria psique, ela pensava constantemente, implacavelmente. Oscilava sempre entre estados de preocupação ou apreensão ou, na maioria dos casos, de medo. Medo de ser incompetente, medo de falhar. Medo de fazer errado, fazer mal feito. Medo de ser a filha decepcionante que viveu em vez da filha brilhante que morreu. Tinha medo, sempre, exceto quando dava provas da sua capacidade diante de Nico ou quando era tocada por Parisa. Ou quando deixava Tristan conduzi-la às cegas, obrigando-a a confiar em coisas que não conseguia ver.

Segurou no rosto de Tristan com uma mão e puxou-o para si, arrastando os lábios dele de encontro aos dela, e ele soltou um som dentro da sua boca que era simultaneamente surpresa e alívio.

Ela beijou-o.

Ele devolveu-lhe o beijo.

Já era uma emoção suficientemente forte ter a língua de Tristan dentro da sua boca, o braço apertado em torno das costelas, mas então Libby quis

ir mais longe, encontrando a seda do vestido de Parisa. A mão de Parisa deslizou pelas coxas de Libby e, quando Tristan se afastou, ofegante, Parisa beijou o pescoço de Libby, desenhando com a ponta da língua uma linha ao longo da garganta. Libby enfiou uma mão desajeitadamente pela coxa de Parisa acima e Tristan gemeu dentro da boca de Libby; um indício de que a outra mão de Parisa teria certamente encontrado um sítio igualmente conveniente.

Aquilo estava mesmo a acontecer? Parecia que sim. Resquícios do absinto ardiam dentro do peito de Libby, dispersando-lhe os pensamentos. Tristan puxou-a para o seu colo e Parisa puxou-lhe a camisola, atirando-a para o lado para junto da garrafa quase vazia.

Por um momento, um pensamento quase lúcido perpassou a mente de Libby, antes de tudo voltar a ser sensações básicas: mãos, línguas, lábios, dentes. De algum modo, o peito de Tristan estava nu e ela enterrou as unhas nas fibras do seu músculo, a pele lançando faíscas onde ela a tocasse.

As coisas avançaram precipitadamente, drasticamente, euforicamente. Ela sentiu o sabor de ambos, como tragos da garrafa, e cada um dos dois tomou-a como quem alcança o derradeiro triunfo. Se se arrependeria daquilo, isso decidir-se-ia no dia seguinte.

– Não me deixes acordar sozinha – sussurrou ao ouvido de Tristan, e foi tudo calmo e frágil, cristalino, como um vidro a partir-se, a farpa de uma fratura finíssima que se esgueirava de uma base instável. A sua vulnerabilidade era despropositada entre a abundância de pecados, mas ela não queria saber. Queria o cabelo de Parisa a envolver-lhe os nós dos dedos, queria que Tristan a pusesse em posições que lhe dava calafrios só de pensar em as narrar, mas queria isso também. Estar ligada a uma pessoa inegavelmente, mesmo que temporariamente, pelo menos até romperem os primeiros raios ofuscantes de luz.

Fugazmente, num recanto da mente, Libby sabia que tudo seria sempre diferente entre eles a partir de agora, era irreversível, e uma parte mais sã dela questionou-se se teria sido desde sempre essa a intenção de Parisa. Ela já praticamente dissera com as letras todas que o sexo era uma forma de afirmação do controlo – de criar elos, cadeias de obrigação, onde antes não

havia nenhuma –, mas quer Libby estivesse a ser usada ou manobrada ou devorada, não queria saber, não queria saber, não queria saber. Bastava-lhe provar o sabor, sentir, tocar, em vez de pensar. Bastava essa liberdade de sentir.

Bastava, uma vez na vida, *sentir*, e nada mais.

• CALLUM •

Acontecera alguma coisa com Tristan. Tornou-se imediatamente evidente quando Callum regressou à casa da Sociedade em Londres, onde chegara ao final da tarde, depois de passar em Mikonos os dois dias de folga obrigatórios. (Não fazia tensões de regressar à Cidade do Cabo, onde a probabilidade de contarem com ele para trabalhar seria infelizmente demasiado elevada para correr o risco.) No preciso momento em que passou as guardas, Callum pusera-se a esquadrihar a casa, começando pelos poisos matinais mais prováveis de Tristan: a biblioteca, para tomar um chá, ou a sala de leitura, para investigação. Callum, que tivera uma visita muito interessante durante o tempo que esteve fora, estava em pulgas para partilhar com Tristan notícias muito relevantes – nomeadamente, que alguém ou, naquele caso, todos haviam omitido um senão muito importante do alegado processo de *eliminação* da Sociedade.

Contudo, ao invés, encontrou Tristan de pé junto à soleira da sala pintada, a olhar pasmado para a porta.

– Imagino que tenhas tido uma visita do Fórum – começou Callum, calando-se em seguida. Tristan estava com um ar mais esgazeado do que de costume, como se tivesse estado acordado a noite toda, e emitia ondas de vapores de remorso e náuseas. – Jesus – disse Callum ao inspecioná-lo mais de perto, desconcertado. – Mas em que raio te meteste enquanto estivemos todos fora?

– Nada. Estou só um bocadinho estourado – foi a resposta que balbuciou, a raiar a incoerência. A voz de Tristan era áspera e grave e o ar

da mais absoluta infelicidade que tinha no rosto era o suficiente para provocar em Callum uma enxaqueca em segunda mão.

– E também com os copos, ao que parece. – Normalmente, Tristan era mais competente a conter-se na bebida; era uma das principais razões para Callum gostar dele. Havia muito valor num homem que, por norma, se conseguia manter de pé.

– Bêbedo que nem um cacho – confirmou Tristan, virando-se lentamente para olhar Callum de frente e segurando a cabeça com a mão. – Até fazia alguma coisa para resolver isto, mas a simples ideia de lidar com qualquer coisa soa positivamente esgotante.

Compreensível. A maioria das pessoas sofria de ressaca e os medeiros ainda mais. O álcool era veneno, afinal de contas, e a magia era facilmente corrompida.

– Pronto – disse Callum, chamando Tristan para si e pressionando o polegar no sulco entre as sobrancelhas. – Melhor?

Não era preciso muito para aliviar uma dor de cabeça. Ainda menos para levar alguém a *sentir* o alívio da dor de cabeça.

– Bastante. – Tristan dirigiu a Callum um olhar fugaz de gratidão. – Desfrutou das luxuriantes praias da Grécia, Majestade?

– Foste convidado, se bem te lembras.

– Sim, e claramente devia ter ido.

– Enfim – disse Callum –, fica para a próxima. Em todo o caso, há uma coisa muito interessante que achei que valia a pena saberes.

– Se é sobre o Fórum, também recebi uma visita. De um tipo um tanto ou quanto desagradável, se me permites dizê-lo.

– Na verdade, não – disse Callum. – Ou, pelo menos, não totalmente. – Apontou lá para fora. – Queres caminhar um bocado? O ar fresco é capaz de te fazer bem.

No jardim, que albergava rosas de todas as variedades, a temperatura era sempre tolerável, apesar de haver neve. Dentro de casa, um estrépito indicou que Nico regressara, bem como Reina e, presumivelmente, Libby.

– Imagino que agora se espere que fiquemos para todo o sempre gratos pela oportunidade de ouvir falar do seu amantíssimo namorado – suspirou

Callum.

Para sua surpresa, Tristan ficou rapidamente desconfortável, sem saber o que fazer.

– Imagino que sim – balbuciou ele, e Callum fez uma careta. O que o desconcertou não foi o desconforto, mas sim a evidente mudança de atitude; Tristan estava a usar magia para o manter do lado de fora, para evitar ser interpretado. Os outros faziam-no com frequência, erguendo escudos intangíveis sempre que Callum se aproximava, mas nunca Tristan, que o teria considerado um desperdício de esforço.

Estranho.

– Mas enfim – disse Callum –, esta Sociedade tem um mecanismozinho interessante. A «eliminação», como lhe chamam? Se calhar é uma designação demasiado literal.

Não fora difícil encontrar a verdade no centro das intenções do recrutador do Fórum. Parecia que, embora o conteúdo da coleção da Sociedade se mantivesse em segredo, a sua verdadeira natureza não era segredo nenhum.

– Um candidato – disse Callum, chegando-se mais perto – tem de morrer.

Já previa que Tristan assumisse uma atitude rígida ou que cerrasse o seu olhar sombrio, como era habitual. Quem sabe Tristan até confirmasse que já estava desconfiado, algo que estava quase sempre. Era um homem que adorava tanto a sua própria misantropia que certamente seria menor o seu horror ao conhecer a verdade do que a ausência de surpresa ao ser ele próprio a desvendá-la.

– Isso é uma loucura – disse Tristan, sem nenhum sentimento particular. O maxilar de Callum contraiu-se, irritado.

Quer dizer que Tristan já sabia.

– Não me contaste nada – registou Callum em voz alta, e Tristan ergueu os olhos, com uma careta.

– Acabei de descobrir e tinha-me esquecido por momentos.

– Tinhas-te *esquecido*?

– Bom, eu... – atrapalhou-se Tristan, levando por momentos a parede de neutralidade a vacilar. – Eu disse-te, foi uma noite estranha. Ainda não a consegui processar totalmente.

Se havia forma de descrever esta versão de Tristan, a palavra certa seria «inacabada».

– Poderias desenvolver em voz alta – desafiou Callum. – Afinal de contas, ficaste ostensivamente a saber que um de nós vai ter de ser assassinado. – Eriçou-se, irritado, por não ter sido ele a revelar aquele pedaço trivial de informação. – Quem te disse? Não, não respondas – resmungou ele pensando melhor. – Foi a Parisa, não foi? Estiveste com a Parisa ontem à noite.

Tristan pareceu aliviado.

– Sim, estive, mas...

– Como é que ela sabia?

– Ela não disse.

– Não perguntaste? – Incompreensível. Nas circunstâncias habituais, Tristan teria feito exigências.

– Eu... – Tristan deteve-se, novamente indeciso. – Estava distraído.

Callum contraiu-se. É claro que Parisa aproveitara a oportunidade para assegurar a sua aliança com Tristan da única forma que sabia. Callum fora o principal confidente de Tristan durante meses; seguramente ela entretanto já sentira essa perda e tentara fazer alguma coisa para a sanar.

– Tu sabes – observou Callum – que nenhum destino é tão fatal como a traição. A confiança, quando morre, não pode ser ressuscitada.

Tristan levantou os olhos bruscamente.

– O quê?

– Com a Sociedade – explicou Callum suavemente. – Estão a mentir-nos, ou pelo menos estão a induzir-nos em erro. Como vamos reagir?

– Imagino que haja um motivo...

– Tu – repetiu Callum e depois riu-se trocista. – *Tu* imaginas que há um *motivo*, a sério?

– Bem, e é de admirar? – disse Tristan na defensiva. – Seja como for, se calhar é mais um truque. Um teste.

– O quê, fazerem-nos apenas *pensar* que vamos ter de matar alguém? Claramente não estás a compreender os danos de um tal exercício – disse Callum rudemente. – Não há nada mais destrutivo do que o pensamento, e especialmente um pensamento que nunca pode ser revogado. No momento em que um grupo de pessoas decide que se pode livrar de alguém para todo o sempre, o que achas que acontece a seguir?

– Estás a dizer que não o farias?

– É claro que não estou a dizer isso. Mas sucumbir às exigências de uma Sociedade cuja condição necessária de admissão é o sacrifício humano? Podes simplesmente dizer-me que aceitaste sem questionar. – Pelo menos disso Callum tinha a certeza. – Nem a Parisa o ponderaria, a menos que tivesse alguma coisa significativa a ganhar. Quanto aos outros, a Reina ia estar-se a marimbar e talvez o Varona pudesse ser convencido, mas de certeza que a Rhodes...

Callum parou, refletindo sobre a ideia.

– Segundo este critério, não vejo outra pessoa a ser eliminada que não a Rhodes.

– O quê? – Tristan levantou a cabeça de supetão.

– Quem mais havia de ser? – perguntou Callum, impaciente. – A única pessoa com menos amigos do que a Rhodes é a Parisa, mas ela pelo menos é útil.

– Não achas que a Rhodes é útil?

– Ela é metade de uma unidade – disse o Callum. – O Varona tem exatamente os mesmos talentos que a Rhodes, mas numa versão menos detestável.

– O Varona não é a Rhodes – disse Tristan, deixando que as bordas do seu escudo tremessem um pouco. – Não são intercambiáveis.

– Oh, para com isso. Tu só não te consegues imaginar a matar a Rhodes porque seria como afogar um gatinho – disse Callum. – Ia fazer um estardalhaço o tempo todo.

– Eu... – Tristan desviou-se, nauseado. – Nem acredito que estás mesmo a discutir isto.

– Tu é que parecias estar completamente imperturbável com a ideia de nos ser pedido que cometamos um assassinato – salientou Callum. – Estou só a tentar descortinar como estás a pensar que a coisa vai acontecer.

– O Varona nunca concordará em matar a Rhodes – disse o Tristan. – Nem a Parisa.

– Vão ter de escolher alguém, não vão?

– Talvez me escolham a mim – disse Tristan, piscando os olhos rapidamente. – Talvez devessem fazê-lo.

– Oh, por amor da santa, Tristan. – Um pequeno fusível do temperamento de Callum disparou. – Tens mesmo de ser sempre tão pequenino?

Tristan fuzilou-o com os olhos.

– Queres dizer que devia ser mais como tu, é isso? – Aquela conversa obviamente não ia a lado nenhum.

– Vai fazer uma sesta – disse Callum, virando as costas e afastando-se, chateado. – És uma grande seca quando estás cansado.

Tivera a esperança de fazer uma espécie de sessão estratégica, para determinar qual dos outros lhes seria mais tolerável perder, mas parecia que Tristan naquele momento estava a lidar com tudo com uma excepcional imbecilidade. Callum caminhou a passo pomposo pelos corredores fora e estava a regressar ao quarto quando quase esbarrou contra Libby.

– Rhodes – disse ele rudemente, e ela levantou os olhos, as cores fugiram-lhe do rosto, passando depois por ele apressadamente sem dizer palavra.

Se havia coisa que Callum detestava em si mesmo era a prisão da sua própria dedução. Quer dizer então que Libby e Tristan estavam a sofrer da mesma intolerável doença humana da vergonha e do alcoolismo. Que maravilha. Era evidente que alguma coisa acontecera entre os dois, e Tristan não lhe contara nada.

Uma vez mais, Tristan não contara nada.

Callum entrou no corredor dos quartos privados e abriu a porta do quarto de Parisa, fechando-a atrás de si.

– Não – disse Parisa preguiçosamente. – E também não te incomodes com a Reina. Bem... não, pensando melhor, até gostaria mesmo muito de ver – divagou ela, erguendo a cabeça, apoiando-a com uma mão. – Suspeito que te morderia a pila se sequer tentasses. Vamos apostar e ver o que acontece?

Parisa, ao contrário dos outros, não tresandava a nada. Nada se soltara em Parisa. Nem sequer parecia especialmente desidratada. Parecia...

Cheia de si.

– Que fizeste tu? – perguntou Callum sem rodeios.

– Aquilo que sei fazer melhor – respondeu Parisa.

– E que teve a Rhodes que ver com isso?

– Sabes, eu até gosto da Rhodes. – Parisa cantarolou pensativamente. – Ela é muito... doce.

O seu sorriso enrugou-se levemente, com sarcasmo, e Callum compreendeu que estava a brincar com ele.

Ele descontraíu um pouco, aliviado. Por fim, alguém com quem podia brincar.

– Eles são uns idiotas – disse ele, avançando até se reclinar ao lado dela em cima da cama. – Todos eles.

– Toda a gente é idiota – respondeu Parisa, desenhando padrões distraídos no edredão. – Devias saber isso tão bem como qualquer outro.

Verdade.

– Que fizeste?

– Mudei-os – disse ela com um encolher de ombros. – Não posso desfazer uma coisa dessas. – Era este o perigo do pensamento. Só raramente se põem pensamentos para trás das costas a partir do momento em que são agarrados e manuseados, e uma mente alterada com sucesso só raramente, se é que alguma vez, poderia revertê-lo.

Piores ainda eram os sentimentos. Os sentimentos nunca eram esquecidos, mesmo que as suas fontes o fossem.

– Não, não podes – concordou Callum lentamente. – Mas porque te ralaria isso?

– Porque não haveria de ralar? – Ela encolheu os ombros. – É um jogo. Sabes bem que é um jogo.

– Independentemente das apostas?

Ela piscou os olhos, surpreendida, e depois a sua expressão desvaneceu-se.

– Mataste-os desta vez? – perguntou ela severamente.

– Matei quem?

– Quem quer que fosse. Do Fórum.

– Não, não exatamente.

Ela fitou-o.

– Não *exatamente*?

– Bem, se ele morrer mais tarde, não terá na verdade nada que ver comigo. Os sentimentos são dele – disse Callum, encolhendo os ombros. – Como ele escolhe processá-los não é responsabilidade minha.

– Meu Deus, és um perfeito psicopata – disse Parisa, endireitando-se completamente na cama. – Não sentes qualquer tipo de empatia, pois não?

– Um empático sem empatia – repetiu Callum. – Certamente percebes como soas disparatada?

– Não podes simplesmente...

– E que fizeste *tu*, hum? – provocou Callum. – Consegues ouvir-lhes os pensamentos, Parisa. Podes mudá-los, como acabaste de confessar espontaneamente. Por definição, não interferes menos e a tua causa foi mais nobre do que a minha?

– Eu não *destruo* pessoas...

– Ah, não? – perguntou-lhe Callum. – Por aquilo que acabei de ver, o Tristan e a Rhodes parecem profundamente alterados. Não são quem eram antes.

– «Alterados» – disse Parisa – será dificilmente a palavra que eu usaria. E não é seguramente o mesmo que «destruídos».

Callum chegou-se um centímetro mais perto dela na cama e ela afastou-se, com repulsa.

– Tu detestas-me porque somos iguais – disse-lhe ele baixinho. – Ainda não chegaste a essa conclusão?

Ela eriçou-se, perturbadoramente adorável no seu medo.

– Nós não somos iguais.

– E de que modo somos diferentes?

– Tu não sentes nada.

– Enquanto tu sentes empatia, mas ages como te apetece apesar de tudo.

É isso? – Parisa abriu a boca, mas depois fechou-a.

– Não somos iguais – disse ela – e, mais importante ainda, tu sobrestimas-te.

– Ah, é?

– Achas-te mais poderoso do que eu, não achas?

– Tu tens de te esforçar muito mais para chegar ao mesmo resultado.

Posso não ser mais poderosa, mas tenho sem dúvida muito mais recursos por onde escolher.

– Os outros são mais espertos do que isso.

– São? Se calhar não.

Ele percebia como ela sentia as peças a encaixarem-se, fundindo-se suavemente nos seus lugares. Uma união sem esforço. Ela tinha um processo de pensamento tão elegante, tão agradável. Era tão prazeroso vê-la a tomar decisões, ao contrário das outras pessoas. As pessoas normais eram caóticas e desleixadas. Parisa vertia os seus pensamentos como mel e, embora não os conseguisse ler como ela, conseguia intuir outras coisas de longe com maior clareza.

Por exemplo: ela pensava, um tanto ou quanto disparatadamente, que poderia ganhar.

– Vamos provar isso? – desafiou-o Parisa. – Se calhar tens razão. Afinal de contas, *tu* pensas claramente que somos iguais, por isso, para todos os efeitos, eles também o devem pensar. Pensamentos, sentimentos, para eles é tudo o mesmo. – Uma vez mais, os dois eram conspirativos na sua concordância. Mesmo em segurança fora do alcance de Callum, Parisa conseguia sentir como eles estavam ligados por circunstâncias similares. –

Eles deviam ter a oportunidade de saber a verdade sobre o que cada um de nós consegue fazer.

– Uma competição de talentos? – respondeu Callum.

– É claro que não – disse ela. – Para quê competir quando podemos simplesmente jogar um jogo?

Callum dormira bem naquela noite, sem perturbações.

De manhã, reuniram-se como habitualmente na sala pintada para convencer o seu árbitro.

– Hoje não temos aula – disse Dalton na sua enfadonha voz académica. Os outros trocaram olhares de onde estavam sentados no seu círculo habitual. Atlas andava fora na sua função de curador, o que era o ideal. – Além do mais, quer-me parecer que não é necessário.

– O assunto da investigação atual é o pensamento – disse Parisa. – Não valeria a pena observar uma demonstração prática sobre o tema?

Dalton passou desconfortavelmente os olhos por eles.

– Não sei se será adequado.

– Oh, vá lá – disse Nico, que estava intensamente entediado com o tópico abordado, como sempre. – Mais cedo ou mais tarde vamos ter de eliminar alguém, não é? Valerá certamente a pena saber o que os outros mágicos sabem fazer.

– Sim, Dalton, muito em breve vamos eliminar alguém – concordou Callum calmamente. – Porque não nos deixas determinar quem tem neste momento mais capacidades?

Dalton, mais do que qualquer outra pessoa, saberia a diferença entre os talentos de Callum e Parisa. Afinal de contas, estava ocupado a mantê-la fora da sua cabeça e também a manter Callum à distância, impedindo que ambos lhe manipulassem o estado de espírito – o que significava que Dalton estava frequentemente assoberbado de trabalho quando estavam na mesma sala, deixando algumas coisas escorregar por entre as fissuras.

O facto de Dalton andar a dormir com Parisa há meses, se ainda era segredo para os outros, não era um segredo muito bem guardado, e seguramente não para Callum. Mais do que uma vez, Callum assistira Dalton a experienciar Parisa com cada recanto do seu ser sem lhe tocar, podendo apreciar apenas a silhueta das ditas vivências sensoriais; a memória muscular dos amantes. Em momentos aleatórios ao longo do dia,

Callum conseguia sentir-lhe o sabor e senti-la e cheirá-la de novo, como os fantasmas das penas de outra pessoa.

Questionou-se se isso seria algo que poderia usar contra Parisa. Será que se importaria se um dos seus ardentes admiradores ficasse a saber o que ela fizera com dois dos outros...? Provavelmente não, pensou Callum, decepcionado. Ela parecia ser o género de pessoa que era amada apenas por conta e risco de quem ama, e ele duvidava de que ela alguma vez tivesse feito (ou cumprido) uma promessa.

– Bem – disse Dalton, com desconforto –, imagino que não demore muito tempo.

– Uma hora – disse Parisa. – Mas sem interferências.

Aquele, pensou Callum, era um pedido extremamente interessante. Talvez até mesmo estúpido.

– Para quê um árbitro se não pode haver interferências? – desafiou Tristan rudemente. Ele, pensou Callum, seria um desafio com que lidaria mais tarde. Já olhara furtivamente para Libby duas vezes; teria de ser recordado de como se escolhe devidamente os aliados.

– Só para nos interromper quando a hora chegar ao fim – disse Parisa, olhando penetrantemente para Dalton. – Nem mais, nem menos.

– Também sem planos astrais – disse Callum. – É uma seca para a audiência.

– Tudo bem – disse Parisa. – Só corporalidade.

Firmaram o acordo com um aperto de mão e assumiram as suas posições em lados opostos da sala. Parisa ficou de pé junto à cúpula, Callum junto à porta, enquanto os outros se desviaram cautelosamente na direção do fogão de sala.

– Rhodes – disse Callum. – Baixa o volume da tua ansiedade.

Do outro lado da sala, a boca de Parisa retorceu-se.

– Não te preocupes com ele, Rhodes – disse ela. – Ele vai ficar bem.

Prudentemente, a vibração da incessante agitação de Libby desvaneceu-se um pouco. Esperaram em silêncio até o relógio da lareira dar a hora certa.

– Comecem – disse Dalton.

– Porque estás aqui? – perguntou Parisa imediatamente, e Callum riu-se entredentes.

– Queres que isto seja um debate? Ou um interrogatório?

– Varona. – Parisa chamou Nico, sem tirar os olhos de Callum. – O que não se faz no início de um combate?

– A maior parte das coisas – respondeu Nico com ambivalência.

– E porque não?

– Porque não conhecemos as armadilhas – respondeu ele, encolhendo os ombros. – Primeiro temos de ver qual é o ritmo da outra pessoa e só depois é que lançamos os golpes da pesada.

– Aí está – disse Parisa. – Estás a ver? Até o Varona sabe.

Callum riu-se de troça.

– É isso que estamos a fazer? Uma luta de boxe? Pensava que a ideia era diferenciarmo-nos das especialidades físicas, não adaptarmo-nos a elas.

O sorriso de Parisa torceu-se, erguendo os cantos da boca.

– Responde à pergunta – disse ela.

– Muito bem. Vim para aqui porque não tinha outros planos prementes – disse Callum – e agora, creio eu, é a minha vez de te fazer uma pergunta. Correto?

– Se quiseres – disse Parisa obsequiosamente.

– Fantástico. Quando te ocorreu pela primeira vez que eras bonita?

Um estremecimento revelou-se entre as sobrancelhas dela, desconfiada.

– Não é uma armadilha para a tua modéstia – garantiu-lhe Callum. – Não tens lá muita, seja como for, algo que seguramente todos confirmamos como um facto.

– A minha modéstia não está aqui em questão – respondeu Parisa. – Simplesmente não vejo a relevância.

– É uma jogada de abertura. Ou, se preferires, um controlo.

– Isto é alguma espécie de polígrafo?

– Perguntaste-me porque estou aqui para poderes avaliar em mim algum tipo de verdade, não foi? Considerando os teus próprios parâmetros, suponho que eu também possa fazer o mesmo.

– Muito bem. – A boca de Parisa contraiu-se. – Queres saber quando percebi que era bonita? Sei-o desde sempre.

– Bem, isso é certamente verdade, em certa medida – disse Callum –, mas tu não és apenas normalmente bonita, pois não? És o tipo de beleza que conduz os homens para a guerra. À loucura.

– Se o dizes.

– Por isso, quando o compreendeste pela primeira vez? O teu poder sobre os outros. Homens, principalmente – disse ele, avançando um passo na direção dela. – Ou a primeira vez foi uma mulher? Não – determinou ele, captando o movimento quando ela se eriçou em resposta. – Claro que foi um homem.

– É claro que foi um homem – repetiu ela com um sorriso. – É sempre assim.

– Tens um quê de solidão em ti, sabes – disse Callum –, mas é um pouco... fabricada, não é? Não és filha única; esse seria um tipo diferente de solidão. Como a Rhodes – disse ele, apontando por cima do ombro –, ela é solitária e está só, mas tu não. Tu és solitária porque escolhes sê-lo.

– Se calhar simplesmente desprezo as outras pessoas – disse Parisa.

– Como se chama a tua irmã? – perguntou Callum, e Parisa pestanejou. – Eram próximas, é claro, até deixarem de ser. O teu irmão tem um nome a tender para o forte, imagino eu; masculino, difícil de quebrar. É o herdeiro, não é? O mais velho, depois a tua irmã e depois tu. Ele gostava mais de ti e a tua irmã rejeitou-te e não acreditou em ti, não foi? Quando lhe disseste o que viste dentro da mente dele.

Ele percebia que Parisa estava a vacilar, obrigada a reviver as sombras da juventude.

– Vejamos – disse Callum e estalou os dedos, preenchendo as paredes da sala pintada com imagens e tonalidades do passado de Parisa. – Dinheiro, isso é fácil. – As emoções dela que ele conjurava seriam falsas, uma pintura, ao contrário de um pensamento que ela lhe extraísse da cabeça, que seria uma fotografia. Era uma ciência inexata, ser empático, mas o importante era identificar corretamente os alicerces daquilo que alguns poderiam chamar a

alma dela. Por exemplo, a luz dourada da sua infância e privilégio. – Evidentemente, recebeste uma boa educação. Tutores privados?

Ela contraiu o maxilar.

– Sim.

– Mas isso parou passado algum tempo. Adoravas o teu tutor, é claro. Adoras aprender. Mas o teu irmão não gostava de te ver a prestar tanta atenção a outra pessoa que não ele. Tão triste! Pobre e pequena Parisa, a princesa da sua família, trancada no seu cofre cheio de riquezas como um doce passarinho engaiolado. E como saíste? – Callum refletiu, borrifando uma imagem do seu antigo eu contra a parede. – Ah, mas é claro, um homem.

A ilustração nebulosa da jovem Parisa foi varrida, levada pelo vento.

– Caminha comigo – disse Callum, e imediatamente os joelhos de Parisa cederam, sem força para lhe resistir. Os outros, ele tinha a certeza, seguiriam, igualmente extasiados. – Há mais espaço deste lado. Que estava eu a dizer? Ah, sim, uma pessoa salvou-te... não, tu salvaste-te a ti mesma – corrigiu, conduzindo-a pela antecâmara em direção ao grande salão –, mas fizeste-o acreditar que fora tudo obra dele. Foi... o amigo do teu irmão? Sim, o melhor amigo; sinto a traição. Esperava alguma coisa em troca do esforço... devoção eterna? Não – Callum riu-se –, é claro que não. Queria algo muito mais... acessível.

Quando chegaram ao vestíbulo de entrada, ele parou, olhando na direção dela. A imagem de Parisa que os acompanhara ao longo das paredes enquanto caminhavam foi afastada para as sombras da balaustrada em cima, extinguindo-se repentinamente a luz que havia à sua volta.

– Que idade tinhas? – perguntou.

Viu como Parisa engolia em seco, a boca secura.

– Dezoito – respondeu ela.

– Mentirosa – respondeu ele. Os lábios dela eram duas linhas finas.

– Quinze – disse ela.

– Muito obrigado pela honestidade – respondeu Callum. Ele virou na direção das escadas, indicando-lhe que subisse. – Quer dizer, então, que tinhas se calhar, quê, onze anos quando percebeste?

– Doze.

– Certo, certo, é claro. E o teu irmão tinha dezassete, dezoito...?

– Dezanove.

– Evidentemente. E a tua irmã catorze.

– Sim.

– Que perturbador. Tão, tão perturbador. – Callum estendeu a mão para a roçar na face de Parisa e ela encolheu-se, com repulsa. Ele riu-se, chamando-a a passar as portas do salão de receções do piso de cima. – Quer dizer que é a mim que odeias, não é?

– Eu não te odeio.

– Não me *queres* odiar – replicou Callum – porque suspeitas que eu terei cometido crimes terríveis com coisas tão disparatadas como o ódio.

Ele entrou na sala de estar formal, estendendo uma mão.

– Vamos?

Ela fulminou-o com o olhar.

– Tu queres dançar?

– Quero ver se consegues acompanhar o ritmo – garantiu Callum. Ela revirou os olhos, mas pegou-lhe na mão.

– Deves pensar que estás a ganhar – observou ela, iniciando uma valsa sinistramente perfeita logo que ele lhe pousou as mãos na cintura, muito embora ele não esperasse nada menos do que isso. Algures, ouvia-se música a tocar. Ele presumiu que fora obra dela.

– Diz-me – começou ele. – Supostamente és tu quem consegue ler os meus pensamentos.

– Passas a maior parte da tua vida com a singular crença de que estás a ganhar – disse ela. – Para te ser sincera, Callum, não há nada assim tão interessante para ler.

– Oh?

– Não acontece grande coisa aí dentro – garantiu-lhe Parisa, de pescoço belissimamente alongado enquanto executava os passos da valsa. – Nenhuma ambição especial. Nenhum sentimento de desadequação.

– Eu devia sentir-me desadequado?

– A maioria das pessoas sente-se.

– Se calhar eu não sou como a maioria das pessoas. Não é essa a ideia?
– Não apenas essa – murmurou Parisa, erguendo os olhos na sua direção.
– Estás a ser tão recatada comigo – disse-lhe Callum em tom reprovador.
– Começas mesmo a ferir-me os sentimentos.

– Nunca reparei que tivesses sentimentos disponíveis para serem feridos.
Ele rodou-a sob o braço, conjurando um breve clarão de cor que banhou as paredes. Se os outros ainda os seguiam, já há muito lhes perdera o rasto. Havia que dizer, a seu favor, que ela era demasiado interessante.

– Era assim? – perguntou ele, apontando para o carmesim. – Não tenho bem a certeza de ter acertado na tonalidade.

– De quê?

Mas ele sentiu-a a contrair-se nos seus braços.

– O teu vestido de casamento – respondeu ele, sorrindo cortesmente, e, por instantes, ela bloqueou. – Como vai o teu marido, já agora? Está vivo, presumo eu. Imagino que foi por isso que mudaste de nome e foste estudar para Paris? Não me pareces o tipo de pessoa empenhada numa carreira, por isso presumo que fugias de alguma coisa. E que melhor sítio para uma pessoa se esconder do que dentro das paredes de uma universidade com proteções mágicas?

Ele percecionou a energia contida da fúria dela e sentiu-se intensa e agudamente feliz.

– Oh, isso não é o pior – disse-lhe ele. – O que não faltam são adolescentes que fugiram aos seus maridos tirânicos. O teu irmão tentou impedi-lo? Não, é claro que não – suspirou para si mesmo –, ele nunca te perdoou por te afastares dele e este foi o teu castigo.

Parisa recuou, aturdida, e Callum estendeu-lhe uma mão.

– Andas a fugir há muito tempo – murmurou-lhe, varrendo um caracol solto do rosto dela. – Pobrezinha. – Puxou-a para si para a abraçar, sentindo a dilatação contida da sua tristeza a saudá-lo como uma onda dentro do seu peito. – Andas a fugir pela tua vida desde que nasceste.

Ele sentiu-a soçobrar contra ele, esgotada, e segurou-a pelos ombros sob os seus braços, guiando-a na direção da ala sul da casa.

– A culpa não foi tua, sabes disso – disse-lhe ele, ajustando o braço em torno da cintura dela enquanto a conduzia pelo lanço adicional de escadas, na direção contrária à da capela (demasiado pretensioso) e até lá cima, ao terraço do piso superior. Ela estava a esvaziar-se gradualmente, começando a sentir a emotividade a sangrar-lhe do corpo como se tivesse aberto uma veia. – As pessoas pensam que a beleza é uma tamanha riqueza, mas tu não. Não a tua beleza. A tua beleza é uma maldição.

– Callum.

Tinha os lábios entorpecidos, o nome dele saiu arrastado. Ele passou o polegar sobre o lábio inferior dela, com um vago sorriso.

– Tu odeia-los? – sussurrou-lhe ele, beijando-lhe levemente a face. –

Não, não me parece. Estou a pensar cá para mim que tu achas que o mereces, não é? Levas as pessoas à loucura; já o viste acontecer. Vês como eles põem os olhos em ti e já sabes, não é? O aspeto, a sensação de tudo aquilo. Talvez te consideres um monstro por causa disso. Isso explicaria o medo que sentes de mim – disse-lhe ele baixinho, segurando-lhe o rosto com as mãos. – Secretamente, achas-te muito pior do que eu alguma vez fui, porque a tua fome é incurável. Os teus desejos são insaciáveis. Nunca te cansas de enfraquecer as pessoas em teu proveito, pois não? A perversidade do teu desejo assusta-te, mas é mais fácil pensar que eu poderia ser pior.

Callum deu um toque para abrir as portas de vidro do terraço para que pudessem passar. Os pés de Parisa encontraram o mármore húmido, quase escorregando sob a chuva de Londres que caía. Salpicava na farsa greco-romana que era a decoração da Sociedade, gotículas a escorregar dos cupidos marmóreos, das ninfas branqueadas, como lágrimas.

Callum enfiou uma das mãos dela na dobra do cotovelo, conduzindo-a à volta do perímetro do terraço que dava para o jardim, os tufos de cornizos e a linha de pinheiros-brancos.

– Às vezes deves perguntar-te se não seria mais fácil simplesmente não existires – observou ele.

Parisa não respondeu, fixando ao invés os próprios pés. Os sapatos, elegantes como sempre, eram de camurça e estavam arruinados, totalmente empapados de chuva em apenas alguns minutos. O cabelo escorria-lhe

molhado pelos ombros abaixo, mas é claro que nada disso afetava a sua beleza. Ele nunca vira os olhos de uma mulher a brilhar tão passivamente e, ainda assim, manterem-se tão luminosos. Na sua opinião, o seu olhar alucinado intensificava-lhe a beleza. Ela nunca estivera tão só, tão quebrada por dentro. Nela a devastação assemelhava-se a algo precioso, como joias.

– Eles magoaram-te? – perguntou.

Ela arrastou o olhar para cima, nauseada.

– Quem?

– Todos.

Os olhos dela fecharam-se por momentos, e ela oscilou. Os lábios abriram-se e balbuciaram uma palavra.

– Sim.

Callum afagou-lhe as faces, os lábios, para afastar as gotas de água. Encostou um beijo contra o sulco entre as sobrancelhas; reconfortante, terno. Doce.

– Eles já não têm de te magoar nunca mais – disse, afastando-se, deixando-a sozinha na berma do telhado.

O lume em que ela ardia estava agora nas últimas. Um fervilhar que apenas ameaçava uma faísca, um cintilar destinado a apagar-se. Que coisa estranha, a chuva, como fazia sempre que tudo parecesse tão triste. Londres fazia isso muito naturalmente, por si só. O cinzento enevoadado tinha uma analogia tão espetacular com a solidão, algo em que Parisa estava afogada. Estava tão saturada em solidão que ela era a única coisa que brilhava.

Podiam ter sido amigos. Ele quisera-o. Ao invés, Callum observou como Parisa rodava a cabeça, olhando para fora, para o jardim, absorvendo a vista da propriedade do lugar onde estavam. Ela ainda tinha o olhar fixo, sem pestanejar, quando se chegou perto do parapeito, apertando-o com a mão e integrando-se na brisa com um arrepio. Estava agora tão vazia que ele duvidava de que pudesse haver grande coisa que a inflamasse novamente. Talvez uma faísca mas, depois, nada.

O isolamento era uma arma poderosa. O isolamento forçado ainda mais.

Ele fez-lhe o obséquio de ficar a ver, pelo menos, enquanto ela subia para o parapeito. Havia que dizer a seu favor que ela demorou pouco tempo a

decidir; não era pessoa para pensar duas vezes. Estava orgulhoso dela, ou quase, por ser tão forte daquela forma, por tomar o assunto nas próprias mãos. Manteve os olhos nos dela, tranquilizador. Ele não sentiria repulsa diante da escolha dela.

Quando ela caiu, Libby arquejou.

Que infelicidade, pensou Callum para si. Esquecera-se de que os outros estavam ali, tendo-se concentrado nas emoções de Parisa, que eram arrebatadoras. Ela era tão adorável, a sua tristeza era tão pura. A sua angústia fora a coisa mais maravilhosa que alguma vez provara.

Callum virou-se para enfrentar os outros, uma sensação que o alertou para uma incongruência atingindo-lhe o peito enquanto lhes registava as expressões.

– Não – soltou Libby atabalhoadamente, histérica. – Não, não podes... O que é que...

– Porque não os impediste? – exigiu Nico saber, caindo em cima de Dalton, que abanou a cabeça, entorpecido.

– Não passou uma hora – disse ele, visivelmente confuso.

– Estás *louco*? – cuspiu Tristan, parecendo procurar desesperadamente as palavras. Os olhos dele, observou Callum, estavam imensamente arregalados, embora fosse difícil dizer que emoções eram unicamente suas. Callum sentia diversas coisas em Tristan: tristeza, descrença e, depois, mesmo no fim, desconfiança.

Ah, pensou ele fazendo uma careta, e olhou para cima, captando o olhar de Parisa quando ela lhe sorriu da sua posição atrás dos outros.

– Hora de acordar – disse ela e estalou os dedos.

Num ápice, estavam todos de volta à sala pintada, parados, de roupa seca.

Como se nunca dali se tivessem mexido.

– Eu disse sem planos astrais – disse Callum, irritado, embora tivesse de lhe elogiar o esforço. Ele não dera por nada; não falhara nenhum pormenor da casa e a chuva fora um toque interessante.

– Quer dizer que eu devia estar morta, é isso? – Ela riu-se, zombeteira. – E, de qualquer modo, nós não estávamos num plano astral. Estávamos na

cabeça de outra pessoa.

– De quem?

– Do Nico – disse Parisa, ao que Nico piscou os olhos, sobressaltado. – Lamento – acrescentou ela sem sinceridade, voltando-se para ele.

Retroativamente, Callum percebeu por que razão ela começara o seu jogo de xadrez com uma pergunta tão simples. O importante não era a resposta, mas o desvio da atenção. Ela aproveitara a expectativa de agressividade de Callum para desviar imediatamente a concentração do grupo para Nico, que *fora* agressivo. Ela atacara Callum deixando-o pensar que estava em vantagem.

Rapariga esperta, pensou ele amargamente.

– És um alvo fácil, Varona. Sem artimanhas – informou Parisa em jeito de explicação a Nico. – Pouquíssimas paredes impermeáveis.

– Obrigado? – disse Nico, embora estivesse pasmado a olhar para ela, ainda pouco convencido de que ela era real.

– Uma hora – disse Dalton, expirando de alívio ao olhar para o relógio. – Embora não perceba bem como declarar um vencedor.

– O Callum, é claro – disse Parisa. – Foi ele que fez a maior parte da magia, não foi? Eu praticamente nem consegui resistir – disse ela, voltando-se para ele.

– Ah, foi? – disse ele em eco, observando a boca dela a contorcer-se.

– Sim – disse ela. – Eu posso ter-nos posto num sítio qualquer onde não podias mesmo fazer-me mal, mas venceste-me ainda assim. Quebraste-me, não foi? Por isso, ganhaste. – Mas ele sentia que o triunfo irradiava dela; era nauseabundo e pútrido, rancido e podre. Estava maduro até cair, no limiar da decadência. Ela era a ruína a cravar raízes em solo fértil, a ressuscitar na abundância da perda dele.

Ele tinha-a quebrado genuinamente, isso era inegável. A morte dela, mesmo numa forma não corpórea, fora real. Ainda assim, não havia dúvida de que ela o levara a encontrar os pedaços que devia quebrar, sabendo que ele o faria. Não admira que ela não desse luta nenhuma. Nada do que ela lhe revelara era mentira, mas, ao tirar partido da sua debilidade, ele revelara muito mais de si mesmo. Ela, afinal de contas, compreendia o

pensamento: mais especificamente, que uma coisa, depois de implantada, nunca poderia ser esquecida.

O erro de Callum tornava-se agora evidente: ele pensara que tinha provado a sua força, mas ninguém queria força. Não assim. A força era para máquinas e monstros; os outros não se conseguiam identificar com a infalibilidade ou a imperfeição. Os humanos queriam humanidade, e isso significava que ele teria de dar provas de fraqueza. Via como Tristan não o conseguia olhar nos olhos e sabia-o, que Parisa o vencera, mas aquele era apenas um só *round*. Para o seu próximo truque, teria de deixar que a cortina de fumo daquilo que ele fizera hoje se levantasse.

– Pois então, Callum – disse Dalton, voltando-se para os outros. – Alguém gostaria de ver outra vez o que vimos antes?

– Não – disse Reina sem rodeios; falando, uma vez na vida, em nome de todos os outros. Voltou-se para Parisa expressando algo como solidariedade, que Callum observou com uma careta.

Teria de os fazer acreditar que ele podia ser fraco. Talvez apenas uma pessoa entre os cinco estaria disposta a acreditar nessa fraqueza, mas Parisa já provara que isso era bastante considerável.

Não havia forma de impedir aquilo em que uma pessoa podia acreditar.

· TRISTAN ·

Tudo começara com uma pergunta.

– Que achas que devemos fazer? – perguntara Tristan a Parisa, estendidos no chão da sala pintada, antes de Libby se lhes juntar. Parisa aparecera no seu apartamento de Londres e convencera-o a regressar mais cedo do fim de semana, com o objetivo ostensivo de debaterem as respetivas visitas do Fórum, embora ainda não tivessem encetado conversa nenhuma.

Para retardar o inevitável massacre de dilemas morais e pensamentos intrusivos, Tristan esquadrinhara as reservas de bebidas alcoólicas da casa e encontrara uma garrafa de absinto. Deitado no chão, chamou a garrafa e levou-a aos lábios, sabendo que Parisa teria a resposta. Para todas as perguntas aliás, mas mais especificamente para aquela. Ela não teria vindo ter com ele de mãos vazias.

– Eu digo – respondeu ela, desapertando encantadoramente um dos botões da camisa dele – que nós devemos fazer as nossas próprias regras.

Ao pensar naquela noite em retrospectiva, tudo surgia enevoado, algo que Tristan gostaria de poder ter dito na altura. Infelizmente, estava perfeitamente lúcido e consciente quando deslizou a língua entre os lábios de Libby, sabendo o que ela era e o que ele *deveria* ter sido – ou seja, idealmente, uma pessoa capaz de se abster de cair na depravação e, muito provavelmente, na perdição.

Parisa poderá ter estado na origem de tudo aquilo – inteligentemente, e com o que Tristan presumia serem séculos de astúcia atávica feminina –, mas ele não tentara de modo nenhum travar-se e não havia como recuperar daquilo que, sabia agora, ele ansiava ferozmente.

E o que desejava era, muito lamentavelmente, Elizabeth raios-te-parta Rhodes.

E era na verdade uma *ânsia feroz* – não era nada tão intencional como simplesmente querer. Era provocado por alguma reação química, ou uma possessão demoníaca, ou alguma outra qualquer trágica malformação sobre a qual as pessoas que a isso sobreviviam gostavam de escrever livros. Fora seguramente encorajado pelo absinto, espalhando-se como uma onda de calor pelos seus membros, mas fosse o que fosse que o consumia, Tristan tinha vaga consciência de que já sofria desse mal antes daquele momento. Os sintomas anteciparam-se à doença, ou se calhar a doença já existia (cega, surda e estupidamente) e Tristan já ansiava por ela o tempo todo.

O facto de Libby Rhodes ser essencialmente uma física nunca deveria ser desconsiderado. Ainda agora, o toque dela ressoava-lhe nos ossos como tremores da própria Terra.

Não que ela parecesse estar excessivamente fixada no que acontecera entre eles.

– Eletrões – disse Libby sem preâmbulos, sobressaltando Tristan depois de um mês sem referência nenhuma às respetivas indiscrições. Tendo recentemente começado a mexer nas regulações da sua magia enquanto desativava ou distraía um dos seus sentidos, Tristan estivera a encher os canais auditivos com ruído ambiente enquanto pensava no sabor da boca dela.

– Desculpa, o quê? – disse ele, aliviado por Parisa ser a única que lhe conseguia ler a mente. (Por sorte, ela não estava na sala.)

– Até que ponto consegues ver coisas muito pequenas? – perguntou Libby.

Não estava a ser lá muito mais clara.

– O quê?

– Bom, tu pareces ser capaz de focar os componentes das coisas – disse ela, ainda sem abordar nada do que seria mais óbvio, como o facto de terem dormido juntos não há muito tempo.

Tristan acordara na cama com ela – com *ela*, não Parisa – e contara deparar com algo mais semelhante à Libby Rhodes do costume. Apreensão,

arrependimento, culpa, qualquer um destes sentimentos. Em vez disso, acordara e dera com Libby a ler um manuscrito, olhando para ele enquanto ele se sentava a custo.

– Não precisamos de falar sobre o assunto – foram as primeiras palavras que lhe saíram da boca. – Na verdade, eu preferia não o fazer.

Miraculosamente, Tristan conseguira endireitar-se e olhou-a de soslaio. Tinha a boca increditavelmente seca, a cabeça latejava e estava a ser bombardeado por clarões impiedosos de coisas que fizera e sentira e saboreara ainda recentemente.

– Tudo bem – conseguiu dizer, mas ela deteve-se, deparando com um qualquer obstáculo interior.

– Em todo o caso, que estavas tu a fazer aqui com a Parisa?

A desidratação não ia facilitar esta conversa.

– Ela pediu-me que viesse. Disse que havia um assunto de que queria falar. – Ele ouvia a frieza na sua voz e calou-se, sem ter a certeza sobre se valeria a pena contar o que Parisa lhe revelara acerca da Sociedade naquelas circunstâncias singularmente inquietantes.

– Oh. – Libby desviou o olhar. – Bom, se não me queres contar...

Raios parta. Agora ia ter mesmo de contar, não?

– Rhodes – começou, e deteve-se.

Não havia forma de ela reagir bem àquilo.

No entanto, esconder-lho seria moralmente muito pior, considerando o modo como haviam passado a noite anterior. Havia algo no ato de acordar nu nos lençóis de outra pessoa que tirava a Tristan a vontade de a submeter a um ato secreto de homicídio coletivo.

Por onde começar, mesmo que conseguisse? Parisa dissera-lhe que, para cinco serem iniciados, um tinha de morrer. A ideia nunca fora escolherem uma pessoa para ser eliminada; eles seriam responsáveis por escolher alguém para *eles* eliminarem. O tempo todo, foram levados a acreditar que este processo era civilizado e justo, mas na verdade era primitivo e vergonhoso e, se Parisa tivesse razão, então estavam possivelmente sob o controlo de uma organização que matara e continuara a matar ao longo de milhares de anos.

Mas Tristan previa alguma forma de pânico, por isso decidiu que talvez uma mentira fosse o melhor. (Em circunstância alguma queria ser ele a dizer a Libby a verdade. A cama dela, afinal de contas, era bastante inflamável, tal como ele.)

– Conheces o dilema do comboio? – perguntou ele ao invés. – Em que dás por ti junto à alavanca que comanda um comboio descontrolado...

– E que ou matas cinco para salvar um ou matas um para salvar cinco. Sim – confirmou Libby –, conheço.

Que coincidência milagrosa ele ter aquela conversa com ela, na cama dela, durante o estudo do pensamento. Como é óbvio, no que tocava à magia, o pensamento tinha menos que ver com filosofia, e mais com as suas compulsões e como podia ser lido ou manipulado ou interpretado.

Neste caso, a ética teria de servir.

– Tu farias isso? – perguntou ele e, quando Libby franziu o sobrolho, explicou: – Matar um para salvar cinco.

– A Parisa chamou-te aqui para uma experiência mental?

– O quê?

Libby esperou e ele piscou os olhos.

– Oh. Não, ela estava... Bom, era sobre o Fórum. Parece que... – Mais hesitação. Ele nunca hesitara tanto na vida e agora desejava desesperadamente estar vestido naquele momento. Ou que não tivesse sequer conhecido a sensação de estar *despido* com ela.

Parisa tinha razão. Os pensamentos, uma vez implantados, não podiam ser esquecidos. Tristan não conseguia eliminar do pensamento a sensação de passar os dedos pelo osso da clavícula de Libby, o polegar a pairar sobre a garganta dela como se pudesse cortá-la ou adorná-la, ou ambos.

– Parece que – tentou ele novamente – a visita que a Parisa recebeu do Fórum fê-la... pensar.

– Queres dizer sobre a Sociedade?

– Sim, mais ou menos.

– E que tem isso que ver com o problema do comboio?

– Bem, uma pessoa vai ser eliminada, não é? Neste caso, matamos um para nos salvarmos a nós mesmos. Não literalmente, é claro – apressou-se

Tristan a acrescentar. – Mas... conceptualmente.

– Nunca tive grande propensão para exercícios mentais – disse Libby circunspectamente. – Além disso, de certa forma a experiência depende, nalguns casos, de quem são as pessoas em concreto.

– Imagina então que essa pessoa era eu. Isso mudava alguma coisa?

Ele tentou atirar a sugestão com uma certa leveza, mas é claro que a realidade de saber o que sabia tornava tudo muito mais desconcertante do que Libby podia sequer imaginar. Por outro lado, ela não era propriamente Parisa. Ele duvidava de que Libby o informasse se optasse por se livrar dele enquanto ainda estivessem juntos na cama, e tinha razão.

– Não achas mesmo que eu te eliminaria, pois não? – perguntou ela, franzindo o sobrolho, e disse ainda algo que não correspondia de todo ao que ele esperara: – O teu potencial está totalmente por concretizar. Se há alguém que precisa da Sociedade, Tristan, és tu. Penso que até o Atlas vê isso.

Aquilo, pensou Tristan, ajudava-o muito e, ao mesmo tempo, não o ajudava absolutamente nada.

Nunca antes conhecera uma pessoa tão positivamente desconcertante. Como era possível uma pessoa passar a vida a transformar em catástrofe qualquer acontecimento mundano e depois afirmar tão facilmente a sua posição sobre transgressões morais tão graves? Ela fazia-o sentir-se louco, insano, instável. É verdade que ela estava algo desinformada sobre os pormenores (culpa dele), mas havia ali indicadores de uma lógica sensata: ela não o eliminaria porque o poder dele era o que maior potencial encerrava. Não por quem ele era, nem por *aquilo* que ele era, mas por aquilo que ele poderia ser. Aquilo não estivera nem de longe nem de perto no topo das suas preocupações, nem sequer constava das preocupações de Parisa, tanto quanto ele sabia. Parisa queria Tristan apenas porque, suspeitava ele, tinha algum grau de confiança nele. Talvez fosse uma coisa circular, a forma como a sua utilidade para ela era o que comprovava que ele era efetivamente útil.

Entretanto, não havia como prever onde Libby Rhodes poderia encontrar uma base intelectual sólida. Tristan, naturalmente, estava tão agitado e a

ponto de ruir em qualquer conjuntura possível. Queria mesmo aquilo tão intensamente, a ponto de matar? Por vezes, a resposta era inquestionavelmente sim. Que caracterizava um ser humano senão o facto de ansiar por coisas irrazoavelmente? Parisa conseguia construir mundos dentro da mente de uma pessoa. Callum, para o bem ou para o mal, conseguia destruir a alma de uma pessoa sem mexer um dedo. Libby e Nico também eram poderosos, Reina *derramava* magia bruta, transbordando dela ao ponto da irresponsabilidade, mas Tristan ainda não sabia nada sobre si mesmo ou sobre o lugar que poderá ocupar entre eles. Reconhecidamente, ele não era ainda o mais útil, mas o retorno do seu investimento poderia ser o maior de todos.

Será que compreendia sequer o que existia na ponta dos seus dedos? Algum deles compreenderia? A moralidade, por muito pouca que Tristan tivesse, empurrou-o de uma escola de pensamento para outra, para trás e para a frente. «Faço o que é necessário», fora o lema de Adrian Caine diante da maioria dos seus pecados e, embora fosse um ponto de vista filosófico legítimo (academicamente), era algo repugnante quando não se via constrangido por coisas como «misericórdia» ou «compaixão» ou mesmo «culpa». Pior ainda, se havia coisa que Tristan sempre quisera, era ser tudo menos o que o pai era. É claro que ele não conseguia *matar* ninguém. E seguramente não para aceder a meia dúzia de livros. (Raros. Nas mãos dos medeiros mais poderosos que alguma vez conheceu. No âmbito de uma tradição que existia havia séculos, por isso, não era...?)

(Esquece lá isso.)

Em todo o caso, se ele fizesse aquilo – ou sequer o aceitasse como algo que *poderia* fazer –, alguma vez conseguiria perdoar-se? Conseguiria viver com o que restasse da sua consciência? É estranho ver a rapidez com que o ser humano se adapta às coisas. Em tempos, acreditara que se casaria com Eden Wessex e serviria o pai dela diligentemente, sem nunca questionar se queria mais – ou, como poderia ter acontecido, se *ansiaria* por mais. Começava agora a pensar que a sua solidariedade com a pessoa que antes fora correspondera a um período muito mais estável, e quem sabe muito mais saudável. Fora como fazer exercício regularmente e manter hábitos

alimentares produtivos e depois quebrá-lo com uma comezaina extasiante e saciante. Agora ele tinha tudo o que poderia querer. Poder, autonomia. Sexo. Jesus, o sexo. E tudo o que era preciso era matar uma pessoa, mas quem poderia ser? Não ia ser propriamente possível chegarem todos a consenso em torno de uma pessoa.

A menos que.

– E se fosse o Callum? – perguntou ele a Libby cautelosamente.

(Só para efeitos de discussão. Afinal de contas, se havia alguém que Libby *poderia* matar, todos sabiam quem era. E, ao contrário do que pudesse tentar afirmar, não era Varona.)

Libby franziu o sobrolho.

– O quê, estás a dizer matar o Callum para... me salvar? E a nós todos?

– Sim. – Tristan ficou ansioso só de pensar em sugerir tal coisa, mas felizmente Callum não estava em casa. A presença de Callum, tal como a de Reina, identificava-se logo pelos vestígios excessivos de magia. Contudo, eram tantas as ilusões de Callum que era difícil discernir o que estava ou não a ser ativamente usado.

– Imagina que o Callum estava num dos lados da linha e todos nós no outro – explicou Tristan.

– Oh. – Libby pestanejou e arregalou os olhos. – Bem, eu...

Tristan esperou, preparando-se para o impacto. Não tinha inteiramente a certeza da resposta que desejava ouvir. Para ela, era uma pergunta hipotética, por isso aquilo não era suficiente para determinar verdadeiramente qual seria a sua posição.

Ainda assim, foi apanhado um bocadinho de surpresa quando ela disse:

– Eu não vou fazer nada disso.

– O quê? – fora a sua resposta imediata, lançada tão rudemente que chocalhou todo o seu cérebro intensamente dorido desde as profundezas dos seus muitos pensamentos perturbadores. – Que queres dizer, não vais fazer nada disso?

– Não vou matar ninguém – disse ela, encolhendo os ombros. – Não o faço, ponto.

– Bem, e se não tiveres escolha? – disse ele.

– Na experiência mental, é isso?

Ele hesitou e depois disse:

– Sim, na experiência mental.

– Toda a gente tem escolha. – Ela mordeu a bochecha por dentro, dando pancadinhas no manuscrito que tinha no colo ao ritmo de uma onda que provavelmente ele não conseguia ouvir. – Tu farias isso?

– Faria o quê?

– Matar o Callum.

– Eu... – Ele pestanejou. – Bem, eu...

– Ou a mim. – Ela olhou-o de esguelha. – Tu matavas-me?

– Não. – Não, a ela não. Que desperdício seria livrar o mundo dos poderes que ela tinha, das suas capacidades. Que crime absoluto contra a humanidade. Essa era uma conclusão fácil, mesmo sem incluir o sexo nos cálculos. – Não, é claro que não, mas...

– Que disse a Parisa?

Ocorreu-lhe que Parisa dissera exatamente o mesmo, mas de forma drasticamente diferente: *Eu não vou fazer isso.*

– Eu acho – disse ele devagar – que a Parisa conspiraria algum tipo de motim. Tomaria conta do comboio. – Conseguiu soltar um riso sombrio que lhe magoou a garganta, em picadas. – Matar três e salvar três, de alguma forma, para que não tivesse de agir exatamente de acordo com as instruções.

– Bem, é uma escolha, lá isso é – disse Libby, encolhendo os ombros, como se alguma coisa do que ele dissera fosse uma opção plausível. Tristan pestanejou, tentando formular um pensamento, mas foi interrompido pelo movimento de Libby a marcar cuidadosamente o sítio que estava a ler no manuscrito, voltando-se para olhar para ele.

– Eu provavelmente devia falar com o... – Pausa. – Tenho de, hum. O meu namorado está – começou ela, e depois deixou-se cair no silêncio. – Provavelmente eu devia contar-lhe.

– Tu não vais... – Merda. – Que é que lhe vais dizer?

Ela mordeu o lábio.

– Ainda não decidi.

- Tu não vais... - Fica.
- Não sei. Acho que não. - Pausa. - Não.
- Então...

O facto de Tristan não conseguir dizer frases completas nem de se abster totalmente de falar era um tanto ou quanto inquietante. Ansiava pela presença de espírito de não dizer nada, de simplesmente sair dali como o tipo de pessoa que fazia isso o tempo todo, mas naquele momento ele sentia apenas as picadas da desidratação e um total e descontrolado estado de estupidez.

- Vais então simplesmente contar-lhe, é isso? Assim, sem mais?
- Não sei. Tenho de pensar sobre o assunto - disse ela.

Ela referia-se claramente a pensar sozinha, o que era apenas justo. Este exercício mental, ao contrário do anterior, não fora concebido para revisão por pares. O impulso de lhe perguntar *pensar no quê?* inundou temporariamente a consciência de Tristan, mas a sua memória muscular impediu-o de aí permanecer durante muito tempo. Já era suficientemente mau ter feito o que fez; não queria de repente tornar-se o tipo de pessoa que ainda ficava a pairar. Os seus membros estavam acostumados a uma distância impassível e, para seu alívio, conseguiu estabelecê-la facilmente entre si e Libby Rhodes.

Semanas depois, não voltara ainda a ter notícias dela. As suas primeiras interações haviam sido vagamente desconfortáveis, com ocasionais olhares desviados e uma colisão verdadeiramente desastrada, em que a palma da sua mão deslizou acidentalmente pela anca dela quando se cruzaram entre as mesas da sala de leitura, mas não se falara mais sobre o assunto. Não houvera nenhum tipo de contacto intencional, nem nada além de «olá» e «boa noite» e «passa-me o pão, por favor».

Até que, é claro, «eletrões».

Ele estava na sala de leitura, sentado sozinho a uma mesa, concentrado. Ou a tentar concentrar-se. Ela chegara de repente e assustara-o, puxando uma cadeira de uma das outras mesas para se sentar a seu lado sob o clarão ténue do candeeiro de mesa, como se fossem amigos casuais que nunca, por exemplo, tivessem ido para a cama juntos.

– Que estás a dizer, elétrões? – perguntou Tristan, sentindo-se zozzo e pateta. Irónico que a investigação despendida com o pensamento o deixasse tão absolutamente despojado de pensamento algum, mesmo depois de quase dois meses dedicado ao assunto. O tema atual da precognição (e o seu estudo dos mais famosos precognitivos da história, como Cassandra e Nostradamus) não o ajudara porra nenhuma a estar preparado para este tipo de interação, que podia apenas ser descrita como um pesadelo inesperado.

– Se pudesses decompor as coisas até a um nível tão pequeno como o elétron, poderias alterá-las quimicamente – disse Libby, debruçando-se sobre ele. – Quer dizer, é concebível.

– Oh. – Ele pigarreou. – Bem, parece-me que talvez... isso seja um tema que vem depois, não é?

– O quê, a química?

– Ainda estamos na psicocinesia.

– Bem, isto tem alguma relação com o pensamento em geral – disse ela. – Lembrei-me disto, na verdade, quando estávamos a falar sobre a mecânica do futuro. Já agora, tiveste oportunidade de voltar a pensar sobre o tempo?

Ela tinha uma maneira de o pôr permanentemente a tentar perceber de que raio falava.

– Sobre... o tempo?

– Sobre a possibilidade de o usar. – Ela, ao contrário dele, parecia ditosamente não ter consciência de que aquela era a primeira vez que estavam a conversar em privado desde que ele acordara na sua cama. – A precognição é prova de que se pode aceder ao futuro através do pensamento, por isso, porque não também fisicamente? Já para não falar do facto de que o tempo é uma dimensão de que nenhum de nós consegue sequer imaginar a forma, quanto mais ver. – Ela fitou-o com um olhar direto e enervante. – Exceto tu.

– Quê, achas que eu consigo...? – O seu mal diagnosticado treino como ilusionista estava a deixá-lo ficar mal. No que tocava à magia, ele não fazia a mínima ideia do tipo de linguagem que poderia ser usado para descrever o que ela estava a sugerir. – *Atravessar* o tempo?

– Não faço a mínima ideia, Tristan – disse ela. – Por isso é que te pergunto. Só me parece que, provavelmente, tens alguma forma de o usar, não é?

– Usar o quê?

– A tua especialidade.

– Como assim?

– Bem, é tua, não é? Por isso, presumivelmente, és tu quem a deveria usar, não eu.

Confusamente, ele elaborou um argumento, colhendo-o algures.

– Muitas especialidades mágicas são concebidas para serem usadas em conjunto. A maioria dos naturalistas trabalha com...

– Não estou a dizer isso. – Libby inclinou a cabeça, varrendo a franja para um lado. Deixara-a crescer; agora estava quase suficientemente comprida para a poder enfiar atrás da orelha, um facto que deixava Tristan perturbadoramente mais tranquilo. – Não tem nada de mal se não estiver destinada a ser usada por ti. Suspeito apenas de que é outra coisa.

– Porquê?

– Porquê o quê?

– Porque suspeitas de que é outra coisa?

– Para te dizer a verdade, é mais um palpite do que uma suspeita. Que pensa a Parisa?

– Eu... – Ele deteve-se, tomado novamente de surpresa. – O quê?

– Na verdade, por falar na Parisa... – Outra mudança abrupta, agora que Tristan pensava ter conseguido assumir algum controlo da conversa. – Achas que terá mudado de ideias?

Em vez de continuar a fazer a mesma pergunta, Tristan cruzou os braços sobre o peito e ficou à espera.

– Sobre a... eliminação – explicou Libby, intuindo corretamente que ele não fazia a mínima ideia de onde ela queria chegar. – Parece-me que poderá ter mudado de ideias depois de toda aquela coisa com o Callum. Lembras-te, o problema do comboio?

– Oh. – Certo. O pequenino problema da morte de Parisa às mãos de Callum. – Sim. – Tristan lutou contra um súbito arrepio. – Acho que ela

sempre soube que ele era assim.

– Bom. – Libby pigarreou. – Mas suponho que toda aquela história possa ter dado alguns frutos.

Tristan arqueou uma sobrancelha.

– E os frutos são... matar o Callum?

– Tu viste-o, Tristan. – A boca de Libby tinha uma nova e sombria forma de determinação que ele nunca lhe vira antes. – Ele não sabia que não era real, pois não? Ele não fazia ideia de que estava numa espécie de... realidade aumentada na cabeça do Varona – disse ela com um esgar –, por isso, na realidade do *Callum*, ele pode livrar-se da Parisa em qualquer altura, e muito facilmente. Por isso, talvez esse seja um fator a considerar na experiência.

– Que algumas pessoas deveriam morrer?

– Que algumas especialidades não deviam existir – disse ela terminantemente.

Aquela, pensou Tristan, era sem dúvida uma conclusão chocante para se alcançar.

– Por algum motivo se chama um dilema moral, Rhodes. – Tinha novamente a boca seca, embora não tivesse bem a certeza do motivo. Talvez porque ela acabara de decidir involuntariamente qual deles assassinar, algo que poderá mesmo vir a fazer um dia.

Precognição. Terrível. Não tinha inveja nenhuma de Cassandra.

– Não há uma resposta certa – disse Tristan lentamente.

O sorriso de Libby retorceu-se ligeiramente, de olhos postos nos dele.

– Imagino que não – registou ela, sobretudo para si mesma, e depois, surpreendentemente, fez menção de se pôr de pé para se ir embora.

De repente, Tristan sentiu-se um pouco perdido de incredulidade diante da ideia de Libby poder simplesmente chegar ao pé de si, sugerir-lhe que ele era capaz de fazer algo absolutamente impossível e depois ir-se embora outra vez sem abordar os pensamentos que o atormentavam há semanas a fio. *Conseguiria* ele matar alguém? Conseguiria *ela*? Teriam vendido a alma no momento em que entraram naquela casa? Ter-se-iam tornado algo que, de outro modo, nunca seriam, agora contorcido a ponto de não se

reconhecer o que antes haviam sido? Será que ainda não eram as deformidades que, *em última análise*, poderiam vir a ser? Que raio se esperava que ele fizesse com eletrões... Como podia ele alguma vez *usar o tempo*? – e ela tinha ou não acabado com o namorado?

A mão de Tristan disparou antes que ele se conseguisse travar.

– Rhodes, ouve...

– Ah – surgiu a voz de Callum, interrompendo, vindo da porta da sala de leitura precisamente quando Libby se voltou, de olhos muito abertos. –

Bem me pareceu sentir algum tipo de aflição no ar. O Tristan está a chatear-te outra vez, Rhodes?

– Não, é claro que não. – Ela pigarreou, olhando para a mão de Tristan, que ele então retirou do seu braço. – Pensa só nisso – disse ela calmamente –, pode ser?

Depois dedicou um olhar mudo aos sapatos de Callum e baixou a cabeça, saindo da sala.

– Aquela miúda é tão espantadiça – disse Callum, acompanhando-a com os olhos e voltando-se depois para Tristan. – Ela não sabe, pois não?

– Não. – Ainda não tivera a coragem de lhe dizer que aquele dilema moral hipotético afinal não era assim tão hipotético (nem moral). – De qualquer modo, e se não for verdade?

– Pois, e se não for – concordou Callum, deixando-se cair na cadeira ao lado de Tristan. – Como raio haveriam eles de anunciar tal coisa?

– Pode ser um truque – disse Tristan. – Ou uma armadilha, como...

– A instalação? E o Fórum?

Tristan suspirou.

– E se eles só querem ver aquilo de que somos capazes?

– E se for real? – ponderou Callum em alternativa. – Não imagino que tenhas um eleito, certo?

– Um eleito?

– Um «alvo» seria o termo menos sensível – disse Callum. – Ou uma «meta». – Tristan eriçou-se um pouco e o perpétuo sorriso de Callum estreitou-se. – Agora também me achas insensível, Tristan?

– Um cato era capaz de te achar insensível – balbuciou Tristan, e Callum riu-se entredentes.

– E, apesar de tudo, aqui estamos – disse ele, chamando dois copos –, farinha do mesmo saco.

Pousou um dos copos em frente de Tristan, servindo um pouco de conhaque que tirou da garrafa que tinha no bolso do casaco.

– Sabes, não me lembro da primeira vez que percebi que conseguia sentir coisas que os outros não conseguiam – observou Callum casualmente, sem levantar os olhos do líquido dentro do copo. – E esteve sempre ali ao alcance. É claro que eu soube logo de início que a minha mãe não gostava de mim. Ela dizia «gosto muito de ti» tantas vezes quantas dizia às minhas irmãs – prosseguiu, mudando de posição para encher o seu copo –, mas eu sentia que lhe faltava calor quando mo dizia a mim.

Callum calou-se.

– Ela odiava o meu pai. Ainda odeia – continuou, pensando melhor, pegando no copo e inalando-o como quem o prova. – Tenho um palpite de que eu fui concebido em circunstâncias menos admiráveis.

Callum levantou os olhos na direção de Tristan, que levou o seu próprio copo entorpecidamente aos lábios. Como sempre, havia uma névoa de magia em torno de Callum, mas nada identificável. Nada fora do normal, o que quer que fosse o normal em Callum.

– Seja como for – continuou Callum –, reparei que, se fizesse certas coisas, se as dissesse de certa forma ou se mantivesse o contacto visual enquanto o fazia, conseguia que ela fosse... se enternecesse mais comigo. –

O conhaque ardia na boca de Tristan, eram mais vapores do que sabor. O oposto do sabor condimentado da sua última incursão no absinto, embora com resultados aflitivamente intensificados. – Acho que tinha dez anos quando percebi que *fizera* a minha mãe amar-me. Depois percebi que também a conseguia levar a fazer outras coisas. Pousa o copo. Pousa a faca. Desfaz a mala. Afasta-te da varanda. – O sorriso de Callum era sinistro. –

Agora é uma pessoa perfeitamente feliz. A matriarca do grupo de comunicação mais bem-sucedido do mundo, ditosamente satisfeita com um dos muitos namorados com metade da idade dela. O meu pai não se

incomoda em saber dela há mais de dez anos. Mas ainda me ama de forma diferente; falsa. Gosta de mim porque eu lhe implantei esse sentimento. Porque eu me impus como a sua âncora nesta vida, e por isso ela ama-me tanto quanto consegue amar qualquer tipo de corrente que a prende. Ela ama-me como um prisioneiro de guerra.

Callum tomou um trago.

– Eu sinto – disse ele, erguendo os olhos azuis de encontro aos de Tristan. – Eu sinto imensamente. Mas, por necessidade, tenho de o fazer de maneira diferente dos outros.

Para Tristan, aquilo era dizer pouco. Interrogou-se novamente se Callum estava a usar alguma coisa para o influenciar e concluiu, com desagrado, que não sabia.

Não *conseguia* saber.

– Eu – começou Tristan e pigarreou, tomando mais um trago. – Eu não gostaria de viver com a tua maldição.

– Todos temos as nossas maldições. As nossas bênçãos. – O sorriso de Callum desvaneceu-se. – Somos os deuses dos nossos próprios universos, não somos? Deuses destrutivos. Ergueu o copo, propondo um brinde a Tristan sem se mexer do seu lugar e deixou-se escorregar mais um pouco na cadeira. – Estás zangado comigo.

– Zangado?

– Não há uma palavra para aquilo que sentes agora – retificou-se Callum –, mas suponho que zangado ande perto. Há agora amargura, ressentimento. O que éramos antes está um pouco embaciado, ou talvez enferrujado.

– Tu mataste-a. – Ainda lhe parecia disparatado, inconcebível, dizer tal coisa. Tristan ficara entorpecido na altura, sem acreditar completamente. Agora tudo parecia um sonho distante; algo que ele inventara quando a sua mente entrara um dia em devaneios. O apelo do vazio, esse tipo de coisa. Uma fealdade macabra que lhe bailava pelos pensamentos adentro e que depois recuava, demasiado fugaz e demasiado horrenda para ser verdade.

– Na altura pareceu-me a atitude mais honrada – disse Callum.

Foi preciso um esforço descomunal para não o fitar de boca aberta.

– Como assim?

Callum encolheu os ombros.

– Quando sentes a dor de uma pessoa, Tristan, é difícil não querer tirá-la dali. Não fazemos o mesmo com a dor física, com o sofrimento terminal? Em qualquer outra situação, dá-se o nome de misericórdia. – Bebeu mais um trago do copo. – Às vezes, quando sofro a angústia de outra pessoa, eu quero o que ela quer: pôr um fim naquilo tudo. O estado da Parisa é para a vida inteira, é eterno. Degenerativo.

Pousou o copo na mesa, agora vazio.

– Vai consumi-la – disse ele –, de uma forma ou de outra. Se quero que ela morra? Não. Mas... – Mais um encolher de ombros. – Algumas pessoas sofrem com coragem. Outras desajeitadamente. – Levantou os olhos, captando o olhar de incerteza de Tristan. – Algumas fazem-no calmamente, poeticamente. A Parisa fá-lo teimosamente e sem propósito, limita-se a seguir sempre em frente, sempre em frente. Só para evitar a derrota; para sentir algo mais do que o nada. É, acima de tudo, vaidade – disse Callum com um riso seco. – Ela é como todas as coisas bonitas: não suportam a ideia de não existir. Interrogo-me se a dor dela se tornará mais aguda ou mais ténue quando a sua beleza começar a desvanecer-se.

– E quanto àqueles que, entre nós, não sofrem? – perguntou Tristan, passando o dedo na borda do copo. – Que valor temos para ti?

Callum examinou-o por momentos.

– Todos temos exatamente as maldições que merecemos – disse ele. – Que teria sido eu se os pecados que me fizeram tivessem sido de alguma forma diferentes? Tu, parece-me, padeces de pequenez, invisibilidade. – Endireitou-se na cadeira, inclinando-se para a frente. – És obrigado a ver tudo exatamente como é, Tristan – murmurou Callum –, porque achas que ninguém te consegue ver de todo.

Callum desviou o copo dos dedos de Tristan, debruçando-se sobre a mesa. Deslizou uma mão sobre o osso da face de Tristan, pousando o polegar no sinal que tinha no queixo. Houve um momento, antes de isto acontecer, em que Tristan pensou que talvez o tivesse desejado: o toque. Ternura.

Callum teria conseguido saber o que ele desejava, por isso, talvez tivesse mesmo querido.

– Eu sinto – disse Callum –, eu sinto imensamente.

Depois pôs-se de pé com as suas pernas magras e compridas, remanescendo apenas o copo onde ele estivera.

Escusado será dizer que, nos dias que se seguiram, Tristan se manteve num estado de tormento silencioso. Pelo menos na sua intimidade, Callum não era diferente. Eram essencialmente amigos, como sempre, habituados aos seus digestivos de fim de dia junto à lareira. Callum tinha um companheirismo, um à-vontade. Nalguns momentos, parecia que os dedos de Callum estremeciam na direção do ombro de Tristan ou deslizavam tranquilizadamente entre os trapézios das suas omoplatas. Mas eram apenas momentos.

Libby, entretanto, mantinha-se friamente afastada, e os pensamentos de Tristan sobre o tempo que passara com ela desviaram-se inevitavelmente para o assunto do tempo em si.

Quando a primavera começou a romper irrazoavelmente cedo, esgueirando-se de debaixo do frio invernal, Tristan deu por si repetidamente lá fora, aproximando-se das guardas que rodeavam os terrenos da Sociedade. A magia nas orlas era espessa e cheia, identificável em entrançados, como uma corda volumosa. Viam-se fios de outros grupos, outros iniciados, compondo um *puzzle* divertido que nunca dormia. Tristan brincava com as peças, puxando-lhes pelas pontas como fios a desfazer-se e atentava a qualquer eventual perturbação na pulsação da constância.

Tempo. A forma mais fácil de o ver – ou o que quer que dele Tristan conseguisse identificar – era ficar ali parado, quase fora do limiar da propriedade, e existir nos seus vários estádios em simultâneo. Não era uma atividade normal, por si só, mas a verdade era que nada daquilo o era. A supervisão sobre eles parecia ter diminuído com o tempo; coincidência ou não, nenhum deles vira muito Atlas desde que cada um fora confrontado pelo Fórum, o que levava os seis candidatos a andarem estranhamente em bicos de pés à sua volta. Cada um desenvolvera entretanto os seus próprios e estranhos hábitos, e aquele era o de Tristan.

Ficava ali em silêncio, mexendo nas regulações que só parcialmente sabia usar, e tinha a esperança – ou, antes, pressupunha – de que algo aconteceria se ele olhasse o tempo suficiente.

O problema era a sua imaginação. Libby dissera-o: a dela era demasiado pequena. A sua também era problemática. Tristan sabia, objetivamente, que o mundo continha outras dimensões que eles ainda não compreendiam, mas ele aprendera na infância que formas deveria procurar, por isso, muito naturalmente, era essas que ele agora buscava. Fitar o que é familiar e, de alguma forma, esperar ver algo novo faziam-no sentir-se frustrado e que aquilo tudo era uma tarefa absolutamente impossível. Sim, Tristan conseguia ver coisas que os outros não conseguiam, mas o problema era que ele não acreditava nos próprios olhos quando as via. A criança a quem diziam todos os dias que não valia nada era agora um homem despojado de fantasia, a quem faltava a criatividade que lhe poderia proporcionar uma perspectiva mais ampla. Ironicamente, era a sua própria natureza que mais o tolhia.

Uma vez, Tristan cruzou-se com uma pessoa durante este seu processo – numa noite húmida, fresca e molhada e inchada de pólenes, mesmo antes de a manhã ameaçar raiar. Ele ergueu os olhos na sua posição entre os cornizos e, sobressaltado, viu de repente um jovem de frente para ele na orla do relvado, a fitar a casa como se não a conseguisse ver bem, ou talvez como quem procura algo totalmente diferente.

– Sim? – perguntou Tristan, e o homem pestanejou, ajustando a sua atenção. Não era velho, tinha provavelmente a mesma idade de Tristan ou um pouco mais novo, hirsuto e quase demasiado magro, de cabelo negro excessivamente comprido e um ar de raro desalinho. Como se fosse o tipo de pessoa que normalmente não entornasse café no colarinho, mas que, naquele dia, o tinha feito.

– Consegue ver-me? – perguntou o homem, incrédulo. Tristan supôs que ele estaria a usar uma ilusão de encobrimento, mas foi interrompido antes de conseguir perguntar. – Enfim, deixe lá estar, é evidente que sim – suspirou o homem, sobretudo para si mesmo. Não era britânico; era

extremamente americano, na verdade, embora fosse de um tipo diferente do de Libby.

(Tristan interrogou-se por que razão pensara nela, mas pôs esse pensamento de parte. Ultimamente, ela estava sempre a vir-lhe à cabeça.)

– É claro que me consegue ver, caso contrário não teria dito nada – observou o homem amistosamente –, acontece que eu nunca antes tinha encontrado outro viajante como eu.

– Outro... viajante? – perguntou Tristan.

– Normalmente, quando eu o faço, fica tudo um bocadinho congelado – disse o homem. – Sabia que havia outros tipos, é claro. Só pensei que existia sempre num plano em que as outras pessoas não me conseguiam ver.

– Um plano de quê? – perguntou Tristan.

O homem franziu meio sobrolho, divertido.

– Bom, esqueça. Se calhar... estou enganado. – E pigarreou. – Em todo o caso...

– Para onde está a olhar? – perguntou Tristan, que ficara academicamente preso a este assunto. – Quer dizer, o que tem em seu redor. – Esperava conseguir determinar se estavam no mesmo lugar fisicamente ou apenas temporalmente. Ou talvez nem um nem outro, ou ambos.

– Oh. – O homem olhou em volta, fazendo uma pausa tão longa que Tristan se questionou se lho iria dizer. – Bom, para o meu apartamento – decidiu, por fim. – Estou só a decidir se entro ou não.

– Nesse caso não me parece que estejamos no mesmo plano. – Pressupondo que o homem estava a dizer a verdade, embora não fosse claro por que razão não o faria. Depois, porque Tristan não estava certo de querer que aquele misterioso encontro terminasse, disse: – E qual vai ser a sua decisão?

– Bom, acontece que ainda não consegui tomar uma decisão clara sobre uma coisa que tenho de fazer – disse o homem. – Ou melhor, na verdade é pior do que isso. Acho que já decidi o que vou fazer e espero simplesmente que seja o correto. Mas não é, ou se calhar até é. Mas

suponho que não faça diferença – suspirou –, porque já comecei e olhar para trás não vai ajudar.

Aquilo, pensou Tristan, era algo com que facilmente se identificava.

– Não o demoro mais – disse Tristan. – Estou só... a fazer umas experiências, acho eu.

A sua mente pusera-se já a fazer cálculos, mas sem grande proveito. Parecia que estavam os dois no mesmo plano de algo – o tempo era a única explicação plausível –, mas como fizera para chegar ali? Ou acontecera tão subtilmente que ele não sabia como o fazia (e por isso podia já o ter feito antes ou poderia fazê-lo de novo por acidente) ou ele fizera alguma coisa que desencadeara o mecanismo e não o registara devidamente. Devia começar a catalogar as suas refeições, as meias que usava. Tudo o que fizesse de maneira diferente, só para o caso de alguma dessas coisas o arrastar para outro recanto da realidade.

– Sim, bom, faça-as, mas seja responsável. – O homem dirigiu a Tristan uma careta distorcida. – Chamo-me Ezra, já agora.

– Tristan – devolveu Tristan, oferecendo a Ezra um aperto de mão.

– Tristan – repetiu Ezra, com as sobrancelhas a tremer enquanto aceitava a mão. – Mas não é...?

Tristan esperou, mas Ezra deteve-se, pigarreando.

– Esqueça. Muito boa sorte, Tristan – disse ele, e avançou a passos largos, desaparecendo gradualmente no espesso nevoeiro que cobria o relvado da casa.

Quando Ezra já havia desaparecido, ocorreu a Tristan que ele fizera alguma coisa. Não fazia a mais pequena ideia de quê, por isso, rodou nos calcanhares e seguiu a passo de marcha para dentro de casa, correndo escadas acima e parando apenas ao alcançar o corredor dos quartos.

Podia contar a Libby. Ela provavelmente ficaria ainda mais entusiasmada do que ele, ou seja, ele teria a liberdade de dizer ironicamente coisas como «acalma-te lá, não é nada», apesar de não sentir nada disso. Voltou-se para a sua porta, a ponderar essa possibilidade, e depois parou. Infelizmente, era provável que ela se pusesse a fazer várias perguntas, tentando decifrar tudo como era seu hábito. Ela era uma arquiteta dos pormenores,

constantemente nas trincheiras da construção. Queria ver como as coisas se mexiam, que peças estavam em jogo, e, é claro, Tristan não teria respostas para nada disso. Ela olharia para ele, de olhos arregalados, e diria *mais alguma coisa?* E ele diria que não, que era tudo o que sabia, nem sequer devia ter falado no assunto... Baixou os olhos para o relógio.

Cinco.

Da manhã.

Tristan suspirou, afastando-se da porta de Libby e mudando de direção para se dirigir à porta ao lado da sua, batendo uma vez.

Callum apareceu à porta sem camisa, o cabelo desalinhado. Atrás dele, Tristan via os lençóis em desordem, ainda quentes no sítio onde Callum estivera deitado poucos instantes antes, com a respiração profunda de um sono solene.

Era estranho Tristan não saber qual a aparência de Callum aos olhos dos outros. Às vezes desejava conseguir entrar na cabeça das pessoas como Parisa, só para ver. Agora era uma curiosidade. Ele sabia que Callum fazia alguma coisa com o cabelo, o nariz. Via que usava encantamentos, mas não conseguia reconstituir o seu efeito. Ao invés, Callum aparecia diante de Tristan como sempre, com o seu cabelo que não era bem louro e a testa que era visivelmente alta; o queixo que era tão quadrado que parecia estar sempre tenso. Havia à disposição coisas para reparar para quem se dedicasse à atividade da reparação. Os olhos de Callum eram muito juntos e não tão azuis como os poderia tornar, se quisesse. Possivelmente, Callum podia dar-se mesmo ao luxo de obter encantamentos permanentes; até a tecnologia mortal conseguia corrigir a visão das pessoas. Os encantamentos medeicos a que o filho de uma agência de ilusionistas tinha acesso significavam que mesmo Callum poderia não se lembrar de como o seu rosto era antes.

– Eu vejo-te – soltou a boca de Tristan antes de decidir definitivamente o que dizer, o que foi provavelmente melhor, porque podia ter sido «não quero estar sozinho» ou, pior, «não sei o que quero», sendo que Callum teria conhecimento de ambos só de olhar para ele. Que coisa terrível estar tão tragicamente exposto.

Callum desviou-se da porta, convidando-o com um gesto. Sem dizer nada, Tristan entrou.

• NICO •

Nico enfiou uma direita cruzada e falhou um gancho robusto, esbarrando diretamente com o punho de Reina e praguejando alto e bom som uma mistura de calúnias intelectuais em espanhol e palavrões rurais da Nova Escócia.

(Uma vez, Gideon ensinara-o a dizer algo em sereiês – que era uma mescla de dinamarquês, islandês e algo que Nico classificava vagamente como inuíte –, mas também o avisara de que, se fosse mal pronunciado, convocaria uma espécie de coisa marinha meio espetro, meio sereia, pelo que não lhe pareceu que valesse a pena usar. Max também não era grande ajuda no que tocava a obscenidades, já que costumava usar teimosamente e em excesso sempre a mesma palavra: «tomates».)

– Estás em baixo de forma – observou Reina, limpando o suor da sobancelha e fitando Nico enquanto ele cambaleava para trás, estonteado, caindo nas roseiras alegremente em flor do jardim.

Foi preciso algum tempo, mas a dada altura os olhos pararam de lacrimejar.

– Se calhar és tu quem está a melhorar – resmungou Nico, pouco convencido.

– É verdade que estou, mas isso foi erro teu – observou Reina com a sua habitual falta de consideração pelos sentimentos dele.

– Sim, certo. – Nico baixou-se para se sentar no relvado, um tanto ou quanto amuado. – Proponho que terminemos, então.

Reina dirigiu à relva um olhar reprovador (se calhar tinha-a insultado; ela referira que alguns tipos de relva inglesa tinham tendência para serem

excessivamente mimados), mas acabou por se sentar desconfortavelmente ao lado dele.

– O que se passa? – perguntou Reina.

– Nada – respondeu Nico.

– OK – disse Reina.

Era, em quase todos os sentidos, o oposto do encontro que tivera mesmo antes daquele.

– Andas a espiar-me – dissera Parisa a Nico de dentro da sala pintada, virando uma página do livro sem levantar os olhos da sua posição na mesa de leitura. – Vê lá se paras de me espiar.

Nico ficou hirto junto à soleira da porta.

– Não estou...

– Telepata – recordou ela, soando entediada. – Não andas só a espiar, andas amuado.

– Não estou amuado.

(OK, se calhar não tinha sido totalmente diferente desta conversa com Reina.)

– Entra lá e diz-me o que te está a incomodar, para podermos avançar com isto – disse Parisa, levantando por fim os olhos daquilo que, viu então Nico com surpresa, era um exemplar antigo de um livro de banda desenhada do X-Men.

– O que é? – desafiou-o ela com impaciência, seguindo o olhar dele na direção do livro, com um ar que se podia descrever da melhor forma como exigente. – O professor X é telepata.

– Sim, eu sei – disse Nico, atrapalhado.

– Não achas que se baseia num medeico?

– Não, estou só... esquece. – Parou, passando a mão na nuca com uma careta. – Eu só... estás ocupada, vou...

– Senta-te – disse Parisa, empurrando a cadeira do outro lado da mesa com o pé.

– OK, pronto, está bem. – E sentou-se pesadamente, desajeitado.

– Está tudo bem contigo – afirmou Parisa. – Não stresses mais.

– Não estou a stressar – disse Nico, eriçando-se um pouco, e ela levantou os olhos.

Era realmente tão desesperadamente injusto que ela fosse tão bonita, pensou Nico.

– Eu sei – disse ela. – É essa a história da minha origem, se por acaso estavas com atenção.

Imediatamente, Nico vacilou de novo.

– Eu sei – disse ele, mais para os próprios pés do que qualquer outra coisa. Era aquela a sensação de estar na pele de Libby? Ele quase nunca era tão imbecil, nem tão preocupado com a sua própria imbecilidade. Já conhecera a sua dose de raparigas bonitas, e sem dúvida uma mão-cheia delas eram atraentes e mazinhas. Ele devia ter estado preparado para aquilo.

– Não sou mazinha – corrigiu Parisa –, sou brusca. E antes de atribuíres as culpas a um obstáculo linguístico – acrescentou ela, travando-o assim que ele abriu a boca –, também sou fluentemente trilingue, por isso não é desculpa.

– Um brinde à tua superioridade linguística, então – resmungou Nico, picado. Parisa olhou para a página que tinha à sua frente e virou-a.

– O sarcasmo – notou ela – é uma variante morta da graça.

Qualquer referência a algum tipo de mortalidade era o suficiente para Nico se encolher, e Parisa levantou os olhos ao detetar esse movimento, suspirando.

– Desembucha – sugeriu ela, pondo a banda desenhada de lado. – Não posso continuar a ter-te a andar à minha volta assim em bicos de pés, Nicolás. Se te puseres com lamechices, então eu também tenho de ser lamechas, e nem sabes o pouco tempo que tenho para fingimentos...

– Tu *morreste* – disse Nico – na minha *cabeça*.

Parisa calou-se um instante, possivelmente para entrar de novo pé ante pé na cabeça em questão. Estava descalça, constatou ele, observando o rosa-pétala das unhas dos pés pousados na cadeira a seu lado. Ele não era, nem de longe, suficientemente paciente para defesas telepáticas, por isso, como de costume, não se incomodou. Concentrou-se apenas na observação do

verniz dela, na esperança de que fosse menos denunciador do que qualquer outra coisa que ela pudesse encontrar enquanto se passeava pelos seus pensamentos.

– Não te preocupes com a versão de mim que tens na tua cabeça – disse Parisa por fim. – Essa que aí está não existe, Nico. Só eu existo.

Bom conselho, em teoria. Neste caso, dificilmente se aplicava.

– Eu sinto-me, de alguma forma, responsável – admitiu ele –, o que é...

– Ridículo – completou ela.

– ... eu ia dizer possivelmente injusto – corrigiu ele –, mas pronto. Porquê? – Deteve-se.

– Porque escolhi usar a tua cabeça e não a de nenhum dos outros? – perguntou Parisa. – Eu disse-te, Nico, porque és aquele que é menos capaz de artimanhas.

– Soa-me a insulto.

– Porquê?

– Faz com que eu pareça... Não sei – balbuciava, meio envergonhado –, ingénuo.

– Mas o que é isso, machismo? – suspirou Parisa.

Nico mudou de posição na cadeira, olhando de novo para os dedos dos pés dela.

– Se te faz sentir melhor, tu és quem eu mais quereria ter na cama – observou ela, sujeitando-o a incontáveis décadas de trauma pelo simples facto de lhe sustentar o olhar enquanto o dizia. – É raro eu ser altruísta o suficiente para manter a distância, verdadeiramente, e é ainda mais raro eu sujeitar-me a algum tipo de contenção. Infelizmente, dou por mim tomada por um desejo premente de não te arruinar.

Ele deslizou a mão até onde ela pousava indolentemente os pés em cima da cadeira do lado e afagou-os com um dedo ao longo de uma arcada.

– E quem diz que me arruinarias *a mim*?

– Oh, Nico, adoraria que fosses tu a arruinar-me a mim – disse ela com atrevimento, mudando de posição para pousar os pés no colo dele –, contudo, para mal dos meus pecados, não o poderia permitir. Seja como for, fazes tudo demasiado às claras, dás demasiado de ti mesmo. Ias comer-me

com todo o teu coração – lamentou ela –, e eu não te posso expor a esse tipo de perigo.

– Sou capaz de fazer sexo casual – disse Nico, interrogando-se porque sentia a necessidade de dizer aquilo. Enrolou a palma da mão em torno do calcanhar, subindo-a até ao osso do tornozelo e acariciando-lhe a barriga da perna lentamente, moldando a mão à forma dela.

– Para ti, ou é bom ou é casual – disse ela. – Eu não posso correr o risco de ter uma coisa ou outra.

Ela enterrou os dedos dos pés na coxa dele, deixando-se escorregar na cadeira.

– Que fazes nos teus sonhos? – perguntou ela, e depois: – Falas com alguém – deu ela própria a resposta, tamborilando com as unhas ao longo da madeira do tampo da mesa – Às vezes ouço-te.

– Oh. – Ele pigarreou. – Eu... não me cabe a mim...

– ... contar esse segredo, eu sei, só que eu já sei, por isso há muito pouco mais a contar. Chama-se Gideon – lançou Parisa em tom factual, como o nome de uma personagem conhecida que tivesse retirado das páginas de um livro de banda desenhada. – Estás sempre preocupado com ele. Gideon, Gideon, Gideon... Ele está tantas vezes nos teus pensamentos que às vezes até eu penso no nome dele. – Ela soltou um pequeno suspiro enquanto Nico continuava a percorrer distraidamente o esbelto músculo da perna com a palma da mão, dedilhando as suas fibras delicadas. – Ele é um viajante, o Gideon? Não é um telepata. – Ela fechou os olhos, expirando novamente quando os dedos de Nico lhe roçaram o interior do joelho. –

Tanto quanto consigo perceber, ele movimenta-se em sonhos, não no pensamento.

– Na verdade... – disse Nico, e parou.

Os olhos de Parisa abriram-se e ela mexeu outra vez a perna, ajustando-a desta vez de modo a pousar a arcada do pé perigosamente em cima da vulgaridade de eleição de Max.

– Na verdade...? – questionou ela.

Por uma vez na vida, o sorriso dela não era sedutor. Não tinha a intenção de o seduzir para obter uma resposta. A ideia dela era esmagá-lo se não lha

desse.

Nico gostava mais dela por isso mesmo, o que era inquietante.

– Não te inquietes – tranquilizou-o ela. – Podes ser a única pessoa que gosta de mim pelas razões certas.

Ele revirou os olhos, tomando-lhe novamente o pé nas suas mãos.

– Achas que existe uma intersecção entre os sonhos e o pensamento? –

Diante da pausa de expectativa dela, ele explicou: – Tenho andado a tentar investigar isso, mas em vão, na verdade. Não sei o que procuro.

– O que é ele? – perguntou ela. – O Gideon.

Ele massajou o osso acima da arcada, afagando-o com o polegar. Uma distração útil, na realidade, para não se sentir tão culpado por revelar os segredos de Gideon, embora ele imaginasse que, se ela pudesse ajudar, valeria a pena. Já passara um ano inteiro sem progressos nenhuns, e sem Gideon, Nico começava a sentir-se um pouco instável e solitário e desesperado.

– Tecnicamente, uma criatura.

– Um humano híbrido?

– Bom... – Nico mordeu o interior da bochecha. – Não. Meio sereia, meio sátiro.

– Oh. – O sorriso de Parisa retorceu-se e, depois, abriu-se. – Com forma humana? Quer dizer, naquilo que interessa.

Ele levantou os olhos na direção dela.

– Isso é para ter piada?

– Sim. Um bocadinho. – A língua dela deslizou-lhe sobre os lábios, fazendo-a parecer ligeiramente ameninada. – Não consigo travar os meus apetites.

– Tem uma pila, se isso responde à tua pergunta. – Ele mudou rudemente para o outro pé, puxando castigadoramente pelo dedo mindinho. – Não que eu... – Mais hesitação. – Estou só a dizer, vivi com ele durante muito tempo. Há coisas que acontecem.

– Quer dizer que a viste?

Nico olhou para cima, na defensiva, e ela encolheu os ombros.

– Eu cá já vi muitas – disse-lhe ela. – Não te censuraria.

– Não é dessa forma – resmungou ele.
– Muito bem, machismo, uma vez mais. – Ela deu-lhe um toque no joelho com o calcanhar. – Não fiques zangado.
– Não estou, eu só...
– Quer dizer então que o Gideon consegue viajar nos sonhos?
– O Gideon... consegue – disse Nico lentamente. – Sim. Desculpa, sim.
– Oh. – Parisa endireitou-se na cadeira, retirando abruptamente os dois pés do colo dele. – Tu também já o fizeste?
– Eu... – Sentiu as faces a ficar quentes. – É um assunto privado.
– Achas que é?

Não.

– Pronto, sim, eu faço-o – disse Nico com uma careta –, mas não me perguntes como eu...

– Como o fazes?

Ele cerrou os dentes.

– Já te disse, é...

– Descreve-me o pénis do Gideon – sugeriu Parisa e, na pulsação de pânico que se seguiu, ela conseguira claramente tirar alguma coisa da cabeça dele. – Ah – disse ela –, quer dizer que te transformas? Bem, isso é mesmo impressionante. Bastante, mesmo. – Ela deu-lhe outra vez um toque, deliciada. – Brillhante. Agora é que nunca podemos ter sexo – disse ela, aparentemente satisfeita por ter chegado àquela conclusão –, já que faço questão de nunca dormir com pessoas que são mais mágicas do que eu.

– Isso não é de todo verdade – disse Nico, suavemente devastado.

– Eu – respondeu Parisa – sou muito mágica. O Fórum deve-se ter mostrado particularmente ansioso por te deitar as mãos – acrescentou ela depois de pensar melhor, o que para Nico não teve significado nenhum. Ele franziu o sobrolho, e ela inclinou a cabeça, percebendo aparentemente o que significava aquele vazío. – Não recebeste uma visita do Fórum enquanto estavas em Nova Iorque?

Nico percorreu mentalmente aquele fim de semana, tentando lembrar-se de alguma coisa que estivesse fora de sítio.

(«Ei», dissera Gideon em dada altura, quando estavam nos reinos dos sonhos, «alguém está a tentar penetrar as guardas do apartamento.» Nico, que assumira a sua habitual forma de falcão, não disse nada, mas adejou bruscamente as asas a sugerir que podiam mas era pôr-se a andar. «Muito bem», disse Gideon, «foi isso que pensei.»)

– Bem – suspirou Parisa, arrastando-o novamente para o assunto da conversa –, esquece lá então. Querias saber sobre sonhos e pensamentos? – perguntou ela e, embora até então Nico tivesse insistido em manter em segredo o que ele sabia sobre a condição de Gideon, reconheceu o movimento de uma porta rara a abrir-se. De algum modo, ele ganhara uma chave para a sinceridade de Parisa Kamali e não pretendia desperdiçá-la.

– Tu leste um livro – disse Nico – sobre sonhos. A Rainha disse-me.

– O livro do Ibn Sirin, é esse? – perguntou Parisa. – Embora se diga que ele abominava os livros, por isso foi provavelmente um médico menor a escrevê-lo.

– Sim, esse mesmo, acho que... – Nico dava sinais de impaciência. – Pergunto-me se terás alguma...

– Tenho – confirmou Parisa. – Uma teoria, essencialmente. – Ela calou-se, e depois: – Que aspeto têm os sonhos quando estás lá dentro?

– Têm uma topografia – disse Nico. – Estão divididos em... reinos, à falta de uma palavra melhor.

– Como um plano astral?

– Não te sei dizer – disse Nico –, considerando que o único onde alguma vez estive foi aquele que tu criaste dentro da minha cabeça, e eu não sabia que lá estava.

– Bem, lembras-te do aspeto e da sensação – fez notar ela, e ele refletiu.

– Indistinto da realidade, é isso?

– Bastante – concordou ela. – O nosso subconsciente preenche os espaços vazios. Se alguém, especialmente tu, tivesse observado de perto os pormenores, teria sabido que não estávamos na realidade. Mas a maioria das pessoas só olha com atenção se tiver alguma razão para isso.

– Bem, nesse caso, sim, nos reinos dos sonhos a sensação é a mesma – disse ele. – Como na realidade.

– Suspeito bem que os sonhos têm o seu próprio plano astral – disse Parisa. – Só que estão no tempo ausente.

– Tempo *ausente*?

– Sim. Tens alguma vez noção de tempo quando te deslocas com o Gideon? – perguntou ela, e Nico abanou a cabeça. – Ele tem?

– Não, acho que não.

– Bem, talvez a tua teoria esteja quase lá. Os sonhos podem muito bem ser a intersecção entre o tempo e o pensamento – disse Parisa pensativamente. – Existem muitos estudos que demonstram que o tempo se desloca de forma diferente nos sonhos, de uma maneira até mesmo calculável. Possivelmente tal como o tempo se desloca no espaço.

Era uma teoria interessante.

– Quer dizer que o tempo pode avançar mais depressa ou mais devagar nos sonhos?

– Instintivamente, eu diria que sim – disse ela, encolhendo os ombros. E acrescentou: – O Gideon deve ter bastante controlo para conseguir entrar e sair quando lhe apetece.

Nico nunca pensara naquilo daquela forma, mas pressupondo que não se perdia, Gideon tinha realmente uma aguda noção de quando devia regressar. Nico, sempre com a forma de um pássaro, havia presumido apenas que Gideon usava alguma espécie de relógio de pulso.

– Porque te preocupas tanto com ele? – perguntou Parisa, interrompendo as reflexões interiores de Nico. – Além da questão da vossa amizade.

Nico abriu a boca, mas depois fechou-a.

Então, gradualmente, abriu-a outra vez.

– Ele é... muito valioso.

Não queria entrar em pormenores daquilo que a mãe de Gideon lhe pedia regularmente que fizesse. À parte os crimes de Eilif, não era claro se o próprio Gideon era ou não um fugitivo. A verdade era que Gideon se considerava um, daí o cauteloso secretismo de Nico em sua defesa, mas Nico nunca gostara de pensar que isso podia ser verdade. Quando compreendeu o que a mãe lhe pedia para fazer, Gideon carregou o fardo da cumplicidade e tentou parar. Tentou mesmo remediar as coisas.

No entanto, não tardara muito a perceber que esconder-se da mãe (e dos seus colaboradores) era fácil de dizer, mas não de fazer.

– Ah, sim – murmurou Parisa para si mesma –, imagino que as suas capacidades possam facilmente ser usadas para ganhar dinheiro. Muita gente pagaria para tomar posse de uma coisa num sonho se soubesse da existência desse poder. – Ela olhou para o vazio por momentos, a pensar. – Então de que andas tu exatamente à procura nos arquivos?

Confessar a verdade era um tanto ou quanto difícil, mas não parecia valer a pena guardá-la para si. Se alguém o poderia ajudar – ou não ter nenhuma agenda particular por saber o que ele sabia –, Nico imaginava que essa pessoa seria Parisa.

– O que ele é, imagino eu – admitiu Nico. – Quais são os poderes que tem. A sua esperança de vida. Se alguma vez existiu outro como ele. – Pausa. – Esse tipo de coisa.

– Ele gostaria muito de pertencer a uma espécie, imagino?

– De certa forma, sim.

– Que pena – disse ela. – É mesmo humano da parte dele, o facto de ansiar por pertencer a um coletivo.

Permaneceram em silêncio uns instantes, ao som do tiquetaque do relógio da lareira. Nico intuía que Parisa estava mergulhada nos seus pensamentos, e não nos dele, o que era uma observação interessante. Parecia circular numa órbita solitária, a energia da sala reunia-se repentinamente em torno dela em gavinhas de curiosidade, sem se expelir para o exterior, como acontecia geralmente quando contemplava os outros.

– Devias ter uma coisa – disse Parisa passados alguns momentos. – Um talismã para trazeres sempre contigo.

Nico pestanejou e ergueu os olhos.

– O quê?

– Uma coisa que possas trazer contigo. Uma coisa que mantendas em segredo. Para saberes onde estás – explicou ela – e se estás a existir num plano da realidade. O teu amigo Gideon também devia andar com um.

– Porquê?

Nico ficou a olhar pasmado e confuso quando Parisa se levantou, estirando-se languidamente.

– Bom, ainda não o identificaste, mas o motivo por que não consegues largar o que viste dentro da tua cabeça é porque não sabias que estavas lá dentro. – Ela voltou-se para olhar para ele, com um meio sorriso. – É um favor, Nico. Devias ter um talismã. Encontra um e guarda-o contigo e a partir daí terás sempre a certeza do que é real ou não.

Ela virou-se para se ir embora, expressando plena intenção de sair da sala sem mais explicações, mas Nico pôs-se de pé num salto, travando-a por um braço.

– Tu não achas que o Callum te faria mesmo mal, ou achas? – perguntou ele, com mais urgência na voz do que teria preferido. Uma hora antes, até mesmo cinco minutos antes, ele nunca teria tentado uma tão espetacular manifestação de vulnerabilidade, mas agora precisava de saber. – Quero dizer, na vida real. Na realidade. Seja o que for que isso signifique.

Os olhos dela estreitaram-se ligeiramente, calculando.

– Não importa – disse ela, e virou-se, mas Nico puxou-a de volta, suplicando.

– Como pode não importar? Tu consegues ver dentro da cabeça dele, Parisa. Eu não. – Ele soltou-a, mas susteve a energia da conspiração entre eles. – Por favor. Diz-me só o que ele é realmente.

Por momentos, quando ela olhou para ele, Nico pensou ver indícios pouco característicos de tensão no rosto de Parisa. Vestígios de um segredo que em breve seria revelado; uma verdade desejosa de sair cá para fora. Ela tomou a decisão no segundo em que os seus olhos encontraram os dele, mas mesmo com a inesperada conversa que acabavam de ter, não havia como ter-se preparado para o modo como a resposta dela o abalaria.

– Não importa se o Callum tem planos para me fazer mal – disse ela –, porque eu mato-o antes disso.

Parisa chegara-se então mais perto dele e dissera algo que atingira Nico como um soco, que horas depois ainda o mantinha com a cabeça a andar à roda.

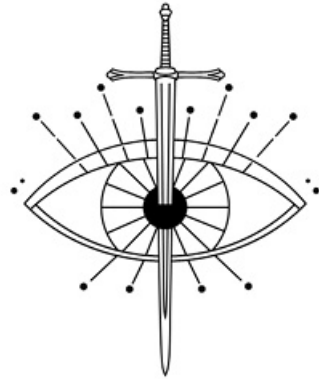
– O que se passa? – perguntou Reina novamente, chamando-o de volta à conversa com um sobressalto, enquanto Nico tirava distraidamente um espinho da roseira que tinha espetado na meia. Reina sentia-se por norma à vontade sem falar, mas se calhar Nico estivera sem dizer nada demasiado tempo. O Sol já se estava a pôr entretanto, brilhando baixinho no horizonte. Nico puxou uma folha de relva e arrancou-a. Interrogou-se se Reina a ouvira a gritar quando ele fizera aquilo e estremeceu ao lembrar-se de que o universo tinha uma voz que ele não conseguia ouvir. Outro pormenor entre tantos que ele não conseguia deixar de saber. Um feliz pedaço de ignorância perdida, pertencente a uma pessoa que ele nunca mais poderia voltar a ser.

– Matarias uma pessoa para ter isto tudo? – murmurou ele para Reina, embora se arrependesse de ter feito a pergunta assim que lhe saiu pela boca. Será que ela lhe perguntaria porquê e será que, nesse caso, ele lhe poderia responder?

Mas não havia motivo para preocupação. Ela não hesitou um só segundo.

– Sim – disse, e fechou os olhos, aquecendo-se em silêncio na relva.

VII



INTENÇÃO



• REINA •

O domínio do pensamento não era totalmente desprovido de interesse como tópico de estudo, mas, ainda assim, Reina ficou contente por poderem seguir em frente. As ruturas na matéria eram especialmente intrigantes, já que havia sempre a ideia de um qualquer tecido invisível e subjacente. Como se estivessem a ser conduzidos por correntes que só conseguiam ver depois de terem absorvido o material, depois de o engolirem todo.

Reina tinha a vantagem de ter sido educada entre as filosofias orientais, por oposição às ocidentais, e isso significava que estava mais aberta a confiar em regras gerais duais. De uma forma que os outros não conseguiam, compreendia a existência de polaridades, o misticismo da oposição: que reconhecer a presença da vida implicava aceitar a presença da morte. Que o conhecimento carecia de ignorância. Que o ganho implicava a perda. A ambição sugeria a satisfação, em certo sentido, porque a fome implicava a existência da superabundância.

– A sorte é uma questão de probabilidade – disse Dalton. Na ausência cada vez mais notória de Atlas, Dalton começara a preencher as lacunas e a abordar temas além do material de introdução. Não parecia apreciar muito o papel de professor, aparentando sempre como se o tivessem arrastado à força para longe de algo mais importante; parecia querer estar noutra sítio, ou perdido em pensamentos muito distantes dos deles.

Ainda assim, já se tinham familiarizado o suficiente com Dalton para que a sua presença fosse menos a de um administrador (como Atlas) e mais a de um cozinheiro que raramente viam, ou a de um mordomo. Alguém que lhes garantia o sustento, mas que não interferia por aí além nas suas vidas.

– A sorte – prosseguiu Dalton – é uma magia e uma ciência que foi estudada em pormenor, tanto por medeiros como por mortais. É o acaso, mas o dado está viciado: é a tendência da probabilidade no sentido de um acontecimento favorável. Por motivos óbvios, a propensão de uma pessoa para a sorte é um bem precioso. É também magia comum, mesmo para os níveis de feiticeiros mais baixos. Ora, quanto à questão da não-sorte...

– Não-sorte? – repetiu Libby, confusa.

(Para Reina, não havia confusão nenhuma. A existência da sorte implicava necessariamente o seu oposto.)

– A não-sorte – confirmou Dalton –, à falta de palavra melhor, é a perturbação intencional da probabilidade. Enguiços, maus agouros, maldições...

– Magia de combate? – perguntou Nico, que, apesar das suas melhores intenções, tinha a tendência para ser impiedosamente literal.

– Não-sorte – repetiu Dalton. – Os maus agouros são evidentemente a forma mais direta; uma má sorte intencional provocada na vítima. Os outros dois...

– Os enguiços são inconveniências, emaranhamentos – disse Libby. – E as maldições fazem mal deliberadamente?

Ela parecia formular sempre tudo sob a forma de pergunta, mesmo quando tinha a certeza, manifestando ostensivamente um desejo de parecer pouco ameaçadora. (Como se algum deles alguma vez se sentisse ameaçado pelo seu conhecimento de algo que todos haviam sido obrigados a estudar no primeiro ano da faculdade.)

– Academicamente, sim – confirmou Dalton. – Mas para os fins da Sociedade, preocupa-nos menos os resultados dessa magia e mais a sua estrutura. Que maldições demonstraram ser mais eficazes e porquê, esse tipo de coisa. Sobretudo – disse ele, desviando claramente a atenção, como tantas vezes acontecia, na direção de Parisa – como a perturbação da sorte pode ser usada para desfazer uma pessoa, desestabilizando-a no desígnio, ou melhor, na falta de desígnio, do percurso que deveria seguir naturalmente.

Os olhos escuros de Parisa sustentaram os dele por instantes. Dalton pigarreou.

– A natureza é caos, a magia é ordem, mas não estão totalmente dissociados. As linhas sanguíneas – continuou Dalton – são um veículo comum de mecanismos de sorte, de continuidade genética. É muito frequente uma maldição seguir de alguma forma a genealogia ou ser transmitida aos descendentes. Este tipo de magia é muito mais complexo do que parece; algo com consequências assim tão duradouras exige um certo grau de sacrifício e perda para a pessoa que o lança.

Os comentários de Reina eram raros mas, por vezes, necessários.

– Porquê?

As plantas a seu lado serpentearam de gozo, incentivando-a a continuar a falar.

MamãMamã, tranquiliza-nos com a tua voz, gostamos tanto de te ouvir!

Ela cruzou uma perna sobre a outra, irritada.

– Porquê? – repetiu Dalton em resposta à interrupção, novamente com o ar de quem desejava poder ficar sozinho com os seus pensamentos. –

Porque, embora a magia e a natureza assumam formas diferentes, não são inseparáveis. A magia tem aspetos da natureza, a natureza tem aspetos da magia, e tirar uma da outra é uma corrupção da forma de ambas. É a desintegração do próprio naturalismo. Um homem com uma maldição irá desestabilizar o equilíbrio das coisas, deformando o universo à sua volta. A magia da sorte também é corrupção; para que qualquer corrupção persista, o iniciador da magia tem de aceitar, de alguma forma, uma fratura; um pedaço dele mesmo quebrado para sempre, como contrapartida pelo desequilíbrio causado.

– Eu não quero saber por que razão é necessário – disse Reina sem cerimónias. – Quero saber como funciona.

Dalton fitou-a com os olhos semicerrados.

– O sacrifício tem a sua própria magia – disse ele. – A decisão de fazer uma coisa, em si, é uma mudança, uma rutura no estado da ordem natural do mundo. Teriam as coisas acontecido a favor do iniciador da magia independentemente da sua interferência? Sim, é claro que sim, o que

significa provavelmente que todos os desfechos são, conceptualmente, possíveis – disse Dalton, continuando a perorar metodicamente. – Mas visarmos como meta um determinado desfecho significa a necessidade de uma mudança numa determinada direção, permanente e irreversível. Estudamos o domínio da consciência porque compreendemos que decidir alguma coisa, ponderar um custo e aceitar as suas consequências, é forçosamente mudar o mundo de alguma forma tangível. E isso é uma magia tão verdadeira e real como qualquer outra.

– Estás a sugerir que a magia é uma espécie de espiritualismo? – perguntou Reina.

A mamã está a dizer a verdade!, a mamã diz a verdade!, ela é feita da verdade!

– Por vezes – prosseguiu Reina bruscamente – tratas a magia como um deus, como uma energia, outras vezes como um impulso. É uma vibração não científica quando dá jeito, mas já sabemos que os seus comportamentos podem ser previstos e, por conseguinte, podem ser alterados intencionalmente.

Dalton não disse nada, esperando que ela dissesse aonde queria chegar, por isso Reina insistiu.

– Fazes da magia uma entidade independente, mas a verdade é que não tem a autonomia da escolha. Nenhuma investigação demonstra que a magia escolhe deliberadamente fazer jus às intenções do seu iniciador; simplesmente, funciona ou não, dependendo das aptidões do iniciador.

Dalton deteve-se para refletir.

– Quer dizer que a magia não tem uma consciência própria, é isso?

Reina anuiu e, a seu lado, a expressão de Parisa foi tomada por um certo grau de contemplação.

– A magia não é um deus – concordou Dalton –, é uma ferramenta. Mas não responde especificamente às distinções das intenções de quem a utiliza, por mais subtis que possam ser. É uma questão que não difere muito da relatividade geral – disse ele. – A intenção não pode alterar os fundamentos da ciência ou da magia na sua globalidade, mas sabemos por observação que o seu desfecho se pode alterar de acordo com a sua utilização.

– Então, uma seta acertar no alvo depende tanto da aptidão do arqueiro como das leis definíveis da velocidade – disse Libby. – É isso que estão a querer dizer?

– Sim e não – respondeu Dalton. – Não é uma equação assim tão simples. As regras da letalidade não estão limitadas por apenas um ou dois constrangimentos, mas muitos. No que toca à magia, a questão não reside apenas no arqueiro – explicou –, mas também na própria seta. Por vezes, a seta é feita de pedra, outras vezes de papel. Se a seta for fraca, mesmo uma abundância de aptidão pode por vezes falhar.

– A intenção do arqueiro forja a seta, do mesmo modo que faz pontaria com o arco? – perguntou Nico, franzindo o sobrolho.

– Por vezes – disse Dalton. – Outras vezes, a seta é forjada por outra coisa.

– A seta forja-se a si mesma?

Libby uma vez mais. Dalton virou-se para ela lentamente, contemplando-a por momentos em silêncio. Parecia querer dizer uma coisa – *Se a magia é a seta e nós somos os arqueiros, quanto controlo temos sobre o seu voo?* –, mas, no fim, parecia perguntar outra completamente diferente.

A magia é a ferramenta ou somos nós?

– Isso – disse Dalton, por fim – é o objetivo deste estudo.

Callum e Tristan ainda não haviam dito nada, o que não era inteiramente invulgar, do mesmo modo que não era invulgar eles trocarem olhares. Em dado momento, fora Tristan quem iniciara estes olhares, quase como uma medida de segurança – para se certificar de que ainda tinha a perna esquerda ou se ainda estava a usar a camisa que vestira antes do pequeno-almoço. Agora era Callum quem fazia a manutenção de rotina. Observava as operações num comboio de passageiros; protegia os seus bens.

Reina virou-se para olhar para Nico, que perdera o interesse nas subtilezas filosóficas da conversa. Ela interrogava-se se ele ainda estaria a pensar no que Parisa lhe dissera e questionou-se em seguida quais seriam as intenções dele.

Estava bastante confiante de que Nico não a mataria. (As suas plantas serpentearam de volta à posição inicial, ciciando o seu desagrado diante da

ideia de alguém proceder de outro modo.) Evidentemente, na prática, Reina estava bastante confiante de que ninguém o faria; não estava nem no topo nem no fundo da lista de ninguém, o que não fazia dela um potencial alvo ou uma potencial vítima. Sob a superfície, todos eram igualmente ambiciosos – individualmente, todos estavam sequiosos de alguma coisa –, mas as polaridades do grupo eram aquelas cuja incongruência não era possível retificar. A presença de Parisa implicava a existência de Callum, e era essa tensão que os outros não conseguiam suportar. Não estando habituados à necessidade de uma oposição, sentiriam a necessidade de escolher.

Reina virou-se para olhar para Parisa, refletindo sobre as suas próprias escolhas. Por um lado, livrar-se-ia de bom grado dela. Por outro, Parisa jogava bem o seu jogo; Reina duvidava de que alguém conseguisse convencer Tristan ou Libby a matá-la. Não, Libby era para excluir de qualquer consideração. Ela não escolheria ninguém ativamente; era demasiado assustadiça. A menos que Libby matasse Callum? Era uma possibilidade. Afinal de contas, fora Libby quem ficara mais incomodada com a morte astral de Parisa.

Ao recordar o incidente em causa, Reina virou-se para observar novamente Callum, mais atentamente desta vez. A planta atrás dele tremeu e Reina franziu o sobrolho, concordando. Foi Callum quem os desestabilizou a todos, e mesmo as mais simples formas de vida sentiam-no. Callum era a escolha óbvia, só que havia um grande obstáculo para se alcançar a unanimidade: Tristan. Tristan concordaria em matar Callum? Não, muito provavelmente não, e isso explicava a necessidade de Callum averiguar regularmente o seu estado.

Aparentemente, o incidente entre Callum e Parisa dividira os restantes em fações – aqueles que se sentiam incomodados com a morte e os que, pelo contrário, não – e Tristan era o meridiano.

Talvez devessem simplesmente livrar-se de Tristan.

Parisa encarou-a com uma sobrancelha levantada. (Reina fora descuidada; fixando-se se calhar algo desajeitadamente naquela ideia.)

Não finjas que alguma vez tiveste algum amigo, pensou Reina numa resposta silenciosa. Viravas-te contra ele num instante, se isso te fosse conveniente.

Os lábios de Parisa retorceram-se, erguendo-se nos cantos, num ténue sorriso. Encolheu ligeiramente os ombros, não confirmando nem negando, e depois voltou de novo a atenção para Dalton, que estava a começar a debater as maldições sobre formas de consciência quando a porta se abriu atrás dele, revelando a inesperada aparição de Atlas na soleira.

– Não quero interromper – disse Atlas, embora, como era evidente, *tivesse* interrompido, inquestionavelmente. Estava, como sempre, vestido de fato completo, embora parecesse ter vindo de algum lado, talvez uma reunião. Dado que nunca tinha exercido o cargo de Curador numa sociedade secreta de elite, Reina continuava com dúvidas quanto às suas atividades diárias. Observou-o a desencaixar a pega do guarda-chuva do braço e a pousá-lo ao lado da porta, encostando-o à soleira.

Em dado momento, aquilo fora normal. No início, quando começaram a trabalhar, Atlas estivera presente todas as manhãs, mas, tal como Dalton, dera vários passos atrás assim que eles se tinham familiarizado com o trabalho da Sociedade. Agora, o seu aparecimento mudara a química na sala, alterando perceptivelmente a atmosfera.

Dalton anuiu, reconhecendo a sua presença, abrindo a boca para continuar a sua lista de leituras recomendadas, mas, antes de o poder fazer, Libby pusera hesitantemente uma mão no ar.

– Desculpe – disse ela, dirigindo-se a Atlas –, mas, já que aqui está, gostaria de saber se em dada altura vamos falar sobre os pormenores da iniciação.

O resto da sala gelou.

Dalton, observou Reina, ficara quieto como um robô, entrando de imediato em curto-circuito. Nico sentiu-se atormentado, mas de uma forma muito específica: a consternação típica de quem se esqueceu de fazer algo importante, como sair de casa com o forno ligado. Tristan olhou em frente, como se não tivesse ouvido a pergunta (impossível), e Callum debatia-se

para não se rir, na esperança de poder mais tarde repassar o momento infinitamente até lhe extrair o máximo de diversão que conseguisse.

Parisa era a menos assustada. Talvez já soubesse o que Libby iria perguntar antes mesmo de ela dizer alguma coisa em voz alta, tendo em conta a leitura de pensamentos, mas seguramente ninguém naquela sala duvidava de que, quaisquer que fossem os segredos que os outros guardavam, Parisa também os carregava.

Só Libby estava de mãos vazias.

– Estamos aqui há quase um ano – sublinhou Libby. – E entretanto já todos recebemos visitas de membros de outras organizações, não é?

Ninguém disse nada a confirmar, mas isso não a pareceu dissuadir minimamente.

– Por isso, parece-me que já alguém nos devia ter dito o que vai acontecer a seguir – concluiu Libby cautelosamente, olhando em volta. – Vai haver alguma espécie de exame ou...?

– Perdoem-me a concisão – disse Atlas. – Em grupo, até ao final do mês deverão ter selecionado um membro para ser eliminado. Quanto aos pormenores, é ainda cedo para os abordar.

– Ah, é? – perguntou Libby, com um ar severo. – Porque até parece que...

– Houve uma razão para a Sociedade ter feito as coisas de uma maneira muito particular – disse Atlas. – Isto pode para já não parecer claro, mas não posso permitir que a conveniência se sobreponha à importância da nossa metodologia. A eficiência logística é apenas uma de muitas preocupações, receio bem.

Era evidente que Libby não ia ter direito a mais respostas; era ainda mais evidente a sua insatisfação com a ideia de permanecer na ignorância.

– Oh. – Cruzou os braços sobre o peito, virando-se de novo para Dalton. – Desculpem.

Dalton prosseguiu, regressando com pouca convicção à sua palestra, e durante o resto da tarde não foi visível que mais alguma coisa estivesse fora do sítio.

Contudo, para Reina, naquela tarde haviam alcançado algo monumental. Ela tinha agora a certeza de que apenas Libby estava às escuras e isso significava que, se os restantes estavam cientes das condições da iniciação e ainda não se haviam ido embora, então todos teriam chegado secretamente à mesma conclusão que Reina.

Cada um estava disposto a matar quem fosse preciso para ficar. Cinco em seis setas, não só estavam afiadas, como eram letais, e estavam já prontas a disparar.

Por um instante, Reina sentiu um sorriso a rasgar-se-lhe no rosto: intenção.

A MamãMamãMamã está viiiiiiiiiiiiiva!

• TRISTAN •

— **S**e calhar devíamos matar a Rhodes – observou Callum ao pequeno-almoço.
Tristan parou então de mastigar, engolindo a saliva espessa em volta da torrada.

Callum olhou-o de esguelha, com um leve encolher de ombros.

– Parece-me prático – disse ele. – Ela e o Varona são um par, não são? Para quê manter os dois?

Não era a primeira vez que Callum apontava naquela direção, mas, ainda assim, a resposta de Tristan foi lenta.

– Nesse caso, porque não sugeres que se mate o Nico?

– Poderíamos, suponho eu. – Callum estendeu a mão e pegou no café, bebendo um gole. – Podia deixar-me convencer.

Voltou a pousar a chávena na mesa, olhando para a torrada de Tristan à espera de ser atacada.

– Está tudo bem?

Tristan fez um ar carrancudo.

– Estamos aqui a discutir qual de nós vamos *assassinar*, Callum. Não podes esperar que consiga simplesmente continuar a comer.

– Ah, não? Ainda aqui estás – fez notar Callum. – Imagino que isso signifique que se espere que continues a fazer tudo tal como farias normalmente.

– Ainda assim.

Tristan sentia uma dor no estômago, ou se calhar no peito. Sentia-se nauseado e quebrado. Era isto que Dalton queria dizer sobre uma pessoa ficar fraturada? Talvez estivessem a ser desintegrados de propósito, a

eliminar-se qualquer moralidade para que pudessem ser novamente cosidos com peças menos humanas. Se calhar, no final de tudo, restaria apenas um vestígio das suas antigas convicções, como uma cauda perdida. Uma qualquer pequenina protuberância na base da sua espinha filosófica.

Era espantosa a facilidade com que se acomodara à ideia. Não deveria ter mostrado relutância, recuado, fugido? Ao invés, a ideia parecia ter assentado como algo de que suspeitara desde sempre, tornando-se mais inegavelmente evidente a cada dia que passava. É claro que alguém tinha de morrer. Uma magia imensa exigia uma fonte de energia e um sacrifício daquela natureza seria precisamente isso: imenso.

Pelo menos para Tristan. Presumivelmente, num determinado nível de privilégio, coisas triviais como as vidas e o bem-estar das pessoas eram pormenores insignificantes, custos fúteis a analisar brevemente e, depois, no interesse da produtividade, pôr de lado para um bem maior.

Pensamentos e preces.

– Se calhar não funciona se não sentires nada – murmurou Tristan, e Callum levantou os olhos bruscamente.

– O quê?

– Só quis dizer...

Que *quisera* ele dizer? Afinal de contas, tratava-se de Callum.

– Esquece.

– Em tempos tiveste fé em mim. – Os dedos de Callum crisparam-se em torno da chávena. – Mas agora já não, deduzo eu?

– Bom, eu só...

– Isto é o que eu faço para sobreviver – disse Callum, a voz agora áspera com alguma coisa; traição, talvez. Tristan estremeceu, lembrando-se do que Callum dissera: *A confiança, quando morre, não pode ser ressuscitada.* – Pensava que, entretanto, já tinhas percebido isso a meu respeito.

– E percebi. Percebo – corrigiu-se Tristan. – Mas tu soas tão...

– Quê, insensível? Frio, indiferente, ambivalente? – Pausa. – Ou quererás dizer cruel?

Silêncio.

Callum virou a cabeça para olhar, expectante, para Tristan, que não levantou os olhos.

– Anda não percebeste, pois não?

Tristan não disse nada.

– Estamos assim por causa daquilo que *temos*, não daquilo que nos falta – disse Callum, subitamente impaciente. – Quem seria a Parisa se não tivesse visto os pensamentos do irmão? Ou se a Reina não tivesse sido sugada desde que nasceu?

– Callum – conseguiu Tristan dizer –, eu só estava a tentar...

– O quê? Vilipendiar-me? No fim, a nossa escolha vai ser a mesma, Tristan. Na verdade, até já a fizemos. – A boca de Callum era uma linha fina; contraída de malícia ou dor. – No fim, tu e eu vamos decidir matar alguém. És menos culpado simplesmente por seres aquele que mais se inquieta com o assunto?

Com a mente enevoada, Tristan pensou dizer sim. Pensou em argumentar: *Isto é culpa, é humano, a tua capacidade de decisão é robótica, como uma máquina. No fim, eu não conseguiria continuar na mesma, eu não me tornaria uma versão falsa de mim mesmo, tenho um coração que bate dentro do meu peito, onde está o teu?*

Mas não o fez.

– Estás aqui – disse Callum – porque desejas ganhar alguma coisa com isto, tanto quanto eu. Poder, compreensão, não interessa o quê. Se calhar o que queres é conhecimento, ou se calhar não. Talvez estejas aqui porque planeias sair desta Sociedade e tomar conta da empresa do James Wessex assim que o fizeres. Se calhar vais levá-lo à bancarrota, mandar a filha para a ruína. Talvez isto seja para ti uma questão de vingança, uma represália, quer penses vir a admiti-lo para ti mesmo ou não.

Tristan engoliu pesadamente em seco.

– Se calhar consegues ver os outros, Tristan, mas eu consigo ver as partes de ti que não te permites ver tu mesmo. É essa a porra da minha maldição, Tristan.

Callum pôs-se de pé num salto e começou a andar de um lado para o outro.

– Não há uma pessoa neste mundo que se consiga ver a si mesma como eu a vejo – rosnou Callum, e não soava a aviso. Nem a ameaça. – Tu queres acreditar que a tua hesitação faz de ti uma boa pessoa, uma pessoa melhor? Não faz. Cada um de nós tem alguma coisa em falta. Somos todos incrivelmente poderosos, incrivelmente extraordinários; não vês que é por estarmos trespassados de espaços vazios? Estamos vazios e a tentar encher-nos, incendiar-nos, só para provar que somos *normais*, que somos comuns. Que nós, como tudo o resto, nos queimamos.

Ele virou-se e deixou cair uma mão ao lado, exasperado.

– Somos medeicos porque nunca nada nos bastará – disse Callum com a voz rouca. – Não somos normais; somos deuses nascidos com a dor incorporada. Somos seres incendiários e temos *falhas*, só que as fraquezas que fingimos ter não são de todo as nossas verdadeiras fraquezas. Não somos brandos, não sofremos de incapacidade ou fragilidade, nós imitamos tudo isso. Dizemos a nós mesmos que temos tudo isso. Mas a nossa verdadeira fraqueza é sabermos que somos maiores, mais fortes, o mais próximos da onnipotência que é possível ser, e somos esfomeados, ansiamos ferozmente por isso. As outras pessoas veem os seus limites, Tristan, mas nós não temos nenhum. Queremos encontrar os nossos limiares impossíveis, fechar os dedos em torno de restrições que não existem e *isso...* – Callum expirou. – Isso é o que nos vai levar à loucura.

Tristan baixou o olhar na direção da torrada esquecida, subitamente esgotado.

A voz de Callum não se suavizou.

– Não queres dar em doido? Lamento muito, já aconteceu. Se saíres daqui, a loucura limita-se a ir atrás de ti. Já foste demasiado longe, e eu também.

– Não vou matar a Rhodes – disse Tristan. – Não o posso fazer.

Callum calou-se um instante, crispando-se, e depois voltou a sentar-se. Posicionou a cadeira e acenou com a mão sobre o café para se reabastecer do seu calor.

– Sim – disse ele sem expressão. – A Parisa tratou de garantir isso.

Ao longo do resto do dia, Tristan sentiu-se atordoado. Sentia-se exaurido, como se tivesse uma ferida que não coagulava. O constante questionar de si mesmo, dos outros, era perigosamente penetrante. Uma coisa era ser compreendido por outra pessoa, ser exposto por essa pessoa, e outra completamente diferente (por mais inevitável que fosse) era que essa pessoa abusasse dele. Parisa e Callum haviam visto partes de Tristan que ele não compreendia ou não queria compreender; ambos desconfiavam por princípio do outro. O que tinham visto eles nele que cada um poderia usar em sua vantagem? Ele estava a minar-se a si mesmo sob o peso da sua dúvida, da incerteza.

Já nada era concreto. O tempo não existia, nem o infinito. Havia outras dimensões, outros planos, outras pessoas que os sabiam usar. Talvez Tristan estivesse apaixonado por Callum ou Parisa, ou ambos ou nenhum, se calhar na verdade até os odiasse, se calhar queria dizer alguma coisa o facto de ele confiar tão pouco neles e eles não se importarem com isso, já que o sabiam desde sempre. Se calhar as únicas partes que Tristan não conseguia ver era a si mesmo e o seu lugar naquele jogo entre eles. Diante desta probabilidade, da sua maldita idiotice, ele viu o rosto dececionado de Libby na sua mente, a cabeça a abanar ligeiramente.

Se calhar ele amava-a a ela. Ou, se calhar, a verdadeira insanidade era o quanto ele desejava desesperadamente não a amar.

Em todo o caso, Tristan precisava urgentemente de acreditar *nalguma coisa*; deixar de olhar para as partes e compreender por fim o todo. Queria regozijar-se com a sua magia, não lutar com ela. Queria algo, algures, que não conseguia compreender.

Caminhava para trás e para a frente na sala pintada enquanto formulava hipóteses, escavando furiosamente um trilho entre a abside da cúpula e a porta. O movimento não ajudava por entre o nevoeiro de coisas que não via com toda a nitidez, mas sentar-se quieto também não era opção. Fechou os olhos e estendeu a mão para agarrar nalguma coisa sólida, sentindo feixes no ar. As guardas da casa concebidas por Nico e Libby eram como uma grelha, como barras, era difícil perturbá-las. Parou e tentou algo diferente: fazer parte delas, ser um participante e não um observador.

Sentiu-se a si mesmo como uma centelha de existência, que tanto existia num lugar como não. Era meditação, de certa forma. O foco num estado de ligação, e quanto mais se incorporava nos seus pensamentos, menos conseguia centrar-se em realidade física alguma. Na ausência da visão, apenas a razão e a memória lhe poderiam dizer onde estava: soalhos duros de madeira, o cheiro de acendalhas a arder no fogão de sala, o ar da mansão da Sociedade, ocupada por contorções mágicas que ele próprio fizera – mas, com o objetivo de desaprender as suas ideias preconcebidas, descartou tudo isso. Não estava em lado nenhum, estava em todo o lado, era tudo e não era nada. Abandonou a necessidade de assumir uma forma.

Desconcertantemente, foi a voz de Parisa que falou com ele. Tristan não conseguia dizer de quando ou onde.

– Devias ter um talismã – disse ela. – Encontra um e guarda-o contigo e a partir daí terás sempre a certeza do que é real ou não.

Os olhos de Tristan abriram-se num repente, alarmados, mas, ao ver-se a si mesmo na realidade, confirmou que não saíra de onde se lembrava de estar pela última vez. Estava ainda sob a cúpula da sala pintada, rodeado de ninguém e de nada.

Onde teria ido ele naquele instante ou será que se teria sequer deslocado? Teria Parisa estado de alguma forma dentro da sua cabeça ou teria sido uma memória? A magia era de Parisa ou seria sua?

Lá se ia toda a interrogação sobre o que poderá ser real.

No fim, Tristan sacudiu o corpo e levantou-se. Depois de uma pausa para pensar, pegou num pequeno pedaço de papel e escreveu algo que só ele saberia ou compreenderia, e depois enfiou-o no bolso.

Callum ergueu os olhos quando Tristan entrou na sala matinal, preparando-se para uma continuação da conversa anterior, mas Tristan abanou a cabeça.

– Não vim aqui para discutir – disse ele. – Tens razão, é claro. Eu sei que tens razão.

Callum fez um ar prudentemente pouco convencido.

– Isso é uma cedência ou um elogio?

– Nem uma coisa, nem outra. Um facto. Ou melhor, uma bandeira branca.

– São tréguas, então?

– Ou um pedido de desculpas – disse Tristan. – O que preferires.

Callum arqueou uma sobrancelha.

– Não me parece que precise nem de uma, nem de outra.

– Talvez não. – Tristan cruzou os braços sobre o peito, encostando-se à soleira da porta da sala de leitura. – Uma bebida?

Callum olhou-o mais um instante e depois anuiu, fechando o livro à sua frente e pondo-se de pé sem dificuldade.

Os dois caminharam para a sala pintada num ritmo de coesão já muito praticado. Callum chamou dois copos do canto, olhando sobre o ombro para Tristan.

– Uísque?

– Pode ser.

Callum serviu com um aceno de mão, derramando magia como sempre, e, a seu lado, Tristan sentou-se no lugar habitual. Os seus movimentos eram ágeis, haviam sido ensaiados com frequência, e Callum pousou um copo na mão de Tristan, segurando o outro. Por momentos, mantiveram-se calados, cada um a saborear a bebida. Era uma mistura com um travo a fumo, oca, sedosa, de tonalidade âmbar e caramelo sob a luz, com o rasto suave que ambos tendiam a preferir.

– Não tem de ser a Rhodes – disse Callum por fim. – Mas tens de admitir que ela não é muito popular.

Tristan bebericou do uísque.

– Eu sei.

– Pouco popular não quer dizer que não tenha valor.

– Eu sei.

– E se a tua ligação a ela for...

– Não é. – De novo, Tristan bebericou do copo. – Não me parece.

– Ah. – Callum virou a cabeça e olhou para ele. – Só para que fique registado, ela tem andado a tentar investigar a irmã morta.

Tristan pestanejou.

– O quê?

– A irmã dela morreu com uma doença degenerativa. Acho que já devo ter referido isso antes.

Não tinha, mas Tristan não conseguiu decidir se deveria ou não tê-lo feito.

– Como sabes isso?

– Porque sei – respondeu Callum com toda a simplicidade. – É fácil detetar uma pessoa que assistiu outra a definhar. São atormentadas de maneira diferente. – Calou-se e depois acrescentou: – E também anda a pedir livros sobre a degeneração humana, o que a biblioteca lhe tem recusado.

– E tu sabes *isso* porque...?

– Coincidência. Afinal de contas, vivemos na mesma casa.

– Ah. – Tristan pigarreou. – E como posso saber que estás a ser sincero?

– Que razão teria eu para mentir?

– Bem, parece-me que isto tem vantagens para ti. Ter alguém.

– Ter alguém ou ter-te a ti?

– Isso diz-me tu. – Tristan olhou para ele de relance e Callum suspirou.

– Estás habituado a ser desejado, é isso? – desafiou Callum. Antes que Tristan conseguisse proferir a sua resposta seguramente desconfortável, Callum explicou: – Quero dizer, como amigo. Como pessoa. – Pausa. – Como seja o que for.

– Por favor, hoje não me faças psicanálise – disse Tristan.

– Pronto, pronto. – O sorriso de Callum contorceu-se. – Problemas com o paizinho.

Tristan fuzilou-o com os olhos, e Callum riu-se.

– Bom, o uísque é bom e a companhia também – disse Callum. – Espantosamente, é sobretudo essa a medida do valor que tens para mim, Tristan. Muita conversa, pelo menos isso.

– Eu não teria tanta certeza quanto ao «muita».

– Essa – disse Callum – é a melhor parte. Os silêncios são particularmente interessantes.

Em conformidade, permaneceram em silêncio algum tempo, saboreando o alívio da resolução de um conflito.

Passados minutos de tranquila coexistência, Callum olhou para o relógio.

– Bom – disse ele –, acho que me vou deitar.

Pôs-se de pé, pousando o copo vazio na mesa.

– Ainda ficas?

– Mais um bocado – respondeu Tristan, e Callum assentiu.

– Vale pelo que vale – disse ele, dando uma palmada no ombro de Tristan –, mas as partes de ti que tu pareces desprezar não são de todo abomináveis.

– Obrigado – disse Tristan energicamente e Callum soltou mais uma gargalhada vigorosa.

Atravessou as portas a passos largos e desapareceu, o calor da sua magia engolido pela escuridão, saindo com ele.

Tristan, agora sozinho à luz da lareira da sala pintada, enfiou a mão no bolso. Tirou de lá o papel onde escrevera antes, desdobrando-o para ler a escrita no seu interior. Dificilmente se podia dizer que tinha a gravidade de um talismã mágico, mas não deixava de ser um pedaço de realidade inalterada, algo que lhe permitia distinguir a verdade.

Mais especificamente: a bebida que quisera tomar aquela noite, enquanto estivera sozinho e em que fora, inquestionavelmente, ele próprio.

Um copo de vinho. Vintage. Velho Mundo.

Tristan olhou para cima, para a humidade no copo de uísque de que Callum se servira, observando uma gota de condensação a cair predestinadamente na mesa em baixo.

– Merda – praguejou Tristan em voz alta, amarfanhando o papel com as mãos.

· LIBBY ·

— **M**enina Rhodes – disse Atlas num tom agradável –, mas que surpresa.

Libby parou à entrada da porta da sala de leitura, com uma expressão severa.

Atlas estava sentado sozinho numa das pequenas mesas, ainda ostensivamente absorvido no conteúdo do seu livro. Não precisara de levantar os olhos para perceber que ela entrara, o que, na cabeça de Libby, dizia muito.

– Mas não é propriamente uma surpresa – concluiu ela em voz alta –, pois não?

Atlas pôs por fim o livro de lado e olhou para cima, levemente a sorrir.

– O que me denunciou?

A sua ausência de perturbação, sobretudo. Não era preciso magia nenhuma para chegar a essa conclusão, além da simples observação.

– Foi só um palpite – disse ela, e Atlas fez-lhe sinal para que se sentasse.

– Como sabia que eu estava aqui?

Guardas de vigilância. Afinal de contas, ela havia-as criado.

– Ouvi o Dalton dizer – disse ela, sentando-se na sugerida cadeira ao lado dele.

– Hum – disse Atlas. Tamborilou na capa do livro, que era, absurdamente, *A Tempestade*. – Presumo que tenha mais perguntas sobre a iniciação?

– Sim – disse Libby –, *várias*.

Tantas, na verdade, que nem sabia por onde começar.

Nos últimos dias, Libby andara a fazer uma série de coisas. Investigação, como sempre. Após a visita que recebera do Fórum, pusera-se de novo à procura de qualquer coisa que tivesse alguma relação com Katherine, sem grandes resultados. Tudo o que a biblioteca lhe dava – ou, em todo o caso, tudo o que alguém programara a biblioteca para lhe dar – eram assuntos relacionados com as tarefas que tinham naquele momento em mãos: *maldições* degenerativas, longevidade e os seus opostos. A degradação, que era um processo de entropia natural, permanecia fora do seu alcance. Todos os seus pedidos eram recusados, a menos que tivessem algo que ver com o estudo da corrupção intencional – a «não-sorte», como Dalton lhe chamara.

Libby começara precisamente a interrogar-se sobre quem estaria na verdade a impedi-los de aceder ao conteúdo dos arquivos quando Nico a abordou na sala de estar. Arrastara-a depois para a capela para uma conversa totalmente diferente, parecendo invulgarmente angustiado.

– Tenho de te contar uma coisa – disse ele, fechando a porta atrás deles.
– E não vais gostar.

– Assim do nada? Imagino que não. – Libby nunca gostava de nada do que Nico tivesse para dizer sem que ninguém lhe perguntasse nada e com certeza não ia começar agora. Abriu a boca para lhe dizer que tinha outras coisas em que pensar e que havia ali uma corrente de ar e que ela não apreciava cenas teatrais, mas ele interrompeu-a bruscamente.

– Tenta só... por favor, não a-Rhodes esta conversa – disse ele. – OK?

– Como já te disse, o meu nome não é um *verbo*, Varona.

– Ou isso. – Ele esfregou a têmpora enquanto a luz se derramava para o interior da capela vinda do archote do tríptico de vitrais. – Olha, decididamente, não podes contar ao Fowler...

– Eu não conto nada ao Ezra – disparou ela, irritada por antecipação. – Já não, isso de certeza.

Nico piscou os olhos.

– Que queres dizer com isso?

– Nada. – Pelo menos nada que lhe quisesse contar ele. – Não quero falar sobre isso.

– Pronto, só... – Nico expirou, baixando a voz que ecoava das paredes apaineladas da capela. – Eu acho – murmurou ele – que quando eles dizem que temos de eliminar alguém querem dizer literalmente.

Não era nada do que Libby estava à espera. De todo.

– O quê?

– A sexta pessoa, a pessoa que não vai ser iniciada. Eu acho que é... –

Pausa agitada.

– É o quê?

– Credo. – Nico despenteou o cabelo com uma mão. – Morta.

– Não. – disse Libby. – Isso é ridículo. É impossível.

– Pois, eu quis dizer que tenho a certeza – disse Nico, refletindo. – Mas será mesmo?

– Não faz sentido nenhum. – Ela fitou-o severamente, franzindo o sobrolho. – Quem te disse isso?

– A Parisa, mas...

Aquilo era ligeiramente mais inquietante, tendo em conta a leitura de pensamentos.

– Então ela deve ter entendido mal alguma coisa, ou sei lá. Ou pode estar a mentir.

Surpreendentemente, Nico hesitou.

– Não me parece, Rhodes.

– Bom, é escandaloso – disse Libby, cáustica. – Não podemos de maneira nenhuma ser parte de alguma espécie de... – Atrapalhou-se, enervada. – Uma espécie de competição de *assassinos*...

– Talvez não sejamos – concordou Nico. – Se calhar é um truque ou algo assim. Ou se calhar toda a cena da intenção de que o Dalton estava a falar – disse ele, gesticulando com a mão para se referir à aula que provavelmente mal tinha escutado. – Talvez tenhamos só de estar *dispostos* a fazê-lo para que funcione, mas...

– Que queres dizer com «funcione»?

– Bem, a Parisa diz...

– A Parisa não sabe coisa nenhuma – disse Libby resolutamente.

– Muito bem, certo, talvez não, mas esta é a informação que tenho, por isso estou a dar-ta. Credo – Nico começou de repente a praguejar em voz alta, o som fazendo ricochete nas arcadas góticas –, raios te parta que és impossível.

– Eu? – Ela fulminou-o. – Quem mais sabe, então?

Ele encolheu-se.

– Todos, acho eu.

– Todos, *tu achas?*

– Eu... – Ele vacilou. – Certo, eu sei que sim.

– A sério, toda a gente?

– Sim, Rhodes, toda a gente.

– Isso é impossível.

Ela estava ciente de que se estava a repetir, mas parecia improvável que conseguisse gerar outro tipo de resposta.

– Alguém se deu ao trabalho de perguntar ao Atlas? – exigiu saber, repentinamente enfurecida. – Isto foi sequer remotamente confirmado?

– Não sei, mas...

– Não *sabes?*

– Elizabeth, queres ouvir-me, por favor?

– Claro que não, isto é absurdo.

– Como queiras – disse Nico, lançando as mãos ao ar. – Só para que saibas, também detesto isto, mas...

– Mas o quê? – pressionou Libby. – Que *mas* é que pode haver, Varona? O que há aqui que possa justificar matares alguém?

– Meu Deus, Rhodes, há aqui alguma coisa que *não* justifique matar?

Ele quase o gritara na cara dela, pelo que fechou a boca com força, alarmado. Ela pestanejou, surpresa.

– Eu só quis dizer – começou Nico precipitadamente, mas depois abanou a cabeça, com um esgar. – Nada, esquece. Vem falar comigo quando estiveres pronta, quando tiveres processado a informação. Não te consigo explicar isto agora.

– Varona – rosnou Libby, mas ele estava já a sair pelas portas da capela, sacudindo-a como um arrepio.

Por isso, Libby averiguara as guardas de vigilância para descobrir que Atlas Blakely, que lhes oferecera uma posição que ia além do que alguma vez pudessem imaginar, sem lhes referir o custo, estava sozinho na sala de leitura. E, uma vez mais, ela sentara-se no lugar vazio que ele lhe oferecera.

Mas desta vez seria diferente. Teria de ser.

– Deve ter imaginado que haveria alguma coisa – disse Atlas, abalando Libby da sua hesitação momentânea.

Ela não se deu ao trabalho de lhe perguntar como sabia no que estava a pensar.

– Quer dizer que é verdade?

– Não é tão macabro como parece – disse Atlas placidamente. – Mas sim, um de vocês terá de morrer.

Ela afundou-se mais na cadeira de madeira, interrogando-se como reagir. Parte dela estava convencida de que estava a imaginar tudo aquilo. Seria um sonho? Seguramente que não e, ainda assim, nada nela acreditara, nem por um momento, que Atlas alguma vez confirmaria a verdade das suspeitas de Nico.

– Mas...

– Por vezes, é uma conspiração – admitiu Atlas, impedindo-a misericordiosamente de se atrapalhar ainda mais. – Outras vezes, assemelha-se aos Idos de Março. Mas, com frequência, é um sacrifício, pelo que implica um grande sofrimento.

– Mas – tentou Libby de novo, e hesitou, dando por si incapaz de começar. – Mas como...?

– Como vos podemos pedir isto? Não com facilidade – disse Atlas. – Receio bem que seja uma prática antiga. Tão antiga como a própria biblioteca. Consegue sequer imaginar quanta magia tem um medeico do seu calibre? – perguntou, uma pergunta que parecia concebida para a fazer estremecer. – A enormidade de uma tal oferenda estabiliza a magia dos próprios arquivos.

Ela empalideceu diante da perversidade de tal transação.

– Isso é... é...

– É necessário – concedeu Atlas – porque, com cada geração de iniciados, o poder dos arquivos aumenta. Com cada medeico que estuda dentro destas paredes, expandimos o alcance e a utilização do nosso conhecimento. Do mesmo modo, o valor daquilo que ganhamos em troca é incomensurável. Se calhar já reparou nisso? – questionou ele com uma neutralidade ponderada. – Que o seu próprio poder, a sua energia, é agora diferente. Mais potente, talvez. Ou possivelmente são os resultados da sua magia que revelam mais potência do que antes.

Libby, que não o podia negar, cerrou um punho em silencioso desafio.

– Já sabe, menina Rhodes, que o poder não vem do nada – alertou Atlas.
– Não pode ser criado, nem extraído de um poço vazio. O princípio primário da magia permanece infalivelmente verdadeiro: tem sempre um custo. Há um preço a pagar por todo este privilégio e optar por ele requer a dignidade de o pagar.

Por breves momentos, e completamente contra a sua vontade, Libby ouviu uma vez mais as palavras de Dalton – aquelas que ela considerara em tempos tão racionais, tão empolgantes. Que a intenção, ou a matéria da sorte ou da não-sorte, era poderosa, dominante. Uma matéria complexa e irreversível. O desvio de uma pessoa do destino aonde, de outro modo, o seu caminho a levaria.

E não havia dúvidas de que ela o escolhera.

– Mas não fomos informados antes – disse Libby inexpressivamente e Atlas anuiu.

– Nunca ninguém é informado, menina Rhodes.

– Ter-nos-ia dito?

– Sim, é claro, mais cedo ou mais tarde. É difícil manter segredos, e é frequente o Fórum interferir.

Libby cerrou os dentes.

– Eles têm conhecimento?

– A Sociedade é antiga, menina Rhodes, e, logo, também os seus inimigos o são. Os humanos são criaturas falíveis. É melhor a interferência do Fórum do que da Wessex Corporation, ao menos isso. O capitalismo tem a terrível tendência para abandonar totalmente os seus princípios.

Ela pensou como podia ele ser tão indiferente.

– E, de algum modo, os *vossos* princípios mantêm-se?

– Se houvesse outra forma – respondeu Atlas simplesmente –, fá-lo-íamos.

Libby remexeu-se um pouco, querendo e não querendo perguntar ao mesmo tempo.

– Quer saber como – adivinhou Atlas, e ela levantou os olhos, ressentida com a sua compaixão. – É uma pergunta razoável, menina Rhodes. Pode fazê-la.

– É...? – Ela interrompeu-se. – É... alguma espécie de sacrifício em noite de lua cheia, algum ritual tradicional? Todos os anos, no solstício ou no equinócio, ou algo assim?

– Não, nada disso. Sem luas nem geringonças. É simplesmente um sacrifício, uma pequena fatia do todo.

– Só isso?

– Isso? – repetiu ele e ela pestanejou, surpreendida por ser aquilo, no meio de tudo, o que o inquietara. – Não é um *isso* nada pequeno, menina Rhodes. Todos vocês estão ligados uns aos outros pela vossa experiência aqui, quer gostem quer não – informou-a Atlas, subitamente mais intransigente do que alguma vez o vira. – Não há nada de esquecível ou pequeno na forma como todos vocês se embeberam uns nos outros. Sem exceção, vocês tornam-se cada vez mais profunda e inextricavelmente uns dos outros a cada dia que passa. A finalidade da eliminação não é livrarem-se de uma coisa que podem perder, mas sim tirar um pedaço de algo que faz parte daquilo que são. Compreende que esta casa, os seus arquivos, têm consciência? – Ela anuiu relutantemente com a cabeça. – Que mais senão a morte poderia dar tamanha vida ao conhecimento que protegemos?

– Temos portanto de matar uma pessoa – resumiu Libby com amargura. – Sem mais? Nenhum método específico, sem cerimónia, nenhum dia em particular?

Atlas abanou a cabeça.

– E a cada dez anos limita-se a ficar aí e a ver mais uma pessoa a morrer?

– Sim – disse Atlas.

– Mas...

– Pense, menina Rhodes, na amplitude do poder – Atlas interrompeu suavemente. – As especialidades que trazem benefícios para o mundo e as que não. Nem sempre é uma questão de fidelidades pessoais.

– E porque haveria sequer de ser escolhida de início uma especialidade que não fosse benéfica para o mundo? – desafiou Libby. – Não foi o senhor mesmo que disse que cada iniciado é o melhor que o mundo tem para oferecer?

– É claro. Contudo, em cada ciclo de iniciação, há um elemento que não regressa e a Sociedade tem noção disso – disse Atlas. – Este tem sempre de ser um fator na discussão entre os membros do conselho aquando da nomeação dos candidatos a analisar.

– Está a dizer que alguém foi *intencionalmente* escolhido para morrer?

A simples ideia era aterradora. Libby conseguia ouvir o sangue a precipitar-se contra tudo aquilo, uma ensurdecadora maré de incredulidade.

– É claro que não. – Atlas sorriu. – É só algo para pensar.

Permaneceram sentados num silêncio longo e inquebrável, até que Libby se pôs desajeitadamente de pé. Parou, a meio caminho da porta, e virou-se.

– Os arquivos – disse ela, voltando a lembrar-se tardiamente da irmã. – Quem controla o que podemos ver?

Atlas levantou os olhos, fixando-os nela num longo momento de observação.

– A própria biblioteca.

– Porque haveria eu de acreditar nisso? – perguntou ela e, depois, sentindo a sua frustração a incendiar-se, pressionou-o com mais veemência.

– Porque haveria eu de acreditar em alguma coisa do que diz?

A expressão de Atlas manteve-se inalterada.

– Eu não controlo os arquivos, menina Rhodes, se é essa a sua dúvida. Também me são negados inúmeros assuntos.

Ela não imaginara que pudessem ser recusados por princípio ou identidade. Parecera-lhe sempre um teste de desempenho, não de

existência, em que as respostas às suas eternas perguntas acabariam por ser merecidas.

– Mas isto é a sua Sociedade!

– Não – corrigiu Atlas. – Eu sou um dos Curadores desta Sociedade. Não é minha; não a controlo.

– Então quem controla? – exigiu ela saber.

Ele respondeu-lhe com um pequeno e impassível encolher de ombros.

– A seta aponta-se a si mesma? – perguntou ele.

Libby, em vez de responder, rodou nos calcanhares de tanta frustração e disparou em direção às escadas para regressar ao quarto.

No patamar do corredor da galeria, esbarrou contra alguém que vinha a virar a esquina ao mesmo tempo. Se tivesse estado capaz de se concentrar nalguma coisa fora dos seus pensamentos, talvez o tivesse ouvido chegar. Mas assim...

Tristan segurou-a, com as mãos à volta dos seus ombros.

– Viste a Parisa? – perguntou-lhe ele, e porque Libby estava perturbada, porque era *humana*, porra, fulminou-o com os olhos.

– Vai-te lixar – disse ela, rancorosamente.

Tristan pestanejou, apanhado de surpresa.

– O quê?

– Tu sabias. – Ah, então era isso. Num ataque de compreensão retardada, Libby compreendeu subitamente a força do seu ressentimento. – Aquele estúpido dilema *hipotético* do comboio. Tu sabias a verdade o tempo todo, não sabias? – acusou ela. – E não me contaste.

– Eu sabia... – Ele deteve-se, observando o rosto dela. – Queres dizer...?

– Sim. A morte. A porra do *assassínio*.

Ele retraiu-se e, por momentos, ela odiou-o. *Desprezou-o*.

– Não consigo... – interrompeu-se, em agonia ou angústia, incapaz de as distinguir e sem qualquer disposição para procurar a linha divisória. – Não consigo. Não o faço...

– Rhodes. – As mãos de Tristan ainda apertavam firmemente os ombros dela. – Eu devia ter-te dito, eu sei. Sei que estás zangada...

– Zangada? – Não estava, embora dificilmente essa fosse a palavra adequada. Ela sentia algo que tresandava, é verdade, e podia muito facilmente ser fúria. Aprendera há muito a controlar os seus impulsos mágicos, contendo-os, mas naquele momento ela sentia-os a faiscar, cheirava-lhe a fumo.

– Podes crer, Tristan, que *zangada* – fervilhou ela – está muito *longe* de descrever...

– Nenhum de nós sabe quanto é que a Sociedade controla – recordou Tristan, baixando a voz num sussurro conspirativo, muito embora o corredor estivesse vazio. – Achas mesmo que alguém pode virar as costas a isto? Acredita, eu sei como funciona o recrutamento, conheço a diferença entre instituições e cultos, e não há inocência nenhuma aqui. Não tens maneira de bater com a porta.

Ele até podia ter conseguido sossegar-se, mas ela recusava-se.

– Então porquê? Porquê fazê-lo?

– Sabes porquê. – A boca dele contraiu-se.

– Não. – A simples ideia dava-lhe náuseas. – Diz-me por que razão alguém faria isto, diz-me *porquê*...

– Rhodes...

– Não. Não. – Ela não tinha bem a certeza do que a havia inflamado tão maniacamente, mas bateu um punho contra o peito dele, deixando-se tomar pelo delírio. Ele apertou os ombros dela com os dedos, sem a afastar. A cumprir a sua pena.

Ótimo, pensou ela, desgastada. Ele merecia aquilo.

– És um deles, não és? – Sentia os lábios frios, impassíveis, as palavras jorravam como resíduos da sua boca insensível. – Não significa nada para ti, é óbvio que não significa. O sexo não é nada para ti, isto é tudo um jogo, apenas um jogo! Nesse caso, o que é um assassinio? O que é uma *vida* comparada com tudo isto? Esta Sociedade é um veneno – cuspiu ela, a sua fúria tão intensamente aguda que atingiu o auge e, então, de súbito, desapareceu simplesmente.

Tristan agarrou-a com um pouco menos de força. Receosa e exausta, furiosa e grata, a cabeça de Libby descaiu contra o peito dele. Ela sentia-lhe

a pulsação sob a orelha, o coração a bater como o relógio da lareira. O tempo a abrandar, quase a parar.

– Eles drogam-nos – murmurou Libby, desolada –, dão-nos um bocadinho de cada vez, um pouco mais em cada dose, até que deixamos de sentir seja o que for; até ficarmos cegos e surdos e *dormentes* diante de tudo...

Tristan pegou-lhe na mão e puxou-a pela sala de estar fora, virando a esquina para a empurrar sem nada dizer para dentro do seu quarto. Ela quase se atirou lá para dentro, oscilando sem equilíbrio ao lado da lareira, e ele fechou a porta atrás dele, fixando os olhos no puxador.

– O que se passa a sério, Rhodes? – perguntou ele sem levantar o olhar. Ela fechou os olhos.

Pergunta-te a ti mesma de onde vem o teu poder, disse Ezra dentro da cabeça dela. *Se não conseguires ver a fonte, não confies...*

Não me digas em quem devo confiar!

– Rhodes.

Tristan não se aproximou.

Ela não conseguia decidir se queria que ele o fizesse.

– Porque faríamos tal coisa? – A voz dela soou fina, amenizada. – Porquê?

– Porque, Rhodes... Porque, olha em volta.

– Para quem? Para o quê?

Ele não respondeu. Com amargura, ela admitiu que não era preciso.

Atlas tinha razão: ela agora tinha mais poder do que alguma vez tivera. Não se tratava daquilo com que nasceu ou do que lhe foi dado – ao estar ali, entre eles, com acesso aos materiais da biblioteca, tivera todas as oportunidades de viajar quilómetros e quilómetros além de si mesma. Ela sentia os limites do seu poder mais distantes do que nunca, mais longe do que as pontas dos dedos ou as solas dos sapatos. Ela sentia-se em ondas, a pulsar. Sentia-se a expandir e aquilo não tinha fim, nem princípio. A pessoa que fora antes estava tão distante e irreconhecível como ela, inevitavelmente, passaria a estar.

– De que lado estás, Tristan? – Libby engasgou-se com as profundezas do seu remorso. Ficou consternada consigo mesma por sequer perguntar, mas estava a dar-lhe náuseas, inundava-a de fel. Não saber tornava-a fisicamente instável e ela tremeu, de súbito doente com tudo aquilo.

– Não sei. – A voz de Tristan, em contraste, era mecânica e comedida. – Do teu, talvez. Não sei. – Ele soltou uma pequena gargalhada dúbia, soando precisamente tão desequilibrado como ela se sentia. – Sabias que o Callum me tem andado a influenciar? Não sei até que ponto, nem com que intensidade, nem quão duradouros foram os efeitos, mas ele tem andado a fazer isso. Sabias?

Sim. Era evidente.

– Não.

– Eu pensava que tinha controlo sobre mim mesmo, mas não tenho. – Ele virou-se para olhar para ela. – Tu tens?

Não. Naquele preciso momento não tinha.

Os lábios de Tristan abriram-se, e ela engoliu em seco.

Especialmente não naquele momento.

– Eu não estou a ser influenciada pelo Callum, se é isso que queres perguntar – conseguiu atirar-lhe, incendiada pelo desespero do seu desejo. Ele não o perguntara, mas egoistamente ela não conseguia suportar dizer-lhe a verdade do seu ardor, nem um laivo sequer. Havia um limite para os pedaços de si mesma que ela estava disposta a perder.

Tristan desviou de novo o rosto do dela, voltando-lhe as costas. Libby teve vontade de choramingar ou de vomitar.

Muito bem.

– Eu quero. – A voz dela saiu pequenina quando o confessou nas costas dele. – Esta vida, Tristan, eu quero-a. Quero-a tanto que me dói. Sinto uma dor tão terrível, tão repugnante.

Ele levantou uma mão para encostar o antebraço à porta do quarto e aí encostar o seu peso.

– Quando o Atlas me estava a contar – prosseguiu Libby devagar –, quase fez sentido: é claro que há um custo. É claro que todos temos de

pagar um preço. Que poder nesta vida existe sem sacrifício? E, se calhar, há uma pessoa que eu toleraria perder.

Ela inspirou fundo; expirou.

– E, por um instante, pensei... se calhar eu podia matá-lo. Se calhar eu podia fazê-lo. Talvez ele nem devesse existir; se calhar o mundo seria melhor sem ele. Mas, meu Deus – arquejou –, quem sou eu para decidir isso?

Silêncio.

– Quem sou eu para determinar o valor da vida de outra pessoa, Tristan? Isto não é autodefesa, é cobiça! Isto é... *é errado, e...*

Antes que ela pudesse continuar, dissolvendo-se na embrulhada das incoerências que balbuciava, Tristan afastara-se da porta, virando-se para a olhar de frente.

– Preocupas-te muito com a tua alma, Rhodes?

Num mundo diferente, ele tê-la-ia tocado.

Num mundo diferente, ela teria apreciado.

– Sempre. – Bastava um passo. – Constantemente. – As suas mãos podiam estar nas calças dela, a desenhar uma linha pelo umbigo abaixo, a apanhar-lhe o cabelo atrás de uma orelha. Ela recordou o ardor do suspiro dele na sua pele, os tremores do seu desejo. – Aterroriza-me pensar como pode ser corrompida, e eu a assistir.

O que quer que estivesse em movimento – quer Parisa o tivesse iniciado intencionalmente ou se fora sempre Libby a fazê-lo, se ela o tivesse de algum modo manifestado depois de se ver em projeções, em visões, ao sonhar acordada, disfarçado de fantasmas – era demasiado tarde para parar. Ainda assim eles permaneciam suspensos numa paralisia indolente, num equilíbrio precário.

Mais um passo podia quebrá-lo. Ela podia tê-lo, isto, tudo aquilo, num só golpe fatal. Qualquer que fosse a corrupção de si própria em que se pudesse tornar em seguida, estava tudo ali ao seu alcance. Pulsava-lhe na cabeça, latejava-lhe no peito, estático e abrasador,

isto

podia

ser

tudo

– Tenho de ir – disse Libby, expirando.

... meu.

Quando Tristan se mexeu, já ela tinha saído.

• PARISA •

— **A**ndas a evitar-me – murmurou Dalton.
– Sim – concordou Parisa, não se dando ao incómodo de se retrair teatralmente diante daquela abordagem. Qualquer pessoa que estivesse sentada demasiado calmamente, como, por exemplo, um telepata competente, tinha um caráter algo misterioso que provocava nos outros um ranger de dentes. Callum era o exemplo perfeito de uma peculiaridade mágica desconcertante, o que Parisa tratava de não ser. A normalidade e a sua necessária limitação, um pequenino salto de susto, um pestanejar de distração, eram cruciais.

Mas como Dalton não evitara de todo dar sinais da sua aproximação, ela descartara os reflexos que as pessoas normalmente queriam que ela manifestasse. Ao invés, permitiu-se ser, com efeito, ela própria. Nenhuma surpresa. Nenhuma alteração.

E ocupada com outras coisas.

– Se isso te faz sentir melhor, não ando afastada por falta de interesse. – Tinha apenas outras coisas em que pensar, como, por exemplo, se a colisão latente entre Tristan Caine e Libby Rhodes estava, finalmente, prestes a concretizar-se.

Dalton mudou de posição para se encostar à mesa dela na sala de leitura, cruzando os braços.

– Pergunta lá – disse Parisa, virando de rompão a página do livro. Maldições de sangue. Não muito complexas no final de contas, com exceção dos custos para quem as lançava. Quem lançava uma maldição de sangue quase sempre enlouquecia, e os que as recebiam quase sempre acabavam por as quebrar, ou pelo menos tinham descendentes que o

faziam. Era assim que a natureza gerava equilíbrio: com a destruição, vinha sempre o renascimento.

– Nós tínhamos conhecimento do teu marido – disse Dalton, falando em nome da Sociedade no seu todo. – Mas não dos teus irmãos.

Não era aquela a pergunta que ele trazia na cabeça, mas Parisa não estava surpreendida por ele ter de se esforçar para lá chegar. Havia nuvens de desconforto a pairar na mente de Dalton, camadas espessas de estratosfera que era preciso atravessar.

– Isso – disse Parisa – é porque nada aconteceu com o meu irmão. – Virou outra página, percorrendo-a rapidamente com os olhos. – Não havia nada a descobrir que valesse a pena.

Dalton permaneceu em silêncio um momento.

– Pareceu-me que o Callum encontrou bastante.

Na mente de Parisa, que, felizmente, Dalton não conseguia ler, Amin era sempre suave, Mehr era sempre dura.

És a joia da família; tão preciosa para mim, para nós.

A gentileza foi na verdade sempre a fraqueza de Amin: *Admiro-te o suficiente para querer possuir-te, controlar-te.*

Tu és a meretriz que corrompeu esta família!

Uma crueldade que era, na verdade, a dor de Mehr: *Desprezo-te por me fazeres ver a minha própria fealdade.*

Parisa fechou o livro e ergueu os olhos.

– A arte da guerra é como um compromisso. As duas partes têm de perder um pouco para ganhar – disse ela com impaciência. – Se o Callum conseguiu aceder aos meus segredos, isso aconteceu apenas porque eu considerei que isso fazia sentido.

Dalton fez um ar severo.

– Achas que te culpo por aquilo que revelaste?

– Acho que tu pensas que sou fraca e esperas agora poder reconfortar-me, sim.

– Fraca? Não, nunca. Mas estaria errado em tentar reconfortar-te?

Quando Parisa não respondeu, Dalton observou:

– O Callum matou-te com esses segredos.

– Não – disse Parisa –, não foi ele quem fez essa escolha por mim. Fui eu. Dalton olhou para as próprias mãos, os braços cruzados. Dizendo tacitamente *se tu o dizes*.

– Pergunta – disse Parisa novamente, impaciente desta vez, e a atenção de Dalton voltou-se na sua direção. De vez em quando ela via vislumbres de fraturas ardilosas, a memória dele que ela encontrara trancada e escondida. Ela encontrava-as sempre em sítios muito interessantes. Nunca era académico; Dalton nunca se assemelhava ao seu eu espectral quando falava sobre livros ou pensamentos. Era apenas em momentos como aquele, quando olhava para ela com uma intensidade que ele próprio não percebia ser uma fome ardente. Quando procurava alguma coisa no escuro às cegas.

– Disseste-me para não interferir – começou, e Parisa travou-o abanando a cabeça.

– Sim e ainda bem que não o fizeste. Alguém, o Callum, por exemplo, podia ter reparado onde estávamos se o tivesses feito, e nesse caso eu poderia ter perdido.

Dalton usou um tom artificial de divertimento.

– Não tinhas dito que ele é que ganhou?

– E ganhou. Mas eu não perdi.

– Ah.

Ele virou-se para olhar em frente, e Parisa deteve-se a olhar para ele.

– Porque ficaste aqui? – perguntou ela. – Tinhas o mundo aos teus pés.

– Eu tenho o mundo aqui – disse ele sem olhar para ela. – Mais do que isso.

Ela vira em fragmentos os tópicos da sua investigação. Ele não escondia nada, e com boas razões, já que não havia nada a esconder. Mitos originais ancestrais, a época do Génesis, o despertar da existência humana.

Encantador, na verdade. Era só mais um homem em busca do sentido da vida.

– Só tens aquilo que a biblioteca escolhe dar-te – corrigiu-o Parisa.

– É melhor do que o mundo me pode dar se sair daqui.

Que sorte a dele conseguir ser tão pouco egoísta. Que sorte a do mundo, talvez. Ela não seria nem de longe tão generosa.

– Será que *é mesmo* melhor?

– Sei aonde queres chegar – disse ele. – E parece-me que começas a perceber que sou mais enfadonho do que pensavas.

– Nem por sombras. – Bem pelo contrário. O que quer que houvesse dentro da cabeça dele era prova de que, quando muito, superara a sua avaliação inicial. – O Atlas sabe como és interessante? – perguntou ela, tateando alguma fragilidade nas suas defesas.

Não teve sorte nenhuma.

– O Atlas não é o vilão que tu pensas, sabes.

– Nunca disse que era. – Na verdade, tinha esperança de que Atlas fosse capaz de mais do que ela suspeitava. Que deleite se *ele* superasse também as expectativas dela.

Nesse momento, Dalton encarou-a finalmente nos olhos, pousando a sua atenção nela como um peso.

– O que encontraste na minha cabeça?

Finalmente. A verdadeira pergunta. Devia andar a atormentá-lo há semanas.

– Algo muito interessante – disse ela.

– Quão interessante?

– O suficiente para me sentir compelida a ficar, não achas?

– Terias ido embora, se assim não fosse?

– Será que teria? Talvez. É uma barbárie, esta Sociedade. – Se só para entrar exigia a morte, seguramente haveria de exigir ainda mais. Que outros rituais estariam em vigor para manter as luzes ligadas, as paredes a respirar? Para manter à distância os inevitáveis pecados que os arquivos albergavam?

Mesmo que fosse este o alcance do seu sacrifício, estavam a contribuir para algo incompreensivelmente vasto; uma tradição com centenas de anos, milénios. Os princípios da magia ainda os vinculavam à intenção de *alguém* e não havia como dizer se essas origens eram os filósofos de Alexandria ou os administradores da própria biblioteca. Possivelmente seria a mesma pessoa quem determinou a que partes da biblioteca eles poderiam aceder. Ou quem sabe eles estivessem todos em dívida para com a própria magia.

Em quase todas as culturas, os deuses exigiam sangue. Seria a magia de alguma forma diferente? Se era, Dalton não lho diria.

Pelo menos não *este* Dalton.

– Deixa-me entrar outra vez – sugeriu Parisa, e Dalton franziu a sobancelha, disparando um olhar de soslaio. Estavam sozinhos na sala de leitura, mas, como era previsível, ele tinha outras defesas a manter. – Eu poderia compreender melhor o que há aí dentro, se me deixasses.

– Disseste que é como um Minotauro – disse Dalton com sarcasmo. – Uma espécie de monstro num labirinto.

– Uma princesa numa torre – corrigiu Parisa, estendendo o braço para passar os dedos no tecido do colarinho dele. Um gesto íntimo, para o recordar da intimidade que partilhavam. – Mas as princesas, por vezes, podem ser monstruosas.

– Isso é um elogio?

Ele inclinou-se de encontro ao toque dela, se calhar instintivamente.

– Mas é claro. – Ela dirigiu-lhe um sorriso delicado. – Quero que me deixes entrar outra vez.

– Estás a seduzir-me, então?

– Sempre. – O sorriso dela abriu-se. – Há alturas em que penso que poderei apreciar a tua sedução mais do que tudo.

– A minha, entre tantas outras?

Ela arqueou uma sobancelha.

– Isso é ciúme?

– Não. Incredulidade. – O sorriso de resposta dele foi ténue. – Há limites para o que podes ganhar comigo.

– Disparate, já ganhei tanto. Mas não recusaria um bocadinho mais – disse ela, pondo-se de pé e dando-lhe um pequeno empurrão para o encostar contra a mesa.

Ela posicionou-se à frente dele, emparelhando os pés de ambos como peças correspondentes, alinhando as ancas dela com as dele. Ele pousou as mãos na cintura dela, com cautela. Permanecia a sensação de que ele podia tirá-las se necessário, só que ela duvidava de que tal acontecesse.

– Todas as pessoas têm ângulos mortos – disse ela. – Coisas que os outros conseguem ver e que o próprio não vê.

Ela desviou-lhe o cabelo escuro da testa, varrendo-lhe as têmporas, e ele fechou os olhos.

– Cinco minutos – disse ele, por fim.

Ela inclinou-se para a frente, encostando levemente os seus lábios aos dele, como recompensa.

– Cinco minutos – aceitou, e as mãos dele apertaram-lhe as ancas, ancorando-a.

Entrar na mente dele com a sua autorização era ao mesmo tempo mais fácil e mais difícil do que das outras vezes. Desta vez, quando abriu os olhos estava num átrio, um lugar estéril e vitreamente branco. Havia um balcão de rececionista vazio, um elevador. Este era o estado natural do seu cérebro: arrumado e, como o resto dele, metuculoso. Ela premiu o botão para chamar o elevador, à espera. Quando as portas se abriram, ouviu-se um tilintar, não revelando nada lá dentro. Parisa observou o seu próprio reflexo nas paredes do elevador ao entrar, posicionando-se de frente para os botões.

Havia um sem-fim deles. Fez uma careta; que infelicidade. Ela poderia tentar adivinhar o número de um andar (e depois outro e mais outro, e perpetuamente vários, deteriorando rapidamente os seus fugazes cinco minutos), mas não era assim que ia reencontrar o lugar aonde o subconsciente de Dalton a levara da outra vez.

Aqui, ele estava metuculosamente organizado, ou seja, estes eram os seus pensamentos acessíveis. Ele era o utilizador habitual do elevador, premindo botões para aceder a diversos níveis de memória e pensamento.

Ela chamou um piso ao acaso – 2037 – e sentiu as guinadas do elevador ao arrancar.

Depois forçou bruscamente a abertura das portas, esgueirando-se pela fenda mais estreita possível. A magia podia impedi-la de cair, se ela assim quisesse, mas ela não se deu ao trabalho de tentar. Esta parte da consciência dele, o escritório asseado, era deliberada – o resultado de técnicas de sobrevivência e de mecanismos de processamento psicológico, como na mente de qualquer outro. O verdadeiro pensamento cognitivo tinha um

aspecto diferente de pessoa para pessoa e o de Dalton era mais organizado do que o da maioria, mas ainda assim não era mais do que uma ilusão cuidadosamente fabricada. Para chegar onde queria, ela teria invariavelmente de cair.

Recuou do elevador em bicos de pés, fechando os olhos para colapsar no ar vazio. Só ela o sentiria como uma queda, ao passo que Dalton o registaria como uma espécie de dor de cabeça. Ela latejaria algures atrás da sobrancelha, a pressão aumentaria abaixo dos seios nasais. Com a permissão dele para lhe penetrar a mente, desta vez ela seria recebida com menos guardas, menos oposição, faltava saber se ela conseguiria encontrar o destino de antes...

Abrandou de repente, paralisada em plena queda, e abriu os olhos.

– Voltaste – disse a versão mais jovem de Dalton, pondo-se avidamente de pé assim que a viu. Ela estava suspensa no ar, a Branca de Neve no seu caixão invisível, e, com dois dedos, ele afagou-lhe as faces, os lábios. – Sabia que ias voltar.

Parisa sacudiu-se da sua imobilidade, caindo no soalho de madeira duro da sala da torre onde estivera antes e, ao rodar a cabeça, viu os sapatos de Dalton ao seu lado. Usava botas de motociclista com calças de ganga pretas, uma caricatura do seu oposto.

Ela olhou para cima e catalogou a sua aparência, peça a peça. Desaparecera o académico picuinhas. Neste Dalton, a joia da coroa era uma *T-shirt* justa, tão branca e fresca que até reluzia.

Ele ajoelhou-se junto dela, observando-a com os seus olhos semicerrados.

– O que está ele a fazer? – perguntou Dalton.

– Nada – disse ela. – Investigação.

– Ele não – disse Dalton, acenando com uma mão. – Eu sei o que ele faz.

Estava a falar *dele*.

Ela reuniu forças.

– O Atlas?

Dalton levantou-se, de repente irritado. Estava suscetível, agitado com alguma coisa.

– Ele está quase lá – disse ele. – Sinto que está mais perto.

– Quem?

Dalton fulminou-a com os olhos.

– Estás aqui pelas razões erradas.

Parisa endireitou-se, apoiando-se nos cotovelos, observando-o enquanto andava para trás e para a frente.

– Quais são as razões certas?

– Queres respostas. Eu não tenho respostas. Tenho perguntas, tenho uma investigação por acabar, QUERO SAIR – o eu espectral de Dalton começara subitamente a gritar, voltando-se para desferir um soco na parede do castelo.

Parisa retraiu-se, pensando que os nós dos dedos se esmagariam contra a pedra. Ao invés, a parede do castelo desintegrou-se com o impacto da investida de Dalton, corrompendo o código como um *bug* informático e revelando em baixo uma superfície de aço frio e sem acabamento.

Ela pestanejou. Quando este Dalton retirou a mão, a imagem do castelo tornou-se novamente visível em pequenas ondas, inalterada, como se nunca tivesse cedido de todo. Ela pestanejou outra vez, questionando-se se o teria imaginado, mas então a imagem de Dalton deformou-se.

Outro piscar de olhos e ele estava novamente a seu lado, agachado para lhe tomar o rosto com uma mão.

– Fiz este castelo para ti – disse Dalton, de olhos arregalados e maníacos, a voz suave.

Então ela sentiu um solavanco, algo a arrastava para trás e ela estava de novo na sala de leitura, encostada ao verdadeiro Dalton.

Os dedos dele apertavam-lhe dolorosamente a cintura. Gotas de suor formaram-se-lhe na testa, a condensação acumulava-se na superfície das suas têmporas.

– Foi difícil tirar-te.

Ela também estava a arquejar um pouco, esgotada do esforço de estar dentro da mente dele.

– Dói?

– Muito. Como uma farpa.

– Lamento. – Ela afagou-lhe a sobrancelha, apaziguando-o, e ele encostou-se, grato, ao ombro dela.

As suas respirações sincoparam-se, as pulsações encontraram gradualmente a sua base comum. Foram precisos alguns instantes para a magia que lhes percorria as veias abrandar, permitindo que cada uma das partes que os compunham estabilizasse de novo nos respetivos recipientes. É mais fácil coexistir aqui, na realidade, nas dimensões habituais. Ali nos braços dele, Parisa não tinha de lutar contra nada, com os dedos enrolados no seu cabelo.

Por fim, a dor que ela infligira aos dois começou a desvanecer-se, dissolvendo-se em quietude.

A voz de Dalton, ao falar, estava rouca do esforço.

– O que encontraste?

Nada.

Não, nada não. Nada que conseguisse explicar, o que era pior. Era sempre difícil admitir quando alguma coisa lhe ficava fora do alcance.

– O que é que a biblioteca te mostra? – perguntou ao invés Parisa, afastando-se delicadamente para olhar para ele. – Há alguma coisa aqui a que só tu podes aceder.

– Viste a minha investigação – disse Dalton calmamente. Génesis. Estava mesmo escondido à vista desarmada.

– Dalton – começou ela, mas foi imediatamente interrompida.

– Menina Kamali – ouviu-se a untuosa voz de barítono de Atlas atrás deles. – Tinha esperança de a encontrar aqui.

Dalton mexeu-se para a soltar, afastando-se e desviando o olhar, enquanto Parisa permanecia imóvel e dava com Atlas à porta da sala de leitura. Ele fez-lhe sinal com um movimento quase impercetível, não se incomodando em dar conta da presença de Dalton.

– Venha – disse ele. – Vamos caminhar um pouco.

Sentiu um puxão nos seus pensamentos, presos a uma ordem. Claramente, ela iria caminhar com ele, quer quisesse, quer não.

Contraíu os lábios, insatisfeita.

– Muito bem – disse ela, olhando para Dalton sobre o ombro, que ali ficou, novamente de braços cruzados. À falta de reação da parte dele, ela pegou no livro que estava em cima da mesa e seguiu Atlas, que a conduziu para o corredor.

– Estou a ser repreendida por mau comportamento?

– Não – respondeu Atlas. – É livre de escolher os entretenimentos que quiser. – Ela ergueu os olhos na direção dele, desconfiada.

– A ideia é eu sentir isso como liberdade?

– Eu sei onde estive e o que andava a fazer. – Ele pousou um olhar acutilante na direção dela. – Não pode usar toda essa quantidade de magia e esperar que eu não repare.

– A sua vigilância é um favor que me dedica pessoalmente ou vigia-nos a todos em igual medida?

– Menina Kamali. – Atlas abrandou e parou antes de alcançarem a porta que dava para o jardim norte. – Não precisa certamente que eu lhe explique a singularidade do seu dom. Por esta altura já terá seguramente observado que as suas aptidões excedem de longe as dos outros telepatas.

– Observei, sim. – Ela não era Libby. Ela não precisava que a informassem sobre o seu talento. Era suficientemente inteligente para chegar lá sozinha.

– Mas também compreenderá que não é a primeira a possuir tal capacidade.

Ele deixou por referir as suas outras intenções.

– Quer dizer que eu o deveria considerar meu igual – desafiou ela, ousando argumentar.

– Eu pensei que talvez fôssemos almas gémeas. Uma ajuda mútua. – Provavelmente ele queria dizer utilidade. – Ou melhor, acho que tive essa esperança. – Atlas deixou-se ficar junto à soleira da porta, pousando um olhar sobre a paisagem verdejante no exterior. – Acha que eu sou um inimigo? – perguntou ele, dirigindo a pergunta para o exterior.

– Acho que a sua presença é demasiado fiável para ser coincidência – respondeu ela, acrescentando: – Já antes me tirou da cabeça do Dalton.

– Não devia ter estado lá.

Ela eriçou-se.

– Mas a *sua* presença nos pensamentos dele é aceitável?

– A menina – disse ele – não compreende.

– Tenho a certeza de que compreenderei se não usar palavras complicadas – respondeu ela, zombeteira.

A boca dele crispou-se.

– As suas capacidades de cognição não estão aqui em causa, menina Kamali. Apenas a sua boa vontade. – Ele olhou-a de esguelha. – Se eu lhe respondesse, acreditaria em mim?

– Não – disse ela, e ele sorriu, nada surpreendido.

– Menina Kamali, não vale a pena fingirmos que não somos iguais – disse-lhe Atlas, chegando por fim onde queria. – Somos ambos telepatas, talentosos. Raridades. – Pausa. – O que fazemos não é vigilância ilegítima, mas antes um acesso involuntário. Eu sinto perturbações no pensamento, do mesmo modo que seguramente acontece consigo.

– E? – Haveria com certeza mais alguma coisa a dizer.

– E – confirmou ele – a menina é uma perturbação frequente.

– É isso que significa ser Curador? – meditou ela. – Eliminar as perturbações?

Atlas estava agora totalmente de frente para ela, pondo de parte o esforço de languidez.

– Eu cuido da Sociedade – disse ele. – Da qual a menina não faz parte neste momento.

– Sim, só depois de conspirar para matar alguém – disse Parisa.

– Sim. – A confirmação de Atlas foi glacial, impassível. – Só então, sim.

Ela sentiu os lábios a contraírem-se, a curiosidade lutava com os seus impulsos mais rebeldes.

– O senhor interferiu no desfecho do grupo do Dalton, não foi? – perguntou. – Interveio para o salvar.

– O Dalton também interveio por si – salientou Atlas. – É a natureza humana.

– Sim, mas a sua intervenção tinha um objetivo, foi intencional. A dele foi...

– A dele não foi menos intencional.

Ela pensou no desespero de Atlas e comparou-o com o de Dalton, medindo-os um contra o outro.

– Alguma vez não foi feito? O ritual.

– É sempre feito um sacrifício – respondeu Atlas.

Cautelosamente, ela acreditou nele. Parecia ter sido a resposta mais honesta até ao momento.

– Nesse caso, qual a razão para salvar o Dalton?

– Qual a razão para a salvar a si?

Ambos assumiram uma posição de combate defensivo, o que não era sensato. Sedutora por natureza, Parisa compreendia a inutilidade do combate em comparação com métodos mais subtis de resolução. Relaxou a postura, encostando-se à parede atrás de si para aliviar a tensão entre os dois.

– Não gosta de mim – adivinhou Parisa em voz alta, e a boca de Atlas contraiu-se.

– Não gosto nem desgosto de nenhum de vocês. Não sei nada sobre as pessoas que são – disse ele com um raro vislumbre de impaciência –, apenas sobre aquilo de que são capazes.

– As minhas capacidades ameaçam as suas?

– Não é uma ameaça para mim – garantiu-lhe ele.

Ela fitou-o por momentos, transitando para o seu pensamento.

O que é esta Sociedade?

A sua resposta foi mecânica e articulada. *Defensores de todo o conhecimento humano.*

Acredita mesmo nisso?

Era difícil mentir por telepatia. Os pensamentos eram compostos por materiais diversos e as mentiras eram pouco sólidas, era fácil ver através delas. As suas falhas eram sempre táteis, como gaze nos mais inábeis ou como o vidro nos mais competentes: com uma rigidez pouco natural.

– Ninguém que presta o juramento de iniciação o faz em vão – disse Atlas.

Responde à pergunta.

Ele fixou o olhar nela, retorcendo a boca. Não um sorriso, mas sardónico o bastante.

Eu não teria derramado sangue exceto por algo em que acreditasse inquestionavelmente.

Não era a resposta que ela esperava. Mas era suficiente.

Não que a convencesse da honestidade de Atlas, é claro. Ele era um mentiroso que usara uma máscara durante algum tempo. Mas para que fim? Uma coisa era inegável: o seu segredo não era trivial e qualquer coisa por que valesse a pena matar também valia a pena saber. Se havia ainda mais por contar nesta história, não o iria descobrir a discutir com ele.

Qualquer que fosse a verdadeira finalidade do ritual, ela só o ficaria a saber se cedesse.

– Vá até à biblioteca – sugeriu Atlas, desestabilizando-a por instantes a meio dos pensamentos.

– Agora? – perguntou ela, franzindo o sobrolho.

– Sim, agora. – Atlas baixou a cabeça, meio vénia, meio toque no chapéu.

Voltou-se, regressando ao corredor que funcionava como artéria principal da casa, mas parou um passo adiante, rodando a cabeça sobre o ombro.

– O que quer que espera encontrar no Dalton, menina Kamali, só será prejudicial para si – disse ele. – Procure, se quiser, mas, como acontece com todo o conhecimento, vai ter de aguentar sozinha tudo o que vier depois.

Foi-se então embora, deixando-a seguir pelas escadas, ainda mergulhada nos seus pensamentos.

Não era uma longa caminhada. Entretanto, era algo que fazia com frequência. Parou para passar os dedos pelas paredes, dedilhando as guardas como cordas de uma harpa. Nada fora do sítio.

Avançou para a biblioteca, insegura quanto ao que iria encontrar, e, ao entrar, descobriu...

Nada.

Pelo menos nada fora de comum. Tristan estava sentado à mesa, a bebericar chá. Libby estava no sofá, de olhos fixos nas chamas da lareira.

Nico e Reina estavam de pé junto à janela, a olhar lá para fora. As rosas estavam em flor.

Parisa deteve-se para reanalisar o conteúdo da sala e depois pensou no seu oposto: o que a sala *não* continha. Afinal, se calhar até era claro, bastava compreender que Atlas não era o elemento neutro que fingia ser.

Parisa acenou para fechar as portas atrás de si, levando os outros a olhar para cima.

– Alguém tem de morrer – disse ela e, em silêncio, acrescentou: *Eu nomeio o Callum.*

Reina nem sequer se voltou. *Se os outros concordarem*, pensou ela em resposta, olhando irritada para um feto do outro lado da sala.

Libby ergueu a cabeça, os olhos de ardósia a dardejar para todo o lado com apreensão.

– Onde está ele?

– Onde quer que esteja, não há de demorar muito – disse Parisa com um encolher de ombros, impassível. – Ele vai sentir a discussão e não tarda a aparecer, daqui a uns minutos.

À janela, Nico remexia-se, tamborilando implacavelmente com os dedos nas ancas.

– Temos a certeza de que isto tem de ser feito?

– Será feito – recordou-lhe Parisa. – E nós podemos escolher uma pessoa em grupo ou esperar para ver quem vem ter com cada um de nós durante a noite.

Ao ouvir aquilo, todos trocaram olhares desconfiados, ainda que uma pequena sensação de repugnância lhe fosse reservada a ela especificamente.

– Eu limitei-me a dizer em voz alta – disse Parisa a Reina. – Toda a gente acabaria por chegar à mesma conclusão.

– Achas que nos vamos virar uns contra os outros? – perguntou Nico, incrédulo.

– Podíamos muito facilmente dividir-nos em fações – confirmou Parisa – e nesse caso isto tornar-se-ia uma corrida.

Tudo aquilo soava verdadeiro, sem exceção. Já nenhum deles confiava nos outros o suficiente para acreditar que não se converteriam em

assassinos logo que a situação se agudizasse.

– Quem o faria? Se realmente escolhermos alguém. – Nico pigarreou, explicando: – Se todos concordássemos em escolhê-lo a ele.

– Eu faço-o – disse Parisa, encolhendo os ombros. – Se for isso o necessário e se tiver o vosso apoio, sou perfeitamente capaz de o fazer.

– Não.

A interrupção de Libby foi e não foi uma surpresa para Parisa. Os outros viraram-se, igualmente prudentes, preparando-se para a discussão que estava prestes a iniciar-se – *assassinar é errado, moralidade e virtude*, e isto e aquilo – mas que nunca chegou.

Pelo menos, não a discussão com que Parisa contava.

– Tem de ser sacrifício, não retribuição – disse Libby. – Não é esse o objetivo de estudar a intenção, a não-sorte?

Por instantes, não se ouviu nenhuma resposta. E depois Reina disse:

– Sim.

Isso, pelos vistos, foi o suficiente para dar a Libby o estímulo para avançar.

– Os textos dizem claramente que os encantamentos lançados como vingança ou retaliação só se corrompem com o passar do tempo. Se a ideia é promover o progresso da biblioteca, se é para ter *sequer* algum valor – corrigiu ela com firmeza –, então não pode ser alguém que se satisfaça com o seu desaparecimento, e seguramente não uma pessoa que lhe seja indiferente. Não pode ser alguém cuja alma não sofra com o custo do ato. A seta assume a sua maior letalidade apenas quando é o mais justa possível, e isso significa apenas uma coisa.

Levantou-se, voltando-se para o lugar onde Tristan estava sentado, sozinho à mesa, de olhos postos no chá.

– Vais ter de ser tu – disse Libby.

Foi desde logo evidente que Reina concordara, e Nico também. Parisa, por hábito, esgueirou-se discretamente para dentro dos pensamentos de Tristan, testando-os.

No interior da cabeça de Tristan havia uma mistura de memórias e visões, um monstro de muitas partes. A voz de Callum, os lábios de Parisa,

as mãos de Libby. Fundiam-se, indistintas, entre si, inconstantes, inarticuladas. Libby tinha razão pelo menos em relação a uma coisa: teria de ser mesmo um sacrifício de Tristan. Havia amor dentro dele, demasiado e, ainda assim, insuficiente, retorcido e angustiado, com as mesmas consequências do medo. Era um tipo de amor que Parisa já vira antes: era facilmente corruptível. O amor a algo incontrolável, invulnerável. Um amor apaixonado pelo seu próprio isolamento, demasiado frágil para amar de volta.

Tristan não pensava em nada, mas ao invés padecia de tudo aquilo com um sofrimento agudo e intenso. Suficientemente intenso para, em breve, Callum sentir a sua angústia. Parisa abriu rapidamente as portas da biblioteca, prevendo o aparecimento de Callum, quando de repente a agonia emanada por Tristan se quebrou, colidindo com uma espécie de teto interno. Um pequeno pedaço de papel na sua cabeça inflamou-se subitamente e pôs-se em chamas; bordas enroladas caíam em pedaços fumegantes, desmoronando-se em cinzas.

– Está bem – disse ele.

Uma palavra para que a possibilidade assomasse à superfície.

· INTERLÚDIO ·

—A maioria das pessoas não sabe passar fome – disse Ezra.
Silêncio.

– Imagino que aches estranho eu dizer isto, mas é verdade. É uma coisa que se aprende. As pessoas pensam que têm de nascer de uma maneira, com a resiliência incorporada ou alguma incapacidade de se queimarem ou seja o que for. Ou somos ou não somos, esse tipo de coisa. Como algumas pessoas quererem naturalmente certas coisas e outras não, mas isso não é verdade. Podemos ser ensinados a querer. Podemos ser ensinados a desejar muito. E podemos também aprender a passar fome.

Silêncio.

– A questão é quando, por fim, somos alimentados – continuou Ezra. – Já ouviste falar da dor de estômago e tudo isso quando os vegetarianos comem carne pela primeira vez? É como se estivessem a morrer. A prosperidade é angústia. E, é claro, o corpo adapta-se, não é? Mas a mente não. Não podemos apagar a história. Não podemos apenas extirpar o querer e, pior do que isso, nós esquecemos a dor. Por fim, crescemos habituados ao excesso e não podemos voltar atrás, porque tudo de que nos lembramos são as dores da fome, que tanto tempo nos levou a aprender. Como dar-mo-nos a nós mesmos apenas na medida necessária para continuar; essa é uma lição. Para algumas pessoas, dura a vida inteira, para outras é um processo de desenvolvimento, se tiverem sorte, e depois, por fim, perde força. Ainda assim, nunca o esquecemos, como passar fome. Como observar os outros com inveja. Como silenciar a dor na alma. A fome é uma dormência, não é? A mente continua esfomeada, mesmo depois de o corpo se ter adaptado. Existe uma tensão, sempre. A sobrevivência não exige muito, mas a

existência, a completude, isso torna-se insaciável. Quanto mais tempo passamos fome, mais atormentador é o espectro da fome. Depois de aprendermos a passar fome, quando alguém finalmente nos dá alguma coisa, tornamo-nos acumuladores. *Acumulamos*. Tecnicamente, isso é idêntico a ter, mas não é, não realmente. A fome continua. Continuamos a querer e o querer é que é a parte difícil. Podemos aprender a passar fome, mas não podemos aprender a ter. Ninguém pode. É a falha de sermos mortais.

Silêncio.

– Ser mágico é ainda pior – disse Ezra. – O nosso corpo não quer morrer, contém demasiado no seu interior. Assim, queremos ainda mais intensamente. Passamos fome mais depressa. A nossa capacidade de não ter nada é abismal, cataclísmica. Não há um só medeico no mundo que seja capaz de descer voluntariamente ao nível do ordinário, quanto mais à poeira. Passamos todos fome, mas nem todos o fazemos corretamente. Algumas pessoas ficam com demasiado, ficam maldispostas e doentes, e isso mata-as. O excesso é um veneno; até a comida é veneno para quem dela tenha sido privado. Tudo tem a capacidade de se tornar tóxico. É fácil, tão estupidamente fácil morrer, por isso os que fazem alguma coisa para si são os mesmos que aprendem a passar fome corretamente. Consomem em pequenas quantidades, em doses que lhes permitam a sobrevivência. Estamos a imunizar-nos em relação a alguma coisa, *contra* alguma coisa. Tudo o que conseguimos ter com sucesso torna-se numa vacina com o passar do tempo, mas a doença é sempre muito mais vasta. Continuamos naturalmente suscetíveis. Combatemo-la, tentando passar fome como deve ser ou de forma inteligente, mas, no fim, acaba por tomar conta de nós. Todos temos razões diferentes para querer, mas acaba sempre por vir.

– Vir o quê? – perguntou Atlas.

Ezra sorriu, fechando os olhos contra o sol.

– O poder – disse ele. – Um pouco de cada vez, até quebrarmos.

• CALLUM •

Em criança, Callum nunca simpatizara por aí além com os vilões dos livros de histórias, que se agarravam sempre a alguma espécie de impulso genérico e inespecífico. O que o enervava não era a depravação, mas sim todo aquele desespero; a necessidade, a compulsão, que no fim acabava sempre por os destruir. Era isso, na verdade, que os vilões tinham de tão desagradável. Não a forma como tratavam dos seus assuntos, que era sem dúvida cruel e moralmente corrupta, mas o facto de desejarem as coisas tão *intensamente*.

Os heróis eram sempre relutantes, eram sempre pressionados a desempenhar os seus papéis, assumindo-se como mártires. Callum também não gostava disso, mas pelo menos fazia sentido. Os vilões eram demasiado proativos. Têm mesmo de se dar a toda aquela trabalhadeira em nome de uma qualquer infundável cruzada? Dominar o mundo era sobretudo uma agenda que não fazia sentido nenhum. Controlar aquelas marionetas, com as suas cabeças vazias e as suas multidões de forquilha na mão? Porquê? Querer alguma coisa – beleza, amor, onipotência, absolvição – era a falha natural do ser humano, mas a escolha de uma pessoa se consumir fosse porque fosse tornava tudo aquilo totalmente indigerível. Um desperdício.

Callum identificava-se mais honestamente com as escolhas simples, as verdades mais verdadeiras: camponês de conto de fadas precisa de dinheiro para criança moribunda, aceita todas e quaisquer consequências. O resto da história – sobre as recompensas da opção pelo bem ou os infelizes destinos do desespero e do mal – era sempre demasiado nobre, uma mentira bonitinha, mas inegável. A justiça cósmica não existia. A traição era

absolutamente comum. Para o bem e para o mal, as pessoas não recebiam aquilo que mereciam.

Callum tendia sempre mais para o lado dos assassinos nessas histórias, dos soldados diligentes, daqueles que se deixavam levar pela reação pessoal e não por uma qualquer causa moral. Era talvez apenas um pequeno papel a desempenhar dentro do todo, mas pelo menos era racional, compreensível para lá do fatalismo. Por exemplo, o caçador que não conseguiu matar a Branca de Neve. Um assassino a agir de acordo com a sua bússola interior. A humanidade na sua globalidade ganhou ou perdeu com a sua escolha? Não importa. Ele não reuniu um exército, não se bateu pelo bem, não interferiu grande coisa nos outros malefícios da rainha. Não estava em causa o mundo inteiro; nunca teve que ver com o destino. Callum admirava isso, a capacidade de assumir uma atitude moral e ater-se a ela. O importante era apenas saber se o caçador conseguiria viver com a sua decisão – porque, por mais triste ou entediante ou pouco inspirada que fosse, a vida era a única coisa que, em última análise, importava.

A mais verdadeira das verdades: as vidas mortais eram breves, inconsequentes. As convicções eram sentenças de morte. O dinheiro não comprava a felicidade, mas a verdade é que nada podia comprar a felicidade, por isso, pelo menos o dinheiro comprava tudo o resto. No que toca à busca pela satisfação, tudo o que uma pessoa era capaz de controlar era a sua própria pessoa.

Libby era uma heroína. Parisa era uma vilã. Ficariam ambas desiludidas no final.

Nico e Reina eram tão imparciais e egoístas que se tornavam completamente negligenciáveis.

Tristan era um soldado. Seguiria para onde fosse convencido a seguir.

Callum é que era um assassino. Era idêntico a um soldado, só que, quando trabalhava, fazia-o sozinho.

– Preocupas-te com a morte? – perguntou-lhe uma vez depois do jantar, quando os dois haviam ficado para trás junto à lareira da sala de jantar. Um calor desnecessário, tendo em conta a brisa primaveril lá fora, mas se havia

coisa em que a Sociedade se empenhava era a estética. – Que alguém pudesse decidir a tua morte, quero dizer.

– Um dia, acabarei por morrer – disse Callum. – Já me pacifiquei com isso. As pessoas estão à vontade para me escolher, se assim o desejarem. –

Permitiu-se um leve sorriso enquanto levava o copo aos lábios, olhando para Tristan de soslaio. – E eu estou igualmente à vontade para discordar.

– Quer dizer que não te importa que o grupo possa escolher... – Tristan deteve-se.

– Escolher o quê? Matar-me? – desafiou Callum. – Se eu temesse uma eliminação não teria vindo.

– *Porque é que vieste?*

Reação. Tristan não compreenderia isso, é claro, ainda que os seus motivos fossem exatamente os mesmos. Ele era um soldado que queria um rei com princípios, ainda que não parecesse estar ciente de quais serão os seus próprios princípios.

Mete pena, na verdade.

– Estás sempre a perguntar-me isso – observou Callum. – Porque deveria importar tal coisa?

– Não importa? O tópico que estamos a abordar agora é a intenção.

– Estás então a perguntar-me quais são as minhas intenções?

– Sim.

Callum bebericou mais um trago antes de refletir na resposta, deixando-se saturar dos seus pensamentos.

A sua vida na Sociedade não era desprovida de interesse. Era metódica, feita de hábitos, mas isso era uma consequência na vida de qualquer coletivo. O interesse próprio era mais empolgante – dormir pela tarde fora um dia, escalar o Olimpo para ameaçar os deuses no dia seguinte –, mas isso assustava as pessoas, inquietava-as. Satisfazer todos os caprichos fazia com que os outros se tornassem desnecessariamente combativos, desconfiados. Eles preferiam a tranquilidade dos hábitos, das pequenas tradições, quanto mais inconsequentes melhor. Pequeno-almoço de manhã, jantar ao som do gongo. Apaziguava-os, a normalidade. Todos queriam desesperadamente não ter medo e sentir-se entorpecidos.

Os humanos eram sobretudo animais sensatos. Conheciam os perigos do comportamento errático. Era uma doença crónica, a sobrevivência.

– As minhas intenções são iguais às de qualquer outra pessoa – disse Callum passados alguns instantes. – Ficar acima dos outros. Ser mais inteligente. Ser melhor.

– Melhor do que o quê?

Callum encolheu os ombros.

– Qualquer pessoa. Toda a gente. Isso importa?

Relanceou na direção de Tristan por cima do copo e registou uma vibração de insatisfação.

– Ah – disse Callum. – Terias preferido que eu te mentisse.

Tristan indignou-se.

– Não quero que *mintas*...

– Não, queres que as minhas verdades sejam diferentes, algo que sabes bem que não serão. Quanto mais conheces as minhas verdadeiras intenções, mais culpado te sentes. Isso é bom, sabes – garantiu-lhe Callum.

– Tens um desejo tão grande de te dissociares, mas a verdade é que, nesta casa, ninguém sente mais do que tu.

– Mais? – repetiu Tristan em tom de dúvida, retraindo-se diante de tal ideia.

– Mais – confirmou Callum. – Com volumes mais elevados. Espetros mais amplos.

– Eu teria achado que seria a Rhodes.

– A Rhodes não faz a mínima ideia de quem é – disse Callum. – Ela não sente nada.

A sobranceira de Tristan contraiu-se.

– Isso é um bocadinho cruel, não?

– Não é nada. – Libby Rhodes era um colapso nervoso sempre prestes a acontecer, cujas decisões se baseavam inteiramente naquilo em que ela se deixara moldar pelo mundo. Era mais poderosa do que todos eles, à exceção de Nico. Claro que era. Porque essa era a sua maldição: por mais poder que possuísse, faltava-lhe a intrepidez para usar e abusar dele. O espírito dela era demasiado pequeno, não era suficientemente faminta para

tal. Demasiado presa na gaiola dos seus próprios medos, dos seus desejos de que gostassem dela. O dia em que acordasse e percebesse que podia criar o seu próprio mundo seria um dia perigoso, mas era tão improvável que dificilmente tiraria o sono a Callum à noite.

– É para sua própria segurança que ela não sente nada – disse Callum. – É algo que ela faz para sobreviver.

Ele não dissera a verdade a Tristan, ou seja, que Tristan estava a fazer as perguntas erradas. Por exemplo, Tristan nunca perguntara a Callum a que livros os arquivos lhe davam acesso. Fora um erro grave, possivelmente até fatal.

– Fala-me do teu pai – disse Callum, ao que Tristan piscou os olhos, apanhado desprevenido.

– O quê? Porquê?

– Faz-me esse favor – disse Callum. – Chama-lhe criar laços.

Tristan brindou-o com um olhar de falcão.

– Detesto quando fazes isso.

– O quê?

– Quando ages como se fosse tudo uma espécie de atuação. Como se fosses uma máquina que replica comportamentos normais. «Chama-lhe criar laços», a sério. – Tristan olhou taciturnamente para o copo. – Às vezes questiono-me se compreendes sequer o que significa gostar de outra pessoa ou se te limitas a imitar os movimentos daquilo que supostamente um qualquer ser humano deve parecer.

– Estás sempre a questionar-te – disse Callum.

– O quê?

– Disseste que às vezes te questionas. Não. É constantemente.

– E depois?

– E depois nada. Estou só a dizer-te, já que pareces apreciar quando o faço.

Tristan fulminou-o outra vez com o olhar, o que, pelo menos, já era uma melhoria.

– Tens noção de que eu sei, não tens?

– Da minha traição, é isso? – perguntou Callum maliciosamente.

Tristan pestanejou.

E pestanejou novamente.

– Sentes-te traído por mim – explicou Callum. – Porque achas que te influenciei.

– Que me *manipulaste*. – As palavras saíram da boca de Tristan com uma rosnadela.

Fora sem dúvida um erro. Callum percebera o seu erro quando captou o pequeníssimo sorriso de Parisa numa noite em que Tristan recusou a sua oferta habitual de tomarem uma bebida antes de se deitarem. Não fazia ideia de como Tristan conseguira subitamente um método de o testar, mas agora, que já acontecera, não havia como voltar atrás. As pessoas detestavam perder a autonomia, o livre-arbítrio. Causava-lhes repulsa serem controladas por outra pessoa. Tristan não voltaria a confiar nele, e a situação só se agravaria. A dificuldade de tudo aquilo era a putrefação, a doença permanente. Tristan ficaria para sempre a pensar se os seus sentimentos eram mesmo dele, por mais que Callum tudo fizesse para o tranquilizar.

A fúria de Tristan fervilhara inevitavelmente dias a fio, por isso, enfim. Era então chegada a hora de a deitar cá para fora.

– Podes mesmo censurar-me? Preferi o prazer da minha escolha – disse Callum, achando de repente toda aquela conversa esgotante. – Qualquer pessoa com um talento tende a usá-lo.

– Que mais me fizeste?

– Nada pior do que a Parisa te fez – disse Callum. – Ou achas mesmo que ela se preocupa contigo com mais sinceridade do que eu?

Tristan tinha a expressão atormentada, a curiosidade a lutar contra a desconfiança. Era esse o problema de ter demasiados sentimentos, pensou Callum. Era tão difícil escolher um.

– Que tem a Parisa que ver com isto?

– Tudo – disse Callum. – Ela controla-te e tu nem sequer percebes.

– Consegues ouvir a ironia do que acabaste de dizer?

– Oh, é excepcionalmente irónico – garantiu-lhe Callum. – Petrificamente irónico. Fala-me do teu pai – acrescentou de passagem e

Tristan fez cara de poucos amigos.

– O meu pai não é para aqui chamado.

– Porque não? Tu falas muito dele, sabes, mas nunca chegas a dizer realmente nada.

– Que ridículo. – Um riso de troça.

– Achas que é? Por falar em ironias – meditou Callum. – É essa a tua natureza. És franco, mas nunca verdadeiro.

– Porque haveria eu de ser sincero contigo? – retorquiu Tristan. – Por que razão alguém, alguma vez, haveria de ser sincero contigo?

A pergunta caiu sobre ambos como um machado, surpreendendo-os sem jeito. Uma viragem, portanto.

Por instantes, Callum nada disse. E então:

– Quando a Elizabeth Rhodes era pequena, descobriu que conseguia voar – disse Callum. – Na altura ela não sabia que estava a alterar a estrutura molecular no interior do quarto e que, ao mesmo tempo, tinha deslocado a força da gravidade. Já tinha uma predileção pelo fogo, sempre a querer tocar nas chamas das velas, mas isso era normal numa criança da idade dela, e os pais eram dedicados, atentos. Protegeram-na de se queimar, por isso ela nunca chegou a descobrir que, por norma, não se queima. O entendimento dela é que só pode alterar as forças físicas sem perturbar os elementos naturais – acrescentou Callum –, mas está enganada. A quantidade de energia de que precisaria para alterar a composição molecular é simplesmente mais do que aquela que possui sozinha. – Tristan não disse nada, por isso Callum continuou: – A irmã ficou assustada, ou foi isso que Libby pensou. Na verdade, a irmã sofria já os primeiros sintomas da doença degenerativa: perda de peso, perda de audição, perda de visão, enfraquecimento dos ossos. A irmã desmaiou, o que foi pura coincidência. Na ausência de uma explicação, Libby Rhodes culpou-se a si mesma e não usou os seus poderes durante quase uma década, voltando a usá-los apenas depois da morte da irmã. Agora pensa nesse incidente apenas como se fosse um sonho recorrente.

– Porque me estás a contar isto? – perguntou Tristan bruscamente, mas Callum prosseguiu.

– Nicolás Ferrer de Varona é o filho único de dois médicos profundamente medianos que alcançaram um lucro considerável com bons investimentos, apesar do talento que lhes faltava. Ele é, evidentemente, o seu investimento *mais* rentável. Tem mais consciência dos seus talentos do que Libby, mas não muito mais.

Diante da sobrancelha arqueada de Tristan, Callum encolheu os ombros.

– Ele consegue transformar a sua própria forma, bem como a das coisas à volta dele. – Poucos médicos que não fossem naturalmente mutadores o conseguiam, e os mutadores não faziam a magia de Nico: os mutadores conseguiam transformar-se a si mesmos, mas nada mais.

Tristan, já familiarizado com a dificuldade da magia que tal implicava, ergueu a sobrancelha, como quem formula a pergunta evidente: *porquê*.

– Não sei se está apaixonado pelo colega de quarto e não tem consciência disso ou se é simplesmente despreocupado face à própria vida – observou Callum revirando os olhos –, mas, sem que ele o soubesse, Nico de Varona morreu por breves momentos no processo de se transformar pela primeira vez. Agora consegue fazê-lo com facilidade – garantiu Callum a Tristan –, já que treinou o corpo para reconhecer a memória muscular de ser forçado a assumir a sua forma alternativa, mas se não fosse a magia que lhe corre nas veias a pôr o coração novamente a funcionar, ele já não andava aí a respirar. Agora ele é mais rápido, mais intuitivo, os sentidos dele são mais aguçados porque têm de ser, por uma questão de sobrevivência. Porque o corpo dele compreendeu que, ao tentar acompanhar-lhe o ritmo, poderá morrer outra vez.

– Que animal? – perguntou Tristan. Uma pergunta irrelevante, mas bastante interessante.

– Um falcão – disse Callum.

– Porquê?

– Não é claro – respondeu Callum e prosseguiu. – Reina Mori é a filha ilegítima de um clã mortal muito influente, o ramo principal a que pertencem membros da nobreza japonesa. O pai é desconhecido e ela foi criada em segredo pela avó, muito embora em ambiente abastado e de privilégio. O controlo que tem sobre a natureza é quase o de um

necromante. É incompreensível porque lhe resiste tanto, porque se recusa a usá-lo, ainda mais, mas tem alguma coisa que ver com ressentimento. Ela ressent-se.

– Porque a torna demasiado poderosa?

– Porque a enfraquece – corrigiu Callum. – Ela é uma dadora universal de uma qualquer fonte vital que a própria não pode usar e não existe nada que lhe possa dar força de volta. A sua magia é essencialmente inexistente. Tudo o que ela possui pode ser usado para qualquer excesso que se deseje, por qualquer pessoa, exceto ela.

– Quer dizer que ela se recusa a usá-lo por – começou Tristan e franziu o sobrolho – interesse próprio?

– Talvez – disse Callum. Quando Tristan se deteve a pensar, ele acrescentou: – Quanto à Parisa, já conheces a história dela. É a que tem mais consciência dos seus talentos. De *todos* os seus talentos – qualificou Callum com um vago sorriso –, mas dos talentos mágicos muito em particular.

Quando Tristan se calou de novo, Callum olhou para ele.

– Pergunta.

– Pergunto o quê?

– O que me perguntas sempre. Porque está ela aqui?

– Quem, a Parisa?

– Sim. Pergunta-me porque a Parisa está aqui.

– Tédio, imagino eu – resmungou Tristan, provando como sabia tão pouco.

– Talvez um pouco – admitiu Callum –, mas, na verdade, a Parisa é perigosa. Ela é uma pessoa zangada – explicou. – Furiosa, vingativa, rancorosa, naturalmente misantrópica. Se ela tivesse o poder da Libby ou do Nico, já teria destruído o que resta da Sociedade.

Tristan fez um ar de dúvida.

– Nesse caso, por que razão está aqui, na tua opinião?

– Para achar uma forma de o fazer – disse ele.

– Fazer o quê?

– Destruir coisas. O mundo, possivelmente. Ou controlá-lo. A opção que lhe parecer melhor quando a encontrar.

– Isso é absurdo – disse Tristan.

– Será? – contrapôs Callum. – Ela sabe o que as pessoas são. Com muito poucas exceções, odeia-as.

– Estás a dizer que tu não as odeias?

– Não me posso dar ao luxo de odiar – disse Callum. – Já te disse isto, como certamente te lembras.

– Então és capaz de não sentir nada quando te é conveniente – resmungou Tristan.

Callum lançou-lhe um sorriso sombrio.

– Magoou-te? – perguntou.

Tristan preparou-se para alguma coisa. E com razão.

– Magoou-me o quê?

– As coisas que o teu pai fez, as coisas que disse – disse Callum. – Foi doloroso ou só humilhante?

Tristan desviou os olhos.

– Como sabes todas estas coisas sobre nós? Não terá sido certamente só por sentires as nossas emoções.

– Não, não foi só isso – confirmou Callum, e acrescentou: – Porque não te vieste embora?

– O quê?

– Bom, costuma ser essa a história, não é? Se é assim tão mau, porque não se vai embora.

Tristan cerrou um punho

– Eu não sou um...

– Não és o quê? Uma vítima? És, pois – Callum interrompeu –, mas é evidente que não podes permitir que o mundo te chame isso.

– Isso é um juízo de valor? Uma acusação?

– De todo. O teu pai é um homem violento – disse Callum. – Implacável e cruel. Exigente, rigoroso. Mas o pior de tudo é que o amas.

– Odeio o meu pai. Sabes isso muito bem.

– Isso não é ódio – disse Callum. – É amor corrompido, amor deformado. Amor com uma doença, um parasita. Precisas dele para sobreviver.

– Sou um medeico – explodiu Tristan. – Ele é um feiticeiro.

– Se és alguma coisa é porque vieste dele – disse Callum. – Se tivesses sido educado numa família afetuosa, não terias sido obrigado a ver uma realidade diferente. A tua magia poderia ter-se acumulado de outro modo qualquer, assumindo uma forma diferente. Mas tu precisavas de ver *através* das coisas, porque vê-las como são era demasiado doloroso. Porque era demasiado ver o teu pai em tudo o que ele era, um homem violento e cruel, de cuja aprovação ainda precisas mais do que qualquer outra coisa neste mundo – explicou Callum, e Tristan estremeceu –, e que te teria matado.

– Estás a mentir. Estás... – Tristan desviou o rosto. – Estás a fazer-me alguma coisa.

– Sim, é verdade – disse Callum, pousando o copo e pondo-se de pé, aproximando-se. – Isto é o que tu sentirias se eu te estivesse a manipular. Estou a fazê-lo agora. Sentes isto? – perguntou, fechando uma mão à volta da nuca de Tristan e mexendo nas regulações da tristeza, do vazio de Tristan. – Nada dói mais do que a vergonha – murmurou Callum, encontrando as arestas do amor de Tristan, emaranhadas com orifícios e quebradiças de corrosão. As suas muitas bolsas de inveja, desejo; a sua loucura à medida da sua privação. – Tu queres a aprovação dele, Tristan, mas ele nunca ta dará. E não o podes deixar morrer, não ele, na realidade, nem sequer a *ideia* dele, porque, sem ele, continuas a não ter nada. Vês tudo tal como é na realidade e, ainda assim, sabes o que vês?

Tristan fechou os olhos.

– Nada – disse Callum, e a boca de Tristan libertou um som, amargamente ferido. – Não vês nada. A tua capacidade de compreender o teu poder exige que aceites o mundo tal como é, mas tu recusas-te. Gravitás à volta da Parisa porque ela não te pode amar, porque a forma como ela te despreza, a ti e a toda a gente, é-te familiar, é como estar em casa. Gravitás à minha volta porque te faço lembrar o teu pai e, na verdade, Tristan, tu *queres* que eu seja cruel. Gostas da minha crueldade, porque não

compreendes o que é, mas seduz-te, sentes-te apaziguado na sua proximidade, tal como a Rhodes e a sua propensão para as chamas.

As faces de Tristan estavam húmidas, provavelmente de tormento. Callum não tinha gozo naquilo, a destruição de uma psique humana pela qual se permitira na verdade nutrir sentimentos. Tinha um toque de cinza, como escombros. Havia sempre uma sensação de limiar; não era salgado, não era doce, mas também era um pouco dos dois. Era o perigo de pender para um lado ou para outro, de cair para um lado demasiado pesadamente – irreversível e irreparavelmente – sem possibilidade de sobrevivência.

– Eu sou o pai que nunca pudeste ter – registou Callum em voz alta. – Eu amo-te. É por isso que não me podes voltar as costas, ainda que o queiras. Conheces as minhas falhas, mas deseja-las; cobiça-las. Quanto pior eu for, maior o teu desespero para me perdoares.

– Não. – Era admirável, e muito, que Tristan conseguisse falar, considerando aquilo por que estava a passar. – Não.

– A verdade é que não te quero magoar – disse-lhe Callum meigamente. – Isto, o que te estou a fazer, nunca teria feito se não fosse para te salvar. Para nos salvar. Já não queres confiar em mim – admitiu ele –, compreendo isso, mas não posso deixar que te distancies. Tens de provar o sabor da minha magia, saber como a sentes, para que reconheças a sua ausência. Tens de conhecer a dor às minhas mãos, Tristan. Precisas que eu te magoe para poderes por fim saber a diferença entre a tortura e o amor.

Fosse o que fosse que restava do peito de Tristan, fê-lo cair de joelhos e Callum acompanhou-o, mergulhando com ele em direção ao chão. Encostou a testa à de Tristan, mantendo-o direito.

– Não te vou quebrar – disse Callum. – O segredo é que as pessoas querem ser quebradas. É um clímax, o ponto de rutura, e a partir daí tudo é mais fácil. Mas quando se torna demasiado fácil, as pessoas desejam-no mais, vão atrás disso. Não te vou fazer isso. Nunca poderias regressar.

Aliviou o toque, levando consigo a magia. Tristan sacudiu-se com um arrepio, mas não seria um alívio imediato. Não sentiria a libertação e o esmorecimento era como uma câibra num músculo. Como um membro com formigueiro que depois desperta, sentindo as picadas. Nervos a

estremecerem de vida novamente, a ressuscitar. A pressão a procurar um espaço para preencher.

– Como... – começou Tristan, e Callum encolheu os ombros.

– Alguém na Sociedade tem livros sobre nós – disse ele. – Previsões. – Tristan não conseguia levantar a cabeça. – Não como um oráculo – explicou Callum. – Mais como... probabilidades. A probabilidade de um ou outro comportamento. Diagramas e gráficos com dados, mais volumes de história pessoal, o que nos motiva. Segue-se depois um arco narrativo das nossas vidas, uma projeção. Os desfechos mais prováveis.

Tristan deixou-se mergulhar no peito de Callum e este puxou-o mais para si, deixando-o repousar ali a cabeça, no seu regresso febril à estagnação da sua própria alma.

– A tua não é a mais interessante – contou-lhe Callum pesarosamente –, mas tem pormenores relevantes. Como é evidente, prestei mais atenção à tua história do que à dos outros.

– Porquê – tentou Tristan com a voz rouca.

– Porquê eu? Não sei. Pedi por capricho, para te ser sincero. Para ver o que a biblioteca me daria. Escrevi primeiro o nome da Parisa, por razões evidentes. – Callum riu-se para dentro. – Devia ter sabido que ela recrutaria pessoas para a causa dela contra mim, e a Rhodes era uma escolha tão óbvia. Tão hediondamente moral, tão tragicamente insegura. Mas surpreendentemente acrobática – acrescentou, pensando melhor. – Ou imagino eu, tendo em conta os vossos encontros.

Tristan não disse nada.

– O livro dela prevê que ela nunca vai atingir o pleno alcance do seu poder. Na verdade, a probabilidade é de um para um. Uma ideia frustrante, não é? Ela quase não foi escolhida para a Sociedade porque não conseguiam chegar a consenso, mas no fim o Atlas Blakely convenceu-os. Interessante, não achas?

Sentiu Tristan a mudar de posição.

– O Blakely odeia-me, claro. Quer ver-me morto. Exterminado como uma praga. Tentei sacar o ficheiro dele, mas parece que está acima do meu

nível. Ele adora-te – acrescentou, desviando-se para olhar para Tristan. – Se eu fosse a ti, começava a questionar-me porquê.

– Que dizia... – Tristan engoliu em seco. Entretanto já conseguia falar normalmente, mas era provável que não quisesse. – Que dizia sobre...?

– Isto? A eliminação?

Nenhuma resposta.

– Sei que só fomos deixados sozinhos tanto tempo porque estão à espera de que tu o faças – disse Callum. – Sei que escolheste a sala de jantar porque, não há muito tempo, enfiaste uma faca no bolso. E até sei – acrescentou, olhando para baixo, para o lugar onde a mão de Tristan desaparecera de vista – que neste preciso momento tens os dedos enrolados à volta do cabo dessa mesma faca e que a distância daí às minhas costelas foi premeditada, cuidadosamente medida.

Tristan contraiu-se. A mão em torno da faca estava tensa, apesar de ter estacado.

– Também sei que é impossível – disse Callum.

Silêncio.

– Pousa a faca – ordenou-lhe Callum. – Não me vais matar. Foi uma boa ideia – acrescentou. – Quem quer que tenha decidido que tinhas de ser tu... a Rhodes, provavelmente – respondeu a si mesmo depois de pensar melhor, e quando Tristan não o negou, ele encolheu os ombros. – Foi uma boa ideia – disse de novo. – Mas tão profundamente improvável.

Tristan preparou-se e Callum esperou.

– Podia matar-te – disse Tristan. – Se calhar mereces morrer.

– Oh, seguramente – disse Callum. – Mas será que vou morrer?

Silêncio.

Algures noutro lado, um relógio fazia tiquetaque.

Tristan engoliu em seco.

Depois afastou Callum e tirou a faca do seu esconderijo no bolso, atirando-a para o espaço entre os dois.

– Não podes matar a Rhodes – disse Tristan com a voz rouca.

– Muito bem – concordou Callum.

– Nem a Parisa.

– OK.

A boca de Tristan contraiu-se.

– E estás enganado.

– Acerca de quê? – Não interessava. Ele não estava enganado.

– Acerca de tudo.

Caiu o silêncio entre eles de novo. Exausto, esvaziado e provavelmente a precisar de mais cicatrização do que tinha noção, Tristan chamou o seu copo da mesa, bebendo-o de um trago com um movimento da cabeça. Callum observou o reflexo do vinho que permaneceu nos lábios de Tristan, escorregadio quando estes se abriram.

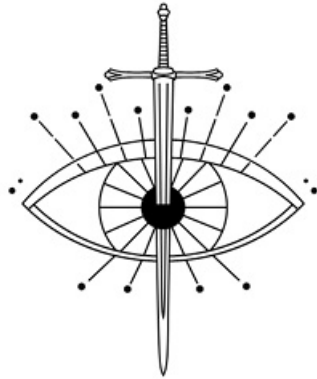
– E então quem morre? – perguntou Tristan.

Finalmente. Uma vez na vida, estava a fazer as perguntas certas. Callum esticou-se para pegar na faca com uma mão, observando-a em silêncio. O cintilar das chamas na sala de jantar bailava ao longo do gume.

– Vai-se a ver – disse ele calmamente, erguendo os olhos, encontrando os de Tristan –, eu mato-te.

Poucos instantes depois, um grito perfurou o silêncio.

VIII



MORTE



• LIBBY •

— **C**onceptualmente, os homens passaram o prazo de validade – disse Libby olhando para os joelhos, lá de onde estava empoleirada, em cima da cadeira ao lado da secretária de Nico, o tronco enrolado para dentro. – Esta Sociedade? Fundada por homens, isso posso garantir. Matar uma pessoa para fazer a iniciação? Ideia de um homem. Totalmente masculina. – Franziu os lábios – Em teoria, os homens são um desastre. A título de conceito, rejeito-os inequivocamente.

– Se ao menos estivesse a ser mesmo sincera – disse Nico, indolente, já que praticamente nem estava a ouvir. Naquele momento, ele tinha uma venda nos olhos e atirava facas na direção do roupeiro, por motivos que Libby nunca compreenderia. Algo que ver com estar preparado para qualquer possível invasão, tendo-lhe ela já recordado que já o estavam (preparados, melhor dizendo, e que não era provável virem a ser invadidos). Uma razão mais certa era que Nico estava inquieto por estar diante de uma situação que não conseguia controlar, pelo que sentia necessidade de a esfaquear. Por muito que se conseguisse identificar com isso, Libby começava a sentir uma certa compaixão por Gideon, que lhe parecera sempre exausto nos quatro anos que haviam estudado na NYUMA. Não devia ter mãos a medir com um colega de quarto que nunca parava nem por nada, e muito menos para ficar a olhar para o teto.

Nico ergueu uma mão, sentindo à sua volta as forças presentes na sala.

– Fá-lo levitar – disse ele. – O candeeiro.

– Não partas o candeeiro, Varona.

– Eu depois arranjo-o.

– Arranjas mesmo?

– *Sim* – disse ele com impaciência.

Libby revirou os olhos e depois focou-se nas forças de gravidade à volta do candeeiro. Desejou, e não era a primeira vez, conseguir ver as coisas como Tristan as via. Nunca antes ela pensara se deveria colocar em causa o que os seus olhos lhe mostravam, mas agora não conseguia pensar noutra coisa. Nesse momento, ela sentia a magia de Nico como ondas, invisíveis. Ele estava a alargar o seu alcance, desenrolava-o. Conseguia saber onde as coisas estavam no quarto bastando para isso preenchê-lo, ocupar o volume que ele e Libby apenas viam como um vazio.

Relatividade. Na verdade, havia ali pedaços, pequenas partículas de algo que compunha todo aquele nada. Tristan conseguia vê-las. Libby não.

Detestava isso.

– Para – disse. – Estás outra vez a alterar o ar.

– Eu não estou a alterar o ar – disse Libby. – Não consigo fazer isso.

Mas Tristan provavelmente conseguia.

– Para – disse Nico outra vez, e a jarra estilhaçou-se. A faca permaneceu na sua mão.

– Parabéns – resmungou Libby, e Nico tirou a venda, olhando para ela em total agitação.

– O que aconteceu com o Fowler?

Ela eriçou-se.

– Porque é que tudo tem de estar relacionado com o Ezra?

Nico encolheu os ombros.

– Não gosto dele.

– Oh, *não* – lamentou-se Libby fingidamente. – Como poderei viver sem a tua aprovação?

– Rhodes. Por amor de Deus. – Nico atirou a faca para o lado, apontando para os pés dela. – Anda lá. Vai ser como um jogo da NYUMA.

– Para – disse ela. – Eu não quero jogar contigo. Vai procurar outro brinquedo.

– Que aconteceu? – perguntou ele novamente.

Nada.

– Acabámos.

– OK e...?

– É só isso. – Como ela tinha dito. Nada.

– Uuui – disse Nico. Ele tinha um talento especial para fazer com que um som conseguisse imitar toda uma *performance* musical acerca da natureza infundável do sofrimento.

– O que esperas que diga, Varona? Que tinhas razão?

– Sim, Rhodes, é claro que sim. Sempre.

Era justo. Ela tinha-se deixado apanhar naquela armadilha.

Libby pôs-se de pé seguindo o seu próprio e inquieto desejo de estar de pé. (A importância de o ter feito por sua alta recreação e não por ordem de Nico revelou-se especialmente relevante naquele momento.)

– Tu não tinhas *razão* – corrigiu ela incisivamente, embora estivesse bastante certa de que não importava nada do que ela dissesse. Nico de Varona vivia na sua própria realidade; uma realidade para a qual nem Tristan conseguiria encontrar um sentido, provavelmente. – O Ezra não é... desprovido de interesse. Ou seja lá o que for que costumavas dizer sobre ele.

– É mediano – disse Nico sem rodeios. – Tu não és.

– Ele não é med...

Ela parou, dando conta de que se estava a focar na coisa errada.

– Quando o dizes, até parece um elogio – resmungou ela entredentes, e Nico fez uma cara que tanto dizia *cala-te* como *eu disse o que disse*.

– O teu problema, Rhodes, é que te recusas a ver-te a ti mesma como perigosa – disse-lhe ele. – Queres provar o teu valor, certo, mas isto não é na verdade uma batalha em que tens de subir a pulso, como pensas que é. Tu já estás no topo. E de algum modo não pareces ver a idiotice pegada que é escolher uma pessoa que te faz... – Deteve-se, ponderando. – Mais aborrecida.

– Estás finalmente a admitir que sou melhor do que tu?

– Não és melhor do que eu – respondeu Nico em tom ligeiro. – Mas andas à procura das coisas erradas. Andas à procura, não sei... das outras peças.

Ela fez um esgar.

– As outras peças de quê?

– Como posso eu saber? De ti mesma, talvez. – Ele fez um riso escarninho entredentes antes de a oprimir com: – Seja como for, não há mais peças nenhuma, Rhodes. Não há mais nada. És só tu.

– E isso quer dizer o quê?

– Que ou estás completa ou não. Para de procurar. Está tudo mesmo aqui, caramba – informou-a ele, agarrando-lhe impacientemente na mão e quase a atirando de encontro ao peito dela. Ela fitou-o duramente e afastou-se para longe do seu alcance, violentada. – Ou é suficiente para ti ou nada jamais será.

– Isto é o quê, uma palestra?

– Tu és um perigo incendiário, Rhodes – disse ele. – Por isso, para de pedir desculpa pelos danos e deixa simplesmente o sacana queimar-se.

Parte dela estava mais zangada do que conseguia descrever. A outra parte não queria cair na armadilha de acreditar em Nico de Varona.

Por isso, à falta de uma resposta viável, Libby olhou de soslaio para o candeeiro partido e reconstruiu-o, pousando-o novamente na secretária.

Nico, em reposta, transformou a secretária numa caixa.

Sempre que Nico fazia magia, ela sentia-se agitada. De alguma forma, ele era vasto. Ela nunca via os pormenores daquilo que ele fazia; se os materiais do mundo fossem fios e Nico o marionetista, não era possível identificá-los. As coisas simplesmente eram e depois deixavam de ser, de um momento para o outro. Ela nunca se lembrava de o ver a acontecer, mesmo que estivesse a olhar atentamente. Era uma secretária, agora era uma caixa, daí a pouco podia ser uma cadeira ou um pântano. Provavelmente a secretária nem sabia o que fora em tempos.

– Que és tu, então? – perguntou-lhe ela. – Se eu sou um perigo incendiário.

– Isso interessa?

– Se calhar. – Ela devolveu a caixa à forma de secretária.

– Que engraçado – disse ele. – Eu não teria feito nada disto se não viesse para nós os dois juntos.

– Engraçado porquê?

– Por causa deste lugar, eu sou um assassino – disse ele. – Cumplicidade – corrigiu ele passado um instante de ponderação. – Em breve serei. – Esta última frase foi proferida num resmungo em jeito de conclusão.

– Passa lá à parte engraçada – sugeriu Libby friamente.

– Bem, eu tenho agora uma nódoa, não é? Uma marca. «Mataria por», seguida de um espaço em branco. – Nico chamou a faca de volta à palma da mão, só que, é claro, não foi isso que se viu. Num momento a faca estava caída, no outro estava na mão dele. – Não teria nada disso se não tivesse vindo para aqui. E eu não teria vindo para aqui se não fosses tu.

Ela perguntou-se se ele lhe estaria a atribuir culpas. Não soava acusador, mas era difícil não presumir que sim.

– Tu vinhas, com ou sem mim, lembras-te?

– Pois, mas só porque te perguntaram a ti também.

Ele baixou os olhos para a faca na mão, virando-a para inspecionar a lâmina.

– Inseparáveis – disse ele, nem para si mesmo, nem para ela.

– O quê?

– Inseparáveis – repetiu ele, desta vez mais alto. Ele olhou para ela, encolhendo os ombros. – Um daqueles cálculos do tipo se/então, certo? Nós conhecemo-nos, por isso agora não nos podemos separar. Nós vamos para sempre jogar um jogo esquisito de... como dizer? Aquela coisa, o *espejo*, o jogo. O jogo dos espelhos.

– O jogo dos espelhos?

– Sim, tu fazes uma coisa e eu também o faço. Um espelho.

Libby perguntou:

– Mas quem faz primeiro?

– Não interessa.

– Isso afeta-te?

Ele olhou para baixo, para a faca, e depois novamente para ela.

– Parece que eu estaria disposto a protegê-lo – disse ele –, por isso, sim.

Libby chamou a faca da mão dele, o que, na prática, era como se tivesse sido sempre dela.

– A mim também – disse ela calmamente.

Ela pousou a faca na secretária, que, por breves momentos, fora algo diferente.

– Podíamos parar – sugeriu ela. – Parar de jogar o jogo.

– Parar onde? Parar aqui? Não – disse Nico abanando a cabeça, tamborilando com os dedos no lado do corpo. – Aqui ainda não chegámos suficientemente longe.

– Mas e se for demasiado longe?

– E é – concordou. – Demasiado longe para podermos parar.

– Um paradoxo – observou Libby em voz alta, e a boca de Nico retorceu-se numa confirmação sardónica.

– Não é mesmo? O dia em que tu não fores uma labareda – disse ele – será o dia em que, para mim, a Terra estará parada.

Permaneceram assim mais alguns segundos, até Libby agarrar a faca na secretária e a espetar na madeira. As traves da madeira cresceram à sua volta, fixando-a onde estava.

– Nós acabámos – disse ela. – Eu e o Ezra. Acabou. Fim.

– Trágico. – Nico fez um ar presunçoso. – Tão triste.

– Podias ao menos fingir que tens pena.

– Podia – concordou ele. – Mas não o vou fazer.

Ela revirou os olhos e pôs-se de pé, abandonando propositadamente a cadeira da secretária no meio do quarto, ignorando os seus resmungos de enfado enquanto saía pela porta aberta. Ela parou junto à porta de Tristan a caminho do quarto, observando-lhe o conteúdo, e perguntou-se como lhe estariam a correr as coisas lá em baixo. Não contava que fosse fácil. Na verdade, nem sequer esperava que funcionasse. Toda a ideia de escolher Tristan para matar Callum era o facto de Tristan ser a pessoa que menos provavelmente o faria, pelo que tudo aquilo não era apenas um sacrifício, mas também um jogo de sorte e azar.

Pensou na boca de Tristan, nos seus olhos. Na sensação de dominar alguma coisa com a mão dele firme no seu pulso imobilizado.

Preocupas-te muito com a tua alma, Rhodes?

Que pena ela ter tanta aversão ao risco.

Libby esgueirou-se para dentro do seu quarto e fechou a porta atrás de si, deixando-se cair de costas na cama. Pensou em pegar num dos livros na mesinha de cabeceira, mas desistiu da ideia ainda antes de se mexer para o fazer. Nico estava provavelmente a fazer alguma coisa, ocupado por exemplo com uma qualquer tarefa acéfala para se distrair enquanto esperava, mas para Libby não havia distração possível. A sua mente saltava apenas de Tristan para Callum e de volta a Tristan, e depois, por breves e infelizes momentos, para Ezra.

Quer dizer que acabou? Já não queres mais?

Ele soara mais exausto do que qualquer outra coisa.

Acabou, confirmou ela. *Não quero mais.*

Não tinha tanto que ver com alguma coisa que tivesse mudado entre eles, mas mais com o facto de Libby já não ser a mesma pessoa de antes. Estava tão mudada que nem se lembrava de que versão dela investira naquela relação, naquela vida, ou de algum modo naquela forma, que ainda tinha a mesma aparência de sempre, mas que já não era a mesma.

Quase nem sequer sentiu culpa pelo que fizera com Tristan e Parisa, porque quem quer que Libby fosse naquela noite, ela também era diferente dessa versão. Aquela fora uma qualquer Libby de transição que procurara uma perturbação, em busca de algo que a estilhaçasse um pouco. Algo para limpar as bases e começar de novo. As cinzas às cinzas, o pó ao pó. Ela encontrara-o, decompusera-se e seguira em frente. O que quer que Libby fosse agora, era poderosa, de tanta possibilidade. Mas também impotente, com o conhecimento da sua própria excepcionalidade. Poderia voltar a ser a pessoa que era antes de saber que conseguia controlar os enigmáticos mecanismos do universo? Que conseguia construí-los, controlá-los, moldá-los ao que lhe apetecesse? Ambição era uma palavra tão feia, tão impura, mas ela tinha-a. A ambição escravizara-a. Havia tanto ego no conceito de destino, mas ela precisava de se agarrar a ele. Precisava de acreditar que estava destinada a feitos enormes; que o cumprimento de um destino podia compensar o privilégio da salvação, mesmo que naquele momento não o sentisse assim.

A biblioteca continuava a recusar-lhe os pedidos. O tema da longevidade, em particular, era-lhe sempre negado; o conhecimento sobre se a irmã poderia ter vivido se Libby tivesse sido melhor ou mais talentosa era-lhe repetidamente negado. Era como se toda a estrutura dos arquivos da biblioteca de algum modo a temesse ou sentisse repulsa diante dela. Conseguia sentir ondas intangíveis de náusea ao pensar que desejava um conhecimento que não lhe estava destinado.

Também sentia a determinação da biblioteca a soçobrar. Sentia como, em breve, cederia sob o seu próprio peso. Estava apenas à espera de alguma coisa ou de alguém. Esperava a pessoa em que Libby se tornaria em seguida.

A conservação da energia significava que dezenas de pessoas no mundo terão deixado de existir porque ela existia. Talvez a sua irmã tivesse morrido porque Libby viveu. Talvez a sua irmã tivesse morrido porque Nico viveu. Talvez o mundo tivesse uma quantidade finita de energia e, por isso, quanto mais Libby tivesse, menos chegava para os outros.

Valia a pena desperdiçá-la?

Ela sentia-se a racionalizar. Metade dela estava cheia de respostas, a outra metade cheia de perguntas, estando tudo sujeito à imensidão da sua culpa. Matar é errado, é imoral, a morte não é natural, mesmo que seja o único resultado plausível de se nascer. A necessidade de se apaziguar com a razão zumbia-lhe dentro da cabeça, como moscas à volta do mel.

Que aconteceria quando Callum desaparecesse? Era estranho pensar que as guardas em torno da casa eram impressões digitais de iniciados anteriores da Sociedade e, por isso, de certa forma, de fantasmas. Um sexto da magia da casa pertencia a pessoas que haviam sido selecionadas para morrer e assim garantir a sua preservação.

Quando Callum já ali não estivesse, que restaria da sua influência?

Os outros concederam a Nico e a Libby os méritos da conceção das guardas, mas Libby sabia uma verdade mais sinistra: que fora Callum quem criara a defesa mais impenetrável. Libby e Nico podiam ter sido os arquitetos do escudo esférico, mas foi Callum quem criou aquilo que chamou de vácuo dentro do tecido interior dessa estrutura. Uma camada

de isolamento, dentro da qual se suspendia todo e qualquer sentimento humano.

O que substituíria os sentimentos quando não havia nenhuns? A ausência de algo nunca era tão eficaz como a presença de alguma coisa, ou assim pensava Libby até esse momento. Ela sugerira que preenchessem o espaço com alguma coisa; algum tipo de armadilha ou possivelmente algo torturante, se Callum quisesse mesmo criar alguma espécie de cilada existencial, mas ele discordou. Ficar suspenso no nada, disse ele, significava estar despojado de toda e qualquer motivação, de todo o desejo. Era uma paralisia funcional. Não querer viver nem morrer, mas nunca existir. Impossível combater isso.

Libby endireitou-se na cama com uma intensa sensação de desconforto, uma pequena alfinetada de apreensão. Tristan não era, de modo nenhum, desprovido de poder, mas talvez houvesse um motivo para Atlas ter insinuado que Callum era algo que não devia existir. O poder de Callum era sempre uma névoa, indefinível, mas o efeito da sua utilização era inquestionável. Ele pegara num pedaço da mente de Parisa e conduzira-a a uma tal angústia que ela se destruíra a si mesma, em vez de viver com o que ele fizera.

De repente, Libby tomou consciência dos riscos que corriam ao deixar Tristan e Callum sozinhos. Era um combate até à morte, do qual apenas um sairia vivo. Se Tristan falhasse, Callum saberia. Não haveria como voltar atrás, como travar o que se seguiria. Callum saberia que eles decidiram ir atrás dele, que o haviam assinalado como dispensável nos seus registos de quem merecia o quê, e isso teria consequências. Aquilo, os dois sozinhos lá em baixo, não era diferente de dois gladiadores que se encontram na arena, sendo que um deles está condenado a falhar.

Ela não devia ter deixado Tristan fazer aquilo sozinho.

Libby saltou da cama e correu para a porta; estava prestes a abri-la de rompante quando alguma coisa na sala se retraiu. O ar alterou-se. As moléculas reorganizaram-se, arrefecendo de algum modo, abrandando até se arrastarem. O quarto tinha algo de alheio, anestésico. Era como se o

quarto, em si, já não a reconhecesse e, por isso, a quisesse esmagar como um tumor maligno.

Seria medo?

Não era medo, mas ela tivera razão numa coisa durante a conversa com Nico.

O ar, em si, estava diferente e não fora ela a alterá-lo.

Libby rodou na direção da fonte da alteração, ou tentou. Sentiu a pulsação novamente suspensa, como uma paragem no tempo, antes de um outro sentimento lhe encher o peito – a sensação repentina e espectral de que *ela* era o que não pertencia ali. O simples facto de existir naquele quarto, naquele momento, era claustrofóbico, como ser esmagada no espaço por um compressor, porque algum instinto, algum truque da casa consciente lhe dizia que não era ali que devia estar. Não havia como explicar; sentia apenas as suas liberdades habituais como uma falta, uma ausência. Nem os seus pulmões se queriam expandir.

Se o tivesse captado antes, teria conseguido travá-lo. Se ela soubesse onde encontrar agora a fonte, podia arrastá-la e obrigá-la a parar. Era esse o seu problema, uma fraqueza que nunca teria sabido possuir se não tivesse conhecido Tristan. Ela podia ter todo o poder do mundo, o suficiente para aniquilar duas vezes a população mundial, e, ainda assim, não conseguia combater algo se não conseguisse ver exatamente o que era.

Mas não era um vazio total. Ao longe, ouvia algo familiar no meio de uma total estranheza.

Mas tu sabes sequer o que aceitaste?

Um braço envolveu-a pela cintura, arrastando-a para trás. Foi instantâneo – mais breve do que isso. Era o tempo a precipitar-se novamente, o ar no quarto a correr-lhe de volta aos pulmões no momento em que encontrou finalmente a voz para gritar.

• TRISTAN •

Quase nem a ouviu para lá do som do seu próprio sangue a precipitar-se dentro das veias, mas fora o suficiente para fazer Callum pestanejar. O suficiente para ele olhar para baixo, para a faca que tinha na mão, e atirá-la para longe depois de olhar para Tristan com visível repugnância.

– Eu não o teria feito – disse Callum, mas a adrenalina de Tristan dizia-lhe precisamente o contrário. O seu conhecimento do rosto desmascarado de Callum dizia-lhe o contrário. A realidade das suas circunstâncias dizia, com bastante firmeza, o contrário. Tristan sentia os músculos doridos, todo o corpo lento a repor os seus habituais rituais de sobrevivência.

Como teria César obrigado Brutus a pagar pelo seu ato se tivesse vivido?

– Lamento muito. – As palavras saíram da boca de Tristan entorpecidas, irregulares.

– Desculpas aceites – disse Callum, a voz calma e inalterada. – Mas o perdão, esse, não o dou.

A luz vermelha ao canto começou a piscar, captando a atenção de ambos.

– Ninguém conseguiria penetrar o vácuo – disse Callum. – Não é nada.

– Achas mesmo? – A respiração de Tristan ainda não tinha abrandado. Seria medo? Fúria? Não sabia ao certo. – Soa-me que se calhar sim.

– Não. – Callum franziu ligeiramente a sobancelha. – Não – concordou –, não soa a isso.

Pôs-se de pé e saiu da sala de jantar; Tristan ficou a olhar para a faca enfeitada e estremeceu, endireitando-se e saindo a cambalear na esteira de Callum.

Callum tinha uma passada comprida e animada de uma urgência surpreendente enquanto Tristan o seguia pelas escadas acima.

– O que é?

– Está aqui alguém – disse Callum, sem parar. – Está alguém dentro da casa.

– Jura – surgiu a voz de Parisa ao virar a esquina. Apareceu a correr atrás deles vinda de outra parte da casa, encantadora e desarranjada, vestida com uma camisa de homem sobre as pernas nuas.

Tristan arqueou uma sobrancelha em resposta ao aparecimento dela, e ela silenciou-o com um olhar firme.

– Não compreendo como aconteceu – disse ela. – A consciência da casa costuma alertar-me quando alguém tenta entrar. Estou a ver que ele ainda está vivo.

Foi preciso um momento para Tristan registar que aquela última frase lhe fora dita em pensamentos.

– Como é evidente – balbuciou ele, e os olhos de Callum deslizaram na direção dos dele. Tristan não teve de olhar para saber que Callum compreendera perfeitamente o que Parisa lhe perguntara, mesmo sem palavras. Mesmo sem magia, Callum sabia.

Sabia que tinham chegado ao consenso de que deveria ser ele a morrer e agora nenhum deles seria alguma vez perdoado.

Não que Tristan se sentisse particularmente inclinado a perdoar Callum.

Os dois contornaram a esquina da galeria que dava para os quartos. Nico estava a tentar abrir a porta do quarto de Libby à força, com Reina atrás dele.

– Tu...

– Não... – Reina respondeu a Parisa calmamente. – Não ouvi nada.

– Quem poderia ter...

Ouviu-se algo inconcebível a estourar da palma da mão de Nico e a porta cedeu, no momento em que Tristan pensava, pela milésima vez, «Meu Deus» – maravilhando-se com o poder deles, Libby e Nico; individualmente e separados.

Imagine-se ter uma coisa assim feroz na corrente sanguínea, pensou Tristan. Imagine-se sentir alguma coisa, qualquer coisa, e vê-lo a manifestar-se sem sequer um piscar de olho. Mesmo nos seus momentos mais furiosos, Tristan não era nada, só tinha utilidade para alguém quando pensava nitidamente, quando via a razoabilidade das coisas. Não havia bombas a explodir segundo os caprichos da sua frustração, o que o tornava banal. Tornava-o normal; algo que passara a vida toda a tentar não ser.

Nico foi o primeiro a abrir caminho para dentro do quarto, soltando um grito, como um cão ferido em resposta ao som do grito de Libby, que se desvanecia. O quarto sacudiu-se quando entraram e Tristan viu que ele não era o único a procurar uma parede estável. O sabor amargo que Tristan sentia nos tremores, por mais desorientador e incongruente que fosse, derivava da sua própria inveja, porque, é claro... É claro que se sofre com a dor do outro. Os dois orbitavam à volta de algo que Tristan nunca poderia captar nem compreender. Era a reação de sempre: uma frágil ausência de surpresa.

Mas quando o quarto parou de se sacudir, havia algo muito pior diante dos seus olhos.

O som emitido pela língua de Parisa tinha de ser farsi, mas era a primeira vez que Tristan a ouvia usá-la. Metamorfoseou-se rapidamente em francês, mas quando se lhe esgotaram todas as cores, ela caiu novamente em silêncio. Reina, também, estava incapaz de falar e pálida, ainda que isso fosse habitual nela. Mais alarmante do que isso, era a primeira vez que Tristan alguma vez a via a obrigar-se a desviar os olhos de alguma coisa, em vez de a perfurar com eles, implacável.

Callum ficou ruidosamente pasmado. Tinha no rosto uma expressão vocal, embora sem voz. Os olhos diziam coisas do género *como pode isto acontecer* e também, de algum modo, *eu tinha dito*. Era como se o seu olhar duro estivesse a comunicar-lhes a todos algo que o resto dele não conseguia: *Estão a ver? Afinal, eu nunca fui o vosso inimigo*.

No centro do quarto, Nico caiu de joelhos, enrolando os ombros em torno do tronco como se tivesse perdido um órgão.

– Isto não pode ser real – disse ele. – Não – e praguejou baixinho entredentes. – Não. Não.

Então, os quatro, um a um, voltaram-se para Tristan.

Havia um corpo no chão, ao lado da cama. Isso ele sabia. Membros. O número previsível de mãos e pés. As meias de lã que ela costumava usar, apesar de claramente não estar frio. O cabelo do costume apanhado atrás, que fora crescendo ao longo do ano, como estrias de mogno. A camisola de malha do costume, um braço lançado para cima da sua pilha sisífica de livros. Óculos com padrão de tartaruga presos entre os dedos, abrindo-se da palma da mão como pétalas. As lentes estavam manchadas nos cantos habituais, onde ela costumava remexer a sua franja ridícula.

Também havia sangue. Muito. Jorrava algures do abdómen, possivelmente das costelas. Embebera o tecido da *T-shirt*, formando canais pelos seus braços abaixo, manchando as fendas em farrapos das unhas eternamente roídas. Aquela quantidade de sangue era catastrófica, não havia sobrevivência possível. Mas algo despertou nele, uma noção discordante da realidade. Ouvia-se uma toada de discordância algures dentro do cérebro de Tristan.

Não lhe conseguia ver o rosto. Era esse o problema, o facto de, naquela posição, ela não poder de modo algum estar a respirar? Isso, por si só, era disparatado, impensável. Uma pessoa mais útil do que Tristan deveria provavelmente ajudar. A menos que fosse a ausência de movimento do peito que lhe parecia errada? Ou a possibilidade de, uma vez na vida, aquilo que Tristan via ser o que todos também viam.

Olha com mais atenção, foi o conselho da sua mente. É o mínimo que podes fazer por ela.

Petulante e egoísta, e no geral demasiado tarde, Tristan fechou os olhos.

– Podemos pensar que foi o Fórum? – perguntou Parisa passados alguns instantes, a voz áspera como lixa. – Eles entraram e saíram da outra vez, não foi?

Algo não estava certo. Não que o corpo morto de Libby Rhodes pudesse alguma vez estar *certo*. Não estivera ele ali ainda ontem, havia algumas horas, naquela manhã? Quando tinham falado pela última vez? Tristan

afastou do pensamento a contorção dos membros dela, o ângulo da sua queda, e tentou conjurar a última vez que a vira. A banalidade da situação, os seus lábios distraidamente polvilhados de migalhas de torrada.

Os olhos abriram-se de novo lentamente.

– Pode ter sido alguém como a Wessex Corp – disse Reina sombriamente.

– Alguém devia contar ao Atlas. Ou ao Dalton.

– Quem quer que fez isto, será que ainda aqui está? Dentro de casa?

– Não. – Parisa olhou para Callum, que abanou a cabeça. – Não. Já não está.

Como era possível haver tanto sangue? Tristan lembrou-se do tempo a parar sob a palma da sua mão, o único momento em que conhecera a ausência da pulsação dela.

O que fora mais real, isso ou isto?

Porque isto era a morte. Isto, pelo menos, era inevitável. A morte, observável e tátil, decisiva e final. Tristan vira a morte antes e não a apreciara mais nesses momentos, mas agora estava em todo o lado, em tudo. Nos seus pensamentos, nas páginas destes livros manchados de sangue. Esta casa, a sua consciência, foram construídas sobre um cemitério. Esta Sociedade integrara tantos cadáveres na coluna dorsal dos arquivos lá em baixo.

Morte. Era incompleta se não tivesse público. Atraía Tristan, chamava-o a observar, a testemunhar, a *olhar* – mas ele, teimoso por natureza, optou, ao invés, por parar. Ganhara alguma prática ultimamente, a isolar os seus sentidos. Dissociar, desintegrar, torcer as regulações que separavam o seu corpo do caráter incessante da própria natureza. Era uma renúncia simples desta vez, renunciar ao seu direito a observar fosse o que fosse. Caindo proverbialmente de joelhos e dizendo que sim, muito bem então, eu entrego-me.

Desabrochou das pontas dos seus dedos: a rendição. Aceitou as oferendas dos sentidos e do espaço e encaixou entre eles como uma sombra, atravessou-os como um pensamento.

Por instantes, ele não era nada. Por um segundo, não estava ali.

O que aconteceu em seguida foi instantâneo. Mais fácil do que tudo o que alguma vez fizera; mais fácil ainda do que adormecer. Ao ceder a sua posição no quarto – ao oferecer-se ao próprio espaço *muito bem, engole-me, absorve-me* –, as coisas começaram a deslocar-se. As coisas começaram a *mudar*, redirecionando-se em torno do obstáculo que ele já não constituía.

Tristan ganhou consciência de uma pulsação familiar, um velho amigo: o tempo. A sua orientação interior tornou-se irrelevante. O corpo morto de Libby Rhodes, que ainda possuía ondas de energia – ou melhor, *era* ondas de energia – ou melhor, era *energia* –, tornou-se... não um objeto. Não um elemento fixo. Não era a realidade, de todo.

Era, ao invés, um sistema de pulos, saltos, colapsos. Uma dança sincronizada de manchas solares, como carregar nos olhos com os dedos. Espetros de partículas, fantasmas de movimento.

Fugas.

Derrames.

Ondas.

– Quero respostas. – As palavras, quando saíram da boca de Nico, eram explosivas, juvenilmente exigentes. A sua voz quebrou-se. – Quero uma explicação.

– Assim também conta?

Ao ouvir isto, os outros voltaram-se para Reina com um ar de repreensão, e esta suspirou.

– Olhem lá, estamos todos a pensar o mesmo – disse ela. – A Rhodes está morta. Isso significa que...

– Não – jorrou da boca de Tristan.

Ele soube, sem olhar, que agora os outros se tinham voltado para ele.

Um pouco prematura, a sua erupção. Não que ele não pudesse estar enganado. Só de uma coisa tinha a certeza: o que quer que estivesse no chão vestido com o casaco de malha de Libby Rhodes, era magia. Não era simplesmente *mágico*, mas magia *em si mesma*. Magia em partículas, granular, que se movia em ondas, mudando de direção quanto mais ele optava por a deixar seguir caminho.

Quanto mais Tristan aceitava esta nova impossibilidade, mais sólida se tornava, mais conclusiva.

– A eliminação tem a ver com sacrifício – disse Tristan. – Morte. – O quarto caiu em silêncio.

– E isto não é morte que te baste? – A voz de Nico tremia de indignação. O chão por baixo deles troava com o sentimento dele, mas Tristan estava ocupado a olhar. Não para mais ninguém, mas sim para o corpo.

Porque agora que aquilo sabia que ele estava a olhar, retomara de novo a sua forma. Desta vez, Tristan conhecia os seus segredos. Agora que compreendia o seu jogo, conseguia ver os seus pequenos truques. Havia uma pequeníssima marca de nascença em forma de coração na pele exposta da coxa dela e, se Tristan não fosse Tristan, poderia pensar que estava correta. Mas tendo em conta que ele acordara ao lado daquela marca de nascença precisamente naquele quarto – *naquela cama* –, ele, mais do que qualquer um, devia reparar quando alguma coisa não estava certa.

As arcadas dos pés dela eram mais altas. As barrigas das pernas eram mais curtas. As roupas estavam perfeitas, como quase todos os fios de cabelo, mas onde estava o penso rápido de quando ela se cortou com papel na sala de leitura naquela manhã e pusera a ponta do dedo na boca para aliviar a dor? Onde estava a mancha de café entornado na camisola, que ela deixara de se dar ao trabalho de esconder com encantamentos, ou a bainha esgaçada da saia, ou a cicatriz quase invisível de mais uma das suas muitas crises de ansiedade? O ombro não se inclinava daquela maneira. A boca era mais fina e mais doce. A Libby Rhodes que Tristan conhecia era um conjunto de imperfeições, uma constelação de marcas distraídas. De coisas que ela tentava meticulosamente esconder, mas nunca dele.

Aquela era então alguém muito semelhante a ela. Aquela era a Libby Rhodes *de alguém*, mas não a deles.

Não a sua.

– Como te atreves – rosnou Nico a Tristan da sua posição no chão, ainda a derramar uma toxicidade que faiscava no ar. – Como te *atreves*...

– Só uma curiosidade – disse Tristan –, o que é que vocês estão a ver? – Os outros gelaram, ficaram tensos.

Durante vários segundos, ninguém falou.

– É a Rhodes – informou Callum, e os outros estremeceram ao ouvir o nome dela, com repulsa. – O corpo dela no chão.

– Não. – Tristan abanou a cabeça. – Não. Não é ela.

Ele sentiu os indícios frios da presença de Parisa na sua cabeça e arrepiou-se.

– Ele vê outra coisa – disse Parisa, soando primeiro desnorteada, e depois espantada. – O corpo dela está ali, mas... também não está.

– Espera. O quê? – Nico levantou-se com dificuldade, agarrando bruscamente Tristan pelo ombro. – Então o que vê?

A resposta era simples. Ele via o que conseguia sempre ver.

Ironicamente, fora a própria Libby quem o percebera: Tristan via o tempo. Via a energia. E apesar de não poder fazer nada com aquilo, ele via a magia em si. Como uma linguagem podia assumir diferentes formas, diferentes caminhos, sem nunca sacrificar o significado. Era uniforme e previsível, a ordem disfarçada de caos, e Tristan via a sua verdade.

Aquilo era magia e, por isso, não podia ser morte.

– Não é ela – disse Tristan. – A Rhodes não está aqui. – Mas esse era precisamente o problema. Havia um excesso de energia no quarto, grandes volumes de energia, entumescidos de forma impossível, mas o ar estava vazio *dela*. Essa era a única verdade inescapável: a sua ausência. – Ela foi-se.

– Mas ela está *aqui* – insistiu Nico desgastado, enquanto Parisa, a primeira a mexer-se em resposta, se agachou rapidamente, passando os dedos ao longo da forma de um lábio semiaberto e, depois, mais abaixo, desenhando uma linha a partir do ponto de origem do sangue.

– Isto é... sinistro. – Ficou a olhar para baixo com total espanto. – A cara dela, está...

– Não é ela – repetiu Tristan. – E isso significa que ela não está morta.

– O quê?

Ele sentiu todos os olhos colarem-se nos dele, à espera.

– Isto é... – Hum. Como explicar? Acorreu à mente de Tristan um pensamento dos seus primeiros estudos sobre o espaço: sobreposição.

Cenário um: o corpo morto de Libby Rhodes. Cenário dois: magia que fugia ao espaço vazio. Duas realidades iguais e contraditórias, o que significava que, muito possivelmente, nenhuma das duas era de toda a realidade. – Isto é *alguma coisa* – acabou Tristan por decidir. – Está aqui *alguma coisa* e nós estamos todos a assistir. – Uma magia irreconhecível, que não pertencia a ninguém. – Mas não é a Libby Rhodes.

– Ela não está em mais lado nenhum da casa – murmurou Parisa, com uma mão encostada ao chão.

– Não – concordou Tristan. – Ela foi-se. – Disso ele tinha a certeza. Nico ainda estava a olhar pasmado. – Mas como é possível que não seja a Rhodes?

– Não sei – disse Tristan. E realmente não sabia. Fosse o que fosse aquela magia, não era a tela habitual de alteração, a névoa que ele sempre soubera instintivamente que devia vigiar sobre o ombro. Era mais sólida do que isso, mais presente. Esta magia tinha comportamentos e movimentos, caminhos previamente definidos. – Mas ela não está morta.

– Lá porque tu pensas que esta não é a Rhodes, não quer dizer que ela ainda esteja viva – observou Reina. – Um falso dilema. Uma falácia lógica.

– Que se lixe a lógica – disse Nico. Lançou um olhar a Tristan, de sobrolho cerrado. – Tens a certeza de que não é ela?

– Tenho a certeza. – E também tinha certeza do resto. Mas não havia propriamente uma explicação para aquilo, antes uma pura certeza irracional. Ela não podia estar, não estava, morta.

– Então isto é uma ilusão? – perguntou Parisa, ainda a tocar no rosto daquele corpo para processar a mentira que os olhos lhe contavam. – Uma ilusão excelente.

– Profissional – observou Reina, lançando um olhar severo a Callum. Este demorou um instante a processar o que ela dissera.

– Achas mesmo que eu raptaria a Rhodes e deixaria uma ilusão no seu lugar? – quis ele saber.

– Tinhas todos os motivos para te queres ver livre dela. E a tua família é célebre pelas ilusões – disse Reina. – Não é verdade?

– Também saberia que o Tristan a conseguiria detetar – disparou Callum.
– Não sou idiota.

– Quer dizer que deve ter sido feito por alguém de fora da Sociedade – atalhou Parisa rapidamente, pondo-se de novo de pé. Estava descalça, reparou Tristan, e ainda absolutamente despreocupada com a sua aparência. – Só uma pessoa que não soubesse qual a especialidade de Tristan teria sequer tentado.

Nico olhou para ele.

– Mais alguém sabe sobre...?

– Não – disse Tristan. Apenas Atlas alguma vez adivinhara os pormenores, embora fosse provável que ele tivesse falado sobre o assunto com o conselho da Sociedade. – Quer dizer, talvez. Mas não me parece.

– Continua a poder ser o Fórum – disse Reina. – Ou um dos outros grupos. – Olhou na direção de Nico, de rosto ainda pálido.

– Mas porquê? – Parecia agora estar a concentrar-se, tentando descortinar. Também ele queria desesperadamente que Libby não estivesse morta. – Porquê a Rhodes?

Reina olhou para Parisa.

– Vítima das circunstâncias?

– Não. Isto foi planeado – disse Parisa com uma certeza abjeta.

– Ou seja, a Rhodes ainda está viva – concluiu Tristan, com igual certeza. E com a mesma falta de fundamentos.

Reina dirigiu-lhe um ar severo, pouco convencida.

– Isso é...

– Uma falácia, eu sei. – Entre outras coisas, como otimismo. A antítese do credo pessoal de Tristan e, ainda assim, ali estava ela. – Pensem bem – disse ele, levantando a voz. – Porquê deixar um corpo falso senão para manter viva a verdadeira Rhodes? Para quê sacrificar *esta quantidade* de magia – insistiu, apesar de saber que eles não a viam – senão para preservar a vida dela?

Por momentos, ninguém disse nada. Olharam sub-repticiamente uns para os outros, para o chão. Para todo o lado, menos para ele.

Assim, frustrado, Tristan voltou-se para Nico.

– Tu não saberias? – quis ele saber. – Se ela estivesse realmente morta. Tu não saberias?

Nico pestanejou.

Nesse instante, algo passou entre eles, algo não expresso. Uma linha na areia que, por muito improvável e por muito relutante que fosse, ambos optaram por atravessar.

– Sim – disse Nico. – Sim. Ele tem razão. Eu saberia.

Reina parecia desconfortável, sem saber se deveria discordar. Parisa, por seu lado, parecia pensativa. Atenta.

– Só estás desesperado para acreditar que ele tem razão – observou Callum. Um comentário muito pouco generoso, mesmo para Callum; no melhor dos casos, magia desnecessária; presunção condescendente, no pior.

E foi então que ocorreu a Tristan, chocantemente, que no chão poderia ter estado o corpo de Callum.

Ou o seu.

– Sim – disparou Nico contra Callum. – Estou desesperado. Mas isso não significa que estejamos errados.

Nesse momento, Atlas entrou no quarto atrás deles, com Dalton a seguir-lhe os passos.

– Que se passa? Qu... – Atlas interrompeu-se, olhando pasmado. – Menina Kamali, as suas mãos... – Parisa olhou para baixo, esfregando-as com nojo na camisa que claramente não era dela. Era cómico, na verdade, como Tristan já não conseguia ver a carnificina que os outros viam, mesmo que eles desejassem apagar tudo aquilo das suas mentes.

Para ele, era apenas falsidade, algo que facilmente se rejeitava: um recipiente vazio adornado com sangue. Outra coisa: não Libby. Algo de que reconhecia a forma, mas que não conhecia. O que agora o preocupava eram os vestígios da magia de outra pessoa que haviam ficado para trás, e isso oprimia-o. Não havia impressões digitais, nenhuma assinatura clara. Apenas a enormidade do que faltava e o conhecimento de que alguma força desconhecida deveria saber exatamente onde ela estava.

– É uma ilusão qualquer – Tristan informou Atlas, porque claramente nenhum dos outros acreditava nele o suficiente para lhe dar explicação alguma. – Não é ela.

Atlas franziu o sobrolho, olhando para ele pouco convencido.

– Sr. Caine, para uma ilusão poderosa como esta seria preciso...

– Eu sei o que seria preciso – rosnou Tristan, perdendo rapidamente a paciência com tanta repetição – e garanto-lhe que *não é ela*.

Foi o tom mais duro que algum deles jamais usara para falar com Atlas, ainda que, naquele momento, Tristan não estivesse muito preocupado com isso. Tinha de lidar com a sua própria dúvida – porque sabia, objetivamente, que os outros tinham razão. A sua lógica tinha falhas. A sua certeza era tola. Que uma pessoa entrasse naquela casa e levasse algo que estava lá dentro não significava que Libby Rhodes estivesse viva. O facto de não ter sido morta naquele quarto, ou de aquele não ser o seu corpo, não era suficiente. Ele não precisava da falta de fé de ninguém, muito menos da de Atlas. Especialmente se quem quer que tivesse levado Libby tinha os recursos para o fazer de uma forma que conseguia enganar todos os médicos mais talentosos que existem, menos um.

O ar no rosto de Atlas, em resposta, foi prudentemente contido. Olhou fugazmente para Dalton e depois saiu.

– Vou ter de contactar o conselho – disse Atlas. – Vão ter de saber disto imediatamente.

Depois desapareceu, deixando Dalton sozinho junto à porta. Dalton permaneceu ali um longo instante, dando depois subitamente acordo de si, despertando por fim. E depois também ele se virou e afastou da porta, no enalço de Atlas.

Na ausência de Dalton, os outros ficaram novamente calados.

– Devíamos sair daqui – disse Callum com uma voz ponderada, mas Reina franziu o sobrolho, concentrada.

– Se a Rhodes *estiver* morta...

– Não está – rosnou Tristan.

– Pronto. – Reina olhou para ele sem expressão. A sua versão de condescendência e, por conseguinte, de descrença. – Muito bem, então ela

não está morta. Em que pé é que ficamos, então?

Ninguém respondeu. Parisa perscrutou Tristan pelo canto do olho. Também não acreditava nele. Como queiram.

Perguntava-se se Callum acreditaria. Se Callum estaria disposto a acreditar.

Mas essa linha de pensamento estava agora encerrada para Tristan. Não era preciso ser empático para saber que o jogo de Callum mudara e que, daí em diante, Tristan deixaria de ser necessário.

A seu lado – imunes à sua crise pessoal, como sempre –, os outros mantiveram as respectivas confabulações.

– Porque haveria alguém de querer que pensássemos que a Rhodes está morta? – perguntou Nico.

– A pergunta deve ser porquê a Rhodes ou porquê nós? – acrescentou Parisa.

– Uma ou outra. Ambas.

O silêncio que se seguiu sugeria uma coletiva falta de respostas. Pior ainda, agora que Tristan voltara a usar os seus sentidos, estes haviam regressado como um princípio de enxaqueca. Os músculos doridos queixavam-se dos resquícios da magia de Callum, latejando de dor.

De certa forma, esperava encontrar em si marcas de Callum, a brotar como uma nódoa negra na pele.

– Vamos sair daqui – disse Parisa por fim, desviando o rosto com mais um arrepio. – Já não posso olhar mais para isto.

Voltou-se e saiu, seguida de um Nico hesitante. Uma Reina menos hesitante olhou penetrantemente para Tristan e depois para Callum. Depois, também ela se voltou e saiu. Quando apenas Callum e Tristan restavam no quarto, a intensidade daquela noite, esquecida por momentos, fez o seu regresso. Ocorreu a Tristan que devia estar preparado para alguma coisa, qualquer coisa, mas admiti-lo a si mesmo parecia já o princípio de um fim.

– O grito tinha mais alguma coisa – observou Callum sem levantar os olhos do corpo deixado em vez de Libby. – Não era medo. Era mais próximo da raiva.

Outro compasso de silêncio, e Callum explicou:

– Traição.

A ironia era subtil. Tanto assim que Tristan precisou de algum tempo para encontrar a sua voz.

– Isso quer dizer o quê?

– Que ela conhecia a pessoa que lhe fez isto – disse Callum ostentando a sua certeza em tom rotineiro. – Não era um desconhecido. E...

Deteve-se. Tristan esperou.

– ... E?

Callum encolheu os ombros.

– E – disse ele – isso quer dizer alguma coisa.

Ficaram claramente mais coisas por dizer, mas tendo em conta que se contava, por aquela altura, que Tristan já tivesse matado Callum, não sentiu necessidade de insistir no assunto. A magia que remanesceu no quarto, o que quer que fosse e a quem pertencesse, já estava a começar a apodrecer. O quarto inteiro estava descorado, tingido, como se a própria magia se estivesse a corroer quanto mais o seu criador se afastava deles. Qualquer que fosse a forma de intenção que a lançara, estava agora envenenada.

A par de outras coisas que estavam no quarto.

– Porque não contaste aos outros? – perguntou Tristan, e agora a boca de Callum metamorfoseou-se num sorriso miserável, como uma gargalhada que teria desejado soltar antes, mas que permanecera algures bem fundo da garganta, à espera de uma emissão mais espontânea.

– Um dia destes posso ter de matar um deles – disse Callum. – Do ponto de vista tático, prefiro que eles não saibam tudo o que eu sei.

Tristan tivera então razão: não seriam perdoados. Nenhum deles.

Nem, percebeu, teriam uma segunda oportunidade de eliminar Callum.

– E porquê contares-me a mim? – perguntou Tristan, pigarreando.

A linha delgada da boca de Callum disse-lhe que já sabia a resposta.

– Porque tu mereces ficar a pensar se poderás ser tu.

Tristan obrigou-se a não estremecer quando Callum ergueu uma mão, tocando com o polegar no centro da sua testa. Uma bênção, ou a farsa de uma bênção.

– Para te dizer a verdade, respeito-te mais por isto – observou Callum, afastando a mão. – Tive sempre a esperança de que acabarias por te tornar o digno adversário de alguém.

Raiva era dificilmente a palavra que o descrevia. Na sua mente, Tristan conjurou um novo talismã; um novo pergaminho para enumerar as suas novas verdades.

Parte um: *O teu valor não é negociável.*

Parte dois: *Vais matá-lo antes de ele te matar a ti.*

– Dorme bem – disse Tristan.

Callum brindou-o com um aceno de cabeça antes de se virar para a porta, saindo por ela irreversivelmente.

• NICO •

Ninguém a conseguia encontrar.

Caso os cinco ainda não tivessem compreendido o alcance do poder da Sociedade, agora já compreendiam. Representantes de um sem-fim de governos internacionais foram contactados para se obter as informações que toda e qualquer forma de vigilância mágica e mortal pudesse providenciar. Foram convocados médicos com capacidades de monitorização avançadas. Uma equipa especializada da própria Sociedade foi chamada a participar na busca.

Nico, evidentemente, ofereceu-se para ajudar.

– Sei exatamente a forma que ela assume no universo – invocou a título de explicação. – Se há alguém capaz de a reconhecer sou eu.

Atlas não o impediu.

– Como vos disse aos seis em tempos – disse Atlas –, qualquer coisa que seja retirada da Sociedade tem, mais tarde ou mais cedo, de ser recuperada.

Tristan não disse nada. Ele podia até ter sido o primeiro a insistir que Libby estava viva, mas ofereceu muito pouca ajuda relevante. Se estava a chorar a sua perda, seguramente não o havia comentado com Nico.

O pior era que não havia nada que Nico pudesse fazer que fosse de algum modo melhor do que os esforços mais genéricos da Sociedade. Não havia vestígios de Libby Rhodes em lado nenhum. Ela fora suprimida sem deixar rasto no momento em que desaparecera. Ninguém deu explicações para o facto de existirem medidas que monitorizavam as emissões mágicas – era, como se revelou, um pouco como a monitorização das compras com cartões de crédito – ou por que motivo, aparentemente, cada um dos seus movimentos era extraído para observação por alguém, como pontos de

dados medicos, mas Nico não perguntou. Para ele, esse era um problema para depois. Naquele momento, o que importava era fazer tudo o que fosse preciso para a encontrar.

– Tanto trabalho por alguém que tu dizes detestar – observou Gideon.

Nico passara muito tempo a dormir irregularmente para poder ter estas conversas. Quando, uma noite, Reina lhe perguntou porque chegara tão grogue ao jantar, ele mentiu. E mentiu e mentiu e mentiu, como fizera o ano inteiro, mas depois, por fim, não aguentou mais e confessou.

– Conheço uma pessoa. Um amigo, o meu colega de quarto. Ele movimenta-se nos sonhos.

Nunca antes Nico fora tão aberto a abordar o tema de Gideon, com exceção da sua conversa com Parisa, mas, como seria fácil de prever, Reina não lhe deu quase nada em troca.

– Oh – disse ela –, que interessante – e afastou-se.

O uso excessivo e frequente da magia de Nico começava a dar sinais de desgaste, mesmo na manifestação dos seus sonhos. A atmosfera no seu subconsciente parecia-lhe mais fina e permanecer determinadamente lá dentro era mais difícil do que o habitual. Teve de se debater entre a sua necessidade de um sono saudável e a importância de se agarrar aos seus pensamentos conscientes, vacilando entre o eu acordado e o eu dos sonhos. Sentia-se a titubear num qualquer lugar intermédio, pronto a despertar de supetão, dependendo da quantidade de energia que despendia a manter Gideon dentro da sua consciência.

Pelo menos era mais fácil à medida que os dias se iam tornando mais longos, que o tempo ia aquecendo. Apesar do constante abuso da sua magia, um semissono atordoado já bastava. A única coisa que se recusava a atenuar-se era a sua culpa.

– Terá sido a Eilif? – perguntava exasperado. Se a culpa fosse dele, seria um inferno viver com aquilo.

– Não – disse Gideon.

– Mas como é que sabes?

– Porque sei.

– Mas podia ter sido...

– Não foi.

– Mas...

– Dorme – aconselhou Gideon, e Nico abanou a cabeça, forçando-se a não convocar chupa-chupas dançantes nem ovelhas a saltar no ambiente do seu espaço de sonho.

– Não enquanto não compreender isto. Não enquanto não fizer sentido.

– O que não faz sentido? Vocês têm inimigos – salientou Gideon. – A Libby pode muito bem ter sido um alvo de outras agências como a vossa. Ou de qualquer pessoa.

– Mas ela não é uma refém – disse Nico, frustrado enquanto andava de um lado para o outro na sua célula conjurada pela Sociedade. – Eu compreenderia se fosse, mas...

Interrompeu-se, piscou os olhos e franziu o sobrolho.

Outras agências como a vossa.

– Espera – disse ele, e Gideon voltou-se para se ir embora. – Espera. *Espera...*

– *Cálmate* – disse Gideon, sem olhar para ele.

– Nem pensar nisso – disparou Nico, pondo-se bruscamente de pé. – Há quanto tempo sabes? E *como* sabes?

Gideon relanceou através das barras para os poucos centímetros que os separavam e depois desenhou uma boca ameaçadora, sugerindo que era melhor Nico não perguntar.

– Foda-se. – Nico abanou a cabeça, furioso. – *Qué cojones hiciste?* Diz-me que não o fizeste – respondeu ele mesmo, agora suficientemente ciente para se entregar ao calor da sua frustração. – Não depois de tudo o que fiz para a manter do lado de fora! Depois de tantas precauções, Gideon, *foda-se...!*

– Não quebrei nenhuma guarda para me encontrar com ela – contrapôs Gideon calmamente. – Fiquei aqui.

– Meu Deus. – Nico expirou, deixando a testa cair de encontro às barras. – Gideon.

Sentia a tensão de Gideon a contorcer-se, o aperto dos nós dos seus dedos no outro lado.

– Ouve-me, Nico. – Um aviso em voz baixa. – A Libby foi-se. Achas que vou ficar aqui sentado a pensar se serás o próximo?

Nico não levantou os olhos.

– Aceitei encontrar-me com a minha mãe, na condição de que ela me dissesse *exatamente* onde tu estás, o que estás a fazer. O que, já agora, eu devia ter sabido. Devias ter-me contado logo de início que isto era mais do que uma...

Nico estremeceu.

– Bolsa de estudos – terminou Gideon, manifestamente ressentido.

– Gideon...

– Havia uma contrapartida, evidentemente. As condições do costume. Quer que eu lhe faça um trabalho, como eu já previa. – Ele deteve-se. – Mas valeu a pena ter finalmente uma resposta.

Nico fechou os olhos, lutando com a necessidade que o seu eu do sonho tinha de flutuar como um balão.

– Que trabalho é?

– Já te disse, o costume.

– Isso quer dizer o quê? Roubo?

Gideon abanou a cabeça.

– Tenho de libertar uma pessoa. Em troca de um pagamento.

– Libertar de quê? Do seu subconsciente?

– Da sua mente consciente, na verdade.

Nico ergueu os olhos, confuso, deparando com os olhos de Gideon pousados nele.

– Como é que isso é possível?

– Devias realmente ter feito mais cadeiras opcionais – suspirou Gideon, mas, diante de um olhar severo de Nico, encolheu os ombros. – A mente tem mecanismos, Nicky, alavancas. É possível capturar certas funções lá dentro ou impedir que os pedaços da mente de uma pessoa funcionem do modo para que foram pensados.

– Então como farias para lá entrar?

– Não vou entrar – respondeu Gideon com firmeza, o que Nico não achou particularmente tranquilizador. – Vou dizer à minha mãe que é

impossível. Ou arranjo-lhe o dinheiro de outra forma, ela não se vai importar com os pormenores. O que for preciso. Mas eu sabia que ela me ia dizer onde tu estavas.

– A Eilif é uma bela peça – recordou Nico maldispuesto. – É basicamente apenas uma sereia com um problema de vício de jogo.

– Não é um vício de jogo...

– Mas anda lá perto – disparou Nico, embora, imediatamente, lhe tenha começado a doer a cabeça. Pior ainda, Gideon brindou-o com um olhar que dizia *não te passes*, e ele odiava isso. Sobretudo por ser eficaz.

– Esta tua Sociedade não é secreta – disse-lhe Gideon. – Pelo menos não suficientemente. E não me surpreenderia se fosse financiada por grandes corporações.

– E depois?

– E, depois, o dinheiro é importante, Nico. Não queres saber qual é a carteira que te controla?

Nico reclinou a cabeça para trás, com um gemido.

– Gideon. *Basta*.

– A Libby foi-se – lembrou-lhe Gideon.

Nico fechou novamente os olhos.

– *Foi-se*, Nico. Mas tu não vais desaparecer.

– Não vou, já te disse...

– Não, não vais – disse Gideon inexpressivamente. – E sabes porquê? Porque eu não vou deixar. Porque eu faço tudo o que a minha mãe me pedir, *por ti*. Porque vou atrás de ti, mesmo que tentes desaparecer.

– Gideon...

– Não estás seguro aqui. Ainda tens de sobreviver a mais um ano disto, Nico, e não estás nem por sombras tão seguro quanto pensas.

– De que estás a falar? Viste as guardas. – Reparara-as ele mesmo. Ele e Libby.

– Sim, eu sei, mas não estás preparado.

– Para quê? – Estava, sim. Verificara tudo. Libby verificara tudo.

Impenetráveis. Deviam ter sido impenetráveis.

A Libby foi-se.

Impossível.

– Se a Libby ainda estiver viva... – começou Gideon.

– E está – atalhou Nico.

– OK, certo, está viva. Mas onde está?

Como se Nico não se tivesse feito essa mesma pergunta todos os dias sem falta.

– Estás a dizer-me para desistir?

Parte dele queria fazê-lo. Uma parte ínfima, débil, mas ainda assim era uma parte dele. A parte dele que queria que Gideon dissesse *já chega, não sejas estúpido, volta para casa*.

– Não. – A boca de Gideon torceu-se com uma brandura inconcebível. – É claro que não quero que desistas. Só estou a tentar ajudar-te.

O peito de Nico abateu-se de tão exausto.

(Volta, estás seguro aqui, vem para casa.)

– Dimensões, Nicolás, dimensões. Não penses sempre em coisas grandes, pensa em coisas pela sua forma. Pensa em coisas infinitas.

– Gideon, *basta*, o infinito é uma conceção falsa. – Até Nico se ouvia a si mesmo a resmungar. – Podíamos contar os grãos de areia e os átomos se nos dispuséssemos a isso...

– Ouve-me, Nicky, as tuas guardas têm uma lacuna. E das grandes.

– Isso é...

– Não digas impossível.

Turvamente, ele observou os pés de Gideon a aproximarem-se das barras.

– Vê isto – disse Gideon e, antes que Nico conseguisse olhar para cima, já estava a acontecer.

Era um toque contra a sua face, espectral e incorpóreo.

Era o toque de *Gideon*; suave, apaziguador. Impossível.

Nico fechou os olhos e sentiu de novo alívio. Impossível.

A Libby foi-se. A Libby foi-se. A Libby foi-se.

Impossível.

– É uma memória – explicou Gideon e os pequenos arrancos do cenário do sonho sacudiram Nico um pouco, balançando-o para um sítio menos

estável. Sentia a terra em baixo a sacudi-lo para trás no tempo, até ao odor de uma fogueira, ao som de um grito.

Ela saíra do quarto dele momentos antes de desaparecer. Haviam-se passado, quê, cinco minutos? Dez, no máximo? Ele pousara as facas (um mau comportamento só tinha interesse se estivesse ali alguém para ralar com ele) e ele passara pelas brasas, não inteiramente acordado, quando a deformação na atmosfera o despertara. As ondas eram o método de interferência usado por Libby. Nico contava com a sua capacidade de sentir – contava *demasiado* com isso –, mas, naquele momento, ela própria fora a onda. Ele só compreendera o perigo depois de já lhe cheirar a fumo.

A perda da forma como habitualmente captava a realidade – a caixa de limitações que usava para funcionar, para existir – inundou-o como um dilúvio de uma náusea repentina.

Dimensões, Nicolás, dimensões.

Nico levou uma mão ao rosto, tentando compreendê-lo através da débil calma de um sono agitado.

– Uma memória? – repetiu ele sem expressão.

– Tempo – disse Gideon, encolhendo os ombros. – Já te disse. Outra dimensão.

Tempo. Merda. Bardamerda. Grande bardamerda. Nico sentiu as alfinetadas agudas da resistência a rebentar por entre a onda entorpecedora de sono.

– Achas que ela está num outro lugar no tempo?

– Acho que é a única coisa que ainda não verificaste.

Evidentemente que não.

– A quantidade de energia que seria necessária para quebrar uma guarda temporal é... impossível, inimaginável – resmungou Nico, tentando navegar por entre os seus pensamentos. – E é facilmente combatida por outras guardas. Demasiada magia. – As suas guardas, as guardas de Libby. Teriam sido suficientes para o manter do lado de fora.

– Muito bem, mas e se assim não fosse?

– E se não fosse? Gideon, mas *é*. Aplicam-se aqui as regras da conservação. É impossível alguém conter uma tamanha quantidade de

energia e poder em si mesmo, a menos que...

– A menos que alguém conseguisse – respondeu Gideon por ele, e depois: – A menos que exista alguém que o consegue mesmo.

A ideia de alguém poder ser tão poderoso era mais do que desconcertante. Ficava muito além do alcance da compreensão de Nico. Ele nunca conhecera ninguém mais poderoso do que ele, mais poderoso do que Libby, por isso, a ideia de aquilo ser obra de um qualquer medico desconhecido que nem sequer estava naquela Sociedade era...

– Não teria de ser mais poderoso do que tu – disse Gideon. – Seria uma aptidão muito específica. Um pequeníssimo nicho, possivelmente até limitado.

– Para com isso – rosnou Nico, porque Gideon lhe estava a ler os pensamentos. Não era como Parisa fazia, porque ela não se importava com nada e fazia-o com magia, mas Gideon fazia-o porque *se importava* e isso não tinha nada de mágico. Era porque Gideon conhecia Nico demasiado bem e, agora, toda aquela preocupação dele em relação a Nico estava a começar a deixar este vagamente enjoado, ou no mínimo instável. Estava a enrolar-se à volta de Nico como um abraço sob uma manta, fazendo-o sentir-se estonteado, derramando um calor gratificante sobre a dor que sentia no peito.

– Ajuda-me – disse Nico. Sentia-se repentinamente cansado, demasiado cansado para se manter de pé e deixou-se cair para trás. – Ajuda-me a encontrá-la, Gideon, por favor.

– Claro, Nico. Claro que sim.

– Ajuda-me.

– Eu ajudo.

– Prometes?

– Sim, prometo.

Nico sentiu-o novamente, o toque de antes contra a sua face, só que agora era de corpo inteiro, integral. Lembrava-se desse toque de anos antes, pousando subitamente de novo como uma fina camada de gaze sobre a pessoa que em tempos fora.

Não tens de me ajudar, Nico. Tens a tua vida, tens planos, um futuro...

Deves ter essas coisas todas!

Admite, uma bomba-relógio não é o mesmo que um futuro.

Tu e a porra da tua bomba-relógio, Gideon, são o meu futuro. É meu.

A voz de Gideon surgia aqui e ali, em dois lugares ao mesmo tempo.

– Dorme bem, Nicky. – Distante. Seguro.

Reconfortado, Nico fechou finalmente os olhos e deixou-se levar, o calor das suas memórias foi-se lentamente desvanecendo para dentro do precipício do repouso.

• PARISA •

Na ausência de Libby, foi proposta a iniciação aos cinco restantes elementos do grupo. O ritual – *mais um* ritual – decorreria no final do mês, um ano depois do dia em que lhes fora oferecida inicialmente a possibilidade de competir por um lugar na Sociedade.

Todos eles, incluindo Dalton e Atlas, haviam passado três semanas a procurar Libby, sem resultado algum. De início, Parisa demonstrara-se disposta a atribuir algum crédito à certeza de Tristan. Afinal de contas, não *queria* que Libby estivesse morta e o seu apreço pela racionalidade impenetrável de Tristan implicava não contrariar a sua convicção de que Libby estava viva, pelo menos durante algum tempo. Contudo, por fim, tornou-se claro que Parisa já não continuava a sentir ou perceber nem sequer um vago vestígio dos pensamentos de Libby, pelo que deixou de querer saber o que lhe aconteceu. Se Tristan tinha razão, se não tinha razão... em última análise, não havia certezas nenhuma e, por conseguinte, não tinha utilidade. Ele próprio o sabia, ou seguramente sabia, já que não voltou a referir o assunto. Deve ter pressentido, tal como Parisa, que fosse o que fosse que alguém fizera a Libby Rhodes era o bastante para a matar efetivamente. Libby estava morta, estava viva, estava as duas coisas ao mesmo tempo, quem sabe permanentemente – era um exercício mental vazio. A única verdadeira conclusão, do ponto de vista de Parisa, era a seguinte: se a Sociedade tinha inimigos que conseguiam varrer a consciência de uma pessoa da face da Terra, então claramente valia a pena chamar a si tudo o mais que tivesse para lhes mostrar.

Os cinco candidatos remanescentes haviam-se instalado comodamente na sala pintada para a apresentação do tema seguinte, deixando, por hábito,

a cadeira de Libby vazia. Não que se costumassem sentar numa ordem específica, mas havia rituais entre eles. Libby sentava-se normalmente ao lado de Nico, à sua esquerda. Nico recusava-se a olhar para o lugar vago a seu lado, e Parisa ouvia o mesmo zumbido na cabeça dele que ouvia na cabeça de todos os outros. A confirmação de uma peça que faltava, como um membro decepado.

Interrogou-se se teria sido igual se fosse o lugar de Callum a estar vazio.

– Esta – disse Dalton – é a Viviana Absalon.

Os outros ficaram tensos enquanto ele acenou para dar entrada a um cadáver, muito bem preservado, com uma expressão facial murcha e prudente, como se a morte fosse algo que teria preferido não fazer, mas com que decidira, ainda assim, avançar. Não havia nada de sórdido no cadáver, com exceção de uma incisão escancarada que fora novamente cosida com bom gosto. Era evidente que fora feita uma autópsia algo recentemente, mas, tirando isso, na morte, Viviana Absalon jazia quieta e tranquila como se tivesse adormecido.

Por um instante, o estômago de Parisa volteou-se com a memória da morte de Libby; a forma como o corpo que haviam pensado ser Libby fora perfurado e contorcido, as réplicas perfeitas dos seus olhos cambiantes então vazios e arregalados. Isso, ao contrário disto, fora macabro, as mãos de Parisa encharcadas do sangue que a sua mente se recusara a compreender que nada mais eram do que um truque. Um espetáculo.

A ideia de que alguém pudesse fazer aquilo a um deles abalara-a profundamente, recordando-lhe o que estava em jogo no mundo lá fora. O poder era uma coisa; a mortalidade, outra completamente diferente. Era uma lição que teria de se lembrar de não esquecer.

– A Viviana é uma mulher de quarenta e cinco anos, de ascendência francesa e italiana. Foi incorretamente classificada como mortal – disse Dalton – e não sob apenas um ponto de vista.

Ele abriu uma projeção de imagens. À semelhança da preservação do corpo, os diapositivos assumiam um cariz clínico. Notas manuscritas haviam sido escrevinhadas ao lado de setas, apontamentos com observações acerca das incisões do cadáver. Dalton, pelo menos, prosseguia como sempre.

Tudo o que Parisa conseguia sentir nele era mau presságio, a sensação cautelosa de que um machado poderia estar prestes a cair.

Antes de conseguir continuar a sondar a mente de Dalton, as portas da sala pintada abriram-se. Parisa olhou por cima do ombro, observando com interesse Atlas a esgueirar-se silenciosamente para dentro da sala. Estivera basicamente ausente nos meses que antecederam o rapto de Libby e, no rescaldo, passou a marcar uma presença excessiva.

Intrigante.

Ao sentir a curiosidade de Parisa, Atlas deslizou os olhos de encontro aos dela. Assentiu uma vez com a cabeça, sem sorrir, sem que nenhum dos outros reparasse.

E depois Atlas fez sinal a Dalton para continuar.

Obsequiosamente, Dalton prosseguiu.

– Aos dezoito anos, que é quando a maioria dos médicos já revelou sinais de mestria mágica, a Viviana não tinha revelado nada fora do comum. Não demonstrava nenhum talento concebível para a feitiçaria e, aos vinte e um anos, os alarmes que começara a disparar foram formalmente postos de parte. Noventa e nove por cento dos médicos são identificados corretamente – recordou-lhes Dalton –, mas numa população de quase dez mil milhões de pessoas há muita margem de erro no restante um por cento.

Ele acenou com a mão para passar ao diapositivo seguinte.

– Quando morreu, a Viviana estava em excelente saúde física. Aos trinta, já tinha dado à luz quatro crianças, embora muitas pessoas na sua aldeia de Uzès ainda a vissem como a beldade local, ainda mais bela do que as jovens que procuravam maridos aos vinte anos. Infelizmente – disse Dalton –, a Viviana foi atropelada por um automóvel há algumas semanas. Morreu instantaneamente.

Outro aceno, outro diapositivo, desta vez mostrando o acidente antes de passar aos pormenores das peculiaridades de Viviana.

– Como podem ver – disse Dalton, chamando uma comparação lado a lado com dois cadáveres semelhantes –, os órgãos internos da Viviana pararam de envelhecer por volta dos vinte e um anos.

Avançou rapidamente, comparando partes incompreensíveis (para Parisa) do corpo dela, primeiro com as de uma mulher de vinte e um anos e, depois, com uma mulher comparável de quarenta.

– A pele dela não tinha perdido elasticidade nenhuma. Os traços do rosto estavam inalterados. O cabelo não ficou grisalho. A maior parte das pessoas na aldeia acreditava simplesmente que fazia exercício e comia bem, e que talvez tivesse pintado o cabelo. Quanto a saber se a própria Viviana suspeitou de alguma coisa, aparentemente não. Parece ter-se simplesmente considerado uma pessoa de sorte; uma sorte invulgar, mas seguramente não extraordinária.

Os diapositivos acabaram, e Dalton virou-se para eles.

– Tanto quanto podemos conjecturar, a Viviana não teria morrido de causas naturais se não fosse o acidente – disse Dalton, explicando o que já havia claramente insinuado. – A morte dela não resultou de nenhuma forma de degeneração. O que nós *não* sabemos – sublinhou ele – é quanto tempo ela teria vivido se não tivesse encontrado um destino final, bem como a frequência com que isto ocorre noutros medeiros por diagnosticar.

– Ela tinha algum sinal de regeneração? – perguntou Tristan. Andava diferente desde a noite em Libby fora levada. Mais calado. Não dava para perceber se por quase ter sido morto às mãos de Callum ou se se sentia alienado pela crença invulgarmente pouco prática (para Tristan) de que Libby estava algures por aí à espera de ser encontrada.

– Se tinha sinais de danos que se repararam com magia, é isso que queres dizer? Não – respondeu Dalton. – Ela simplesmente não degenerava como seria normal num mortal.

– Ela teria sido mais ou menos suscetível a doenças? – perguntou Reina.

– É difícil saber com certeza – respondeu Dalton. – A aldeia onde vivia era especialmente homogénea.

– Ela teve alguma doença digna de nota? – quis saber Tristan.

– Não, mas vacinava-se regularmente, pelo que isso não seria fora do comum.

– Uma simples constipação – sugeriu Callum sarcasticamente, e Dalton encolheu os ombros. – A maioria das pessoas não toma nota de banalidades

– disse ele –, daí a inadequação da investigação que existe atualmente.

– E pretende que façamos exatamente o quê com isto? – perguntou Nico, batendo com os dedos impacientemente nas ancas. – A especialidade mágica dela era... a vida?

– Algures na composição genética dela existe a capacidade de não se degradar – respondeu Dalton, o que soou a confirmação. – Não temos maneira de saber até que ponto essa capacidade é comum, e isso é uma parte da finalidade da investigação. A Viviana é a única? – perguntou ao grupo. – Houve, na história, outros como ela? Se nenhum viveu o suficiente para se destacar, então será que as pessoas abençoadas com a longevidade *atraem* tipicamente fatalidades? Será possível que morram por norma jovens e, se sim, isso é provocado por magia?

– Ou – perguntou Dalton passado um momento de silêncio – será de algum modo prova do destino?

Parisa sentiu os olhos a semicerrar-se, opondo-se à observação que Dalton fizera de improviso. A magia, da forma que normalmente a estudavam, era restrita, previsível, científica nos seus resultados. O destino, por inerência, não era. A qualidade magnética de ser atraído para um determinado fim consistia na remoção da opção da escolha, o que era tão desagradável que a afligiu ligeiramente. Parisa não gostava da sensação de não estar em controlo; enchia-lhe a boca de amargura, como salivação em excesso.

– A magia da vida e da morte – observou Reina na sua voz grave. – Esteve sempre previsto que este seria o nosso próximo tema?

Dalton relanceou na direção de Atlas, que nada disse. Então Dalton explicou:

– Sim e não. A unidade de estudo que se segue à iniciação é sempre a morte – disse ele.

Tristan arrepiou-se de desconforto. Callum, solenemente, manteve-se imóvel.

– Neste caso em particular, ao contrário do que possa parecer, foi um acaso com sentido de oportunidade – fez notar Dalton com alguma

irreverência. – O trabalho e o propósito da Sociedade permanecem ininterruptos.

– Ah, sim? – disse Nico, cáustico, e Dalton desviou os olhos na sua direção.

– Para todos os efeitos, sim – disse ele. – A iniciação prosseguirá conforme planejado. Perceberão também que, ao concluírem as unidades sobre a vida e a morte, passarão a ter acesso a muito mais dos recursos da biblioteca.

– E em troca damos...? – desafiou Parisa.

Ou seja: *Que misteriosa nova oferenda iremos dever aos arquivos ao longo do nosso último ano?*

Os ombros de Dalton emitiram o habitual sinal de tensão ao ouvir a voz dela. Era um reflexo nascido da necessidade de não olhar tão depressa, lutando contra a avidez, o que acabava por se manifestar como um tique ou uma hesitação.

Ela queria ouvir a resposta da boca de Dalton, mas, atrás deles, Atlas pôs-se de pé.

– Vocês têm obrigações para com a Sociedade do mesmo modo que a Sociedade as tem perante vocês – disse Atlas sem expressão. – Peço desculpa pela interrupção – acrescentou em jeito de despedida, dirigindo-se depois para a porta e deixando Dalton com os pormenores do estatuto medico não diagnosticado de Viviana.

Parisa deixou as suas restantes perguntas para quando ela e Dalton estivessem sozinhos. Quando deu com ele, Dalton estava sentado na sala de leitura debruçado sobre um só livro, brincando com alguma coisa fora da linha de visão dela; invisível. O que quer que estivesse a fazer, gerava nele uma intensa tensão. Observou a luta a abandoná-lo no momento em que deu pela presença dela e ela avançou na sua direção, enxugando com o dedo uma gota de suor da sobrancelha dele.

– Que se passa? – murmurou ela.

De longe, ele levantou o olhar turvo na direção dela, atravessando quilómetros e quilómetros de pensamento.

– Sabes porque é que ele te quer? – perguntou ele.

– Não – respondeu. Ela não precisava que mencionasse o nome de Atlas. Era uma pergunta que atormentava Parisa desde o desaparecimento de Libby, se não mesmo antes.

– Eu sei. – Dalton encostou a face contra a mão dela, fechando os olhos.

– É porque sabes passar fome.

Continuaram sentados em silêncio enquanto Parisa ponderava as implicações daquelas palavras. Afinal de contas, havia uma forma de passar fome como deve ser?

Sim. Uma conservação bem feita consistia em sobreviver nos momentos em que os outros pereceriam. A verdadeira magia da longevidade.

– Ele escolheu cada um de nós para alguma coisa – murmurou ela.

– Evidentemente. É assim que a Sociedade funciona.

Ela abanou a cabeça.

– *Ele* escolheu, não eles. Eles já têm um telepata, que é ele, porque precisaria ele de mim?

Ela fez uma pausa.

– A menos que já não precise – alvitrou ela calmamente, pensando na mão de Atlas arrastando-a para fora da cabeça de Dalton.

Em resposta, os olhos de Dalton abriram-se lentamente, fechando-se em seguida.

Parisa afagou-lhe a nuca, aliviando-lhe a tensão nas vértebras.

– Tu viste alguma coisa – sugeriu ela com ligeireza. – Na Libby... naquela coisa. A ilusão.

Ela esperou por alguma coisa nos seus pensamentos. Um tremeluzir, um bailado.

Ao invés, deparou apenas com paredes.

– Não era uma ilusão – disse ele, num tom vazio e inexpressivo.

Era uma migalha na estrutura geral das coisas, mas Parisa sentia uma resposta maior a formar-se. Lembrava-se da expressão no rosto dele quando viu o corpo de Libby. A bizarra sensação de vazio, a forma como algo dentro dele se fechou com toda a força. Dizia mais do que qualquer outra reação verdadeira que pudesse ter tido.

– Mas não era mesmo ela – disse Parisa devagar, levando o seu tempo. – A menos que Tristan se tivesse enganado...

– Não. Não se enganou. – Dalton abanou a cabeça. – Só que não era uma ilusão. – Parisa passou os dedos pelo cabelo dele, escrutinando-o docemente.

– Não era? – Sob o toque dela, a respiração dele apaziguava-se e aquietava-se.

– Era... – Um músculo pulsou ao lado do maxilar. – Uma animação.

– Uma animação – repetiu Parisa. Ali estava de novo. Uma palavra que antes não significava nada para ela, mas para ele significava muito. Ela sentia a sua consequência, a sua gravidade. O modo como o andava a arrastar até o deixar de joelhos.

– Que se passa? – perguntou novamente e, no momento em que os olhos de Dalton encontraram os dela, pensou captar um vislumbre de algo familiar. Não do homem que de quando em vez tinha na sua cama, mas aquele que ela buscava como quem vai atrás de uma luz, atraída para ele como uma traça para as chamas.

– Só uma pessoa podia ter feito uma animação tão convincente – disse Dalton.

– Quem?

Mas era evidente. Inevitável. Ela conhecia a resposta antes de ele a dizer.

Sou um animador, dissera-lhe a memória de Dalton. *Eu dou vida*.

– Eu.

Parisa sentiu um clarão de algo que deveria ter sido terror. Sob qualquer ponto de vista razoável, ela deveria ter ficado preocupada, apreensiva, possivelmente até com medo. Pelo contrário, sentia triunfo. A validação, a pura exaltação de ter razão. Tinha diante de si um homem incrivelmente interessante – um diamante num mundo de profunda mediocridade – e Parisa soubera-o, adivinhara-o no momento em que pôs os olhos nele. Aquele era um homem que era muito mais do que qualquer pessoa, exceto ela, conseguia ver. Era um mistério, perdido até para si mesmo – o que era inaudito, é claro. Impossível. Mas por que razão eles, que haviam feito tanto e chegado tão longe, haveriam de se limitar ao *possível*?

Afinal, se calhar até era possível encontrar Libby Rhodes.

Não que valesse propriamente a pena perguntar a Dalton o que ele sabia ou de que se lembrava. Se aquela ilusão – a *animação* – tivesse mesmo sido uma criação de Dalton, ele claramente não sabia, e agora dirigia a Parisa uma súplica silenciosa. Rogava-lhe que lhe tirasse a culpa imerecida.

Parisa varreu para o lado o que estava em cima da secretária, preenchendo ela mesma o vazio, e Dalton inclinou-se para a frente para a inspirar. A garganta dele emitiu um sacão, como um soluço silencioso. Ele enterrou o rosto no tecido do vestido dela.

Era esta a diferença entre vida e longevidade; algures entre morrer num acidente de automóvel e viver com uma alma estilhaçada.

– Eu tiro-te daí – sussurrou-lhe Parisa. A um qualquer Dalton distante, às suas pequenas fraturas. A solução assomou-lhe com total clareza ao espírito.

Se ele estava despedaçado, ela tomaria para si o que quer que restasse dos escombros.

• REINA •

— **A**juda-me aqui.
Nico ergueu os olhos, vindo de muito longe. Tanto quanto Reina conseguia perceber, a introdução de um novo tópico não o distraíra nem lhe aliviara a culpa, mas alguma coisa seguramente tinha. Ele agora andava menos desorientado, mais determinado, dormia de novo como deve ser. Impacientemente à espera, mas, ainda assim, à espera.

– Ajudar-te com quê? – perguntou.

– Tenho uma teoria.

Ela sentou-se em frente dele na relva, que protestou, como sempre. Uma vez na vida, ela regozijou-se ao ouvi-lo. Era uma espécie de confirmação.

– Muito bem. Acerca de quê?

– Estava a pensar numa coisa. – Uma coisa que apanhara de uma conversa entre Callum e Parisa, uma combinação que, por si só, já era estranha o suficiente. Pensando melhor, desde que Tristan fracassara a matar Callum, ninguém, exceto Parisa, parecia disposto a olhar Callum nos olhos.

– As animações são sencientes? – perguntara-lhe Parisa em tom neutro.

– Mais ou menos – foi a plácida resposta de Callum. Agora que não se tinham de livrar um do outro, ao que parecia, as especialidades semelhantes poderiam por fim complementar as competências mútuas. –

As ilusões não têm consciência, mas as animações têm... alguma. Não é propriamente uma consciência – retificou-se –, mas é uma aproximação da vida. Uma espécie de... espírito naturalista. Não em nenhum nível de consciência, mas na medida em que estão, decididamente, vivas.

Há mitos sobre isso, constatara Reina. Escritos da Antiguidade.

Coisas espetais, certas criaturas que eram animadas, mas não sencientes. (A animação era também a especialidade de Dalton, mas como essa informação não se demonstrara ainda relevante, não havia nada a dizer sobre isso por enquanto.)

– Naturalismo – postulou Reina a Nico, gesticulando sem palavras para os sussurros *MãmãMãmãMãmã* que a magoavam sob as palmas das mãos em pequeníssimas e esbeltas lâminas. – Estava a pensar naquela medeica, na especialidade da longevidade.

– Que tem? – Nico não estava propriamente a saltar de curiosidade, mas estava suficientemente interessado.

– A vida – formulou Reina – deve ser um elemento. Eu não a consigo usar, mas é possível que alguém consiga. – Ela fitou-o com um olhar prudente – Que tu consigas.

– Consiga o quê? – Ele parecia assustado.

Ela suspirou:

– Usá-la.

– Usá-la – repetiu ele em eco.

– Sim. – Talvez houvesse uma melhor forma de explicar. Talvez não. – Se calhar conseguirias manipulá-la, moldá-la, como qualquer outra força. Como a gravidade. – Ela deteve-se um instante. – Se calhar até conseguirias criá-la.

– Achas que eu poderia criar vida? – Nico endireitou-se ligeiramente, de olhar franzido. – Se fosse um elemento físico, nesse caso sim, em teoria. Talvez. – Cerrou as sobrancelhas. – Mas mesmo que eu *conseguisse*...

– A energia não nasce do nada, eu sei. – Já pensara longamente naquilo. – É aí que entro eu.

– Mas...

– A teoria é bastante simples. Imagina que a vida é um elemento por si só. E se a especialidade mágica da Viviana Absalon *fosse* a vida, a capacidade de estar viva e assim se manter? – sugeriu ela, ficando a aguardar para ver se ele lhe acompanhava o raciocínio. – Vida e consciência não são a mesma coisa. Há micro-organismos, bactérias e outros que tais

que podem viver sem consciência, por isso, se a *magia* vive, num certo sentido... então porque não pode também a vida ser criada?

Nico estava pasmado a olhar para ela, as sobrancelhas ainda cerradas, e Reina esticou-se para ele com um suspiro, pousando uma mão no seu ombro.

– Tenta – disse ela, e ele mostrou-se relutante.

– Tênto... o quê exatamente?

Ah ah ah, riu-se a relva, restolhando divertida. *A mamã é muito inteligente, muito mais inteligente, e ela vêevêevê, ah aaaaaah...*

– Tenta – repetiu Reina.

Sentiu o ombro de Nico a ficar tenso sob o toque dela – Nico a preparar-se para uma discussão –, mas depois descontraíu-se sob a sua mão, no momento em que deve ter cedido, rendendo-se voluntariamente ou reagindo contra vontade a algo que ela lhe propunha. Enquanto a magia perpassava Reina, ela interrogou-se, não pela primeira vez, se Nico conseguiria agora ouvir o que ela ouvia, ou se isso continuava a estar pessoalmente reservado à sua irritação. Pelo menos, quando Nico a estava a usar, eram-lhe concedidos a ela alguns momentos de suspensão das suas penas, a adrenalina de a poder canalizar para alguma coisa. Era indistinta da sensação de deixar que a própria natureza se alimentasse dela, como acontecera quando Atlas entrara pela primeira vez no café onde trabalhava.

Cresce, dissera Reina à pequena planta, e ela crescera.

Agora, ela dissera a Nico *Tenta*, e conseguia sentir como o poder dele aceitara o dela com gratidão, voluntariamente, esfomeadamente. Era ao mesmo tempo uma sensação de alívio e libertação e, quando ele levantou a palma da mão dele, a resposta foi uma guinada e solavancos, como o corpo inteiro a arquejar.

A única forma de o descrever era como uma *faísca*. Se ambos o viam ou sentiam ou unicamente intuíam a sua presença, isso era algo amplamente indeterminável. Reina sabia apenas que algo que antes não existia acabara por existir por breves instantes, e ela sabia que Nico também o sabia, de olhos escuros a arregalarem-se de espanto e os abalos de rescaldo de uma prudência tardia, de apreensão contida. Nico não esperara nada; se Reina

esperara algo mais, era apenas por ter sido ela a engendrar a teoria, a usar aquela reflexão. Era na verdade uma ideia simples, quase risível de tão pouco complexa. Se a vida pudesse nascer do nada – se pudesse, sequer, nascer, ser criada como o próprio universo –, então porque não haveria de brotar de Reina?

Mamã, suspirou um ramo próximo que varria o ar.

Tanto ela como Nico pareciam saber o que haviam feito sem consultar o outro em busca de provas.

– Que significa isto? – perguntou Nico. – Aquilo era...?

Vida propriamente dita.

– Não sei – disse Reina, e não sabia mesmo. Ainda não.

– Que conseguiste fazer com isto?

– Eu? – Reina voltou-se para Nico surpreendida. – Nada.

Ele encarou-a de sobrolho franzido, sem compreender.

– O quê?

– Eu não consigo fazer nada com isto.

– Mas...

– *Tu* é que usaste – disse ela.

– Mas foste tu que me deste!

– E então? De que serve a eletricidade sem uma lâmpada? Para nada.

– Isso é...

Mas então ele abanou a cabeça, parecendo não ver sentido em continuar a discussão.

– Se a Rhodes estivesse aqui – disse ele, esvaziando o peito com a derrota prematura –, *então* talvez eu conseguisse fazer alguma coisa com isto. Mas, como as coisas estão, é apenas... isto. – Uma faísca. – O que quer que fosse.

– Quer dizer que precisas de mais energia?

– Mais do que isso. Mais do que *mais*. – Ele tamborilou com os dedos na relva, um breve regresso ao seu estado de agitação habitual. – Não interessa a quantidade, é a... qualidade. O grau de pureza.

– Então, se a Libby estivesse aqui, isso significaria alguma coisa?

– Sim. – Ele parecia ter a certeza. Ele parecia sempre ter a certeza, mas aquela certeza em particular era mais persuasiva do que uma suposição. –

Não sei o quê, mas alguma coisa.

– Bom. – Reina deteve-se para cobrir os olhos quando o sol rompeu o manto de nuvens no céu, envolvendo-os numa onda agreste de luminosidade. – Então nós vamos ter de encontrá-la.

Sentiu-se uma pulsação de tensão quando Nico se preparou novamente para o impacto.

– Nós? – Ah, quer dizer que ele pensou que ela não acreditara nele. E era verdade, não acreditara. Não a sério. Mas isso não excluía a possibilidade de ela fazer uma tentativa ainda assim, especialmente se isso significasse explorar o que quer que fosse que acabara de descobrir.

– Se eu puder ajudar, sim. – Ela olhou para ele. – Parti do princípio de que já andarias a fazer alguma coisa.

– Bem... – Ele interrompeu-se. – Não estou. Esgotaram-se-me as opções, mas...

– O teu amigo – adivinhou ela. – Aquele que se consegue deslocar nos teus sonhos?

Ele não disse nada.

– Nunca referiste isso acerca dele – observou Reina em voz alta. – O nome, sim, mas nunca o que ele consegue fazer.

Nico pareceu encher-se de uma culpa retroativa, dando pontapés na relva.

– Eu nunca tive a intenção de contar a ninguém.

– Porque ele é... reservado?

– Ele? Nem por isso. Mas aquilo que ele consegue fazer... – Nico suspirou. – É simplesmente melhor que as pessoas não saibam.

Para seu desagrado, Reina deu por si mais irritada do que o habitual.

– Devias confiar em nós. – Surpreendeu-se com a sua intransigência. – Não achas?

A expressão com que Nico respondeu foi de total e incompreensível abertura.

Parisa tivera razão, ele não tinha quase nenhuma habilidade em artimanhas.

– Porquê? – perguntou ele.

Reina refletiu. Nico queria uma boa resposta, uma resposta exaustiva, e, por motivos talvez egoístas, precisava que ele se deixasse persuadir.

– Compreendes – disse ela devagar – que sozinhos somos uma coisa, mas juntos somos outra?

Um compasso de silêncio. E então:

– Sim.

– É um desperdício, então. Não usar os recursos que tens. – Mais um conceito simples.

– Tu confiarias no Callum? Ou na Parisa? – Nico soava cético, e com razão.

– Confio que têm talento – confirmou Reina lentamente. – Confio nas suas aptidões. Confio que, quando os interesses deles se alinham com os meus, eles são úteis.

– E se não se alinharem?

– Fazemos com que se alinhem. – Para Reina, era lógico, sequencial, se-isto-então-aquilo. – Porque fazemos parte disto se não for para sermos excelentes? Eu podia ser boa sozinha, e tu também – lembrou ela. – Não estaríamos ainda aqui se nos quiséssemos contentar com sermos bons.

– Tens... – Nico vacilou. – Tens mesmo a certeza disto? Da Sociedade, quero eu dizer.

– Sim – disse ela.

Na altura não era verdade, mas ela fazia menção de o tornar verdade. Pretendia *ganhar* essa certeza e, para o fazer, precisaria apenas de respostas a algumas perguntas.

Apenas um homem naquela casa podia satisfatoriamente dar-lhe essas respostas.

Saiu à procura de Atlas, procurando a oportunidade de uma audiência privada. Quando chegou, ele não pareceu surpreendido ao vê-la, apesar de ela nunca o ter procurado antes. O seu gabinete ao lado da sala matinal nunca fora alvo de grande interesse por nenhum deles, em grande parte por lá não haver nada que valesse uma inspeção. Apenas Atlas, em si, se revestia de interesse, na sua maneira discreta. Ele sempre tivera um ar de eterna paciência.

– Que é a iniciação? – perguntou-lhe Reina sem preâmbulos, e Atlas, que estava às voltas com alguns livros da estante, abrandou os movimentos e estacou.

– Um ritual. Como tudo. – Parecia cansado, como acontecia amiúde quando o vislumbravam fugazmente nos últimos tempos. Vestia um fato feito à medida, como sempre, este de um cinzento-ardósia que de algum modo refletia o seu estado de luto académico. – Os juramentos de fidelização não são particularmente complexos. Imagino que em dado momento já os tenha estudado.

E tinha.

– O ritual vai funcionar na mesma? Refiro-me ao facto de não termos sido nós a matá-la.

– Sim.

Atlas sentou-se à secretária e fez sinal a Reina para que fizesse o mesmo, tirando uma caneta do bolso e pousando-a cuidadosamente mesmo à direita da mão.

– Pode haver fraturas. Mas depois de dois milénios de sacrifícios ritualísticos para reforçar a coesão, posso garantir-lhe – disse ele com algo que se assemelhava a ironia – que a magia se aguenta.

Reina baixou o olhar na direção da secretária, à espera.

– Duvido que tenha vindo aqui questionar-me sobre a logística da cerimónia de iniciação – observou Atlas. Estava a encará-la com um certo interesse cauteloso.

– Queria perguntar-lhe outra coisa, sim.

– Então pergunte.

Ela encarou-o nos olhos.

– E vai responder?

– Talvez sim. Talvez não.

Que reconfortante, pensou Reina.

– No café, disse-me que o convite para aderir à Sociedade tinha sido decidido entre mim e outra pessoa – recordou ela.

– Sim, disse isso mesmo. – Não parecia fazer planos de negar nada. – Isso incomodou-a muito?

– De certa forma.
– Por duvidar do seu lugar aqui?
– Não – disse Reina, e não duvidava. – Eu sabia que era meu se eu o quisesse.

Atlas recostou-se na cadeira, contemplando-a com um olhar de relance.

– Então porque pensa nisso?
– Penso no facto de haver outros. – Não era tanto uma ameaça, mas antes curiosidade. – Pessoas que quase conseguem aqui chegar, mas que não chegam.

– Não há motivo para se preocupar com eles, se é isso que quer dizer – disse Atlas. – O que não falta são outros projetos, objetivos nobres. Nem toda a gente merece ser convidada para a Sociedade.

– Eles trabalham para o Fórum?

– O Fórum é diferente, do ponto de vista estrutural – disse Atlas. – É mais parecido com uma corporação.

– Qual é a diferença?

– Os membros visam o lucro.

– Com quê?

– A nossa perda – disse Atlas simplesmente, passando a mão sobre uma caneca vazia. Passado um instante, havia chá lá dentro, uma baforada de odor a lavanda e bergamota no ar entre os dois. – Mas é essa mesma a natureza das coisas. Equilíbrio – disse ele, levando a caneca aos lábios. – Não pode haver êxito sem fracasso. Sorte sem não-sorte.

– Vida sem morte? – perguntou Reina.

Atlas inclinou a cabeça em concordância.

– Vê, por isso, qual é o propósito do ritual – afirmou ele.

Ela interrogou-se se talvez não desejasse aquilo com demasiada intensidade. Estava disposta a arranjar desculpas por aquilo, acreditar nas suas mentiras. Um amor tóxico, nascido da fome.

Agora era demasiado tarde.

– Sabe o que aconteceu à Libby Rhodes?

– Não. – Saiu sem hesitação, mas não demasiado depressa. Ela via a formulação da apreensão sob a sua sobrancelha, que parecia verdadeira o

bastante. – E lamento dizer que estaria convicto da sua morte se não fosse o Sr. Caine.

- Acredita que foi o Fórum?
- Penso que é uma possibilidade.
- Há outras possibilidades?

Ela viu a língua dele a conter-se, um mecanismo a fechar-se.

– Inúmeras – disse ele.

Ele não ia, portanto, partilhar com ela as suas teorias.

– Devemos confiar em si? – perguntou Reina.

Atlas concedeu-lhe um ténue sorriso paternal.

– Vou dizer-lhe uma coisa – disse ele. – Se eu próprio pudesse recuperar a Elizabeth Rhodes, faria tudo o que estivesse em meu poder para o fazer. Não haveria motivo para abandonar a busca por ela. Não benefício de modo nenhum com a sua perda.

Reina acreditava naquilo, de mau grado. Pressupunha que não havia motivo para duvidar dele. Qualquer pessoa via o valor de Libby.

– Mas nada disto é o motivo por que aqui veio – observou Atlas.

Reina baixou os olhos para as mãos, questionando-se por instantes que havia de tão estranho na presença dos dois ali. Acabou por perceber que era a ausência de tensão dentro deles, porque, ao contrário de outros compartimentos da casa, aquele não continha vida. Não havia plantas, apenas livros e madeira morta.

Interessante, pensou.

– Disse que havia um viajante – disse ela. – Eu queria saber se era o amigo do Nico.

– Ah, sim, o Gideon Drake – disse o Atlas. – Foi um dos finalistas, embora não estivesse nos últimos dez.

– É verdade que o amigo dele se movimenta nos reinos dos sonhos?

– Reinos do subconsciente – precisou Atlas com um aceno de cabeça. –

Uma capacidade fascinante, isso é inquestionável, mas o conselho da Sociedade não se convenceu plenamente de que o Sr. Drake conseguiria controlar as suas capacidades. Penso que até a menina Rhodes sabia apenas da sua narcolepsia incurável, algo que não se conseguia evitar – acrescentou

com um risinho para dentro. – Muito poucos professores da NYUMA sabiam o que fazer com ele. Ele praticamente não tem treino nenhum, sob alguns pontos de vista. E a mãe é extremamente perigosa e iria provavelmente interferir.

– Quem é ela?

– Ninguém de especial – respondeu Atlas. – Uma espécie de espia. Não se sabe porquê nem como caiu nessa vida, mas parece ter uma dívida, ou pelo menos um particular apreço por angariar dívidas novas.

Reina franziu o sobrolho.

– Então, ela faz... o quê, exatamente?

– É uma criminosa, mas pouco digna de nota. Ao contrário do pai do Sr. Caine.

– Oh. – Por algum motivo, aquela informação entristeceu Reina profundamente. Talvez fosse o modo como, ao dizer que a mãe de Gideon Drake era pouco digna de nota, Atlas sugerira tão rapidamente que a memória era um luxo que não devíamos desperdiçar com quem não a merecesse. – E o Gideon?

– Desconfio que, se o Sr. Drake nunca tivesse conhecido o Nico de Varona, a sua vida seria bastante diferente – disse Atlas. – Se é que na verdade ainda estaria vivo sem a ajuda do Nico.

Reina mudou de posição na cadeira.

– Quer dizer que é isso?

– Isso o quê?

– Os banais são castigados pela sua banalidade – disse ela.

Atlas pousou a caneca de chá, impregnando-se do momento em silêncio.

– Não – disse ele, por fim, endireitando a gravata. – Os não banais são os que sofrem. Os banais são negligenciados, sim, mas a grandeza não se faz sem algumas dores. – Fitou-a com um olhar solene, acrescentando: –

Conheço muito poucos medeiros que não acabassem por optar por ser banais e felizes se tivessem essa escolha.

– Mas conhece alguns que não fariam essa escolha – salientou Reina.

A boca de Atlas retorceu-se num movimento ascendente.

– Sim – disse ele. – Conheço alguns.

Ele parecia pronto para a convidar a sair do gabinete, vendo chegar ao fim o seu episódio de sinceridade, mas Reina ficou mais um momento, contemplando a sua insatisfação. Terá seguramente pensado que a confirmação do amigo de Nico lhe resolveria o quebra-cabeças, mas não fora o caso. A satisfação inicial de obter respostas às suas perguntas fora uma euforia fácil, e agora ela sentia-se novamente frustrada.

– O viajante – disse ela. – O que o senhor rejeitou para me escolher a mim. Quem era?

Ela não tinha dúvida alguma de que aquela seria a última pergunta que ele lhe permitiria fazer.

– Ele não foi rejeitado – disse Atlas, inclinando em seguida a cabeça em jeito de despedida, pondo-se de pé e conduzindo-a determinadamente até à porta.

· EZRA ·

Ezra Mikhail Fowler nasceu quando a Terra estava moribunda. Anos a fio, fora grande a agitação em torno disso nas notícias, da crise do carbono e do pouco tempo que restava ao ozono, deixando uma geração inteira entregue aos seus psicanalistas e a proclamar um desespero existencial coletivo e generalizado. Os Estados Unidos haviam sido varridos por incêndios e inundações durante meses, sendo que apenas metade do país acreditava ter alguma coisa que ver com a sua própria ruína. Até aqueles que ainda acreditavam num deus vingativo não haviam dado conta dos sinais.

Ainda assim, as coisas teriam de piorar muito mais antes de melhorarem novamente. Apenas quando o tempo e o ar respirável e a água potável estavam prestes a esgotar-se, alguém, algures, decidiu mudar de atitude. A tecnologia mágica que fora em tempos comprada e vendida em segredo pelos governos passou para mãos privadas, permitindo ao invés a sua compra e venda através de segredos comerciais. Em finais dos anos 1970, a magia institucional e a que estava nas mãos das grandes empresas curaram alguns dos vírus do planeta e providenciaram alguma energia renovável, reparando suficientes danos causados pela industrialização e a globalização e todas as demais «zações» para que o mundo pudesse subsistir um pouco mais tempo sem nenhuma alteração comportamental de nota. Os políticos politicavam como sempre, ou seja, para cada passo incremental dado em frente, mantinha-se a pairar a ameaça do fim. Mas este foi sendo retardado, e isso é que era importante. Qualquer senador diria isso.

Ezra, entretanto, cresceu num infeliz recanto de Los Angeles. Do género demasiado a leste para que os residentes alguma vez tivessem posto os

olhos no oceano e também para que aceitassem sem questionar que um rio não era mais do que um fio de água lento a correr sobre um leito de cimento. A nação de Ezra era globalmente uma nação sem pai, uma comunidade de infortúnios cujas mães eram as principais cuidadoras e quem garantia o ganha-pão, apesar de, na verdade, haver muito pouco pão a ganhar.

Ezra pertencera ao seu matriarcado multigeracional local até aos doze anos, altura em que a mãe morreu na sequência de um tiroteio, enquanto rezava dentro do templo que frequentava.

Ezra estivera lá com ela, mas, ao mesmo tempo, não estivera efetivamente lá.

Lembrava-se nitidamente dos pormenores daquele acontecimento, por uma série de razões, além da morte da mãe: primeiro, ele e a mãe haviam discutido nessa manhã por ele ter fugido para algum sítio no dia anterior, tendo ele garantido que tal não acontecera. Segundo, fora a sua primeira experiência com uma porta.

Durante a celebração, o som da metralhadora automática fizera-o recuar disparado no espaço, a ponto de ficar na dúvida sobre se na verdade teria sido atingido. Conhecia bem o conceito de um tiroteio em tempo real, tendo sido obrigado a fazer exercícios na escola, mas, numa tão tenra idade, a morte em si permanecia ainda um conceito que lhe era alheio. Na cabeça de Ezra, a ideia de uma bala perfurar qualquer parte do seu corpo era precisamente o que sentira naquele momento: um colapso súbito, os ouvidos a tinir, o mundo inteiro a inclinar-se de lado por instantes. Era muito pequeno na altura, claramente baixo para a idade, por isso talvez tenha sido a sua pequena estatura que o salvou. Nos momentos em que era preciso, ele era apenas uma fatia de pessoa. Era suficientemente pequeno para se esconder dentro de uma fenda insignificante, uma fissura infinitesimal.

A queda foi longa e o impacto foi duro. Mas quando a sensação se desvaneceu, Ezra sabia que estava morto ou então muito, mas mesmo muito vivo. Abriu os olhos para o templo, que estava tranquilo. Sinistramente tranquilo. Não havia ninguém na sala. A mãe não estava.

Nem o atirador. Caminhou pela zona onde a mãe estava antes, palpando os bordos da madeira em busca de indícios de balas. Não havia nada, e pensou que talvez tivesse sido ele a fazer aquilo com magia. Talvez ele tivesse reparado tudo e agora estaria tudo bem? Foi para casa e encontrou a mãe a dormir no sofá, ainda com a farda de enfermeira. Foi-se deitar. Acordou. Fazia sol.

Depois começaram a acontecer coisas estranhas. Ao pequeno-almoço comeu a mesma torrada queimada do dia anterior. As mesmas piadas de má qualidade surgiram nas notícias matinais do dia. A mãe gritou com ele por ter fugido no dia anterior, por ter desaparecido e só regressado a casa quando ela já estava a dormir. Ela arrastou-o para a casa de banho, dizendo-lhe aos gritos para lavar o cabelo e para se vestir para irem ao templo. Não, não, disse ele imediatamente, não podemos ir lá, mãe, ouve-me, é importante, mas ela insistiu. Calça os sapatos, Ezra Mikhail, lava o cabelo e vamos.

Quando o atirador apareceu novamente, Ezra confirmou por fim com toda a certeza a sua suspeita de que ele de algum modo se deslocara para o passado – para *ontem*, mais especificamente, algo que inicialmente encarou como uma bênção. Ele conjurara uma saída de emergência para outro tempo que, em si, era outro lugar. Um lugar mais seguro. Ezra não fora para longe, mas fora suficientemente longe para lhe salvar a vida.

Mais tarde, aprenderia os conceitos clássicos da dinâmica. Relatividade geral. Processos determinísticos. Aprenderia que a sua magia estava a abrir portas que, na verdade, eram buracos de minhoca, que ligavam dois pontos distantes no espaço e que eram na verdade dois pontos distintos no tempo. Ezra viria a aprender que conseguia conjurar o aparecimento de uma porta e que, quando a abria, saía do seu próprio tempo e entrava instantaneamente noutra, sem envelhecer um segundo só.

Com energia suficiente, ele conseguia abrir qualquer porta. O mundo que ele visitasse no passado reajustava-se simplesmente ao futuro de que Ezra acabara de sair.

Este era, evidentemente, o problema. Por mais que Ezra tentasse impedir a morte dela, a mãe já estava morta e, por conseguinte, estaria sempre

destinada a morrer.

Não que ele não tivesse tentado, várias vezes, salvá-la. Aos doze anos, pensava que salvar a vida da mãe era a sua tarefa divina. Por isso, regressava. Torrada queimada. Ouvia piadas de mau gosto. Via os disparos, vezes sem conta. Todas as vezes, as coisas repetiam-se exatamente como antes, a situação alterava-se como peças de um *puzzle* para formar a imagem profética da caixa. Terceira vez: mãe, não podemos ir, vais morrer, Ezra, bate na madeira. Quarta vez: mãe, não podemos ir, estou maldispuesto, Ezra, não há desculpas. Todas as outras vezes: mãe, o carro não anda, tenho o pé partido, o mundo, mãe, por favor, parte-se se tu fores.

Tens de deixar de ver notícias, disse ela. Faz-te mal.

Na última vez que Ezra assistiu à morte da mãe, o corpo dela caiu da mesma forma que todas as outras vezes. Em cima dele, protegendo-o. Protegendo a *ausência* dele, porque ele estava perpetuamente seguro e ela eternamente não estava. Exausto, caiu por entre um pequeno vazio no tempo e pensou: «Muito bem. Acabou-se.»

Aquela seria a última vez.

Lavou o cabelo, calçou os sapatos bons e deu a mão à mãe, algo que já se achava demasiado velho para fazer. Ela estava demasiado absorta para ficar espantada, o que era pelo melhor. Ezra nunca desenvolveria um grande talento para as despedidas.

Sabendo agora que uma porta apareceria quando dela precisasse, Ezra tentou uma tática diferente. Embora ainda não compreendesse como, tentou abrir uma fenda diferente onde se pudesse enfiar. Concentrou-se numa porta nova que o pudesse levar a outro lado, além das limitações do dia anterior.

Quando saiu lá de dentro, estava três semanas depois do funeral da mãe – o ponto distinto mais longínquo aonde se conseguia levar com as aptidões por treinar que possuía na altura. Em teoria, ele era um médico em florescimento cujo poder estava a expandir-se lentamente. Na prática, era um rapaz que suplicava desesperadamente ao universo que o levasse para outro lugar qualquer.

A assistência social não tardou a chegar para o tomar sob a sua guarda. Se calhar porque já vira a mãe morrer doze vezes, Ezra deixou-se levar, entorpecidamente.

Não é segredo para ninguém que o sistema de acolhimento de crianças nos Estados Unidos deixa muito a desejar. Ezra prometera a si mesmo nunca mais fugir, nunca contar a ninguém o que vira e fizera, mas a vida tinha um certo jeito para quebrar as promessas que se faziam às crianças. Passado um ano, estava a aprender a usar as portas com alguma regularidade, garantindo que controlava os desfechos de cada uma. Não envelhecia à medida que o tempo passava, se assim o desejasse, deslocando-se pelo contrário com fluidez através do tempo, e quando completou dezasseis anos tinha na verdade apenas quinze e um dia, já que tinha saltado 364 instâncias cumulativas de tempo que, de outro modo, não teria sido capaz de tolerar.

Aos dezassete (mais ou menos), Ezra recebeu a oferta de uma bolsa na Universidade de Ciências Mágicas de Nova Iorque, altura em que tomou consciência de que não estava sozinho naquilo de que era capaz. Era verdade que ele era o único especificamente com acesso às portas, mas, pela primeira vez, compreendeu que não era o único mágico do mundo – *medeico*, corrigiram eles. Era na altura uma palavra nova, desconhecida e difícil de proferir em voz alta.

Que era ele então? Não era um físico, não exatamente. Decididamente, abria e fechava pequeníssimos buracos de minhoca do seu tamanho para navegar no tempo, até aí não havia dúvidas, mas a sua magia era limitada e autoconcentrada. Era um poder singular. Perigoso.

Não dê nas vistas, aconselharam os professores. Nunca se sabe que tipo de pessoas tentam mexer com o tempo. Nunca do tipo bem-intencionado.

Diligentemente, Ezra guardou as suas aptidões em segredo, ou pelo menos tentou. Até que a Sociedade de Alexandria o encontrou.

Era uma proposta tentadora. (Era sempre tentador; o poder era-o sempre.) Contudo, para Ezra o particularmente interessante eram os outros, os seus colegas de iniciação. Ou os quatro que se *tornariam* os seus colegas de iniciação depois de um deles ser eliminado. Ezra era introvertido por

natureza – pobreza, um poder inexplicável e a morte prematura da mãe haviam-se combinado para o tornar relativamente retraído –, mas houve outro iniciado com quem ele encontrou imediatamente laços em comum.

Atlas Blakely era um ser errante e libertino com um cabelo natural descontrolado e um insuprimível sorriso rasgado. Um «naco bruto de Londres», como se denominou a si mesmo quando se conheceram. A sua gargalhada era tão ruidosa que costumava assustar os pombos. Era feroz e animado e tão acutilante que, por vezes, punha os outros pouco à vontade, mas Ezra simpatizou com ele imediatamente, e Atlas vice-versa. Partilhavam algo que deduziram gradualmente ser uma fome, embora inicialmente não fosse claro de quê. A teoria de Ezra era que eles haviam sido simplesmente talhados do mesmo pano indigente, os desprezados e indesejados de uma Terra moribunda. Os outros quatro candidatos eram instruídos, bem-nascidos e, por isso, criados com uma dose confortável de cinismo, um tipo de melancolia sofisticada. Ezra e Atlas, por seu lado, eram raios de sol. Eram estrelas que se recusavam a esmorecer.

Foi Atlas o primeiro a descortinar a cláusula mortal da iniciação da Sociedade, tendo lido sobre isso algures nos pensamentos de alguém, ou fosse o que fosse que ele fazia que, insistia Atlas, não era leitura de pensamentos.

– É positiva e absolutamente fodido – disse ele a Ezra sem rodeios quando os dois estavam deitados de costas sob a cúpula da sala pintada. – Espera-se que matemos uma pessoa? Obrigadinho, mas não.

– Mas os livros... – disse Ezra, vibrando silenciosamente. Ele e Atlas partilhavam uma afeição por substâncias inebriantes, drogas mortais, quando lhes conseguiam deitar as mãos. Tornavam mais fácil o acesso às portas no caso de Ezra, e Atlas cansava-se de ouvir o som dos pensamentos dos outros. Davam-lhe uma puta de uma enxaqueca, dizia ele.

– A porra dos livros – repetiu Ezra. – Uma biblioteca inteira. Todos aqueles livros.

Atlas, que entretanto já estava tão pedrado que os olhos eram pesadas rachas de conduta moralista, fez notar em tom cómico:

– Há mais para curtir do que livros, meu.

Contudo, na essência, Ezra discordava.

– Esta Sociedade tem muito que se lhe diga – disse ele. – Não são só os livros: são as perguntas, as respostas. Tudo é um nada mais do que nada. – (As drogas dificultavam-lhe a comunicação da sua teoria.) – O que precisamos é de entrar lá dentro, mas depois, de alguma forma, subir ao topo. O poder gera poder, e essa coisa toda.

Era evidente que Atlas não o compreendia, por isso prosseguiu.

– A maioria das pessoas não sabe passar fome – disse Ezra, passando então a descrever como tão poucas pessoas eram realmente capazes de compreender o tempo e a quantidade que dele havia, e quanto uma pessoa podia ganhar se se conseguisse aguentar só um pouco mais. Se soubesse passar fome durante o tempo suficiente para sobreviver quase com nada, se se alimentasse apenas pouco a pouco, no fim estaria entre os que perduram. O paciente irá herdar a Terra, ou algo do género. Matar era mau, claro, mas, pior do que isso, era desnecessário, ineficiente. Que fora alguma vez a existência de Ezra a não ser um acesso recorrente à própria natureza da vida?

Ezra pressentia a sua própria morte e sabia que seria uma morte infeliz. Não tinha nada que ver com magia, mas sim com um mau agouro. Já estava feito, ele nascera assim, rumava a um fim demorado e cruel. O que o preocupava era o que fazer entretanto. Além do mais, eles continuavam a querer os malditos livros, por isso gizaram ali um plano: Atlas ficaria à espera, Ezra desapareceria. Podiam fingir a morte dele, sugeriu Ezra, e assim, com uma pessoa fora da corrida, não haveria necessidade de nenhum dos dois matar fosse quem fosse. Em todo o caso, os outros iniciados não gostavam de Ezra. Era demasiado reservado, não confiavam nele. Também não compreendiam bem aquilo de que ele era capaz e, no fim, isso era claramente uma vantagem.

Assim, na noite em que os outros decidiram matá-lo, Ezra abriu outra porta. Nessa altura já conseguia deslocar-se mais do que três semanas – anos, até mesmo séculos, se o quisesse. Escolheu 2005, cinco anos depois da data do seu recrutamento, e encontrou Atlas no café onde haviam combinado encontrar-se antes de ele sair. Naquilo que foram apenas

algumas horas para Ezra, Atlas avançara para os vinte e oito anos e perdera o hábito das drogas, mas não a bravata. Enfiou-se na cadeira em frente de um Ezra de vinte e um anos e sorriu.

– Estou lá dentro – disse ele, deslizando por cima da mesa, na direção de Ezra, um dossiê de documentos falsos.

– Quer dizer então que acreditaram? – perguntou Ezra, abrindo o dossiê de rompante. A Sociedade sabia aquilo de que ele era capaz, mas ainda assim. Como podiam eles saber que ele não estava morto?

– Sim. – No interior do dossiê havia uma carta de condução do estado de Nova Iorque, um novo cartão da segurança social e, algo que parecia ser uma diversão de Atlas, um cartão de cliente parcialmente preenchido de uma casa de panquecas ali perto. Por momentos, Ezra pensou em perguntar a Atlas como conseguira arranjar documentação oficial em seu nome, mas, por outro lado, se valia a pena matar pela Sociedade, era por um bom motivo.

– Então, que fizeram eles com... tu sabes. Comigo?

– O mesmo que fazem a qualquer candidato eliminado. Apagaram-te – disse Atlas, encolhendo os ombros, e depois riu-se. – Imagina se o mundo soubesse que um punhado de académicos enclausurados andava a matar medeiros a cada dez anos? Não, companheiro, tu *desapareceste* bem desaparecido. Como se nunca tivesses existido.

Que conveniente.

– E mesmo sem o ritual...?

Atlas ergueu um copo.

– A Sociedade está morta. Longa vida à Sociedade.

Continuidade na perpetuidade. O tempo, como sempre, continuou a avançar.

– E agora, que fazemos? – perguntou Ezra, empolgado com os projetos futuros.

Foram parques nos seus encontros, um ano de cada vez, em que Ezra viajava sempre instantaneamente através de portas. Nenhum dos dois queria que Ezra envelhecesse desnecessariamente. Enquanto Atlas envelhecia, Ezra continuava nos vinte e um anos; para ele, o tempo passava

de maneira diferente, mas não deixava de passar. Estavam à espera dos seis, disse Atlas. Os seis *certos*, o conjunto perfeito, incluindo Ezra. Atlas, entretanto, teria de trabalhar para subir ao topo, para garantir que seria o próximo Curador dos arquivos (o deles era já bastante idoso, o que, tirando os casos de riqueza a perder de vista, constituía um excelente pré-requisito para a aposentação antecipada), e depois, quando Atlas o tivesse conseguido, poderia começar a selecionar os candidatos pessoalmente um a um. Escolheria a equipa perfeita de cinco – um para morrer, é claro, à escolha dos iniciados, embora mesmo esse pobre desgraçado fosse selecionado cuidadosa e atentamente – e depois Ezra, o sexto, assumiria o leme.

A equipa perfeita para quê?

– Para qualquer coisa. – disse Atlas. – Para tudo.

O que ele queria dizer era: *Vamos pegar nesta confusão sangrenta e todos os seus malditos livros e fazer algo que nunca ninguém fez antes.*

Passaram muito tempo a traçar planos imaginários: um físico que se conseguisse aproximar daquilo que Ezra conseguia fazer, mas mais em grande. Buracos de minhoca, buracos negros, viagens no espaço, viagens no tempo. Alguém que visse os *quanta*, os conseguisse manipular, compreendê-los, usá-los. (Seria sequer possível? Certamente seria, disse Atlas.) Alguém que os ajudasse a alimentar tudo aquilo, como uma bateria. Outro telepata para ser o braço-direito de Atlas, os seus olhos e ouvidos para que, por fim, pudesse repousar os seus. Que estavam eles a construir? Nenhum dos dois tinha inteiramente a certeza, mas sabiam que tinham os instintos, a coragem, a meticolosa determinação.

– Encontrei uma coisa – disse Atlas, mais cedo do que o previsto. Mesmo o que precisamos, um animador.

(Animador?)

– Confia em mim – disse Atlas, que estava a chegar a meio dos trinta e a começar a vestir fatos, escondendo as suas verdadeiras origens atrás de um sotaque elegante e roupas melhores. (Ezra, evidentemente, ainda tinha vinte e um anos. *Quem sabe* vinte e dois, mas quem é que conseguia

acompanhar, considerando a frequência com que dava saltos no tempo.) – Tenho um *feeling* em relação a este.

Foi por volta desta altura que a euforia inicial do plano começou a desvanecer-se, e Ezra começava a questionar a sua própria utilidade. O plano assentava sobretudo na intuição de Atlas, algo em que Ezra confiava, mas todas aquelas correrias a entrar e a sair do tempo e a encontrar-se com Atlas onde quer que por acaso estivesse no mundo não era propriamente a mesma coisa que *existir*. Ezra não estava a contribuir com nada, não fazia parte de nada, não verdadeiramente. Volta à NYUMA, sugeriu Atlas, vê o que consegues encontrar, agora tens só vinte um anos (ou perto disso) e ainda tens um ar jovem. Além do mais, disse Atlas com uma risada, és demasiado americano para te integrares discretamente noutra sítio qualquer.

E Ezra assim fez.

Infelizmente, para Ezra conseguir desencantar alguma coisa que valesse a pena, foi preciso desacelerar o tempo. Teria de experienciar novamente o tempo de uma forma linear, permanecendo num lugar cronológico e deixando-se envelhecer ao ritmo normal. Assentar as raízes desmotivantes de uma *persona* razoavelmente pouco ameaçadora. Ressentiu-se inicialmente, achando que tudo era ligeiramente mais aborrecido sem a única coisa que sempre sentira como natural, mas antes de poder abandonar os seus esforços e seguir em frente, o tédio da sua existência conduziu-o por acaso a uma posição de conselheiro interno para as residências de estudantes da NYUMA.

E foi então, inesperadamente, que ele encontrou uma coisa.

– Vais precisar dos dois – disse Ezra a Atlas depois de ver Libby Rhodes e Nico de Varona a enfrentarem-se na discussão do século. – Quando chegar a altura, tens mesmo de os escolher aos dois.

– Mas eles têm a mesma especialidade – observou Atlas, com um ar de dúvida. O cabelo começara a ficar grisalho nas têmporas alguns anos antes, por isso entretanto optara por o rapar. – Não queres ser iniciado? A ideia foi sempre seres tu o sexto.

Ezra parou para refletir. Fora sempre sua intenção um dia ser iniciado, mas a formalidade parecia-lhe pouco importante. Através de Atlas, tinha acesso, oportunidade, visão. E aquilo que poderiam alcançar com um só medeico parecia empalidecer em comparação com o que podia ser alcançado com dois.

– Vais ter de ter os dois – repetiu Ezra, acrescentando: – Nem acho concebível que consigas trazer um sem o outro. – Ele compreendia o bastante a dinâmica da sua rivalidade para ter a certeza disso. (Não que fosse uma dinâmica de difícil compreensão.)

Atlas ponderou o assunto, analisando a ideia de todos os ângulos possíveis.

– Eles são... físicos, foi isso que disseste?

– São mutantes – disse Ezra. (Um grande elogio, na sua opinião.) – Mutantes absolutos.

– Bem, mantém-nos debaixo de olho – disse Atlas pensativamente. – Agora estou a trabalhar noutra coisa.

Era fácil. Assumir o papel pouco destacado de um estudante dois anos mais velho (apesar de ter nascido mais de vinte anos antes deles) significava que Libby, em particular, intrigava Ezra. Para sua surpresa: ele desejava-a. Ou uma vida. Ou nem que fosse um pedacinho muito pequeno de uma vida, o que era, em última análise, tudo a mesma coisa. Mas não era uma história interessante, tendo em conta como acabaria por fim.

Quanto a Nico, ele e Ezra nunca se entenderam muito bem. Ezra já sabia que estava a ceder o seu lugar a Nico, ou outro qualquer que Atlas encontrasse para servir as funções necessárias dentro do grupo de seis. (Um naturalista, disse Atlas. Para que precisavam de plantas?, escarneceu Ezra, para receber de volta *Esquece lá as plantas, tenho um feeling, vais ver.*) Pelo menos Nico tornaria as coisas mais fáceis, tornando impossível que Libby recusasse a oferta.

Foi o ano antes da iniciação que abriu por fim os olhos de Ezra à possibilidade de que se calhar não andava a passar fome, mas sim a fazer jejum. Agora que Libby e Nico se tinham ido embora, Ezra fora deixado a representar a sua mundanidade cultivada diante de uma fileira de cadeiras

vazias. Sem Libby, sentia-se sem função e solitário, cansado e reclusivo e entediado. E subestimara o desconforto de já não fazer parte do plano de Atlas.

– Disparate, é claro que és útil – disse Atlas. – Mais útil do que pensas.

– Como? – perguntou Ezra, irritado. O tédio aguilhoava, fazia comichão algures, intangivelmente, como uma cãibra na barriga da perna. – Tens todas as especialidades de que precisas.

– Sim, mas desconfio que estava errado quanto à Parisa – disse Atlas. Ezra franziu o sobrolho. – Não é tão boa como pensaste?

– Não é isso, no que toca às aptidões dela, é precisamente o que eu esperava. – Pausa. – Mas desconfio que vai ser um problema.

– Que tipo de problema? – Ezra não tinha ideia de que Atlas tivesse problema algum. Tanto quanto Ezra sabia, tudo estava a correr às mil maravilhas sem ele. Daí o tédio.

– Um problema. – Atlas bebericou o chá. – Pelo menos consigo convencê-la a levar os outros a matar o Callum.

– Qual deles é, o empático?

– Sim. – Fora sempre esse o destinado a morrer; afinal de contas, mesmo o grupo perfeito de candidatos teria de perder um elemento. Aos olhos de Atlas, e Ezra concordava, Callum era o equivalente a um código nuclear e livrar o mundo dele era um favor para a humanidade. – Então podemos lidar com a Parisa.

– Oh, sim, evidentemente, basta *lidar* com ela, problema resolvido, tudo bem feitinho e arranjado – devaneou Ezra, à espera de uma risada que nunca aconteceu.

Preocupante. Muito preocupante.

– Quando dizes lidar... – começou Ezra.

– Estou a brincar – tranquilizou-o Atlas passado um lapso de tempo. – É só uma brincadeira.

– Certo – disse Ezra, aliviado. – Certo, é claro...

– É claro. – Atlas parou para beber um trago.

Ezra baixou os olhos para a sua chávena com um ar severo.

– Portanto, só para estar tudo claro...

– Sabias que quase foste outra vez candidato nesta série? – informou Atlas de passagem. Ezra, que ainda estava a processar o hilariante sentido de humor de Atlas, levantou os olhos com surpresa. – Em tempos cheguei a pensar que teria de ser eu a levar-te novamente lá para dentro às escondidas, considerando tudo... – Considerando o recrutamento anterior de Ezra, queria Atlas dizer, ou talvez menos lisonjeiramente, considerando que Ezra não fora de qualquer modo nada de especial. – ... mas é aí que se vê como o conselho não se preocupa realmente com nada mais além dos arquivos. Viram os teus pequenos feitos de magia e pensaram, bom, que interessante, que bom que ninguém o viu nem ouviu falar dele antes... –

Atlas bebeu um gole, encolhendo os ombros. – E depois puseram-te na lista. Tem piada, não tem? Como para eles não somos pessoas – Atlas observou para si mesmo. – Só fontes de energia.

Atlas bebericou novamente o chá, e Ezra franziu o sobrolho, o incómodo de uma vaga oposição atravessando-se-lhe no goto.

– Dissuadiste-os, imagino eu?

– É claro – respondeu Atlas.

– Porque preferias recrutar um dos outros?

Atlas pousou lentamente a chávena.

– Sim – disse ele. – Como combinámos. Certo?

– Correto – concordou Ezra, baixando os olhos.

A sua chávena de café estava agora fria.

– Soas desconfiado – observou Atlas passados momentos.

– É claro que não. – Desconfiança não era exatamente o que Ezra sentia.

– É só que não referiste a possibilidade de eu ser recrutado pela Sociedade.

– Deteve-se. – Ou de ser re-recrutado, suponho eu.

Atlas voltou ao chá, rodopiando-o em jeito de teste.

– Passou-me. – De todas as explicações possíveis, aquela era uma desculpa tão débil que raiava o insulto.

– *Passou-te?* – repetiu Ezra, com um tom no limiar do desdém. Uma tensão sem precedentes disparou no espaço entre os dois, ou talvez apenas dentro do peito de Ezra. – O tipo *mágico* com quem fazes *magia*, foi a *ti* que isso passou?

– Teria sido relevante? Tu não podias aceitar. – Atlas bebeu um trago, desconfortado. – E eu fiquei com a impressão de que não o querias.

– Não quero, evidentemente. – Como se atrevia ele? Quando antes aquela opção nem sequer havia estado em cima da mesa. – Mas, ainda assim, eu...

– A Libby Rhodes teria sabido que tu lhe mentiste – referiu Atlas e, à menção deliberada do nome de Libby, Ezra, resolutamente, não estremeceu. – Algo que também presumi que não querias que acontecesse, certo? O que nos leva de volta à Parisa Kamali, parece-me.

– E porquê? – disparou Ezra com repentina irritação.

– Porque a Libby Rhodes é um elemento que vocês os dois têm em comum – observou Atlas para dentro da chávena.

Tendo em conta que Atlas estava plenamente ciente de que nem tudo entre Libby e Ezra assentava em falsidades, era nitidamente uma observação que pretendia picar. Mas admiti-lo não ajudaria, por isso Ezra revirou os olhos.

– A Libby não sabe nada sobre mim. Um bocadinho hipócrita, não achas, se eu usasse essa indiscrição contra ela?

– Não disse que devias.

Aquela conversa andava em círculos.

– É esse então o teu problema com a telepata? Tu escolheste-a.

Colocou amargamente a ênfase no *tu*, não em *escolheste*.

– Sim – disse Atlas – e ela é tão boa quanto eu esperava. Mas muito mais perigosa do que eu pensava.

Começava a emergir um padrão, pensou Ezra inquieto.

– Não me digas que não achas que consegues lidar com ela.

A chávena de Atlas parou a caminho dos lábios.

– Poderia fazê-lo – concordou.

Poderia. Não posso.

– Mas não o vais fazer – adivinhou Ezra. – E isso porquê – acrescentou com firmeza –, porque eu o faço por ti?

– Eu nunca poderia eliminar um dos meus iniciados. Sabes isso perfeitamente. – Atlas encolheu os ombros. – Mas sabes também que não

podemos ter ninguém envolvido nisto que mine ativamente o nosso plano.

Agora já era o plano *deles*, é isso?

– Eu nunca tive plano nenhum que implicasse matar desnecessariamente alguém – disparou Ezra.

– Eu não disse que era essa a situação – respondeu Atlas placidamente – e mesmo que fosse...

– Oh, sim, que dispare o meu – resmungou Ezra –, estavas só a *brincar*...

– ... talvez não estejas a compreender bem o que é necessário – concluiu Atlas, pondo a chávena de lado.

Havia algo na estranheza daquele movimento – Atlas nunca apreciara chá, preferindo o êxtase extremo por intoxicação – que levou Ezra a interrogar-se se conheceria verdadeiramente Atlas Blakely. Sem dúvida que o conhecera em dado momento, mas eles haviam passado juntos, quê, um ano? Passaram entretanto mais de duas décadas, e Ezra tinha-as perdido. O que poderá ter acontecido à mente de Atlas – às suas convicções, à sua alma? Que lhe tinha feito a iniciação na Sociedade?

Por isso, Ezra decidiu fazer uma coisa que nunca se tinha dado ao trabalho de fazer antes. Abriu uma porta para o futuro distante – o ponto mais longínquo no tempo que ele conseguia alcançar.

Não foi tão empolgante como soava porque o futuro, enquanto não fosse vivido, podia sempre ser alterado. Certo, havia alguns acontecimentos inalteráveis (a mãe de Ezra, por exemplo), mas, regra geral, Ezra aprendera a encarar as suas portas distantes como uma leitura astrológica pseudofiável: é provável que aconteça, mas não há garantias. Desde que não permanecesse dentro dos futuros em que entrava, não estava vinculado às consequências daquilo que visse. A sua presença, se não perturbasse nada, era tão pouco relevante como o movimento de um só grão de areia.

Mas o que descobriu desconcertou-o intensamente. Porque o que Ezra viu – a conclusão do seu plano e de Atlas Blakely – era bíblico. Por entre a sua lasca de um portal, Ezra vislumbrou pestilência e conquista; o zumbido de uma violência velha e estafada. O céu era grená de cinzas e fumo, o mau presságio de um cataclismo familiar e injetado de sangue.

Como os olhos desfocados de um pistoleiro através de veneráveis portas, deixando Ezra como única testemunha, uma vez mais, da porra do fim do mundo.

– Vamos fazer um mundo novo – dissera Atlas em tempos. Não havia muito tempo, na memória de Ezra. Vinte anos na de Atlas Blakely e, por isso, há tempo suficiente para que acreditasse que Ezra poderia ter esquecido o que ele disse. – Este é muito merdoso, meu, está completamente perdido e doido varrido. Já não há arranjo possível, chega de consertar peças defeituosas. Quando um ecossistema falha, a natureza faz outro novo. A natureza ou quem quer que esteja no comando. É assim que a espécie sobrevive.

Rodara a cabeça, prendendo os olhos de Ezra com o seu olhar sombrio.

– Que se lixe. Vamos ser deuses – disse Atlas.

Na altura, Ezra atribuíra aquilo às drogas.

Depois viu Tristan Caine dentro de uma das suas portas, a atravessar o próprio tempo nas guardas que Ezra ajudara a instalar, e compreendeu pela primeira vez que Atlas Blakely já reunira a equipa perfeita sem ele. Atlas quisera criar um mundo novo, o que quer que isso quisesse dizer, e, agora, Ezra suspeitava de que poderia fazê-lo.

– Que consegue fazer o Tristan? – perguntou Ezra casualmente no encontro seguinte. – Nunca me chegaste a dizer.

Ele pensara, quando o conheceu, que Tristan era apenas mais um viajante. Contudo, cada vez mais, Ezra suspeitava de que não era assim.

– Não te disse? – disse Atlas, levando a chávena aos lábios.

Ezra, que já estava irritado, deu um piparote na chávena, fazendo-lha saltar das mãos.

– Está a faltar só uma peça, Atlas. – Alguém que conseguisse manipular os *quanta*: para usar a matéria negra, para dar sentido ao vazio. Isso e ter a perspectiva dos olhos de Deus, a objetividade para orientar os outros. Para proporcionar a clareza que andava a faltar à sua investigação.

Mas um poder assim não era possível e, mesmo que fosse, um medeico com um tal alcance de talento teria de ser desregrado, sem limites. Não seria a pessoa que Ezra conhecera.

– Mesmo que tenhas a peça de que estás à procura, não é suficiente – prosseguiu Ezra. Presumindo que Atlas falara a sério, criar uma explosão para trazer um novo universo à existência era absurdo. Exigia uma espontaneidade cósmica, não um controlo mortal. – Não consegues forçar um *big bang* – disse Ezra, soando delirante, até aos seus ouvidos – e mesmo que *conseguisses*, de algum modo, então em que escala? *Este* mundo demorou biliões de anos a formar-se, e presumo que isso é coisa que não tenhas. Qualquer coisa que cries teria de ser...

Perfeito. Imperfeito, mas nas condições perfeitas. Impossível, por isso.

Mas seria?

Os pensamentos de Ezra entraram em curto-circuito e, no silêncio, um terror febril tomou conta dele. Qual *era* o plano de Atlas? Durante aquele tempo todo, ele pensara que era uma forma de compensação, quase como pregar uma partida às elites académicas. Tomar conta da Sociedade, ah ah ah. A ideia de que alcançariam realmente algum tipo de onipotência divina nunca estivera propriamente em cima da mesa.

Mas se calhar era isto mesmo, então: Atlas era brilhante. Ou lunático. Talvez fosse desequilibrado (sim) ou um génio (sim). Talvez sempre tivesse sido assim. Se calhar não se tratava do que Atlas era capaz de fazer, mas do que ele era capaz de perspetivar para o futuro. As peças que ele sabia usar. Os jogos que sabia jogar.

Que aceitara Ezra no dia em que apertou a mão de Atlas?

– Estás-te a acobardar, velho amigo? – murmurou Atlas, concedendo a Ezra um sorriso fino. – Imagino que te possas sentir menos dedicado aos nossos objetivos do que estiveste em tempos. Talvez – disse ele, num inglês tão falsamente aristocrático que podia até ter fodido a rainha – porque não fizeste sacrifícios para aqui chegar.

– Eu? *Atlas*. – Ezra explodiu. – Isto fez sempre parte do plano...

– Sim – concordou Atlas –, mas enquanto eu passei o último quarto de século a envelhecer, tu não deixaste de ser uma criança, pois não, Ezra? Nós apagámos-te, refizemos-te, a ponto de não ter restado nenhum vestígio de ti. Tu – disse ele em tom acusador, ou quem sabe desapontamento – não consegues ver como as regras do jogo mudaram.

– Eu sou uma *criança*? – repetiu Ezra, espantado. – Esqueces-te de que fiz o trabalho sujo por ti?

– Tenho ideia de que te agradeci por isso vezes sem conta – lembrou Atlas. – E eu ofereci-te um lugar à mesa, não foi? Muitas vezes, aliás.

A inadequação da sua resposta picou como uma agulha, e Ezra fitou-o.

– Começámos isto tudo por termos concordado que a Sociedade era totalmente fodida – disse Ezra sem expressão.

– Sim – concordou Atlas.

– E agora?

– Continua totalmente fodida, para usar as tuas palavras – disse Atlas. – Mas, desta vez, eu posso corrigir isso. Nós – retificou ele. – Nós podemos corrigir isso, se estiveres disposto a ver as coisas como eu as vejo.

Quando um ecossistema falha, a natureza faz outro novo. É assim que a espécie sobrevive.

O silêncio entre eles esvaziou-se e encheu-se novamente com uma nova e palpável onda de dúvida.

Que aconteceria a este mundo quando Atlas tivesse acabado de tratar dele? Mas aí Ezra soube. Já o vira.

Incêndios, inundações. Pestilência, violência.

– Pergunta-me – disse Atlas placidamente.

Por um instante, Ezra quase o fez.

Queres mesmo levar isto avante?

És assim tão arrogante, tão inteiramente insolente, a ponto de acreditares que tens esse direito?

Parte de Ezra tinha a certeza de que não era possível ter-se enganado tanto. Que nem mesmo Atlas Blakely seria louco a ponto de vergar a impossibilidade à sua vontade. Talvez as consequências que Ezra vira tivessem sido acidentais, imerecidas; se calhar nem tinham relação nenhuma. Ezra imaginou-se a perguntar *Destruirias mesmo tudo só para criar algo novo? Só para ter a certeza*, e Atlas diria *Não, não, é claro que não*. Um pequeno sorriso afetado, um abanar da cabeça: *Ezra, por favor. Sabes bem que a destruição maciça não é o meu estilo*. Rir-se-iam ambos da ideia, provavelmente.

Mas então Ezra lembrou-se da facilidade com que Atlas sugerira que podiam simplesmente livrar-se de Callum Nova; *lidar* com Parisa Kamali. Necessário, dissera ele.

Que aconteceria então quando Ezra deixasse de ser necessário? Essa era a única pergunta que valia a pena fazer e, nesse momento, tornou-se evidente que ambos já sabiam.

– Os arquivos nunca te dariam o que queres – disse Ezra por fim. – Não podes esconder as tuas intenções da própria biblioteca.

Silêncio.

– Estás a usar outra pessoa para o fazer?

– Ou estás dentro, Ezra, ou estás fora – disse-lhe Atlas numa voz grave. Fitaram-se mutuamente.

Algures, o tiquetaque de um relógio.

E então Ezra sorriu.

– É claro que estou dentro – disse ele. – Eu estive sempre dentro. – E era verdade.

Até àquele momento.

– Então, é simples, não é? Vais ver aquilo de que eles são realmente capazes – disse Atlas. – Não te privaria de nada disso.

Ezra tinha bom senso suficiente para não o questionar, mesmo dentro da sua própria cabeça.

– Ótimo – disse ele. – Ótimo, faz a Parisa matar o Callum e eu lido com o resto.

– A Libby Rhodes suspeita de alguma coisa? – perguntou Atlas.

Não. Não, Ezra garantiria que não.

– Vou manter a Libby por perto – disse ele, confundindo aquilo com a ideia de que poderia fazer alguma coisa.

Mas, na verdade, sabia que não podia. Quanto mais Ezra a pressionasse, a adulasse, tentasse veneradamente convencê-la da sua dedicação, da forma que, presumia ele, ela desejava ser amada – quanto mais nutrisse a esperança de se manter na esfera de confiança de Atlas, mantendo a de Libby –, mais ela se afastava dele, cada vez mais distante sempre que falavam. Ezra quisera uma espécie de aliança, antevendo que Libby

confiaria nele o suficiente para lhe dar informações sobre os planos de Atlas, apesar de as regras da Sociedade o impedirem. Agarrou-se aos seus anos de companheirismo, na sua confiança unilateral, que tantas vezes lhe parecia real, apesar de saber que era uma miragem criada por ele. Ele apostou numa espionagem à distância, na esperança de poder confiar na única pessoa cuja moralidade pressupusera sempre que persistiria, mesmo que o mesmo não acontecesse com a sua relação. Mas Libby repelira-o, inutilmente desconfiada, zangada sem propósito nenhum.

– Não sou tua – disse ela e traçou uma linha divisória entre eles, fechando a porta ao seu acesso à vida dela.

Por isso, agora, sem Libby, ou nem mesmo a promessa dela, Ezra não tinha outra opção do que fazer algo drástico. Se queria garantir que os planos de Atlas Blakely nunca se concretizariam, teria de tomar ele em mãos a neutralização da Sociedade.

Primeiro precisava de uma forma de tirar uma das peças de Atlas do tabuleiro. Entrar lá dentro seria a parte mais fácil. Havia vinte anos, Ezra criara secretamente um mecanismo de segurança nas guardas, exatamente do seu tamanho e forma, algo que nenhum grupo de iniciados posterior conseguiria impedir. Ele conseguia facilmente enfiar-se por ali, deixando-se cair pela única dimensão que mais ninguém conseguia ver; mas o que fazer logo que lá chegasse, isso era outra questão; uma questão inquietante.

Ezra sabia, em certa medida, quais dos seis eram mais importantes para Atlas e os que não tinham importância. Libby, Nico e Reina pertenciam ao mesmo triunvirato de poder, pelo que Atlas precisaria dos três. Tristan... havia algo em Tristan que Atlas não lhe estava a dizer, o que fazia possivelmente de Tristan a cavilha de segurança do plano de Atlas.

Independentemente do candidato que Ezra escolhesse, Atlas teria de acreditar que estava morto. Eliminado.

Uma ilusão?

Não, algo melhor. Algo convincente. Algo *dispendioso*.

– Conheço uma pessoa que te pode ajudar – recebeu Ezra de resposta quando enviou batedores para todo o lado, pronto a agarrar tudo o que pudesse encontrar em círculos menos cumpridores da lei. Uma sereia,

disseram eles, embora aquela palavra trouxesse consigo um travo depreciativo. – Vai custar-te bastante, mas se conseguires pagar...

– Consigo pagar – disse Ezra.

Foi uma pessoa que era conhecida apenas como Príncipe que, através da sereia, deu a Ezra a animação. Era repugnante e sem rosto, inexpressiva e flácida. Era apenas um diorama genérico e banal de um cadáver que conhecera um fim violento.

– Vais ter de pôr um rosto na animação – disse a sereia, a voz estridente e aguda, como vidros a partirem-se. O som daquela voz desencadeou alguma coisa no ouvido interno de Ezra, deixando-o temporariamente em esforço para manter o equilíbrio. – Terá de replicar alguém que conheces suficientemente bem para concluir a animação. Alguém cuja expressão e movimento conheças com intimidade suficiente para seres capaz de os reproduzir.

Aquilo, percebeu Ezra com um retraimento momentâneo, restringia consideravelmente as suas opções. Mas, já que ia roubar um dos campeões de Atlas, podia muito bem levar aquele que, tinha a certeza absoluta, Atlas não poderia dispensar. Ela e Nico eram a chave e a fechadura, e Ezra, uma pessoa que traficava de porta em porta, sabia que um não valia nada sem o outro.

Libby intuía a sua presença antes de o ver. Tinha uma audição aguda e havia sempre algo que a alertava para a presença dele. Quase uma espécie de ecolocalização. Ela detetara a sua entrada na casa, sentira a perturbação no tempo que ele causara. Por um momento, ao ver os olhos dela a mudar, Ezra sentiu uma pontada de remorso.

Mas só por um momento.

Levá-la com ele foi um esforço, um esforço que só foi possível no limite, considerando as limitações da sua capacidade de deslocação. Fora prático ela ser tão pequena e ter sido apanhada assim desprevenida. O único som que se ouviu quando passaram pela porta foi o grito dela, que ecoou do sítio de onde saíram até chegarem ao destino pensado por ele, terminando então com uma centelha, como o clarão de um fósforo.

Libby rodou para se soltar dele e fulminou-o com os olhos. E nesse momento Ezra percebeu, para seu grande espanto, que sentira *falta dela*.

– Ezra, mas que *raio*...

– Isto não é o que pensas – disse ele muito depressa, porque de facto não era. Se ele pudesse ter levado um dos outros, tê-lo-ia feito. Aquilo não tinha que ver com ela.

– Então diz-me lá o que devo pensar!

Ele resumiu-lhe os factos básicos: Atlas Blakely era mau, a Sociedade era má, tudo era basicamente mau, Libby saiu para seu próprio bem.

Ela reagiu mal.

– O meu *próprio bem*? Eu disse-te para não decidires nada por mim quando estávamos juntos – rosnou-lhe na cara dele. – E é evidente que não tens o direito de decidir agora!

Por mais atrativo que fosse passar o tempo que tinha com mais uma discussão com a sua ex-namorada, Ezra não tinha naquele momento muita paciência para conversas íntimas.

– Olha, há muitas coisas na nossa relação que eu gostaria de alterar – garantiu-lhe ele. – Muito especialmente a forma como começou. Mas como está visto que não posso...

– Foi tudo mentira. – Libby levou uma mão à boca. – Meu Deus, eu acreditei em ti, eu *defendi-te*...

– Não foi mentira. Só não foi... – Ezra deteve-se, pigarreando. – Totalmente verdade.

Ela ficou a olhar para ele, atónita. Em defesa dela, reconheceu Ezra, era mesmo uma resposta péssima. Tirando o facto de ter promovido a animosidade dela para com Nico, Ezra não melhorara na arte de lhe dizer as coisas que ela queria ouvir – mas, em defesa *dele*, a verdade é que logo de início nunca soubera quais as coisas certas que devia dizer.

Gradualmente, Libby encontrou de novo a sua voz.

– Mas tu... – Pausa. – Tu sabes tudo sobre mim. *Tudo*.

Ele tivera a esperança de que não fosse preciso chegar àquilo.

– Sim.

– Sabes dos meus medos, dos meus sonhos, dos meus arrependimentos.
– O rosto dela empalideceu. – Da minha irmã.

– Sim. – Não se podia propriamente dizer que ela não soubesse coisas sobre ele também.

– Ezra, eu *confiei* em ti – rosnou Libby.

– Libby...

– Para mim foi verdadeiro!

– Também foi verdadeiro para mim.

A maior parte.

Uma parte.

Mais do que sentia ser sensato confessar.

– Jesus, Ezra, alguma vez eu sequer...?

Ele observou como Libby se impedia de perguntar se alguma vez tivera importância para ele, o que foi uma ideia brilhante no que a ele dizia respeito. Mesmo que ela ficasse satisfeita com a resposta (não teria ficado), ser levada a questionar tudo só causaria danos irreparáveis. Libby Rhodes, independentemente das insuficiências com que possa ter lutado intrinsecamente, conhecia os seus limites e encarava-os com um afeto abjeto, como nódoas negras recém-infligidas.

– Então porque é que me *raptaste*? – exigiu ela saber, meio a gaguejar.

– Por causa do Atlas – suspirou Ezra. Esta era mais uma discussão circular. – Eu disse-te. Isto não tem que ver contigo.

– Mas então... – Mais uma pausa. – Para onde me trouxeste?

A ideia estava agora a começar a assentar, suspeitou ele. A sensação de estar cativa. O choque inicial de ter sido levada estava a começar a dissipar-se e em breve ela começaria a ponderar a plausibilidade de uma fuga.

– Não é – começou Ezra – inteiramente uma questão de saber *onde*.

Ele calou-se antes de continuar a explicar. Ela era demasiado inteligente, afinal de contas, e sem dúvida demasiado poderosa para não encontrar uma saída, a menos que não deixasse de ser um labirinto, parte de um *dédalo* que ela não conseguia ver. Geralmente, as pessoas só sabiam olhar para o mundo de uma maneira: em três dimensões. Para eles, o tempo era

exclusivamente linear, movia-se numa única direção, sem nunca ser perturbado nem travado.

Imaginemos que procuramos uma pessoa e sabemos apenas que está algures no planeta Terra. Agora imaginemos que procuramos uma pessoa sabendo apenas que está no planeta Terra durante um tempo que, por sua vez, é dotado de canalização interna. Em suma, ninguém a encontraria. Idealmente, Libby Rhodes teria dificuldade para se encontrar a si mesma.

– Não me podes prender aqui – disse ela. O tom era inexpressivo, sem *nuances*, letal. – Tu não compreendes o que sou. Nunca compreendeste.

– Eu sei exatamente o que és, Libby. Sei-o há algum tempo. O empático já morreu?

Ela pasmou, de boca aberta.

– Isso é um sim? – insistiu Ezra.

– Eu não... Como...? – Ela piscava os olhos muito depressa. – Tu sabes do Callum?

Ele firmou a mandíbula, pressupondo que era uma pergunta retórica. Era evidente que já deixara bem clara a sua resposta.

– Sim ou não, Libby.

– Não sei – disparou ela, agitada. – Sim, provavelmente...

Agora já estava atrasado, embora a pontualidade nunca fosse coisa que o preocupasse muito. Chegava muitas vezes atrasado, considerando que o tempo era uma medida muito arbitrária do movimento. Mesmo na sua juventude, que foi simultaneamente uma enormidade e uma mera fatia de poucas coisas, Ezra nunca se sentira incumbido da ideia de chegar aos sítios em determinada hora. A mãe desperdiçara incontáveis horas a arengar à volta disso, inclusivamente no seu último dia de vida.

Embora talvez tenha sido isso que o atraiu para Atlas, no final de contas. Ezra sabia passar fome e Atlas sabia esperar.

– Eu volto – disse Ezra a Libby. – Não vás a lado nenhum. – Não que pudesse, mesmo que tentasse. Ele instalou as guardas especificamente para ela, tornou-as moleculares, solúveis, à base de água. Ela teria de alterar o estado do ambiente onde estava para as quebrar; alterar os elementos, em

si, individualmente, esgotando cada vez mais as suas energias em cada passo do processo. Um passo em frente, dois para trás.

Chaves e fechaduras.

– Vais manter-me aqui? – Ela soava entorpecidamente incrédula, mas isso iria mudar. O entorpecimento acabaria por passar e seguir-se-ia certamente a dor.

Ele lamentou-se.

– É para te proteger – recordou.

– Do Atlas?

– Sim, do Atlas – disse ele, sentindo um ímpeto de urgência. Estava a ficar sem tempo, mas, na verdade, não era esse o problema; era o que o esperava caso ficasse ali.

– Eu quero que tu – disse ele com franqueza – fiques viva.

Mais cedo ou mais tarde, Libby acabaria por absorver a verdade e, quando isso acontecesse, o melhor era tirar quaisquer objetos inflamáveis do espaço em volta, como por exemplo os membros e a roupa de Ezra.

– Para que é que – cuspiu Libby – o *Atlas Blakely* precisa de mim? – Sim, ali estava. A fúria estava a assentar.

– O melhor é teres a esperança de nunca vir a saber – disse Ezra e depois saiu para o seu encontro, passando por mais uma porta criada por si, o som dos seus passos cautelosos a ecoar do pavimento no momento em que embatiam no mármore que lhe era familiar.

Já sabia o que haveria no quarto quando lá entrasse.

À semelhança de Atlas, Ezra escolhera cuidadosamente os seus ocupantes, usando os contactos que angariara sob a meticolosa cobertura do seu rosto banal, o seu nome erradicado. Todos eles *queriam* ser encontrados – haviam mordido facilmente o isco do preço – e por isso os principais líderes de todos os inimigos que a Sociedade alguma vez tivera não teriam hesitado em responder à convocatória de Ezra. Haviam sido seduzidos pela promessa de um só prémio: a própria Sociedade, a que ninguém, exceto Ezra, alguma vez virara as costas.

Desde que a animação funcionasse, Ezra duvidava de que Atlas suspeitasse dele. Mas, mesmo que isso acontecesse, fora Atlas a tornar Ezra

invisível e, por isso, impossível de encontrar.

– Meus amigos – disse Ezra, entrando a passos largos para falar aos presentes sem mais rodeios. – Bem-vindos.

Se estavam surpreendidos por descobrir que ele era tão jovem, ocultaram-no bem. Não teriam sabido, afinal de contas, como interpretar as convocatórias que receberam, cada uma com segredos da sua juventude como uma forma de pressão irreconciliável. (Apenas quem existe em três dimensões alguma vez acredita que a história é sagrada.)

– Os seis seres humanos mais perigosos do mundo – disse Ezra aos presentes – estão, como todos sabem, ao cuidado do Atlas Blakely. Um foi neutralizado, o que nos deve permitir ganhar algum tempo, e outro foi eliminado pela própria Sociedade. Mas diante dos outros quatro espera-nos a extinção ou a sobrevivência. São os eleitos de uma Sociedade despótica para a qual somos pouco mais do que meros peões. Temos um ano até emergirem de novo da sua proteção.

Os presentes na sala trocaram olhares. Eram seis, o que Ezra achou que era uma belíssima ironia. A sincronicidade era tão nítida que até Atlas o teria apreciado se soubesse.

– Que queres que façamos com eles? – perguntou Nothazai, o primeiro a falar.

Ezra sorriu do mesmo modo que Atlas teria encolhido os ombros.

– Que outra coisa pode ser? O nosso mundo está a morrer – disse ele e sentou-se, pronto para começar a trabalhar. – Cabe-nos a nós curá-lo.

• FIM •

Eis que cinco se mantinham de pé, onde antes havia seis.

– Não o faço – disse Nico de Varona, quebrando o silêncio. – Não sem me serem dadas algumas garantias.

Parisa Kamali foi a primeira a responder.

– Garantias de quê?

– Quero a Rhodes de volta. E quero a vossa palavra de que me vão ajudar a encontrá-la. – A expressão de Nico era determinada e severa, a voz firme e inabalável. – Recuso-me a fazer parte desta Sociedade, a menos que saiba que tenho o vosso apoio.

Dalton optou por não contribuir com observações do tipo *não há como recusar*, porque não parecia relevante.

Ao invés, permaneceu calado, à espera do que viria.

– Estou com o Nico. – Era Reina Mori.

– Eu também. – A voz de Callum Nova era confiantemente suave. Tinha provavelmente a inteligência para saber que, para ele, apenas uma resposta seria suficiente. Por enquanto.

– E tu? – perguntou Nico a Tristan Caine, que não tirou os olhos das mãos.

– É claro. – A voz era fina de desdém. – É claro que sim.

– E assim só faltas tu – observou Reina, voltando-se para Parisa, que lançou um irritado olhar de esguelha.

– Seria eu estúpida a ponto de recusar?

– Não faças isso – atalhou Nico antes que qualquer outro pudesse responder. – Isto não é um combate. Não é uma ameaça. Ou estás comigo ou não estás.

Ou eles estavam com Nico ou Nico não estava com eles, interpretou Dalton em silêncio. Mas era mesmo este o objetivo do vínculo, não era? Não haviam padecido aquele ano em vão.

– Muito bem – disse Parisa. – Se for possível encontrar a Rhodes...

– Será encontrada – disse Nico bruscamente. – É essa a ideia.

– Certo, pronto.

Parisa passou os olhos por toda a sala, pelos cinco candidatos presentes, a par da ausência que ninguém podia ignorar. Desafiara-os a opor-se a ela, mas quando, como era previsível, não o fizeram, ela disse:

– Tens a nossa palavra, Varona.

E, por isso, onde antes havia seis, havia agora, irreversivelmente, um.

Quando um ecossistema morre, a natureza faz outro novo. Regras simples, um conceito simples, do qual a própria Sociedade fazia prova. Existia a partir das cinzas dos seus eus anteriores, em cima das ossadas de coisas abandonadas ou destruídas. Era um segredo enterrado dentro de um labirinto, oculto dentro de um labirinto.

A Sociedade foi sendo construída sobre si mesma, subindo cada vez mais alto. Ergueu-se como Babel, estendendo-se em direção ao céu. Invenção, progresso, a acumulação de tudo não tinha outra opção senão continuar; algo que se pusesse em movimento não pararia simplesmente por vontade própria. O problema do conhecimento, a idiossincrasia da dependência específica que causava, era o facto de não ser idêntico a outros tipos de vício. Uma pessoa que tomasse o gosto à onisciência nunca se satisfaria com o conteúdo de uma realidade simples sem ela; a vida e a morte aceites noutra tempo deixariam de pesar, e mesmo as habituais tentações de excesso não trariam satisfação. As vidas que poderiam ter tido só lhes pareceriam desajustadas, remendadas. Um dia, quem sabe muito em breve, poderão ser capazes de criar mundos inteiros; não apenas estender a mão na direção dos deuses, mas *tornar-se* semelhantes a deuses.

Dalton Ellery postou-se diante dos cinco iniciados da Sociedade de Alexandria e observou-os a proferirem os seus votos, a desposarem a inevitabilidade da mudança e da alteração inseparável. Daí em diante, tudo

se tornaria ainda mais difícil. As barreiras da impossibilidade soçobriariam; os limites do mundo exterior deixariam de existir e os únicos muros que limitariam estes cinco seriam os que erguessem para si mesmos. O que ainda não haviam percebido, pensou Dalton em silêncio, era a segurança de uma gaiola, a proteção do constrangimento. Se lhe derem uma tarefa, até um rato de laboratório consegue encontrar uma fruição; numa moralidade prescrita, contentamento; na concretização de um apelo, a origem de uma causa. Ter poder sem um propósito era a verdadeira armadilha, a verdadeira paralisia. A liberdade de escolhas infinitas não estava destinada a mentes humanas.

Por momentos, ocorreu a Dalton, como uma ideia em germinação de algo vagamente recordado, que talvez devesse dizer algo dentro desta linha de raciocínio. Que talvez devesse avisá-los de que o acesso de que beneficiariam em breve seria excessivo para permitir qualquer fraqueza, muito pouco para apaziguar a promessa das suas forças. Pensou: *Estão a começar o ciclo da vossa própria destruição, a roda da vossa fortuna, que conhecerá a ascensão e a queda, e vocês também. Vocês vão desconstruir-se e ressuscitar numa outra forma qualquer e as cinzas de vós mesmos serão os escombros da queda.*

Roma cairá, quis ele dizer. Tudo colapsa. Vocês também colapsarão.

Em breve.

Mas antes de se conseguir motivar a falar, Dalton levantou os olhos, para a superfície espelhada do vidro da sala de leitura, e viu, atrás dele, o rosto de Atlas Blakely, que era o motivo para ele ainda existir de alguma forma. Ele precisara de limites, como um viciado, e Atlas oferecera-lhos. Ele tinha um propósito. Fora Atlas quem lhe prometera que deveria existir um fim, uma conclusão da fome, o término de um ciclo. Atlas removera as correntes da invulnerabilidade de Dalton e dera-lhe aquilo de que ele mais precisava; a única coisa que os outros poderiam não encontrar sozinhos: uma resposta.

Existia mesmo tal coisa: demasiado poder?

No vidro, uma pequena centelha maníaca cintilou atrás dos olhos de Dalton; um vislumbre de quem ele fora em tempos. Vidas passadas, mal ajustadas. Mas Dalton Ellery conhecia esta resposta, como os iniciados em

breve aprenderiam, porque era a única resposta, mesmo sendo a pior, a menos reconfortante, a menos ilimitada:

Sim.

Mas como lhes dirá o próprio mundo, algo que se coloca em movimento nunca irá parar.

· AGRADECIMENTOS ·

Nem acredito que continuo a escrever estas coisas e que vocês continuam a lê-las. É um milagre.

Este livro, em particular, já era devido há muito; estas personagens existiam num mundo totalmente diferente, dentro de um enredo que nada tem que ver com este, até que desmantelei tudo, usei os restos mortais para acender a fogueira e reconstruí a história diante de vós a partir das cinzas do seu anterior eu. Uma especial salva de agradecimentos à Aurora e ao Garrett, que leram todas as diferentes versões deste livro e me convenceram a continuar. Digo sempre isto, mas de todas as vezes sou sincera: se não fossem eles, o livro que têm nas mãos não existiria.

Muito obrigada aos suspeitos do costume: as minhas revisoras, Aurora e Cyndi; o meu consultor científico, o Sr. Blake; o meu consultor de desportos de combate, Nacho; a minha querida ilustradora, Little Chmura. Nunca conseguirei agradecer o suficiente? Penosamente, não, mas vou continuar a tentar. Aos meus pais, que se afastam alegremente quando eu estou a escrever e não me perguntam demasiado como estão a correr as coisas. Obrigada por aturarem o meu temperamento artístico e o meu profundo e perturbador amor ao meu trabalho. Às minhas irmãs, KMS. Para toda a minha família, os amigos que me apoiam permanentemente: Allie, Ana, Bella, Cara, Carrie, David, Elena, Kayla, Lauren, Mackenzie, Megan, Stacie. Ao Boxing Book Club. À minha terapeuta, que me deixou ocupar uma hora inteira com um incoerente monólogo para deslindar um enredo que eu não estava a conseguir desemaranhar. A todas as pessoas que dizem que não somos doidos, continuem, isso é bom. Oxalá fosse mais fácil embalar a gratidão.

À minha mãe, porque sei que ela lê isto: amo-te e estou-te enormemente em dívida. (Geralmente, enfim.)

Ao Garrett: obrigada por me dizeres que a minha conceção da magia prova que compreendo os princípios básicos da física. Preocupa-me a ideia de que, um dia, acabarás por constatar que isso não é bem assim; quando esse dia chegar, as minhas condolências. Obrigada por achares que a minha loucura é das boas. Obrigada por ensinares toda a gente, e sobretudo por me ensinares a mim. Canso-me de tudo, sempre, mas nunca de ti.

A todos vós: escrever é a minha dolorosa alegria, o meu festim de esperança, o meu método de sobrevivência. *Ipsa facto*, vocês também são. Como sempre, foi uma honra escrever estas palavras para todos. Espero sinceramente que tenham gostado da história.

xx, Olivie

31 de janeiro de 2020

Novembro de 2021 – Tenho a grande e incompreensível sorte de poder regressar com mais pessoas a quem quero agradecer. Tarefa impossível, mas vou tentar. Obrigada à Molly McGhee, a minha querida revisora, que suaviza os meus!!!s e ???s em todos os momentos certos. Contribuíste com muito mais para este livro e para a minha existência na Terra do que alguma vez saberás. Obrigada à Amelia Appel, a minha agente absolutamente cinco estrelas. Mudaste a minha vida, ponto final. Nada alguma vez será mais empolgante do que o «sim» que me deste quando todos os outros só tinham um «não». À Little Chmura, a minha ilustradora favorita – vê como está a correr, amiga! Tenho tanta sorte por poder fazer tudo isto contigo.

Ao resto da equipa da Tor, por tornar realidade os meus sonhos literais: Troix Jackson, que é eternamente maravilhoso. O imensamente talentoso criador da capa Jamie Stafford-Hill e a decoradora de interiores Heather Saunders. Os meus agentes publicitários, Desirae Friesen e Sarah Reidy. A minha equipa de *marketing*, Eileen Lawrence e Natassja Haught (que

encontrou este livro antes da Tor!). Megan Kiddoo, a minha editora de produção, o meu diretor de produção Jim Kapp, o meu editor geral Rafal Gibek, e Michelle Foytek, o meu extraordinaríssimo especialista em edição. Os meus editores, Devi Pillai e Lucille Rettino. Chris Scheina, o meu agente para direitos no estrangeiro. Christine Jaeger e a sua incrível equipa de vendas. Obrigada ao Dr. Uwe Stender e à restante equipa da Triada. Obrigada aos bons cidadãos do BookTok, BookTwt e Bookstagram. Sinto-me tão honrada por vos ter a todos do meu lado.

E mais um acrescento à equipa: ao Henry. Obrigada por me mostrares todos os dias a intensidade com que o meu coração pode explodir e tudo o que consigo fazer com tão poucas horas de sono. Meu menino, adoro-te. Um obrigado extra à minha mãe, por estar literalmente aqui e agora para eu poder escrever isto. E ao Garrett, é claro, uma vez mais, como sempre. Por isto e por tudo, e por ofereces ao Henry esse sorriso irresistível, esses olhos bonitos, essa gargalhada feliz. És a minha sorte na vida.

Grupo  Planeta

PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2021, Alexene Farol Follmuth
© 2021, Planeta de Livros Portugal

Título original: *The Atlas Six*

Ilustrações de interior: Little Chmura

Design da capa: Jamie Stafford-Hill

Edição em epub: Abril de 2022

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-578-9 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

